PAUL SUSSMAN



O ÚLTIMO SEGREDO DO TEMPLO

"A resposta inteligente ao *Código Da Vinci*: um grande e fascinante quebra-cabeça arqueológico."

Independent - Livro pela pena[illegible]

BERTRAND BRASIL

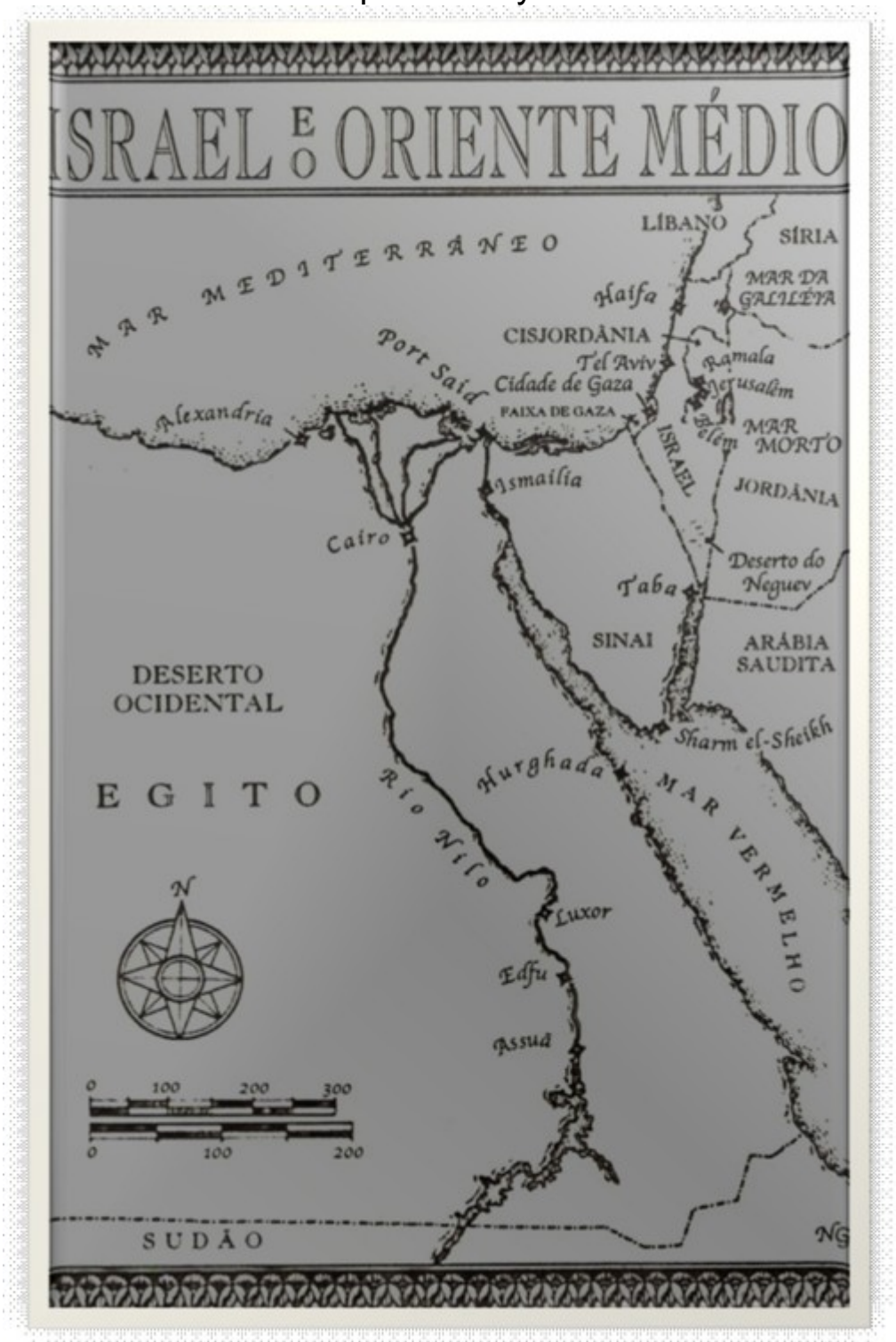


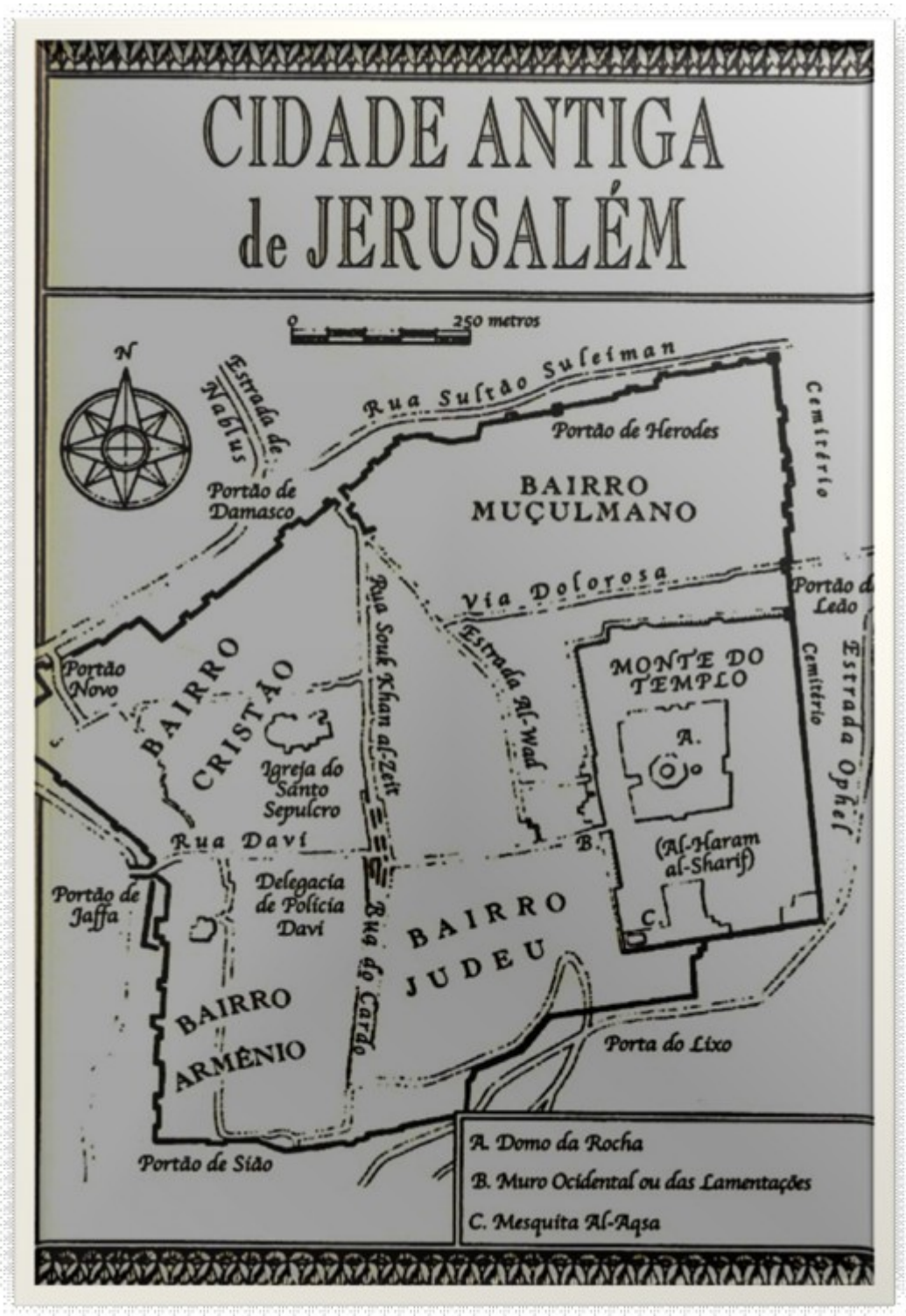
O Último Segredo do Templo

Paul Sussman



Para Alicky, cuja luz resplandece mais do que todas. E para nossa linda e querida Layla Rose.





PRÓLOGO

TEMPLO SAGRADO, JERUSALÉM

AGOSTO DE 70 d.C.

Cabeças cruzavam o muro do Templo, sibilantes; diversas delas, como um bando de pássaros desajeitados, com os olhos esbugalhados, boquiabertas, pedaços de carne humana rolando de onde haviam sido cruelmente arrancadas do pescoço. Algumas caíam no Pátio das Mulheres, sobre a pavimentação enegrecida pela fuligem, como um desencontrado ruído de tambores levando as crianças e os anciãos a fugirem horrorizados. Outras eram lançadas mais à frente, atravessando o Portão de Nicanor, no Pátio dos Israelitas, onde caíam em volta do grande Altar dos Holocaustos, como granizos gigantes. Poucas chegavam a alcançar distâncias ainda maiores, batendo contra os muros e telhados do próprio Mishkan, o Santuário, bem no coração do Templo, que parecia gemer e ressoar sob o ataque como se estivesse sofrendo dor física.

- Miseráveis! - balbuciou o garoto com a voz embargada; lágrimas de desespero queimando-lhe os olhos azul-safira. - Romanos miseráveis e desprezíveis!

De sua vista privilegiada, nas fortificações do Templo, ele fitava logo abaixo a movimentação da multidão de soldados romanos; suas armas e armaduras resplandecendo numa ira inflamada. Seus brados preenchiam a noite, misturando-se com a sibilante catapulta, com as batidas dos tambores, os gritos dos que estavam para morrer e, envolvendo tudo mais, o gigantesco e surdo golpe de demolição. Assim, o mundo parecia estar se partindo lentamente aos olhos do garoto.

- Tem compaixão de mim, ó Senhor - ele sussurrava, citando os Salmos. - Porque estou angustiado; consumidos estão de tristeza os meus olhos, a minha alma e o meu corpo.

Por seis meses o cerco se fechara sobre a cidade como uma coleira de ferro pronta a estrangulá-la, roubando-lhe a vida. De sua base inicial, no Monte Scopus e no Monte das Oliveiras, as legiões romanas, quatro delas formadas por milhares de soldados auxiliares, moveram-se inexoravelmente para o interior da cidade, destruindo toda e qualquer linha de defesa, obrigando os judeus a retrocederem, amontoando-os no centro da cidade. Inúmeros foram assassinados, trespassados enquanto tentavam rechaçar seus oponentes, crucificados ao longo dos muros da cidade e por todo o Vale do Quidron, onde a quantidade de urubus era tão numerosa, que ofuscava o sol. O odor da morte difundia-se por toda parte - um corrosivo e dominante mau cheiro que dilacerava as narinas como chamas.

Nove dias antes, a Fortaleza Antônia havia tombado; seis dias depois de os pátios externos e as colunatas do Templo terem sido muradas. Agora tudo o que restava era o Templo Interior, fortificado, onde o que ainda subsistia do antigo orgulho da população da cidade estava esmagado, seres humanos como peixes em um tonel-imundos, famintos, obrigados a se alimentar de ratos e roer tiras de couro, e a beber a sua própria urina, tamanha era a sua sede. Apesar disso, lutavam furiosa e esperançosamente, lançando pedras e feixes em chamas sobre os invasores, de vez em quando investindo com impetuosidade contra os romanos numa tentativa de fazê-los retroceder para fora dos pátios, tudo isso para, enfim, regressar com ferimentos ainda mais graves. Os dois irmãos mais velhos do garoto morreram na última empreitada, golpeados enquanto tentavam derrubar uma máquina de guerra do cerco romano. Pelo que lhe era sabido, suas cabeças mutiladas estavam entre aquelas arremessadas de volta ao interior dos muros do Templo.

- Vivat Titus! Vincet Roma! Viva! Titus!

As vozes dos romanos se espalhavam num urro estrondoso, declarando o nome de seu general, Tito, filho do imperador Vespasiano. Pela muralha, os defensores ensaiavam um brado em resposta, evocando os nomes de seus próprios líderes: João de

Giscala e Simão Bar-Giora. Mas o clamor era fraco, pois suas bocas estavam ressecadas, e o fôlego, enfraquecido; e, de qualquer maneira, era difícil dar o sangue por homens que, conforme os rumores, já haviam firmado um acordo com os romanos para salvar suas próprias vidas. Eles mantiveram o brado por quase um minuto, e então suas vozes foram diminuindo gradualmente.

O garoto retirou um seixo do bolso de sua túnica e começou a chupá-lo, esforçando-se para esquecer a sede que sentia. Ele se chamava Davi e era filho de Judá, o vinicultor. Antes da grande revolta, sua família havia cultivado uma vinha nas colinas fora de Belém: uvas vermelho-rubi que produziam o vinho mais puro e doce que alguém pudesse provar, como a luz do sol nas manhãs de primavera, como a brisa suave na sombra de tamarindeiros. No verão, o garoto ajudara a colher e a espremer as uvas, pisando-as, sorrindo com a sensação dos polpudos frutos sob seus pés e a maneira como o suco manchava suas pernas de vermelho-sangue. Agora prensas de lagar estavam quebradas, os vinhos estragados, e sua família assassinada, toda ela. Encontrava-se sozinho no mundo. Aos doze anos de idade já carregava a dor de um homem cinco vezes mais velho.

- Eles estão voltando! Preparem-se! Preparem-se!

Ao longo das fortificações, o brado soou como um novo sinal das tropas romanas precipitando-se sobre os muros do Templo; escadas sendo usadas para escalar os muros já podiam ser avistadas, tanto que, naquele furor sombrio e infernal, parecia que milhares de gigantes centopéias desciam pelas paredes. Uma desesperada saraivada de pedras atingira-os, levando o ataque a parar por um momento antes de avançar novamente, alcançando os muros e erguendo as escadas, cada uma sustentada no chão por dois homens enquanto vários outros usavam estacas para içá-las e colocá-las do outro lado da muralha. Uma multidão de soldados começou a escalada, percorrendo todos os lados do Templo como uma crescente nuvem negra.

O garoto cuspiu o seixo, agarrou uma pedra da pilha próxima aos seus pés, colocou-a na baladeira de sua funda de couro e espreitou as muralhas, procurando um possível alvo distraído pela saraivada de flechas lançadas logo abaixo. Ao seu lado uma mulher, dentre muitas outras auxiliares na defesa dos muros, cambaleou, com a garganta trespassada por uma lança, o pilum, seu sangue jorrando pelas mãos. Ele a ignorou e continuou a avaliar o exército inimigo, finalmente reconhecendo um romano responsável por levar a insígnia da XV Legião Apollinaris. Rangeu os dentes e começou a girar a funda sobre a cabeça, olhos atentos ao alvo. Girou uma, duas, três vezes.

Seu braço foi agarrado por trás. Ele se virou, esmurrando o estranho com o punho livre e chutando-o.

- Davi! Sou eu! Eleazar. Eleazar, o ourives!

Um enorme homem barbudo achava-se bem atrás dele, portando um pesado machado de ferro preso em seu cinto, a cabeça enfaixada com um pano ensangüentado. O garoto parou de esmurrá-lo.

- Eleazar! Eu pensei que fosse...

- Um romano? - O homem riu melancolicamente, apoiando-se no braço do garoto. - Meu cheiro não é tão ruim assim, é?

- Eu teria atingido o porta-estandarte deles - repreendeu o garoto. Era um alvo fácil. Eu teria esmagado a cabeça do miserável!

E o homem sorriu, outra vez com mais simpatia. - Tenho certeza de que o teria atingido. Todos sabem que Davi Bar-Judá é o melhor fundeiro da Terra. Mas há coisas mais importantes neste momento.

Ele observou à sua volta e então baixou o tom de voz.

- Matias convocou você.

- Matias?! - A notícia surpreendera o garoto. - O Sumo...

O homem colocou sua mão sobre a boca do garoto e olhou novamente ao redor. - Quieto! - ele sussurrou. - Há algo aqui, algo secreto. Simão e João não ficariam nada satisfeitos se soubessem que isso foi feito sem o consentimento deles.

Os olhos do garoto revelavam sua confusão interior, sem compreender o que o homem estaria falando. O ourives não fez qualquer esforço para se explicar e apenas observou, assegurando-se de que suas palavras tivessem surtido o efeito desejado; então retirou a mão da boca do garoto e, segurando-lhe o braço, conduziu-o pela parte superior das muralhas e o desceu pelo poço da escada até o Pátio das Mulheres. A construção de pedra abaixo de seus pés estremecia enquanto os golpes do cerco romano acertavam os portões do Templo com renovado vigor.

- Rápido - ele insistia. - Os alicerces dos muros não resistirão por muito tempo.

Correram através do pátio, esquivando-se das diversas cabeças espalhadas pelo chão, flechas zunindo ao redor. No final do percurso, escalaram os quinze degraus até chegar ao Portão de Nicanor e atravessaram um segundo local aberto onde multidões de kohenim faziam sacrifícios no grande Altar dos Holocaustos, suas vestes manchadas de preto devido à fuligem, e suas vozes de lamentação, abafadas pela fúria da batalha:

Ó Deus, vós nos rejeitastes, rompestes nossas fileiras;

Estais irado;

Restabelecei-nos!

Fizestes nossa terra tremer e a fendestes;

Reparai suas brechas, pois ela vacila.

Eles atravessaram mais esse pátio e subiram os doze degraus que conduziam ao Pórtico do Mishkan - sua fachada maciça guardando-os como um rochedo, com cem cúbitos de altura e ornamentado com uma magnífica vinha trabalhada com o mais puro ouro. Ali Eleazar parou, virou-se para o garoto, agachando-se a ponto de seus olhos permanecerem na mesma altura.

- Não posso prosseguir. Somente os kohenim e o Sumo Sacerdote podem entrar no santuário.

- E quanto a mim? - A voz do garoto soava vacilante.

- Você também tem permissão para entrar. Desta vez e nestas circunstâncias - Eleazar afirmou. - O Senhor compreenderá. - Colocou as mãos nos ombros do garoto, pressionando-os. - Não tema, Davi, seu coração é puro. Nenhum mal lhe sucederá.

Olhou fixamente nos olhos do garoto e então, levantando-se, empurrou-o em direção à entrada, com seus dois pilares de prata e cortina bordada de seda nas cores vermelho, azul e roxo.

- Vá agora. Seja Deus contigo.

O garoto voltou os olhos para ele, uma enorme silhueta diante do flamejante céu e, então, prosseguiu. Afastando a cortina: caminhou pela sala sustentada por pilares cuja pavimentação era de mármore polido, e o teto, tão alto que se perdia nas sombras. O local era agradável e silencioso, com uma doce e inebriante fragrância no ar. A batalha parecia retroceder e desaparecer, como se estivesse ocorrendo em um outro mundo.

- Shema Yisrael, adonai elohenu, adonai ehud! - ele sussurrou. - Ouve, Ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.

Ele parou por um momento, atemorizado, e depois, vagarosamente, recomeçou a caminhar em direção ao final da sala, seus pés tocando silenciosamente o mármore branco. Logo adiante, encontravam-se os objetos sagrados do Templo - a mesa dos pães da proposição, o altar do incenso, revestido de ouro, a magnífica

Menorá de sete braços - e, mais à frente, um tremulante e diáfano véu de seda, a entrada para o debir, o Santo dos Santos, onde nenhum homem poderia pisar, salvo o Sumo Sacerdote, sozinho, e ele o fazia apenas uma vez por ano, no Dia da Expiação.

- Seja bem-vindo, Davi - disse uma voz. - Estava esperando por você. Matias, o Sumo Sacerdote, aproximou-se, saindo das sombras, à esquerda do garoto. Trajava uma veste azul-celeste presa com um avental tecido em ouro e púrpura; uma fina tiara adornava-lhe a cabeça, e em seu tórax se encontrava o Efode, o peitoral sagrado, com suas doze pedras preciosas, cada uma representando uma das doze tribos de Israel. Seu rosto tinha muitas rugas, e sua barba era branca.

- Enfim nós nos conhecemos, filho de Judá - ele disse com mansidão, aproximando-se do garoto para olhá-lo fixamente, acompanhado pelo suave tilintar dos doze minúsculos sinos costurados ao redor da orla de sua veste. Eleazar, o ourives, falou-me muito a seu respeito. Ele disse que, dentre todos que defendem os lugares sagrados, você é o mais valente. E o mais digno de confiança. Como se o Davi de outrora tivesse retornado. Isso foi o que ele disse.

Então olhou o garoto com atenção e, tomando-lhe a mão, conduziu-o adiante, para o final da sala, onde se detiveram em frente da Menorá de ouro, observando seus braços flexionados e as hastes meticulosamente decoradas - toda ela forjada com um único bloco de ouro puro, feita sob as instruções do próprio Todo-Poderoso. O garoto observava atentamente as bruxuleantes lamparinas, seus olhos brilhando como água refletindo a luz do sol, completamente admirado.

- Belíssimo, não é? - disse o ancião, observando o aspecto maravilhado do rosto do garoto e colocando a mão sobre seu ombro. - Nenhum objeto na Terra é mais sagrado para nós, nada é mais precioso para o nosso povo, pois a luz da Sagrada Menorá é a luz do próprio Senhor Deus. Ainda que isso venha algum dia a se perder para nós...

Ele suspirou e ergueu a mão, tocando o peitoral sagrado, o Efode.

- Eleazar é um bom homem - ele acrescentou, como se fosse uma reflexão tardia. - Um segundo Bezaleel.

Por um longo período eles permaneceram em silêncio, contemplando o magnífico candelabro - seu esplendor os rodeava e envolvia. Então, acenando com a cabeça, o Sumo Sacerdote voltou-se para que pudesse olhar diretamente para o garoto.

- Hoje o Senhor decretou que seu Templo Sagrado iria ruir - disse ele com calma -, como o fez antigamente, neste mesmo dia, Tish B'Av, há mais de seiscentos anos, quando a Casa de Salomão foi entregue aos babilônios. As pedras sagradas serão reduzidas a pó, as vigas do telhado, fendidas, e nosso povo será levado ao exílio e espalhado aos quatro ventos.

O ancião se inclinou um pouco, olhando fixamente os olhos do garoto.

- Temos uma esperança, Davi, uma única esperança. Um segredo, um grande segredo, conhecido por apenas alguns de nós. Agora, neste derradeiro momento, você também precisa conhecê-lo.

Ele se inclinou para o garoto, dizendo em voz baixa e rapidamente, como se temesse que alguém pudesse ouvi-los, mesmo estando ali sozinhos. Os olhos do garoto mostravam todo o seu espanto enquanto o ouvia, seu olhar atento movendo-se do chão para a Menorá e de volta para o chão, e seus ombros tremiam. Quando o sacerdote terminou, endireitou-se e deu um passo para trás.

- Veja - disse ele com um sorriso tímido em seus lábios pálidos -, mesmo na derrota ainda haverá vitória. Mesmo nas trevas haverá luz.

O garoto permaneceu em silêncio; a face expressava sua confusão, tomado de perplexidade e incredulidade. O sacerdote se aproximou e tocou seu cabelo.

- Ele já saiu da cidade certa vez, indo muito além da paliçada romana. Agora deverá novamente deixar toda esta terra, já que a nossa ruína está próxima, e a sua segurança não poderá ser mantida por muito tempo. Tudo já foi organizado. Resta somente uma coisa: nomear o guardião, aquele que será o responsável pelo transporte até o seu destino final e, lá chegando, irá esperar a vinda de tempos melhores. Davi, filho de Judá, você foi designado para esta tarefa, se aceitá-la. Você aceita a tarefa?

O garoto sentia seu olhar atento erguer-se em direção ao do sacerdote, como que içado por cordas invisíveis. Os olhos do ancião eram acinzentados, mas com uma estranha e hipnótica translucidez, como nuvens passeando por um imenso céu azul. Ele sentia um peso dentro de si e também uma leveza, como se estivesse flutuando.

- O que deverei fazer? - perguntou, sua voz como que um grasnido.

O ancião o observava, olhos que percorriam todo o seu rosto, explorando cada detalhe como se fossem palavras em um livro. Então, meneando a cabeça, vasculhou sua veste e retirou um pequeno rolo de pergaminho, entregando-o ao garoto.

- Isto irá guiá-lo - afirmou. - Proceda conforme o que está escrito nele, e tudo ficará bem.

Ele tomou o rosto do garoto em suas mãos.

- Você agora é a nossa única esperança, Davi, filho de Judá. Por seu único intermédio a chama continuará viva. Não revele este segredo a mais ninguém. Guarde-o como a sua própria vida. Transmita-o a seus filhos, e aos filhos de seus filhos, e assim sucessivamente, até que chegue o momento de revelá-lo a todos.

O garoto observava o sacerdote atentamente.

- Mas quando, mestre? - ele sussurrou. - Quando saberei que é chegada a hora?

O sacerdote manteve seu olhar por mais um momento, depois se endireitou, virando-se para a Menorá; ao olhar fixamente para a luz bruxuleante, seus olhos se fecharam gradualmente, como se estivesse em estado de transe. O silêncio ao redor se intensificava; as pedras em seu peitoral pareciam queimar como se possuíssem uma chama interior.

- Três sinais irão guiá-lo - disse com suavidade, a voz repentinamente distante, como se estivesse falando de um lugar muito alto. - Primeiro: o mais jovem dos doze virá e em sua mão haverá um falcão; segundo: um filho de Ismael e um filho de Isaac permanecerão juntos, como amigos, na Casa de Deus; terceiro: o leão e o pastor serão um, e ao redor do pescoço haverá uma lâmpada. Quando estas três coisas se realizarem, será chegada a hora.

Logo adiante, o véu situado na entrada do Santo dos Santos parecia ondular-se levemente. E o garoto sentia uma suave e fresca brisa tocar-lhe a face. Vozes estranhas pareciam ecoar em seus ouvidos, e sua pele formigava; havia um curioso odor penetrante e bolorento, como o próprio Tempo, se o Tempo pudesse ser descrito como um odor. Isso durou apenas um instante, e então, inesperada e surpreendentemente, ouviram uma grande explosão, um estrondo do lado de fora, e o clamor de milhares de vozes se levantou em sinal de grande terror e desespero. Os olhos do sacerdote se arregalaram.

- É o fim - disse ele. - Repita os sinais comigo!

O garoto os repetiu, tropeçando nas palavras. O ancião o fez repeti-los várias vezes, até que os tivesse decorado perfeitamente. O som da batalha invadia naquele momento todo o santuário, como uma inundação. Gritos de pânico, o som metálico das armas, o estrondo da alvenaria sendo destruída. Matias correu ao longo da sala, olhou através da entrada e então voltou rapidamente.

- Eles atravessaram o Portão de Nicanor! - gritou. - Você não pode voltar por aquele caminho. Venha, ajude-me!

Dando alguns passos adiante, o ancião agarrou a haste da Menorá e começou a puxá-la e movê-la pelo chão. O garoto juntou-se a ele, e ambos a moveram um metro à esquerda, revelando uma placa quadrada de mármore com duas alças de apoio. O sacerdote agarrou-as, deslocando a placa de mármore para longe, revelando assim uma cavidade escura onde havia uma estreita escadaria de pedra em espiral que conduzia à mais completa escuridão.

- O Templo possui muitas passagens secretas - disse Matias, agarrando o braço do garoto e conduzindo-o para a abertura - e esta é a mais secreta de todas. Desça os degraus e siga pelo túnel. Não desvie nem para a direita nem para a esquerda. Você será levado para bem longe da cidade, ao sul, muito além das paliçadas romanas.

- Mas e quanto a...

- Não há tempo! Vá! Você agora é a esperança de nosso povo! Seu nome será Shomer Ha-Or. Adote esse nome. Mantenha-o. Orgulhe-se de tê-lo. Transmita-o. Você será protegido por Deus. Mas também julgado.

Ele se inclinou, beijou o garoto em ambas as faces, e então, colocando as mãos em sua cabeça, empurrou-o para baixo. Fechou a cavidade com a placa de mármore e, agarrando a Menorá, forçou-a no chão, grunhindo pelo esforço empenhado. Foi apenas o tempo suficiente para colocá-la na posição anterior e começar a ouvir os gritos que vinham da entrada, juntamente com o som cortante das lâminas. Eleazar, o ourives, entrou cambaleante, com uma das mãos decepada e o sangue jorrando pelo pulso mutilado. A outra mão agarrava o machado com o qual girava loucamente contra uma muralha de soldados romanos que o perseguia. Por um momento conseguiu mantê-los no vão da entrada. Então, com um grito de ordem, eles avançaram, e logo Eleazar foi dominado, tombando no chão, onde seus membros foram decepados, e o peito esmagado.

- Yahweh! - ele clamava. - Yahweh!

O Sumo Sacerdote observava com a face inexpressiva; então se virou, pegou um punhado de incenso e lançou-o nas brasas do altar de ouro. Uma nuvem perfumada se espalhou pelo ar. Atrás dele, podia-se ouvir a aproximação dos romanos, suas botas com solado de ferro batendo no chão e o ruído de suas armas ecoando pelas paredes.

- Tornou-se o Senhor um inimigo - lamentava-se, repetindo as palavras do profeta Jeremias -, devorando Israel; devorou todos os seus palácios, destruiu todas as suas fortalezas.

Os romanos encontravam-se bem atrás dele naquele momento. E então o Sumo Sacerdote fechou os olhos. Ouviam-se risos e o zunido suave de uma espada sendo erguida no ar. Por um momento o tempo parou; então a espada moveu-se entre seus ombros, atravessando-lhe o corpo. Ele cambaleou, caindo de joelhos.

- Caia o sangue sobre a Babilônia - disse, tossindo, o sangue borbulhando pelos cantos de sua boca. - Sobre a Babilônia, sobre a Casa de Abner.

E, dizendo isso, tombou morto, com a face no chão, diante da grande Menorá. Os soldados chutaram para o lado o seu cadáver e colocaram os tesouros do Templo sobre seus ombros, levando-os do santuário.

- Vicerunt Romani! Victi Iudaei! Vivat Titus! - eles gritavam. - Roma venceu! Os judeus foram derrotados! Longa vida a Tito!

SUL DA ALEMANHA DEZEMBRO DE 1944

Y

itzhak Edelstein pressionou seu uniforme listrado de prisioneiro em volta de si e soprou as mãos em forma de concha, que estavam

roxas pela exposição ao frio. Inclinando-se para a frente, tentou observar o que havia para fora do caminhão, mas conseguiu ver muito pouco por baixo da aba da lona, nada mais do que apenas a rodovia asfaltada, os troncos das árvores e o pára-choque traseiro. Ele se virou e pressionou o rosto na parte rasgada da lona, vislumbrando o terreno íngreme cheio de árvores e coberto de neve, até que o cano de um fuzil bateu em seu tornozelo.

- Olhe para a frente. Fique quieto!

Ele se endireitou e examinou os pés sem meias, enfiados nas botas desgastadas, quase inúteis para a proteção contra o clima gelado do inverno. Ao seu lado, o rabino começou a tossir novamente, o corpo frágil tremia como se alguém o chacoalhasse. Yitzhak colocou as mãos do idoso entre as suas, esfregando-as, na tentativa de aquecê-las.

- Pare com isso! - repreendeu o guarda.

- Mas ele está...

- Você é surdo? Eu já disse para deixá-lo.

Ele apontou a arma para Yitzhak. O idoso soltou suas mãos.

- Não se preocupe comigo, meu jovem. Nós, rabinos, somos mais fortes do que pensam por aí.

Ele sorriu debilmente e ficaram em silêncio, fitando o chão, tremendo de frio, balançando de um lado para outro enquanto o caminhão era conduzido por uma estrada ou outra.

Havia seis pessoas ali, além dos dois guardas - quatro judeus, um homossexual e um comunista. Eles foram reunidos no acampamento, colocados no caminhão ao amanhecer e desde então estavam viajando, leste e sul. Era o que Yitzhak pensava, embora sem muita certeza. A princípio o solo era plano e úmido, e a estrada, estreita. Contudo, durante a última hora, começaram a subir lentamente, passando por pastos e florestas que se tornavam

brancos com a neve recém-caída. Havia outro veículo logo atrás, levando o motorista e um outro homem na cabine. Não havia prisioneiros na carroceria, pelo que Yitzhak podia ver.

Ele passou as mãos pela cabeça raspada - mesmo depois de quatro anos, ainda não havia se habituado àquela sensação -, apertava as mãos entre as coxas e curvava os ombros, tentava liberar a mente, lutando contra o frio e a fome com a lembrança de tempos melhores e mais confortáveis. Jantares em família na residência em Dresden; estudos da Mishnah na velha yeshiva; a alegria dos dias santos, especialmente o Hanukah, o Festival das Luzes, que era o seu favorito dentre todos os eventos comemorativos. E, é claro, Rivka, a linda Rivka, sua irmã mais nova. "Yitzi, schmitzy, itzy bitzy!", ela costumava cantar enquanto brincava com o pe'ot e puxava as franjas do tallit katan de Yitzhak. "Yitzi, witzy, mitzy, ditzy”! Era muito alegre, com seus cachos negros e olhos tão brilhantes! Mas como era teimosa e desobediente! "Seus porcos", ela havia gritado quando arrastaram seu pai pelas ruas e cortaram-lhe os cachos laterais do cabelo. "Seus porcos sujos e imundos!" Por causa disso, eles puxaram violentamente seus cabelos, empurraram-na contra uma parede e ali atiraram em sua cabeça.

Treze anos de idade e tão linda. Pobre Rivka. Pobre menininha.

O caminhão passou por um trilho e deu um violento solavanco, trazendo-o de volta ao presente. Espiando o lado de fora, pôde ver que tinham acabado de passar por uma grande cidade. Esticou o pescoço e, pela fenda na lona, avistou uma placa indicativa ao lado da rodovia: Berchtesgaden. O nome soava vagamente familiar, mas não se lembrava do que se tratava.

- Olhe para a frente! - vociferou o guarda. - Não vou mandar de novo.

Passaram-se mais trinta minutos, o caminho que percorriam se tornava cada vez mais íngreme, e as curvas, mais estreitas, até que em determinado momento houve um leve toque de buzina e encostaram o caminhão na margem da estrada.

- Saiam! - ordenaram os soldados, golpeando-os com suas armas. Eles se moveram com dificuldade do caminhão, exalando um vapor quente. Encontraram-se no meio de uma densa floresta de pinheiros, estacionados num acostamento ao lado de uma antiga construção de pedras com janelas vazias e os escombros do que havia sido um telhado. Mais abaixo, entre galhos carregados de neve, podiam-se ver os pastos verdejantes, com algumas casas espalhadas, pequenas como brinquedos, anéis de fumaça saindo das chaminés. Acima, uma ladeira altamente arborizada revelava um caminho íngreme que desaparecia encoberto pela densa neblina cuja profunda escuridão sugeria altas montanhas. Estava tudo muito quieto e muito, muito frio. Yitzhak batia os pés para evitar que ficassem dormentes.

O segundo caminhão estacionou logo atrás. Aparecendo na janela, o homem no banco do passageiro, que vestia uma jaqueta de couro com a gola levantada e que parecia ser o comandante, disse algo a um dos soldados, gesticulando com as mãos.

- Agora! - gritou o soldado. - Venham aqui.

Eles estavam reunidos atrás do segundo caminhão. A lona estava levantada, revelando um enorme caixote de madeira.

- Tirem-no daí! Vamos! Rápido!

Yitzhak e o comunista - um homem de meia-idade, já enfraquecido, e que portava um triângulo vermelho costurado em uma das pernas de sua calça, enquanto Yitzhak usava um triângulo amarelo, que denunciava que ele era judeu - subiram com dificuldade no caminhão e agarraram o caixote pelos lados. Era pesado e foi necessário muito esforço para atravessá-lo pelo piso de metal e nivelá-lo com a tampa da carroceria. Os outros, por sua vez, segurando-o, tentavam lentamente depositá-lo na rodovia congelada.

- Não, não, não! - gritou o homem de casaco, aparecendo na janela da cabine. - Eles carregam isso. Lá! - Apontou para os escombros

de uma construção, para onde uma rua estreita recém-coberta de neve subia rumo às árvores localizadas logo acima, no sentido do que seria provavelmente algum tipo de estrada ou trilha. - E faça com que carreguem direito!

Os prisioneiros entreolharam-se silenciosamente, comunicando seus temores e o esgotamento físico. Então ajoelharam e, lentamente, levantaram mais uma vez o caixote, um de cada lado, dois no meio, gemendo devido ao esforço empreendido.

- Isto não vai acabar bem - resmungou o comunista. - Isto não vai acabar bem, não vai mesmo.

Eles começaram a entrar na floresta, os pés afundando da neve até as panturrilhas. Os guardas e o homem do casaco de couro os seguiram, embora Yitzhak não ousasse olhar em volta, temendo perder o equilíbrio. À sua frente o rabino tossia violentamente.

- Jogue um pouco mais de peso para o meu lado - Yitzhak sussurrou. - Eu sou mais forte. É fácil pra mim.

- Você é um mentiroso, Yitzhak - grunhiu o idoso. - E um péssimo mentiroso.

- Calados! - vociferou um dos guardas atrás deles. - Sem conversa!

Cambalearam logo adiante, gemendo pelo esforço, o frio queimando-lhes a pele. A trilha que inicialmente havia seguido uma curva na terra, erguendo-se de forma razoavelmente sutil, começava agora a inclinar-se de maneira acentuada, emaranhando-se acima, entre as árvores, e redefinindo-se novamente, a neve ficando cada vez mais intensa. Em um local especialmente íngreme, o homossexual perdeu o equilíbrio e tropeçou, fazendo com que o caixote desse um solavanco para a frente, indo de encontro ao tronco de uma árvore. O canto esquerdo do tampo rachou e quebrou.

- Seus idiotas! - esbravejou o homem do casaco de couro. - Coloque-o de pé!

Os soldados andaram com dificuldade e ergueram o homem, forçando-o a colocar o caixote em seu ombro.

- Meu calçado - ele suplicou, indicando o pé esquerdo da bota, que havia de alguma forma escapulido e encontrava-se quase enterrada na neve.

Os soldados riram e chutaram a bota para longe, ordenando que prosseguissem.

- Deus o ajude - sussurrou o rabino. - Deus ajude o pobre garoto.

Eles subiam cada vez mais e cada vez ficava mais íngreme; ofegavam e gemiam de dor, e cada passo parecia sugar um pouco mais da vida de cada um deles. Em um determinado momento, quando Yitzhak começou a sentir que certamente iria sucumbir e morrer, repentinamente o terreno da trilha tornou-se plano, surgindo entre as árvores algo que parecia uma pedreira abandonada interrompida pela encosta. No mesmo instante as nuvens logo acima deles retrocederam, revelando uma enorme montanha envolvendo o local desde o alto. A certa distância, à direita, uma pequena construção empoleirava-se na beira do penhasco. A visão do local durou somente alguns segundos e mais uma vez se perdeu atrás de uma densa cortina de névoa, desaparecendo tão rápido, que Yitzhak se perguntava se ele não havia apenas imaginado tudo aquilo, fruto da exaustão e do desespero.

- Lá! - gritou o homem do casaco de couro. - Na mina!

Atrás da mina erguia-se um rochedo vertical, no centro de uma larga e escura entrada, como uma boca gritando em pânico. Eles avançaram hesitantes - passando por amontoados de neve sobre pedras e restos de carvão, uma velha máquina suspensa e um carrinho tombado com uma única roda enferrujada -, selecionando cuidadosamente o caminho que deveriam seguir pelo chão irregular. Enquanto se aproximavam da entrada, Yitzhak observou as palavras GLÜCK AUF grosseiramente riscadas na rocha acima do

lintel, e abaixo dele, com uma tinta branca, e quase do tamanho da metade de um polegar, podia-se ler a inscrição SW16.

- Continuem! Pra dentro! Levem pra dentro!

E assim procederam como fora ordenado, dobrando os joelhos e inclinando-se cuidadosamente para não baterem o caixote no teto baixo. Um dos guardas acendeu uma tocha e iluminou o local sombrio à frente, revelando uma longa passagem que retrocedia à encosta, sustentada por escoras de madeira em espaços intercalados. Trilhos de ferro percorriam o pedregoso solo aplainado; as paredes eram rústicas e irregulares, talhadas na rocha acinzentada com espessos veios de cristal rosa-alaranjado espalhados aqui e ali, que irrompiam através da rocha como relâmpagos atravessando um céu escuro. Ferramentas estavam espalhadas pelo chão - uma tosca lamparina a óleo, o enxó de uma picareta, um velho balde de estanho -, dando ao lugar um aspecto sinistro.

Depois foram obrigados a prosseguir por quase cinqüenta metros, chegando a um local onde os trilhos se ramificavam, um deles continuando sempre em frente, o outro tomando outra direção, à direita, rumo a outro túnel que corria perpendicularmente à entrada principal; as paredes estavam alinhadas com uma grande quantidade de caixas e caixotes. Havia um carrinho coletor situado perto da entrada daquele lado da passagem, no qual foram ordenados a depositar a carga.

- É aqui mesmo! - ouviram uma voz logo atrás deles, na escuridão. Fora! Tire-os daqui!

Eles se viraram e voltaram, andando desajeitadamente pelo mesmo caminho, respirando pesadamente, aliviados por sua missão ter chegado ao fim. Um dos judeus servia de apoio ao homossexual cujo pé, descalço, havia ganhado uma cor arroxeada. Podia-se ouvir um vago murmúrio logo atrás deles, e então os guardas saíram também. Mas o homem do casaco de couro permaneceu no interior da mina.

- Pra lá - ordenou um dos guardas assim que chegaram do lado de fora. - Lá. Perto do amontoado de pedras.

Os prisioneiros obedeceram à ordem, passando por cima da pilha de pedras, e viraram-se. Os guardas tinham suas armas apontadas Contra eles.

- Oy Vey - sussurrou Yitzhak, percebendo, repentinamente, o que estava para acontecer. - Ó Deus.

Os soldados riram, e o silêncio do inverno foi interrompido pelos estampidos roucos das armas de fogo.

PARTE UM

HOJE

VALE DOS REIS, LUXOR, EGITO

- Podemos ir logo pra casa, papai? Quero ver TV. Tá quase na hora de Alim al-Simsim.

O inspetor Yusuf Ezz el-Din Khalifa apagou o cigarro e suspirou, olhando para Ali, seu filho, que estava logo ali em pé, cutucando o nariz. Um homem cujas características revelavam a boa forma e elegância, com as maçãs do rosto salientes, os cabelos caprichosamente penteados e olhos grandes e brilhantes. Ele demonstrava um vigor comedido, aguçado pelo humor - um homem sério, mas que apreciava momentos alegres.

- Não é todo dia que a gente consegue uma visita particular dentro do maior sítio arqueológico do Egito, Ali - ele o repreendeu.

- Mas eu já estive aqui com a escola - murmurou o filho. – Duas vezes. A Sra. Wadood mostrou tudo pra gente.

- Eu aposto que ela não mostrou para vocês a tumba de Ramsés II - retrucou Khalifa -, que nós vimos hoje. Nem a de Yuya e de Tjuyu.

- Não havia nada nessa aí - reclamou Ali. - Apenas morcegos e um monte de bandagens velhas.

- Nós somos muito sortudos de termos recebido a permissão para entrar lá - insistiu o pai do menino. - Estava fechado para o público desde quando foi encontrado em 1905. E, para sua informação, todas aquelas bandagens pertenciam às múmias que estavam lá e foram deixadas pelos assaltantes na Antigüidade, depois de tê-las removido dos corpos.

O menino o olhava com o dedo ainda enfiado no nariz. Percebia-se um leve interesse em seus olhos.

- Por que eles fizeram isso?

- Bem - explicou Khalifa -, quando os sacerdotes embalsamavam as múmias, eles colocavam jóias e amuletos preciosos entre as ataduras, e então, depois, os ladrões tentavam roubá-los.

O rosto do menino se iluminou.

- Eles procuravam dentro dos olhos delas também?

- Não que eu saiba - respondeu Khalifa, com um sorriso. - Apesar de que algumas vezes eles arrancavam um dedo ou uma mão. O que eu também vou fazer com você se não parar de cutucar o nariz!

Ele agarrou o pulso do filho, brincando, puxando os dedos, como se fosse arrancá-los. Ali se contorcia e lutava, gargalhando.

- Eu sou mais forte do que você, papai! - ele gritava.

- Eu acho que não - disse Khalifa, segurando o garoto pela cintura e virando-o de cabeça para baixo. - Eu acho que ainda falta muito.

Eles estavam no meio do Vale dos Reis, perto da entrada da tumba de Ramsés VI. Era final de tarde e a multidão de turistas que haviam atravancado o local a maior parte do dia já tinha saído, deixando o lugar sinistramente vazio. Perto dali, um grupo de trabalhadores estava desobstruindo o local dos escombros de uma escavação, cantando dissonantemente enquanto eliminavam amostras danificadas de pedra calcária dentro de baldes de borracha; logo mais abaixo no vale, uma excursão enchia a tumba de Ramsés IX. Se não fosse isso, o local estaria deserto, exceto por alguns seguranças, pelo Ahmed da lixeira e, na ladeira acima do vale, saltando sobre qualquer coisa que pudesse encontrar, o mascate dos cartões-postais e o vendedor de refrescos, que observavam atentamente o chão, na esperança de descobrir um último freguês.

- Vou lhe dizer uma coisa - disse Khalifa, colocando o filho no chão e mexendo no seu cabelo. - Vamos dar uma olhada rápida em Amenhotep II, e então daremos o passeio por encerrado, OK? Seria indelicado sair agora depois que Said se esforçou tanto para conseguir a chave.

Enquanto ele falava, ouviram alguém gritando no escritório do inspetor, a cinqüenta metros de distância, e uma figura alta e desajeitada veio cambaleante em sua direção.

- Achei! - gritou a pessoa, brandindo a chave. - Alguém tinha colocado no gancho errado.

Said ibn-Bassat, popularmente conhecido como Ginger por causa dos seus cabelos claros em tons de cobre, era um velho amigo de Khalifa. Haviam se conhecido anos antes, na Universidade do Cairo, onde ambos estudavam história antiga. Problemas financeiros forçaram Khalifa a abandonar seus estudos e a aceitar o emprego na polícia. Said, por outro lado, terminou o curso, obtendo o diploma com louvor, e juntou-se ao Serviço de Antigüidades, onde foi promovido ao cargo de diretor-assistente do Vale dos Reis. Embora ele nunca tenha dito isso, essa era a vida que Khalifa teria escolhido para si, se a necessidade não o tivesse empurrado para outro caminho. Ele adorava antigüidades e teria feito qualquer coisa para

trabalhar nas ruínas. Não que ele invejasse seu amigo, é claro. Afinal Ginger não tinha uma família como a dele, que representava algo que Khalifa jamais teria abandonado, nem por todos os monumentos do Egito.

Os três partiram juntos para o vale, passando pelas tumbas de Ramsés III e Horemheb, antes de prosseguirem à direita e seguirem por um caminho que conduzia à entrada da tumba de Amenhotep II, que se encontrava aos pés de um conjunto de escadas e protegido por um pesado portão de ferro. Ginger mexeu no cadeado.

- Por mais quanto tempo ela permanecerá fechada? - perguntou Khalifa.

- Apenas mais um mês ou dois. A restauração está quase no fim.

Ali abriu caminho entre os dois, andando na ponta dos pés, espiando o que poderia haver na escuridão mais adiante.

- Tem algum tesouro aí?

- Creio que não - disse Ginger, tirando o menino do caminho e abrindo o portão. - Foi roubado muito tempo atrás.

Apertou um interruptor, e as luzes se acenderam, iluminando um longo e íngreme corredor talhado na rocha. As paredes e o teto ainda guardavam algumas das decifrações das antigas marcas esculpidas. Ali começou por lá.

- Sabe o que eu teria feito se tivesse sido rei do Egito? - ele os chamou, sua voz ecoando pelo estreito confinamento da tumba. - Eu teria mandado fazer um quarto secreto, bem escondido, com todos os meus tesouros guardados lá, e mais outro quarto com apenas alguns tesourinhos para enganar os ladrões. Como o cara terrível que você me contou, papai. O Arranca-mão.

- Hor-ankh-amun - corrigiu Khalifa, sorrindo.

- É. E aí eu faria armadilhas; assim, se algum ladrão conseguisse entrar, seria capturado. E aí eu colocava todos eles na prisão.

- Sorte deles então - disse Ginger, rindo. - A punição habitual para assaltantes de tumbas, no Egito antigo, era ter o nariz arrancado e ser enviado para as minas de sal da Líbia. Era isso ou a empalação na estaca.

Ele piscou para Khalifa, e, rindo, os dois homens saíram pelo corredor, atrás de Ali. Andaram apenas alguns metros e logo se ouviu o som de passos apressados atrás deles. Um homem numa djellaba apareceu na entrada da tumba, com a respiração pesada, fazendo sombra ao brilhante retângulo do céu da tarde.

- O inspetor Khalifa está aqui? - ele perguntou, ofegante.

O detetive olhou de relance para o amigo e então deu um passo em direção à luz.

- Sou eu.

- Você precisa vir logo, para o outro lado. Foi encontrado um...

O homem fez urna pausa, tentando recuperar o fôlego.

- O quê? - perguntou Khalifa. - O que foi encontrado?

O homem olhou para ele, os olhos bem abertos. - Um corpo!

Um pouco mais adiante, a voz de Ali se fez ouvir: - Maneiro! Posso ir também, papai?

O cadáver foi encontrado em Malkata, um sítio arqueológico situado no extremo sul do maciço montanhoso tebano, o antigo local do palácio do faraó Amenhotep III e agora urna desolada extensão de ruínas visitadas apenas pelos mais dedicados egiptólogos. O carro da polícia, um Daewoo empoeirado, aguardava a chegada de Khalifa, ao lado do escritório do vale. Deixando o filho aos cuidados de Ginger, que prometera levá-lo em segurança para casa, sentou

no banco do passageiro, e o carro saiu a toda a velocidade. Os gritos de protesto de Ali ecoavam atrás deles.

- Eu não quero ir pra casa, papai! Eu quero ver o cara morto! Levaram vinte minutos para chegar ao local. O motorista da polícia, um jovem carrancudo, de bochechas sardentas e péssimos dentes, manteve a alta velocidade durante todo o percurso, serpenteando morro abaixo em direção às planícies do Nilo e, lá chegando, dirigiu-se para o sul, ao longo do maciço. Khalifa ficou olhando para fora da janela, observando a plantação de cana-de-açúcar e os campos de molochia, fumando um cigarro Cleopatra e prestando pouca atenção às notícias transmitidas pelo danificado rádio do veículo a respeito da constante violência entre israelenses e palestinos - um homem-bomba aqui, uma retaliação israelense ali e, assim, mais mortes e sofrimento.

- Isso vai virar uma guerra - disse o motorista.

- Isso já é urna guerra - lamentou Khalifa, soltando urna última baforada de cigarro e jogando-o pela janela. - E vem ocorrendo ao longo dos últimos cinqüenta anos.

O motorista estendeu o braço para pegar um pacote de chicletes no painel e colocou dois de uma só vez na boca, mastigando-os com vontade.

- Você acha que eles podem alcançar a paz?

- Não do jeito corno as coisas estão no momento. Cuidado aí!

O motorista desviou o carro, a fim de evitar urna carroça repleta de cana recém-colhida, parando bem em frente ao veículo, o tempo exato de evitar uma colisão frontal com um ônibus de excursão.

- Allah, proteja-me! - murmurou o detetive, agarrando-se ao painel. Allah, tenha piedade!

Eles passaram por Deir el-Bahri, o Ramesseum e as ruínas dispersas do templo mortuário de Merenptah. Enfim, chegaram a um

local onde a estrada se dividia em duas direções, uma conduzindo para o lado oriental do Nilo, e a outra para o lado ocidental, acima, até a cidade dos antigos trabalhadores, em Deir el-Medina e o Vale das Rainhas. Seguiram direto por ali, saindo do asfalto liso e agora se movendo aos solavancos numa trilha empoeirada e esburacada que os fazia passar pelo grande templo na Medinet Habu e era contornada pela enorme extensão de deserto cuja superfície estava coberta de lixo e de um emaranhado de acácias. Continuaram por mais um quilômetro, desviando bruscamente de alguma coisa no caminho e dando sacudidelas; algumas vezes passavam por ruínas cujos escombros dos muros construídos com antigos tijolos de barro, de cor marrom, eram disformes como um chocolate derretido. E por fim se aproximaram de quatro viaturas de polícia e de uma ambulância estacionada ao lado de uma torre telefônica enferrujada. Ainda logo adiante se podia ver um quinto veículo, um Mercedes azul todo empoeirado, estacionado um pouco mais à frente. Eles pararam, e Khalifa saiu do veículo.

- Eu não sei por que você não arruma um celular - resmungou Mohammed Sariya, o auxiliar de Khalifa, afastando-se de um amontoado de paramédicos e caminhando ao encontro deles. - Demoramos mais de uma hora para te encontrar.

- Durante esse tempo, tive o prazer de visitar duas das mais interessantes tumbas de Wadi Biban el-Muluk - replicou Khalifa. - O que me leva, de fato, a não querer ter um. Além disso, telefones celulares provocam câncer.

Ele pegou o maço de cigarros e acendeu um.

- Então, o que temos aqui?

Sariya meneou a cabeça exasperadamente.

- Um corpo - disse ele. - Sexo masculino, caucasiano, chamado Jansen. Piet Jansen.

Mexeu no bolso de sua jaqueta e tirou um saco plástico com uma carteira de couro puída, que estendeu para Khalifa.

- Nacionalidade egípcia - disse ele -, apesar de que, com esse nome, jamais pensaríamos que fosse. É proprietário de um hotel em Gezira, o Menna-Ra.

- Ao lado do lago? É, eu conheço.

Khalifa pegou a carteira de dentro do saco plástico e mexeu em seu conteúdo, reparando na identidade do egípcio.

- Nasceu em 1925. Você tem certeza de que ele não morreu de velhice?

- Vamos ver se o estado do corpo revela alguma outra coisa – disse Sariya.

O detetive tirou um cartão de crédito do Banco Misr e uma nota de vinte libras egípcias. Em um dos compartimentos da carteira encontrou uma carteirinha de membro da Sociedade Egípcia Horticultural e, atrás dela, havia uma foto em preto-e-branco amassada de um cão pastor alemão alsaciano, grande e aparentemente feroz. Atrás da foto estava escrito a lápis, quase apagado, "Arminius, 1930". Ele ficou observando-a por um instante, perscrutando aquele nome que de certa forma soava um tanto quanto familiar, mas incapaz de afirmar com precisão o porquê. Então deixou a foto no lugar onde a encontrou e colocou a carteira de volta no saco plástico, devolvendo-a ao seu auxiliar.

- Você informou a alguém da família?

- Nenhum parente vivo - disse Sariya. - Nós ligamos para o hotel. - - E o Mercedes? É dele?

Sariya fez que sim. - Encontramos as chaves no bolso. - Ele mostrou mais um saco plástico onde havia um enorme molho de chaves. - Nós checamos tudo. Não havia nada de incomum lá dentro.

Eles andaram até o Mercedes e olharam para dentro da janela. O interior tinha estofamento em couro, mas rasgado, o painel com detalhes em madeira envernizada e um aromatizante pendurado no retrovisor. Estaria vazio não fosse pela revista al-Ahram de dois dias deixada no banco do passageiro, e na parte de trás, no assoalho, havia uma câmera Nikon que parecia ser bastante cara.

- Quem o encontrou? - perguntou Khalifa.

- Uma garota francesa. Ela estava por aí, tirando fotos entre as ruínas, e viu o corpo por acidente. - Sariya abriu seu bloco de anotações e apertou os olhos para enxergar melhor. - Claudia Champollion - ele leu, esforçando-se para pronunciar corretamente as desconhecidas vogais. - Vinte e nove anos. Arqueóloga. Ela mora por ali. - Ele meneou a cabeça, indicando a direção de um condomínio arborizado mais adiante ao longo da trilha, cercado por um muro alto de tijolos de barro: a sede da Missão Arqueológica Francesa em Tebas.

- Nenhuma relação com o Champollion, posso presumir? – perguntou Khalifa.

- Hein?

- Jean-François Champollion.

Sariya parecia confuso.

- O homem que decifrou os hieróglifos - suspirou Khalifa numa fingida exasperação. - Deus do céu, Mohammed, você não sabe nada a respeito da história deste país?

O auxiliar encolheu os ombros. - Ela era bem bonita, isso eu sei bem. Grandes... você sabe... - ele disse, fazendo gestos com as mãos. - Firmes.

Khalifa balançou a cabeça e deu uma tragada no cigarro. - Se o trabalho da polícia se resumisse em paquerar mulheres,

Mohammed, você seria o chefe do departamento neste instante. Pegou o depoimento dela?

Sariya mostrou suas anotações, indicando que pegara.

- E?

- Nada. Ela não viu nada, não ouviu nada. Só encontrou o corpo, foi até o condomínio e ligou para o 122.

Khalifa terminou seu Cleopatra e o amassou com a sola do sapato.

Eu acho que deveríamos dar uma olhada nele, então. Você informou ao Anwar?

Disse que ainda tinha alguns papéis pra preencher e depois vem pra cá. Ele avisou que era para não deixarmos o corpo sair passeando por aí.

O detetive estalou a língua, demonstrando impaciência. Ele já estava acostumado com o senso de humor de mau gosto de Anwar, o patologista. E então saíram, atravessando o sítio arqueológico, esmagando com os pés os fragmentos de cerâmica que se encontravam espalhados pela superfície do deserto como biscoitos descartados. Em um local mais afastado à direita, algumas crianças estavam sentadas no topo de uma pequena duna; uma delas segurava uma bola de futebol, observando enquanto os policiais vasculhavam o deserto em busca de alguma pista. Adiante, o sol escondia-se atrás da abóbada oval do monastério de Deir el-Muharab. Suas cores se intensificavam de um amarelo pálido para um rico laranja e cor de mel. No horizonte, alguns muros de tijolos de barro despontavam na areia, abandonados e deteriorados devido à ação do tempo, como criaturas primitivas emergindo das profundezas do deserto. Um leigo mal poderia sugerir que estivessem passando pelo que certa vez havia sido uma das construções mais magníficas do Egito antigo.

- Difícil de acreditar que isto já foi um palácio, não é? - lamentou Khalifa, abaixando-se para pegar um fragmento de cerâmica que

ainda mantinha alguns traços pintados de um azul pálido. - Nos tempos de Amenhotep III, ele governava metade do mundo então conhecido. E agora...

Ele revirou o fragmento entre seus dedos, polindo o pigmento com o polegar. Sariya não disse nada; apenas fez um aceno com a mão, indicando que seria necessário seguir pela direita.

- Por ali - disse ele -, logo atrás do muro.

Eles atravessaram um trecho pavimentado com tijolos de barro, rachados e quebrados, e cruzaram o que deve ter sido uma ampla entrada, que agora se reduzia a um amontoado de alvenaria com um degrau de calcário desgastado no centro. Do outro lado, um policial encontrava-se agachado, aproveitando uma pequena sombra projetada aos pés do muro. A alguns metros dali, podia-se avistar um cadáver coberto por uma pesada lona, como se fosse, na realidade, um amontoado de terra ali embaixo. Sariya deu um passo à frente, segurou um dos cantos da lona e a puxou.

- Allah-u-okhbar! - exclamou Khalifa, estupefato. - Deus do céu!

À sua frente, encontrava-se um homem muito idoso. O corpo mostrava-se frágil e definhado, e a pele pálida e enrugada era salpicada pela melanose. Vestia um conjunto de safári de cor cáqui. Estava deitado de bruços sobre um dos braços; o outro estava estirado ao lado do corpo. A cabeça cuja calvície se escondia sob alguns fios de cabelo grisalho pendia para trás, em uma leve torção, na posição de um nadador recuperando o fôlego antes de mergulhar o rosto na água novamente - uma postura forçada, causada pela pequena estaca de ferro enferrujada que atravessava a cavidade do seu olho esquerdo desde o chão. As maçãs do rosto, os lábios e o queixo estavam revestidos por uma espessa camada de sangue coagulado; uma ferida superficial marcava o lado direito da cabeça, bem acima da orelha.

Khalifa permaneceu observando o cadáver, percebendo as mãos e as roupas cheias de poeira, o tecido da calça com um pequeno

corte na altura do joelho, o jeito como o ferimento da cabeça havia sido entupido de areia e saibro; e então se agachou e, cuidadosamente, cutucou a estaca de ferro, no local de onde emergia da areia. Percebeu que a estaca estava firmemente fincada na terra.

- De uma tenda? - perguntou Sariya, sem muita certeza.

Khalifa balançou a cabeça. - Faz parte de uma grade de inspeção, deixada para trás por alguma escavação. Pela aparência disto, já está aqui faz muito tempo.

Ele se levantou, movendo as mãos contra as moscas que já zumbiam sobre o cadáver, e afastou-se por alguns metros, até um local onde a areia encontrava-se revolvida. Ele poderia confirmar ao menos três marcas de pegadas, possivelmente dos policiais que estiveram vasculhando a área. Ele agachou novamente, retirando seu lenço, e coletou uma lasca de pedra respingada de sangue.

- Parece que alguém o atingiu no crânio - disse Sariya. - E depois ele caiu com a cabeça na estaca. Ou foi empurrado.

Khalifa girou a pedra em sua mão, atentando para a mancha de sangue vermelho-escuro.

- Estranho que o agressor deixe uma carteira cheia de dinheiro no bolso da vítima - disse ele. - E as chaves do carro.

- Talvez ele estivesse confuso - sugeriu Sariya. - Ou talvez o verdadeiro motivo não tenha sido um assalto.

Antes que Khalifa pudesse esboçar qualquer opinião a esse respeito, ouviram um grito vindo do campo de ruínas mais adiante. A duzentos metros, um policial acenava enquanto se equilibrava sobre uma duna.

- Parece que ele encontrou alguma coisa - disse Sariya.

Khalifa recolocou a pedra onde a havia encontrado e partiram na direção do homem. Quando se aproximaram, ele já tinha descido do monte de areia e estava de pé ao lado dos escombros de um antigo e imenso muro ao longo da parte mais baixa do que seria um gesso rachado pintado com flores de lótus azuis, em linhas quase apagadas, mas ainda visíveis. No centro da pintura havia uma lacuna, onde um pedaço de gesso deve ter sido removido. Próximo dali, no chão, havia uma mochila de lona, um martelo, um cinzel e uma bengala com o castão prateado. Sariya agachou-se ao lado da mochila e abriu-a.

- Ora, ora, ora - disse ele, removendo um tijolo pintado de cal. Alguém andou fazendo travessuras por aqui.

Ele estendeu o tijolo na direção de Khalifa. O detetive não estava olhando. Em vez disso, agachou-se, tomou a bengala e observou o castão de prata, sobre o qual havia sido incrustado um desenho em miniatura de rosetas entremeadas com o símbolo ankh.

- Senhor?

Khalifa não respondeu.

- Senhor? - repetiu Sariya, um pouco mais alto.

- Desculpe, Mohammed. - O detetive deixou a bengala de lado e virou-se para seu auxiliar. - O que você tem aí?

Sariya estendeu-lhe o tijolo de barro. Khalifa segurou o objeto diante de si, examinando a ornamentação. Enquanto o observava, seu olhar também se fixava sobre a bengala, as sobrancelhas levantadas como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

- O que foi? - perguntou Sariya.

- Ah, nada, nada. Apenas uma estranha coincidência.

Ele meneou a cabeça desdenhosamente e sorriu. No entanto, mesmo assim havia uma centelha de ansiedade em seus olhos, um

eco distante de algo profundamente intrigante.

Mais adiante, à direita, um enorme corvo pousou em um muro e ficou ali os observando, batendo suas asas e crocitando ruidosamente.

TEL AVIV, ISRAEL

V

estindo um uniforme para policiais, um homem bastante jovem andava rapidamente pelo Parque da Independência, em direção ao enorme prédio retangular do Hotel Hilton. À sua volta, famílias e jovens casais passeavam, aproveitando a leve brisa da noite, conversando e divertindo-se, mas ele nem sequer reparou neles, mantendo sua atenção firmemente concentrada no edifício à sua frente. Sua testa brilhava por causa do suor, e os lábios tremiam enquanto murmurava uma prece silenciosa.

Chegou à entrada do hotel e foi direto ao saguão; um par de seguranças o perscrutaram rapidamente e, ao perceber seu uniforme, olharam para outro lado novamente. Então, o rapaz ergueu a mão trêmula para enxugar o suor da testa. Depois, em extensão ao mesmo movimento, localizou algo sob a jaqueta e puxou o primeiro dos fios para armar o explosivo. Terror, ódio, náusea, emoção - era tudo isso que estava sentindo naquele momento. Além deles, envolvendo tudo isso, como a parte externa de uma boneca russa, havia uma euforia extática, como um transe, uma felicidade que pairava sobre a tensão de sua consciência como uma clara e brilhante chama. Vingança, glória, o paraíso e a eternidade nos braços das lindas houris.

Obrigado por ter me escolhido, Allah. Obrigado por permitir que eu seja o instrumento de sua vingança.

Cruzou o saguão e passou por um conjunto de portas duplas rumo a um salão amplo e iluminado onde uma festa de casamento estava sendo realizada. Música e risos o circundavam; uma menina veio correndo até ele e perguntou se ele queria dançar. Ele a ignorou e avançou entre os convidados - o mundo ao redor parecia sumir progressivamente, evaporar como uma névoa de várias cores. Alguém perguntou ao desconhecido o que fazia ali, se havia algum problema, mas ele apenas prosseguiu, falando consigo mesmo, refletindo sobre seu avô já idoso, seu primo assassinado ainda criança por uma bala israelense; pensava a respeito da própria vida, vazia, sem esperança, coberta de vergonha e ira impotente. E então se aproximou da noiva e do noivo, permanecendo ao lado deles. Com um grito mesclado de fúria e alegria, ele segurou o explosivo, puxou o segundo fio, causando o deslocamento de calor, fogo e estilhaços de metal que o reduziram assim como aos recém-casados e todos que estavam dentro de um raio de três metros a nada mais que um vapor sangrento.

Quase naquele exato momento, três fax eram recebidos de forma rápida e sucessivamente, um pela sede do Congresso Mundial Judaico de Jerusalém, outro pela redação do jornal Ha'aretz e o último pela polícia de Tel Aviv. Todos haviam sido enviados via celular, de forma a tornar impossível qualquer tentativa de rastreamento de sua localização, e continham a mesma mensagem: "A bomba é uma realização de al-Mulatham e da Irmandade Palestina, executada em resposta à permanente ocupação sionista da terra natal palestina; assim, enquanto esta ocupação perdurar, todos os israelenses, seja qual for a idade ou o sexo, serão responsabilizados pelas atrocidades infligidas ao povo palestino.”

LUXOR

E

les permaneceram em Malkata até quase sete horas da noite, e até aquele horário Anwar, o patologista, ainda não tinha chegado. Em vez de ficar ali à toa por mais tempo, Khalifa identificou um grupo da guarda permanente que deveria garantir a segurança do sítio arqueológico e, acompanhado por Sariya, partiu para visitar o hotel do homem morto.

- Conhecendo Anwar, certamente ficaríamos aqui até meia-noite – ele resmungou. - Poderíamos, então, fazer algo útil para não perdermos tempo.

O Menna-Ra ocupava uma posição proeminente no centro da cidade de Gezira - um grande e movimentado conjunto de lojas e casas caindo aos pedaços na margem ocidental do Rio Nilo, em frente ao Templo de Luxor. Era um edifício de dois andares, caiado de branco, cujo acesso se dava por uma avenida estreita, suja e poeirenta, cercada por residências construídas de tijolos de barro que pareciam grudadas por uma massa de fungos marrons, de todos os lados. Khalifa e Sariya chegaram ao local no início da noite e foram recepcionados por uma inglesa elegante, de meia-idade, que falava fluentemente o árabe, mas com um sotaque carregado. Ela se apresentou como Carla Shaw, gerente do hotel. Mandou servir chá e os acendeu em um terraço de cascalho situado no fundo do edifício, onde se sentaram em cadeiras de vime, embaixo de um perfumado hibisco vermelho e em plena floração. Um lago longo e estreito estendia-se da esquerda para a direita bem à frente, negro e sombrio, cuja superfície ondulava-se devido aos bancos de areia do calmo Nilo; suas margens ladeadas por palmeiras estavam entupidas de garrafas descartáveis de água Baraka. Em um dos lados, havia uma propaganda dos Passeios de Balão Hod-Hod Suliman bastante visível entre as árvores, pintada sobre os muros de uma casa. Ouviam-se o latido de cães, o toque da buzina dos taxistas e, um tanto distante, o ruído cadenciado de uma bomba de irrigação.

- Foi realmente um grande choque - disse a mulher, cruzando as pernas, vestida de jeans e acendendo um cigarro Merit. - Ele não

estava passando muito bem. Câncer, eu acho, apesar de nunca ter falado a respeito disso conosco.

Khalifa acendeu um dos seus cigarros e deu uma olhada em Sariya.

- Nós saberemos mais detalhes quando obtivermos o resultado da autópsia - disse ele -, mas parece que o Sr. Jansen pode ter...

Ele interrompeu a frase, dando uma tragada em seu cigarro, sem muita convicção de como poderia expressar o que pretendia.

- Existem algumas irregularidades sobre sua morte - disse ele finalmente.

A mulher o olhou. Seus olhos revelavam certo espanto. Ela havia se maquiado fortemente com delineador escuro, o que parecia acentuar sua expressão de surpresa.

- O que o senhor quer dizer com irregularidades? O senhor está dizendo que ele foi...

- Eu não estou afirmando nada, por enquanto - disse Khalifa, gentilmente. - O corpo precisa ser devidamente examinado. Existem, no entanto, alguns aspectos incomuns nas circunstâncias da morte do Sr. Jansen, e precisamos fazer algumas perguntas. Serviço de rotina.

A mulher deu outra profunda baforada em seu cigarro, estendendo a mão livre para brincar com o enorme brinco colocado na orelha esquerda. A cor do seu cabelo era de tom muito escuro, como se fosse tingido. Era bastante atraente, mas discreta.

- Então pergunte - ela prosseguiu. - Embora eu não possa afirmar se poderei ajudar de alguma maneira. Piet era muito discreto sobre si mesmo.

Khalifa acenou para Sariya, que pegou o bloco de anotações e a caneta.

- Há quanto tempo estava trabalhando para o Sr. Jansen? - ele perguntou.

- Há quase três anos - ela respondeu, inclinando levemente a cabeça, puxando um brinco. - É uma longa história. Mas basicamente se resume nisto: eu estava passando férias aqui, fiz alguns amigos na cidade, e eles me disseram que Piet procurava alguém que pudesse administrar o hotel. Ele estava muito velho para tocar o negócio todos os dias. Daí eu pensei: "Por que não?" Eu tinha acabado de me divorciar; então não havia nada que estivesse aguardando por mim na Inglaterra.

- Ele não tinha nenhum parente próximo?

- Não que eu soubesse.

- Nunca foi casado?

A mulher deu mais uma tragada no cigarro.

- Minha impressão é de que Piet não era particularmente interessado em mulheres.

Khalifa e Sariya trocaram um olhar.

- Homens? - indagou o detetive.

A mulher fez um gesto com a mão, reservadamente. - Ouvi dizer que ele gostava de ir para Banana Island. Ele nunca falou nada a respeito, e nunca perguntei. Era um assunto dele.

Escutaram um barulho de passos no cascalho, e um jovem apareceu carregando uma bandeja com três copos com chá e uma pequena lamparina como enfeite. Ele os depositou sobre a mesa ao lado e desapareceu novamente. Khalifa estendeu o braço para pegar um copo.

- O nome Jansen não é egípcio - disse ele, bebendo o líquido de seu copo.

- Eu acho que ele era holandês, a princípio. Veio para o Egito há cinqüenta, sessenta anos. Não tenho muita certeza. Mas já faz muito tempo.

- Ele sempre morou em Luxor?

- Jansen comprou o hotel nos anos 1970, que eu saiba. Depois que se aposentou. Acho que morou em Alexandria antes disso. Na verdade, nunca falava sobre o seu passado.

Ela deu a última tragada no seu Merit e jogou-o dentro de um cinzeiro em forma de escaravelho ao seu lado. Sobre eles as primeiras estrelas começavam a despontar no céu, numerosas e cintilantes como vaga-lumes.

- A propósito, ele não morava aqui - disse ela, esticando as mãos para trás do pescoço. Isso fez com que seus seios comprimissem o tecido da blusa. - No hotel. Ele tinha uma casa do outro lado da margem. Mais perto de Carnaque. Ele vinha de carro todos os dias, pela manhã.

Khalifa ergueu levemente uma sobrancelha. Então pediu para que seu auxiliar tomasse nota do endereço.

- E quando foi a última vez que encontrou o Sr. Jansen? - indagou Sariya, uma vez que havia terminado de escrever às pressas, seus olhos atentos sobre o local onde a blusa da mulher se abria lentamente, revelando levemente um suposto sutiã rosa.

- Por volta das nove horas da manhã de hoje. Ele chegou aqui às sete, como sempre, preparou alguns relatórios no escritório e, algumas horas depois, deixou o hotel, dizendo que negócios o aguardavam.

- Ele informou que tipo de negócios? - perguntou Khalifa, por sua vez.

- Não claramente, mas deduzi que ele fosse visitar os monumentos. Aparentemente, esse era o passatempo predileto dele. Sempre ia

até lá. Conhecia o assunto mais do que muitos especialistas por aí.

Um pequeno gato acinzentado apareceu, espreitando pelo terraço, parando por um momento como se os analisasse antes de pular no colo da mulher. Ela passou as mãos gentilmente sobre seu dorso, delineando a linha de suas costas e puxando suas orelhas.

- Nós encontramos alguns objetos perto do corpo - afirmou Khalifa. Uma bengala e uma mochila de lona.

- Sim, tudo isso pertencia a ele. Ele sempre os carregava quando saía para explorar por aí. Ele usava a bengala por causa da perna, devido a um ferimento antigo. Acho que foi um acidente de carro.

Ouviu-se um barulho na água do outro lado do lago enquanto um pequeno barco se movia. Um homem remava, e outro estava em pé na proa, segurando uma rede. Suas silhuetas eram como sombras, irreconhecíveis na intensa escuridão do lago. Khalifa tragou o que restava de seu cigarro e o descartou no cinzeiro.

- Por acaso o Sr. Jansen tinha inimigos? - ele perguntou. – Alguém que pudesse desejar prejudicá-lo?

A mulher encolheu os ombros. - Não que eu soubesse. Mas, como eu já disse ao senhor, ele era muito discreto sobre sua vida particular. Nunca se abria com ninguém.

- Amigos? - indagou Khalifa. - Sabe de alguém afinal de quem fosse mais íntimo?

Ela novamente encolheu os ombros. - Não em Luxor, que fosse do meu conhecimento. Sei de um casal que ele costumava visitar no Cairo. Ele foi até lá na semana passada. Anton. Acho que era esse o nome do marido. Anton, Anders, algo desse tipo. Ele era suíço, alemão ou talvez holandês. - Ela levantou os braços apologeticamente. - Desculpe-me. Sei que não estou ajudando muito.

- De forma alguma - disse Khalifa. - Suas informações foram muito úteis.

- Na realidade, Piet era um solitário. Guardava sua vida pessoal para si mesmo. Em três anos jamais vi o que havia dentro da casa; sabe, ele era... discretíssimo. Eu administrava o hotel, e isso era tudo. Não tínhamos nada para tratar um com o outro fora do trabalho.

O rapaz que havia trazido o chá retornou, inclinando-se e sussurrando algo no ouvido da mulher.

- OK, Taib - disse ela. - Estarei lá em alguns minutos.

Ela se voltou para Khalifa.

- Sinto muito, inspetor. Teremos uma festa particular esta noite e preciso começar a organização do jantar.

- É claro - confirmou Khalifa. - Acho que já temos tudo de que precisávamos.

Os três ficaram de pé e voltaram para o saguão, um espaço amplo, em pedra caiada, com a mesa da recepção na entrada e uma escada estreita no canto, conduzindo ao andar superior. Um homem idoso numa djellaba suja esfregava o piso ladrilhado, murmurando algo para si mesmo.

- Havia uma foto na carteira do Sr. Jansen - informou Khalifa quando pararam para admirar uma fileira de gravuras de Gaddis expostas na parede. - De um cão.

- Arminius - disse a mulher, sorrindo. - O cão de estimação de sua infância. Piet sempre falava sobre ele. Costumava dizer que era o único e verdadeiro amigo que havia tido. A única pessoa em quem havia confiado. Falava do animal como se fosse humano. - Ela fez uma pausa e logo acrescentou: - Ele era um homem solitário, eu imagino. Infeliz. Cheio de demônios.

Eles observaram as gravuras por mais algum tempo - dois homens operavam um shaduf junto ao Nilo; um grupo de mulheres vendia legumes dentro do Portão Bab Zuwela, situado no bairro islâmico do Cairo; um garoto num tarboosh era televisionado e gargalhava - então atravessaram a porta da frente e foram para a rua. Duas crianças saíram correndo, rolando um pneu.

- Havia uma coisa - disse ela quando começaram a se afastar. – Talvez não seja relevante, mas Piet era extremamente anti-semita.

Ela disse essas últimas palavras em inglês. Os olhos de Khalifa se estreitaram.

- O que isso significa?

- Eu não sei como vocês dizem isso em árabe. Ele era... ma habbish El-yehudi-een. Ele não gostava de judeus.

Os ombros do detetive tornaram-se levemente tensos, imperceptivelmente, como se tivesse recebido um pequeno choque elétrico, não forte o bastante para machucá-lo, mas suficiente para fazê-lo se sentir desconfortável.

- Continue.

- Não há muito o que dizer. Ele nunca comentou nada na minha frente. Eu o ouvi, algumas vezes, conversando com algumas pessoas, hóspedes, homens locais. Coisas horríveis. Do tipo como se o único problema do Holocausto fosse que o trabalho não tinha sido terminado, ou como eles deveriam jogar uma bomba nuclear sobre Israel. Quero dizer, eu odeio o que está acontecendo lá, tanto quanto as outras pessoas, mas tratava-se de coisas horríveis. Sórdidas - ela lamentou, mexendo no brinco. - Acho que eu deveria tê-lo repreendido, mas eu o via como alguém mais velho, e uma pessoa idosa tem a tendência de possuir opiniões estranhas... E, de qualquer modo, eu não queria gerar um conflito e perder meu emprego. Como eu disse, isso não deve ser relevante.

Khalifa pegou o seu maço de cigarros e acendeu um. Inalou profundamente.

- Provavelmente não - disse ele. - Mas obrigado por mencionar isso. Se precisarmos de mais alguma coisa, entraremos em contato.

Ele acenou ao se despedir e, virando-se, partiu, descendo a rua, com as mãos nos bolsos e a testa enrugada por causa de seus pensamentos. Sariya caminhava ao seu lado.

- Não posso dizer que discordo - ele disse enquanto andavam. Sobre os judeus.

Khalifa o fuzilou com o olhar.

- Você acha que o Holocausto foi uma coisa boa?

- Eu até acho que nunca aconteceu - disse Sariya, irritado. - É tudo propaganda israelense. Eles escreveram um artigo sobre isso na revista al-Akhbar desta semana.

- Você acreditou naquilo?

Sariya encolheu os ombros. - Quanto mais cedo Israel for riscado do mapa, melhor - disse ele, colocando a questão de lado. - O que eles têm feito contra os palestinos... é imperdoável. Assassinam mulheres e crianças.

Por um instante, parecia que Khalifa iria discordar. Entretanto, decidiu não emitir qualquer comentário e virou numa esquina no final da rua; ambos continuaram descendo rumo ao Nilo, em silêncio. Uma audível lamentação islâmica de um muezzin ressoava logo atrás deles, convocando os fiéis à oração da noite.

ISRAEL - DESERTO DO MAR MORTO, FORA DE JERICÓ

O

homem deu alguns passos em direção ao helicóptero, fumando um espesso charuto. Repetidamente, seus olhos observavam a estrada deserta e suja à sua frente e verificavam as horas. Estava escuro, e a única luz vinha de uma lua crescente que banhava o deserto com um intenso brilho amarelado e também silencioso. Podiam-se ouvir os ruidosos passos do homem ecoando pelo ar noturno. As sombras estavam por demais nebulosas, impedindo qualquer distinção de sua figura, exceto sua compleição muito magra, a altura mediana e o nariz aquilino. Usava um kipá na cabeça, e uma cicatriz arroxeada em forma de foice atravessava o lado direito de sua face.

- Tem idéia de quanto tempo mais isso levará? - perguntou-lhe uma voz da cabine do helicóptero.

- Logo - respondeu o homem. - Em breve ele estará aqui.

Continuou a andar, batendo ansiosamente a palma da mão em sua coxa, parando ocasionalmente para levantar a cabeça e tentar ouvir algo. Passaram-se cinco, dez minutos, e então o som de um motor começou a se insinuar pela noite, acompanhado um momento depois pelo barulho de pneus no cascalho. O homem caminhou até o meio da estrada, observando enquanto um carro se distanciava vagarosamente das sombras e da escuridão que lhe ocultavam a forma e aproximava-se lentamente com os faróis desligados.

Estacionou a dez metros deles, e o motorista saiu do veículo. O homem se juntou a ele, e, juntos, foram até a traseira do veículo, onde o motorista abriu o porta-malas. Gemidos e murmúrios podiam ser ouvidos dali. E uma figura surgiu na noite, buscando apoio no braço do motorista. Estava ainda muito escuro para descobrir algo a seu respeito, a não ser o fato de que era mais jovem do que o fumante, com alguns fios rebeldes de cabelo e com um keffiyeh envolvendo o seu pescoço.

- Você está atrasado - reclamou o homem mais velho. - Já estava preocupado.

O recém-chegado respirava profundamente, estendendo os braços sobre a cabeça para alongar os membros tensos.

- Tive que ser cauteloso. Se alguém do meu povo descobrir sobre isso...

Ele fez um gesto com o dedo como se algo cortasse sua garganta. O movimento foi acompanhado de um assobio agudo, como o som de uma faca atravessando a carne. O fumante concordou e, passando o braço ao redor dos ombros do recém-chegado, conduziu-o até o helicóptero.

- Acredito - ele disse calmamente.

- Estamos andando na corda-bamba aqui. Espero conseguir chegar do outro lado.

- Nós temos que chegar do outro lado. Para o nosso próprio bem. Senão...

Ele se desfez do charuto, e ambos desapareceram dentro do helicóptero; o deserto fazia eco ao barulho do motor enquanto as hélices começavam a girar, golpeando a escuridão.

LUXOR

O

s dois policiais atravessaram o Nilo na enferrujada balsa local que, preguiçosamente, abria caminho através das águas em uma nebulosa fumaça de diesel, emitindo um apito contínuo. Sariya beliscava um pacote de feijões termous amarelos; Khalifa

permaneceu sentado, observando a iluminação dos holofotes refletida nas paredes externas do Templo de Luxor, completamente perdido em seus pensamentos. Sua jaqueta de couro sintético estava fechada até em cima, cobrindo todo seu pescoço, protegendo a pele contra o frio da noite. Na margem leste, subiram alguns degraus em direção ao Corniche, onde Khalifa pediu as chaves da casa do falecido ao seu auxiliar.

- Você vai até lá agora, à noite? - perguntou Sariya, surpreso.

- Pensei em dar uma espiada rápida por lá, só para ver se há alguma coisa... de diferente.

Os olhos de Sariya se estreitaram. - Como assim?

- Ah, só... diferente. Vamos lá, me dá logo essas chaves.

Encolhendo os ombros em sinal de indiferença, Sariya enfiou a mão no bolso e retirou o saquinho plástico com as chaves de Jansen. Depois pegou seu bloco de anotações, rasgou a folha na qual ele havia escrito o endereço e a entregou também.

- Você quer que eu o acompanhe?

- Não, você pode ir pra casa - respondeu Khalifa, olhando o endereço antes de dobrar o papel e colocá-lo em seu bolso. - Eu não vou demorar. Só quero verificar algumas coisas. Vejo você na delegacia, amanhã.

Ele bateu no ombro de seu auxiliar e, incitando-o a seguir pelo Corniche, virou-se e acenou para um táxi que se aproximava. O carro alcançou o meio-fio, onde o motorista, um homem de formas arredondadas, com um imma cobrindo sua cabeça e ostentando um cigarro no canto da boca, saindo do veículo, abriu a porta traseira para o passageiro.

- Pra onde, inspetor? - ele perguntou. Como a maioria dos taxistas de Luxor, ele já havia conhecido Khalifa pessoalmente, ao ser detido pelo menos uma vez por dirigir sem a documentação devida.

- Carnaque - disse Khalifa. - Apenas siga em frente, descendo o Corniche. Eu aviso quando chegar a hora de parar.

Eles partiram, seguindo para o norte, passando pelo Hotel Mercure, pelo Museu de Luxor, pelo antigo hospital e pela Chicago House, fazendo um ziguezague entre os carros. Os prédios da cidade gradualmente iam se limitando a casas caindo aos pedaços, um tanto dispersas e rodeadas por fileiras de arbustos dos parques. Quando percorreram quinhentos metros da orla norte da cidade, Khalifa sinalizou para o motorista estacionar do outro lado da larga avenida de eucaliptos e loureiros que começava à direita, rumo ao primeiro pilone do Templo de Carnaque, iluminado por holofotes.

- O senhor quer que eu o espere? - perguntou o motorista, enquanto Khalifa saía.

- Não se preocupe, eu voltarei andando.

Ele colocou a mão no bolso, procurando dinheiro, mas o motorista acenou que não seria necessário.

- Deixa pra lá, inspetor, o senhor tem crédito comigo.

- Crédito por quê, Mahmoud? Da última vez que nos encontramos, eu o prendi por dirigir com a carteira vencida.

- É verdade - reconheceu o motorista. - Mas eu também não tinha renovado minha licença, e o senhor nem reparou.

Ele deu um largo sorriso, revelando duas fileiras de dentes irregulares e amarelados, e, com um toque de buzina barulhento, manobrou o carro e desapareceu pelo caminho por onde viera.

Khalifa continuou parado ali, em pé, por mais um tempo, observando a superfície do Nilo, que refletia a luz da lua como um lençol verde de seda; então se virou e partiu em direção à entrada do templo.

Levou dez minutos para chegar à entrada da casa do falecido, localizada em uma área isolada e murada, a duzentos metros do lado noroeste do complexo do templo, no final de uma trilha sulcada e suja. Era uma habitação elegante, de um só pavimento, rodeada por uma grade de ferro alta, e estava quase oculta por algumas palmeiras e mimosas. A casa remetia aos tempos passados, quando Luxor ainda não havia se tornado um centro importante de turismo e apenas alguns arqueólogos eram seus visitantes ou somente alguns europeus sofisticados chegavam para passar o inverno, aproveitando o clima agradável do Alto Egito. Uma leve neblina rugosa havia surgido de um canal de irrigação ali próximo e circundava todo o perímetro da casa, dando ao lugar um aspecto sinistro e assombrado enquanto vagueava sobre o local.

Khalifa olhou pela grade, observando o canteiro de flores, as pesadas janelas com venezianas e a placa onde se lia KHAAS! MAMNU' EL-DUKHUUL! PROPRIEDADE PARTICULAR! NÃO ENTRE! Este aviso estava colocado em diversos locais em volta da grade. Depois, dirigiu-se até o portão e virou a maçaneta. Trancado. Tirando as chaves do falecido do bolso, sob a pálida luz da lua tentou cada uma delas, até que conseguiu encontrar a chave certa, afastando o portão aberto, esmagando ruidosamente os cascalhos pelo caminho. Enquanto caminhava em direção ao pórtico de entrada da casa, um animal qualquer, um gato ou uma raposa, saiu das sombras à sua direita, derrubando um ancinho e desaparecendo entre um grupo de arbustos ao redor daquele lado da casa.

- Droga! - ele praguejou, assustado.

Acendeu um cigarro, pegou as chaves e abriu as três fortes fechaduras, entrando naquele interior sombrio. Ao localizar um interruptor na parede, acendeu as luzes.

Khalifa se encontrava em uma enorme sala de estar, com assoalho de madeira e escrupulosamente arrumada, com quatro poltronas em volta de uma mesa de cobre redonda, no centro, um móvel para abrigar a televisão e o telefone, e uma enorme espreguiçadeira

colocada do lado direito da entrada. À sua frente, encontrava-se um corredor escuro que levava aos fundos da casa.

Ele olhou ao redor por um momento, tentando familiarizar-se com o ambiente, depois caminhou pelo lado esquerdo, onde uma pintura a óleo de uma montanha íngreme e coberta de neve inclinava-se sobre uma cesta com jornais e revistas. Ele ficou ali observando, admirado com a pintura - jamais havia visto neve antes, neve de verdade - e então se abaixou e deu uma olhada no que estava contido no revisteiro. Havia dois exemplares da al-Ahram, uma revista da Sociedade de Horticultura Egípcia, e um informativo do Museu Egípcio de Berlim. Atrás, encontrava-se um exemplar do Time, a capa exibindo dois homens, um agachado, de aparência robusta e com barba, o outro magro e de semblante hostil, com uma lívida cicatriz que se estendia da bochecha direita até a linha do queixo. Khalifa pegou a revista e leu o título: "HAR-ZION E MILAN: QUAL A SOLUÇÃO PARA ISRAEL? Por Layla al-Madani." Reconheceu o nome da colunista. Abriu a revista, folheando-a até encontrar o artigo relevante, o qual apresentava no começo a foto de uma jovem e bonita mulher com cabelos escuros curtos e grandes olhos verdes. Observou a imagem por um momento, curiosamente compelido, e depois, sacudindo a cabeça, fechou a revista, recolocando-a no revisteiro e partindo para explorar o restante da casa.

Havia outros cinco cômodos: dois quartos, um banheiro, um escritório e, nos fundos da construção, uma cozinha enorme. Tudo estava meticulosamente em ordem, de forma um tanto anormal, como se na verdade ninguém morasse ali, e, além disso, para fechar as espessas venezianas, havia pesados cadeados de segurança em todas as janelas. Khalifa verificou cuidadosamente cada um deles, tocando e forçando a abertura. Ele não procurava por algo em especial; estava apenas tentando examinar o lugar e: buscando descobrir quem era o homem que havia morado ali.

Khalifa foi ao escritório primeiro, um cômodo amplo contendo um par de armários de metal para arquivo situado no fundo em um dos cantos, estantes do chão ao teto entre duas paredes e uma

espaçosa mesa instalada junto à janela. Os dois armários para arquivo estavam trancados, mas as chaves foram encontradas no chaveiro do falecido, e Khalifa os abriu. O primeiro, continha envelopes plásticos repletos de documentos sobre atividades comerciais. O segundo era um arquivo de slides fotográficos, centenas e centenas deles, todos devidamente etiquetados e organizados em envelopes plásticos, descrevendo, até onde ele poderia perceber, quase todos sobre os principais sítios arqueológicos do Egito, desde Tel el-Fara'in, no Delta, até o Wadi Halfa, no norte do Sudão.

Khalifa pegou dois slides aleatoriamente e os colocou sob a luz, olhando de soslaio, reconhecendo o Templo de Seti I, em Abydos, as tumbas talhadas na rocha em Beni Hassan, o Distrito de Khonsu, em Carnaque. Ele se deteve diante deste último slide por mais de um minuto, movendo-o em direção e contra a luz para obter um foco melhor. Uma ruga de preocupação surgiu em sua testa antes de devolvê-lo ao envelope de origem, fechando, trancando os armários e caminhando para o lado de uma das estantes de livros.

Os livros ali estavam organizados, alfabeticamente, por nome do autor, e, com exceção de dois dicionários e de uma pequena obra sobre plantas e jardinagem, todos tratavam especificamente de pesquisas históricas, sendo que alguns faziam referência à história popular, e outros eram obras acadêmicas. Passando os olhos superficialmente sobre a lombada de cada livro, ele percebia títulos em latim, francês, inglês, alemão, árabe e - surpreendentemente, considerando-se o que a Sra. Shaw havia dito sobre a atitude de Jansen em relação aos judeus - hebraico. Quem quer que Jansen fosse, tratava-se de uma pessoa inteligente e extremamente instruída e culta.

"Como alguém como você foi acabar como proprietário de um hotel barato de Luxor?", murmurou Khalifa para si mesmo. "Qual é a sua verdadeira história, hein, Sr. Jansen? E qual o motivo de toda esta segurança? Do que tinha tanto medo? O que estaria tentando esconder?”

Permaneceu no escritório por mais um momento, examinando os livros e revistando as gavetas da escrivaninha; depois se dirigiu para o banheiro e, em seguida, para os dois quartos. No primeiro, descobriu um par de revistas em um pequeno criado-mudo ao lado da cama - alemãs, pornográficas, com dois meninos posando em nu frontal para a câmera. Observou as revistas, impressionado e com repulsa, e depois as jogou de volta dentro do criado-mudo, fechando-o com força.

Khalifa revistou a cozinha por último. Duas portas adicionais se abriam ali. Uma delas, protegida por duas fechaduras e um resistente ferrolho de aço, dava acesso a uma varanda de madeira nos fundos da propriedade. A segunda porta, a qual também precisou ser aberta com uma das chaves encontradas com o homem, revelou degraus íngremes que, ao serem descidos, conduziam o visitante a uma enorme escuridão. Ele começou a descer cuidadosamente os degraus de madeira, que rangiam sob seus pés. A escuridão lentamente o envolvia e o desorientava, tanto que se sentiu forçado a manter sua mão direita contra a fria parede de pedra para manter o equilíbrio. Chegando ao final da escada, as pontas de seus dedos tocaram levemente um interruptor grande, que ele acendeu.

Khalifa levou alguns segundos para perceber para o que ele estava olhando; então, falou ofegantemente em sinal de perplexidade:

— Meu Deus!

Antigüidades. Em toda parte havia antigüidades. Sobre mesas situadas no centro do cômodo, em prateleiras dispostas nas paredes, em caixas empilhadas nos cantos. Centenas e centenas de objetos, cada um lacrado em seu próprio saco plástico, cada um acompanhado por uma etiqueta, com a caligrafia perfeita, detalhando o que era, onde e quando havia sido encontrado e a data estimada.

— É como um museu — Khalifa sussurrou incredulamente. — Um museu particular.

Por um instante ele ficou ali parado, sem se mover, depois caminhou em direção às mesas mais próximas, pegando um saco plástico com uma minúscula figura de madeira. "Shabti, KV39, corredor leste", dizia o cartão de identificação. "Madeira. Sem texto ou ornamento. XVIII dinastia, provavelmente de Amenhotep I (c. 1525-1504 a.C.). Encontrada em 3 de março de 1982." KV39 era uma ampla tumba em pedra bruta, encerrada na colina do Vale dos Reis, considerada por muitos o lugar do repouso do faraó Amenhotep I, da XVIII dinastia. E nunca fora adequadamente escavada. Jansen claramente esteve por lá, promovendo uma escavação por conta própria.

Khalifa recolocou a figura no lugar e pegou outro objeto. "Fragmento de cerâmica vitrificada, Amarna (Akhetaten), norte do palácio. Papiro com inscrições nas cores verde, amarelo e azul. XVIII dinastia, reino de Akhenaten (c. 1353-1335 a.C.). Encontrado em 12 de novembro de 1963." Era uma peça linda, embora quebrada, as cores eram ricas e vibrantes, o papiro pintado levemente, como se impelido por uma brisa suave. Mais uma vez, parecia ter sido encontrado pelo próprio Jansen. Khalifa o virou em suas mãos, balançando a cabeça, e em seguida o colocou de volta e passeou pelo resto do porão.

Tratava-se de uma coleção extraordinária, meticulosamente organizada, o resultado — julgando pelas etiquetas de identificação — de mais de cinco décadas de escavações sigilosas e ilegais. Alguns dos objetos — um pequeno hipopótamo de faiança, um lindo óstraco decorado contendo a tríade tebana, Amon, Mute e Khonsu — eram extremamente valiosos. A maioria, no entanto, estava um tanto danificada ou também era tão comum, que não possuía muito valor. O princípio que norteou o acervo não parecia apenas seguir o desejo de adquirir objetos raros e graciosos, mas, sobretudo, tratava-se de uma alegria pura em escavar artefatos diversos, redescobrindo e catalogando alguns discretos fragmentos do passado. Khalifa pensou consigo mesmo: o tipo de acervo que ele mesmo gostaria de ter colecionado. A história da coleção de um apaixonado. A coleção de um arqueólogo.

No canto mais afastado ele encontrou um cofre de ferro estreito e espesso com um indicador e uma alavanca na parte frontal. Tentou retirar esta última, mas a porta permaneceu hermeticamente fechada. Um minuto ou ma depois, Khalifa desistiu e começou a caminhar pelo local novamente.

De vez em quando, ele olhava para o relógio. - Droga!

Ele havia prometido a Zenab, sua esposa, que estaria em casa lá pelas nove da noite, para que pudesse ler alguma história para as crianças, e já passava das dez. Reprovando a si mesmo, ele deu uma última olhada ao redor, em seguida se dirigiu à escada e levantou a mão para alcançar o interruptor. Ao apertá-lo, percebeu que a porta lá em cima, que abria para dentro, quase se fechara novamente, possibilitando-lhe a visão do que havia atrás dela. Lá, em um gancho, pendia um chapéu verde de veludo com um enfeite de longas plumagens, projetando-se num dos lados. Khalifa parou, depois subiu as escadas, lentamente, como se relutasse a fazê-lo, e retirou o chapéu do gancho, segurando-o à sua frente. — Como se ele tivesse um pássaro em sua cabeça — o inspetor resmungou; a voz soando repentinamente rouca, como se algo tivesse sido empurrado em sua garganta abaixo. — Um pássaro pequeno e alegre.

Ele observou o chapéu e, de maneira inesperada, socou furiosamente aquele lado da porta, causando um estrondo quando ela se fechou.

— Droga! — ele praguejou. — Só pode ser coincidência! Tem que ser!

Jerusalém

A

Cidade Antiga de Jerusalém, aquele desorientador labirinto de ruas e quarteirões, relicários e lugares santos, feirinhas de especiarias e lojas de souvenires, e durante a noite tão silenciosa e vazia quanto uma cidade fantasma. A multidão alvoroçada que durante o dia se aperta nas vias publicas e ruelas — especialmente aquelas pessoas do bairro muçulmano, onde é extremamente difícil movimentar-se entre os inúmeros compradores, vendedores de frutas e crianças correndo — rapidamente se esvai ao pôr-do-sol, deixando uma perspectiva de desolação às lojas fechadas, algo fantasmagórico ecoando, como veios de pedras dos quais toda a força vital havia sido drenada. As poucas pessoas que ali permanecem parecem constrangidas, olhando ao redor nervosamente, andando rápido, agindo com mais insegurança do que o fariam normalmente durante o dia, como se ameaçadas pelo infortúnio do lugar e pelo brilho amarelado e corrosivo das luminárias das ruas.

Eram quase três horas da madrugada quando Baruch Har-Zion e seus dois companheiros passaram pelo Portão de Jaffa e desceram pelo caminho deste mundo sombrio e crepuscular: a hora mais deserta da noite, quando mesmo os gatos perdidos já haviam se recolhido e o agudo ressoar dos sinos da cidade pareciam entorpecidos pelo silêncio enclausurante. Um homem pequeno e robusto, quase tão largo quanto alto, com cabelos grisalhos e rosto quadrado, carregava uma submetralhadora Uzi em uma das mãos enluvadas e uma sacola de couro na outra. Seus companheiros também estavam armados com Uzis, um deles, franzino e pálido, as franjas de um tallit katan pendendo por debaixo de sua jaqueta; o outro era alto e bronzeado, tinha os cabelos bem curtos, no estilo militar, seus braços e pescoço denotavam uma compleição forte, considerando-se a rigidez de sua musculatura. Todos os três cobriam a cabeça com kipás pretos.

— E quanto às câmeras? — perguntou o homem pálido enquanto andavam, indicando com os olhos as câmeras de segurança instaladas em intervalos regulares ao longo da rua.

— Não pense nisso — disse Har-Zion, gesticulando com uma das mãos e demonstrando sua indiferença; havia certa inflexibilidade no

movimento, visto que a gola de seu suéter, que alcançava quase a altura do maxilar, estava um pouco apertada para ele. — Eu tenho alguns amigos no Centro de Controle Davi. Eles farão vista grossa.

- Mas e se...

- Não pense nisso — repetiu Har-Zion, com mais firmeza dessa vez. — Tudo já foi arranjado.

Ele lançou um olhar para o outro homem, seus olhos cor de granito acinzentado estreitaram-se como se quisessem expressar as palavras "Não quero você aqui se estiver amedrontado" e depois voltou a olhar novamente adiante.

Os três avançaram a passos largos, descendo a ladeira da Rua Davi em direção ao bairro judaico antes de dobrarem à esquerda, rumo a um dos mercados que os fazia adentrar no coração do setor muçulmano. Os muros das lojas lacradas estendiam-se ao longo dos dois lados da rua, cinzenta e uniforme, enquanto caminhavam ali no meio; placas de metal continham uma pichação em árabe, entremeadas aqui e ali com outras palavras ou frases em inglês: FATAH, HAMAS e FODAM-SE, JUDEUS. Eles passaram por um sacerdote copta apressado para as orações na Igreja do Santo Sepulcro e por dois turistas bêbados, homens que se esforçavam para encontrar sua estalagem naquele emaranhado de ruas estreitas. Não fosse por eles, estariam sozinhos.

Um sino soou a hora; o som ecoava pesadamente sobre os telhados.

- Espero que estejam nos filmando — resmungou o homem de cabeça raspada enquanto prosseguiam, acariciando sua Uzi. — É a nossa cidade. Fodam-se os árabes.

Har-Zion sorriu discretamente, mas não disse nada, apenas lhes indicou uma estreita passagem ladeada por muros altos de pedra. Eles passaram por um pátio cheio de entulhos, depois transpuseram uma porta de madeira, por onde era possível ouvir o distante e

ininteligível som de uma televisão, e o portão de uma pequena mesquita, antes de alcançar uma rua deserta pavimentada com pedras arredondadas, que seguia perpendicularmente àquela de onde acabavam de descer. À direita, a rua desaparecia debaixo de uma série de arcos de pedra, que seguiam em direção ao Muro Ocidental; à esquerda, ela se inclinava na direção da Via Dolorosa e do Portão de Damasco. Uma placa em frente indicava: ESTRADA AL-WAD.

Har-Zion verificou os dois caminhos. Então, com o suor escorrendo pelas costas até a cintura, sentindo novamente a inflexibilidade do movimento como se algo estivesse de alguma maneira o comprimindo, abriu sua sacola de couro e retirou dois pés-de-cabra, os quais, entregou para os seus companheiros, e um tubo de tinta spray, que manteve consigo.

— Vamos começar.

Ele os conduziu até uma construção alta e em situação precária. Uma casa típica de cidade antiga e com uma espessa fachada de pedra; o vão da entrada era de madeira, e as janelas em forma de arco estavam trancadas e gradeadas.

— Você tem certeza de que não tem ninguém? — perguntou o homem pálido, demonstrando nervosismo.

Novamente Har-Zion o encarou com os olhos acinzentados de forma cortante. — Isso não é lugar para um nebbisk, Schmuely.

O homem menor piscou e abaixou a cabeça, envergonhado.

— Ao trabalho — disse Har-Zion.

Ele agitou o spray, e o barulho da bolinha interna ecoou através da rua; começou a pichar, desenhando grosseiramente uma menorá de sete braços nos dois lados do muro do vão da entrada; a pintura escorria de modo que o reflexo inconstante de luz dava a impressão de que uma enorme garra tivesse arranhado a pedra, causando o seu sangramento. Seus companheiros começaram a trabalhar com

os pés-de-cabra nas brechas entre a porta e o umbral, afastando cerca de cinco centímetros, erguendo com a alavanca para alargar cada vez mais a fresta e forçando até que o ferrolho emitiu um som agudo ao quebrar. Eles olharam a rua em ambas as direções e depois entraram naquele interior sombrio da casa. Har-Zion terminou de pichar a segunda menorá, pegou a sacola de couro e os seguiu, empurrando a porta atrás de si.

Um amigo que trabalhava na polícia de Jerusalém havia lhes informado sobre a casa. Seus proprietários, árabes, estavam fora em 'umra e deixaram o lugar desocupado, um alvo perfeito para a ocupação. Har-Zion teria preferido algo ainda mais próximo ao Monte do Templo, algo mais confrontador, mais penoso e insultante aos muçulmanos, mas, devido às circunstâncias, já estava bom o suficiente.

Har-Zion inspecionou dentro da sacola e retirou uma lanterna pesada de metal. Ao acendê-la, iluminou o local ao redor deles. Encontravam-se em um amplo cômodo, escassamente mobiliado, com uma escadaria de pedra em um canto mais afastado; havia no ar um cheiro forte de tabaco e lustra-móveis. Um pôster na parede acima de um dos sofás continha nove linhas de escrita árabe em espiral, o texto em branco contra um fundo verde. Versos do Alcorão. Har-Zion o manteve iluminado com a luz da lanterna, depois avançou alguns passos e o arrancou.

— Avi, você verifica os fundos. Eu olho os andares de cima. Schmuely, você vem comigo.

Ele entregou outra lanterna ao homem de cabelo bem curto e, em seguida, começou a subir a escada, levando sua sacola de couro. Har-Zion verificou vários cômodos enquanto prosseguia; o homem de tez pálida seguia seus passos Lá em cima ele desaferrolhou uma porta de ferro e viu-se no terraço plano e descoberto da casa, onde havia uma desordenada composição de tubulacão de água, antenas de TV, parabólicas e painéis solares espalhados por todo o lugar ao seu redor. Adiante, erguia-se a cúpula do Santo Sepulcro e os fundos do campanário da Igreja de São Salvador. Logo atrás,

estendia-se a vasta esplanada pavimentada do Monte do Templo, e no centro, iluminado por holofotes, encontrava-se o arredondado cume de ouro do Domo da Rocha.

- Porque transbordarás à mão direita e à esquerda — murmurou Har-Zion - e a tua posteridade possuirá as nações e fará que sejam habitadas as cidades assoladas.

Quantas vezes ele imaginou aquele momento. Durante os sombrios dias de perseguição em sua terra natal, a Ucrânia; no hospital militar, onde aqueles com queimaduras por todo o corpo viviam uma imensa agonia, ele sentia que sua alma estava sendo arrancada. Eles tomaram terras em outros lugares nos últimos anos — fora de Nazaré, perto de Hebrom, ao longo do litoral de Gaza —, mas isso não significava nada; a cidade de Jerusalém, essa sim, não podia pertencer a eles. O Monte Moriá, o Even Shetiyah, onde Abraão subira, a fim de sacrificar seu único filho, Isaac; onde Jacó havia sonhado com uma escada que o levava até o céu; onde Salomão erigiu o primeiro Templo Sagrado... desse modo, de todos os lugares, deixar que aquele permanecesse nas mãos de muçulmanos era algo que só de pensar causava-lhe dor física, como uma ferida aberta.

E agora, finalmente, eles o estavam tomando de volta. Reclamando o que era deles por direito. Yerushalyim de Ouro, capital de Eretz Israel Ha-Shlema, terra natal do povo judeu. Era tudo que pediam. Que possuíssem sua terra natal. Mas os árabes e aqueles que odiavam os judeus iriam negar-lhes isso. Escória. Todos eles. Vermes. Eram eles que deveriam ser colocados em câmaras de gás.

Ele se virou lentamente, observando a cena. Em seguida, procurou algo dentro da sacola de couro e dela retirou um enorme rolo de tecido com duas cordas ali atadas.

— Faça isso — disse ele, entregando o rolo ao companheiro.

O homem avançou na direção da beirada frontal do telhado, ajoelhou-se e começou a amarrar as pontas das cordas a duas hastes dc ferro, esticando-as a partir do piso de concreto. Har-Zion tirou um celular de seu bolso e digitou um número.

— Já estamos aqui — disse ele quando foi atendido. — Comece enviando os outros para baixo.

Ele desligou e guardou o celular novamente em seu bolso. Enquanto isso, seu companheiro terminava dc verificar as cordas e deixava cair o rolo naquele lado da construção. O tecido se desenrolou, emitindo um ruído sibilante, permitindo que uma longa bandeira branca e azul drapejasse sobre a construção de pedra como uma queda-d'água, contendo uma Estrela de Davi em seu centro.

— Louvado seja Deus — disse sorrindo.

— Hallelujah — disse Har-Zion.

Campo de Refugiados de Kalandia,

entre Jerusalém e Ramala

L

ayla al-Madani correu a mão por seu cabelo preto cortado bem curto e observou o rapaz sentado à sua frente, vestindo uma calça bem passada e uma camiseta com a imagem do Domo da Rocha.

— A idéia de matarem mulheres e crianças não preocupa você? O rapaz olhou para ela.

— Preocupa aos israelenses quando nossas mulheres e crianças são assassinadas? Deir Yassin? Sabra e Chatila? Rafah? Isto é

uma guerra, Srta. Madani, e na guerra coisas ruins acontecem.

— Então, se al-Mulatham abordar você...

— Eu me considerarei honrado em deixar de ser um shaheed e me transformar em um mártir por meu povo, pelo meu Deus. Eu me considerarei um homem de sorte.

Ele era um rapaz elegante, com grandes olhos castanhos e mãos de pianista, com dedos longos e delicados. Ela o estava entrevistando para um artigo, sobre jovens palestinos saqueadores de antigüidades que, por causa da influência econômica opressora israelense nos territórios da Palestina, foram obrigados a saquear e roubar artefatos antigos, a fim de conseguirem alguma renda para passar o mês. A conversa havia se voltado, como sempre acontecia com esse tipo de entrevista, para uma discussão mais abrangente, a respeito da opressão militar israelense e dali para o assunto referente aos homens-bombas.

- Olhe pra mim — disse ele, balançando a cabeça. — Olhe pra isso.
Ele girou a mão, mostrando a casa barata de três cômodos retangulares, com seu leito abarrotado de camas e um pequeno fogão no canto.

- Nossa família costumava cultivar uma vinha perto de Belém, duzentos dunum. Então os sionistas chegaram e nos tiraram de lá. E tudo que nos restou é isso. Eu sou formado em engenharia, mas não consigo arranjar um emprego sequer, pois os israelenses cancelaram o meu visto de trabalho; por isso eu vendo antigüidades roubadas, para que possamos comer. A senhorita acha que isso faz com que eu me sinta bem comigo mesmo? Acha que eu tenho grandes expectativas quanto ao futuro? Acredite, se surgisse a chance de me tornar um mártir, eu a aceitaria avidamente. Quanto mais deles eu matar, melhor. Mulheres, crianças, isso não faz diferença. São todos culpados. E eu os odeio. Todos eles.

Ele sorriu, uma discreta e rancorosa expressão que irrompia da parte de baixo de sua face, revelando uma fúria e um desespero

imensos em seu interior. Ficaram em silêncio por um instante, até este ser quebrado pelo som de uma criança brincando no beco do lado de fora. Então Layla fechou o bloco de anotações e o guardou em sua maleta.

— Obrigada, Yunis.

O homem encolheu os ombros, mas não disse mais nada.

Ela encontrou seu motorista, Kamel, do lado de fora da casa, e, juntos, tomaram o caminho para fora do campo; o carro fazia um ziguezague ao descer a rua esburacada em direção à principal rodovia que ligava Ramala a Jerusalém, onde eles ficaram presos em um terrível engarrafamento logo atrás do posto de fronteira de Kalandia. A sua esquerda, as moradias simples do campo estendiam-se ao longo de uma pedreira acinzentada que estava a ponto de desmoronar, como um rochedo de corais em deterioração. À sua direita, a pista do aeroporto de Alarot permanecia vazia e sem vida, como se alguém tivesse talhado uma linha amarelada e suja através da paisagem. Adiante, quatro fileiras de carros no trânsito imóvel se estendiam estrada acima como fitas empoeiradas, afunilando-se em uma única fila no bloqueio israelense, duzentos metros à frente, onde documentos eram verificados, e os veículos, inspecionados. Era uma atividade sem sentido, pois qualquer um que não possuísse a documentação apropriada poderia atravessar a pé, margeando o posto de fronteira, e em seguida conseguir uma carona longe dali, mas os israelenses insistiam em fazer isso. Não se tratava de garantir a segurança, mas de humilhar os palestinos, mostrando a eles quem era o chefe. Ninguém se mete conosco, esta era a mensagem. Nós estamos no controle.

— Kosominumhum kul il-Israelieen — murmurou Layla, deixando sua cabeça tombar para trás e olhando para o teto do carro. — Malditos israelenses.

Vinte minutos se passaram, a fila de carros permanecia imóvel como antes e, de vez em quando, abrindo a porta do carro, ela saía, andando de um lado para outro, esticando as pernas, para em

seguida entrar novamente, pegar sua câmera, uma Nikkon D1X digital, removê-la do estojo, ligá-la e mexer nervosamente nas lentes.

— Olha lá, hein — disse Kamel, encostando a cabeça no volante em sinal de antecipação à longa espera que estava por vir. — Você sabe muito bem o que aconteceu na última vez que tirou fotos num posto de fronteira.

Como ela poderia ter esquecido? Os israelenses confiscaram a câmera, levaram uma hora para liberar o carro de Kamel e, apenas por precaução, também a revistaram, retirando suas roupas.

— Eu serei cautelosa — disse ela. — Confie em mim. Enormes olhos castanhos viraram-se em sua direção.

— Srta. Madani, você é a pessoa menos confiável que conheço. Seu olhar diz uma coisa, mas...

— Sim, sim, há sempre algo diferente em meus olhos. — Ela lançou-lhe um olhar de aborrecimento e, colocando a alça da câmera ao redor do pescoço, virou-se e caminhou entre as filas de carros rumo ao posto de fronteira.

Eles haviam deixado Jerusalém logo no início daquela tarde, dirigindo para Ramala, a fim de cobrirem uma história sobre um colaborador palestino cujo corpo mutilado havia sido encontrado boiando numa fonte no centro da cidade — a oportunidade perfeita para uma reportagem de destaque sobre colaboradores que ela estava preparando para o Guardian. Foram necessárias apenas algumas horas de pesquisa. Enquanto estavam por lá, no entanto, houve um outro ataque de homens-bomba, em um casamento na cidade de Tel Aviv, e os israelenses fecharam toda a Cisjordânia. Como não tinha escolha, precisou dormir na casa de um antigo amigo da universidade, enquanto um helicóptero americano Apache AH-64 que transportava soldados pairava em represália junto a diversos edifícios da Autoridade Palestina, que estavam quase destruídos por causa da última retaliação sofrida.

Sua estada ali não foi de maneira nenhuma um desperdício de tempo. Ela conseguiu a matéria sobre a pilhagem de antigüidades e deu um jeito de conseguir uma entrevista com Sa'eb Marsoudi, um dos líderes da primeira Intifada e uma estrela em ascensão na política palestina. Tratava-se de um homem carismático — jovem, veemente, bonito, com cabelos bem pretos e um keffiyeh xadrez envolvendo o seu pescoço — e, como sempre, deu a ela ótimas informações. Agora, no entanto, tudo que queria era retornar a Jerusalém. Chayalei David, os Guerreiros de Davi, haviam aparentemente se apropriado de um edifício na Cidade Antiga, o que parecia ser uma boa matéria; e ela estava atrasada há uma semana com um artigo para o al-Ahram a respeito da desnutrição entre as crianças palestinas. E, mais do que qualquer outra coisa, queria apenas voltar ao seu apartamento para tomar um banho; como a FDI havia cortado o fornecimento de água de Ramala, ela não havia tomado um banho adequado desde a manhã anterior. Um cheiro acre era sentido em sua blusa e em sua calça.

Layla parou a cerca de vinte metros do posto de fronteira. Uma caminhonete repleta de melancias havia recebido ordens para voltar, e o motorista gritava e gesticulava para um dos soldados que apenas o olhava desinteressado pelo espelho, movimentando os lábios apenas para dizer a palavra ijmia, retorne. Veículos enfileiravam-se do lado oposto também, saindo de Jerusalém, embora não houvesse tantos quanto do lado que se dirigia para Jerusalém. À sua esquerda, uma ambulância do Crescente Vermelho permanecia ali, parada, com as luzes vermelhas girando inutilmente.

Ela vinha escrevendo a respeito de cenas dessa natureza há mais de uma década, publicando tanto em árabe quanto em inglês, em vários órgãos de imprensa, do Guardian ao al-Ahram, do Palestinian Times ao New Internationalist. Depois do que havia acontecido ao seu pai não foi fácil restabelecer-se, principalmente nos primeiros dias após seu retorno da Inglaterra, quando teve que lidar com todo tipo de sujeira. Contudo, ela trabalhou arduamente para conseguir a confiança das pessoas, para dar prova de seu valor, para mostrar-se

uma verdadeira palestina, e, embora houvesse sempre aqueles como Kamel que nunca estariam completamente convencidos, a maioria tinha, por fim, a aceitado, conquistados por sua franqueza cm nome da causa palestina. "Assadiqa" era como a chamavam agora — aquela que contava a verdade. Os israelenses eram, de alguma maneira, menos entusiasmados. "Mentirosa", "Anti-semita", "Terrorista" e "Vadia Intrometida" eram apenas alguns dos títulos adquiridos no decorrer dos anos. E estes eram os melhores entre os demais.

Depois pegou um chiclete de um pacotinho e o colocou na boca, perguntando-se se deveria prosseguir até o posto e apresentar sua credencial da imprensa para acelerar as coisas. Seria uma perda de tempo, visto que — com credencial ou não — isso não alteraria nada o fato de ser uma palestina. Observou a cena por mais um tempo, depois se virou e começou a voltar pelo caminho de onde viera, balançando a cabeça exaustivamente; o chão tremia sob seus pés enquanto um par de blindados Merkava passava ruidosamente no lado oposto da estrada, portando bandeiras israelenses azuis e brancas, as quais tremulavam de suas torres.

— Kosominumhum kul il-Israelieen — murmurou ela.

LUXOR

O

Dr. Ibrahim Anwar, patologista-chefe do Hospital de Luxor, possuía muitos hábitos irritantes, mas nenhum era mais peculiar do que o seu costume de abandonar um trabalho a ser realizado para jogar uma boa partida de dominó. A paixão de Anwar por aquilo a que se referia como "o jogo de mesa dos deuses" já havia atrasado muitas investigações no decorrer dos anos e estava atrasando outra novamente, em relação ao caso Jansen. Ele havia conduzido um

exame inicial do corpo em Malkata, enviando-o em seguida ao Necrotério Público de Luxor, do outro lado do rio. Em vez de realizar a autópsia naquela mesma noite, no entanto, como Khalifa esperava que acontecesse, o patologista protelou para que pudesse participar de uma competição interdepartamental de dominó. Em razão disso, já era quase meio-dia do dia seguinte quando finalmente ligou para a delegacia, a fim de informar a Khalifa que o resultado da necrópsia estava pronto.

Já não era sem tempo — disparou Khalifa, irritadamente apagando seu décimo-quinto cigarro do dia em um cinzeiro lotado. — Eu esperava ter tido isso em minhas mãos na noite de ontem.

Quem espera sempre alcança — disse Anwar, com uma risada calorosa. - caso interessante, a propósito. Muito... intrigante. De qualquer modo, minha secretária está terminando de digitar o laudo. Eu posso enviá-lo pra você, ou pode passar aqui e pegá-lo você mesmo. A escolha é sua.

- Eu mesmo pego — disse Khalifa, sabendo que, se deixasse a critério de Anwar, acabaria esperando dias. — Só me diga se foi um acidente ou um crime.

- Ah, com certeza um crime — respondeu o patologista. — Um tremendo crime, embora não da forma como você está imaginando.

- Que raios você quer dizer com isso?

— Eu poderia dizer que se trata de uma história complicada e com um final, digamos, picante. Passe aqui, e tudo será revelado. Penso que você irá achar que eu me superei desta vez, Khalifa. Eu realmente me superei.

O detetive deixou escapar um suspiro de exasperação e, ao dizer a Anwar que estaria no hospital em vinte minutos, desligou. Mohammed Sariya entrou no escritório.

— Aquele maldito patologista — resmungou Khalifa. — Ele é uma desgraça.

— Ele terminou a autópsia?

— Parece que sim. O homem não poderia ser mais lento mesmo se fosse um jabuti centenário. Vou passar lá agora para pegar o relatório. Algum progresso?

Enquanto Khalifa estava na delegacia, esperando a ligação de Anwar, Sariya havia passado toda a manhã investigando as pistas que seu chefe encontrara na casa do falecido na noite anterior.

— Não muito — ele respondeu, cruzando a sala ate a mesa e se sentando. O Banco Misr está passando por fax as cópias de seus extratos do último ano, e solicitei à companhia telefônica um detalhamento de suas ligações no mesmo período. Também consegui contactar a faxineira dele.

— Alguma coisa?

— Sobre como preparar da melhor forma um molochia, mais do que você poderia imaginar. Quanto a Jansen, quase nada. Ela ficava na residência apenas algumas horas, duas vezes por semana, limpava as coisas e fazia as compras. Ele cozinhava para si mesmo. Aparentemente, ela nunca entrou no porão. Não tinha permissão.

— Tem testamento? — perguntou Khalifa. — Você falou com o procurador dele?

Sariya aquiesceu. — Ele certamente preparou um testamento, pois seu procurador confirmou isso. Entretanto, ele não tem nenhuma cópia em seus arquivos. Said Jansen guardou uma para si mesmo e enviou a outra aos cuidados de um amigo que vive no Cairo.

Khalifa suspirou e, levantando-se, removeu sua jaqueta do espaldar da cadeira.

— OK. Comece procurando algo no passado de Jansen, tá bom? Quanto tempo viveu no Egito, onde morou antes de vir pra cá, o que ele fazia quando morava em Alexandria. Qualquer coisa que possa

descobrir. Há algo de errado com esse cara. Ou ao menos algo que não está certo. Eu pressinto isso.

Ele vestiu sua jaqueta e atravessou a sala. Quando chegou à porta, voltou-se.

— A propósito, você não chegou a descobrir de onde vem o nome Arminius, não é?

- Na verdade, descobri sim — disse Sariya, parecendo satisfeito consigo mesmo. — Eu fiz uma pesquisa na internet. - E?

Aparentemente, tratava-se de um cara da Alemanha de algum tempo atrás. Um tipo de herói, evidentemente.

Khalifa estalou os dedos em sinal de reconhecimento.

- Eu sabia que já tinha ouvido esse nome antes. Bom trabalho, Mohammed. Muito bom trabalho.

Ele passou pela porta e saiu pelo corredor com as mãos enfiadas nos bolsos, perguntando-se porque será que alguém da Holanda colocaria no cachorro o nome de um herói nacional alemão.

Para variar, Anwar não estava quando Khalifa chegou ao escritório quinze minutos depois. Enquanto uma enfermeira de uniforme azul procurava por ele, o detetive ficou na janela, observando a área externa do hospital, onde um grupo de operários estava cavando uma vala paralela a um trecho gramado; os golpes ritmados de tourias ecoavam intensamente em sua direção. Seus pulmões ansiavam por um cigarro, mas ele resistiu à tentação. Anwar era terminantemente contra o fumo; portanto, pulmões ansiosos, apesar de contrariados, eram preferíveis àquele discurso do patologista, que dizia: "Se você quer se envenenar, vá em frente, só não faça isso perto de mim." Khalifa roeu as unhas, abriu a janela e inclinou-se para fora com os cotovelos apoiados no peitoril, observando uma criança perseguir uma borboleta ao redor do estacionamento do hospital.

Havia algo de errado naquele caso. Ele tentava dizer a si mesmo que estava apenas imaginando coisas, emaranhando-se demais na circunstância, mas isso não fez diferença. Cada pequeno elemento, cada fragmento da pintura — a bengala do homem morto, seu ódio por judeus, a casa ao lado do Templo de Carnaque, o estranho chapéu com penas—, tudo isso fez com que ele ficasse ainda mais intrigado; assim, o que havia começado como um leve pulsar de incerteza agora tinha se expandido em uma corrosiva sensação de pânico na boca do estômago.

É verdade, ele sempre vivenciava uma forte adrenalina no começo de um caso, uma furiosa e extenuante agitação da mente enquanto se esforçava em tornar-se um perito na análise de todos os elementos do problema e organizá-los de maneira compreensível. Aquele caso, no entanto, era diferente, mas o que realmente o preocupava no momento não era necessariamente aquela investigação, mas, antes, uma anterior, de alguns anos atrás, bem no início de sua carreira como policial. Um assassinato, o primeiro do qual participara, um caso horrível, brutal. Schlegel. Este era seu sobrenome. Hannah Schlegel. Israelense. Judia. Um caso hediondo. E agora, repentinamente, do nada... surgem ecos. Nada concreto. Nada em que ele pudesse se apegar com certeza. Apenas coincidências, flashes momentâneos de um passado sombrio. Bengala, oponentes de judeus, Carnaque, penas — as palavras continuavam soando em seus ouvidos como um mantra, agindo como um veneno.

— Isso é loucura — ele resmungou para si mesmo, mordiscando o polegar. — Isso aconteceu há quinze anos, pelo amor de Deus. Assunto encerrado. — Mesmo enquanto dizia isso, no entanto, pressentia que não havia terminado de jeito nenhum. Ao contrário, ele tinha uma sensação desagradável de que alguma coisa estava apenas começando.

— Pro inferno Jansen — ele praguejou. — Quem mandou morrer desse jeito.

— É exatamente o que eu sinto também — ouviu uma voz logo atrás dele. — Embora, é claro, se ele não tivesse morrido, eu não teria a satisfação de resolver o caso pra você.

Khalifa se virou, aborrecido com o fato de que seus pensamentos haviam sido interrompidos. Anwar estava em pé na porta, segurando um copo fumegante.

— Eu não ouvi você.

— Não fico surpreso — respondeu o patologista. — Você estava a quilômetros daqui.

Ele tomou um gole de sua bebida e levantou o copo, observando o líquido amarelo descorado.

— Yansoon — ofereceu, com um sorriso. — O melhor de Luxor. Uma das enfermeiras-chefe preparou para mim. Que coisa maravilhosa. Tão relaxante. Você deveria experimentar um dia desses.

Ele piscou para Khalifa, em seguida atravessou a sala, rumo à sua mesa, e se sentou, balançando o conteúdo do copo enquanto vasculhava a pilha de papéis amontoados à sua frente.

— E agora, mas em que raio de lugar eu o coloquei? Estava comigo há... ah, está aqui!

Ele se sentou novamente, exibindo um pequeno documento digitado. — Laudo de Autópsia de Piet Jansen — disse ele lendo o título no alto do documento. —Mais um triunfo de Anwar!

Ele olhou para Khalifa, dando um sorriso malicioso. O detetive buscou por cigarros em seu bolso, um movimento involuntário que ele abortou no meio do caminho, colocando, ao contrário, suas mãos no parapeito da janela. - Vamos, continue — disse ele. — Fale sobre o que descobriu.

- Com prazer — respondeu Anwar, instalando-se novamente na cadeira. - Para começar, posso lhe dizer que nosso homem foi assassinado.

Khalifa se inclinou levemente.

- E posso lhe dizer que estou bem certo de que conheço a identidade do culpado. Eles estavam, eu suspeito, agindo em legítima defesa, embora isso de forma alguma diminua a gravidade do crime, nem o fato de que Jansen tenha sofrido uma morte extremamente desagradável e dolorosa.

Ele parou para um efeito dramático.

Ele só pode ter ensaiado isso, pensava Khalifa.

- Antes que eu revele o nome do assassino, contudo, acho que seria instrutivo trazer à nossa lembrança as circunstâncias precisas nas quais o corpo de Jansen foi encontrado.

Khalifa abriu a boca para dizer que se lembrava perfeitamente das circunstâncias, mas calou-se novamente, aceitando, de sua longa experiência, que Anwar iria fazer exatamente o que queria no seu próprio ritmo, e nenhuma reclamação da parte de Khalifa iria mudar aquilo.

- Você tem todo o tempo do mundo — ele murmurou, acenando com a mão em uma desanimada resignação.

- Obrigado. Sei que não desapontarei você. O patologista tomou outro longo e lento gole de sua bebida e soltou o copo novamente.

- Então - ele retomou —, vamos ao cenário. O corpo do nosso homem, você se lembra, foi encontrado com a face voltada para baixo, na terra, com uma estaca de ferro disforme perfurando a cavidade ocular. Também havia um enorme trauma nos ossos zigomáticos, esfenóides e lacrimais, e em todo o lado esquerdo do cérebro, o qual, francamente, mais parecia uma tigela com pasta de beringela, ele também sofreu uma considerável laceração no lado

direito do crânio, bem acima da orelha, claramente causada por um outro objeto, e não pela estaca. Alem disso, foi possível notar outras pequenas lacerações na palma esquerda - o patologista levantou sua mão para ilustrar esse ponto — e no joelho esquerdo, assim como uma área de descoloração e inchaço em volta da base de seu polegar direito, logo abaixo da primeira junta sinovial. Você provavelmente não reparou nesse ponto, já que a mão estava posicionada sob o corpo. Havia também traços de barro seco embaixo das unhas dessa mesma mão.

Ele sorveu o restante do yansoon e, com um leve arroto, colocou o copo ao lado.

— A três metros do corpo — continuou ele — havia sinais de desordem no chão do deserto, como se tivesse ocorrido algum tipo de luta, e também a protuberância de uma pedra detinha traços de sangue em um dos lados. A duzentos metros atrás desse local, a mochila do falecido e uma bengala foram encontradas ao lado de um muro de tijolos de barro pintado que ele, evidentemente, estava tentando desmantelar. Mas, para conseguir isso, parece que ele afrouxou os tijolos com um martelo e uma talhadeira, e em seguida os arrancava com as mãos, o que o levou a ter vestígios de barro sob suas unhas.

Ele colocou os cotovelos sobre a mesa e juntou as mãos à sua frente.

— Tantas coisas num único cenário. A questão é: como tudo isso, estas diferentes partes do quadro, realmente se relacionam?

Mais uma vez, a mão de Khalifa, como que independente do restante do corpo, procurou por cigarros, E mais uma vez ele desviou a atenção, no último instante, colocando-a no bolso da calça.

— Diga-me o que sabe.

— Eu certamente direi — respondeu Anwar. — Vamos dar uma olhada em cada peça deste quebra-cabeça separadamente? Primeiro, a estaca de ferro. As feridas que ela infligiu eram, naturalmente, fatais. Mas não foi a causa de sua morte. Ou melhor, Jansen teria morrido de qualquer maneira, independentemente de ter caído sobre ela ou não.

Os olhos de Khalifa se estreitaram. Sem querer, estava interessado.

— Continue.

— A laceração na lateral do crânio serviu na realidade para nos despistar. De fato, foi causada pela pedra manchada de sangue. Mas não era algo tão letal assim, mesmo para um homem tão idoso quanto Jansen. Não foi encontrada nenhuma lesão abaixo do crânio, nem nenhuma ferida profunda ou significativa. Tratava-se apenas de um desagradável ferimento superficial, nada mais.

— Então, se ele não morreu por causa de uma pancada na cabeça, nem por causa de uma estaca espetada em seu cérebro, como é que ele morreu?

Anwar bateu a mão contra o peito.

— Infarto do miocárdio.

— O quê?

— Ataque cardíaco. O homem sofreu uma enorme oclusão da coronária, causada por trombose, e, subseqüentemente, uma parada cardíaca. As chances são de que estivesse morto antes mesmo de ter sido atingido pela estaca.

Khalifa deu um passo adiante.

— Mas o que você está dizendo? Que alguém o atingiu com uma pedra na cabeça e seu coração parou de funcionar?

O patologista deu um largo sorriso, apreciando o jogo.

— Ninguém o acertou com uma pedra na cabeça. A laceração foi um acidente.

— Mas você disse que ele foi assassinado!

- E foi.

- Mas como?

- Envenenado.

Khalifa bateu com força na parede, demonstrando sua irritação.

- Mas que droga, Anwar, de que raios você está falando?

- Exatamente o que eu disse. O assassino de Piet Jansen o envenenou, e aquele veneno, direta ou indiretamente, provocou o ataque cardíaco, o que em seguida matou o pobre homem. Eu realmente não posso ser mais claro sobre os fatos aqui apresentados. O que você não conseguiu entender?

Khalifa rangeu os dentes, determinado a não cair na provocação do ar de superioridade do patologista.

- E quem precisamente seria o misterioso envenenador? — perguntou ele, tentando manter a voz num tom educado. — Você disse que sabia quem era.

- Ah, e sei mesmo. — Anwar gargalhou. — Realmente sei. Novamente ele se permitiu uma pausa, para causar um efeito dramático. Em seguida, inclinando-se, ergueu a mão com a palma para cima, fechou os dedos firmando o punho, estendeu apenas o dedo indicador e, com um movimento rápido, curvou o dedo, fazendo um anzol.

- O nome do vilão — anunciou ele, ostensivamente — é Sr. Akarab. — Repetiu o movimento, virando o dedo indicador em direção à palma da mão.

- Akarab - repetiu Khalifa, um tanto confuso. — Você quer dizer...

O patologista sorriu. — Exato. Nosso amigo Jansen foi picado por um akarab. Um escorpião.

Ele curvou o dedo mais uma vez, imitando a ação da cauda de um escorpião, e então se deixou cair de costas em sua cadeira, gargalhando.

— Eu disse pra você que seria uma história com um final picante! — Ele deu uma risada estrondosa. — Aguarde até que eu conte aos

rapazes sobre isso. "O conto picante sobre o envenenador de Malkata!" Ou deveria ser "O picante envenenador de Malkata"? Rá-rá-rá!

— Muito engraçado — respondeu Khalifa, sorrindo sem querer. — Eu presumo que o inchaço sob o polegar dele seja...

— O lugar onde foi picado — Anwar disse gaguejando, tentando recuperar o fôlego. — Exatamente. Ao julgar pela cor e tamanho, foi uma picada e tanto. Provavelmente causada por um escorpião adulto, e não por um mais jovem. Incrivelmente doloroso.

Ele se levantou e, ainda rindo consigo mesmo, foi até uma pia no canto da sala, abriu a torneira e despejou um pouco de água em um copo.

— Meu palpite é que as coisas aconteceram mais ou menos assim. Jansen foi a Malkata para surrupiar alguns tijolos de barro decorados, afrouxou algum deles com o martelo e a talhadeira, colocou a mão na cavidade para soltá-lo e pronto! É abatido pelo Sr. Escorpião. A dor que sentia era tanta, que não se importou em deixar a mochila e a bengala, e cambaleou até o carro, presumivelmente na intenção de pedir ajuda. Depois de caminhar uns cem metros, o veneno provocou um tremendo ataque cardíaco, e ele se ajoelhou; durante esse processo, arranhou a mão e os joelhos, além de cortar a cabeça na pedra, embora seja concebível que ele tenha sofrido o infarto depois de cair. Seja lá como for, ele se arrastou no chão pelo local por algum tempo, de alguma maneira conseguiu se levantar, cambaleou mais alguns metros e tombou novamente, dessa vez sendo atingido no globo ocular pela estaca. Tchauzinho, Sr. Jansen.

Khalifa repassou a seqüência dos acontecimentos mais uma vez em sua cabeça. Ele se sentia perturbado com a sensação de que Anwar parecia ter resolvido o caso. Mas também aliviado. A inexistência de um assassinato resultava na inexistência da necessidade de uma investigação, e, apesar de as antigüidades encontradas no porão de Jansen precisarem de inspeção, parecia não ser mais necessário

sair por aí investigando profundamente o passado daquele homem, o que era uma boa notícia, pois, para ser honesto consigo mesmo, Khalifa estivera aterrorizado com a idéia do que poderia vir à tona daquele passado.

— Bem — disse ele, deixando escapar um intenso suspiro —, pelo menos isso explica tudo.

- Realmente explica sim — disse Anwar, bebendo um copo de água e atravessando a sala em direção à sua mesa, onde ele pegou o laudo da autópsia e entregou ao inspetor. — Está tudo aí, junto com algumas outras observações que poderiam ser de interesse.

Khalifa folheou as páginas.

- Que tipo de observações?

Ah, apenas pontos gerais de teor médico. Que ele tinha câncer de próstata em estágio avançado é um dos pontos. O que talvez lhe desse apenas mais alguns poucos meses de vida, de qualquer forma. E havia uma grande quantidade de antigas escoriações em seu joelho esquerdo, o que provavelmente remetia à necessidade de apoiar-se na bengala. Ele também mentiu sobre a idade. Ou ao menos forneceu a idade errada em sua carteira de identidade.

Khalifa o olhava com ares de dúvida.

- Eu admito que não sou um especialista nessa área — disse Anwar —, mas de acordo com seu documento de identidade, ele nasceu em 1925; ou seja, ele teria cerca de oitenta anos de idade. Mas, se o estado de seus dentes e gengivas era algo a considerar, contudo, eu apostaria meu salário que ele teria pelo menos uns dez anos a mais. Isso não muda nada, mas achei que deveria indicar no laudo, de qualquer modo.

Khalifa considerou a informação por um momento, depois aquiesceu, colocou o laudo no bolso de sua jaqueta e caminhou em direção à porta.

- Bom trabalho, Anwar — disse ele por sobre o ombro. — Detesto dizer isso, mas estou impressionado.

Ele alcançou a porta e estava para sair no corredor quando Anwar o chamou.

- Uma coisa engraçada.

Khalifa se virou.

- Que eu não me importei em mencionar nas observações, pois não parecia algo relevante, mas nosso homem sofria de sindatilismo nos pés.

O detetive retrocedeu um passo, sua face denotando confusão.

- O que isso significa?

- Basicamente é uma fusão congênita das falanges, ou seja, dos dedos. Muito raro. Em termos leigos, o homem tinha pés com membranas. Ele era como...

— Um sapo.

A cor da face de Khalifa desapareceu.

— Você está se sentindo bem? — perguntou Anwar. — Você parece que viu um fantasma.

— Acabei de ver — sussurrou o detetive. — Seu nome é Hannah Schlegel, e fiz uma coisa terrível. Realmente terrível.

JERUSALÉM

J

á estava no meio da tarde quando Layla finalmente conseguiu voltar para Jerusalém. Kamel a deixou no fim da Estrada de Nablus e, com um vago aceno de cabeça, partiu, desaparecendo pela esquina da Rua Sultão Suleiman. Tinha começado a garoar, uma precipitação fresca e suave que caía como um véu crescente, umedecendo seus cabelos e sua jaqueta, instalando-se silenciosamente sobre os telhados e o calçamento. Ainda era possível ver uma pequena nesga de céu azul sobre o Monte Scopus, ao leste, mas ali mesmo o céu estava acinzentado e carregado, pressionando a cidade como uma enorme tampa de aço.

Ela comprou seis pães recém-assados numa tenda instalada na avenida e começou a subir a colina. Passou pela entrada do Jardim da Tumba, pelo Hotel Jerusalém e por uma fila de palestinos exaustos, aguardando para renovar o visto de residência do lado de fora da catraca de metal cinza do escritório do Ministério do Interior de Israel, depois se transformando num caminho estreito dividido entre uma mercearia e uma padaria, em frente dos altos muros que envolviam a École Biblique. Um idoso vestido com um terno cinza surrado e uma keffiyeh estava sentado lá dentro, inclinando sua bengala e observando a chuva.

— Salaam alekum, Fathi — disse ela.

O velho levantou os olhos, piscando um pouco, e então ergueu sua mão artrítica para cumprimentá-la.

— Estávamos preocupados com você. — Ele tossiu. — Pensamos que talvez tivesse sido presa.

Layla sorriu.

— Os israelenses não se atreveriam. Como está Ataf?

— O velho encolheu os ombros, seus dedos enrugados batendo levemente no suporte da bengala.

— Mais ou menos. A coluna não está boa hoje, e por isso ela ficará na cama. Você quer chá?

Layla negou com a cabeça.

- Eu preciso tomar um banho e depois tenho que trabalhar. Talvez mais tarde. Diga a Ataf para me falar se precisa de alguma coisa do mercado.

Ela passou pelo homem e, atravessando o saguão de entrada, subiu dois lances de escadas de pedra em direção ao seu apartamento, que ocupava o andar superior da casa. Era um espaço simples, mas com pé-direito alto e ar fresco. Tinha dois quartos, um dos quais ela usava como seu escritório, uma grande sala de estar e, nos fundos, uma pequena cozinha e um banheiro. Uma estreita escada de concreto dava acesso ao telhado do apartamento pelo banheiro, permitindo a vista do Portão de Damasco e do enorme alvoroço da Cidade Antiga. Estava morando ali há quase cinco anos, alugando o lugar de um comerciante local cujos pais, Fathi e Ataf, moravam no andar térreo e atuavam como os zeladores do imóvel. Com o que recebia trabalhando como freelancer, ela poderia facilmente pagar por algo mais sofisticado — no distrito de Sheikh Jarrah, por exemplo, com seus condomínios de apartamentos e casas com o pé-direito alto. Ela havia tomado a decisão consciente de permanecer ali no coração de Jerusalém Oriental, no entanto, entre o alvoroço, o barulho e o lixo. Era na verdade uma mensagem: "Eu não sou como esses jornalistas que conseguem o que querem do povo e regressam para a segurança do Hilton ou da colônia americana. Sou uma de vocês. Uma palestina." Era um pequeno gesto, mas necessário. Ela sempre precisou continuar provando isso a si mesma, mantendo sua imagem Layla jogou seus pertences no sofá — o qual, juntamente com uma pequena mesa de jantar, uma televisão e duas poltronas puídas, compunha todos os moveis da sala de estar — e, pegando uma Evian na geladeira, foi para o escritório. A luz de mensagens gravadas na secretária eletrônica estava acesa e, ao tomar um gole de água, atravessou o quarto e sentou-se à escrivaninha, olhando, como sempre fazia, para o retrato emoldurado no alto da parede, com seu pai vestido com o jaleco branco de médico e seu estetoscópio. Era a fotografia dele da qual ela mais gostava, a única que guardou depois de sua morte, e

naquele momento ela sentia um leve aperto em sua garganta antes de voltar novamente o olhar para baixo e apertar o botão.

Havia onze mensagens. Uma vinda do Guardian, que cobrava o artigo sobre os colaboradores palestinos; outra de Tom Roberts, um cara do Consulado Britânico que estava tentando, sem sucesso, conquistá-la nos últimos seis meses; uma outra, era de sua amiga Nuha, perguntando se gostaria de encontrá-la para um drinque no Hotel Jerusalém; e outra de Sam Rogerson, um contato da Agência Reuters, alertando-a sobre a ocupação dos Guerreiros de Davi na Cidade Antiga, sobre a qual ela já tinha ficado sabendo em Ramala. O restante eram apenas insultos e ameaças de morte. "Tenho nojo de você, sua mentirosa, prostituta ordinária e imunda." "Aproveite o dia, Layla, pois pode ser o seu último." "Estamos de olho em você, e um dia desses vamos aparecer por aí e meter uma bala na sua cabeça. Depois de te estuprar, é claro." "Vamos enfiar uma faca nessa sua boceta fedorenta, sua amante de árabes, e partir você ao meio, sua putona mentirosa." "Morte aos árabes! Israel! Israel!”

A julgar pela pronúncia, muitas das ligações eram, como sempre, feitas por israelenses ou americanos. Ela mudava o número de telefone regularmente, mas eles sempre pareciam descobrir o novo número um dia ou dois depois de instalado, e as chamadas continuavam sem interrupção. Anos atrás, quando estava ainda no início de sua carreira, eles a incomodavam. Mas agora ela já se acostumara, e os insultos não surtiam mais efeito; ela ficava mais estressada com o assédio dos editores por causa das matérias. Somente à noite, no silêncio e sozinha, uma ponta de medo aparecia, e o horror em relação com o que ela havia se envolvido infiltrava-se, como um veneno, em sua corrente sangüínea. As noites às vezes eram terríveis. Verdadeiramente terríveis.

Ela esperou pela última mensagem, embora não estivesse gostando, e apagou cada uma delas. Colocou o celular para recarregar e fez algumas ligações rápidas — uma para Nuha, a fim de confirmar o drinque, mais tarde naquela noite; outra para obter detalhes sobre a ocupação judaica de uma casa na Cidade Antiga. Ela havia escrito diversos artigos sobre o Chayalei David e,

recentemente, tinha sido solicitada para realizar uma pesquisa detalhada sobre o perfil do líder do grupo, um colono nascido na antiga União Soviética, chamado Baruch Har-Zion, para o New York Review. A atual ocupação iria fornecer uma ótima oportunidade para isso, e ela se perguntava se não deveria partir para a Cidade Antiga imediatamente. Decidiu que algumas horas não fariam qualquer diferença e, ao terminar de beber sua água, foi para o quarto e tirou a roupa.

Layla tomou uma longa e quente chuveirada, passando o sabonete vigorosamente sobre a pele, inclinando a cabeça para trás, deixando que a água caísse em seu rosto e no alto da cabeça, suspirando com o prazer propiciado pelo jato quente que retirava a sujeira e o suor de sua pele. Nos últimos trinta segundos, girou a torneira de água fria e, em seguida, vestindo um roupão DE banho, voltou ao escritório, onde se sentou, ligando seu laptop Apple.

Ela trabalhou durante as duas horas seguintes, terminando a reportagem que havia começado sobre a desnutrição entre as crianças palestinas, e começando o artigo sobre os colaboradores solicitado pelo Guardian, de vez em quando se reportando aos rabiscos de suas anotações, mas na maioria das vezes compondo o texto somente de memória; seus dedos dançavam pelo teclado, enquanto as imagens e os sons em sua cabeça transformavam-se facilmente em palavras na tela do laptop.

Curiosamente, considerando-se a facilidade com que lidava com isso, o jornalismo não foi nem a primeira nem a segunda opção para sua carreira. Quando era ainda adolescente, antes do assassinato de seu pai, ela desejava tornar-se médica, como ele, trabalhando nos campos de refugiados de Gaza e na Cisjordânia. Depois, mais tarde, na Universidade Beir Zeit, onde pôde ler a respeito da história contemporânea árabe, ela cogitou a idéia de partir para a política. Por fim, no entanto, percebeu que o jornalismo lhe propiciaria as melhores oportunidades para realizar aquilo que entendia como sua missão de vida.

Depois de graduar-se, conseguiu um emprego no diário al-Ayyam, onde o então editor, um homem corcunda e fumante compulsivo, chamado Nizar Suleiman, colocou-a sob sua proteção, mesmo recebendo muitas críticas, pois a história da família dela era bastante conhecida. Sua primeira matéria, um artigo sobre a doutrinação nos campos palestinos, onde garotos já aos seis anos aprendiam canções anti-semitas e a arte de produzir o coquetel molotov (o segredo é ter muita vaselina ao redor; assim, a gasolina, que é altamente inflamável, iria aderir ao alvo), passou por dezesseis revisões, até que Suleiman, com má vontade, consentisse em publicá-la. Ela ficara tão desesperada, que havia pensado em desistir da reportagem, naquele momento. Ele se recusou a permitir: "Se você desistir agora, pode ter certeza de que eu mesmo vou mandar você embora!" Sua segunda matéria, sobre o deslocamento das tribos nativas de beduínos feito por Israel no Neguev, passou apenas por cinco revisões. A terceira matéria, sobre os palestinos que, por causa de suas necessidades econômicas, eram forçados a aceitar empregos ajudando a construir assentamentos judaicos, foi vendida para três diferentes jornais e ganhou seu primeiro prêmio de jornalismo.

Depois disso, sua fama cresceu continuamente. Sua formação multicultural — mãe inglesa, pai palestino — e o profundo conhecimento do mundo palestino, sem mencionar a fluência nos idiomas árabe, hebraico, inglês e francês, propiciavam a ela uma vantagem em relação a vários outros correspondentes; ela também já tinha recebido propostas de trabalho do Guardian e do New York Times (e rejeitou as duas). Mas continuava trabalhando para o al-Ayyam há quatro anos, desde que se tornara freelancer, escrevendo sobre todo tipo de assunto, desde o uso da tortura pelos serviços de segurança israelenses a projetos de cultivo de espinafre na Baixa Galiléia, ganhando reputação — dependendo da maneira como se enxerga isso — tanto pelas matérias jornalísticas veementes e engajadas quanto pelos preconceitos anti-israelenses.

A acusação de preconceito era uma das críticas — e havia muitas delas — constantemente dirigidas contra ela: que só mencionava

um lado da história; dava voz ao sofrimento palestino, mas ignorava o sofrimento dos civis israelenses; relatava o horror dos campos de refugiados, mas nunca o horror das pessoas inocentes reduzidas a fragmentos por causa de um homem-bomba ou de um carro-bomba. Isto não era totalmente justo. Por anos a fio, ela escreveu diversos artigos sobre o infortúnio dos civis israelenses, a corrupção predominante e os abusos dos direitos humanos dentro da Autoridade Palestina. A realidade, contudo, era que não se tratava de um conflito que pudesse ser relatado objetivamente. No entanto, por mais que ela se empenhasse em garantir a imparcialidade, no final era impossível não tomar partido. E, de qualquer maneira, considerando seu passado, ela não podia permitir-se ser vista satisfazendo as suscetibilidades dos israelenses.

Ela digitou quase mil palavras no artigo a respeito do colaborador, depois enviou por e-mail a matéria sobre a desnutrição infantil para o escritório do al-Ahram no Cairo e desligou seu laptop. Ela não tinha dormido muito bem nos últimos dias, e suas pálpebras estavam pesadas. Anos de reportagens, com horários imprevisíveis e prazos apertados, fizeram com que ela se acostumasse ao cansaço. No entanto e de qualquer maneira, ela pretendia ir até a Cidade Antiga para verificar a ocupação. Vestiu uma roupa qualquer, ao mesmo tempo que mastigava avidamente uma maçã, depois apanhou seu bloco de anotações e a câmera, atravessou o apartamento e abriu a porta da frente.

Fathi, o zelador, estava naquele momento subindo as escadas, respirando com dificuldade, segurando com uma das mãos a sua bengala enquanto a outra segurava um envelope.

- Isto chegou hoje pela manhã — disse ele. — Eu me esqueci de falar mais cedo. Sinto muito.

Ele entregou o envelope para ela. Não continha remetente ou endereço, apenas seu nome escrito com tinta vermelho-sangue, as letras vigorosamente alinhadas, como uma fila de soldados em posição de sentido.

- Quem entregou? — perguntou ela.

- Um garoto — respondeu o idoso, virando-se para descer as escadas novamente. — Nunca o vi antes. Apareceu de repente, perguntou se você morava aqui, entregou o envelope para mim e partiu.

- Palestino?

- É claro que ele era palestino. Desde quando garotos judeus visitam esta parte da cidade?

Ele acenou com a mão, num gesto que dizia "Que pergunta ridícula!", e desapareceu pelo corredor.

Layla virou o envelope em sua mão, examinando, procurando fios ou algum outro conteúdo potencialmente ameaçador. Satisfeita de que era algo seguro, levou-o para dentro do apartamento e o colocou sobre sua escrivaninha, abrindo-o cuidadosamente e retirando duas folhas de papel grampeadas; a maior era uma carta com as mesmas inscrições arredondadas, em estilo gótico, que estavam no envelope; a outra, uma fotocópia em papel A4, parecia um tipo de documento antigo. Ela observou brevemente essa última e em seguida voltou sua atenção para o bilhete em anexo, que fora escrito em inglês:

Senhorita al-Madani,

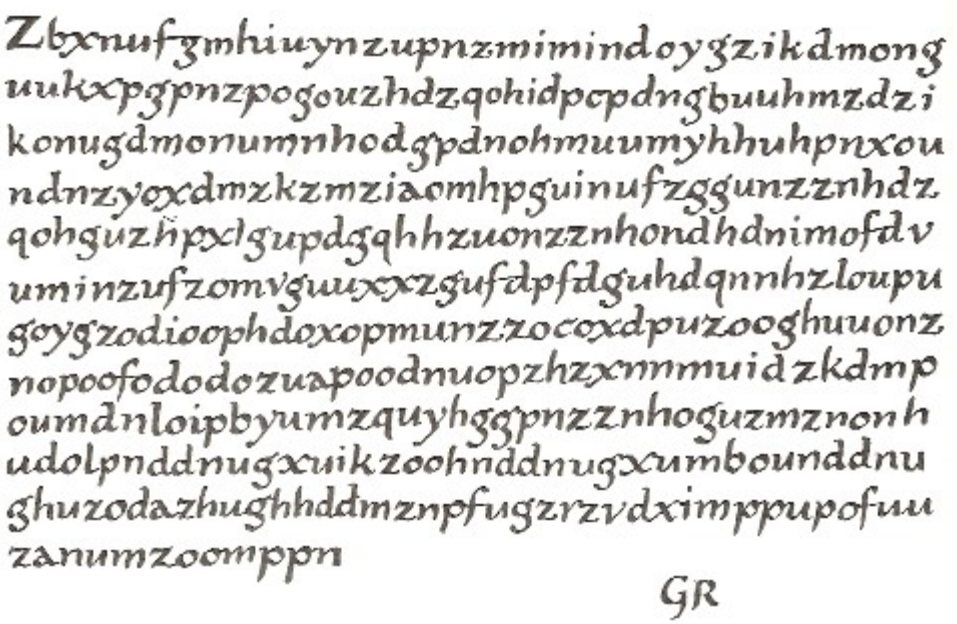
A anos eu ser admirador de seu jornalismo e gostaria de te apresentar uma proposta. A algum tempo, V. Sa. Entrevistou o líder conhecido como al-Mulatham. Eu possuir em minhas mãos informassões que poderiam provar-se inestimáveis para al-Mulatham em relação a sua luta contra os opressores sionistas, e realmente gostaria de contactar-te. Eu acreditar que V.Sa. poder me ajudar. Em retribuição, eu poder oferecer o que acredito ser até aqui o grande furo de reportagem de sua já ilustre carreira.

Considerando a delicadeza da situação, V.Sa. apreciará meu desejo de proceder com cautela nesta questão. Eu não poder revelar mais nada neste momento. Por favor, considere a proposta e transmita ao nosso amigo em comum. Eu entrar em contato num futuro próximo.

Obs.: Uma pequena pista, apenas para agussar seu apetite. A Informassão sobre a qual eu estar falando está intimamente ligada ao documento em anexo. Se V.Sa. for metade da jornalista que eu imaginar ser, não levará muito tempo para descobrir o significado de minha oferta.

Não havia assinatura.

Ela leu e releu o bilhete, e então olhou novamente a folha fotocopiada. Parecia uma carta, antiga ao julgar pelo tipo de escrita, muito antiga. Utilizava o alfabeto romano, mas, além disso, ela não saberia dizer onde era o começo nem o fim, pois, em vez de palavras isoladas e frases, o texto dava a impressão de se tratar de uma única e contínua seqüência de letras que, por mais que ela olhasse, não se convertia numa linguagem que pudesse reconhecer.



Na parte mais baixa, separada levemente e de forma mais compreensível, encontravam-se as iniciais GR, que significavam para Layla tanto quanto a confusa seqüência acima delas.

Ficou ali olhando para o papel por um tempo, cuidadosamente, e depois se voltou para o bilhete que o acompanhava. A entrevista a que se referia havia sido publicada um ano antes. E havia atraído considerável atenção naquela época, pois foi a única vez cm que o personagem da matéria, o terrorista palestino al-Mulatham, quebrou seu obsessivo véu de silêncio no qual se escondera, consentindo em falar publicamente. Os serviços de segurança israelenses demonstraram um interesse especial, apreendendo suas anotações e o laptop, além de submetê-la a um extenso interrogatório. Ela não fora de grande utilidade — como tinha explicado no próprio artigo, a entrevista havia sido realizada em um local secreto, e ela estivera com seus olhos vendados durante todo o tempo — e, naquele momento, Layla suspeitava de que a curiosa carta e a fotocópia fossem uma péssima artimanha do Shin Bet para descobrir se ela sabia mais sobre o paradeiro do líder terrorista do que deixara transparecer. Esta certamente não foi a primeira vez que eles tentaram apanhá-la numa armadilha e deixá-la desacreditada. Poucos anos antes, ela fora abordada por um homem, fazendo-se passar por um ativista palestino que perguntou se ela poderia utilizar seu status na imprensa, a fim de ajudar a atravessar armas para Gaza através do posto de fronteira de Erez; uma farsa tão evidente, que ela caiu na gargalhada e, em resposta, disse em hebraico que seria um prazer, desde que Ami Ayalon a levasse para jantar depois disso.

Sim, ela pensou, a carta era definitivamente alguma emboscada do serviço de segurança. Era isso ou alguém querendo pregar-lhe uma peça. De todo jeito, não valia a pena perder tempo com aquilo. Dando uma última olhada na fotocópia, jogou-a com o bilhete em sua cesta de rascunhos, deixando o apartamento em seguida.

Luxor

— Você é um sonhador, Khalifa! Sempre foi e sempre será! Um tremendo sonhador!

O inspetor-chefe Abdul ibn-Hassani bateu seu volumoso punho contra a mesa, levantou-se e andou ruidosamente até a janela de sua sala, olhando, irritado, para o primeiro pilar do Templo de Luxor, onde uma multidão de turistas estava reunida em volta do obelisco de Ramsés II, atenta ao que o guia dizia.

Um homem de ombros largos e obeso, com sobrancelhas grossas e nariz achatado de boxeador, famoso tanto por seu péssimo temperamento quanto por sua vaidade; a fama manifestava-se por si mesma, como acontecia naquele momento, mediante o tom de voz elevado, o rosto avermelhado e uma pequena veia pulsando logo abaixo do olho direito; e era ratificada por intermédio dc todos os tipos de pequenas indulgências, a mais recente sendo uma esdrúxula peruca penteada sobre a careca como um emaranhado de ervas do Nilo. O golpe na mesa a deslocou levemente; fingindo coçar a testa, ele a endireitou com cuidado, inclinando-se levemente à sua esquerda para verificar seu reflexo em um espelho na parede.

— Imensamente ridículo! — ele praguejou. — Por Deus, por tudo que há de mais sagrado, homem, isso foi há vinte anos.

— Quinze.

— Quinze, vinte, faz alguma diferença? Tempo demais para ficar se preocupando; a questão é essa. Você perde muito tempo com a cabeça presa ao passado. Você deveria tentar tirar férias uma hora dessas.

Ele se virou para Khalifa, irado, uma expressão que, elevada como estava a peruca, era difícil não ser notada, como alguém tentando parecer sério com uma fuinha achatada na cabeça. Em outra situação, Khalifa teria se esforçado para conter uma risada. Naquele momento, ele mal havia reparado a peruca, tão concentrado se encontrava no que estava tentando dizer.

— Mas, senhor...

— O presente! — Hassani gritou, andando a passos largos e se posicionando, de braços cruzados, abaixo de uma fotografia do presidente Hosni Mubarak, uma postura que sempre adotava quando estava para proferir um sermão. — E quando o nosso trabalho existe, Khalifa. O aqui e agora. Existem crimes sendo cometidos todos os dias, a toda hora do dia, e deveríamos focar nossa atenção neles, e não em alguma coisa que aconteceu uma década ou mais atrás. Algo que foi solucionado no seu tempo, devo acrescentar!

Ele franziu a testa, juntando as sobrancelhas, como se não estivesse convencido de que essa última frase fizesse sentido. Mas isso foi bem rápido e, estufando o peito, ergueu um dedo para Khalifa, que estava sentado em uma cadeira mais baixa em frente à mesa dele.

— Isso sempre foi um problema pra você. Eu já lhe falei isso antes, eu falei uma centena de vezes: uma completa incapacidade para concentrar-se no presente. Tempo demais vadiando por museus dá nisso. Tutancâmon isso, Antenaben aquilo...

— Akhenaten — corrigiu Khalifa.

— Olha você de novo! Quem se importa com o raio desse nome! O passado está acabado e enterrado, é irrelevante e está concluído. O hoje: é isso o que importa.

A fascinação de Khalifa pelo passado sempre foi o pomo da discórdia entre os dois; isto e também o fato de que ele era um dos

poucos policiais na delegacia que se recusavam a sentir-se intimidados por Hassani. Por que o chefe tinha tanta desconsideração, até mesmo uma aversão, pela História, Khalifa nunca descobriu, embora ele suspeitasse ser fruto da ignorância sobre o assunto, sendo, portanto, uma desvantagem quando a conversa enveredava por tal caminho. Seja lá qual fosse o caso, era sempre algo que Hassani trazia à tona quando desejava intimidar Khalifa por intermédio de palavras, como se o trabalho de um detetive e o interesse pela herança de seu país fossem de alguma forma conflitantes.

- Não é disso que gostariam? — Hassani estava gritando, exaltando-se inutilmente diante de Khalifa. — Os cafetões, os ladrões e os fraudadores. Não ficariam eles tão felizes se gastássemos todo o nosso tempo agindo de forma tola com casos que já foram encerrados há quinze anos, enquanto estivessem tranqüilos para continuar atuando e roubando e... — ele fez uma pausa por um momento, procurando pela palavra certa. — Defraudando! —ele gritou finalmente. — Ah, sim. Eles iriam adorar uma coisa dessas! Nós seríamos motivo de chacota.

A veia ao lado de seu olho estava pulsando mais do que nunca, um verme verde e roliço mexendo-se sob sua pele. Khalifa tirou seus cigarros e, inclinando-se para a frente, acendeu um, olhando fixamente para o chão.

- É possível que tenha havido um grave erro judicial — disse ele calmamente, tragando seu cigarro, absorvendo a nicotina e todo o foco e clareza que o cigarro pudesse lhe propiciar. — Não é certo, mas sem dúvida é possível. E, se foi há quinze anos, acho que é nosso dever investigar.

— Mas que evidência você tem? — gritou Hassani. — Que evidência, homem? Eu sei que você nunca foi daqueles que deixavam os fatos se perderem no caminho de uma boa teoria de conspiração, mas preciso de mais do que um "possivelmente talvez".

— Como eu disse, não é...

— Não é nada mesmo, você quer dizer!

— Existem similaridades.

— Existem similaridades entre minha mulher e a porcaria de uma búfala-d'água, mas isso não significa que ela senta num amontoado de sua própria merda comendo folhas de palmeira o dia todo!

— Há muitas similaridades para serem apenas coincidências — continuou Khalifa, falando sem parar, recusando-se a perder a batalha. — Piet Jansen estava envolvido no assassinato de Hannah Schlegel. Eu sei que estava. Eu garanto!

Ele pôde sentir o volume de sua própria voz aumentando e, apertando o joelho com uma das mãos, deu uma forte tragada para se acalmar.

— Veja — disse ele, tentando manter seu tom de voz baixo e regular —, Hannah Schlegel foi assassinada em Carnaque. Jansen vivia ao lado de Carnaque.

— Como milhares dc outras pessoas — bufou Hassani. — E cinco mil pessoas visitam o lugar todos os dias. O que você está insinuando? Que estão todos envolvidos?

Khalifa ignorou a pergunta e continuou enfaticamente, apesar de toda a dificuldade:

— O ankh e a decoração com rosetas no castão da bengala de Jansen combinam com as marcas de impacto encontradas na face e no crânio de Schlegel. Aquelas marcas nunca foram levadas em consideração de forma apropriada.

Hassani acenou com a mão em sinal de rejeição.

— Existem milhares de objetos com esse tipo dc desenho; dezenas de milhares, Khalifa. Decididamente, um fato sem importância.

Novamente, o detetive ignorou o chefe e continuou a argumentar:

— Schlegel era israelense e judia. Jansen odiava judeus.

— Por tudo que há de mais sagrado, Khalifa! Depois de tudo que eles fizeram aos palestinos, todos no Egito odeiam esses malditos judeus. O que você vai fazer? Trazer a população inteira para interrogatório? Apesar disso, Khalifa se recusou a ser descartado:

— O guarda de Carnaque disse ter visto alguém fugindo da cena com algo estranho na cabeça. "Como um passarinho engraçado", foi assim que ele descreveu. Quando estive na casa de Jansen, encontrei um chapéu que combinava com aquela descrição, pendurado atrás da porta do porão. Um chapéu decorado com penas.

Hassani explodiu em uma estrondosa gargalhada.

- Isso está ficando mais ridículo a cada minuto. Aquele guarda, se eu me lembro bem, o cara era totalmente míope. Mal podia enxergar suas próprias mãos diante dos olhos, ainda mais alguém a cinqüenta metros de distância. Você está vendo pêlo em ovo, Khalifa! Ou penas, mais provável. Um passarinho engraçado? Você está perdendo a noção, homem!

Khalifa deu sua última tragada no cigarro e, inclinando-se para a frente, colocou-o num cinzeiro na borda da mesa.

- Tem mais uma coisa.

- Oh, por favor, não me esconda nada — ironizou Hassani, juntando as mãos. Eu não dou risadas assim há séculos.

Khalifa recostou-se na cadeira novamente.

- Antes de morrer, Schlegel conseguiu dizer duas palavras: Thot, que é o nome do deus egípcio da sabedoria e da escrita...

- Sim, sim, eu sei! — disse Hassani de forma arrogante.

- E tzfardeah, que é aparentemente a palavra hebraica para sapo.

Os olhos de Hassani se estreitaram.

- E daí?

- Jansen tinha uma anomalia genética que lhe acarretou pés com membranas. Como um sapo.

Ele falou rápido, tentando dizer as palavras antes de cair no ridículo. Para sua surpresa, Hassani não disse nada; somente voltou para a janela e permaneceu de pé, olhando para fora, de costas para Khalifa, as mãos apertadas de cada lado da cintura como se segurasse um par de maletas invisíveis.

- Eu sei que separadamente nenhum desses fatos significa muito — continuou Khalifa, tentando recuperar a vantagem —, mas quando colocados juntos obrigam a parar para pensar. É muita coisa para ser apenas coincidência. E, mesmo que seja tudo circunstancial, ainda há a questão das antigüidades no porão do homem. Jansen era astucioso. Eu sei que era. Ele precisa ser investigado.

Os punhos de Hassani escavam tão cerrados, que os nós de seus dedos embranqueceram. Ficaram em silêncio por um bom tempo, e, em seguida, ele se virou para Khalifa.

— Nós não vamos desperdiçar mais tempo com isso — disse ele vagarosa e deliberadamente. A fúria controlada em sua voz era mais ameaçadora do que qualquer grito. — Entendido? O homem está morto e, seja lá com o que se envolveu ou o que tenha feito, não importa. Não há mais nada que possamos fazer.

Khalifa o olhava sem poder acreditar naquilo que ouvia.

— E Mohammed Gemal? Um inocente pode ter sido erroneamente condenado.

— Gemal está morto também. Não há mais nada que possamos fazer.

— Sua família continua viva. Nós lhe devemos...

— Gemal foi declarado culpado no tribunal, caralho! Ele admitiu abertamente ter roubado a velhota.

— Mas não que a tivesse matado. Ele sempre negou isso.

— Ele cometeu suicídio, pelo amor de Deus. De que porra de confissão você precisa mais?

Hassani aproximou-se.

— O homem era culpado, Khalifa! Totalmente culpado! Ele sabia, e nós também. Cada um de nós. Todos nós.

Seus olhos arregalaram-se furiosamente. Havia alguma coisa a mais, no entanto. Uma ponta de desespero, até mesmo de medo. Não era uma coisa que Khalifa já houvesse presenciado antes. Ele acendeu outro cigarro.

— Eu não.

— O quê? O que você disse?

— Eu não achava que Gemal fosse culpado. Eu tinha dúvidas e tenho tido dúvidas desde então. E agora elas estão mais fortes do que nunca. Ele pode tê-la roubado, mas Mohammed Gemal não matou Hannah Schlegel. Eu sabia disso naquela época, mas, para minha vergonha, não tive coragem de dizer. Eu penso, lá no fundo, que todos nós sabíamos: você, eu, o delegado Mahfouz...

Hassani adiantou-se e socou a mesa com força, derrubando vários papéis no chão.

— Esqueça, Khalifa! Chega, você escutou? — Todo o seu corpo tremia. Havia saliva nos cantos de sua boca. — Seus problemas

psicológicos são assunto seu, e eu tenho uma delegacia para comandar e não vou reabrir um caso de quinze anos atrás só porque algum fracote idiota resolveu ter uma crise de consciência. Você não tem provas, nada que possa sugerir que Mohammed Gemal não tenha matado Hannah Schlegel, exceto em sua própria imaginação, a qual, pelo que você acabou de dizer sobre penas e sapos, parece estar pra lá de fértil. Eu sempre soube que você não tinha competência para esse trabalho, Khalifa, e isso só veio confirmar tudo. Se você não gosta de calor, saia de perto do fogo. Demita-se e vire um arqueólogo, ou seja, lá o que você sempre quis ser, e me deixe fazer o meu trabalho de capturar criminosos. Criminosos verdadeiros, não esses imaginários.

Esquecendo-se de que estava usando uma peruca, ergueu a mão e coçou vigorosamente o couro cabeludo, deslocando o cabelo postiço, que escorregou até a metade da cabeça. Com um gemido furioso, ele a arrancou e a jogou através da sala, pisando firme até sua mesa, onde se sentou enquanto respirava profundamente.

- Deixa isso pra lá, Khalifa — disse ele com uma voz repentinamente cansada e branda. — Você me entendeu? Pela paz de todos nós. Mohammed Gemal assassinou Hannah Schlegel, Jansen morreu acidentalmente e não existe qualquer conexão entres os dois. Eu não vou reabrir o caso.

Seus olhos moviam-se rapidamente para cima e para baixo, recusando-se a encontrar o olhar penetrante dc Khalifa.

Agora, houve o caso de um hawagaya, no Winter Palace, que acredita que suas jóias foram roubadas, e eu quero que você vá lá e dê uma olhada nisso. Esqueça Jansen e faça um trabalho policial adequado pelo menos uma vez na vida.

Ele puxou uma pilha de papéis à sua frente. Seu maxilar mostrava sua tensão.

Khalifa percebeu que era inútil continuar argumentando. Ele se levantou e se dirigiu até a porta.

- As chaves — resmungou Hassani. — Eu não quero ver você xeretando de Jansen às minhas costas.

Khalifa se virou, retirou as chaves de Jansen do bolso e jogou-as ao longo da sala para Hassani, que as pegou com uma das mãos.

- Não me deixe frustrado nessa história, Khalifa. Tá entendido? Não nessa.

O detetive parou, depois abriu a porta e saiu a passos largos pelo corredor.

JERUSALÉM

S

empre que passava pelo velho Portão de Damasco, na Cidade Antiga, com seus arcos imponentes, lajes cheias de fuligem negra e um amontoado de pedintes e vendedores de frutas, Layla não deixava de recordar a primeira vez que visitou o lugar junto de seus pais, quando tinha cinco anos.

— Olhe, Layla — seu pai havia dito orgulhosamente, agachando-se ao seu lado e passando a mão pelos seus longos cabelos negros, que já alcançavam a cintura. — AL-Quds! A mais bela cidade do mundo. Nossa cidade. Veja como as pedras são luminosas nas manhãs ensolaradas; sinta o cheiro do za'atar e do pão que acabou de ser assado, ouça o chamado do muezzin e os gritos dos vendedores de tamar hindi. Lembre-se dessas coisas, Layla, guarde-as dentro de você. Pois, se os israelenses tomarem o lugar, seremos expulsos daqui, e al-Quds irá se tornar apenas um lugar encontrado nos livros de História.

Layla passou um braço protetor em volta do pescoço de seu pai.

— Eu não vou permitir, papai! — ela havia declarado. — Eu lutarei contra eles. Não tenho medo.

O pai sorriu e, levantando-a nos braços, apertou-a contra o peito, que era largo e forte como mármore.

— Minha pequena guerreira! Layla, a invencível! Mas que filha que eu tenho!

Os três saíram andando ao redor da cidade, seguindo a linha dos muros, que naquele momento a haviam impressionado pela imensurável e ameaçadora enormidade, uma onda gigantesca de pedra erigida sobre sua cabeça; passaram pelo Portão de Damasco, em direção ao alvoroço do labirinto de ruas logo adiante. Beberam Coca-Cola em um pequeno café, seu pai dando baforadas num cachimbo shisha e falando animadamente com um grupo de homens mais velhos antes de caminhar pela Avenida al-Wad, rumo ao Haram al-Sharif, parando sempre que possível para mostrar uma padaria onde havia comido biscoitos quando era pequeno ou um campo onde tinha jogado futebol, e uma velha figueira que continuava a se estender acima dos muros, cujos frutos ele costumava colher.

— Não eram para comer — explicou. — Eram muito duros e amargos. Nós os usávamos para jogar um no outro. Eu fui acertado bem no nariz certa vez. Você precisava ter ouvido o barulho que fez. Foi sangue pra todo lado!

Ele caiu na gargalhada com a lembrança desses acontecimentos, e Layla riu também, dizendo-lhe como aquilo era engraçado, mesmo que a história tenha lhe apavorado ao imaginar seu pai sangrando. Ela o amava tanto, desejava tanto agradá-lo, mostrar que não era fraca ou medrosa, mas forte como ele, corajosa como uma verdadeira palestina.

Da figueira eles se dirigiram para um emaranhado de ruas estreitas, finalmente chegando a um ponto onde as construções dos dois lados faziam um arco sobre suas cabeças, formando um túnel. Um

grupo de soldados israelenses encontrava-se bem na entrada e ficaram olhando de soslaio enquanto passavam.

- Veja como olham para nós — seu pai havia lamentado. — Eles fazem com que nos sintamos como ladrões em nossa própria casa.

Ele tomou a mão dela e caminharam em direção a uma porta baixa de madeira, encimada por um lintel talhado com um desenho intrincado de uvas e ramos de parreira. Uma placa de latão informava que o lugar era o Memorial Yeshiva Alder Cohen; uma mezuzah estava fixada em uma pedra no batente à sua direita.

- Nossa casa — disse ele com tristeza, estendendo a mão e tocando a porta. - Nossa linda casa.

A família dele — a família dela — precisou fugir durante o confronto de junho de 1967, deixando a cidade com apenas alguns pertences de valor, refugiando-se no campo Aqabat Jabr, fora de Jericó, a quarenta quilômetros de distância. Imaginavam que seria uma medida tomada apenas por um determinado tempo, e, tão logo o confronto terminasse, eles voltariam. Entretanto, a casa havia sido tomada por israelenses, e nenhuma reclamação junto aos novos governantes da cidade surtiu efeito para resgatá-la. E eles viveram como refugiados desde então.

- Eu nasci aqui — seu pai havia dito, correndo as mãos ternamente pelos nós do painel de madeira da porta, tocando o lintel entalhado. — Meu pai também. E o pai dele. E o pai de seu pai. Quatorze gerações. Trezentos anos. Tudo jogado fora... assim. — Ele estalou os dedos no ar.

Olhando para cima, ela percebeu lágrimas brotando dos grandes olhos castanhos dele.

- Está tudo bem, papai — disse ela, dando-lhe um abraço na tentativa de transmitir toda a sua força e amor para aquele corpo magro e rígido. – Você vai conseguir recuperá-la um dia. E vamos viver aqui juntos. E tudo ficará bem.

Ele se inclinou para baixo e passou seu rosto pelos longos cabelos negros.

— Se pelo menos isso fosse uma certeza, minha querida Layla — ele sussurrou. — Mas nem todas as histórias têm um final feliz. Especialmente para o nosso povo. Isso você vai aprender quando ficar mais velha.

Essas e outras lembranças fluíam em sua mente naquele momento, enquanto ela atravessava os sombrios degraus do portão e a ladeira pavimentada da Estrada al-Wad.

Normalmente essa parte da cidade estaria em pleno alvoroço, com tendas multicoloridas vendendo flores, frutas e especiarias, uma multidão de pessoas acotovelando-se para cima e para baixo, garotos assoviando com carrinhos de mão de madeira cheios de carne ou lixo. Hoje tudo está diferente, calmo — um resultado, sem dúvida, do impasse causado pelos Guerreiros de Davi na cidade. Alguns homens idosos estavam sentados embaixo de um toldo de estanho ondulado de um café deserto; à sua esquerda, uma camponesa com a face enterrada entre as mãos morenas e enrugadas encontrava-se agachada ao lado de uma passagem, perto de uma pirâmide de limas abandonada diante dela. Não fosse por isso, as únicas pessoas presentes ali seriam os militares israelenses e o pessoal da polícia: um trio de jovens recrutas da brigada Giv'ati acocorados atrás de sacos de areia; uma unidade da polícia de fronteira com boinas verdes perambulando em frente aos degraus do café; um grupo barulhento de policiais patrulhando o interior da passagem, e seus coletes azuis à prova de bala misturavam-se com a escuridão, fazendo com que suas cabeças, braços e pernas dessem a impressão de desaparecerem em um buraco vazio onde seus torsos deveriam estar.

Layla mostrou rápido sua credencial da imprensa para um deles, uma bela moça que poderia passar por modelo se não fosse policial, e perguntou se poderia ir até a casa ocupada.

— O caminho está bloqueado mais adiante — disse a garota, olhando o crachá e fazendo cara de desaprovação. — Pergunte ali.

Layla assentiu e continuou a caminhar pela cidade, passando pelo Autrian Hospice, pela Via Dolorosa, pelo beco onde havia a figueira que seu pai indicara há tanto tempo — impressionante como havia crescido durante todo esse tempo. Enquanto ela caminhava naquela direção, ouviu gritos logo adiante, e a presença constante da polícia e de militares logo se tornou ainda mais intensa; ela começou a passar por esporádicos grupos de shebab, jovens palestinos. Alguns usavam na cabeça uma faixa do Fatah em branco-e-preto, e outros carregavam uma bandeira palestina, vermelha, verde, preta e branca; os grupos misturavam-se com a multidão, e esta se tornava uma aglomeração. A rua estreita ecoava o som de seus brados, uma floresta de punhos cerrados socando o ar. Tropas israelenses estavam espalhadas por todas as ruas, intimidando o protesto que estava se intensificando pela cidade; as faces inexpressivas dos soldados contrastavam com as faces daqueles que protestavam, os quais estavam envolvidos pelo sentimento de fúria e desafio. Uma fumaça cinza de um papelão parcialmente queimado manchava as pedras arredondadas do chão onde um início de fogo havia sido apagado; as câmeras de segurança israelenses pendiam de seus suportes nos muros, como carcaças de animais mortos; as suas lentes estavam quebradas.

Layla abriu caminho através da multidão, o emaranhado de gente crescendo a cada passo que ela dava, e logo começou a sentir que não conseguiria atravessar, quando foi reconhecida por um jovem que tinha entrevistado alguns meses antes para um artigo que estava escrevendo sobre o Movimento Juvenil do Fatah. Ele a cumprimentou, colocando-se disponível para acompanhá-la, forçando o caminho através da massa de corpos, até que alcançaram a barreira de proteção que os israelenses tinham erguido ao longo da rua. Havia ali um grupo pequeno de manifestantes israelenses do Movimento Paz. Agora reunidos entre os palestinos; uma senhora, usando um chapéu de tricô, gritou para ela:

- Espero que você escreva sobre estes miseráveis, Layla! Eles vão começar uma guerra!

- É exatamente o que eles querem — gritou um homem ao lado dela. — Eles vão matar todos nós! Fora, invasores! Queremos paz! Paz agora!

Ele se inclinou e acenou para uma fileira de policiais que formavam uma barreira, fortemente armados e alinhados do outro lado da barricada. Atrás deles, um bando de jornalistas e equipes de TV, muitos usando capacetes e coletes à prova de bala, agrupados do lado de fora da casa ocupada. Mais abaixo na rua, uma segunda barreira foi erguida, esta para manter afastado um tropel de judeus haredi e israelenses da extrema direita, a fim de demonstrar sua solidariedade aos invasores. Um estava segurando uma placa onde se lia “KAHANE ESTAVA CERTO!” Uma outra faixa proclamava: "ÁRABES ASSASSINOS, FORA DA TERRA DOS JUDEUS!”

Layla apresentou sua credencial da imprensa a um dos soldados da barreira. Depois de algumas consultas feitas aos superiores dele, ela recebeu permissão para passar; então foi empurrada para onde se encontravam os jornalistas, ficando ao lado de um homem pançudo e barbudo de óculos redondos de aros de metal e um capacete de segurança plástico.

— Enfim a grande Layla al-Madani nos dá a graça de sua presença — bufou, sua voz totalmente abafada pelos gritos da multidão. — Eu estava pensando quando você finalmente iria chegar.

Onz Schenker era um articulista político do Jerusalém Post. Na primeira vez que se encontraram ela jogou um copo d'água nele por ter feito um comentário injurioso sobre as mulheres palestinas, e o acontecimento estabeleceu o tom do relacionamento entre eles desde então. Mantinham uma cordialidade gélida, mas não se davam.

— Segure o capacete, Schenker — advertiu ela.

— Você irá desejar ter um desses quando seus colegas árabes começarem a jogar pedras e garrafas — retrucou.

Como que para enfatizar seu ponto de vista, uma garrafa surgiu, fazendo um arco, vinda do lado dos manifestantes palestinos e acertando uma tábua a alguns metros à direita dele.

— Eu lhe disse — gritou. — Mas imagino que eles nunca jogam nada em você, ou jogam? Maldita Assadiqa. São os próprios jornalistas que eles querem ferir!

Layla quase abriu a boca para rebater o insulto, mas, em vez de se incomodar, fez-lhe um sinal com o dedo médio esticado e saiu, dirigindo-se para onde se encontrava o grupo de jornalistas. Jerold Kessel, da CNN, em frente à câmera, esforçava-se para transmitir uma notícia no meio daquela enorme confusão; à esquerda de Layla, o policial da barreira israelense havia levantado outra barricada de proteção e forçava os ativistas a retrocederem, conduzindo-os rua acima.

Os gritos se tornaram ainda mais altos. Uma granada de gás lacrimogêneo foi lançada. E mais garrafas foram jogadas.

Por um momento, Layla permaneceu imóvel, observando a cena; em seguida tirou sua câmera do ombro e começou a fotografar, capturando as imagens das menorás pintadas com spray nos dois lados da porta da frente — o tradicional cartão de visita dos Guerreiros de Davi —, da bandeira de Israel desfraldada na frente da casa, das tropas posicionadas nos telhados de ambos os lados, presumivelmente para evitarem que os habitantes locais invadissem a casa pelo alto. Ela tinha acabado de virar-se para a direita, a fim de fotografar os manifestantes pró-invasores, quando percebeu repentinamente que o grupo em volta dela havia se aglutinado e avançado ainda mais.

A porta da casa ocupada se abriu. Houve uma pausa, e então a figura robusta de Baruch Har-Zion saiu para a rua, acompanhado de seu guarda-costas de cabelo curto, Avi Steiner. Os manifestantes

pró-invasores os saudaram com alegria e começaram a entoar o "Hatikva", o hino nacional israelense. Os palestinos e os manifestantes do Paz Agora, que naquele momento já haviam sido conduzidos quase cem metros rua acima e não podiam ver adequadamente o que estava ocorrendo, se voltaram contra as barreiras de proteção e começaram a entoar sua própria canção: "Minha Terra Natal, Minha Terra Natal". Steiner se contorcia furiosamente no semicírculo de jornalistas, notando mantê-los atrás de si. Os flashes das câmeras eram como luzes estroboscópicas.

Por um breve instante, os olhos dc Har-Zion encontraram os de Layla e em seguida afastaram-se novamente. Havia um vaivém de perguntas em sua direção como uma troca de tiros, mas ele as ignorou, virando a cabeça de um lado para outro, e um leve sorriso fazia os cantos de sua boca se curvarem, antes de ele levantar vagarosamente a mão, indicando que desejava silêncio. As perguntas desapareceram, e a multidão de repórteres avançou mais alguns centímetros, um alvoroço de gravadores erguidos em sua direção. Layla colocou a câmera novamente no ombro e pegou seu bloco de anotações.

— Existe um velho ditado judaico — começou a entoar Har-Zion, falando em inglês, mas com um forte sotaque; sua voz era rouca e grave. Hamechadesh betuvo bechol yom tamid ma'aseh bereishit. Deus renova o mundo a cada manhã. Ontem esta terra estava nas mãos de nossos inimigos. Hoje ela retornou para as mãos de seus verdadeiros donos, o povo judeu. Este é um grande dia. Um dia para entrar na história. Um dia que jamais será esquecido. E acreditem, senhoras e senhores, haverá muitos dias como este.

LUXOR

M

esmo com a distância de quinze anos, Khalifa se lembrava do caso de Schlegel como se tivesse acontecido ontem.

O corpo dela havia sido encontrado por um homem local, Mohammed Ibrahim Gemal, em Khonsu, uma construção escura, sombria, raramente visitada, no setor sudoeste do complexo do Templo de Carnaque. Aos sessenta anos de idade, israelense, judia, solteira, ela havia, de acordo com o relatório da autópsia, sofrido uma série de violentas pancadas na cabeça e no rosto, causadas por um instrumento pontiagudo de um tipo indeterminado. Também teve o maxilar e o crânio fraturados em três lugares; a arma do crime havia deixado um curioso desenho marcado em sua pele — o ankh entremeado com minúsculas rosetas, presumivelmente de algum tipo de decoração na superfície de uma arma.

Apesar de seus graves ferimentos, Gemal havia argumentado que Schlegel ainda estava viva quando ele a encontrou. Coberta de sangue, ela, insistiu ele, havia sussurrado de forma incoerente duas palavras, Thoth e tzfardeah, repetindo ambas diversas vezes antes de entrar no coma profundo do qual não conseguiu sair. Não houve mais nenhuma testemunha para corroborar o depoimento dele; tampouco houve testemunha quanto ao possível assassino, exceto um velho guarda do templo, que declarava ter ouvido gritos abafados no interior do templo e visto alguém fugindo da cena do crime, mancando intensamente e com "alguma coisa em sua cabeça, como um passarinho engraçado". Considerando-se que o homem era idoso, meio cego e com a reputação de beber no trabalho, ninguém levou a sério essas evidências apresentadas.

O então chefe da polícia de Luxor, o inspetor-chefe Ehab Ali Mahfouz, assumiu o caso pessoalmente, assistido por seu auxiliar, o inspetor Abdul ibn-Hassani. Khalifa, que havia acabado de assumir seu posto em Luxor, vindo de Giza, sua terra natal, foi também indicado para a equipe de investigação. Ele tinha somente vinte e quatro anos naquela época e aquele era seu primeiro caso de assassinato.

Desde o princípio, a investigação se concentrou em dois possíveis motivos para o crime. Aquele que seria o mais óbvio, e preferido por Mahfouz, era o roubo, visto que a carteira e o relógio da vítima haviam desaparecido. O segundo, uma opção menos provável, embora não pudesse ser de todo descartada, era que teria havido um ataque dos fundamentalistas. Apenas um mês antes, nove israelenses haviam sido assassinados com tiros em um ônibus de turismo na rodovia entre o Cairo e Ismailiya.

Khalifa, o menos experiente e de posição menos elevada da equipe, desde o início teve dúvidas sobre ambos os motivos apontados. Se fosse um caso de roubo, por que o agressor não levou consigo a Estrela de Davi em ouro pendurada em uma corrente no pescoço da mulher? E, se foi por causa dos fundamentalistas, por que eles não reclamaram o crédito por suas ações, como invariavelmente faziam depois de um ataque dessa natureza?

Havia mais alguns aspectos confusos referentes ao caso. Schlegel tinha chegado ao Egito no dia anterior, vinda de Tel Aviv, viajando sozinha, e havia voado diretamente para Luxor, onde se hospedara no Mina Palace, um hotel caro, situado no Corniche el-Nil. De acordo com o recepcionista do hotel, ela tinha permanecido em seu quarto do momento em que havia feito o check-in até as 15h30 da tarde de sua morte, quando, a seu pedido, conseguira-lhe um táxi para levá-la a Carnaque. Ela só carregava uma pequena bolsa de mão, e sua passagem de retorno para Israel era para aquela mesma noite. Seja lá qual fosse a razão para estar em Luxor, era certo que não fora até lá para tirar um dia de folga.

Aparentemente, ela havia feito apenas uma chamada do telefone de seu quarto, na noite de sua chegada. A camareira a havia escutado quando lhe levava toalhas e sabonetes. E uma enorme faca de cozinha foi encontrada na tal bolsa, ao lado de seu corpo, recém-afiada, como se ela estivesse na expectativa de agir com violência contra alguém ou defender-se contra a violência de alguém.

Quanto mais Khalifa pensava a respeito do caso, mais convencido ficava de que nem roubo nem uma ação de extremistas tinham

relação com o ocorrido. A chave para desvendar o caso, ele estava certo, era o telefonema. Com quem Schlegel teria falado? O que havia sido dito? Ele tinha requisitado os dados da ligação para a telefonista do hotel, mas, por falta de sorte, naquela noite os telefones tiveram problema e, antes que ele pudesse fazer uma requisição junto à companhia telefônica para descobrir se realmente houvera uma pane em todo o edifício, a investigação tomou um rumo inesperado: o relógio de Schlegel fora encontrado na casa de Mohammed Gemal.

Gemal era bem conhecido da polícia de Luxor. Um criminoso inveterado, mas insignificante. Possuía uma lista imensa de acusações que ia de assaltos e pequenos furtos — pelos quais ele havia passado três anos em al-Wadi al-Gadid — até roubo de carros e tráfico de maconha (ficando detido por seis meses em Abu Za'abal). Na época do assassinato, ele trabalhava como guia de turismo sem licença e declarou que estava limpo havia vários anos, um argumento que foi completamente descartado pelo delegado Mahfouz. — Uma vez criminoso, sempre criminoso — ele disse. — As pessoas não mudam, e um merda como Gemal não vira um anjo da noite para o dia.

Khalifa presenciou o interrogatório de Gemal. O episódio foi muito desagradável, brutal. Tanto Mahfouz quanto Hassani agrediram o suspeito violentamente. No princípio, ele negou qualquer conhecimento do relógio. Depois de vinte minutos de socos e pontapés, ele desistiu e admitiu que, sim, ele o havia roubado por impulso. De fato, tinha dívidas, sua família estava para ser despejada da casa onde moravam, e sua filha estava doente. Entretanto, ele negou veementemente ter assassinado Schlegel ou ter pego a carteira dela; continuou a negar pelos dois dias seguintes em que foi muito espancado. Quando o interrogatório terminou, ele já urinava sangue, e seus olhos estavam tão inchados, que mal podia enxergar. Mas ele ainda continuou a declarar sua inocência.

Khalifa esperou pela conclusão de tudo aquilo, imensamente desgostoso, mas com muito medo de falar, temendo que, ao fazê-lo, pudesse de alguma maneira colocar em risco sua recente carreira

policial. O que piorou a situação foi o fato de que sabia desde o início que Gemal estava falando a verdade. Tinha algo na desesperada fúria com que ele gritava que não havia matado a mulher, em sua recusa em assumir, mesmo sob os violentos golpes dos punhos de Hassani, que convenceu Khalifa de que, como ele disse, encontrara Schlegel depois de ela ter sido atacada. O homem até poderia ser um ladrão, mas certamente não era um assassino.

Mahfouz, no entanto, mostrou-se inflexível. E Khalifa não disse mais nada. Nem durante o interrogatório, nem quando Gemal foi levado a julgamento, nem quando foi sentenciado a vinte e cinco anos de trabalho forçado nas pedreiras de Fura, nem mesmo quando, quatro meses depois de sua condenação, ele tirou a própria vida, enforcando-se nas barras da cela com uma corda de estender roupas.

Nos anos subseqüentes, ele tentou justificar o silêncio para si mesmo, argumentando que Gemal era realmente um traste, um inveterado violador da lei, e que a condenação, sendo justa ou não, fora provavelmente o que ele havia merecido. A verdade era, contudo, que sua covardia permitiu que um homem inocente fosse condenado por um crime que não cometera, e que uma mulher houvesse sido morta sem que seu assassino fosse julgado. E agora aquela covardia voltava para assombrá-lo. De forma tão profunda em seu ser como uma certeza absoluta.

Jerusalém

P

ara aqueles que o apoiavam — e havia um crescente bando deles —, Baruch Har-Zion era o novo Davi, o guerreiro escolhido pelo Senhor para lutar contra a imensurável opressão e resgatar para seu povo a Terra Prometida. Inflexível, destemido, experiente nas

batalhas, devoto, ele era o epítome do schtarker — o herói judeu durão que olha para si mesmo, para seu povo e seu Deus e é capaz de sofrer sem medo qualquer tipo de aflição pela causa que defende.

Ao nascer, recebeu o nome de Boris Zegowsky em um vilarejo no Sul da Ucrânia. Foi para Israel em 1970, com dezesseis anos, depois que ele e seu irmão mais novo saíram clandestinamente da União Soviética, cruzando metade da Europa a pé e apresentando-se à embaixada israelense em Viena para reclamar seus direitos de usufruir da aliyah. A jornada tinha sido, para Har-Zion, tanto uma peregrinação como uma fuga, uma viagem para uma terra mítica que oferecia não apenas um santo refúgio do corrosivo anti-semitismo de seu país de origem, mas também a manifestação física da aliança de Deus com Seu povo escolhido.

Ele devotou o resto de sua vida defendendo e expandindo aquela terra, primeiro como um soldado da FDI, onde serviu com distinção no regimento de elite Sayeret Matkal; posteriormente, depois de sofrer queimaduras terríveis quando seu Humvee passou sobre uma mina terrestre no Sul do Líbano, no Serviço de Inteligência Militar, comandando uma unidade especializada em recrutamento e formação de informantes palestinos. Uma absoluta e inabalável devoção à causa israelense era o que o definia e consumia, uma devoção que se manifestava tanto em atos de extremo heroísmo — ele foi, por duas vezes, honrado com a Medalha de Valor, prêmio israelense equivalente ao Victoria Cross — quanto de extrema brutalidade. Em 1982, recebeu uma reprimenda oficial por cobrir uma jovem libanesa com gasolina e ordenar aos seus homens que ateassem fogo, a menos que ela informasse a localização de um esconderijo de armas do Hezbollah (ela informou). Durante seu tempo no Serviço de Inteligência Militar, foi levado à corte marcial sob a alegação de que havia autorizado a ameaça de estupro de mulheres palestinas para coagi-las a se tornarem colaboradoras (todas as acusações foram retiradas depois que a principal testemunha de acusação morrera em um misterioso acidente dc carro).

E isso era apenas a ponta do iceberg. Relatos de violência, brutalidade e intimidação o seguiam por todos os lugares, algo que, longe de causar-lhe qualquer desconforto, parecia ser, sobretudo, uma inesgotável fonte de orgulho, mais do que todos os seus prêmios de bravura. "É bom ser admirado", segundo uma citação dele, "mas melhor que isso é ser temido."

Um temível oponente dos Acordos de Paz de Oslo — e de qualquer acordo de paz que envolvesse a entrega de qualquer centímetro do território bíblico de Israel —, ele deixou o Serviço de Inteligência Militar em meados dos anos 1990; entrou para a política, aliando-se a princípio à organização dos colonos militantes Gush Ernunim, antes de abandoná-la para se juntar ao Chayalci David, um grupo ainda mais radical. A posterior campanha de confisco e recolonização das terras árabes que promoveu foi inicialmente ignorada como o trabalho de uma facção de lunáticos. Com a aparição de al-Mula-tham e da Irmandade Palestina, no entanto, sua mensagem linha-dura — aquela que afirmava ser impossível haver segurança em relação aos homens-bomba até que toda a terra de Eretz Israel fosse colonizada por judeus e que todos os palestinos fossem obrigados a atravessar a fronteira em direção à Jordânia — ganhou uma crescente popularidade. Seu reagrupamento de tropas atraiu multidões cada vez maiores, e suas festas de arrecadação de fundos, os mais ilustres convidados. Na eleição de 2000, ele ganhou uma cadeira no Knesset e em alguns bairros já se ouve dizer que está seriamente cotado para ser o futuro líder de Israel. "Se Baruch Har-Zion algum dia tornar-se o primeiro-ministro, será o fim deste país", comentou certa vez Yehuda Milan, um político israelense moderado. "Se Baruch Har-Zion algum dia tornar-se o primeiro-ministro, será o fim dos yutzim, como Yehuda Milan", respondeu Har-Zion.

Esse resumo passava na mente de Layla enquanto continuava a olhar atentamente para o homem à sua frente, com suas mãos enluvadas, cabelos grisalhos e face com expressão severa, pálida e com barba; ele parecia um cubo de granito coberto de musgo. A sua

volta, o grupo de jornalistas estava novamente aos gritos, fazendo perguntas. Mini-gravadores eram agitados no ar.

— Sr. Har-Zion, o senhor concorda que está infringindo a lei ao ocupar essa casa?

— Você acredita que possa existir alguma forma de conciliação entre israelenses e palestinos?

— Poderia comentar sobre as declarações de que suas ações são tacitamente apoiadas pelo primeiro-ministro Sharon?

— É verdade que o senhor deseja demolir o Domo da Rocha e reconstruir o antigo Templo em seu lugar?

Har-Zion acompanhou as perguntas uma a uma, as mãos apoiadas firmemente na cintura, interagindo e reiterando, com a voz rouca e grave, que não se tratava de uma ocupação nem de um assentamento, mas, sobretudo, de uma libertação; era o resgate da terra que pertencia ao povo judeu por direito divino, continuando assim por mais vinte minutos, antes de sinalizar que não tinha mais nada a dizer e virar-se para retornar ao interior da casa. Enquanto ele ainda caminhava naquela direção, Layla avançou e gritou para ele:

— Durante os últimos três anos, membros do Chayalei David envenenaram poços palestinos, destruíram equipamentos palestinos de irrigação, acabaram com pomares palestinos. Três membros de sua organização foram presos por assassinar civis palestinos, incluindo um caso no qual um menino de onze anos foi morto a golpes de picareta. Você mesmo disse que aprovava as ações de Baruch Goldstein e Yigal Amir. Não seria o senhor um al-Mulatham israelense, Sr. Har-Zion?

Har-Zion ficou imóvel, depois se virou lentamente em direção ao grupo de jornalistas, procurando pelo rosto de Layla, encontrando os olhos dela e os fixando. Seu olhar era severo, furioso, embora houvesse certa vacilação por trás dele, certo deleite talvez, como se

ambos estivessem jogando algum tipo de jogo em particular, do qual somente eles tinham conhecimento.

- Explique para mim, Srta. al-Madani — ele falou rapidamente o nome dela, como se sentisse um gosto amargo na boca —, porque um árabe, quando mata vinte civis, é chamado de vítima, mas um judeu, quando defende a si mesmo e à sua família, é condenado como um assassino? Layla manteve o olhar, recusando-se a ser intimidada.

— Então o senhor apóia o assassinato gratuito de civis palestinos?

— Eu apóio o direito do meu povo de viver em paz na terra que foi dada a ele por Deus.

— Mesmo que isso envolva atos sistemáticos de terrorismo?

O rosto de Har-Zion se franziu furiosamente. Os outros jornalistas permaneceram olhando para eles, repentinamente em silêncio, concentrados no duelo particular.

— Há apenas um grupo de terroristas nesta região — disse ele —, e não são de judeus. Embora você não consiga descobrir isso em suas reportagens.

— O senhor não acha que o assassinato de uma criança seja terrorismo?

— Eu chamo isso de uma tragédia de guerra, Srta. al-Madani. E não fomos nós que começamos esta guerra.

Ele fez uma pausa por um momento, e seus olhos a perscrutaram.

— Embora certamente sejamos nós que daremos um fim a ela.

Ele manteve os olhos nela, depois lhe deu as costas e entrou na casa.

— Piranha — murmurou um de seus seguidores enquanto ele entrava. — Ela precisa é de uma bala na cabeça.

Har-Zion sorriu. — Talvez. Mas não agora. Até ela tem sua serventia.

Luxor

Khalifa amava as ruínas do Templo de Carnaque, especialmente no final do dia, quando a multidão se dispersava e o pôr-do-sol já se difundia por todo o complexo com raios acobreados, tornando o céu dourado. Iput-Isut era como os antigos o chamavam, "o mais precioso dos lugares", e ele podia compreender o porquê. Pois havia, de fato, algo mágico sobre aquele lugar, uma cidade em ruínas, suspensa, no meio do caminho, entre a Terra e os céus. Sempre que estava ali se sentia sendo conduzido para fora de si, a paisagem o confortando e acalmando, como se estivesse sendo transportado para uma dimensão diferente de tempo e espaço, deixando para trás todos os seus problemas.

Não hoje, entretanto. Hoje as estátuas monumentais e os muros repletos de hieróglifos semi-descobertos deixaram-no insensível. Na verdade, ele mal reparou neles, de tão perdido que estava em seus pensamentos, andando a passos largos pelo primeiro e segundo pilones, rumo à floresta de colunas da Grande Sala Hipóstila. Ali também deu pouca importância ao lugar.

Eram quase cinco da tarde. Havia desperdiçado, sob as ordens do delegado Hassani, a maior parte da tarde no Winter Palace, lidando com uma turista inglesa idosa que havia dado queixa do roubo de suas jóias. Ele e Sariya levaram três horas interrogando todos da equipe de limpeza antes de a mulher finalmente lembrar-se de que

não havia trazido as jóias consigo. — Minha filha disse para eu deixá-las em casa — ela explicou — para evitar que fossem roubadas. Vocês sabem, em países árabes...

Ao livrar-se do caso, retornou para a delegacia, onde se sentou sozinho à sua mesa, fumando incessantemente, rabiscando em seu bloco de anotações, pensando em Piet Jansen e Hannah Schlegel e na reunião com o delegado Hassani, tudo indo e vindo em sua mente. Depois de uma hora, ele se levantou e desceu até a sala do arquivo, no porão, para verificar algumas anotações sobre o caso Schlegel, consciente de que deveria abandonar aquilo, mas incapaz de impedir a si mesmo de seguir em frente. Ali, no entanto, outro mistério o aguardava, pois as anotações não se encontravam em nenhum lugar. A Srta. Zafouli, a velha solteirona que, desde quando Khalifa (assim como todos os demais) podia se lembrar, era a guardiã dos casos antigos da delegacia, procurou em tudo quanto é lugar por elas, mas sem sucesso. O arquivo tinha desaparecido.

- Eu não tenho como explicar o que aconteceu — resmungou ela. — Eu simplesmente não consigo explicar.

Ele deixou o porão ainda mais apreensivo, sem realmente pensar sobre o ocorrido, aguardando pelo táxi que o levaria até Carnaque, principalmente para clarear sua mente, visto que ali foi o lugar onde Hannah Schlegel havia sido assassinada e, portanto, de alguma maneira, o ponto principal de todas as suas dúvidas e preocupações.

Passava agora pela Grande Sala Hipóstila, com suas colunas em formato de papiro, como torres paralelas, semelhantes a troncos de sequóias, e saiu por uma porta no lado sul do muro. Estava quase na hora de fechar, e os guardas começavam a reunir os visitantes de volta para a entrada principal. Um dos guardas aproximou-se de Khalifa, fazendo um sinal de advertência com o dedo, mas o detetive apresentou seu distintivo e recebeu permissão para continuar.

Por que teria Hassani sido tão inflexível para que não reabrisse o caso de Schlegel? Esta era a pergunta que ele não conseguia tirar da cabeça. Por que ele se mostrou tão nervoso? Havia algo de errado. Extremamente errado. E tentar descobrir o que era traria problemas para ele. Muitos problemas. Mas mesmo assim ele não desistiria.

— Droga — resmungou ele, esmagando o seu Cleopatra embaixo da sola do sapato e imediatamente acendendo outro. — DROGA!

Ele se dirigiu para a extremidade sudeste do templo, seguindo um caminho de areia entre fileiras de blocos de pedra cobertos de hieróglifos, como as peças de um enorme quebra-cabeça, antes de chegar, finalmente, a um longo edifício retangular, separado discretamente do restante do complexo: Khonsu. Diminuiu o passo por um momento, observando os desgastados muros monumentais de arenito e então, com o coração batendo descompassado, moveu-se rápido por uma porta lateral para o interior do lugar.

Estava frio e escuro lá dentro, muito silencioso, mas um solitário raio de sol atravessava uma entrada logo à frente e atingia o chão ladrilhado como uma corrente de ouro derretido. À sua esquerda, um átrio cheio de pilares mostrava-se acessível; à sua direita, encontrava-se outro pátio aberto e atrás dele uma entrada baixa que dava acesso ao principal santuário do templo. Ele estava parado em uma sala hipóstila estreita, observando o centro da construção, com oito colunas em forma de papiro que pareciam marchar à sua frente, sendo quatro de cada lado. Foi embaixo da terceira coluna da esquerda que o corpo de Hannah Schlegel havia sido encontrado.

Ele esperou que seus olhos se ajustassem à escuridão e depois avançou. Embora tenha visitado Carnaque numerosas vezes desde o crime, ele sempre havia evitado cuidadosamente aquela parte e, enquanto cruzava a sala naquele momento, meio que esperou encontrar um borrão de sangue viscoso ainda marcado nos ladrilhos do chão, assim como o desenho de um corpo delineado com giz. Entretanto, não havia nada que pudesse sugerir que aquela violência tivesse ocorrido ali; nem mancha de sangue, nem marca

de giz, nenhuma lembrança, exceto pelas próprias pedras, as quais pareciam possuir um tipo de consciência elementar e uma astuta indiferença. "Nós já testemunhamos muitas coisas", pareciam dizer, "tanto boas quanto ruins. Mas sobre elas não diremos uma só palavra." Ele alcançou a imponente coluna e se agachou, relembrando o momento em que esteve ali, vendo pela primeira vez o cadáver da mulher. Por alguma razão, o estado geral do corpo o afetou menos do que os estranhos detalhes: a calcinha verde da vítima, visível porque sua saia fora puxada para cima de seus quadris; uma fileira de formigas, marchando pelo seu pé direito descalço; a cicatriz de um corte serpenteando por seu abdômen como uma linha traçada a lápis por um bêbado; e, acima de tudo, a estranha tatuagem em seu ante-braço esquerdo, um triângulo seguido de cinco números, em uma desbotada tinta azul-escura, como veias infiltrando-se pela pele clara. Coisa de judeu, o delegado Mahfouz havia explicado. Algum tipo de sinal religioso ou outra coisa. Como as marcas que você coloca no gado para saber de onde vem. A analogia tinha chocado Khalifa, como se a vítima fosse apenas alguma carcaça desconhecida deitada sobre uma bancada de açougueiro. Como as marcas que você coloca no gado. Que coisa terrível.

Ele deslizou a mão pelo chão; a palma emitia um som seco sobre a pedra empoeirada. Em seguida, ergueu-se novamente, levantando os olhos para a parede atrás da coluna, onde estava gravado um antigo relevo reproduzindo o faraó Ramsés XI sendo purificado pelos deuses Hórus e Thot, este último representado por um corpo humano com a cabeça de uma íbis.

Thot e tzfardeah, foi isso que Schlegel disse antes de morrer. Tzfardeah, ele estava certo, era uma referência aos pés deformados de Jansen. Mas e quanto a Thot? Estaria simplesmente, em seu delírio de morte, relatando o que poderia ver acima dela? Thot, a íbis, a última imagem que seus olhos focalizaram. Ou haveria algum significado mais profundo, alguma ressonância mais reveladora?

Ele deu uma tragada e esfregou as têmporas, perscrutando sua mente, extraindo toda e qualquer lembrança sobre aquele deus.

Sabedoria, escrita, cálculos e medicina — estes eram os domínios especiais de Thot. Magia também, pois, de acordo com a mitologia egípcia, foi ele quem forneceu o encanto que propiciou à deusa Ísis trazer de volta ávida o seu marido e irmão Osíris, que havia sido assassinado. E o que mais? Ele era o escriba e o mensageiro dos deuses, o criador dos hieróglifos, o autor das leis sagradas do Egito, e era quem registrava o veredicto eterno sobre a morte de uma pessoa. Estava intimamente associado à Lua — era sempre representado com um disco lunar sobre a cabeça —, e o principal centro de seu culto era em Hermópolis, no Médio Egito, onde era conhecido, entre outras descrições, como "O Coração de Rá", "O Medidor do Tempo" e "Mestre das Palavras Divinas". Seu barco de prata transportava as almas dos mortos através do céu noturno. Ele era casado com Seshat, a "Senhora dos Livros", a bibliotecária dos deuses.

Havia diversas conexões possíveis em tudo isso, diversos caminhos para Khalifa transformar a menção de Thot por Schlegel numa acusação codificada contra Piet Jansen. Afinal de contas, Jansen era inteligente e letrado; falava várias línguas e possuía uma imensa biblioteca. Se os antigos egípcios tivessem tido qualquer interesse em arqueologia, Thot seria provavelmente a divindade patrona dessa característica.

Entretanto, apesar dessas similaridades, Khalifa ainda tinha o pressentimento de que estava se esquecendo de alguma coisa, que ainda não havia compreendido a essência do que Schlegel estivera tentando revelar. Ela estava se referindo a algo específico, e ele não conseguia captar o que era. Ele simplesmente não conseguia.

Terminou o seu Cleopatra e amassou a guimba com o sapato. Talvez Hassani tivesse razão, ele pensou. Talvez eu esteja imaginando coisas, tentando passar um camelo no buraco de uma agulha. E, mesmo que eu não esteja, o que poderia fazer a esse respeito? Dar continuidade a uma investigação nas costas do chefe, arriscando toda a minha carreira? E pra quê? No final das contas, Schlegel era apenas uma velha...

O som de passos ecoou ao longe, vindo do templo. A princípio pensou que deveria ser o guarda. Como os passos se aproximavam cada vez mais, percebeu que eram muito leves para serem os de um homem. Cinco segundos se passaram, dez, e então uma mulher em uma djellaba suda entrou na sala pelo lado sul, um ramalhete de flores apertado em sua mão, um xale preto sobre a cabeça, o que quase lhe ocultava a face. O sol já se fora, e, no crescente crepúsculo, ela não tinha notado Khalifa, que havia retrocedido para dentro das sombras atrás do pilar. Ela foi até o local onde Hannah Schlegel havia morrido e, desembrulhando o ramalhete de flores, agachou-se e as colocou no chão. Khalifa deu um passo à frente.

— Olá, Nur.

Ela se virou, alarmada.

— Por favor, não tenha medo — disse ele, erguendo uma das mãos para indicar que não lhe causaria mal. — Eu não pretendia assustar você.

Ela se colocou de pé, retrocedendo e observando-o com suspeita. Uma careta de reconhecimento lentamente contraiu sua boca.

— Khalifa — sussurrou ela. Houve uma breve pausa e então: — O homem que matou meu marido. Um deles.

Ela havia mudado desde a última vez que ele a vira, no tribunal, no dia da condenação de Mohammed Gemal. Naquela época, ela era jovem e bonita. Agora, era uma pessoa diferente, abatida, com o olhar cansado, as faces cheias de rugas como madeira antiga.

— Por que você estava me observando? — perguntou ela.

— Eu não estava observando você. Estava apenas...

Interrompeu, incapaz de explicar exatamente o motivo que o levara até o templo. Ela o observava atentamente e então, baixando os olhos, voltou-se para as flores. Agachou e as arrumou em volta da

base da coluna. Uma garça alvíssima apareceu do lado de fora, no átrio, bicando o chão.

— Eu venho sempre aqui — disse ela depois de um tempo, falando mais para si mesma do que para Khalifa, mexendo nas flores com seus dedos enrugados. — Mohammed não teve um túmulo apropriado. Eles simplesmente o jogaram em uma cova fora da prisão. É muito longe para eu fazer todo o caminho até o Cairo. Então venho aqui. Eu não sei por quê. Eu acho que é... bem, o lugar onde ele morreu, de certa maneira.

Seu tom era conformado, e não uma aberta acusação, o que de alguma maneira tornou as coisas piores para Khalifa. Ele se mexeu desconfortável, revirando uma moeda no bolso.

— Eu as deixo por causa da velha mulher também — continuou ela. — Não foi culpa dela, não é? Ela não acusou Mohammed.

Colocou as flores como queria e levantou-se novamente, pronta para ir embora. Khalifa deu outro passo em sua direção.

— E as crianças? — perguntou ele, ansioso, repentinamente, para que a conversa não terminasse.

Ela encolheu os ombros. — Mansour conseguiu um emprego de mecânico. Abdul está terminando a escola. Fatma se casou, está com um bebê a caminho. Mora em Armant agora. O marido trabalha numa fábrica de bengalas.

— E você. Você se...

— Se eu me casei novamente? — Ela o olhou melancolicamente. — Mohammed é meu marido. Ele pode não ter sido um homem bom, mas continua sendo meu marido.

A garça branca voltou a bicar o chão na direção da entrada e agora se aproximava silenciosamente da sala. A cabeça balançava de um lado para outro; suas pernas finas como agulhas de tricô levantavam-se e baixavam com a delicadeza controlada e rítmica de

uma bailarina. A ave ficou a quase um metro da mulher e depois se afastou.

— Ele não fez aquilo, você sabe — disse ela calmamente. — Ele pegou o relógio, o que estava errado. Muito errado. Mas ele não matou aquela senhora. E ele não pegou a carteira. A carteira não.

Khalifa ficou olhando fixamente para o chão.

— Eu sei — murmurou ele. — Eu... sinto muito.

Ela seguiu a garça com os olhos, observando enquanto a ave avançava por entre as colunas.

— Você era o único homem bom — sussurrou ela. — O único que eu pensei que poderia ajudá-lo. Mas então você...

Ela suspirou, virou-se para partir e deu alguns passos, antes de voltar-se novamente.

— O dinheiro tem ajudado. Não pode trazê-lo de volta, mas tem ajudado. Então, obrigada por isso.

Khalifa olhou para ela, confuso.

— Eu não... que dinheiro?

— O dinheiro que você tem mandado. Eu sei que é você. Você era o único que era bom.

— Eu não... que dinheiro? Eu não sei do que você está falando.

Ela olhava atentamente sobre seu ombro para o véu de sombras que crescia atrás da sala. Os olhos eram frios e vazios — olhos de alguém cuja esperança se esvaíra totalmente.

— Todo ano. Pouco antes do Eid el-Adha. Chega sempre pelo correio. Sem bilhete, nome, nada. Somente as três mil libras egípcias. Sempre em notas de cem. Começou a chegar uma semana depois que Mohammed se matou e continuou desde então.

Todo ano. Foi a forma pela qual pude colocar os garotos na escola e como consegui sobreviver. Eu sei que é você. Você é um bom homem, apesar de tudo.

Olhou de soslaio para ele, então se virou e precipitou-se para fora do templo.

JERUSALÉM

No caminho para casa, saindo da Cidade Antiga, Layla parou no Hotel Jerusalém para um drinque e para beliscar alguma coisa com sua amiga Nuha.

Um edifício elegante, em estilo otomano, próximo ao final da Estrada de Nablus, de propriedade de palestinos que o dirigiam. O interior possuía um piso de pedra e um terraço coberto com parreiras; o hotel já fazia parte de sua vida há muito tempo. Foi ali que ela conheceu Nizar Suleiman, o editor do al-Ayyam, que lhe ofereceu o primeiro emprego, onde conseguiu suas melhores histórias e onde perdeu a virgindade (aos dezenove anos, com um jornalista francês, fumante compulsivo, um inquietante, atrapalhado caso que a deixou sentindo-se desonrada e confusa). E, é claro, foi no Hotel Jerusalém que seus pais se encontraram pela primeira vez, e, se o que sua mãe dizia era verdade, aquele era o lugar onde Layla havia sido concebida.

— Houve uma terrível tempestade naquela noite — contou sua mãe algum tempo depois. — Uma chuva com raios e trovões como você

nunca viu. O mundo inteiro parecia estar acabando. Algumas vezes cheguei a pensar que é por isso que você é desse jeito.

— Desse jeito como, mamãe?

A mãe sorriu, mas não disse mais nada.

Seus pais formavam um casal diferente: a sonhadora garota inglesa de uma típica família de classe média de Cambridge e o intenso e introvertido médico dez anos mais velho, cujas horas do dia eram dedicadas ao cuidado e bem-estar de seus compatriotas palestinos.

Eles se conheceram em 1972, em uma recepção para celebrar o casamento de um amigo em comum. Alexandra Bale, como a mãe de Layla era conhecida, tinha acabado de sair da universidade e estava trabalhando como professora voluntária em uma escola para meninas em Jerusalém Oriental, incerta sobre o que queria fazer de sua vida. Mohammed Faisal al-Madani vivia na Faixa de Gaza, onde dirigia uma clínica médica no campo de refugiados de Jabaliya, trabalhando quatorze horas por dia, sete dias por semana, cuidando da população do campo.

— Foram os olhos dele que me cativaram — evocou a mãe de Layla certa vez. — Eram tão negros, tão tristes. Como se estivesse olhando para um poço de águas escuras.

Apesar da, ou possivelmente por causa da, diferente educação que cada um havia recebido, eles se interessaram um pelo outro instantaneamente; o pai de Layla foi seduzido pela beleza e sagacidade da jovem mulher, e sua mãe, hipnotizada pela intensidade daquele homem mais velho, detentor de uma calma e uma força inatas. Começaram a sair quase que imediatamente e, para o horror dos pais de Alexandra, casaram-se seis meses depois, desfrutando de uma lua-de-mel de apenas uma noite, no Hotel Jerusalém, antes de se instalarem em sua casa, na tumultuada e super-povoada cidade de Gaza. Layla nasceu em 6 de outubro de 1973, no dia em que a Guerra do Ramadã se iniciou.

— Um dia esta criança irá realizar grandes feitos — havia previsto seu pai, orgulhosamente segurando a filha recém-nascida, cujo parto ele mesmo tinha feito. — O futuro dela e o de nosso povo estarão intrinsecamente ligados. Um dia todo palestino saberá o nome de Layla Hanan al-Madani.

Ela sempre amou o pai. Um amor devotado, quase doloroso, devido à sua intensidade. Enquanto outras recordações do início de sua juventude eram fragmentadas e confusas, imagens esmaecidas de pessoas, lugares e sons, seus sentimentos por seu pai mantinham uma clareza intensa e irredutível. Também amara sua mãe, é claro — seu volumoso e rebelde cabelo ruivo, seus olhos sorridentes, a maneira como ela repentinamente irrompia cantando ou dançando, arrancando risos da pequena Layla. No caso de sua mãe, no entanto, era um amor terno, aconchegante, simples, como o brilho do sol na primavera, como uma carícia sutil. Quanto ao seu pai, era de um modo geral algo vigoroso, natural, uma chama ardente de afeição, consumindo e sobrepujando-a, a definição da emoção de sua existência que, quando comparada às outras, estas se mostravam pálidas e insignificantes.

Ele foi um homem tão bom, tão bonito, paciente, forte e inteligente. Sempre estaria pronto para apoiá-la, sempre a faria sentir-se calma e segura. Quando os blindados israelenses irrompiam pelas ruas à noite, ela sempre corria para perto dele, e ele a abraçava, passando a mão pelo seu cabelo sedoso, entoando uma antiga canção de ninar árabe com sua voz grave e levemente desafinada. Quando as outras crianças caçoavam dela por causa da pele clara e dos olhos verdes, chamando-a de mestiça, ele a colocava em seu joelho e, enxugando suas lágrimas, explicava que seus colegas de classe tinham inveja de sua beleza e inteligência, apenas isso.

- Você é a menina mais linda do mundo, minha Layla. Nunca se esqueça disso. E eu o pai mais feliz do mundo, porque você é a minha filha.

À medida que ela crescia, seus sentimentos pelo pai tornavam-se ainda mais fortes. Nos seus primeiros anos de vida, ela

simplesmente o amava por ser seu pai, uma figura onipresente, que entoava canções de ninar, lia histórias e fabricava maravilhosos brinquedos com objetos velhos. Enquanto o tempo passava, contudo, e sua perspectiva se expandia, ela começou a apreciá-lo em um contexto mais abrangente, não apenas como seu pai, mas também como ser humano: um homem altruísta, motivado, corajoso, que dedicava sua vida para ajudar os outros. Ela o visitava em sua clínica — um único cômodo com paredes caiadas e o chão apenas cimentado—, sentando-se no pátio do lado de fora enquanto cada um de seus pacientes marchava para ver "el-doktor", pensando consigo mesma como ele era especial, como era inteligente e mágico a ponto de ser capaz de fazer todas aquelas pessoas se sentirem bem novamente. "Ele é o melhor homem do mundo", escrevera Layla no diário que mantinha naquela época, "porque sempre ajuda o próximo, nunca tem medo e é bom no que faz. Além disso, distribuía gratuitamente remédios para a velha Sra. Falouji, pois ela não tinha dinheiro nenhum, e isso foi bom."

Se seu amor cresceu e aprofundou-se com a idade, cada dia parecia trazer algum aspecto novo de seu pai para ser admirado e respeitado, assim como seu cuidado para com ele. Com a intuitiva e emocional sensibilidade infantil, a menina pressentia, apesar do sorriso largo e da maneira como gargalhava e brincava com ela, se ele estava infeliz, se ele se sentia oprimido não apenas pela pressão do trabalho, que o exauriu, fatigou e prematuramente o envelheceu, mas também com a desesperança em face da ocupação, a esmagadora impotência de presenciar sua terra natal sendo tomada aos poucos bem debaixo de seu nariz e ser incapaz de fazer qualquer coisa a respeito disso.

— Seu pai é um homem orgulhoso — sua mãe certa vez lhe disse. — Presenciar o sofrimento de seu povo dessa maneira lhe causa muita dor. E o deixa muito triste.

Daquele momento em diante, ela se conscientizou do sofrimento dele e fez disso a sua missão para ajudá-lo. Quando era criança, ela encenava para ele, fazia desenhos, escrevia histórias nas quais belos médicos salvavam lindas princesas dos malvados soldados

israelenses com seus fuzis Ml6 (isso era tão natural para uma criança palestina, que ela sabia quais eram as armas utilizadas pelos israelenses, antes mesmo que pudesse identificar seu próprio país em um mapa). Posteriormente, quando chegou ao período da adolescência, ela começou a ajudá-lo nas cirurgias, preparando chá, acompanhando os pacientes de volta ao campo, atendendo andarilhos e até fazendo pequenos atendimentos médicos.

— Por que você escolheu ser médico? — ela perguntou um dia, quando seus pais almoçavam juntos.

Ele ficou pensando por um longo momento.

— Porque foi a melhor forma que encontrei para servir ao meu povo — respondeu ele finalmente.

— Mas você nunca quis lutar contra os israelenses? Matá-los?

Ele segurou sua mão.

— Se os israelenses alguma vez ameaçarem aqueles que amo, sim, eu lutaria. Eu lutaria com toda a força do meu corpo, até a última gota de meu sangue. Mas a violência não é o caminho, Layla, por mais que eu odeie o que os israelenses têm feito. Desejo salvar vidas, e não tirá-las.

Era a tarde do seu aniversário de quinze anos. Depois disso, naquela mesma noite, ela havia testemunhado a pessoa que mais amava em todo o mundo, o melhor ser humano que jamais conhecera, ser arrancado do carro e espancado até a morte com um bastão de beisebol.

O almoço, é claro, havia sido realizado no Hotel Jerusalém.

Sua amiga Nuha já estava ali quando Layla chegou, sentada à mesa no terraço frontal, o rosto colado no Herald Tribune. Uma mulher roliça, com um cabelo bastante laqueado, um pouco mais velha do

que Layla. Usava óculos de aros redondos e uma camiseta bem justa com os dizeres DIREITO PALESTINO DE RETORNO: SEM RETORNO, SEM PAZ. Ao aparecer atrás dela, Layla inclinou-se e beijou-lhe a face. Olhando ao redor, Nuha apertou os braços de Layla e indicou uma cadeira, entregando-lhe o jornal.

— Você já viu esta porcaria?

Ela apontou para o título da matéria: ESTADOS UNIDOS CONDENAM ENVIO DE ARMAS AOS PALESTINOS. Do lado oposto, outra matéria: CONGRESSO APROVA A VENDA DE US$ 1 BILHÃO EM ARMAS PARA ISRAEL.

— Hipócritas de merda! Parece uma piada de péssimo gosto. Cerveja?

Layla assentiu, e Nuha acenou para Sami, o garçom.

— Então, como foi por lá? — perguntou ela, meneando a cabeça na direção da Cidade Antiga.

Layla deu de ombros. — Tenso, como eu esperava. Har-Zion deu uma entrevista coletiva com aquela costumeira lengalenga sobre Deus e Abraão, e quem critica Israel é um anti-semita que odeia os judeus. Ele fala bem, sabe, é preciso admitir isso.

— Hitler também — bufou Nuha, acendendo um Marlboro. — Eles vão expulsá-los?

— Com certeza — resmungou Layla. — E Sharon será o primeiro bailarino do Bolshoi. É óbvio que eles não vão fazer porcaria nenhuma para expulsá-los de lá.

Houve uma estrondosa gargalhada numa outra mesa, onde um grupo de homens e mulheres que pareciam ser escandinavos — funcionários de uma ONG, provavelmente, ou diplomatas de baixo escalão — estava comendo. Do lado de fora, ouvia-se o barulho do motor de um jipe Izuzu de soldados israelenses que passava

lentamente, parecendo um réptil gigante blindado. Sami chegou com dois copos de Taybeh e um prato de azeitonas.

— Você ouviu a respeito das bombas? — perguntou ele, colocando os copos e o prato na mesa e no centro dela acendendo um castiçal.

— Ah, Deus — suspirou Nuha. — Outra? Onde?

— Haifa. Acabou de ser noticiado.

— Al-Mulatham?

— Parece que sim. Dois mortos.

Layla balançou a cabeça. — Ele e Har-Zion vão começar a Terceira Guerra Mundial.

Nuha pegou sua cerveja e tomou um longo gole.

— Você sabe o que eu penso — disse ela, colocando o copo sobre a mesa novamente e dando uma tragada. — Penso que eles estão trabalhando juntos. Olhe isso: quanto mais pessoas morrem por causa de al-Mulatham, mais apoio Har-Zion recebe. Quanto mais apoio Har-Zion recebe, mais desculpas al-Mulatham tem para matar. Eles se ajudam mutuamente.

— É, pode ser que você tenha descoberto o que está ocorrendo — disse Layla, com um sorriso. —Talvez eu escreva um artigo sobre isso.

— Bem, só não se esqueça de quem você ouviu isso primeiro, garota. Eu sei bem como são os jornalistas. O maior furo de reportagem de sua carreira, e você guarda todo o crédito para si mesma.

Mais uma vez Layla riu. Mas, enquanto sinais de um leve contentamento revelavam se em seu rosto, seus olhos pareciam repentinamente ter sido levados para outro lugar, para algum outro

tipo de reflexão. — O maior furo de reportagem de sua carreira. — Onde ela ouvira aquela frase recentemente? Levou algum tempo antes de ela lembrar que havia sido na carta recebida mais cedo naquela tarde. Como foi mesmo? Eu possuir em minhas mãos informassões que poderiam provar-se inestimáveis para al-Mulatham em relação a sua luta contra os opressores sionistas, e realmente gostaria de contactar-te. Eu acredito que V. Sª. poder me ajudar. Em retribuição, eu poder oferecer o que acredito ser até aqui o grande furo de reportagem de sua já ilustre carreira. Algo desse tipo. Ela havia ignorado a carta como uma brincadeira ou uma armadilha do Shin Bet, e isso ainda parecia ser a explicação mais provável. Entretanto, agora que algumas horas haviam se passado...

— Por acaso as iniciais GR significam algo pra você? — perguntou Layla de repente.

— O quê?

— GR. Será que estas iniciais significam algo pra você?

Sua amiga pensou por um momento.

— Greg Rickman? O cara do Salve as crianças, aquele que está interessado em você?

Layla balançou a cabeça. — Ele não está interessado em mim. E ele faz parte do passado.

Nuha parecia confusa.

— Esqueça — disse Layla depois de um momento, levantando sua cerveja e tomando um pouco. — Não é nada demais. Como foi o seu dia?

Sua amiga trabalhava para uma organização que monitorava as terras confiscadas pelos israelenses ao redor de Jerusalém, e ela precisava, sem demora, mencionar uma longa história sobre um velho fazendeiro cuja plantação de oliveiras tinha acabado de ser

destruída pelos buldôzeres da FDI. Layla tentava ouvir, mas sua mente estava em outro lugar. A carta, al-Mulatham, seu pai, aquele último almoço que tiveram no Hotel Jerusalém. Tinha sido uma tarde tão feliz, apenas ela e seus pais, rindo juntos, conversando e contando histórias. E poucas horas mais tarde ele estava morto.

— Meu Deus, meu pai! — ela havia gritado, seu cabelo ensopando-se no sangue dele. — Meu Deus, meu pobre pai!

E a partir daquele momento tudo mais desmoronou.

Jerusalém

C

ontavam com a presença de um rabino com eles na casa, um homem jovem, magro e veemente, nascido e criado nos Estados Unidos, como tantos colonos militantes, com cachos alcançando o queixo, e óculos grossos que aumentavam os seus olhos a ponto de parecerem cobrir metade da face. No cair da noite, reuniram-se na sala de estar da casa e começaram a orar, escolhendo como seu parasha, ou trecho de texto, o Livro do Gênesis, capítulo 17, versículo 8: "Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o teu Deus.”

Har-Zion sentou-se para ouvir junto com os demais, aquiescendo e sorrindo enquanto o rabino assegurava-lhes que o que faziam era a verdadeira obra do Senhor, uma cruzada santa para a qual as futuras gerações olhariam com o mesmo sentimento de orgulho e gratidão que eles mesmos sentiam cm relação aos grandes heróis judaicos do passado. Ele amava ouvir a Torá ministrada dessa maneira para sentir-se parte daquela rica tapeçaria que era a história do povo judeu. Quando menino, depois que sua mãe

falecera e seu pai enlouqueceu, ele e seu irmão Benjamim passavam horas juntos no orfanato do governo, revivendo todos os antigos contos, sonhando que um dia também visitariam a terra dos Patriarcas e a defenderiam contra os inimigos, assim como fizeram Josué, Davi e o grande Judas Macabeu. As histórias tinham sido, para eles, tão fundamentais quanto tudo que os envolvia, uma realidade separada na qual imergiam para escapar do frio e dos ataques violentos aos judeus, vivenciados por eles todos os dias.

— A Torá, a Mishná e o Talmude são o que há de real — contou o pai certa vez. — Todo o resto é apenas ilusão.

Ele foi um homem devoto, o abba deles. Devoto até demais, em certo sentido, perdendo-se em meio aos seus livros da Lei quando deveria estar provendo o sustento da família. Foi deixado a cargo de sua mãe cuidar da casa adequadamente, costurando noite adentro para conseguir dinheiro suficiente para alimentar e vestir a todos, e ainda comprar madeira para acender o fogo. Mas então a mãe faleceu, e, em vez de assumir as suas responsabilidades, o pai embrenhou-se ainda mais em seus estudos, permanecendo inativo, dias a fio, lendo e resmungando consigo mesmo. De vez em quando irrompia em um extasiante choro de alegria, como que fora de si, dizendo-lhes que tinha visto uma grande menorá no céu e que o Dia da Redenção estava perto; mas posteriormente o pai foi levado embora, e Har-Zion e o irmão foram colocados num abrigo do governo onde a menor menção de seu judaísmo resultava na mais brutal das surras.

Sim, pensava Har-Zion, ele podia ter sido uma pessoa muito devota. Não invejava aqueles que consagravam suas vidas à halakhah, os rabinos, os matmidim e os talmid hakhamim. De certo modo, ele até os invejava, a habilidade que tinham de menosprezar o mundo físico e existir simplesmente sob uma perspectiva da fé e do espírito. No entanto, não era para ele. Frumm como era, Har-Zion era um homem de ação. Por isso, ele e seu irmão fugiram do orfanato e foram para Israel; por isso, juntara-se ao exército e lutava contra os árabes; e por isso estava sentado ali naquele momento. Pois, se suas antigas experiências lhe ensinaram alguma coisa, era que a fé,

por si só, não era suficiente. É preciso agir também; levantar-se e defender a si mesmo no mundo real. Mantendo a Torá sempre à mão, sem dúvida. Mas sempre se assegurando de que na outra mão se estivesse segurando uma Uzi.

O rabino terminou seu sermão, e o grupo se dispersou; as mulheres, na cozinha, começaram a preparar a refeição, os homens a vigiar a casa ou a se engajar em algum estudo em particular do Talmude. Har-Zion foi para o telhado, onde recebeu algumas ligações pelo celular, uma de um financiador dos Estados Unidos para cumprimentá-lo pela ocupação; outra de um contato do gabinete do governo que dizia estar muito aborrecido, mas, visto que não houve violência aberta, o governo não iria se mexer para expulsá-los.

— Em tempos como estes, precisamos ficar unidos, Baruch — disse-lhe o homem. —Saiba que haverá muita pressão internacional, particularmente da Europa e da ONU.

— Que se fodam — Har-Zion replicou. — Eles não farão nada. Nunca fazem. São todos uns vermes.

Desligou e permaneceu ali por mais um tempo, olhando para o leste, em direção ao Monte Scopus e à Universidade Hebraica, observando enquanto um ônibus árabe surgia lentamente na ladeira íngreme da Estrada Ben Adaya, uma fumaça sendo expelida de seu escapamento. Depois disso, retirou-se rapidamente para dentro da casa, descendo as escadas e indo para um dos cômodos no segundo andar, acendendo a luz e fechando a porta atrás de si.

Ele e Avi partiriam mais tarde naquela noite, ele decidira, uma vez que as coisas do lado de fora haviam se acalmado um pouco, e eles poderiam sair despercebidos, sem qualquer problema. Era assim que acontecia naquele tipo de ação: ele participava do início para organizar as coisas e garantir a máxima publicidade; depois, uma vez que a ocupação estava segura, passava a responsabilidade para outra pessoa, deixando a seu cargo dirigir o lugar invadido, o despojamento de tudo que o antigo morador deixara ali e a substituição dos objetos por uma nova identidade judaica. Havia

outros assuntos mais urgentes para tratar: entrevistas, reuniões, seu trabalho no Knesset, al-Mulatham.

Har-Zion girou a chave na fechadura, atravessou o quarto para verificar se a janela estava trancada e então, lenta e formalmente, começou a se despir. Havia um espelho do lado oposto, quebrado e sujo, e, uma vez que estava nu, deu alguns passos naquela direção, olhando atentamente para o seu reflexo. Do pescoço para baixo, a pele era como um retalho sem vida, lisa e sem pêlos, em tons vermelho, marrom e rosa; era mais parecida com plástico do que de fato com a pele humana. Passou os olhos para baixo e para acima, um olhar abatido de surpresa em sua face, como se mesmo depois de treze anos e uns cem enxertos de pele ainda não pudesse acreditar que estivesse daquele jeito.

Campo minado, sul do Líbano. Foi o que causou tudo aquilo. Uma tragédia, uma mudança de paradigma. Na maior parte do tempo eles nem mesmo atiravam. O Humvee deles passou por cima do local e explodiu, ceifando cada um ali dentro em um manto cauterizante de chamas. Ele teria morrido naquele momento se Avi, que estava num veículo atrás, não tivesse corrido para tirá-lo das chamas.

— Sem chances — os médicos do exército haviam dito quando o levaram. — Está morto. — Mas ele não tinha morrido. Sobrevivera, agarrando-se à vida com uma ferrenha determinação, como um homem pendurado pela ponta dos dedos na beira de um precipício. A dor era inacreditável, por semanas, meses, uma dor que, quando comparada a quaisquer outras, relegava essas a momentos de raro prazer, rasgando-o célula por célula, átomo por átomo, até que não lhe restava mais nada além da dor; ele tinha se transformado na própria dor, uma criatura feita da mais pura e intensa agonia. Mesmo assim, ele a suportou, sustentado pela inflexível convicção de que Deus precisava dele vivo. E, sobretudo, pela fúria. Não pelo que aconteceu com ele, apesar de ter sido ruim o bastante, mas pelo seu irmão mais novo, seu amado Benjamim, que estava com ele no Humvee e foi incinerado pela explosão. Querido e corajoso Benjamim.

Ele olhou para o espelho, com repulsa e fascinação pela diferença entre a textura de sua cabeça e das faces, a qual por algum milagre escapara da onda de fogo, e o lívido e cristalino caleidoscópio de tudo que estava embaixo. Então, com um grunhido, pegou um vidro de ungüento sobre a mesa ao seu lado, derramando um pouco sobre a palma da mão, e começou a esfregar o retalho de carne de seus braços e torso.

Cinco vezes por dia ele repetia aquele ritual. A pele necessitava manter-se maleável, informaram os médicos. Úmida, com elasticidade. Caso contrário, ela iria se enrijecer em volta dele como uma camisa-de-força, rasgando-se por qualquer movimento repentino ou brusco. Esse foi o motivo que o fez abandonar o serviço ativo e aceitar um trabalho burocrático no Serviço de Inteligência Militar. Pois tal ritual não podia ser interrompido; mesmo se perdesse uma só sessão, isso já poderia literalmente causar o rompimento de sua pele.

Har-Zion espalhou o líquido branco de amêndoas sobre os ombros, peito e estômago, descendo em direção ao pênis e testículos, um comprimido fruto pendendo da saliência de uma cicatriz que era sua virilha. "Você tem filhos?", os médicos haviam perguntado. Quando ele dissera que não, balançaram a cabeça tristemente. Nunca mais. Tudo que havia no interior estava arruinado. Ele estava vazio. Incapaz de fazer nascer a vida. Não foi apenas o seu irmão que mataram, mas seus filhos também. Seu futuro. O futuro que ele e Miriam, sua esposa, tanto haviam sonhado.

Benjamim, seus filhos, sua carne, e há três anos Miriam também, de câncer — tudo foi tirado dele, arrancado como a casca de uma árvore, deixando apenas sua fé, sua fúria e seu país. Israel. Era sua família agora. E, também, a sua vingança. Seu clamor de desafio contra os árabes, os goyim e aqueles que odiavam os judeus em todos os lugares. E ele faria qualquer coisa que tivesse que ser feita para garantir a sobrevivência de Israel.

Ao terminar de massagear-se, deixou o pote de ungüento a seu lado e olhou para o espelho. Você pode até ter medo, pensou ele, mas

ainda é forte. Nós até podemos ter medo, mas ainda somos fortes. Va'avarecha me'varakhecha umekalelecha. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem.

Aquiescendo, virou-se e começou a vestir-se novamente.

JERUSALÉM

H

avia tantos "se" que poderiam ter salvo o seu pai: se eles não tivessem ido a Jerusalém para celebrar seu aniversário de quinze anos; se eles tivessem voltado mais cedo; se não tivessem se desviado para o campo; se o jovem soldado israelense tivesse sido abatido em algum outro lugar. Acima de tudo, se pelo menos seu pai não tivesse sido um homem tão bom. A bondade, no final das contas, é que o matou, tão forte quanto as pancadas do bastão de beisebol — o fato de zelar pela vida das pessoas, de ser um ser humano que não tem como ajudar, mas ajuda. Um ser inferior teria virado as costas e saído. Mas seu pai não era um ser inferior e, por causa disso, foi massacrado.

Haviam encontrado o soldado no acostamento de uma estrada nos limites do campo de refugiados de Jabaliya, tarde da noite. Quando estavam voltando do almoço de aniversário comemorado no Hotel Jerusalém, desviaram da estrada principal que ia do posto de fronteira de Erez à cidade de Gaza, a fim de recolherem documentos na sala de operações de seu pai, no centro do campo. As luzes mostraram uma forma na escuridão, e, lentamente, descobriram que se tratava de um jovem, seminu e inconsciente; seu rosto, duramente espancado, estava desfigurado. Seu pai parou o carro, saiu e foi até ele.

— Ele está vivo? — perguntou a esposa.

Ele confirmou.

— Israelense?

Outra confirmação.

— Meu Deus do céu!

A primeira Intifada estava no seu apogeu, e o sentimento anti-israelense era intenso, especialmente naquela panela de pressão em que a Faixa de Gaza tinha se transformado, onde os primeiros rebeldes surgiram em dezembro do ano anterior. Como e quando o soldado foi parar naquele acostamento era algo incerto. O que estava claro era que ajudá-lo naquele momento, naquele lugar, seria extremamente perigoso. Palestinos que ajudavam israelenses eram odiados tanto quanto os próprios israelenses. Mais até.

— Deixa ele aí — disse Layla. — Os judeus não ligam pra gente. Por que deveríamos fazer alguma coisa por eles?

Seu pai negou com a cabeça. — Eu sou médico, Layla, não posso deixar alguém morrer largado como um cachorro. Seja lá quem for.

E então eles ergueram o soldado e o levaram para dentro do carro e rumaram para a sala de operação, onde seu pai fez o melhor que pôde para limpar os ferimentos do homem e fazer os devidos curativos. Ele recuperou a consciência enquanto estava sendo tratado e começou a mexer-se e a chorar.

— Por favor, segure a mão dele, Layla — pediu seu pai. — Tente confortá-lo.

Ela fez conforme foi orientada. Foi a primeira vez que havia tocado em um israelense.

Depois de tudo, quando já haviam feito todos os curativos da melhor forma possível, eles envolveram o soldado em um cobertor, colocaram-no de volta no carro e dirigiram para fora do campo, pretendendo deixá-lo em um dos postos de fronteira israelenses que

provocavam engarrafamentos na rodovia principal. Eles mal tinham avançado cem metros quando bruscamente dois carros apareceram do nada e os seguiram lado a lado, forçando para que saíssem da estrada.

— Oh, Deus — sussurrou a mãe dc Layla. — Oh, Deus, ajude-nos. — Quem eram os homens, a que facção pertenciam, como souberam sobre a boa ação de seu pai, e tão rapidamente, Layla nunca descobriu. Tudo do que se lembrava era a repentina aglomeração de pessoas ao redor do carro, de suas faces escondidas atrás de keffiyehs xadrez e do estampido de uma pistola quando atiraram no israelense numa linha horizontal através da janela aberta; e então seu pai foi arrancado abruptamente do carro e levado para o local de onde vinham os gritos de "Radar! A'mee!" (Traidor! Colaborador!). Sua mãe tentou segui-lo, mas eles bateram a porta do carro contra sua cabeça, deixando-a inconsciente. Surraram seu pai impiedosa e incessantemente. Uma multidão de expectadores se juntou para assistir; muitos eram seus pacientes, nenhum deles tentou ajudá-lo, e nenhum deles esboçou nem mesmo o mais sutil dos protestos. Então amarraram as mãos dele em suas costas e arrastaram-no pela areia que circundava o campo. Ela correu até eles, chorando, gritando e implorando pela vida do pai, mas sem sucesso. Eles o empurraram para dentro de um buraco; um bastão de beisebol surgiu do nada, e, com golpes revoltantes, espancaram seu pai, comprimindo o rosto dele no chão. Três outros golpes o atingiram com violência, abrindo o crânio como uma melancia. E, tão repentinamente como apareceram, eles desapareceram novamente, deixando Layla rastejar ao encontro do corpo massacrado do pai. Ela o tomou em seus braços, seus longos cabelos soltos ensopando-se com o sangue dele. Ouvia-se o uivo de cães selvagens ecoando ao longe.

— Oh, Deus, meu pai! Oh, Deus, meu pobre papaizinho!

Sobre os eventos daquela noite Layla nunca falou com ninguém. Nem mesmo com sua mãe. No dia seguinte, depois do velório, ela pegou uma tesoura e cortou o cabelo, incapaz de parar de sentir o cheiro do sangue de seu pai que parecia impregnado mesmo tendo

lavado o cabelo tantas vezes. Dois dias depois, ela e sua mãe fizeram as malas e deixaram a Palestina para sempre, retornando à Inglaterra, onde formaram um novo lar com os avós de Layla, os quais possuíam um enorme chalé em um vilarejo nas imediações de Cambridge. Ela permaneceu por lá durante quatro anos, até que, para o horror de sua mãe, anunciou que voltaria.

— Mas por quê? — gritou sua mãe. — Pelo amor de Deus, Layla! Depois de tudo que aconteceu? Depois de tudo que fizeram? Como pode?

Ela foi incapaz de explicar, apenas disse que precisava acertar as contas. O que era, em certo sentido, o que vinha fazendo desde então.

LUXOR

S

ó quando Khalifa entrou em casa naquela noite, ele se lembrou de que haveria convidados para o jantar.

— Já, já eles estarão aqui! — ralhou Zenab, sua esposa, assim que passou pela porta de entrada, apressada com uma bandeja de torshi e babaghanoush, desaparecendo pela sala de estar de seu pequeno e abarrotado apartamento. — Onde é que você estava todo esse tempo?

— Lá em Carnaque — respondeu Khalifa, acendendo um cigarro. — Tive assuntos pra resolver.

Ouviu-se um barulho de pratos, e Zenab reapareceu, retirando o cigarro da boca de Khalifa, beijando-o suavemente nos lábios e colocando o cigarro de volta. Ela estava vestindo um caftan de algodão bordado, com os três botões superiores abertos propiciando

uma certa sensualidade, por causa do volume de seus seios, e havia penteado os longos cabelos negros, deixando-os soltos, caindo pelas costas e quase alcançando a cintura.— Você está linda.

— E você — respondeu ela com um sorriso, brincando com o lóbulo da orelha dele — está horrível. Por que não faz a barba, enquanto eu termino de arrumar tudo com Batah? E vê se não acorda o bebê. Eu acabei de fazê-lo dormir.

Ela o beijou novamente, no rosto dessa vez, e fez menção de ir para a cozinha.

— Onde está Ali? — ele perguntou.

— Na casa de um amigo. E vista uma camisa limpa, tá bom? O colarinho dessa está todo encardido!

Ele saiu rumo ao banheiro, desabotoou a camisa e ficou ali, em frente ao espelho da pia, observando o seu reflexo. Zenab tinha razão: sua aparência estava péssima. Seus olhos pareciam cansados e inchados, seu tórax projetava-se como as costelas de um macaco desnutrido, e a pele apresentava uma cor cinzenta, adoentada, como a superfície de um canal poluído. Ele jogou seu cigarro pela janela, abriu a torneira de água fria, abaixou-se, molhando o rosto, e ergueu-se novamente, encarando-se no espelho.

— O que você vai fazer, hein? — ele perguntou para seu reflexo. — O que você vai fazer?

Khalifa ficou olhando atentamente para sua imagem por um bom tempo, balançando a cabeça como se tivesse visto ali algo de que não gostasse, depois fez a barba rapidamente e foi para o quarto, onde passou uma colônia no rosto e mudou a camisa. Estava quase terminando de fechar os últimos botões, abaixando-se para afagar o pequenino Yusuf, que dormia no berço, quando a campainha tocou.

— Chegamos!

A voz de Hosni, seu cunhado, ressoou do lado de fora da porta de entrada. Khalifa suspirou.

— Seja lá o que você vai fazer na vida — ele sussurrou para o bebê, acariciando seu nariz e sentindo a pele suave e macia de sua pequena testa—, prometa que não vai acabar como o seu tio.

— Vamos lá vocês dois! — alguém falou estrondosamente. — O que estão fazendo aí dentro? Ou eu não devo perguntar?

Ouvia-se o som como um bufo enquanto Sama, a esposa de Hosni e irmã mais velha de Zenab, ria da brincadeira do marido, que parecia ser um hábito dele toda vez que tocava a campainha e não era logo atendido.

— Deus nos ajude — resmungou Khalifa, indo até a entrada para dar as boas-vindas aos convidados.

Havia no total seis pessoas: Khalifa, Zenab, Sama, Hosni e dois amigos de Zenab que eram do Cairo — Nawal, uma mulher pequena e intensa, que ensinava árabe clássico na Universidade do Cairo, e Tawfiq, um comerciante de mashrabiya a quem todos se referiam como "olhudo" por causa de seus olhos incrivelmente grandes em forma de disco. Comeram ao redor de uma pequena mesa na sala de estar com Batah, a filha de Khalifa, servindo a comida, o que ela gostava de fazer, pois assim se sentia adulta. Como sua mãe, vestia um caftan bordado, e seus cabelos estavam penteados em uma trança que caía em suas costas.

— Devo dizer, Batah, que cada vez que te vejo você está mais linda — disse Sama enquanto a menina oferecia tigelas de canja como entrada. — E eu simplesmente amei o seu caftan. Comprei um igualzinho para Ama. Trezentas libras, já pensou?

Diferentemente de Batah, a filha de Sama e Hosni era uma menina pequena, roliça e extremamente preguiçosa, uma diferença que sua mãe fazia o possível para disfarçar, assegurando que a menina sempre vestisse roupas mais caras do que a prima.

— Ela é igual a você quando tinha a idade dela — dizia Nawal, sorrindo para Zenab. — Aposto que já tem um monte de garotos correndo atrás de você, não é, Batah?

— Se eu fosse um pouco mais jovem, iria correr atrás de você — disse Tawfiq, rindo. — Ou melhor, iria voar!

Batah sorriu envergonhada e deixou a sala.

— Está na hora de você pensar em um marido pra ela — resmungou Hosni, tomando ruidosamente sua canja.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Zenab. — Ela só tem quatorze anos!

— Nunca é cedo para pensar nessas coisas. Planejamento antecipado, este é o segredo. Sempre de olho no futuro. Veja meus óleos de cozinha. — Hosni trabalhava num negócio de óleos comestíveis e nunca perdia uma oportunidade de levar a conversa para aquele lado. — Quando reiniciamos nosso negócio de girassóis no ano passado, a gente sabia que demoraria uns dezoito meses, uma preparação cautelosa. E o resultado? Oito por cento de aumento nas vendas e um prêmio de Melhor Óleo de Cozinha. Você não consegue esse tipo de sucesso sem pensar antecipadamente.

Ele tomou sua canja mais uma vez.

— Recebemos uma menção honrosa ao nosso óleo de nozes também. Estamos arrebentando nas vendas para supermercados!

Todos tentaram mostrar admiração. Terminaram a canja e se voltaram para o prato seguinte: torly dc carneiro servido com ervilha, quiabo, arroz e batata. A conversa mudou para amigos em comum, depois para o recente jogo de futebol no Cairo entre os rivais Zamelak e al-Ahli e em seguida para política; Hosni e Nawal entraram numa calorosa discussão sobre a contínua guerra americana contra o terrorismo.

— Mas o que você está dizendo? — gritou Hosni. — Acha que eles não tinham que ter feito nada depois do 11 de setembro? Deixá-los sem punição?

— Eu estou dizendo que, antes de começarem um bombardeio em outros países, eles deveriam pôr em ordem sua própria casa. Estou querendo dizer o seguinte: por que qualquer país no mundo que apóia o terrorismo é invadido, mas, quando os Estados Unidos fazem isso, seus atos são justificados como "política externa"?

Khalifa permaneceu em silêncio durante a discussão, beliscando sua comida e de vez em quando fazendo um parêntese em relação a algum estranho comentário, mas na maioria das vezes perdido em seus próprios pensamentos. O cadáver em Malkata, a coleção de antigüidades de Jansen, a reunião com Hassani, o curioso encontro em Carnaque — tudo girava em seu cérebro como reflexos em uma sala de espelhos. E por trás de tudo isso, como o pano de fundo de uma peça de teatro, sempre igual, mesmo quando as cenas mudavam, surgia aquela tatuagem peculiar no antebraço da mulher morta, um triângulo e cinco números. Como as marcas que são feitas no gado para se saber quem é o dono.

— Mais carneiro?

A voz de Zenab ecoou em seus ouvidos. Ela estava segurando a tigela de torly.

— O quê? Ah, não, obrigado.

— Então, o que você acha dele, Yusuf? — Tawfiq estava olhando para ele na expectativa da resposta.

— O quê? — disse Khalifa.

— Ele estava a quilômetros daqui — observou Nawal com uma risada. — Provavelmente pensando em tumbas e hieróglifos.

— Ou em traseiros femininos! — disse Hosni, gargalhando, e sua mulher lhe deu um tapinha no pulso.

— Al-Mulatham — completou Tawfiq. — Sua opinião sobre os homens-bomba?

Khalifa tomou um gole de Coca-Cola — como um fiel muçulmano, ele não bebia álcool — e, empurrando sua cadeira para trás, acendeu um cigarro.

— Eu acho que qualquer um que mata civis inocentes a sangue-frio é um ser repugnante.

— Os israelenses matam palestinos a sangue-frio, e ninguém parece reclamar disso — falou Nawal. — Veja o que aconteceu um dia desses. Duas crianças foram assassinadas por um helicóptero israelense.

— Isso ainda não justifica nada — replicou Khalifa. — De que adianta buscar vingança matando ainda mais crianças?

— Mas que outra forma eles têm para defender a si mesmos? — ressaltou Tawfiq. — Estão enfrentando o exército mais poderoso do Oriente Médio, o quarto exército mais poderoso do mundo. Como é que poderão atingi-los, caramba? Eu concordo que é horrível, mas é isso o que as pessoas fazem quando são sistematicamente brutalizadas durante cinqüenta anos.

— Da mesma forma que a Autoridade Nacional Palestina conseguiu tamanho histórico em relação aos direitos humanos — resmungou Zenab. — Da mesma forma que nós conseguimos tamanho histórico.

— A questão não é essa — disse Tawfiq. — A questão é que as pessoas não amarram explosivos na cintura e explodem a si mesmas apenas por prazer. Fazem isso porque estão desesperadas.

— Eu não estou defendendo os israelenses — disse Khalifa, segurando um fósforo para acender o cigarro de Nawal. — Estou apenas pensando... bem, como Zenab disse, isso não melhora a situação.

— Você está me dizendo que não sente uma fagulha de prazer quando ouve sobre a explosão de uma outra bomba? — perguntou Tawfiq. — Que uma parte de você não sente algo como "Eles bem que mereceram"?

Khalifa baixou os olhos para a mesa, uma fumaça em espiral subindo do que restava de seu cigano. Antes que pudesse responder, Sama intrometeu-se:

— Eu vou dizer pra vocês o que sinto — brincou — e é cheiro de pudim! É o cheiro de umm ali que estou sentindo, Zenab? Vou ajudar Batah a servir. Este está sendo realmente um jantar maravilhoso!

Já passava da meia-noite quando finalmente foram para a cama. Zenab adormeceu quase imediatamente. Khalifa se revirou na cama, ouvindo a respiração do bebê no berço ali do lado, observando enquanto os paralelogramos de luzes refletidas dos faróis dos carros que passavam abaixo desfilavam pelo teto, sentindo o batimento de seu próprio coração.

Vinte minutos depois, ele se levantou e caminhou com passos leves em direção à entrada da casa, onde apertou um interruptor na parede. Uma minúscula fonte no centro do chão borbulhou para a vida. Ele apertou outro interruptor, iluminando uma série de delicadas luzes arrumadas em volta da piscina de plástico na qual a fonte se derramava. Em seguida, sentou-se no chão com as costas na parede, esfregando os olhos. Ele mesmo havia construído aquela fonte para propiciar mais colorido ao monótono apartamento que tinham. Não era a melhor das obras de arte — a água não jorrava adequadamente, e os ladrilhos ao redor da piscina estavam levemente desalinhados —, mas ele ainda achava reconfortante olhar para ela, ouvir o cair rítmico da água e observar o reflexo das luzes cintilantes.

Por um longo tempo, permaneceu sentado em silêncio, em seguida se inclinou para a direita e apertou o play do toca-fitas instalado em

um banquinho de madeira. A voz melodiosa e melancólica de Umm Kulthoum o envolveu numa canção sobre amor e perda:

Seus olhos me levam de volta para dias que já se foram,

Eles me ensinam a sentir a dor do passado.

Tudo que eu enxergava antes de conhecer você

Era apenas uma vida vazia. Como ela não seria,

Quando você é a minha vida, sua luz, meu amanhecer?

Antes de você meu coração nunca havia conhecido a felicidade,

Tudo que eu sentia era o sabor do sofrimento e da dor.

Ele percebeu um movimento atrás de si, e Zenab apareceu; os olhos dela mostravam cansaço, suas pernas magras e longas revelando-se por baixo da bainha da camisa dele que vestira ao sair da cama. Ela se inclinou e beijou a testa dele; a camisa subindo ao redor de suas coxas permitiu que Khalifa visualizasse vagamente seus pêlos pubianos; depois, ela se acomodou no chão ao seu lado, encostando a cabeça nos ombros dele, seus longos cabelos caindo pelo tórax de Khalifa como uma cascata negra.

— Você não se divertiu hoje à noite, não foi? — disse ela sonolentamente.

— Me diverti sim — protestou ele. — A reunião estava...

— Entediante — disse ela. — Eu podia ver isso em seus olhos. Conheço você muito bem, Yusuf.

Ele mexeu no cabelo dela.

— Desculpe — pediu ele. — Tenho muitas coisas na cabeça.

— Trabalho?

Ele confirmou, apreciando a sensação dos seios dela em seu braço.

— Quer falar a respeito?

Ele deu dc ombros, mas não disse nada. A música suave na voz de Umm Kulthoum os envolvia.

Você vale mais do que os meus dias,

Você vale mais do que os meus sonhos.

Conduza-me em tua ternura,

Para longe deste mundo,

Longe, longe, apenas eu e você,

Longe, longe, somente nós dois.

— Você sabe o que isso me faz lembrar? — perguntou Zenab, apertando a mão dele e acariciando a pequena cicatriz no pulso onde Khalifa tinha sido mordido por um cão quando ainda era criança. — Do dia que fomos para Gebel el-Silsilla. Quando você pescou aquela lampreia para o almoço e fomos nadar no Nilo. Você se lembra disso?

Khalifa sorriu. — Como eu poderia esquecer? Você roçou o pé em um pedaço de alga e pensou que seríamos atacados por um crocodilo.

— E você escorregou no barro e estragou a calça nova. Eu nunca tinha ouvido tanto palavrão!

Ele riu e beijou-lhe a face. Ela se aproximou ainda mais, abraçando-o na cintura.

— O que foi, Yusuf? Você está tão distante esta noite. E na noite passada também. O que está incomodando você?

Ele suspirou e mexeu nos cabelos dela.

— Não é nada. Coisas do trabalho.

— Diz pra mim — pediu ela. — Talvez eu possa ajudar.

Ele Ficou calado por um longo momento, olhando fixamente as gotas cintilantes da fonte, e depois encostou a cabeça novamente na parede, seus olhos se movimentando de um lado para o outro, observando uma rachadura no teto.

— Fiz uma coisa horrível, Zenab — disse ele calmamente. — E eu não sei como consertar. Saber, eu sei, mas tenho medo.

— Nada que você faz é ruim, Yusuf— sussurrou ela, soltando os braços e erguendo a mão para tocar-lhe o rosto. — Você é um homem bom. Eu sei disso, nossos filhos também sabem, e Deus também.

— Não sou, Zenab. Sou fraco, medroso e decepcionei você. Decepcionei a mim mesmo.

Ele levantou as mãos e esfregou-lhe as têmporas. Houve mais um longo silêncio, interrompido apenas pelo som da música e do suave borbulhar da água da fonte. Em seguida, ele recomeçou a falar, lentamente a princípio, depois mais rápido, colocando para fora toda a história: Piet Jansen, Hannah Schlegel, Mohammed Gemal, o encontro em Carnaque, tudo. Zenab sentou-se e o ouviu sem dizer nada, suas mãos tocavam-lhe a face e o pescoço, e sua suave respiração servia para acariciar os ombros de Khalifa.

— Eu estava com muito medo para dizer alguma coisa naquela época, você sabe — disse ao terminar seu relato. — Era jovem, novo na delegacia e não queria causar problemas. Permiti a condenação de um homem inocente, porque não tive coragem de

falar abertamente. E agora... eu ainda tenho medo. Medo do que pode acontecer se eu começar a investigar, se eu voltar a examinar o caso. Há coisas terríveis ali, Zenab. Eu posso sentir isso. E não sei se vale a pena arriscar meu trabalho por um...

Ele fez uma pausa e balançou a cabeça.

— Por um o quê? Por um homem como Mohammed Gemal?

— Sim, é isso e... bem, como o delegado Hassani diz, Jansen está morto. Nada que descobrirmos fará alguma diferença na prática.

Ela o fitou dentro dos olhos, mantendo o olhar nele.

— E o que mais? — perguntou ela. — Eu posso perceber algo dentro de você. Posso pressentir. O que você está imaginando, Yusuf?

— Nada, Zenab. Nada. É que...

Ele dobrou as pernas, trazendo os joelhos para perto do tórax, e inclinou-se, descansando a testa nos joelhos.

— Ela era uma israelense — ele sussurrou. — Uma judia. Olhe o que eles estão fazendo, Zenab. Eu me pergunto: será que vale a pena? Vale a pena todo esse trabalho por alguém assim?

As palavras simplesmente escapuliram, sem que ele estivesse realmente pensando daquela maneira. Uma vez que havia proferido aquelas palavras, elas o atingiram profundamente, e era isso que realmente o estava incomodando esse tempo todo; não apenas naquele momento, mas há quinze anos também, como se ele tivesse se sentado observando Mohammed Gemal sendo massacrado por Hassani e o delegado Mahfouz. Aquilo, para falar a verdade, significaria não só colocar sua carreira em risco por causa de um reles criminoso, mas também era isso que estava fazendo com que levasse mais tempo para meditar a respeito do ocorrido com alguém de um país e fé que tinha sido ensinado a menosprezar. A sensação o envergonhava, aquela intolerância o

envergonhava profundamente, pois ele tentava de todas as maneiras ser um homem tolerante, julgando cada pessoa por si mesma, e não por sua formação, nacionalidade ou credo. E aquilo era algo difícil. Desde os seus primeiros anos de vida, fora ensinado que Israel representava o mal, que os judeus estavam tentando conquistar o mundo, que eles eram pessoas cruéis, arrogantes, gananciosas, que cometiam atrocidades inexprimíveis contra seus irmãos muçulmanos.

"Eles são perversos", seu pai costumava dizer quando ele era criança, "todos eles! Expulsam as pessoas de sua própria terra e a roubam. Matam mulheres e crianças. Eles querem destruir a Ummah. Cuidado com eles, Yusuf. Tenha sempre cuidado com os judeus."

À medida que ele crescia e sua vivência aumentava, começou a perceber que as coisas não eram, naturalmente, uma simples questão de certo ou errado, como lhe fora ensinado. Nem todos os judeus apoiavam a opressão contra os palestinos; ser israelense não tornava alguém automaticamente um monstro; os próprios judeus sofriam terrivelmente como povo. Entretanto, apesar dessa perspectiva amadurecida que tinha, não conseguia se livrar completamente de tudo aquilo que foi incutido nele desde a infância.

Em discussões com amigos e colegas, sempre que o assunto tomava aquele rumo, ele tentava enveredar por uma linha mais moderada, como havia feito naquela noite. Lá no fundo, no entanto, em lugares que só ele conhecia, a antiga intolerância permanecia, um tumor que, por mais que tentasse, com toda a sua força, não podia eliminar completamente. Não era nada de que pudesse se orgulhar. Sabia que a intolerância o inferiorizava como pessoa, mas se livrar dela era tão difícil quanto se livrar da sua própria essência. Esse pensamento ditara suas ações há quinze anos e parecia estar fazendo o mesmo agora.

— Quando Tawfiq me perguntou esta noite se eu sentia prazer quando uma bomba explodia em Israel — disse ele calmamente —, se uma parte de mim não pensava "Eles mereceram"... Bem, a

verdade é que eu penso, Zenab. Eu não falaria isso, mas penso. Eu não consigo evitar.

Ele balançou a cabeça, envergonhado por dizer à mulher esse tipo dc coisa, de revelar tanto sobre seus segredos mais íntimos.

— Quanto a esse caso, sinto como se eu fosse duas pessoas diferentes. Uma sabe que houve um terrível erro judicial, que uma mulher foi assassinada, que o homem errado foi condenado e que é meu dever tentar descobrir a verdade. Mas então tem aquela outra pessoa que só pensa para o inferno com isso. Quem se importa se uma velha judia foi espancada até a morte? Por que arranjar problemas para mim mesmo? Eu me odeio por isso, mas é como são as coisas, apesar de tudo.

Zenab recostou-se lentamente, olhando bem para ele, seus olhos amendoados se estreitaram, e sua face ficou envolta em sombras, como se coberta por um fino véu.

— Todos nós temos maus pensamentos — disse ela docemente. — Mas o que importa são nossas ações.

— Aí é que está, Zenab. Eu não sei se posso agir. Meus pensamentos são... é como se estivessem me segurando. É mais fácil pra você. Você vem de uma família educada, culta. Seus pais viajaram, viram o que existe pelo mundo. Você não cresceu com esses preconceitos. Mas, quando você ouve desde o começo que judeus e israelenses são nossos algozes, que é nosso dever como muçulmanos odiá-los, que, se não os matarmos, então eles nos matarão, é difícil se livrar disso. Aqui dentro — ele levantou a mão e tocou na cabeça — eu sei que essas coisas estão erradas. E aqui também — disse ele, tocando no coração. — Mas aqui — ele moveu a mão para o estômago —, lá no fundo, eu não consigo evitar o ódio. E como se não pudesse controlar minhas próprias emoções. Isso me amedronta.

Zenab estendeu o braço e tocou no cabelo dele, deslizando as mãos até lhe alcançar a nuca. Ele podia sentir suas coxas quentes

contra as dele. Houve um longo silêncio.

— Você se lembra de minha avó? — perguntou ela, finalmente, massageando os músculos do pescoço e dos ombros dele. — Vovó Jamila.

Khalifa sorriu. Havia um enorme distanciamento entre a família de Zenab, pessoas prósperas nos negócios, da parte sofisticada do Cairo, e a sua, trabalhadores rústicos das ruas pobres de Giza. Vovó Jamila tinha sido a única que se importara em fazê-lo se sentir bem-vindo, sempre se sentando ao seu lado quando eles visitavam a casa da família c perguntando todo tipo de questão sobre seu interesse pela história do Egito, um assunto sobre o qual ela era incrivelmente versada. Quando ela morreu, havia alguns anos, ele se sentiu tão triste como se tivesse perdido a própria mãe.

— É claro que eu me lembro dela.

— Ela me disse uma coisa certa vez, há muitos anos, quando eu ainda era criança. Eu nem consigo lembrar qual era o contexto, mas as palavras dela me perseguem. "Ande sempre na direção do que teme, Zenab. E busque sempre o que não compreende. Porque é assim que crescemos e nos tornamos uma pessoa melhor." Eu nunca disse como você deveria agir no trabalho, Yusuf, mas acho que é dessa maneira que deve proceder agora.

— Mas como? — suspirou ele. — Eu não posso chegar e dar prosseguimento a uma investigação nas costas do delegado Hassani.

Ela tomou sua mão, levou-a até os lábios e a beijou.

— Eu não sei como, Yusuf. Tudo que sei é que esse caso foi de alguma forma, enviado para testar você, e você não deve recusá-lo.

— Mas ele poderia causar tantos problemas...

— Nós passaremos por isso, juntos. Como sempre fizemos.

Ela a olhou de soslaio. Era tão linda e tão forte.

— Nenhum homem poderia desejar uma esposa melhor — disse ele.

— E nenhuma mulher poderia desejar um marido melhor. Eu te amo, Yusuf.

Eles olharam um para o outro e curvaram-se para um beijo que a princípio foi gentil e, depois, mais apaixonado; os seios dela comprimiram-se contra o tórax de Khalifa, e suas pernas o envolveram.

— Lembra o que fizemos naquele dia em Gebel el-Silsilla — ela murmurou no ouvido dele —, depois que você caiu na lama e precisou tirar a calça para lavá-la?

Ele não respondeu; simplesmente se levantou para tomá-la nos braços e, em seguida, conduzi-la até o quarto, deixando Uram Kulthoum cantando ao fundo.

JERUSALÉM

H

avia dois deles, pelos menos foram os que consegui perceber. Apareceram por trás e agarraram meus braços; um segurou minha cabeça, de modo que eu não pudesse reconhecer-lhes o rosto. Não me machucaram; eram calmos e educados. Estava claro que, quando me empurraram para dentro do carro, contudo, e colocaram um cobertor na minha cabeça, não tolerariam resistência.

Dirigimos por duas horas, talvez mais — depois de apenas alguns minutos eu já havia perdido a noção de tempo e espaço. Bem no início, nós subimos uma longa ladeira e então começamos a descer,

o que dava a impressão de estarmos nos dirigindo para o sudeste, fora de Jerusalém, rumo a Jericó e à planície do Mar Morto, embora fosse possível — é provável — que estivessem simplesmente dando voltas para me desorientar e assegurar que não estivessem sendo seguidos.

Meia hora depois, o carro parou, e uma terceira pessoa sentou-se no banco do passageiro. Havia um cheiro de cigarro. Farid, eu suponho, apesar de não ter certeza.

Estranhamente, eu não estava com medo. Durante toda uma vida, na região por onde estive em tantas situações, onde meus instintos me diziam que eu sofreria algum ferimento, aquela não era uma delas. Seja lá qual fosse o propósito do meu seqüestro, violência não era o caso. Desde que eu seguisse as instruções.

Durante os últimos vinte minutos, atravessamos uma área acidentada e, em seguida, um tipo de vilarejo ou assentamento — um campo de refugiados?—, pois eu podia ouvir vozes e, de vez em quando, música; o carro desviava de um lado para o outro, como se estivesse transpondo uma série de becos estreitos.

Finalmente o carro estacionou, mas o cobertor continuou na minha cabeça. Fui levada apressadamente para um edifício. Tive que subir vários degraus e entrar em um cômodo onde me fizeram sentar em uma cadeira de madeira. Por debaixo do cobertor, eu podia visualizar o chão nas cores azul e branco antes do que parecia ser uma máscara de mergulho ser enfiada em minha cabeça; as lentes estavam obstruídas com fita, o que me deixou praticamente cega. Eu podia sentir alguém às minhas costas — uma mulher, a julgar pelo som da respiração — e ouvir vozes de algum outro lugar dentro da casa, muito suaves e abafadas. Acho que captei algumas palavras em árabe egípcio, que é diferente do dialeto palestino, mas, considerando minha desorientação, não posso ter certeza.

Eu não o ouvi entrar ou sentar-se. Tudo que me alertou sobre sua chegada foi o cheiro repentino e suave de uma loção pós-barba Manio (eu tinha um amigo que costumava usá-la). Embora não

pudesse vê-lo, eu tinha a sensação de estar diante de um homem magro, alto e muito reservado. A mulher atrás de mim caminhou para a frente e colocou uma caneta e um bloco de papel em minhas mãos. Houve um longo silêncio, durante o qual eu podia sentir a suave respiração dele, seus olhos sobre mim.

— Você pode começar a entrevista — ordenou finalmente; sua voz era lânguida e regular, educada, uma voz que não fornecia pistas sobre sua idade ou origem. — Tem trinta minutos.

— E quem exatamente devo entrevistar?

— Prefiro manter meu verdadeiro nome para mim mesmo. Não significaria nada para você, de qualquer modo. Meu nom de guerre é mais apropriado.

— E qual é?

Houve uma ligeira e divertida respiração, como se o homem à minha frente estivesse sorrindo.

— Você pode me chamar de al-Mulatham. Você tem agora vinte e nove minutos e trinta segundos.

Layla bocejou e, colocando a revista de lado, levantou-se e caminhou até sua pequena copa. Eram 2h30 da manhã e, não fosse pelo longínquo ruído surdo e prolongado dos roncos de Fathi, o zelador, subindo das profundas entranhas do edifício, o mundo estaria em completo silêncio. Colocou água para ferver, preparou um café forte e retornou para a sala de estar, sorvendo ruidosamente o líquido de sua caneca.

Ela havia chegado em casa fazia meia hora, embriagada, depois de ter esvaziado duas garrafas de vinho e vários brandies com Nuha. Tomou um banho frio para clarear a mente, bebeu vários copos d'água e, em seguida, foi até o escritório e recuperou a misteriosa carta jogada na lixeira, aquela que havia recebido mais cedo

naquele dia, com sua firme caligrafia em tinta vermelho-sangue e com uma fotocópia anexada.

Senhorita al-Madani,

A anos eu ser admirador de seu jornalismo e gostaria de apresentar-te uma proposta. A algum tempo, V. Sª. entrevistou o líder conhecido como al-Mulatham...

Ela olhou novamente para a fotocópia, depois foi até sua mesa para procurar entre seus recortes a entrevista sobre a qual a carta se referia. Havia sido publicada na Observe/Magazine, com a manchete AQUELE QUE SE ESCONDIA, AGORA REVELADO — UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O MAIS TEMIDO HOMEM DO ORIENTE MÉDIO. Ela a pegou, levou para a sala de estar e começou a ler:

Ele tem sido descrito como o novo Saladino, o Demônio encarnado, o homem que faz o Hamas e a Jihad Islâmica parecerem os melhores amigos de Israel. Desde que a Al-Ikhwan al-Filistinioun — a Irmandade Palestina — lançou seu primeiro ataque suicida, há três anos, matando cinco pessoas em um hotel em Netania, ele foi responsabilizado por mais de 400 mortes, a maioria civis. Enquanto outros grupos extremistas palestinos mostraram ao menos alguma disposição para aceitar o cessar-fogo e participar de negociações, al-Mulatham — seu nome significa "velado" ou "aquele que está oculto" — continua sua campanha de forma irredutível.

Trata-se de uma campanha que está atraindo políticos de determinadas regiões já polarizadas, eliminando qualquer esperança remanescente de um significativo processo de paz e impelindo israelenses e palestinos rumo a uma verdadeira guerra.

Pesquisas revelam que, a cada ataque, a opinião pública israelense, já fortalecida pelas atividades de outros grupos extremistas palestinos, é empurrada cada vez mais para a ala direitista, com o apoio de políticos de direita como Baruch Har-Zion, cuja popularidade cresce dia a dia. Ao mesmo tempo, as crescentes severidade e arbitrariedade das retaliações israelenses têm, em troca, sido vistas como uma revolta ao apoio de algumas organizações militantes, tais como a Irmandade Palestina. No discurso do político palestino moderado Sa'eb Marsoudi, um homem cujo envolvimento de toda uma vida no ativismo palestino lhe garante — sem mencionar cinco anos na prisão por ajudar a atravessar armas clandestinamente para dentro de Gaza — singular autoridade para proferir críticas a al-Mulatham, é mencionado que "se trata de um círculo vicioso. Os extremistas alimentam e encorajam uns aos outros. Quando al-Mulatham mata cinco israelenses, estes matam 10 palestinos; então al-Mulatham mata 15 israelenses e assim por diante. Estamos afundando em um lago dc sangue".

O que tem preservado a Irmandade não é simplesmente a regularidade ou a ferocidade de seus ataques, mas o fato de que, apesar dos esforços imensos promovidos pelos serviços de segurança israelenses e por diversos outros países, incluindo a própria Autoridade Nacional Palestina, quase nada é conhecido sobre a organização propriamente dita ou o homem que a lidera. Onde está sediada, a quem pertence, como seus "mártires" são recrutados e suas operações elaboradas — tudo permanece um completo mistério. Nenhum informante confiável jamais se apresentou como voluntário, nenhum membro do grupo foi alguma vez preso. E um nível de organização e sigilo sem precedentes na história do ativismo palestino, e que deixou muitos especialistas a especular que uma operação de segurança estatal deverá estar afinal por trás dos ataques. Irã, Líbia e Síria foram todos mencionados como possíveis patrocinadores, assim como a rede da al-Qaeda, de Osama bin Laden.

"Os palestinos simplesmente não são tão bonzinhos assim", comentou um especialista em segurança israelense. "Sempre há informantes, é sempre possível encontrar algum. A forma como a Irmandade opera é muito sofisticada para uma célula de renegados palestinos. O incentivo deve ser externo."

Apesar de tal especulação, ninguém jamais chegou perto de descobrir a verdade sobre al-Mulatham. E agora estou sentada na frente dele. O novo Saladino. O Demônio encarnado. O homem mais perigoso do Oriente Médio. E ele pergunta se aceito chá com biscoitos.

De repente ela ouviu o ruído da tampa de uma lixeira, lá fora. Layla esfregou os olhos, levantou-se e foi até a janela para olhar a rua logo abaixo. Dois homens estavam colocando pães recém-assados na traseira de uma van; um pouco mais adiante, descendo a ladeira, um pequeno grupo de pessoas tinha acabado de organizar uma fila do lado externo do escritório do Ministério do Interior de Israel na desesperada esperança de obterem o visto de residente municipal renovado. Um pouco além, do outro lado da rua, um BMW branco, com marca de batida, estava estacionado em frente à entrada do Jardim da Tumba, com placa amarela israelense, e, pouco visível em seu interior, uma figura obscura sentada imóvel no banco do motorista. Ela havia visto o mesmo carro estacionado ali, várias vezes antes e, embora uma explicação racional para sua presença era que se tratava de um veículo do Shin Bet de olho nos palestinos na fila do outro lado da rua, ela não podia evitar a maliciosa desconfiança de que aquele motorista estava, na verdade, observando atentamente a janela de seu apartamento. Ela o olhava agora mais intrigada do que incomodada e em seguida, balançando a cabeça, voltou para o sofá e retornou ao artigo.

Passou os olhos pelo resto do texto — basicamente uma extensa série de citações nas quais al-Mulatham justificava sua campanha de violência e fazia votos dc prosseguir com seu intento "até que o solo da Palestina se tornasse vermelho com o sangue derramado

das crianças judias" — antes de passar lentamente para a leitura dos últimos parágrafos. Estes, no entanto, sempre lhe davam arrepios dos pés à cabeça.

E então, repentinamente, tão abruptamente como começou, a entrevista chegou ao fim. Em um minuto estávamos conversando, no outro fui carregada e conduzida escada abaixo novamente, ainda com a escura máscara de mergulho na minha cabeça. Quando toquei o chão, ouvi sua voz vindo do andar de cima:

— Existem muitos que irão indagar se esta entrevista realmente aconteceu, Srta. al-Madani. Para silenciar os duvidosos, por favor, informe aos serviços de segurança israelenses que, às 21h05 de hoje, um de nossos ativistas se martirizará em prol de uma Palestina livre. Desejo-lhe uma boa viagem.

Duas horas depois, fui abandonada no acostamento de uma estrada bem no sul de Belém. Informei às autoridades israelenses o que havia acontecido e, naquela mesma noite, naquele horário específico, uma bomba explodiu no quarteirão de Hagar, em Jerusalém Ocidental, matando oito pessoas e ferindo 93. Isso diz mais do que qualquer entrevista poderia ter dito sobre o niilismo do homem conhecido como al-Mulatham, pois aqueles que foram assassinados e mutilados estavam participando de uma reunião do Gush Shalom pela paz.

— Ele tem causado quase tanto dano ao meu povo quanto a criação do Estado de Israel — Sa'eb Marsoudi havia dito. — Até mais talvez, pois onde éramos vistos como vítimas, agora, graças a ele, somos vistos como assassinos.

Suspeito que al-Mulatham considerou isso como um cumprimento.

Ela colocou o artigo de lado e pegou a curiosa carta novamente, lendo-a mais uma vez, com a testa enrugada. Havia certamente

alguma coisa sobre ela... alguma coisa... atraente. Entretanto, estava muito cansada para fazer algo mais a respeito dela naquele momento. Por isso, deixando a carta e o artigo sobre sua mesa de trabalho, foi para a cama, adormecendo praticamente tão logo sua cabeça encostou no travesseiro, as iniciais GR ecoando no fundo de sua mente como o som distante de trovões em uma noite escura de inverno.

EGITO, PENÍNSULA DO SINAI,

PRÓXIMO À FRONTEIRA COM ISRAEL

H

avia um mistério. Era tudo que o velho homem podia dizer a respeito. Assim como tantas outras coisas no deserto. Luzes onde não deveria haver, figuras sombrias que vinham e iam com a escuridão, um quarto adequadamente mobiliado no meio de uma região despovoada. Em vinte anos, ele nunca havia visto nada como aquilo. Realmente um grande mistério.

Havia começado um ano antes, quando ele procurava por uma de suas cabras em meio aos rasos e sinuosos leitos dos rios que se estendiam ao longo da fronteira com Israel. Anoitecera, e ele pretendia desistir de chamá-la quando, ao chegar ao topo de um pedregoso espinhaço, percebeu uma luz tênue brilhando abaixo, dentro de um posto militar de fronteira abandonado. Não havia soldados naquela parte do deserto há décadas, nenhuma pessoa, exceto uns beduínos, tais como ele, ou viajantes de passagem, pois era um lugar ermo, improdutivo, inóspito mesmo para aqueles que estavam habituados ao rigor do deserto. Mas agora havia uma luz ali onde não havia luz antes, e pessoas também, visíveis apenas dentro da tosca construção de pedra.

Desceu rastejando e encontrou sua cabra perdida; aproximou-se do posto e caminhou na ponta dos pés para espiar através de uma janela. Lá dentro, iluminados por uma lamparina a querosene, encontravam-se dois homens, um com um cigarro pendendo no canto da boca e uma longa cicatriz estendendo-se pelo lado direito da face, com um solidéu branco na cabeça, tal como era usado pelos yehudi-een; o outro, mais jovem, bonito, com um volumoso cabelo escuro e um keffiyeh xadrez jogado sobre os ombros. Estavam curvados sobre uma mesa de campanha desmontável, observando um mapa, conversando numa língua que ele não entendia; os dedos traçavam caminhos através do papel enrugado. A direita deles, foram colocadas duas poltronas confortáveis lado a lado contra a parede; numa outra mesa, encontravam-se uma garrafa térmica e um prato já com a metade dos sanduíches comidos.

O homem os observou por alguns minutos e então, temendo ser visto, ficou mais afastado, envolvendo o corpo com seu schal, a fim dc proteger-se do frio. Escondeu-se atrás de uma pedra para ver o que aconteceria. Em um determinado momento, ouviu um grito de raiva; pouco depois, o homem mais jovem saiu e urinou numa parede.

Permaneceu ali durante a noite toda, observando, ouvindo, até que na gélida hora antes do amanhecer, as luzes foram apagadas, e os dois homens apareceram na escuridão da noite, partindo dali pela lateral da construção, ele contou até cinqüenta e os seguiu, avançando pelo chão pedregoso, mantendo distância, finalmente alcançando a base de uma rocha alta, bem a tempo de ver um imenso helicóptero elevando-se no ar; a projeção da aeronave o envolveu em uma asfixiante nuvem de poeira. Ficou pairando por um momento e então efetuou uma manobra rumo ao acinzentado céu oriental.

Depois disso, o homem voltou a ver as duas figuras misteriosas várias vezes. Ocasionalmente, apareciam uma ou mesmo duas vezes por semana. Outras vezes, decorriam intervalos de dois meses entre as visitas. Sempre, no entanto, surgiam na escuridão

da noite e sempre partiam na primeira hora do dia, como se temessem a reveladora luz do sol. Comentou esse fato com alguns de seus companheiros beduínos, mas riram e disseram que seu cérebro havia amolecido por causa do sol, e depois disso nunca mais falou a esse respeito, o que era ótimo para ele, pois gostava da idéia de ser o único a conhecer um segredo que ninguém mais conhecia.

— Um dia você se envolverá em grandes eventos — proferira sua avó certa vez, quando ele ainda era uma criança, antes de os yehudi-een chegarem e de a guerra começar. — Eventos que mudarão o mundo.

Agachado ali, atrás da rocha, observando a bruxuleante e fantasmagórica luz e ouvindo o que os homens diziam, ele estava certo de que aquilo era sobre o que ela costumava falar. E se sentia feliz por isso, pois dc alguma maneira, lá no fundo, sempre soube que em sua vida realizaria muito mais do que simplesmente zelar pelo rebanho de esqueléticas cabras do deserto.

PARTE DOIS

UMA SEMANA DEPOIS

Jerusalém

C

aminhavam juntos na frente da passeata, de braços dados, cantando com as outras pessoas, cada um segurando uma vela flamejante, o que fazia a noite cintilar, como se estivesse coberta com milhares de pontinhos de luz bruxuleante. Tinha longos cabelos

castanhos, presos em um desleixado coque no alto da cabeça, e usava um vestido primaveril amarelo de algodão; o contorno de seu corpo esguio e jovem revelava-se através da leveza do tecido, que sugeria uma sensualidade latente. Ele era mais alto do que ela, um urso ao lado de uma gazela, o rosto largo e sulcado, como algo extraído grosseiramente da madeira, feio e bonito ao mesmo tempo. Ficava olhando para ela, meneando a cabeça como se incapaz de acreditar que estivesse com uma criatura tão linda, tão frágil e tão cheia de ternura. Ela leu os pensamentos dele e sorriu. — Sou eu que tenho sorte, Ari-Ari — disse ela. — Eu serei a esposa mais feliz da face da Terra.

O casal caminhou até um descampado, e a passeata interrompida se espalhou, sendo novamente reorganizada na frente de um palco improvisado, onde discursos eram proferidos sob uma faixa contendo a palavra PAZ. Eles ficaram de mãos dadas, ouvindo, aplaudindo, apoiando, olhando um para o outro constantemente; olhos radiantes que transmitiam amor e esperança.

Depois de um tempo, ele a deixou, dizendo que queria comprar algo para beber. Em vez disso, rindo consigo mesmo, esgueirou-se rumo a uma florista para comprar um único e alvíssimo lírio, a flor favorita dela. Ele já estava em seu caminho de volta, sorrindo ao imaginar a alegria que ela sentiria assim que lhe mostrasse a flor, quando ouviu a explosão. A princípio, não teve certeza de que direção vinha o estrondo. Então viu a névoa de fumaça e acelerou o passo para depois irromper como se o frio no estômago que sentia fosse um pressentimento de algo tenebroso.

Na praça, havia cadáveres por todos os lados, corpos fragmentados e pessoas urrando de dor. Ele saiu tropeçando, gritando pelo nome dela, os pés ensopando-se de sangue; sons de celulares ecoavam sem resposta em seus ouvidos quando finalmente ele a encontrou, embaixo de um cipreste destruído; seu vestido estava tão dilacerado, que a deixava quase nua. Suas pernas haviam sido arrancadas, estendidas ali perto.

— Oh, minha querida — ele disse com a voz sufocada, afagando-a em seus braços. O sangue quente jorrava em sua camisa e na calça jeans. — Oh, minha linda, oh, minha querida Galia.

De alguma maneira ela conseguiu erguer um braço e, com a mão cheia de bolhas, segurou a parte de trás da cabeça dele, para puxá-lo em direção ao seu rosto. Ela o beijou, sua boca estava ferida e ensangüentada, os dentes como giz picado; ela sussurrou em seu ouvido, debilmente, palavras que só ele podia ouvir, palavras que o acompanhariam pelo resto da vida. Então, a cabeça tombou para trás, e ela morreu.

Sentindo-se completamente confuso, vazio, desamparado, além de toda a solidão que havia conhecido, fitou atentamente o corpo dela; mantinha ainda o lírio em sua mão, as pétalas estavam avermelhadas naquele momento. Tudo ao redor naquela noite foi encoberto pelo lamento das sirenes, como se o próprio ar estivesse gritando em desespero.

— Arieh!

Havia sirenes em todo lugar.

— Arieh!

Luzes, gritos, pessoas correndo.

— Ben-Roi, seu merda! Mas que porra é essa que você está fazendo? — Arieh Ben-Roi deu um salto ao acordar, batendo sua cabeça na janela do carro. O cantil de prata havia escapado de suas mãos, derramando o que ainda restava da vodca em seu colo, encharcando seu jeans. Sirenes cortavam a noite. Seu ponto eletrônico não parava.

— Vai, cacete! Pelo amor de Deus!

Por um momento ele permaneceu ali aturdido, suspenso entre o passado e o presente, entre o sonho e a realidade; então, percebendo o que estava se passando, abriu o porta-luvas, agarrou

sua pistola Jericho e saltou do táxi. Diante dele, a estrada bem íngreme e toda emporcalhada subia em direção ao Portão do Leão, onde o Mercedes preto tentava freneticamente dar marcha à ré, cantando pneus. Atrás, um comboio de carros de polícia tinha derrapado, formando uma barreira, impedindo qualquer fuga da Cidade Antiga; os giroscópios lançavam luzes psicodélicas rumo ao antigo cemitério muçulmano, situado ao longo do declive dos dois lados. Ele avançou em uma corrida desenfreada, arrancando o keffiyeh de sua cabeça e abandonando-o pelo caminho.

Haviam planejado esse contra-ataque por mais de um mês. Um informante os havia prevenido sobre um carregamento suspeito, drogas provavelmente, para comerciantes da Cidade Antiga. Não sabia o dia certo, apenas a hora e o lugar: meia-noite, Portão do Leão. Vigiaram o local desde então, trabalhando disfarçados de andarilhos, catadores de lixo, turistas, taxistas, namorados. Durante as últimas três noites, Ben-Roi ficou estacionado na subida da colina, rumo ao portão, fingindo ser um taxista árabe, esperando, observando, sorvendo grandes goles de seu cantil. E agora, finalmente, o circo pegava fogo. E ele tinha adormecido.

— Merdaaa! — resmungou ele, cambaleando pela colina; o carro à sua frente roncando e derrapando como um animal encurralado. — Puta merda!

À sua direita, atiradores de elite andavam à espreita pela vegetação rasteira do cemitério de Yusefiya; adiante, no interior do Portão do Leão, três homens se encontravam amarrados, com os rostos encostados na calçada, cercados pela polícia.

— Arrebente os pneus! — berrava uma voz em seu ponto eletrônico. — Atire rente ao chão! — Ben-Roi caiu de joelhos e ergueu sua pistola. Sua mão tremia por causa da vodca, e, antes que tivesse tempo para se firmar, três estalidos ecoaram ao seu redor, dois vindo do cemitério e de um muro acima do Portão. Os pneus da frente do Mercedes explodiram em uníssono, arremessando o carro em um muro. Houve uma pausa, e, em seguida, a porta do carro se abriu e três palestinos saíram com os braços levantados.

- Udrubu aal ars! Sakro ayunuk! — dizia a voz de um alto-falante. — Deitem no chão e fechem os olhos!

Os homens obedeceram, ajoelhando e depois deitando. Uma multidão de policiais saiu de seus esconderijos e desceu até eles, imobilizando-os com os braços trazidos para as costas, colocando algemas em seus pulsos, e revistando cada um.

— OK, pessoal, nós os pegamos — ecoava a voz em seu ponto eletrônico. — Parabéns pelo bom trabalho.

Ben-Roi permaneceu ajoelhado, respirando pesadamente; então, com um suspiro, travou a Jericho, ficando de pé, e caminhou penosamente, subindo a colina, em direção ao surrado Mercedes; seus dedos brincavam com a miniatura em prata de uma menorá pendurada numa corrente em seu pescoço.

— Muito gentil de sua parte ter se juntado a nós — disse um homem bem mal-humorado que estava agachado ao lado de um dos prisioneiros, segurando firmemente o pescoço do detido.

— Porcaria de rádio — resmungou Ben-Roi, batendo de leve em seu ponto eletrônico no ouvido. — Eu não conseguia ouvir nada.

— É, sei.

O homem lançou um olhar cético, colocando o prisioneiro de pé e marchando para o camburão mais próximo. Ben-Roi pensou em segui-lo, para argumentar sobre o acontecido, mas não iria se incomodar. De que serviria? Que diferença faria no meio daquele caos? Tudo era um grande desperdício de tempo. Deixe que Feldman pense o que quiser. Não dava a mínima.

Ben-Roi permaneceu ali, observando, enquanto os peritos criminais, com jalecos brancos e luvas de látex, reuniam-se ao redor do Mercedes; depois se virou e, removendo seu ponto, começou a voltar para o carro, sozinho, sentindo-se imprestável, incapaz de compartilhar, de maneira geral, o sentimento de satisfação por um trabalho bem-feito. Recordou o dia quando ainda era um garoto e foi

retirado da classe porque havia urinado no short, e da vergonha que passou; era o mesmo sentimento de isolamento, de incapacidade, de constrangimento e mal-estar. Ele sentia vergonha de si mesmo. De ser daquele jeito. Por ter se dado tão mal. Daquele dia quando saiu para comprar o lírio. De continuar vivo.

Chegando ao carro, lançou um olhar desolado por sobre o ombro e, por fim, entrou. Ligou o motor e desceu preguiçosamente a colina, insinuando-se pela Estrada Ha-Ofel. À sua esquerda, o sombrio e arborizado Vale do Quidron afastava-se lentamente abaixo dele; à sua direita, uma barragem murada de três metros estendia-se ao longo da avenida, sendo coberta pela enorme vegetação inclinada do cemitério muçulmano, passando rapidamente rumo aos muros da Cidade Antiga, iluminados por holofotes. Pisou fundo no acelerador e colocou a terceira marcha no carro, cobrindo uns cem metros antes de reduzir novamente e segurar apenas com uma das mãos o volante, a fim de inclinar o corpo para recuperar seu cantil. Praticamente o que continha ali já havia se derramado, mas ainda devia restar algum líquido no fundo; reduzindo ainda mais a velocidade, pôs o cantil nos lábios, arqueando a cabeça para trás e sorvendo o que tinha sobrado, fazendo um esgar devido à sensação ardente em sua garganta e à sua severa auto-aversão.

— Você me enoja — praguejou ele. — Você é ridículo. — Ele segurou o cantil até que as últimas gotas escorregassem para sua boca, e então o jogou no banco traseiro, sem olhar para trás. Pisou fundo no acelerador, cantando pneus, balançou o volante a fim de alinhá-lo, pois o veículo já se inclinava rumo ao lado oposto da avenida, atraindo uma furiosa buzina de um caminhão que se aproximava.

— Vá se foder! — gritou ele, apertando a buzina de seu carro. — Vão se foder todos vocês!

As luzes dos faróis do caminhão passaram à esquerda. Naquele mesmo momento, alguma coisa parecia cair da barragem à direita. Foi um acontecimento que durou apenas um segundo. E aéreo como estava por causa da vodca e do cansaço, seu primeiro e

incoerente pensamento foi que um animal tivesse pulado de cima do cemitério. Reduziu a velocidade e olhou pelo espelho retrovisor, percorrendo uns cinqüenta metros até assimilar que o que realmente havia visto era um homem saltando da murada para a pista abaixo, onde se encontrava agora agachado, esfregando um dos joelhos, aparentemente ferido. Novamente a mente de Ben-Roi se esforçou para lidar coerentemente com aquela informação, e somente depois de avançar por mais cinqüenta metros é que percebeu que o homem deveria ser um dos envolvidos na explosão, o qual de alguma maneira havia escapado do cerco policial. Ele deslizou pelo meio-fio e imediatamente pegou seu rádio transmissor.

— Ainda tem mais um por aqui! — gritou ele no bocal. — Estão ouvindo? Ainda tem outro cara aqui! Avenida Ha-Ofel, no topo, a caminho do Vale do Quidron. Eu preciso de reforços. Repito. Preciso de reforços.

Houve uma vibração estática e ele ouviu uma voz cortada, confirmando seu chamado. Enfiou o rádio no bolso, agarrou sua pistola e subiu no carro. O palestino, consciente de que tinha sido percebido, mancava ao longo da avenida rumo a uma trilha de atalho que conduzia para o Vale do Quidron. Ben-Roi irrompeu em uma corrida desordenada, esquivando-se de uma caminhonete carregada de berinjelas, vindo de um lado, e de dois táxis que vinham do outro enquanto tentava cruzar a pista. Há um ano sua adrenalina estaria a mil. Mas naquela hora ele se sentia fora de forma e acima do peso, e tudo em que conseguia pensar era por que estava se incomodando de fazer aquilo.

— Vamos lá! — estimulou a si mesmo, o pulmão começando a queimar. — Vamos lá, sua bicha gorda!

Chegando ao topo da trilha, viu seu alvo avançando com dificuldade logo abaixo. Ergueu a Jericho, mas o homem estava agora muito longe para que ele pudesse acertar o tiro e por isso resolveu persegui-lo, cada vez mais abaixo, sentindo uma pontada desagradável que lhe pressionava o peito, o fôlego diminuindo e uma leve dor começando a sobressair. O palestino estava

obviamente em agonia por causa de seu joelho, e se Ben-Roi estivesse em boa condição física teria tranqüilamente diminuído a distância. Nessa circunstância, ele só conseguia se aproximar do homem muito lentamente, e ainda restavam uns bons quarenta metros quando alcançaram o fundo do vale, onde a trilha começava a nivelar-se, estendendo-se ao longo de uma fila de antigas tumbas de pedra nos pontos mais baixos do Monte das Oliveiras.

Uma linha de faróis azuis apareceu adiante, colocando um fim na fuga de seu alvo por aquela direção e forçando o homem a subir com dificuldade um muro baixo de proteção ao lado da trilha, fazendo voltas súbitas para escapar da perseguição ao longo da parte mais baixa do vale. Estava agora à direita, logo abaixo de Ben-Roi, e tentando escalar o muro. O detetive deu um salto, escorregando na grama em sua direção. O homem virou à esquerda, arrastando-se para cima pelas paredes de pedra inclinadas que margeavam o teto piramidal da Tumba de Zacarias. Ben-Roi o seguiu, seus pés se arrastando pelo solo arenoso e irregular, as mãos ferindo-se nas pedras, arbustos espinhosos e tufos de mato, enquanto tossia e ofegava. Estava no limite, e, na metade do caminho, subindo pelo declive, sua força se exauriu completamente, como um carro que gastou sua última gota de gasolina; ficou observando, impotente, enquanto o palestino continuava a subir e desaparecer lá no alto.

— Merda — grunhiu ele. — Puta merda.

Permaneceu ali onde estava por um instante, furioso, recuperando o fôlego, e, em seguida, vagarosamente, recomeçou a escalada, subindo com dificuldade rumo ao topo de um declive, engatinhando, a cabeça baixa, até que colidiu com um homem aos pés de uma acácia retorcida. Ele ouviu uma gargalhada.

— Puxa vida, Ben-Roi, até minha avó teria corrido mais rápido! Feldman, o detetive turrão com quem ele havia falado anteriormente, encontrava-se de pé logo acima, acompanhado por quatro policiais uniformizados, dois deles segurando o palestino já

com as mãos algemadas. Ele estendeu a mão, a qual Ben-Roi recusou.

- Lech zayen et ima shelcha. Vai tomar no olho do rabo, Feldman.

Ele fez um esforço para ficar de pé e deu um passo adiante, ficando assim de frente para o palestino. O homem era mais jovem do que ele esperava. Seu olho esquerdo começava a inchar e escurecer, seu lábio estava cortado. Feldman acenou para o policial que o segurava, o qual o mantinha sob controle.

— Vá em frente — sugeriu, piscando para Ben-Roi. — Eu sei o que você quer fazer. Faremos vista grossa.

Ben-Roi olhou de soslaio para Feldman e depois para o palestino.

Deus, ele adoraria fazer. Esmagar a cara daquele filho-da-puta. Mostrar-lhe o que pensava dele. E de toda a sua raça. Ele se adiantou, dando um passo à frente, cerrando os punhos. Enquanto isso, uma doce voz ecoava em seus ouvidos, perto ainda do mesmo momento imensuravelmente distante, acompanhado por uma visão efêmera do rosto de uma mulher, olhos acinzentados, linda. Durou apenas uma fração de segundo e então acabou juntamente com a voz. Ele fitou o palestino, inspirando o ar profundamente, e em seguida, tocando a menorá da corrente ao redor de seu pescoço, virou, desviando-se dali, e começou a descer a ladeira.

Atrás dele, Feldman meneava a cabeça. — Pobre Arieh — murmurou ele. — Pobre e estúpido Arieh.

EGITO – ENTRE LUXOR E EDFU

K

halifa acelerou atrás da carreta e, ao fazer a ultrapassagem, voltou bruscamente para a sua pista, buzinando enquanto manobrava. Longe, à esquerda, uma extensão de colinas amareladas ondulava e se enfileirava, como uma linha de castelos de areia se desintegrando; à direita, já mais próximo, logo à frente de uma faixa de campos retalhados de cana e banana, o Nilo corria sinuosa e vagarosamente, rumo ao norte, a superfície negra e lisa como uma placa de metal polido. Khalifa acendeu um cigarro, pisou fundo no acelerador e ligou o rádio. Shaaban Abdel-Rehim estava cantando "Ana Bakrah Israel", uma música popular, "Eu odeio Israel". Khalifa a ouviu por um momento e depois mudou para outra estação. Passou por uma placa indicando que ainda faltavam sessenta quilômetros para Edfu.

Já havia mais de uma semana desde que o corpo fora encontrado em Malkata, e naquele intervalo ele não conseguiu cavar mais nenhuma informação sobre o misterioso Piet Jansen. Khalifa admitia ter sido necessário conduzir secretamente as investigações pelas costas do delegado Hassani, chegando ao escritório bem cedo, ficando até mais tarde, fazendo algumas ligações rápidas no horário do almoço, encaixando esse caso sempre que podia em algum outro trabalho policial. Mesmo sem esses contratempos, no entanto, duvidava de que tivesse descoberto alguma informação importante sobre o assunto. Tudo acerca da vida de Jansen, de sua obsessão por segurança em sua casa à completa falta de informação sobre seu passado, parecia funcionar de modo a preservar sua vida privada. Mais do que privada. Secreta. Dentro de uma muralha. Inacessível.

Ele obteve cidadania egípcia em outubro de 1945. Isto, pelo menos, Khalifa havia descoberto por intermédio de um antigo contato no Ministério das Relações Interiores. Depois disso, viveu em Alexandria, dirigindo um negócio moderadamente promissor de encadernação de livros em uma casa situada na Rua Sharia Amin Fikhry, antes de se mudar para a cidade de Luxor, em março de 1972, adquirindo primeiro sua villa, e, então, sete meses depois, o hotel (alterando o nome prosaico Hotel Boa Acolhida para Menna-

Ra). Seus extratos bancários revelaram que, se ele não era uma pessoa abastada, pelo menos financeiramente sua situação era bastante confortável, enquanto que, de acordo com os relatórios médicos, sofria de hemorróidas, artrite, joanetes, angina, assim como câncer de próstata em fase adiantada, o qual havia sido diagnosticado em janeiro de 2005. Sua manqueira era conseqüência de um acidente de carro ocorrido em 1982 e que causou uma grave lesão em seu joelho direito.

Havia ainda outras poucas informações gerais — Jansen era freqüentador da Biblioteca de egiptologia da Chicago House, um exímio jardineiro e não estava fichado na polícia —, e isso era praticamente tudo. A data em que ele foi pela primeira vez ao Egito, o motivo, de onde vinha e qual era sua ligação com Hannah Schlegel, se é que houvesse, todas estas perguntas continuavam perdidas em meio a um obscuro nevoeiro. Muitas pessoas o conheciam, isso era notório, mas, quando pressionadas, nenhuma na verdade parecia saber algo sobre ele. Era como se não existisse um passado, como se não houvesse nada sob a superfície. Mesmo a sugestão de Carla Shaw sobre sua suposta origem holandesa mostrou-se improvável; a embaixada informara que Piet Jansen era um dos nomes mais comuns na Holanda e, sem uma data ou local de nascimento, seria impossível rastreá-lo.

Houve apenas uma pista potencialmente interessante, encontrada na conta de telefone do morto. Jansen não fazia muitas ligações, e a maioria delas era para o Menna-Ra. Somente uma ligação para um determinado número, no Cairo, aparecia com certa freqüência — nove vezes nos últimos três meses. Khalifa verificou junto à Egypt Telecom, pensando que talvez se tratasse de um de seus amigos mencionados por Carla Shaw no encontro que tiveram havia uma semana. Por fim, no entanto, esta também se revelou uma pista falsa; o número não pertencia a um endereço particular, mas a um telefone público na cidade de El-Maadi.

Em resumo, ele pouco avançou no caso. Era por esse motivo que estava no carro naquele momento. Acelerou, passando pelo meio de pequenos vilarejos paupérrimos, por colinas e pelo rio, algumas

vezes tão próximo da rodovia e outras estendendo-se bem longe dali, como se amedrontado com o excesso de tráfego. O sol erguia-se à esquerda, suspenso no céu, como uma gema de ovo elevando-se na água fervente; o calor crescente provocava a evaporação da umidade do solo aluvial, e este emitia o reflexo de vapor exalado, como um bolo recém-assado.

Ele atingiu Edfu trinta minutos depois, cruzando o Nilo pelas quatro pistas da ponte da cidade, vencendo a poeira do caminho e as ruas interditadas antes de continuar rumo ao sul novamente, desta vez pela margem oeste do rio. Com seis quilômetros de viagem, ele parou na beira da estrada para pedir informação. Dois quilômetros depois, virou à esquerda, saindo da estrada principal, rumo a uma trilha arenosa que o conduziria através de campos com plantações de cebolas e repolhos, de vez em quando desaparecendo entre densos bosques de árvores da espécie falak. Enfim, reduziu a velocidade na frente de uma casa caiada, construída ao lado do rio. O lar de Ehab Ali Mahfouz — o ex-chefe de Khalifa, o homem que havia liderado as investigações do caso Schlegel. Estacionou e desligou o motor. Aparecer por lá era um grande risco para Khalifa. Embora tivesse se aposentado da polícia havia três anos, Mahfouz ainda mantinha relevante influência. Se considerasse a visita como uma ofensa, bastaria dizer uma palavra a respeito de Khalifa para este ser diretamente rebaixado para a guarda e enviado para alguma delegacia, sabe Deus onde, no meio do Deserto Ocidental. Ou pior, ser chutado para fora da polícia. Contudo, se ele quisesse conseguir oficialmente a reabertura do caso, e como havia chegado a um ponto da investigação de onde não poderia mais avançar fazendo um trabalho extra-oficial, era um risco a correr, pois Khalifa não tinha escolha. Já era sabido que o delegado Hassani não iria ajudá-lo. Se ele se posicionasse contra Hassani — o atual chefão —, isto o prenderia em uma intrincada burocracia que levaria meses para ser resolvida. Mahfouz tinha o poder de acelerar as coisas imediatamente. A questão era: estaria ele preparado para exercer esse poder? Khalifa não se lembrava dele como um homem que gostasse de admitir erros.

Tamborilava os dedos nervosamente no volante e, em seguida, pegou um relatório digitado de suas descobertas até ali, saiu do carro e, ao chegar à entrada da casa, tocou a campainha. Houve um momento de silêncio, e então, um som de passos se aproximando. A porta se abriu, permitindo a visão de uma negra, de meia-idade, usando um vestido preto e tarha. A empregada, Khalifa imaginou.

- Sabah El-khayr — disse ele. — Gostaria de ver o inspetor-chefe.

— O comandante Mahfouz não está para ninguém no momento — respondeu, enfatizando o "comandante", o título com o qual Mahfouz havia se aposentado na polícia.

— Se ele me concedesse pelo menos alguns minutos. Venho de muito longe, de Luxor. É importante.

— O senhor marcou hora? — Khalifa fez que não com a cabeça. — Então ele não vai poder falar com o senhor.

Ela começou a fechar a porta, mas Khalifa colocou o pé no estreito vão que restava.

— Por favor, diga a ele que o inspetor Yusuf Khalifa está aqui — disse ele firmemente. — É urgente. — Ela o fitou com raiva e depois, ordenando que ele não saísse dali, desapareceu dentro da casa.

Khalifa se curvou diante do umbral da porta e acendeu um cigarro, inalando profundamente. Apesar de suas habituais discussões acirradas com Hassani, não era, por natureza, uma pessoa que gostasse de confrontos, e situações como essas nunca terminavam bem para ele. Lembrou-se de uma vez, na universidade, quando discutiu com um professor na frente de toda a classe, ao afirmar que seu mestre havia compreendido errado a situação; enquanto erguia a mão e falava, sentiu o estômago comprimir-se de medo. Era o mesmo medo que sentia naquele momento — o medo do pobre homem que venceu com garra e estava aterrorizado de fazer qualquer coisa que pudesse jogá-lo de volta ao seu lugar de origem.

Ele deu mais uma tragada. Virou-se e fitou os campos pelos quais acabara de passar, observando enquanto um vulto distante e semi-despido golpeava o chão com uma touria, o corpo alongando-se para cima e para baixo com a precisão rítmica e lenta de um brinquedo automático.

"O que é que estou fazendo aqui?", pensou ele. "Que diabo estou fazendo aqui?"

A mulher retornou alguns minutos depois. Ele estava quase esperando a resposta de que Mahfouz não desejava vê-lo. De qualquer modo, ela pediu que ele apagasse o cigarro e, lançando um olhar que dizia "Isso é totalmente contra a minha vontade", mandou que entrasse naquela casa tranqüila.

— O comandante não está bem — explicou enquanto passavam por uma série de cômodos em direção aos fundos. — Ele saiu do hospital há quinze dias. O médico pediu que não fosse incomodado.

Eles chegaram a uma sala ampla e iluminada pelo sol, com piso de ladrilhos e um lustre decorado preso ao teto. Do outro lado, um conjunto de portas de vidro dava acesso a um jardim repleto de flores.

— Ele está por ali — disse a mulher. — Vou lhe trazer chá. E nada de fumar aqui.

Ela olhou fixamente para Khalifa, a fim de garantir que ele compreendera a mensagem, virando em seguida e desaparecendo.

Por um momento ele ficou ali em pé, olhando para uma enorme fotografia de Mahfouz apertando as mãos do presidente Mubarak; depois passou pelas portas que davam acesso ao jardim. Logo adiante, do outro lado de um jardim imaculadamente cuidado, cercado por canteiros de rosas amarelas e cor-de-rosa, um pequeno deque de madeira projetava-se sobre o rio. No deque, e de costas para ele, uma espreguiçadeira protegida por um guarda-sol listrado verde e branco. Ele murmurou uma rápida oração e começou a

atravessar o gramado, chegando até o anfitrião e colocando-se debaixo do guarda-sol.

— Eu vinha me perguntando quando você apareceria — disse uma voz áspera. —Já faz uma semana que aguardava a sua chegada.

Mahfouz estava deitado sobre travesseiros, uma das mãos caída do braço da espreguiçadeira, a outra segurando uma máscara plástica de oxigênio ligada a um tubo fino, como um intestino, que se estendia até um cilindro de aço colocado sobre o deque, logo embaixo dele. Khalifa estava chocado com a mudança de sua aparência. A última vez que o tinha visto, uns cinco anos antes, era um homem enorme, de ombros largos, que se impunha por suas feições rudes e musculosas, como um lutador peso pesado (Edfu, o Búfalo, era como o chamavam). Agora estava quase irreconhecível; o corpo enrugado e a pele pareciam um couro surrado, com pernas e braços magros e sem carne, e com o rosto encovado e esquelético. A maioria de seus cabelos e dentes já havia caído, e os olhos castanhos, dos quais Khalifa se lembrava como radiantes e impetuosos haviam adquirido uma cor de água estagnada. Era possível ainda perceber sob sua djellaba branca uma protuberância indicando a presença de uma bolsa para urostomia.

— Não restou muito de mim — disse ele, rindo melancolicamente ao perceber a expressão no rosto de Khalifa. — Bexiga, intestino, um pulmão — tudo isso já se foi. Sinto-me como uma mala vazia.

Ele começou a tossir. Colocou a máscara de oxigênio no rosto, pressionou o botão na frente do objeto e aspirou.

— Sinto muito — murmurou Khalifa. — Eu não sabia.

Mahfouz deu de ombros languidamente, aspirando o oxigênio e olhando para o amontoado de algas do ward-i-Nil flutuando lentamente por sobre o rio. Foi necessário quase um minuto para que sua respiração se estabilizasse e ele pudesse abaixar novamente a máscara. Então meneou a cabeça, indicando uma cadeira para que Khalifa se sentasse ao seu lado.

— Tenho apenas mais um mês — falou ele de maneira estridente. — Talvez dois. Com a morfina, fica quase suportável.

Khalifa não sabia o que dizer.

— Eu sinto muito — repetiu.

Mahfouz sorriu solenemente.

— Foi castigo — disse, ofegante. — Aqui se faz, aqui se paga.

Antes que Khalifa pudesse perguntar o que ele queria dizer com aquilo, a empregada apareceu carregando uma bandeja com duas xícaras de chá. Ela colocou a bandeja na mesa baixa de madeira, ajeitou os travesseiros de seu patrão e, lançando um olhar mal-humorado para Khalifa, partiu novamente.

— Omm Mohammed — grunhiu Mahfouz. — Que vadia miserável, hein? Não leve isso para o lado pessoal. Ela age assim com todo mundo.

Ele se inclinou para o lado e estendeu a mão trêmula em direção à xícara de chá. Mas não conseguia alcançá-la, o que fez Khalifa pegar a bebida e passá-la para ele.

— Sr. Mahfouz? — começou, tentando iniciar uma conversa.

— Morreu. No ano passado.

Khalifa organizava sua mente. Ele não esperava por nada daquilo. Mahfouz sorveu ruidosamente o chá, examinando Khalifa atentamente sobre a borda da xícara.

— Você está pensando que não deveria ter vindo, não é? — disse respirando com dificuldade e decifrando os pensamentos do detetive. — Que o velho já sofreu demais. Pra que trazer à tona mais problemas?

Khalifa encolheu os ombros, olhando das tábuas da plataforma para a água turva que deslizava ali embaixo.

— O senhor disse que estava me esperando — murmurou Khalifa depois de um breve silêncio.

Mahfouz encolheu os ombros.

— Hassani ligou. Disse o que estava acontecendo. Que você andava bisbilhotando sobre o caso Schlegel. Se você fosse o Khalifa de quem eu me lembrava, sabia que você logo, logo apareceria por aqui.

Ele sorriu para si mesmo, a expressão mais dolorosa do que melancólica, e irrompeu em mais um acesso de tosse. A xícara oscilava em sua mão trêmula, gotas de chá respingando em sua djellaba. Ele fez menção para que Khalifa segurasse a sua xícara. Em seguida, levantou a máscara e aspirou profundamente mais oxigênio. O detetive virou-se para o outro lado e fitou o rio. Era uma vista gloriosa — a água azul-escura, o barulho dos juncos no leito do rio, o solitário falucho navegando preguiçosamente, perto da margem oposta, com sua vela ondulante se voltando para o céu assim como as maçãs do rosto sobre um travesseiro. Mahfouz reparou na direção daquele olhar e afastou a máscara, colocando-a a seu lado.

— Meu único consolo — falou asperamente — é que vou morrer com uma linda vista.

Mahfouz recolocou a máscara, pressionando-a contra o rosto para inalar o oxigênio, assim como um peixe encalhado em um banco de lodo. Khalifa tomou um gole de chá e começou a tatear os bolsos por seus cigarros, para em seguida se lembrar do que a empregada havia lhe dito sobre não fumar e, então, juntou as mãos no colo. Atrás deles, do outro lado do jardim, um abelheiro estava voando sobre um canteiro de rosas, examinando as flores logo abaixo.

Finalmente, Mahfouz se recuperou suficientemente para remover a máscara mais uma vez. Khalifa se curvou para a frente e entregou-lhe o relatório.

— Eu achei que o senhor deveria ler isso.

Mahfouz pegou o relatório, estremecendo enquanto ajustava sua posição. Leu cada linha lentamente, virando as páginas com as mãos trêmulas. Quando chegou ao fim, colocou o maço de papéis ao seu lado e deixou a cabeça enrugada cair de volta sobre os travesseiros.

— Eu sempre suspeitei.

A voz dele era tão comedida, que Khalifa pensou tê-lo ouvido mal.

— Senhor?

— Que tinha sido Jansen quem matou a velha. Eu sempre suspeitei.

Khalifa ficou ali olhando para ele, chocado.

— Não era o que você estava esperando, não é? — falou Mahfouz com um sorriso débil.

Ele virou a cabeça levemente, olhando para o outro lado, em direção à margem longínqua do rio onde uma manada de búfalos amontoava-se para beber água, os traseiros ossudos gingando, oscilantes, de um lado para outro. Khalifa também observava, enrugando a testa ao tentar reunir seus pensamentos. Ele sentia como se tivesse sido levado por uma onda gigante, em pleno choque e desorientação.

— O senhor sabia? — conseguiu murmurar.

— Não com tanta certeza — respondeu Mahfouz. — Mas as evidências certamente pareciam apontar para essa direção. O chapéu, a bengala, a casa perto de Carnaque. O negócio do pé era interessante. Eu não sabia sobre isso.

Uma bolha de saliva se formara no canto de sua boca, e ele a limpou com a manga de sua djellaba.

— Eu não conhecia Jansen muito bem, mas o suficiente. Nós dois gostávamos de jardins. Pertencíamos à Sociedade de Horticultura. Costumávamos ir às mesmas reuniões. Um homem detestável. Frio. Bom com as rosas, apesar disso. — Ele ainda estava tentando limpar o acúmulo DE saliva. — Quando vi as marcas no corpo de Schlegel, ouvi a história dos guardas sobre um pássaro ou algo assim; parecia uma estranha coincidência. Especialmente diante das atitudes de Jansen em relação aos judeus e sendo sua moradia tão perto da cena do assassinato. Era circunstancial, admissivelmente, mas, se tivéssemos dado prosseguimento ao caso, tenho certeza que o teríamos pego.

Ele abaixou os braços mais uma vez, respirando pesadamente. Ouviu-se um ruído de água se espalhando, enquanto um par de gansos deslizava até o meio do rio, as pernas esticadas na frente deles, as asas estendidas. Khalifa percebeu que suas mãos estavam tremendo.

— Mas por quê? — perguntou com a voz rouca, demonstrando sua completa confusão. — Se achava que Jansen era o culpado, por que condenar Gemal?

Mahfouz estava olhando os gansos.

— Porque foi a ordem que recebi. — Depois de uma breve pausa, acrescentou: — De al-Hakim.

Mais uma vez Khalifa tinha aquele sentimento de ser arrastado por uma pesada onda, para bem fundo, como se tudo ao seu redor estivesse fora de controle e todos os pontos de referência, devastados. Até falecer no ano anterior, Farouk al-Hakim havia sido o líder da Jihaz Amn al Daoula, o Serviço de Segurança do Estado do Egito.

— Eu sempre soube que isso seria passado a limpo — disse Mahfouz, ofegante. — Estas coisas sempre são passadas a limpo. De certa forma é um alívio. Tenho isso guardado há muito tempo. É melhor deixar que seja esclarecido. E enfrentar.

Ouviu-se uma buzina alta à direita, ao redor da curvatura do rio, e uma gigante barcaça do Nilo surgiu de forma lenta, totalmente carregada de arenito. A proa irrompendo em sulcos através da superfície da água tranqüila como uma talhadeira sendo pressionada sobre a extensão da madeira polida e escura. A barcaça alcançou o local onde estavam e passou por eles antes que Mahfouz voltasse a falar.

— Eu sabia desde o início que seria um caso difícil — ele suspirou; sua voz era tão baixa quanto um sussurro. — Eles sempre são, quando políticos estão envolvidos. Quando Schlegel foi assassinada, não fazia nem um mês desde o massacre de Ismailiya. Você se lembra disso? Nove turistas israelenses massacrados em um ônibus. E depois mais um israelense morto. Isso não era nada bom. Especialmente para os americanos. Eles estavam prontos para assinar um extraordinário acordo de empréstimo. Milhões de dólares estavam em jogo. Você sabe do que eles gostam em Israel. Você conhece as dificuldades a se enfrentar quando se trata de Israel. O negócio da Schlegel poderia arruinar com tudo. Acredite, tinha muita gente preocupada no Cairo. Al-Hakim se encarregou do assunto pessoalmente. Havia uma forte pressão do povo por uma rápida condenação.

Ele fez uma pausa, tentando recuperar o fôlego. Khalifa tamborilava os dedos nos joelhos, tentando assimilar o que estava ouvindo. Desde o princípio ele acreditara que estava simplesmente lidando com um erro acidental da justiça. Agora parecia ter se envolvido em algo muito mais complexo e insidioso.

— Mas, se você sabia que era Jansen, por que al-Hakim solicitou que condenasse outra pessoa?

Mahfouz gesticulou com a mão, impotente.

— Não faço idéia. Eu não sabia na época e não sei até hoje. Falei com al-Hakim sobre Jansen, mas ele comentou que o caso estava fora de suas mãos. Disse que, se o arrastássemos para o caso, as coisas só iriam piorar. E irritaria ainda mais os judeus. Estas foram as palavras dele. Se investigássemos Jansen, isso iria irritar ainda mais os judeus. E por fim ele me pediu para encontrar outra pessoa para ser condenada. Então nós acusamos Gemal no lugar dele.

Sua respiração ofegante se tornava gradativamente pior e, erguendo a máscara de oxigênio, aspirou mais uma vez o oxigênio; seu tórax frágil movendo-se para cima e para baixo como um par de pulmões perfurados; suas mãos tremiam incontrolavelmente. Com um leve arrepio de aversão, Khalifa reparou que a bolsa coletora embaixo da djellaba se expandia lentamente enquanto a urina era expelida através da abertura artificial em seu abdômen. Ouviu-se mais uma buzina enquanto a barcaça do Nilo desaparecia rumo ao norte ao fazer o contorno de outra curva no rio.

— Este caso me ajudou bastante — falou com voz estrangulada, abaixando a máscara novamente. — Ganhei uma promoção, meu nome nos jornais, recebi um telegrama de Mubarak. Mas isso não era porra nenhuma quando comparado à culpa. Não em relação à Gemal. O homem era um merda. Merecia tudo por que passou. Mas sua esposa e filhos...

Ele se interrompeu, erguendo a bengala, que mais parecia um instrumento de defesa, para examiná-la. O estranho encontro com a esposa de Gemal surgiu à mente de Khalifa. Chega sempre pelo correio. Sem bilhete, nome, nada. Somente as três mil libras egípcias, sempre em notas de cem.

— É você que tem enviado o dinheiro para eles? — perguntou calmamente. Mahfouz olhou para cima, surpreso, e depois abaixou a cabeça novamente.

— Era o mínimo que eu poderia fazer. Ajudá-los a sobreviver. Permitir que as crianças terminassem a escola. Um gesto vazio demais, se considerar...

Khalifa meneou a cabeça, levantou-se e andou até a beira do deque, fitando um banco de areia no Nilo.

— Hassani sabia?

Mahfouz meneou a cabeça. — Não naquela época. Eu contei a ele posteriormente. Depois que Gemal havia se enforcado. Ele estava apenas tentando me proteger. Não o julgue de forma tão severa.

— E a pasta do caso? Desapareceu da sala dos arquivos.

— Hassani a queimou. Achamos que seria o melhor a fazer. Apenas esquecer a coisa toda. Deixar que ficasse no passado. — Ele riu com amargor. — Mas, então, este é o problema com o passado, não é? Nunca é só passado. Está sempre ali. Agarrado. Como uma sanguessuga. Sugando o sangue. Não importa o que se faça ou diga, nunca conseguimos nos livrar dele. Eu até que tentei. Pode acreditar. Mas a ferida está ali, agarrada. Drenando nossa saúde.

Ele se moveu debilmente para pegar o chá, indicando que sua garganta estava seca e que precisava do líquido. Khalifa se adiantou e lhe entregou a xícara. Ele não podia mantê-la firme por si só, e assim Khalifa precisou segurá-la enquanto ele, inclinando-se para a frente, bebia ruidosamente o líquido. Quando terminou, recostou-se novamente, tão desajeitado e imprestável como um boneco de pano esfarrapado.

— Eu era um bom policial — sussurrou ele. — Seja lá o que você estiver pensando aí. Me dediquei ao serviço durante quarenta longos anos. Perdi a conta dos casos que resolvi. O Assalto ao Expresso de Assuã. Os Assassinatos de Gezira. Girgis Wahdi. Você se lembra dele? Girgis al-Gazzar, o açougueiro de Butneya. Tantos casos. Mas este é um que carreguei pela vida toda. Deixei um assassino sair impune.

Mahfouz estava se cansando muito mais rápido agora, sua respiração ficando cada vez mais entrecortada, ofegante, e seus

braços e pernas tremiam, Ele agarrou a máscara de oxigênio e respirou várias vezes, fazendo careta por causa da dor.

— Reabra o caso — murmurou, colocando a máscara ao lado. — Era o que você queria, não é? Eu vou falar com Hassani e com quem mais for preciso. Não surtirá nenhum efeito prático. Al-Hakim está morto. Jansen está morto. Gemal está morto. Mas pelo menos você pode descobrir a verdade. Já era hora.

Ouviu-se o som de passos enquanto a empregada se aproximava pelo gramado, carregando uma pequena bandeja cirúrgica.

— E quanto a você? — perguntou Khalifa. Mahfouz tossiu.

— O que é que tem? Eu já estarei morto em algumas semanas. Pelo menos vou partir sabendo que fiz a coisa certa no final.

Ergueu a máscara de oxigênio e respirou. Então, com o que havia lhe sobrado de força, apalpou e agarrou o braço de Khalifa.

— Descubra a verdade — sussurrou. — Por mim, pela esposa de Gemal. Por Alá, se preferir. Mas seja cauteloso. Jansen era um homem perigoso. Tinha amigos em cargos de prestígio. Segredos sórdidos. Eu tentarei te proteger. Mas tenha cuidado.

Seus olhos obscurecidos se voltaram exaustivamente para Khalifa, para então caírem fechados. O detetive olhou para o homem deitado por um momento; depois, soltando seu braço, colocou-se a caminho da saída, passando pela negra enquanto atravessava o gramado de volta. Meia hora depois, fazia uma oração por Mahfouz, por permitir a reabertura do caso. Contudo, depois do que ouviu, ele agora desejava que não tivesse recebido tal permissão.

Jerusalém

Layla não conseguia lembrar desde quando fazia parte dos membros do American Colony Breakfast Club, mas os encontros de sexta de manhã já tinham se tornado há vários anos um evento regular de sua agenda semanal. Não era um clube propriamente dito, e sim uma reunião informal, realizada no American Colony Hotel, em Jerusalém Oriental, onde, entre xícaras de café e croissants, um grupo de jornalistas, voluntários humanitários e diplomatas de baixo escalão — fosse lá quem estivesse na cidade naquele dia — discutiam os problemas principais do momento. O café-da-manhã geralmente acabava seguido do almoço, que podia ir até o chá da tarde e, algumas vezes no ano, acabava com um jantar regado a álcool, quando as discussões ficavam mais acaloradas. Em uma dessas ocasiões memoráveis, o chefe da redação do Washington Post quebrou uma garrafa de vinho na cabeça do adido cultural dinamarquês.

Layla chegou logo após as dez e, depois de cuidadosamente colocar uma carta na caixa do correio do hotel, atravessou o saguão elegante, com piso de pedra, e pelo lado de fora rumou para o pátio central atrás da construção, que exibia uma fonte borbulhante, vasos de flores e mesas de ferro instaladas sob guarda-sóis na cor creme. Diversos habitués já se encontravam lá — sua amiga Nuha, Onz Schenker, do Jerusalém Post, Sam Rogerson, da Agência Reuters, Tom Roberts, o rapaz do consulado britânico que estava sempre tentando conquistá-la, e também algumas caras novas, que não conhecia, todos sentados embaixo de uma laranjeira retorcida. Eles já estavam em plena discussão.

Puxou uma cadeira, pegou um bule que estava na mesa ao lado deles e serviu-se de uma xícara de café. Roberts a olhou, sorriu nervosamente e depois voltou o olhar para outra direção.

— A coisa toda é uma piada — Rogerson estava dizendo, passando a mão na cabeça calva. — E uma trilha rumo a lugar nenhum. Até Israel conseguir dominar o problema principal, ou seja, que eles

ferraram os palestinos e por isso precisam fazer concessões significativas para reparar o dano, o sangue vai continuar sendo derramado.

— Eu vou lhe dizer que raio de problema principal é esse — grunhiu Schenker, fumando um Noblesse e olhando zangado. — Em última análise, os árabes não estão interessados em falar sobre paz. Há uma cacetada de questões envolvidas quanto a oferecer concessões, quando tudo que todos eles querem é riscar Israel do mapa.

— Isso é bobagem — disse Nuha.

— E mesmo? Você está me dizendo que al-Mulatham de repente quer negociar? Que o Hamas está para reconhecer o direito de Israel existir?

— Qual é, Onz, eles não são os representantes do povo palestino — disse uma mulher robusta, pequena e bem-maquiada, cujo nome era Deborah Zelon, uma correspondente da Associated Press.

— Então quem o representa? Abbas? Qurei? Sujeitos em quem a maioria da população não deposita sequer um pingo de confiança? Arafat, o homem que torturou o seu próprio povo, apropriando-se fraudulentamente dos recursos humanitários destinados ao povo, e a quem foi oferecida a paz numa bandeja em Camp David...?

— De novo não! — clamou Nuha.

— Barak ofereceu a ele noventa e sete por cento da Cisjordânia! — gritou Schenker, esbarrando com seu cigarro em Nuha. — Seu próprio Estado. E ele rejeitou!

— O que ofereceram, como você bem sabe — disse Nuha, lançando um olhar penetrante —, foi uma coleção de cantões cercados por assentamentos israelenses ilegais e sem nenhuma fronteira internacional. Isso e uma porcaria de pedaço de deserto que vocês, por sinal, têm usado como aterro de lixo tóxico nos

últimos vinte anos. Lógico que ele não iria aceitar uma proposta dessas. Seria linchado.

Schenker bufou, amassando seu cigarro num cinzeiro. Um garçom apareceu com mais café e um enorme prato com CROISSANTS. Logo em seguida, um senhor, vestindo um casaco de lã e óculos em formato de meia-lua, puxou uma cadeira, juntando-se ao grupo. Nuha o apresentou como o professor Faisal Bekal, da Universidade Al-Quds. Ele ergueu a mão artrítica para cumprimentá-los.

— Loath, como eu estava dizendo — falou Rogerson, retomando a conversa onde fora interrompida —, mas concordo com o último ponto levantado por Schenker. Arafat atrapalhou tudo. Abbas e Qurei de certa forma também, mas eles não exerciam influência suficiente para vetar um negócio tão realístico e ter o apoio do povo. Os palestinos precisam de um novo representante.

— E os israelenses não? — bufou Nuha.

— E claro que precisam — respondeu Rogerson, pegando uma maçã da tigela no centro da mesa e começando a descascá-la com seu canivete. — Sharon foi um desastre do cacete. Mas isso não muda o fato de que os caras que vocês têm no momento também não vão resolver as coisas. Não de forma definitiva.

— Então quem vai? — indagou Deborah Zelon. — Dahlan e Rajoub não têm tanto poder para isso. Erekat não tem iniciativa. Barghouti está preso. Não há mais ninguém.

O professor Bekal tentou pegar discretamente um CROISSANT, partindo-o em dois e deixando uma das metades na borda da mesa enquanto mordiscava a outra.

— Tem o Sa'eb Marsoudi — disse ele de forma discreta, limpando as migalhas em seus lábios; sua voz era aguda e levemente trêmula.

— Você acha? — perguntou Rogerson.

O velho homem virou a cabeça para o lado. — Por que não? É jovem, inteligente, e o povo gosta dele. E tem histórico. Filho de um ativista, neto de um ativista, líder da primeira Intifada e ainda com pragmatismo suficiente para saber que nunca haverá uma Palestina livre sem negociação e concessão.

— Ele também já sujou as mãos com sangue judeu — disse Schenker com rispidez.

— Nesta parte do mundo, todos já sujaram as mãos com o sangue de alguém, Sr. Schenker — suspirou Bekal. — A questão é o que eles fazem agora, e não o que fizeram no passado. Sim, Marsoudi contrabandeou armas para dentro de Gaza. E, sim, essas armas foram, sem dúvida, usadas para matar israelenses. Talvez os mesmos israelenses que expulsaram a família dele de sua terra aprisionaram seu pai e explodiram seu irmão. Ele cumpriu o seu papel. Agora é um dos palestinos com a coragem de abertamente rejeitar a resistência pela violência. Eu acredito que ele poderá realizar boas coisas.

— Se ele viver o suficiente — resmungou Nuha. — O Hamas quer cortar a garganta dele.

— Viu só, Onz? — disse Rogerson, que havia conseguido remover a casca da maçã em uma única e perfeita espiral. — Nestas circunstâncias, ele seria sua melhor opção.

Schenker bebeu o café e acendeu outro Noblesse.

— Eles são todos iguais, todos maus — resmungou ele. — Não se pode confiar em nenhum desses picaretas.

— Ouçam a voz da razão e da esperança! — disse Deborah Zelon, rindo. A discussão tomou outros rumos, opiniões sendo rebatidas como bola de pingue-pongue, o murmúrio das vozes aumentando e diminuindo, tendo seu ritmo interrompido a cada gargalhada ou grito, este sempre de Onz Schenker, cujo tom da conversa parecia adotar apenas duas posturas — de raiva e de muita raiva. Outras

pessoas se aproximaram do pátio e se juntaram ao grupo, o número de pessoas aumentando progressivamente, até que houvesse mais de vinte, e o que começou como um simples debate foi gradualmente fragmentado em uma série de discussões secundárias entre pequenos grupos. Tom Roberts aproximou-se para sentar ao lado de Layla.

— Olá, Layla — disse ele, sua língua demorando discretamente no primeiro L do nome dela; era um hábito de infância, que certa vez ele havia explicado ser devido ao fato de ele ter sofrido de uma terrível gagueira. — Como tem passado?

— Bem — respondeu. — Desculpe por não ter retornado suas ligações. Tenho andado um pouco...

Ele fez um sinal com a mão, demonstrando que não tinha problema. Ele era mais velho do que ela, com quarenta e poucos anos, alto e magro, formal, usando óculos redondos, e procedia de maneira tímida e auto-depreciativa. Não era sem atrativos, mas também não era particularmente atraente. Gentil. Por alguma razão ele a fazia se lembrar de uma girafa.

— Você está muito quieta hoje — continuou, sua boca demorando novamente, mas desta vez no "m" de muito. — Normalmente você é o único páreo duro para o Schenker enfrentar.

Ela sorriu. — Pensei em dar umas férias pra ele.

— Está com a cabeça cheia?

— Digamos que estou.

Tinha sido uma semana difícil para ela. No dia seguinte ao encontro com Nuha, ela escreveu dois artigos e meio, bem elaborados mesmo para seu padrão de exigência, incluindo um perfil de duas mil palavras sobre Baruch Har-Zion para o New York Review (foi expedido naquele dia mesmo). Depois, foi para Gaza a fim de cobrir um caso de violência doméstica — um problema raro, mas reconhecidamente crescente na comunidade palestina —, restando

muito pouco tempo para descrever o ocorrido de forma minuciosa, antes de o GUARDIAN enviá-la para cobrir uma conferência em Limassol sobre programas humanitários palestinos. Ela conseguiu regressar já bem tarde da noite anterior e passou metade da noite transcrevendo gravações, para finalmente cair na cama às quatro da manhã e ter apenas poucas horas de descanso.

Não era o cansaço que a incomodava agora, mas a maldita carta. Ela não encontrava um jeito de tirar isso da cabeça. Durante toda a semana, ficou ali, martelando em sua mente, intrigando, alfinetando.

Eu possuir em minhas mãos informassões que poderiam provar-se inestimáveis para al-Mulatham em relação a sua luta contra os opressores sionistas (...). Em retribuição, eu poder oferecer o que acredito ser até aqui o grande furo de reportagem de sua já ilustre carreira (...). A informassão sobre a qual eu estar falando está intimamente ligada ao documento em anexo.

Quanto mais ela pensava a esse respeito, mais convencida ficava de que sua primeira avaliação estava errada e que a carta não era uma armadilha nem uma tentativa de fazê-la cair em uma cilada, mas, em vez disso, um texto genuíno. Não havia qualquer evidência concreta quanto a isso, mas apenas um tipo de sentimento, instinto, o mesmo instinto que lhe avisava quando uma matéria valia à pena ou que algum entrevistado seria confiável.

No curto espaço de tempo obtido entre a composição de um artigo e uma viagem, Layla fizera algumas investigações para descobrir a identidade do garoto que havia entregado a carta, mas sem sucesso. A curiosa construção da frase de introdução — gostaria de lhe apresentar uma proposta — sugeria a ela que o autor não era nativo de língua inglesa, mas, além disso, não havia outra pista quanto à sua identidade (de alguma maneira ela acreditava tratar-se de um homem). Seja lá quem fosse, havia afirmado que entraria em contato novamente, em um futuro próximo, mas até aquele momento não houvera nenhuma outra aproximação.

E ainda havia o curioso documento fotocopiado. Ela fez uma pesquisa junto a um ex-colega na Universidade Hebraica, que sugeriu tratar-se de um código, embora não tivesse nenhuma idéia de como decifrá-lo. Uma busca sobre GR na internet tinha, como esperado, apresentado uma enorme quantidade de resultados — mais de um milhão, por incrível que pareça —, e, depois de abrir as primeiras trinta páginas disponibilizadas ou mais, desistiu de continuar por ser um enorme desperdício de tempo. Ela havia entrado em um beco sem saída.

— Posso ajudá-la em alguma coisa? Tom Roberts a olhava com expectativa.

— Você disse que estava com a cabeça cheia — acrescentou, observando o olhar confuso no rosto dela. — Fiquei pensando se poderia ajudar.

— Duvido muito — respondeu, terminando seu café. — A menos que seja bom em decifrar códigos.

— Na verdade, eu não sou ruim nisso. Sou um amante desse tipo de hobby. Qual o contexto? — Ele ergueu as sobrancelhas em tom questionador. — É uma carta, um documento oficial?

— Uma carta, eu acho — respondeu Layla. — Antiga. Medieval talvez. Ou ainda mais remota. Eu não consigo identificar nem o princípio nem o fim do texto. É apenas uma longa seqüência de letras com algum tipo de assinatura no final. GR.

Ele comprimiu os lábios, pensando, depois meneou a cabeça para indicar que as iniciais não significavam nada para ele.

— É meu dia de folga — disse ele após uma breve pausa. — Eu poderia dar uma olhada, se quiser.

Ela hesitou, sabendo que ele se sentia atraído por ela e não querendo complicar as coisas.

Antes que ela pudesse recusar sua oferta, ele acrescentou: — Sem segundas intenções. Palavra de escoteiro. Acho que depois de seis meses já compreendi a mensagem.

Ela o fitou por um momento; em seguida sorriu, colocando sua mão sobre a dele.

— Desculpe-me, Tom. Você deve me achar uma verdadeira pervertida.

— Isso é parte da atração, para ser honesto — disse ele, sorrindo, com uma certa melancolia.

Ela segurou a mão dele.

— Seria ótimo se pudesse dar uma olhada nisso pra mim. Mas com uma condição. Você me deixa preparar seu almoço.

— Quem me dera se você tivesse um código para decifrar todos os dias — respondeu ele, sorrindo. — Quando seria bom pra você?

— Nada melhor do que hoje — disse Layla, afastando sua cadeira e ficando de pé. — Eu acho que já ouvi muito Schenker por uma semana.

Roberts pegou sua jaqueta e foram se despedir; Nuha lançou um olhar questionador para Layla, que foi retribuído com um leve meneio de cabeça, como se quisesse dizer: "Não é o que está pensando." Enquanto eles atravessavam o pátio rumo ao saguão do hotel, a voz de Onz Schenker explodiu atrás deles.

— Yehuda Milan é a última pessoa que poderia salvar este país! Herói de guerra ou não, o homem é um tremendo risco.

— Mas por que isso, Onz? — ouviu-se a voz de Sam Rogerson, gritando. — Só porque ele poderia, de fato, promover um acordo real com os palestinos? Pessoas como você é que são um tremendo risco!

— Você é um anti-semita, Rogerson!

— Minha esposa é uma judia! Como é que posso ser anti-semita?

— Vai se foder, Rogerson!

— Vai você, Schenker! Vai você com essa sua bunda gorda, fascista e fétida.

Ouviu-se o barulho de cadeiras se arrastando, o som de pratos se quebrando e uma cacofonia de gritos dizendo para os dois homens se sentarem e deixarem de agir como idiotas. Naquele exato momento, Layla e Tom Roberts já haviam passado pelo saguão do hotel e se encontravam do lado de fora, embaixo de sua entrada, que era em forma de arco e coberta por buganvílias; as vozes dos colegas do Breakfast Club se atenuavam gradualmente atrás deles.

Tel Aviv, Hotel Sheraton

- Q

uando as pessoas me perguntam por que me oponho ao chamado processo de paz, por que acredito num Israel forte, governado por judeus, para judeus, sem nenhuma presença árabe em nosso meio, devo contar-lhes a história de minha avó.

Har-Zion afastou-se do microfone e tomou um longo gole de água, fitando os convidados do almoço sentados à sua frente. Era uma boa quantidade de pessoas, a maioria, executivos, e muitos americanos. Uma centena de convidados, duzentos dólares por convite — era bastante dinheiro para o Chayalei David. E isso sem contar com as promessas de doações, que no mínimo dobrariam a arrecadação final. Cinqüenta mil dólares poderiam presumir. Muito dinheiro.

Apesar disso, ele não estava muito animado. Ele nunca ficava nesse tipo de ocasião. Os homens de terno, as conversas cordiais, os sorrisos e apertos de mãos — isto não era para ele. Deviam dar-lhe um campo de batalha a cada dia ou uma multidão de árabes gritando em protesto contra a ocupação dos Guerreiros de Davi. Deviam dar-lhe ação.

Involuntariamente, ele olhou para o assento à sua direita, onde a esposa, Miriam, sempre costumava se sentar, antes de o câncer tê-la devastado. No lugar de seu pequeno corpo e apropriadamente adornado, ele era confrontado por um rabino mais velho usando um enorme SHTREIMEL com apliques de couro. Fitando-o por um momento, como se confuso por sua presença, e em seguida com um meneio de cabeça, aproximou-se do microfone para dar continuidade à palestra.

— Minha avó, a mãe de minha mãe, faleceu quando eu ainda tinha apenas dez anos de idade; por isso nunca pude conhecê-la de verdade. Mas, mesmo nos poucos anos que estivemos juntos, no entanto, pude perceber que se tratava de uma mulher inigualável. Ela preparava refeições como vocês nunca experimentaram, borscht, gefilte, kneidls. A perfeita avó judia!

Uma eclosão de risos ecoou pelo recinto.

— Entretanto, ela fazia muito mais do que apenas cozinhar. Ela conhecia a Torá mais do que muitos rabinos que conheci, sem querer ofender.

Ele se voltou para o rabino ao lado, que sorriu magnanimamente. E ouviu-se uma nova gargalhada.

— E cantava como nenhum hazzan que já ouviram. Mesmo hoje, se eu fechasse meus olhos, poderia ouvi-la cantando o kerovah, de forma tão doce, como um rouxinol. Se ela estivesse aqui agora, encantaria a todos vocês. Mais do que eu estou tentando agora, certamente!

Um terceiro eco de risos se fez ouvir, acompanhado por uns poucos murmúrios de "Não é verdade!", e Har-Zion ergueu sua taça e bebeu mais um pouco de água.

— Também era uma mulher muito forte. Corajosa. E precisava ser para sobreviver dois anos em Gross-Rosen.

Naquele momento não houve aclamações ou risos. Todos tinham seus olhos fixados sobre ele.

— Eu amava minha avó, profundamente — continuou, bebendo continuamente de sua taça. — Ela me ensinou tantas coisas, contou tantas histórias maravilhosas, inventava tantos jogos fantásticos para brincar. Há apenas uma coisa sobre ela que me deixa triste: no tempo que passamos juntos, ela nunca, nem mesmo uma vez, puxou-me para seu peito e me abraçou, como as avós costumam fazer. Especialmente as avós judias.

Os ouvintes estavam quietos agora, perguntando como aquela história iria terminar. Por baixo de seu terno, Har-Zion sentia sua pele coçar e se distender, como se tivesse sido envolvido por uma camisa-de-força cheia de pimenta. Ele deslizou os dedos por dentro de seu colarinho, tentando aliviá-lo um pouco.

— No começo eu não prestava muita atenção a isso. Mas, quando comecei a crescer, no entanto, começou a me afetar. Será que a minha BUBEH não me ama? Eu pensava. Talvez eu tenha feito algo de errado. Eu desejava perguntar o porquê de ela nunca me tomar em seus braços, mas eu pressentia que era um assunto do qual ela não desejava falar, então nada nunca foi dito. Isto me deixava confuso e triste.

Atrás dele, Avi, seu guarda-costas, tossiu. Soou tão artificialmente alto, no absorto silêncio, que envolveu todo o recinto.

— Somente depois que ela faleceu, minha mãe me explicou o motivo desse estranho mistério. Quando era ainda uma mocinha, minha avó vivia em uma SHTETL no sudeste da Rússia. Todo sábado à

noite, depois que acabavam de beber, os cossacos apareciam. Os judeus se trancavam em suas casas, mas os cossacos chutavam as portas e arrancavam as pessoas para a rua, onde eles os espancavam e até mesmo assassinavam. Aquilo era uma diversão para eles, um esporte. Afinal, eram apenas judeus imundos.

Cem pares de olhos estavam fixados em Har-Zion. Ao seu lado, o rabino estava olhando para o próprio colo, meneando a cabeça em sinal de tristeza, de um lado para outro.

— Numa dessas ocasiões, os cossacos apanharam minha avó. Ela tinha apenas quinze anos naquela época; uma menina linda, com longos cabelos e olhos radiantes. Eu acho que não preciso dizer a vocês o que eles fizeram com ela. Cinco deles. Bêbados. Na rua, onde todos poderiam ver. Depois disso, quando terminaram, eles queriam um suvenir daquela noite. Vocês sabem que suvenir eles levaram?

Ele deixou a pergunta em suspenso por um instante.

— Um dos bicos do seio de minha avó. Eles o arrancaram com uma faca e carregaram com eles, um troféu para ser pregado na parede.

Ouviam-se murmúrios de horror. Em uma mesa perto, logo à frente, uma mulher segurava um guardanapo nos lábios. O rabino sussurrava: — Meu Deus.

— Esta é a razão pela qual minha avó nunca me abraçou — disse Har-Zion, calmamente. — Porque ela sabia que eu perceberia alguma coisa de diferente e se sentiria envergonhada. Apenas não desejava que eu soubesse de sua dor. Não queria que me entristecesse por ela.

Ele parou, deixando que suas palavras penetrassem mais. Havia muitas outras histórias que poderia ter contado com aquela mesma essência. Tantas outras histórias. Sobre suas próprias experiências — as provocações, os espancamentos, o tempo no orfanato, quando enfiavam um cabo de vassoura em seu reto enquanto

berravam "Pau no cu do judeuzinho! Pau no cu do judeuzinho!". Todos os dias de sua infância pareciam ter se transformado em noites de medo e humilhação. Mas ele preferia não falar sobre isso. E nunca falou sobre isso. Nem mesmo para Miriam, sua própria esposa. Era muito brutal, muito doloroso, pior mesmo quando comparado às queimaduras que seu corpo sofreu, deixando-o como um boneco de cera derretido. Por isso ele contou a história de sua avó, que era próxima, mas não tão próxima, a ponto de fazê-lo se desintegrar e abrir as comportas. Havia tanta dor ali dentro. Tanto horror. Algumas vezes, ele sentia como se estivesse se afogando nas trevas.

Tomou um terceiro gole de água e, tossindo para limpar a garganta, retomou a fala para terminar seu discurso, fazendo votos de que o que havia acontecido com sua avó jamais acontecesse a qualquer judia novamente, e que ele faria o que fosse necessário para defender seu povo, para manter Israel forte.

Quando terminou, a audiência o aclamou e o aplaudiu de pé. Ele agradeceu as aclamações, mas sua pele cocava incontrolavelmente embaixo de seu terno, e então se sentou. Avi avançou em sua direção para ajudá-lo a mover a cadeira para a mesa. O rabino o saudou tocando em seu braço.

— Você é um bom homem, Baruch.

Har-Zion sorriu, mas não emitiu qualquer comentário. Sou mesmo? Ele se perguntava.

Bom e mau, certo e errado — estas palavras pareciam não possuir qualquer significado. Tudo que existia era a sua fé em Deus e a luta pela sobrevivência. E era o que vinha fazendo durante toda a vida. O que seu povo vinha fazendo durante toda a sua existência. Ele se virou lentamente, sem flexibilidade, observando os sete braços da menorá reproduzida em um painel atrás da mesa, pensando sobre Layla al-Madani, al-Mulatham e todo o restante, antes de se voltar novamente para a frente e sorrir enquanto um fotógrafo se aproximava para fotografá-lo.

Jerusalém

A manhã não tinha chegado ao fim quando Arieh Ben-Roi dirigiu seu surrado BMW branco através do Portão de Jaffa, na Cidade Antiga, e deteve-se diante da cancela eletrônica em frente à Delegacia de Polícia Davi, um imponente edifício de dois andares em pedras Jerusalém amarelo-claras, com bandeiras de Israel e da polícia israelense desfraldadas do lado de fora e uma imponente antena de rádio erguida sobre o telhado, como uma árvore desprovida de todas as suas folhas. Os guardas em serviço o reconheceram e, ao liberarem a cancela, fizeram sinal para que prosseguisse pelo túnel que atravessava o centro do edifício, passando pelo complexo murado nos fundos, onde ele estacionou o veículo ao lado de uma viatura Kawasaki Mule branca. Atrás dele, dois rapazes do esquadrão anti-bombas estavam mexendo nervosamente em seus robôs, ajustando os braços retráteis; à direita, um cavalo estava sendo exercitado dentro de um enorme cercado, todo rodeado por arbustos floridos de loureiro-rosa.

Ele se sentia um bosta, como sempre acontecia, e dizia para si mesmo que precisava parar com a bebida. Como sempre. Sabia que não pararia mesmo assim. Era a única coisa que aliviava sua dor, que o ajudava a esquecer. Sem a bebida as coisas seriam... insuportáveis.

Ben-Roi permaneceu ali mais um pouco, desejando que já estivesse de volta à seu apartamento, escondido do mundo, sozinho com seus pensamentos; em seguida saiu do carro e andou vagarosamente de volta pelo caminho em direção ao túnel, virando-se ao chegar a uma entrada baixa situada bem no interior do túnel, para então subir alguns degraus de pedra rumo ao primeiro andar. Sua sala ficava no meio do corredor, com paredes caiadas, um cômodo pequeno,

abarrotado de móveis de compensado. Havia também um computador num RACK situado no canto e, sobre a mesa, uma foto emoldurada de um Ben-Roi mais jovem e mais em forma, recebendo a Ordem de Conduta e Bravura. Isto lhe foi consentido havia três anos, por salvar uma jovem palestina de uma casa incendiada perto do Mauristan, arriscando sua vida ao arrombar a porta da frente e lutar para conseguir subir a escadaria em chamas e, por fim, carregá-la em segurança através do telhado. Naquela época, ele sentiria orgulho de si mesmo; agora, pensava sobre a coisa estúpida que fizera. Deveria tê-la deixado lá para ser consumida pelo fogo. Era uma pena que não houvesse mais deles naquele lugar.

O escritório estava vazio quando chegou e, fechando a porta, sentou-se à sua escrivaninha, pegou seu cantil e tomou um longo e vagaroso gole. O líquido desceu queimando a garganta, espalhando calor através de seu peito e estômago. Tomou um novo gole, e sua mente começou a clarear, melhorando o humor. Depois de um terceiro gole, sentiu-se quase pronto para enfrentar o restante do dia.

A porta se abriu.

— Você não sabe bater, Feldman? — repreendeu-o, enfiando o cantil embaixo da escrivaninha e esforçando para rosquear a tampa.

Feldman reparou no que ele tentava fazer e balançou a cabeça.

— Puta que pariu, não é nem hora do almoço ainda.

Ben-Roi o ignorou, enfiando o cantil no bolso de seu jeans.

— O que você quer?

— Vamos começar o interrogatório dos caras que trouxemos na noite passada. Pensei que quisesse interrogar o cara que você capturou. — Feldman deu um leve sorriso, malicioso, enquanto falava "o cara que você capturou", trazendo a lembrança do

fracasso de Ben-Roi ao tentar persegui-lo pelo Vale do Quidron. Como se o chamasse de incompetente.

— Onde ele está?

— Na sala de interrogatório 3. Você acha que consegue lidar com ele sozinho?

Ben-Roi ignorou o sarcasmo, ficou de pé, pegou uma pasta na escrivaninha e atravessou a sala. Enquanto tentava passar por Feldman, ele sentiu uma mão em seu braço.

— Seja benevolente com você mesmo, rapaz. Você não pode continuar desse jeito.

Houve uma pausa momentânea, e então Feldman retirou sua mão.

— Veja, Arieh, eu sei o que você tem...

— Você não sabe de porra nenhuma, Feldman. Tá me entendendo? Vai embora daqui. — Ben-Roi olhou com raiva para seu colega, depois saiu da sala avançando pelo corredor, lutando com a urgente necessidade de mais um gole de vodca. Culpa e remorso. Era tudo que parecia sentir naqueles dias. Culpa pelo que aconteceu e remorso pela forma como lidou com aquilo. Com este último ele até conseguia lidar. Mas não com a culpa. Não mesmo. Isso o desprovia de masculinidade. Deus, como ele desejava ter ficado na praça com ela naquela noite.

Desceu a escadaria, de volta ao túnel. As salas de interrogatório ficavam depois de uma porta, do outro lado, mas, em vez de ir direto para lá, virou à esquerda, retornando ao complexo; e então foi direto até um moderno anexo, com fachada de vidro, construído nos fundos da delegacia, passando por uma recepção elegante, levemente iluminada, até chegar a uma enorme sala de controle com dois monitores na parede. Cada tela CONTINHA uma imagem diferente da Cidade Antiga — o Muro Ocidental, o Portão de Damasco, o Haram al-Sharif, o Cardo — exibidas por uma das trezentas câmeras de segurança instaladas em cada esquina das

ruas. As imagens mudavam freqüentemente, enquanto o sistema alterava de câmera para câmera, sendo que de vez em quando uma das telas se tornava alaranjada e uma legenda de SEM IMAGEM aparecia.

Duas mesas de controles semicirculares, uma dentro da outra, como um par de vírgulas invertidas, estavam instaladas em frente às telas, monitoradas por policiais uniformizados. Ben-Roi atravessou a sala até a primeira delas e tocou no ombro de uma garota altíssima e com os cabelos tingidos de louro.

— Preciso de um registro da noite anterior — disse ele. — O interior do Portão do Leão. Por volta das 11h45.

A garota assentiu e, após avisar a uma de suas colegas que sairia de seu posto por alguns minutos, conduziu Ben-Roi até uma sala, onde o deixou diante de um computador; inclinando-se sobre o ombro dele, clicou em vários ícones, até que localizou a gravação que ele queria, da operação que visava à apreensão de drogas na noite anterior.

Ele se sentou e observou enquanto a operação era exibida, ocasionalmente solicitando à garota para que voltasse ou ampliasse alguma imagem, ou selecionasse uma câmera diferente, conseguindo assim rastrear o jovem palestino que havia perseguido desde o momento em que ele alcançara o Portão com seus três colegas, através da aparição do Mercedes carregado de mercadoria, até o ponto onde a polícia começou a agir; e, despercebido na confusão, o homem escalou o portão rumo ao Haram al-Sharif e depois os muros da Cidade Antiga rumo ao cemitério muçulmano abaixo, passando rapidamente pelas lápides, em direção à Estrada Ha-Ofel.

— OK, é o suficiente — disse ele por fim. — Você me dá uma cópia?

A loura desapareceu, retornando alguns minutos mais tarde com um CD. Ele guardou o CD dentro da pasta que estava carregando e

deixou a central de controle, regressando diretamente para o prédio principal.

A sala de interrogatório 3 ficava no porão; um cômodo vazio, com paredes caiadas, piso de pedra e uma única lâmpada no teto. O palestino estava sentado atrás de uma mesa frágil de compensado, os punhos algemados e os olhos inchados e turvos. Ben-Roi puxou uma cadeira e sentou-se de frente para ele.

— Eu quero um advogado — murmurou o homem, olhando para a mesa.

— Você realmente vai precisar de um — grunhiu o detetive, abrindo sua pasta, retirando o CD e pegando uma folha digitada — o relatório de detenção que ele havia preenchido na noite anterior.

— Hani al-Hajjar Hani-Jamal — disse ele, lendo os dados pessoais descritos no cabeçalho do relatório. — Mas que porcaria de nome é esse?

Ele colocou a folha sobre a mesa.

— Olhe pra mim.

O jovem seguiu as instruções, mordiscando os lábios; seus olhos brilhavam de medo. Ele olhou, inferiorizado, para Ben-Roi, uma criança desobediente diante de um professor.

— Você vai me contar a verdade, não vai, Hani? Sobre tudo que eu perguntar. Somente a verdade.

Houve uma imperceptível confirmação. As coxas do jovem estavam cerradas como se estivesse esperando por alguma investida por debaixo da mesa. Ben-Roi o fitava, divertindo-se com o medo dele, recompensado por isso. Então, sem tirar os olhos dele, pegou o CD com a mão esquerda e o colocou no computador.

— Isso é pra você.

O rapaz olhou para o computador, confuso, amedrontado.

— Está tudo aí — disse Ben-Roi. — Tudo que aconteceu ontem à noite. Tudo registrado e tudo admissível num tribunal. Por isso não me venha com mentiras, entendeu? Nada de conversa mole, de que você apenas apareceu por ali, que nunca tinha mexido com drogas na vida. Porque, se vier com essa conversa fiada pra cima de mim, eu acabo com você.

Ele se aproximou, levantando o tronco, e agarrou o pulso do rapaz, apertando, os dedos pressionando a carne, depois diminuiu a força e sentou-se novamente.

— Agora pode começar a abrir o jogo, seu merdinha asqueroso.

Luxor

D

urante o tempo que Khalifa levou para voltar de Edfu, Mahfouz falou com o delegado Hassani e o colocou ciente da situação.

Ele recebeu o assunto surpreendentemente bem. Melhor, certamente, do que Khalifa estava esperando. Apenas algumas imprecações quando ele entrou no escritório pela primeira vez, aquele olhar habitual de Hassani, mas as aguardadas gritaria e martelação de punho na mesa, para as quais Khalifa estivera se preparando durante todo o percurso, de forma peculiar, não se materializaram. Pelo contrário, o delegado estava particularmente subjugado pela coisa toda, aceitando a reabertura do caso com raros murmúrios de divergências, como se não tivesse mais energia ou desejo de se opor. Khalifa até achou que havia percebido o mais vago lampejo de alívio nos olhos dele, como um homem que é

finalmente capaz de se desfazer de um fardo que, sobretudo, nunca teve intenção de carregar.

— Vamos deixar uma coisa clara — disse Hassani, olhando para fora da janela de sua sala, a peruca pendendo como um pedaço de algodão-doce marrom. — Você está sozinho nisso. Me sinto impotente com relação ao caso. Não posso solicitar mais ninguém. Entendeu?

— Sim, senhor.

— Vou transferir Sariya para outro caso. Até que você resolva as coisas desse aí, ele trabalhará em um gabinete diferente.

— Sim, senhor.

— Eu não quero que você abra a boca por aí, na delegacia. Mantenha o caso em segredo. Se alguém perguntar, apenas diga que surgiram novas evidências e você está dando uma olhada. Não entre em detalhes.

— Sim, senhor.

Ouviu-se um alto poc-poc, enquanto uma caleche puxada por um cavalo se movimentava rua abaixo; seu condutor assoviava para os turistas, importunando-os para que fizessem um passeio. Hassani olhou para baixo por um momento, depois se virou e voltou para sua mesa.

— Então, o que você pretende fazer? — perguntou.

Khalifa encolheu os ombros, fumando o Cleopatra que ele segurava entre os dedos.

— Tentar descobrir mais sobre o passado de Jansen, primeiramente. Ver se eu consigo trazer à tona algo que tenha alguma ligação com Schlegel. Algum motivo para ele tê-la matado. Tudo que temos no momento é circunstancial.

Hassani assentiu; abriu a gaveta de sua mesa, retirou as chaves da casa de Jansen e jogou-as para ele.

— Você vai precisar disso.

Khalifa apanhou as chaves, guardando-as em seguida no bolso da jaqueta.

— Vou ter que contactar os israelenses uma hora dessas — disse. — Para ver se eles têm alguma informação sobre a mulher.

Hassani fez uma careta, mas não disse nada. Manteve o olhar em Khalifa por um bom tempo; depois, lentamente, puxou-o da mesa, para que ficasse em pé, e em seguida o levou até um arquivo no canto, destrancou-o e abriu a fechadura da gaveta, retirando uma pasta fina e vermelha. Voltou para a mesa e entregou o material para Khalifa. Na frente estava escrito "2345/1 — Schlegel, Hannah. 10 de março de 1990".

— Eu acho que as pistas estão todas frias agora, mas nunca sabemos.

Khalifa olhou para o arquivo à sua frente.

— Mahfouz disse que você havia queimado.

Hassani resmungou: — Você não é o único com a porra da dor na consciência por aqui, sabia?

Mais uma vez, ele manteve o olhar em Khalifa e depois o liberou com um aceno de mão.

— E eu quero ser informado regularmente! — gritou enquanto o outro dava-lhe as costas. — O que significa ser regularmente informado.

Jerusalém

A

pós o almoço para arrecadação de fundos ter terminado e ele ter visto Har-Zion de volta ao escritório, no edifício do Knesset, em Derekh Ruppin, Avi Steiner pegou um ônibus para Romema, a fim de verificar a caixa de correio. Seus olhos observavam tudo ao redor, suspeitando de cada um de seus companheiros de viagem, não tanto por homens-bomba em potencial — Deus, que grande ironia seria morrer em um ônibus com uma das pessoas de al-Mulatham! —, mas, sobretudo, pela possibilidade de que, talvez, estivesse sendo seguido. As chances de isso acontecer eram improváveis, mínimas; a coisa toda era um segredo tão bem guardado, que a maioria daqueles que estavam envolvidos nem sabia que estava envolvida, mas nunca se é cauteloso o suficiente. Era por isso que Har-Zion confiava nele e deu-lhe o apelido de Ha-Nesher, a Águia — porque era cauteloso ao extremo e enxergava tudo. Ha-Nesher e também Ha-Ne-eman — o Leal. Ele faria qualquer coisa por Har-Zion. Qualquer coisa. Ele era como um pai para Avi.

Desceu do ônibus bem no final da Rua Jaffa e, novamente, olhando ao redor com suspeitas, subiu a colina, rumo ao coração de Romema, um monótono subúrbio residencial de prédios construídos em pedra amarela, entremeados por grupos de pinheiros e ciprestes; algumas vezes efetuava um inesperado e repentino giro, dando duas voltas sobre si mesmo, pretendendo confirmar e reconfirmar que não tinha ninguém em seu rastro, para finalmente entrar em uma vendinha cuja placa sobre a porta da entrada anunciava: MERCEARIA, PAPELARIA, CAIXA POSTAL.

Ele nunca verificava as correspondências com freqüência. Regularidade significava rotina, e rotina levantava suspeitas. Algumas vezes voltava apenas poucos dias depois da última visita; em outras, passava até uma semana sem aparecer por lá, uma quinzena, até um mês. Nunca se é cauteloso o suficiente.

As caixas postais estavam dispostas ao longo da parede dos fundos, longe da linha de visão da proprietária da vendinha, uma idosa sefardita que durante os três anos que ele visitava o local parecia nunca ter se movido de sua poltrona situada atrás de um balcão baixo feito de compensado. Deu uma última olhada ao redor e, em seguida, introduzindo a chave, conseguiu abrir a caixa número 13, removendo um único envelope, o qual enfiou dentro do bolso de sua jaqueta. Trancou o compartimento novamente e deixou o local. Permaneceu ali dentro por menos de um minuto.

De volta às ruas, circulou pelo local por um momento e depois abriu o envelope. Dentro, encontrava-se uma única folha de papel na qual estavam escritos, em letras maiúsculas e uniformes, para que quem escreveu não fosse descoberto, um nome e um endereço. Ele os memorizou; depois rasgou a folha em pequenos pedaços, misturando-os e depositando-os em quatro latas de lixo diferentes antes de retornar para a Rua Jaffa e tomar um ônibus de volta para o outro lado da cidade; estava satisfeito, pois compreendia que o que estava fazendo era, sem sombra de dúvida, para o bem maior de seu povo e de seu país.

Jerusalém

J

á eram cinco da tarde, e Tom Roberts ainda estava debruçado sobre a mesa do escritório de Layla, cercado por recortes de papel, aparentemente nem perto de decifrar o documento enigmático que estava examinando já havia seis horas, desde quando o vira pela primeira vez.

Os dois saíram juntos do American Colony e, depois de preparar uma xícara de café para ele, Layla entregou-lhe a fotocópia, a qual ela havia destacado do bilhete (como a maioria dos jornalistas, ela

instituiu uma regra de nunca conceder mais informações do que o necessário).

— E você não tem idéia de onde veio isto? — perguntou ele, olhando para o documento e mexendo distraidamente em sua gravata.

— Nenhuma mesmo. Alguém a enviou pelo correio. Você sabe tanto quanto eu.

Ele virou a folha para ver o verso, em branco, revirou-a novamente, os olhos piscando por trás dos óculos. Com a mão livre, coçou uma pequena mancha de eczema atrás do pescoço, bem acima da linha do colarinho de sua camisa.

— Bem, é difícil ter certeza sem olhar o original. Mas eu acho que se trata de um documento medieval — alto medieval, se a paleografia for algo a considerar.

Ele captou o olhar cético no rosto de Layla.

— Estudei esse período para o meu doutorado — explicou ele. — A gente acaba pegando o jeito.

Ela sorriu. — Eu nunca soube que Você era o Doutor Roberts.

— Não sou bom em fazer marketing pessoal. Alto medieval de jurisprudência latina tende a ser uma conversa de assassino.

Ela riu, e por um momento seus olhos se cruzaram, antes que ele olhasse para o outro lado, constrangido.

— De qualquer modo — continuou —, assumindo que seja alto medieval, não seria difícil descobrir o que significa. A criptografia era muito rudimentar naquela época. Pouca produção de enigmas ou algo parecido. Vamos ver o que podemos conseguir.

Layla o instalou em sua mesa de trabalho, onde ele retirou a jaqueta, afrouxou a gravata e deu início à tarefa, começando por

copiar a seqüência de letras em uma folha de papel separada, podendo assim ler o texto com mais clareza.

— Não sabemos em que língua foi cifrado — disse ele —, embora, se isto é mesmo medieval, podemos adivinhar que se trata de latim, ou possivelmente grego. Por ora, vamos deixar isso de lado e nos concentrar nos algoritmos.

Ela ergueu as sobrancelhas, em sinal de questionamento. — Como assim?

— Basicamente o método que era usado para codificar a mensagem, como eu disse, a criptografia do alto medieval era uma ciência bastante limitada. Ou pelo menos assim era na Europa. Foram os árabes que promoveram um avanço, como até hoje ainda promovem. De qualquer modo, temos a chance de conseguir descobrir um simples e discreto algoritmo aqui, mesmo uma cifra de substituição, ou possivelmente uma transposição.

Novamente Layla ergueu as sobrancelhas. — Traduza isso para mim, Tom.

— Desculpe — disse ele, sorrindo. — Um dos meus muitos defeitos é que sempre parto do princípio de que as pessoas têm os mesmos interesses que eu. Basicamente, ocorre uma cifra de substituição quando criamos um novo alfabeto mediante a substituição de letras do alfabeto existente por outras letras ou símbolos.

Ele escreveu o alfabeto em um pedaço de papel e, em seguida, logo embaixo, outro, trocando todas as letras uma posição para a direita, de modo que Z trocou com A, A com B, B com C etc.

— Assim é possível reescrever a mensagem original, ou o texto inteligível, substituindo cada letra com sua correspondente do novo alfabeto. Portanto, GATO, por exemplo, torna-se FZSN. Ou Layla vira KZXKZ. Transposição, por outro lado, ocorre quando simplesmente reorganizamos as letras existentes de um texto inteligível de acordo

com um sistema pré-arranjado, criando efetivamente um anagrama gigante. Ficou mais claro agora?

— Um pouco. — Layla começou a rir. — Embora não muito.

— Um pouco é o suficiente por enquanto — disse, arrumando a mensagem transposta de frente para ele e a examinando, tocando levemente em seus óculos com o lápis. — Então, o que precisamos fazer é atribuir o algoritmo e depois tentar descobrir a chave, ou a técnica correta que está sendo usada para encriptar. Isto poderia simplesmente ser a famosa Cifra de César, ou poderia ser algo mais tosco, e neste caso seremos obrigados a obter uma análise da freqüência.

Desta vez Layla não se importou de perguntar sobre o que ele estava falando. E, ao contrário, com um divertido meneio de cabeça, deu um leve tapinha no ombro dele e o deixou ali, indo para a cozinha, a fim de preparar um almoço simples, com pimentão recheado, queijo e salada. Acabaram comendo só uma hora mais tarde, e nesse ínterim ele não havia feito qualquer progresso.

— Eu estou quase certo de que se trata de uma cifra de substituição regular mono-alfabética, e não de uma transposição — disse ele, removendo seus óculos e esfregando os olhos. — Infelizmente eu não estou nem perto de descobrir o parâmetro de troca. Parece mais complexo do que eu pensava.

Eles conversaram sobre o trabalho dele no consulado, a carreira dela no jornalismo, a atual situação no Oriente Médio, nada muito sério, apenas trivialidades. Em um determinado momento ele perguntou sobre a fotografia emoldurada de seu pai pendurada sobre a escrivaninha, mas ela logo encerrou a conversa, mudando o rumo, sem querer entrar em assuntos pessoais ou revelar qualquer coisa sobre si mesma. Nos quarenta minutos seguintes, ele já se encontrava novamente debruçado sobre a mesa, lutando com o misterioso código.

E já haviam passado mais quatro horas, e os relógios da Cidade Antiga tinham acabado de bater cinco horas, e ele ainda não tinha conseguido decifrar o código. Ele deixou escapar um longo suspiro e recostou-se na cadeira com as mãos cruzadas atrás do pescoço; a mesa à sua frente estava semi-encoberta sob uma enorme quantidade de papéis de rascunho amassados.

— Caramba! — resmungou ele, balançando a cabeça.

Layla, que havia passado a maior parte da tarde deitada no sofá, trabalhando em um artigo sobre a conferência de ajuda humanitária palestina realizada em Limassol, foi até lá e sentou-se ao lado dele.

— Deixe pra lá, Tom — disse. — Não tem importância.

— Eu só não consigo entender — queixou-se, removendo os óculos e limpando as lentes com a ponta da gravata. — Criptografias desse período são sempre tão fáceis de decifrar.

— Talvez não se trate de uma substituição mono-alfabética — ela brincou, sem realmente entender o significado daquele termo, simplesmente tentando animá-lo um pouco.

— Ele não disse nada e apenas terminou de limpar as lentes dos óculos. Depois pegou a folha com o código transcrito e a colocou longe dele. Ficou apenas a olhando, suas pernas balançando sob a mesa.

— Deve ser algo simples — murmurou para si mesmo. — Eu sei que deve ser algo simples. Mas não consigo compreender. Simplesmente não consigo compreender!

Ele jogou a folha de volta na mesa e, inclinando-se, pegou um maço de folhas novas. Ficou ali folheando e batendo levemente a ponta do lápis no braço da cadeira. Uma folha em especial ocupou sua atenção por quase um minuto; seus olhos examinavam cuidadosamente cada linha aparentemente formada por rabiscos de letras aleatórias, antes de pô-la de lado novamente, para logo em seguida voltar a examiná-la, observando com uma concentração

ainda maior do que antes. Ele parou de bater o lápis lenta e gradualmente enquanto sacudia as pernas. Segurou a folha longe, os dentes mordiscavam o lábio inferior, depois colocou o papel sobre a mesa, para pegar uma nova folha em branco de uma pilha deixada no chão. Começou a escrever, vagarosamente a princípio, depois mais rápido; seus olhos corriam da folha que estivera examinando para aquela na qual estava rabiscando. Trinta segundos depois, ele começou a gargalhar.

— O que foi? — perguntou ela.

— Layla al-Madani, você é genial!

Ela se curvou sobre o ombro dele, na tentativa de ler o que ele estava escrevendo.

— Você conseguiu descobrir?

— Não, Layla, você conseguiu. Você estava certa. Não se trata de uma cifra de substituição. Ou melhor, não se trata apenas de uma cifra de substituição. Quem empregou esta técnica de encriptação fez uso tanto da transposição quanto da substituição. Em cada um desses sistemas o texto seria muito simples para decifrar. Colocando os dois juntos, isto tornaria a coisa toda um pouco mais confusa. Especialmente quando a mensagem original é em latim medieval, como eu suspeitava.

Ele continuou a rabiscar enquanto falava. Então, recostou-se na cadeira e mostrou a ela o que havia escrito.

G. esclarmondae suae sorori sd

temporis tam paucum est ut mea inventio huius magnae rei post maris

transitum sit narranda. nunc satis est dicere per fortunam solam eam esse

inventam; nec umquam inventa esset nisi nostri labores latebram caecam

illuminavissent. quam ad te mitto ut in C. tuta restet. hic autem tanta est

stultitia et fatuitas ut necessário peritura sit; quod grave damnum esset, nam res est antiqüíssima ac potentissima ac gratíssima, ante finem anni ierusalem exibo, cura ut ualeas. Frater tuus.

GR

— O que eles fizeram — explicou — foi primeiramente criptografar a mensagem usando uma simples troca de Cifra de César.

Ele pegou mais outra folha de papel em branco e escreveu o alfabeto, como havia feito anteriormente, excluindo, dessa vez, as letras J e W (não eram usadas no alfabeto do alto medieval, explicou). Embaixo, escreveu um segundo alfabeto, com todas as letras movidas cinco posições para a direita.

— Isso propiciou a ele, e estou presumindo que tivesse sido "ele", o nível primário de encriptação. Portanto, os primeiros grupos de palavras foram alterados de G. esclarmondae para bznxfumgihyuz.

Parecia animado, satisfeito com o que conseguira, assim como um cientista explicando uma nova descoberta.

— O que ele fez depois, contudo, e que me desviou da pista certa, foi transpor a primeira e a segunda letras da mensagem codificada, e a terceira e a quarta, e a quinta e a sexta, e assim por diante por todo o texto. Assim, B se transformou em Z, N em x, F em U etc. Trata-se de uma transposição em sua forma mais simples; mas, se você procurar entender o texto partindo de que eles apenas usaram a substituição, isto poderia tornar as coisas um pouco mais confusas. Somente quando você disse que talvez não fosse o caso de

estarem aplicando a técnica de substituição que comecei a pensar que talvez eu não estivesse compreendendo a artimanha.

Ele olhou para ela, sorrindo. Sua animação era contagiante e, curvando-se para a frente, beijou-lhe a face.

— Ah, que satisfação quebrar um código! — disse gargalhando.

— E o que isso significa? — perguntou ela, pegando a folha com o texto decifrado. — Ou a tradução não fazia parte do acordo?

A testa dele se franziu em uma contemplação de zombaria.

— Bem, normalmente eu cobraria um extra por esse tipo de serviço. Mas vendo como você está...

Ela riu e devolveu-lhe a folha.

— Então continue, Dr. Roberts. Use suas habilidades. Ele pegou a folha da mão dela.

— Devo dizer que meu latim medieval está meio enferrujado. Já faz um tempo desde a última vez que precisei utilizá-lo.

— Eu posso assegurar que, mesmo assim, é melhor que o meu — disse ela. — Continue.

Ele voltou a sentar-se, ajustando os óculos, e começou a traduzir, vagarosamente, interrompendo sempre que fosse necessário para ponderar sobre uma palavra desconhecida, conjeturando com freqüentes comentários no decorrer das linhas: "Acho que é este o significado" ou "Estou parafraseando cuidadosamente aqui", ou ainda "Eu posso estar errado". Layla pegou uma folha em branco e, inclinando-se sobre a mesa, ao lado dele, começou a escrever o que ele dizia.

— G. para sua irmã Esclarmonde, saudações — começou ele. — S.D. significa salutem dicit. "diz olá". O tempo é curto, então o relato de como esta maravilha chegou às minhas mãos deverá esperar por

meu retorno além-mar. Basta dizer que foi encontrado praticamente por acaso, e nunca seria descoberto não fosse por nosso trabalho, o qual veio revelar seu esconderijo secreto. Eu o envio aos seus cuidados por entender que estará a salvo em suas mãos, em C. Aqui há tanta tolice e ignorância que com certeza teria sido destruído, o que seria uma perda atroz, pois se trata de uma antigüidade, e uma com grande poder e beleza. Eu devo deixar Jerusalém antes do final do ano. Eu confio e oro para que você esteja em boa saúde. Seu irmão, GR.

Layla terminou de escrever a tradução e sentou-se na borda da mesa, lendo o texto. Seja lá o que estivesse esperando daquele documento, não era aquilo. Parecia algum tipo de enigma.

— Tem alguma idéia do significado disso? — perguntou ela.

Roberts pegou a folha, passando rapidamente os olhos. Houve um longo silêncio.

— É certamente algo incomum — respondeu por fim. — Julgando pelas referências a "Jerusalém" e "além-mar", eu diria que foi escrito no período das Cruzadas, embora seja apenas um palpite, uma intuição, por isso não me leve a sério.

— E isto foi quando exatamente? — perguntou ela. — A história das Cruzadas não é bem meu ponto forte.

— E nem o meu — replicou ele, coçando a manchinha de eczema em seu pescoço. — Vejamos. A Primeira Cruzada conquistou Jerusalém dos sarracenos em 1099. Depois, os cruzados se estabeleceram na Terra Santa por, digamos, duzentos anos, até o fim do século XIII, embora a própria Jerusalém tenha sido reconquistada por Saladino em — ele fez uma pausa por um momento, pensando — 1187, eu acho. Sim, 1187. Depois da Batalha de Hattin. Então, isto deve ter sido escrito antes disso. Em algum momento entre 1099 e 1187, é o que eu acho. Embora, como eu disse antes, eu possa estar falando uma completa besteira.

Ele colocou a tradução sobre a mesa e, retirando os óculos, começou a limpá-los novamente.

— O reino dos cruzados ficou conhecido como Outremer, conseqüentemente — ele acrescentou —, o que significa "além-mar".

Layla observava a mensagem cifrada.

— Então você acha que quem escreveu isto era um cruzado?

— Bem, certamente não os soldados rasos ou a gente comum da cruzada. A maioria da tropa era constituída por analfabetos. O fato de que esse GR sabia latim e era culto o suficiente para usar as técnicas de encriptação pode sugerir a identidade de um homem da nobreza, ou um escriba, ou um membro do clero.

Ele segurou os óculos diante de si, examinando-os, e depois os colocou no lugar onde estavam.

— Esclarmonde é um nome medieval francês, e até onde eu sei era usado apenas na região do Languedoc; portanto é possível apostar que GR fosse dessa parte do país também. Quem ele realmente era, no entanto, e o que seria essa coisa antiga que ele encontrou, não faço a menor idéia. Trata-se de algo certamente intrigante. Muito intrigante.

— E "C"? — indagou Layla, indicando o trecho da carta.

-— Presumivelmente uma abreviação do nome de um lugar, mas... — Ele deu de ombros, como se quisesse dizer "Quem vai saber?".

— E isso é verdadeiro? — perguntou ela. — Não é falso?

Mais uma vez ela recebeu apenas um dar de ombros como resposta.

— Impossível afirmar, Layla. Principalmente sem o original. Mesmo assim, não é algo que eu domine. Você precisa procurar um

especialista. Alguém da área de paleografia ou coisa do gênero.

Ele sorriu em sinal de desculpa.

— Eu acho que minha serventia está se esgotando rapidamente.

— Não diga isso — disse ela, aproximando-se e apertando os ombros dele. — Você foi fantástico.

Eles recolheram todas as folhas de rascunho e as jogaram na lata de lixo; em seguida foram para a sala de estar.

Layla pensou em oferecer-lhe um drinque, mas decidiu que não. Ele parecia pressentir a relutância dela, pois ele disse que já estava na hora de ir embora.

— Eu nunca poderei agradecer o que fez por mim, Tom — disse ela, abrindo a porta da frente para ele. — Você foi tão prestativo.

— E me diverti — disse, sorrindo. — Sério. Foi um desafio. E o almoço estava ótimo.

Ele avançou até o início da escada.

— Bom, Layla, eu sei que disse "sem segundas intenções", e realmente quis dizer "sem segundas intenções", mas eu estava pensando... eu não quero assediá-la, mas não gostaria...

Ele parecia nervoso, tropeçando nas palavras. Ela foi até onde ele estava e o beijou no rosto.

— Eu gostaria muito de sair pra jantar — disse ela, sorrindo. — Posso te ligar?

Ele sorriu, radiante. — É claro. Perfeito. Então vou esperar sua ligação.

Ele desceu a escada dando saltos de felicidade. E ela fechou a porta atrás de si e apoiou as costas contra a porta. Ela estava mentindo, é claro. Layla não tinha nenhuma intenção de ligar para

ele. Não por enquanto, pelo menos. Tudo que queria fazer naquele momento era descobrir mais sobre a misteriosa carta.

— Quem é você, GR? — murmurou para si mesma, fitando a tradução em suas mãos e já nem mais se lembrando de Tom Roberts. — Mas quem será você? O que você encontrou? E quem enviou isto pra mim?

Jerusalém

No fim do dia, Ben-Roi voltou para casa, para o seu imundo e solitário apartamento de apenas um quarto, situado em Romema, onde tomou banho e aplicou a colônia de leve; em seguida, saiu a pé, em direção ao apartamento de Chava, sua irmã, para o jantar de Shabbat.

Era uma noite sem nuvens e fria, com um céu azul translúcido e uma leve brisa trazida do norte, surpreendentemente calma e silenciosa; as ruas estavam todas desertas por causa da observância do Shabbat. Ele passou por um grupo de judeus haredi saindo da sinagoga, apressados para chegar em casa, com seus cachos laterais oscilando para cima e para baixo, como molas, e também por uma fila de jovens soldadas sentadas em um abrigo acima da principal estação de ônibus de Egged, rindo e fumando, com os M16 equilibrados em suas pernas finas vestidas com calças na cor caqui.

Não fosse por isso, a cidade pareceria deserta. Ele gostava dela assim, limpa, vazia e silenciosa. Havia algo de puro nisso, imaculado, como se tudo que tinha acontecido antes tivesse sido lançado fora, deixando para trás uma nova cidade, um novo começo. Ele desejou que fosse o tempo todo daquela forma.

O apartamento de Chava ficava atrás da Cidade Antiga, na Ha-Ma'alot, uma luxuosa avenida arborizada, no coração de Jerusalém Ocidental. Chegando à frente do edifício de pedras amarelas, ele tomou um grande gole do seu cantil para então pressionar o

interfone instalado ao lado da porta de vidro. Houve uma pausa, e então a voz de seu sobrinho, Chaim, ecoou pelo aparelho.

— Tio Arieh?

— Não — respondeu ele, falando com sotaque americano —, é o Homem-Aranha.

Houve um momento de silêncio, enquanto o garoto ponderava sobre isso, e depois se ouviu uma gargalhada, — Não é nada o Homem-Aranha — ele gritou. — É o tio Arieh! Suba rápido!

Ouviu-se um som estridente, e a porta de entrada do edifício se abriu. Ben-Roi atravessou o saguão, rindo para si mesmo, apanhando o elevador até o quarto andar. Chegando lá, pegou uma bala de menta em seu bolso e colocou na boca para mascarar o hálito de álcool.

Ele gostava das noites de Shabbat na casa de sua irmã. Era um dos poucos eventos sociais de que ele era capaz de participar naqueles dias — apenas ele, a irmã, o marido dela, Shimon, e os dois filhos do casal, Chaim e Ezer. Atualmente, a religiosidade não significava muito para ele.

Desde a morte de Galia, a sua fé, que já havia sido uma parte fundamental de sua existência, parecia ter desmoronado, a ponto de fazer quase um ano desde que ele se sentara pela última vez dentro de um SHUL, ausentando-se mesmo nos sagrados dias da Páscoa, do Rosh Hashanah e do Yom Kippur, a primeira vez em toda a sua vida que ele havia feito isso.

Não, não foi a religião que havia tornado as noites de sexta tão especiais para ele, e nem mesmo o fato de estar com sua família, seu próprio sangue, embora isso também fosse importante. Mas, sobretudo, o simples prazer de estar junto de pessoas que eram felizes, que podiam rir, que enxergavam o mundo como algo cheio de luz e esperança, em vez de um redemoinho de dor e confusão, como ele achava que era. Era uma família de pessoas tão

contentes, tão calorosas, tão íntimas. Estar com eles o ajudava, se não a esquecer, pelo menos a lembrar-se um pouco menos do passado.

A porta do elevador se abriu, e ele saiu para o corredor.

Chaim, de quatro anos, e seu irmão mais velho, Ezer, dispararam pela porta da frente e pularam sobre ele.

— Você capturou algum assassino hoje, tio Arieh?

— Trouxe sua arma com você?

— Você vai nos levar para nadar semana que vem?

— Zoológico! Zoológico!

Ele suspendeu os dois garotos nos braços e os carregou para dentro do apartamento, chutando a porta atrás de si. Seu cunhado, Shimon, um homem pequeno e robusto, com um penteado afro — difícil de acreditar que era um condecorado soldado pára-quedista —, saiu da cozinha, vestindo um avental amarrado na cintura, trazendo consigo um cheiro de frango assado.

— E aí, tudo bem, irmão? — disse ele, batendo levemente no ombro de Ben-Roi, que, por sua vez, confirmou com a cabeça e colocou os meninos no chão. Eles saíram correndo para o quarto, rindo e imitando o barulho de tiros.

— Bebida? — perguntou Shimon.

— O rabino ministrante é frumm? — resmungou Ben-Roi. — Onde está Chava?

— Preparando as velas. Com Sarah.

O detetive franziu as sobrancelhas. Ele não esperava encontrar mais ninguém ali.

— Uma amiga dela — explicou Shimon. — Ela estava se sentindo só essa noite, e por isso fizemos o convite.

Ele olhou para o corredor e depois baixou o tom de voz:

— É realmente muito bonita. E solteira!

Ele piscou e desapareceu dentro da cozinha, para pegar as bebidas. Ben-Roi caminhou pelo corredor em direção à sala de estar, examinando a sala de jantar enquanto fazia o percurso. Sua irmã, uma mulher alta, de quadris largos e cabelo curto, estava curvada sobre a mesa, consagrando as velas do Shabbat. Ao lado, encontrava-se outra mulher, menor e mais magra, com um longo cabelo castanho-avermelhado quase na altura da cintura; ela vestia uma roupa em estilo chinês, com sandálias e camisa branca. Ao olhar de relance para o alto, ela o viu e sorriu. Ben-Roi manteve o olhar nela por um segundo e, sem nenhum gesto de reciprocidade, continuou caminhando até a sala de estar. O som da voz de sua irmã ecoava atrás dele, recitando a tradicional bênção do Shabbat:

— Baruch ata Adonai, eloheinu melech ha'olam, asher kidshanu b'mitz'votav v'tzivanu l’hadlich ner shel Shabbat.

Shimon se juntou a ele um momento depois, entregando-lhe um copo de uísque. As duas mulheres chegaram logo em seguida; Chava aproximou-se e o abraçou.

— Eu simplesmente amo essa loção pós-barba — disse ela, beijando-o no rosto. — Esta é Sarah.

Ela se afastou e apresentou sua amiga, que sorriu e estendeu a mão.

— Chava falou muito sobre você — disse ela.

Ben-Roi segurou a mão dela e murmurou um cumprimento, fazendo pouco esforço para ser educado. Ele achava a presença da mulher ali perturbadora. Preferia quando eram apenas os cinco, a família, ninguém de fora. Dessa forma ele podia ser ele mesmo e não

precisava fazer qualquer esforço. Agora, com uma estranha ali, a intimidade da noite estava de alguma forma maculada, corrompida, antes mesmo de ter se iniciado. Começou a pensar que era melhor não ter ido ali.

— Não se preocupe com ele — brincou a irmã, meneando a cabeça na direção de Ben-Roi. — É um SABRA genuíno. Por trás da aparência ríspida e resistente existe muita ternura em seu coração.

A jovem sorriu, mas não disse nada. Ben-Roi sorveu o uísque em dois longos goles.

Eles trocaram gracejos por alguns minutos, e então Chava se desculpou e foi para a cozinha, desejando verificar o jantar. Ben-Roi a seguiu sob o pretexto de botar uma nova dose no copo.

— Então, o que você acha? — perguntou ela, quando estavam sozinhos.

— O que você quer dizer com esse "o que você acha?"

— De Sarah, idiota. Ela é linda, não é?

Ben-Roi deu de ombros, colocando em seu copo mais um pouco de uísque de uma garrafa sobre o aparador.

— Não reparei.

— Certo — disse sua irmã com uma risada, abrindo o forno e verificando o enorme frango que estava assando.

Ben-Roi se aproximou do fogão e, levantando a tampa de uma panela, sentiu o cheiro da comida. Sopa de frango KNEIDLACH. Sua favorita.

— Ela é uma boa pessoa — disse Chava, regando o frango. — Divertida. Inteligente. Gentil. E solteira.

— Shimon também me contou — disse Ben-Roi, enfiando uma colher dentro da panela e tomando a sopa.

Chava deu uma palmada em sua mão e recolocou a tampa.

— Eu sei o que você está pensando, Arieh. Mas eu não estou tentando escolher por você...

— Eu quase fiz papel de ridículo por sua causa, cacete.

— Caixinha ZEDAKAH! Você sabe, nada de palavrões nesta casa.

Ben-Roi murmurou uma desculpa, remexeu em seu bolso e retirou uma moeda de cinco shekels, que ele depositou dentro da caixinha de caridade sobre o peitoril da janela.

— Eu não estou tentando escolher por você — repetiu Chava. — Eu só acho...

— O quê? Que é hora de eu começar a comer alguém?

Ele mesmo bateu na boca e pegou outra moeda, de dez shekels desta vez, depositando-a dentro da caixinha.

— Desculpe.

Chava sorriu e, caminhando em sua direção, colocou os braços ao redor do pescoço do irmão.

— Que isso, Ari? Por favor. Ilumine-se um pouco. Eu não suporto ver você assim. Nenhum de nós suporta. Tão infeliz. Tão... atormentado. Galia não teria desejado isso. Eu sei que não. Ela desejaria que você recomeçasse a viver. Que pudesse ser feliz.

Ben-Roi deixou que ela o abraçasse por um momento e depois se afastou, tomando um longo gole de uísque.

— Apenas me deixe lidar com isso do meu jeito, mana. Preciso de tempo, é só.

— Você não pode ficar de luto para sempre, Arieh. Você precisa superar. E sabe muito bem disso, lá no fundo.

Ele bebeu o restante do uísque, alguma coisa endurecendo dentro dele.

— Eu ficarei de luto por ela pelo tempo que eu quiser, cacete. Isso não é da sua conta, Chava, isso é assunto meu.

Dessa vez ele nem se desculpou pelo palavrão e nem pôs uma moeda na caixinha. Encheu o copo novamente e rumou para a porta da cozinha. Sua irmã agarrou seu braço.

— Ao menos tente agir de maneira cordial, Arieh. Por favor. Pelo menos tente ser gentil.

Ele olhou para ela, cujos olhos estavam úmidos, implorando. Então aquiesceu e saiu para o corredor.

Vinte minutos depois, eles se reuniram na sala de jantar. Os homens e as crianças portavam seus KIPÁS, Shimon recitou o KIDDUSH sobre um copo de vinho, do qual todos tomaram um pouco antes de se sentarem para comer, e Ezer e Chaim insistiram para que ficassem ao lado de Ben-Roi.

— Você está preso, tio Arieh — explicou Ezer. — E nós somos os seus guardas.

Depois de mais alguns drinques, o humor de Ben-Roi havia se tornado um pouco mais LIGHT.

— Tudo bem — disse ele. — Mas lembrem-se de que, se vocês são guardas competentes, deverão me vigiar o tempo todo. O tempo todo. O que significa que vocês não podem nem mesmo jantar, porque isso distrairia vocês.

Os garotos aceitaram o desafio e, deslizando em seus assentos, ficaram olhando atentamente para ele. Eles conseguiram se segurar até o momento em que a sopa foi servida, quando, por fim,

perderam o interesse na brincadeira. Shimon fez um sinal para Ben-Roi, que se levantou e atravessou a sala até o aparador, onde abriu uma garrafa de vinho.

— Alguns guardas abandonaram o posto — disse Sarah, sorrindo. — Vejam, seu tio acabou de escapar. E vocês nem repararam.

— Ele não escapou — respondeu Ezer, tomando a sopa. — Existem outros guardas, mas eles são invisíveis.

Todos riram. Os olhos de Ben-Roi encontraram os de Sarah por uma fração de segundo, depois se moveram rapidamente em outra direção, e ele retornou à mesa com a garrafa aberta.

— Então, o que você faz? — perguntou, servindo o vinho.

— Ela é professora — disse Chava.

— Desde quando ela é muda? — bufou Shimon. — Deixe que ela responda.

— Desculpe — disse Chava. — Continue, Sarah, conta pra ele o que você faz.

A jovem encolheu os ombros.

— Sou professora.

Sem querer, Ben-Roi sorriu. — Onde?

— Lá em Silwan.

— Silwan?

— É um projeto especial. Experimental.

Ben-Roi ergueu as sobrancelhas em tom questionador.

— Nós ensinamos crianças israelenses e palestinas juntas, na mesma escola — explicou. — Tentamos reintegrá-las. Quebrando

as barreiras.

Ben-Roi a fitou por um instante, depois baixou o olhar, e seu sorriso esmoreceu. Shimon pegou um pedaço de hallah e o passou em sua tigela de sopa vazia.

— Você conseguiu a verba que havia requerido? — perguntou ele.

Sarah meneou a cabeça. — Eles tratam de conseguir recursos para os assentamentos, mas para a educação... do jeito que as coisas estão, nós não teremos como subsidiar nem mesmo a compra de livros de colorir e lápis.

Ben-Roi estava remexendo o kneidl em volta de sua tigela.

— Eu não entendi o comentário — murmurou.

— Dos livros para colorir?

— De tentar integrar crianças árabes e israelenses.

Ela olhou para ele, os olhos brilhando.

— Você não acha que vale a pena tentar?

Ben-Roi acenou com a colher de maneira desdenhosa.

— Mundos diferentes, valores diferentes. Não tem fundamento pensar que elas possam conviver. Pura ingenuidade.

— Na realidade, temos sido muito bem-sucedidos — relatou a moça. — Em atividades como brincar juntas, compartilhar experiências, formar amizades. É incrível como elas podem ser influenciáveis.

— Em alguns anos elas estarão cortando a garganta uma da outra — disse Ben-Roi. — É como as coisas são. Não há sentido em fingir que possam ser diferentes disso.

Por um breve momento parecia que ela iria argumentar com ele. Mas naquelas circunstâncias simplesmente sorriu e encolheu levemente os ombros.

— De qualquer modo, daremos continuidade ao projeto. Nunca se sabe; pode ser que dê bons frutos. Melhor do que incentivá-las a crescerem odiando umas às outras, disso eu tenho certeza.

Houve um momentâneo silêncio, apreensivo, interrompido por Chaim, que começou a contar a história de como eles capturaram um rato nos toaletes da piscina que freqüentavam e como o salva-vidas o matou com uma vassoura.

— Bom para ele — respondeu Ben-Roi, terminando a sopa e lançando um olhar para Sarah, no outro lado da mesa. — Esta é a única maneira de tratar animais daninhos. Esmagando os miseráveis.

Ele não disse quase nada pelo restante da refeição, comendo quase em silêncio, enquanto os outros conversavam entre si, principalmente e de forma inevitável, sobre ha-matzav, a atual situação política. Quando terminaram a refeição, cantaram algumas zemirot, Ben-Roi murmurando dissonantemente. Mais tarde, foram até a sala de estar, onde seria servido o café. Às dez horas, ele disse que estava na hora de ir.

— Eu também — disse Sarah, ficando de pé. — Foi uma noite muito agradável, Chava. Muito obrigada.

Os dois se despediram, Ben-Roi contrariado de não poder sair dali sozinho, e desceram no elevador num silêncio constrangedor. Quando saíram para a rua, ele perguntou a Sarah para onde estava indo.

— Para a direita — disse ela. — E você?

Ele também precisava virar à direita. — Esquerda — murmurou. Houve uma pausa embaraçosa.

— Tudo bem — resmungou Sarah por fim. — Foi um prazer conhecê-lo. Sorriu e estendeu sua mão para ele.

Ele a olhou e meneou a cabeça; então se virou e começou a se afastar. Depois que ele havia caminhado alguns metros, ela o chamou.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu, Arieh. Chava me contou. Eu sinto muito mesmo. Deve ser terrível pra você.

Ben-Roi diminuiu o passo. "Você sente muito porra nenhuma", era o que queria dizer a ela. "Você é uma imunda simpatizante de árabes, isso sim. Eles mataram a única mulher que eu amei, e agora você fica aí brincando de joguinhos com os filhos deles. Sua zonah estúpida e ignorante. Vagabunda."

Mas ele não disse nada; apenas ergueu um pouco a mão, em sinal de despedida, e, resgatando sua paz, continuou até o fim da rua, desaparecendo na esquina, em direção ao Ha-Melekh George.

Mais tarde, bem mais tarde, depois de ter passado três horas bebendo sozinho no Champs Pub, na Rua Jaffa, Ben-Roi voltou cambaleando para seu apartamento. Colocou um CD do Schlomo Artzi e despencou em seu sofá, com a cabeça atordoada.

Havia uma prostituta no bar, uma russa loura e jovem, com os olhos maquiados e um discreto furinho no braço de quem é usuário freqüente de heroína. Até pensou em contratá-la, para mandar para o inferno um pouco da sua raiva e solidão, mas desistiu da idéia. Estava muito aborrecido e seria incapaz de conseguir ter uma ereção, e, por fim, acabaria menosprezando a si mesmo, ainda mais do que costumava menosprezar, se isso fosse possível. A mulher até tentou seduzi-lo, mas ele pediu para ela dar o fora e continuou bebendo sozinho. Ficou olhando o seu reflexo no espelho atrás do bar, o enorme rosto marcado, dividido pela junção vertical de dois espelhos, criando a sensação de que seu crânio estivesse dividido habilmente em metades iguais, e as duas metades desprendidas,

permitindo que uma linha escura e espessa atravessasse o centro da imagem.

Ele se deitou de novo no sofá e fechou os olhos. Porém, ao sentir-se dominado por uma onda de náusea, abriu os olhos quase que imediatamente, olhando ao redor da sala e tentando encontrar alguma coisa em que pudesse focalizar. Fitou atentamente o CD-player, uma fenda no teto, um romance policial chamado Batya Gur, quando por fim girou os olhos até que encontrou uma seqüência de porta-retratos expostos sobre uma prateleira do lado oposto. Respirando profundamente, observou cada foto, tentando se acalmar, como se seus olhos fossem um apoio, e as fotografias, uma estrada de ferro mantendo-o nos trilhos: uma retratava a ele e à irmã pendurados de cabeça para baixo num galho de damasqueiro na fazenda da família; outra de seu bisavô, o velho e severo Ezekiel Ben-Roi, um russo barbudo e robusto que havia emigrado para a Palestina em 1882, durante o governo otomano, fazendo dos Ben-Roi uma das famílias judias mais abastadas da região; uma dele se formando na Academia de Polícia; outra dele e de Al Pacino, cujo filme Serpico havia lhe dado inspiração para se tornar policial antes de qualquer coisa. E, é claro, a última de todas, bem no final, a maior foto de todas, dele e de Galia, rindo para a câmera, tendo a ondulante e prateada superfície do Mar da Galiléia atrás deles, em Ginosar. A foto fora tirada na noite de seu aniversário de trinta anos, quando ela o presenteou com o cantil de prata e o pingente em forma de menorá que ele ainda carregava em uma corrente ao redor do pescoço.

Olhou bem para a foto, os dedos de sua mão esquerda beliscando impotentemente o pingente, e depois, erguendo-se subitamente e colocando-se de pé, saiu cambaleando em direção ao quarto. Colado com fita adesiva na parede ao lado de sua cama, encontrava-se um artigo de jornal fotocopiado. A cópia foi ampliada trezentos por cento; certas palavras e frases do texto estavam bem circuladas com tinta vermelha — Jericó e as planícies do Mar Morto; Manio; um homem alto e magro; maneira muito sofisticada para uma célula de renegados palestinos; O ímpeto deve ser externo. Ele se

inclinou contra a parede, as mãos colocadas de cada lado do artigo, e examinou atentamente o texto, lendo rapidamente, como o fizera milhares de vezes naquele ano. Finalmente, deixou-se cair bruscamente sobre a cama, onde permaneceu deitado, observando o frasco de loção pós-barba sobre o criado-mudo.

— Que dor de estômago — murmurou, embriagado. — Você me dá uma puta de uma dor de estômago.

E então, seus olhos se fecharam, e ele adormeceu, roncando pesadamente; o punho direito estava semicerrado, como se ele pretendesse puxar a corda de um pára-quedas.

Jerusalém

Era o mesmo sonho de sempre, de toda noite, sem cessar. Ela estava em uma cela subterrânea, muito pequena e estreita, em um breu total. O chão era escorregadio e úmido, e as paredes de concreto a faziam transpirar. Havia algo com ela ali, mas não podia dizer o que era — uma cobra, um rato ou um enorme escorpião. Algo perigoso, malévolo. Ela estava nua, pressionando seu frágil corpo no canto da cela. Tentando manter-se fora do caminho daquela coisa, aterrorizada com a idéia de qualquer contato, de ser picada ou mordida. Enquanto tentava se proteger, escutava um ruído distante de máquinas, como se imensas roldanas de ferro se revolvessem lentamente, e as paredes começassem a se mover, comprimindo-se e se aproximando dela e da criatura, uma em direção à outra. Ela começou a gritar, chamando por seu pai, insistindo que não era uma traidora, que era uma boa palestina. As paredes continuavam a se mover, de alguma forma puxando suas pernas para cima e as abrindo, expondo assim suas partes íntimas. Podia sentir a criatura descendo naquela direção, movendo-se entre suas coxas,

rastejando sobre sua pele, explorando, avançando lentamente. Tentou manter a calma, não respirar, mas era tão repulsivo, que não pôde se conter e a empurrou; em conseqüência disso, a criatura avançou rapidamente por sua virilha, mordendo-a, dilacerando-a, abrindo-a à força, forçando a entrada em seu interior.

— Não! — gritou Layla, vociferando acordada, braços e pernas se debatendo. — Por favor, Deus, não!

Ela continuou a se contorcer por vários segundos e então desfaleceu sobre a cama, trêmula, um som distante de campainha ressoando em seus ouvidos. Gradualmente, conseguiu estabilizar a respiração e relaxar o corpo, mas o ruído continuava; ao clarear a mente, percebeu que o telefone estava tocando. E olhou para o mostrador luminoso do relógio: 1h30; deslizou as pernas para fora da cama e, girando os olhos, foi até a sala de trabalho para atender ao telefone.

— Layla?

Era Tom Roberts.

— É uma e meia da manhã — disse com a voz atordoada e aborrecida.

— O quê? Ai, meu Deus, Layla! Desculpe. Eu não tinha idéia de que já estava tão tarde. Eu só queria lhe dizer... deixa pra lá, deixa pra lá. Eu ligo de novo mais tarde.

Ele parecia animado. Exultante.

— O que você queria me dizer?

— Nada demais. Eu ligo amanhã.

— Agora acordei, Tom. O que você quer?

Ela ainda estava sob o efeito do pesadelo, e seu tom de voz era direto, desconfiado. Tinha um péssimo pressentimento de que ele

viria com algum assunto constrangedor, dizendo que estava apaixonado ou algo do gênero.

— É que eu estava pensando sobre o que aconteceu depois que saí de sua casa, hoje à tarde...

"Ai, meu Deus!", pensou ela.

— E acho que posso ter uma idéia do que GR significa.

Levou alguns minutos para as palavras surtirem efeito, e então, de repente, ela estava definitivamente acordada. Inclinou o corpo para a frente e acendeu uma lâmpada, tateando em busca de papel e caneta.

— Continue.

— Eu não sei por que isso não me ocorreu naquela hora — disse ele —, em parte por causa da referência a Jerusalém e esconderijos secretos. É com certeza uma extraordinária coincidência. De todo jeito, eu acho que pode ser alguém chamado William de Relincourt.

Ela franziu as sobrancelhas, em sinal de reprovação; o lápis abandonado sobre o papel.

— As iniciais são GR, Tom, não WR.

— Eu sei — respondeu ele. — E provavelmente por isso que eu não liguei os fatos imediatamente. O fato é que, no latim medieval, o nome William se transformaria em Guillelmus, com "G".

Ela anotou o nome e o sublinhou.

— Quem foi esse sujeito?

— Bem, é isso que é tão fascinante — disse Roberts. — Pelo que sei — e, como eu disse nessa tarde, não domino esse período da história —, ele foi o cara que construiu a Igreja do Santo Sepulcro. Ou melhor, reconstruiu. A igreja original era bizantina, eu acho. Ou

era romana? Eu não me lembro. Bom, mas não interessa também. A questão é que durante a era das Cruzadas a igreja foi completamente reconstruída, e, enquanto eles estavam escavando os alicerces, esse William de Relincourt parece ter desenterrado um extraordinário tesouro.

Layla sentiu a pele dos braços eriçar. — Que tesouro?

— Eu não sei. E penso que ninguém sabe. A história é narrada em uma das crônicas sobre os cruzados. Guilherme de Tiro, eu acho, embora possa estar errado. Parece apenas uma fantástica coincidência. Duas pessoas com as mesmas iniciais, em Jerusalém, aproximadamente na mesma época, encontrando algum misterioso objeto escondido. Extraordinário.

Layla anotou algumas observações para si mesma, depois apanhou a tradução que ele havia feito naquela tarde e leu-a novamente.

— Layla?

— Sim, estou aqui ainda. Só estou dando uma passada de olhos na carta novamente. — Ela terminou de ler e recolocou a folha no lugar, deslizando a mão pelo cabelo.

— Isso está fora da minha área, Tom. Se se tratasse apenas de política, eu forneceria a você uma agenda cheia de contatos, mas história medieval... eu simplesmente não sei nada sobre isso. E isso nunca me interessou.

Houve um silêncio momentâneo.

— Se quiser, poderíamos...

Ela sabia o que ele pretendia fazer e tratou de descartar imediatamente:

— Eu prefiro pesquisar sozinha, Tom. Desculpe, mas é a forma como trabalho. Nada pessoal.

Sua voz soou ríspida e fria. Sob outras circunstâncias, ela teria pedido desculpas; afinal de contas, ele havia feito um enorme favor para ela, mas naquela noite seu humor não era dos melhores.

— Claro, claro — murmurou ele, atingido pela rispidez de Layla. — Eu entendo muito bem. Na realidade, eu sou assim também.

— Eu só preciso de uma sugestão, Tom. Uma pista. Um especialista nesse tipo de assunto. Acha que pode me ajudar?

Ela podia ouvi-lo respirando do outro lado da linha.

— Por favor? — acrescentou.

Não houve resposta por um momento.

— Tem um cara no Santo Sepulcro — disse ele finalmente, uma ponta de decepção em sua voz. — Um dos padres gregos ortodoxos. Padre Sergius. Acho que é esse o nome dele. Um homem grande e gordo. Sabe tudo que se pode saber sobre a história da Igreja. Ele está escrevendo um livro sobre isso. E poderia ser um bom ponto de partida.

Ela escreveu o nome.

— Obrigada, Tom — disse. — Fico lhe devendo essa.

Ela pressentiu que ele precisava mais do que isso. Que ele estava esperando por alguma outra palavra, qualquer uma que lhe desse alguma garantia.

Mas ela não estava com disposição. William de Relincourt... isso era tudo em que queria pensar.

— Obrigada — disse mais uma vez. — Eu ligo pra você depois.

Ela desligou o telefone, sentou-se por um momento, olhando o nome à sua frente, e em seguida conectou seu laptop na linha do telefone, acessou o Google e começou a pesquisar.

Luxor

O

s campos repletos de bananeiras ainda estavam encobertos pela névoa da primeira hora da manhã quando Khalifa chegou à casa de Jansen em Carnaque, destrancando o portão de entrada e seguindo pelo caminho de cascalho em direção à construção térrea e baixa adiante, com seu alpendre de madeira e janelas com venezianas.

Tinha passado a tarde e a noite do dia anterior examinando o arquivo de Schlegel, anotando observações e familiarizando-se com o caso. Como Hassani suspeitava, o material provou não ter muito a oferecer. Forneceu apenas alguns detalhes omitidos — fotografias do cadáver de Schlegel, declarações de testemunhas que a viram antes de sua morte, cópias de correspondências da embaixada de Israel no Egito providenciando o transporte do corpo para Israel —, mas nada que pudesse de forma significativa ser considerado como uma nova informação. Ele tentou restabelecer contato com duas testemunhas chave — a arrumadeira que ouvira Schlegel conversar ao telefone no quarto do hotel e o guarda de Carnaque que teria visto alguém fugindo da cena do assassinato —, mas, depois de pouca procura, descobriu que o guarda já estava morto e a arrumadeira havia se casado e mudado para outra região, sem deixar endereço. Ele estava, efetivamente, obrigado a começar do zero.

Khalifa se aproximou da entrada principal e, depois de vasculhar o molho de chaves, destrancou a porta e entrou no interior frio e sombrio, tateando à procura do interruptor. Tudo estava exatamente como antes, no dia de sua visita— as poltronas, a bandeja de papel, a enorme pintura a óleo do cume de uma montanha íngreme, aquele mesmo ar de asseio inútil, de segurança obsessiva. Seis cartas estavam dispostas no chão, aos seus pés, e ele se abaixou para

pegá-las e examinou uma a uma. As cinco primeiras eram contas ou informativos, e a sexta continha um envelope escrito à mão e o carimbo do correio de Luxor. Ele rasgou o envelope e viu um folheto barato de propaganda, xerocado, a respeito de uma palestra no dia seguinte, "A Perversidade dos Judeus". O palestrante era o sheik Omar Abd-el Karim, um clérigo local reconhecido por sua pregação sediciosa contra o Ocidente. Khalifa examinou o folheto, confuso quanto ao motivo pelo qual uma coisa como aquela seria enviada para alguém como Jansen, depois o enfiou no bolso de sua jaqueta e, chutando levemente a porta da frente para fechá-la atrás de si, caminhou pela casa.

Uma brecha. Era por isso que estava procurando. Algum tipo de abertura para o mundo secreto de Jansen. Alguma coisa, qualquer coisa que pudesse dizer mais sobre o misterioso proprietário da casa. Algo que o ajudasse a romper a impenetrável redoma que o homem parecia ter construído ao redor de si mesmo.

Começou pela sala de estar, certo de que poderia haver pistas ali sobre o passado do morto, mas incerto quanto a como percebê-las. Examinou por um instante a enorme pintura a óleo. Estava claramente indicando algo sobre a vida de seu dono, sobre seu íntimo. Mas o quê? Que ele gostava de montanhas? Ou havia alguma outra mensagem mais específica? A paisagem de sua terra natal, talvez (mas, pelo que ele sabia, a Holanda não era plana?). Sentia como se todas as informações que precisava encontrar para atingir o núcleo de seu alvo estavam bem ali na sua frente, mas em código, e ele não tinha os meios para decifrar.

Khalifa passou meia hora examinando o recinto, depois foi para os quartos e, então, para o escritório, onde permaneceu por um bom tempo, verificando as prateleiras de livros de Jansen, retirando volumes ao acaso e folheando as páginas. Die Südlichen Raume des Tempels von Luxor, de H. Brunner; The Complete Works of Josephus, traduzido por William Whiston; Cathares et Tsmpliers, de Raimonde Reznikov; From Solon to Socrates, de Victor Ehrnberg; The Basilica of the Holy Sepulchre, de G.S.P. Freeman-Grenville. Assim como em sua primeira visita, Khalifa estava admirado com a

diversidade do acervo DE Jansen e pela inteligência e erudição desse homem. Possuía obras sobre tudo, desde O Egito Pré-dinástico à Inquisição espanhola, das Cruzadas aos rituais astecas de sepultamento, da Jerusalém bizantina à arte do cultivo de rosas. Tratava-se de uma coleção rica, eclética e acadêmica, e Khalifa mais uma vez pressentia que aquilo estava em desacordo com o que aparentava ser a vida do homem que a possuía.

— Quem era você, Piet Jansen? — murmurou para si mesmo. — Quem era você e por que estava aqui?

Da estante de livros ele voltou sua atenção para a escrivaninha e, depois, para os dois armários de arquivos. O primeiro, continha envelopes plásticos cheios de documentos bancários, aplicações, seguros, provando serem não mais reveladores do que haviam sido quando os examinou em sua primeira visita à casa. O segundo, com seus invólucros para negativos fotográficos, era mais interessante, se apenas isso fosse considerado; revelavam lugares que Khalifa até conhecia e amava, ou sempre almejara visitar algum dia. Gizé, Sakkarah, Luxor, Abu Simbel — todos os principais monumentos estavam ali, fotografados minuciosamente e apropriadamente identificados; como eram numerosos os pequenos sítios, poucos turistas se animavam a visitar: os grandes muros ladrilhados de el-Kab; as bordas da Estela de Akhenaton, em Tuna el-Gebel; a tumba de Djehutihotep, em Deir el-Bersha. Alguns outros sítios — Gebel Dosha, Kor, Qasr Dush — eram tão desconhecidos, que nem mesmo Khalifa ouvira falar deles.

Uma imagem em particular chamou sua atenção, pois era a única que parecia representar bem o próprio Jansen. Ele estava um pouco mais jovem, com os cabelos bem penteados, e mantinha uma postura ereta, firme, observando o que parecia ser a tumba de Seti I no Vale dos Reis, na frente de uma imagem do rei com os deuses Hórus e Osíris. Havia algo discretamente ameaçador a respeito da fotografia, a forma como Jansen olhava diretamente e através das lentes da câmera, um olhar penetrante e astuto, arrogante; a expressão do rosto oscilava entre um sorriso e uma zombaria.

— Você era mau — Khalifa sussurrou para si mesmo. — Está no seu rosto, em seus olhos. Você fez coisas ruins, coisas cruéis.

Examinou a foto por um tempo, depois a colocou de volta e passou a analisar vagarosamente o restante da coleção; sem se incomodar em olhar os negativos, um por um, segurando cada seqüência contra a luz e passando os olhos de um lado para outro, focalizando sobre talvez seis ou sete imagens antes de se voltar para outro negativo.

Por pouco ele ignorou a imagem da tumba. Isso teria ocorrido se ela estivesse numa capinha normal de plástico, como todos os outros negativos, pois naquelas circunstâncias, como já chegara ao final da coleção, Khalifa apenas passava rapidamente os olhos pelos negativos. Dessa forma a imagem se destacou das outras ao redor, por causa da montagem antiquada da moldura em cartão marrom. Isso aguçou seu interesse, e Khalifa removeu-a do plástico para fazer um exame mais detalhado.

Ela estava no meio de uma série de fotografias das entradas das tumbas do Reino Médio e do Novo em Deir el-Bahri, na extremidade oriental da necrópole tebana. Embora estivesse em preto-e-branco, comparada à riqueza dos matizes coloridos das outras, e levemente fora de foco, a primeira suposição de Khalifa era de que o tema da foto deveria ser o mesmo. Somente quando segurou o negativo contra a luz, ele começou a duvidar disso, não somente porque não havia reconhecido, de fato, aquela entrada — em seus quinze anos de Luxor, os negativos haviam explorado quase todas as tumbas que existiam na vizinhança —, mas também por causa do muro escuro e interditado de rocha perfeitamente plana em cujas bases a entrada aberta divergia de qualquer formação geológica que ele sempre viu na região de Luxor.

Khalifa a virou, intrigado, esperando que houvesse uma legenda na etiqueta como em todas as fotos da coleção. Não havia, o que era frustrante, pois jamais poderia explicar por que pressentia que, de alguma forma, aquele negativo era relevante. Continuou observando a imagem por mais um longo momento. "O que você está tentando

me dizer?", murmurou. "De quem seria essa tumba?" Depois o guardou em seu bolso, ao lado do folheto, e terminou a vistoria da casa.

O último local examinado foi o porão, assim como havia procedido em sua primeira visita, descendo a escadaria escura que rangia aos seus pés, tateando pelo interruptor no fundo e examinando as mesas e prateleiras cobertas de antigüidades saqueadas. Ele já havia passado, àquela altura, três horas na casa, e, naquele momento, passara mais noventa minutos analisando cuidadosamente o conteúdo do porão, admirando outra vez a infinidade e a diversidade da coleção. Encontrou muitas peças que despertaram seu interesse, mas nada que pudesse fornecer uma pista sobre o homem que colecionou todos aqueles objetos.

O detetive concluiu a verificação do cofre de aço colocado num dos cantos dos fundos do porão. Como precisava decifrar o segredo do cofre e abrir o trinco de metal oxidado, agachou diante do compartimento e, em vão, girou o dispositivo de um lado para o outro, enquanto o mecanismo interno estalava durante a rotação. Não houve maneira para forçar a abertura da porta, mesmo apesar de ele ter, em seu longo relacionamento com as classes criminosas, aprendido como abrir com uma gazua um cofre simples; mas isso estava além de suas habilidades elementares de arrombador. Era necessário saber a combinação, que provavelmente foi para o túmulo com o proprietário do cofre, ou...

Ele permaneceu onde estava por um momento, bufando, como se quisesse dizer "Mas que droga!". Depois subiu para a sala de estar, pegou o telefone e discou. Chamou seis vezes, até que uma voz rude atendeu:

— Aziz? É o inspetor Khalifa... Não, não tem nada a ver com isso. Eu só preciso de um favor.

— Trabalho sujo?

— É...

— Perguntei porque estou andando na linha agora. Entendeu? Completamente limpo. Todas aquelas paradas... coisa do passado. Eu era uma pessoa diferente naquela época.

Aziz Ibrahim Abd-el Shakir, popularmente conhecido como O Fantasma, por sua habilidade de quebrar até mesmo os sistemas de segurança mais sofisticados de segredos e códigos, abriu sua caixa de ferramentas, removeu um pequeno acolchoado de espuma e o colocou no chão em frente ao cofre; agachou-se, moveu os joelhos para a frente e para trás, até que se sentiu confortável. Gorducho e de baixa estatura, com nariz inchado, parecido com um nabo, ele era freqüentemente visto com manchas de suor debaixo do braço. Tomou fôlego profundamente, várias vezes, como se desejasse meditar, e em seguida estendeu a mão e tocou gentilmente a parte de cima e as laterais do cofre, como se acariciasse um animal irritado, para acalmá-lo, conquistando sua confiança.

— Ficará entre nós — garantiu Khalifa. — Ninguém jamais saberá.

— É bom mesmo — Aziz murmurou, inclinando-se para a frente e pressionando o ouvido contra a porta do cofre, girando de um lado para outro e ouvindo, a fim de descobrir o segredo.

— Você tem minha...

— Ssshhh!

Ele continuou tentando descobrir o segredo por quase um minuto, o rosto tenso devido à concentração; as manchas de suor em suas axilas pareciam aumentar e se estender, até que se levantou.

— Você consegue abrir? — perguntou Khalifa.

Aziz o ignorou, vasculhando sua bolsa.

— Caixa Chubb, sistema Mauser de segredo — resmungou, retirando um estetoscópio, um mini-maçarico e um pequeno martelo, desses usados por geólogos para quebrar rochas. — Trava frágil, três, talvez quatro; nível duplo. Hum, mas que belezinha você é!

— Consegue...

— É claro que consigo abrir! — repreendeu-o Aziz. — Eu consigo abrir qualquer coisa. Exceto as pernas da minha mulher.

Ele sorriu acidamente com a própria piada e começou a bater de leve no cofre com seu martelo, os olhos fechados em sinal de concentração.

Aziz Abd-el Shakir geralmente era considerado por todos, inclusive por ele mesmo, como o mais sofisticado arrombador de cofres do Alto Egito. O homem que invadiu duas vezes a caixa-forte do Banco Nacional do Egito, em Luxor, e penetrou no supostamente impenetrável cofre da American Express, em Assuã. Era também uma lenda tanto entre seus companheiros criminosos como entre aqueles cuja função era levá-lo à Justiça. Khalifa o encontrou pela primeira vez em 1992, depois que Aziz havia limpado o cofre do Luxor Sheraton, e seus caminhos se cruzaram diversas vezes desde então, a mais recente havia dois anos, quando o detetive o prendeu pelo roubo de uma joalheria local. Naquela ocasião em especial, Khalifa havia escrito ao juiz responsável pelo processo, recomendando uma sentença branda, alegando razões de compaixão: o filho mais novo de Aziz tinha acabado de ser diagnosticado com leucemia. Aziz tomou conhecimento da carta e, com aquele curioso código moral que permite a um homem ganhar a vida por intermédio do roubo, mas naquele mesmo momento, sempre para honrar suas dívidas, contactou Khalifa e lhe disse que, assim que precisasse de um favor, era só pedir. E, por essa razão, ele estava ali agora.

Deixou o martelo de lado e usou com maestria seu estetoscópio, fixando a campânula plana contra o cofre com uma das mãos, enquanto, com todo o cuidado, tentava descobrir o segredo; o mini-maçarico estava preso em sua boca e os olhos fechados enquanto ouvia atentamente os movimentos dos ferrolhos do lado de dentro. Khalifa sabia muito bem que Aziz estava mentindo ao afirmar que estava andando na linha e tinha plena consciência de que ele mantinha a vida criminosa ativa como sempre. Naquele momento

em particular, no entanto, ele precisava de sua habilidade e não ia discutir o assunto.

— Boa menina — sussurrou Aziz para si mesmo, com um sorriso discreto. — Não dá uma de difícil agora. Vamos lá, belezinha. E que belezinha.

Por fim, levou um pouco mais de vinte minutos para descobrir a combinação, uma fonte de evidente satisfação, pois, quando a última trava estalou, ele deu um amplo sorriso de dentes amarelados e, curvando-se, deu um beijo na parte de cima do cofre, deixando a marca úmida de seus lábios no metal cinza-esverdeado. — O Fantasma ataca novamente! — disse ele com uma gargalhada, abrindo a porta alguns centímetros e recolhendo seu equipamento.

Voltaram para o andar de cima e Khalifa o viu partir.

— Mantenha sua barra limpa — disse para Aziz quando este começou a descer os degraus da frente.

O arrombador de cofres resmungou e partiu pelo caminho de cascalho rumo ao portão da frente. Quando chegou lá, ele se voltou.

— Você parece bem, Khalifa — ele gritou. Fez uma pausa e acrescentou: — Para um porco, é claro.

Ele piscou e desapareceu através da paisagem de palmeiras e mimosas.

Khalifa observou-o partir e, em seguida, retornou para o porão, onde se agachou em frente ao cofre e abriu a porta. Havia apenas três coisas no interior: um envelope marrom sem timbre de papel artesanal, no qual, por meio de uma inspeção minuciosa, se via apenas o testamento do falecido; uma pistola do tipo que Khalifa nunca havia visto antes, com um fino tubo projetando-se de um corpo grosso em formato de L, e no fundo, à direita do cofre, um objeto retangular embrulhado em um pano preto. Era algo inesperadamente pesado. Depois de desfazer o embrulho, Khalifa deparou-se com uma enorme barra de ouro, em cuja

resplandecente superfície estava gravada uma águia de asas abertas, tendo em suas garras o símbolo da suástica nazista. Khalifa deixou escapar um discreto assovio.

— Mas como é que você foi parar nas mãos do Sr. Jansen? Como é que você veio parar aqui?

Campo de Refugiados de Kalandia

A convocação para o martírio, quando chegou, não era nada do que Yunis Abu Jish havia imaginado que seria.

Por meses ele orou para ser ouvido e pediu para se oferecer por seu Deus e por seu povo, imaginando em sua mente um processo seletivo intenso cujo andamento testaria sua coragem e sua fé, repetidas vezes, e estas seriam provadas triunfantemente. De qualquer forma, ele recebeu um telefonema banal e breve, informando que havia sido escolhido por al-Mulatham como um shaheed em potencial, e foi instruído a ponderar cuidadosamente sobre achar-se pronto para aceitar essa honra. Se não se dispusesse, não era necessário fazer nada, e ele não seria contactado novamente. Mas, se aceitasse, ele deveria vestir sua camiseta do Domo da Rocha — como é que sabiam que ele possuía uma camiseta com a imagem de Qubbat al-Sakhra? — e ir ao meio-dia do dia seguinte ao posto da fronteira de Kalandia, na Rodovia Jerusalém-Ramala, onde deveria permanecer por exatamente trinta minutos embaixo do outdoor com uma propaganda das Antenas Parabólicas Master. Depois disso ele deveria começar a se preparar em oração e estudo do Alcorão sagrado, sem informar a ninguém sobre sua situação, nem mesmo aos mais íntimos da família. Instruções mais detalhadas seriam recebidas posteriormente. E foi tudo. Sem explicação de como, por que ou por quem ele havia sido

escolhido, e nem indicação do que poderia ser sua eventual missão. A fria precisão da ligação, a maneira empresarial do homem do outro lado, causou-lhe medo, e, depois que a ligação foi encerrada, ele se sentou, trêmulo, por um longo momento, o rosto empalidecido, o fone ainda pressionado contra o ouvido. Será que posso fazer isso? Ele se perguntava. Sou forte o bastante? Sou digno? Afinal de contas, imaginar é uma coisa; fazer é outra. Medo e dúvida sempre o oprimiram.

Gradualmente, suas apreensões diminuíram, dando lugar, primeiro, à aceitação, depois à determinação e, finalmente, a um elevado sentimento de euforia e orgulho. Ele foi escolhido! Ele, Yunis Abu Jish Sabah, herói de seu povo, instrumento da vingança de Deus. Ele imaginava a honra que sua família sentiria, a alegria de cada palestino. A glória.

Com um grito de contentamento, ele recolocou o fone no gancho e foi até o lado de fora, onde sua mãe estava sentada, descascando batatas; ajoelhou diante dela e, abraçando-a na cintura, disse, sorrindo:

— Tudo vai ficar bem. Tudo vai ficar bem. Deus está conosco. Allah-u-akhbar.

Jerusalém

Já era quase meio-dia quando Ben-Roi finalmente despertou de seu sono embriagado e saiu cambaleando da cama, tossindo e praguejando. Tomou um banho frio, bebeu uma cerveja Goldstar para curar a ressaca, depois se vestiu e passou uma leve camada de loção pós-barba. Por fim, pegou um ônibus em direção ao

cemitério judaico situado no Monte das Oliveiras, descendo um ponto antes para comprar um único lírio branco.

Ele a visitava pelo menos uma vez por dia. Mais vezes até, caso a solidão se tornasse especialmente insuportável. Na época em que era garoto, pensava que visitas ao cemitério eram coisa de gente velha. Uma maneira de passar o tempo, quando não havia nada melhor para fazer na vida, quando toda a alegria e esperança já haviam deixado de existir. Mas agora ele estava ali, não tinha ainda 34 anos, e a visita era o foco central de seu dia. De toda a sua existência.

O inspetor desceu do ônibus na Estrada Jericó e entrou no cemitério por um portão situado na parte baixa, na esquina à esquerda, serpenteando pelo caminho através da fila de lápides retangulares e planas que cobriam o caminho em declive como uma imensa escadaria cheia de rachaduras. Longe, à esquerda, as setes cúpulas douradas da Igreja de Santa Maria Madalena brilhavam ao sol da tarde; acima e abaixo, a horrível fachada em arco do Hotel Intercontinental despontava no cume da colina, assim como uma linha arqueada sobre o límpido céu azul. Atrás, do outro lado do Vale do Kidron, encontrava-se o Domo da Rocha e as construções da Cidade Antiga, empilhadas atrás dele como um amontoado de tijolinhos de brinquedo.

O túmulo dela estava na metade do caminho, na extremidade sul do cemitério; tinha uma lápide simples, contendo o nome e as datas de nascimento, 21 de dezembro de 1976, e falecimento, 12 de março de 2004, e, mais abaixo, uma citação do Cântico dos Cânticos, de Salomão: "Eu sou a rosa de Sarom, o lírio dos vales.”

Ben-Roi ficou de pé, observando a lápide, recuperando o fôlego após a escalada íngreme; depois se agachou e depositou a flor sobre a citação, junto de uma pequena pedra que havia recolhido no caminho pelo cemitério, como era o costume judaico. Curvou-se e beijou a lápide, passando a mão pela superfície quente e amarelada, permitindo que seus lábios demorassem por um

momento no delineado e profundo entalhe do nome dela. Então, com um suspiro, ficou de pé novamente.

Surpreendentemente, ele nunca foi capaz de chorar por ela. Apesar da intensa dor, apesar da depressão, as lágrimas mesmo assim nunca brotavam. Até conseguia chorar com coisas mais banais — dramalhões em programas de TV, letras piegas de músicas românticas, literatura barata —, mas por ela não havia nada, apenas um vazio, e as lágrimas continuavam contidas; assim, algumas vezes, ele se esforçava até para respirar, como um homem se afogando que conseguia manter apenas a boca acima da superfície da água.

Então juntou as mãos; em parte sentia que deveria recitar um kiddush ou pelo menos proferir uma oração. Mas descartou a idéia. Que sentido teria orar para um Deus que permitia coisas como aquelas acontecerem? Que se sentava em seu céu e observava calmamente tanto horror e miséria que ocorriam aqui embaixo? Não, ele pensou, não há consolo na fé; é um buraco profundo, vazio, dissonante, como um sino rachado. Ele enfiou as mãos nos bolsos e afastou-se do túmulo, olhando através da Cidade Antiga, murmurando uma antiga canção folclórica judaica que seu avô havia lhe ensinado, sobre um pobre garoto que se apaixonou pela filha de um rabino rico.

Ben-Roi pretendia colocá-la na prisão. Foi assim que eles se conheceram. Tão cafona para se acreditar, como algo tirado de um romance de banca de jornal, mas foi assim que aconteceu. Ela fazia parte de um grupo de manifestantes contra a construção de assentamentos israelenses nos subúrbios da cidade. Ele estava no cordão de isolamento da polícia acionado para afastar os manifestantes. Houve um confronto físico, ela o chutou na canela, ele colocou-lhe um par de algemas e a levou para a viatura da polícia. Tudo tinha acontecido tão rápido, que ele não teve tempo para perceber, para reparar no quanto ela era bonita. Somente mais tarde, numa cela na delegacia, quando preparava um relatório minucioso sobre a detenta, enquanto ela detalhava as iniqüidades da ocupação da Cisjordânia por Israel, foi que ele se pegou

observando atentamente o cabelo castanho encaracolado, os braços delgados e bronzeados, os radiantes olhos acinzentados e o jeito passional, embora gentil, e extremamente sagaz de sorrir; assim, de alguma forma, soube que ela se tratava de uma boa pessoa, generosa, e seu tom de voz elevado e atitudes beligerantes eram apenas aparência.

Ele poderia tê-la fichado — ao menos deveria —, mas, por fim, a liberou sob fiança. O fato de a moça não se mostrar grata — ao contrário, parecia, sobretudo, constrangida, como se aquela indulgência de alguma maneira depreciasse o impacto de seu protesto — por alguma razão o atraiu, mais do que sua aparência física.

Nunca se sentiu à vontade em relação às mulheres; ficava apreensivo por causa de seu rosto de urso, marcado, o nariz grande; por isso, foram necessários três dias para que tomasse coragem para ligar para ela.

Quando finalmente telefonou, ela o confundiu com um amigo passando um trote; então, percebendo que ele era realmente quem dizia ser, ela disse para ele dar o fora e desligou na cara dele. Ele tentou novamente no dia seguinte, e no outro, e mais uma vez no dia subseqüente; seu interesse (e humilhação) crescia na mesma proporção do número de rejeições sofridas, até que finalmente, exasperada, ela concordou em sair para um drinque num bar local — "para ver se você sai da minha cola".

Mesmo depois permanecia a dúvida quanto a se poderia rolar algo entre eles. Mas então apareceu o espaguete. Àquela altura, durante o encontro, eles haviam se esforçado para descobrir algum tipo de afinidade, conversaram cheios de dedos e de maneira desconfortável, pontuada por silêncios embaraçosos e por vozes alteradas ocasionalmente, quando ela discursava calorosamente sobre o tratamento do governo israelense em relação aos palestinos, enquanto ele retorquia, afirmando que os palestinos tinham o que bem mereciam. Estavam, na verdade, no processo de partir do bar, reconhecendo que não tinham nada em comum, que

aquele encontro não os levaria a lugar algum, quando um garçom caminhou diretamente até Ben-Roi e derrubou um prato de massa coberto de molho sobre sua camisa branca. Ela caiu na gargalhada, e ele a repreendeu, mas depois começou a rir também, desfrutando do lado cômico da situação; e, naquele momento de diversão compartilhada, algo finalmente os despertou, como uma surpreendente luz na penumbra rechaçando as sombras. O garçom emprestou uma camisa limpa para ele, o que melhorou ainda mais o humor deles, pois ficara muito apertada e exibia uma frase embaraçosa: Orgulho Gay. Aceitando a oferta de um drinque de consolo, retornaram à mesa e recomeçaram a conversa sob nova perspectiva, desta vez desviando de assuntos sobre política e conversando sobre si mesmos, seus interesses, formação, família, conhecendo melhor um ao outro.

Ela trabalhava como assistente editorial para uma pequena editora especializada em livros de poesia para crianças, destinando três tardes por semana para trabalhar como voluntária na B'Tselem, uma organização israelense de defesa dos direitos humanos. Filha de um dos heróis de guerra condecorados do país, agora membro do Partido Trabalhista no Knesset, ela havia crescido em um kibbutz no norte da Galiléia, sendo a mais nova de três irmãs. As duas mais velhas estavam ambas casadas e com filhos.

— Perfeitas mães judias — disse ela. — Eu sou a ovelha negra.

— Eu também — admitiu Ben-Roi. — Todos os homens da minha família são fazendeiros. Meu pai ficou horrorizado quando eu disse que queria ser policial. Embora nada próximo do que ficaria se pudesse ver como estou agora.

Ele lançou um olhar na camiseta que estava vestindo. Ela riu.

— Então, o que fez você se tornar um instrumento do regime fascista? — perguntou ela.

— Al Pacino, acredite se quiser.

— Al Pacino?

— Bem, um filme que ele fez.

Ela ergueu uma das mãos. — Deixe-me adivinhar. — Houve uma pausa e, então, ela disse: — Serpico.

Os olhos dele mostravam espanto. — Como adivinhou?

— É um dos meus favoritos.

— Você é a única pessoa que conheço que já viu! Amo esse filme. Eu me lembro de quando assisti pela primeira vez, na TV; eu tinha catorze anos. Eu pensava: "É isso que quero ser." Como Al Pacino. Agindo corretamente. Fazendo a diferença. Encontrei ele certa vez, sabia? Depois da formatura da polícia. Até tiramos uma foto juntos. Ele é bem baixinho.

Tomou um gole do vinho, e seus olhos se encontraram por um breve momento, mas o suficiente para saberem que algo os aproximava. Mais tarde ele recordaria aquele primeiro encontro de olhares, tão efêmero, de confissões incertas sobre sentimentos compartilhados, como um dos momentos mais perfeitos de sua vida.

Os dois ficaram no restaurante por quase três horas, conversando e papeando, sondando profundamente um ao outro, abrindo levemente o jogo, antes de partirem, conforme sugerido por ela, para um pequeno e tradicional restaurante no bairro armênio, situado na Cidade Antiga, onde comeram soujuk e khaghoghi derev e beberam uma garrafa de vinho tinto aromatizado e levemente amargo. Depois disso, quase embriagados, caminharam pelas ruas desertas, trocando olhares constrangidos e falando muito pouco. Passaram por dentro do bairro judeu e depois andaram em círculo pelo Mauristano; finalmente chegaram ao Portão Novo, onde tomaram um último café num boteco, e ele a presenteou com um lírio branco de um vaso sobre o balcão.

— Obrigada — agradeceu ela, apertando a flor contra o peito. — É linda. Saíram e se despediram; uma lua enorme pairava sobre eles

como um gigantesco círculo dourado num poço profundo de águas escuras. Ele sentia uma urgência irresistível de curvar-se e beijá-la, mas afastou-se para que não destruísse o encanto daquele momento. Ela não estava tão preocupada assim e, roçando levemente a mão que ele havia oferecido, segurou os ombros dele, ficou na ponta dos pés e o beijou calorosamente nos lábios.

— Desculpe — disse ela, afastando-se, os olhos radiantes. — Eu não pude resistir. Acho que é influência da loção pós-barba que você está usando.

— Pela minha aparência é que não podia ser.

Ela o beijou de novo, gentilmente desta vez, pressionando levemente seu corpo contra o dele.

— Você parece ótimo pra mim.

— Então talvez esteja na hora de procurar um oftalmologista.

Ela sorriu e, estendendo a mão, tocou sua face, nariz e queixo. Permaneceram assim por um longo tempo, fitando um ao outro. Depois, com um último abraço, eles partiram, concordando de se encontrarem novamente alguns dias depois, à noite. Enquanto ele se afastava, ela o chamou.

— Abra os olhos, Arieh. Olhe para o que está acontecendo neste país. Eu preciso que faça isso. Estão envenenando a todos nós. Ou fazemos algo a respeito para mudar isso ou não haverá futuro. Não para Israel, não para nós, para ninguém. Abra os olhos. Por favor.

Por semanas e meses seguidos, enquanto o relacionamento deles crescia e se aprofundava, e o amor por ela envolvia sua alma, ele fez o que ela havia lhe pedido, visto coisas que nunca pretendeu enxergar, perguntando sobre temas que nunca desejou indagar. E isso havia lhe causado muita dor, a consciência súbita de algo desagradável, uma enorme confusão e incertezas. Além disso, tinha seguido suas orientações, no entanto, porque a amava e confiava

nela, e sabia que lá no fundo ela o estava ajudando a crescer e tornar-se uma pessoa melhor.

E então, depois de tudo isso, apesar de tudo isso, eles a mataram.

Todas aquelas pessoas por quem ela tanto havia lutado, defendido, e cuja causa advogara tão apaixonadamente, explodiram suas pernas, dilaceraram o seu rosto; seu lindo rosto, gentil, risonho. Por isso, agora, sozinho no cemitério, olhando para sua sepultura, Ben-Roi sentia que o futuro sobre o qual ambos sonharam, um futuro de paz e compreensão, esperança e luz, não foi mais do que uma efêmera miragem. E, assim como um sedento viajante no deserto que enfrenta a agonia de ver o almejado oásis evaporar diante de seus olhos, ele desejou simplesmente ter mantido seus olhos fechados e nunca deixado se enganar por aquela ilusão, antes de qualquer coisa.

Terminou de murmurar a canção, e os dedos brincavam com a menorá de prata pressionada contra seu peito, uma minúscula lembrança dela que mantinha sempre consigo. Em seguida, depois de abaixar-se e beijar a sepultura mais uma vez, começou a fazer o caminho de volta através do cemitério.

Perto da parte baixa, ele passou por uma solitária figura com um kipá e tallit ao lado de um par de túmulos um pouco separados dos demais num pequeno pedaço particular de terra. O homem estava de costas para ele, e somente depois que passou pelo local percebeu que era Baruch Har-Zion. Virou-se levemente e por um breve instante seus olhos se encontraram. Cada um meneou a cabeça, em reconhecimento, antes que Ben-Roi se virasse novamente e continuasse a descer rumo ao portão, na parte baixa do cemitério. Lá ele encontrou Avi Steiner, o guarda-costas de Har-Zion, recostado numa parede. Novamente houve uma ligeira troca de olhares, discretos acenos de cabeça em reconhecimento, e então Ben-Roi saiu para a avenida e regressou para a Cidade Antiga, perguntando-se onde poderia conseguir uma bebida, antes de dirigir-se para a delegacia para iniciar o seu turno.

Jerusalém

Layla cruzou o pátio pavimentado em frente à Igreja do Santo Sepulcro, detendo-se brevemente para observar a entrada principal de dupla arcada com seus pilares delgados de mármore, enfileirados reta e sinuosamente como árvores de replantio. Depois atravessou o interior sombrio e cavernoso. Três mulheres idosas se encontravam ajoelhadas diante da Pedra da Unção, faziam o sinal-da-cruz e curvavam-se para beijar a pedra calcária de tons róseos; à direita, um lance de escadas de pedra conduzia à capela dourada suavemente iluminada, o local tradicionalmente conhecido da Crucificação de Cristo. Lá no fundo, das entranhas da construção, ouvia-se um eco de canto, e este chocava e se fundia com um hino sendo entoado em outro lugar na igreja; desse modo, todo o interior parecia pulsar por meio de uma suave cacofonia de sons. Um grupo de oblatos armênios passou apressado, conduzido por um sacerdote vestido com uma longa batina e um capelo pontudo.

Por um momento ficou indecisa no interior da igreja, tentando ajustar os olhos à penumbra, as narinas absorvendo o penetrante e sombrio odor de incenso. Então seguiu à esquerda e caminhou rumo à enorme Rotunda abobadada que dominava o lado oeste da igreja. Um jovem sacerdote ortodoxo grego estava limpando o chão. Layla se aproximou dele e perguntou onde poderia encontrar o padre Sergius, o contato indicado por Tom Roberts na noite anterior.

— Ele comida — disse o sacerdote com um vocabulário rudimentar, fazendo um gesto com as mãos que imitava o ato de comer. — Chegando dez hora.

— Hoje à noite?

O sacerdote franziu a testa, confuso, e de repente sorriu.

— Não dez horas. Dez...

— Minutos?

— Sim, sim. Minuto. Dez minutos.

Layla o agradeceu e, deixando-o com sua limpeza, perambulou até o outro lado de uma das colunas de granito maciço que sustentavam a abóbada da Rotunda, sentando-se ao lado numa banqueta.

Diante dela, erguia-se a Edícula, um relicário ricamente decorado, todo coberto com a sagrada imagem que demarcava o lugar de sepultamento de Cristo. Atrás, encontrava-se o Katholicon, o coral e santuário grego ortodoxo que dominava a parte central do edifício, estendendo-se pelo lado leste, no centro de uma estrutura em forma de favo de mel, com corredores, galerias, portais e relicários; a alvenaria desses lugares estava escurecida por séculos de fumaça produzida pelos castiçais e pelo toque devocional.

Passou os olhos pelo local por um tempo, considerando a arquitetura de estilo rebuscado, a multidão de turistas e peregrinos, e, em seguida, abriu sua bolsa para pegar o bloco de anotações, folheando-o até encontrar as que tinha feito na noite anterior.

Sua pesquisa na internet havia apontado milhares de páginas relacionadas ao nome William de Relincourt, e a maioria não tinha nada a ver com o homem no qual estava interessada. Uma busca avançada por algumas centenas delas ou mais revelou tratar-se de alguém que havia se tornado fonte para trabalhos de ficção, e encontrar algo consistente sobre Relincourt era muito raro. Pouco era conhecido — tudo que era conhecido, de fato, parecia ter origem em duas breves passagens de crônicas medievais, ambas traduzidas e publicadas em vários websites.

A mais curta delas, da obra de Guilherme de Tiro, Historia Rerum in Partibus Transmarinis Gestarum (A História de Proezas Realizadas

Além-mar), escrita por volta de 1170, relata como, depois de conquistarem a cidade, os cruzados acharam a igreja (do Santo Sepulcro) tão pequena e acrescentaram a ela uma construção robusta e elevada. Desde a época em que William de Relincourt começara os trabalhos, até o momento de sua disputa com o Rei Balduíno, que morreu violentamente. Uma torre também foi construída para o sino. A segunda passagem, mais longa e mais detalhada do que a primeira, aparece na obra Massaoth Schel Rabbi Benjamin (O itinerário do Rabino Benjamim). O autor, um judeu da cidade de Tudela, que havia visitado a Terra Santa em 1169 como parte de uma jornada de dez anos ao redor do Mediterrâneo e do Oriente Próximo, diz:

Uma história também é contada sobre um francês chamado Gillom de Relicar, que construiu essa igreja conhecida pelos cristãos como O Santo Sepulcro. No decorrer desse extraordinário trabalho, dizem que em determinada época, quando as valas eram escavadas para o assentamento das pedras, como era a prática comum em tais coisas, este Gillom encontrou um lugar secreto, no qual se encontrava escondido um tesouro de grande poder e beleza, distinto de todo tesouro que havia sido descoberto até então. Sendo propenso à sabedoria, e de nenhuma maneira aprovando a conduta dos judeus, ele não disse nada a respeito, mas antes o escondeu, pois tal era sua natureza, que despertaria muita inveja e cobiça entre os cristãos. Notícias chegaram ao Rei Balduíno, que exigiu sua devolução. E, quando Gillom se recusou, teve os olhos arrancados e, ainda, foi lançando em um poço profundo, onde morreu somente depois de quatro dias, pois era homem forte, tanto de corpo como de espírito. Poucos sabem sobre o acontecimento, que me foi dito por Simão, o judeu, que o ouviu de seu avô.

Em torno dessas duas passagens, um punhado de teorias e suposições floresceram, algumas relativamente inócuas, a maioria beirando o absurdo. Um site, por exemplo, que tocava canto gregoriano, declarava que William havia descoberto o corpo mumificado de Cristo, arruinando, portanto, toda a doutrina cristã da

Ressurreição. Um outro, decorado com misteriosos símbolos astrológicos e intitulado Os Guardiões Sagrados do Portal Cósmico, argumentava com toda a seriedade que Relincourt havia penetrado em algum tipo de portal intergalático, e isto lhe permitiu acessar altíssimas dimensões espaço-temporais. E também, por sua vez, reunia um clube exclusivo de viajantes que incluía Moisés, Tutancâmon, Confúcio e o Rei Arthur. Havia, portanto, diversos outros sob o mesmo viés, associando Relincourt a tudo, da Maçonaria ao Santo Graal, dos Cavaleiros Templários ao Triângulo das Bermudas. Dessa maneira Layla poderia afirmar, no entanto, que nenhuma explicação realística havia sido apresentada para precisar o significado das duas passagens, nem que uma evidência independente veio à luz para corroborar a autenticidade da história que contaram, ou confirmar que alguém chamado William de Relincourt havia realmente existido.

A coisa toda parecia extremamente inconsistente. E, apesar da escassez de evidências confiáveis, apesar das dúvidas mesquinhas lá no fundo de sua mente de que ela estaria sendo arrastada por uma elaborada jornada no faz-de-conta, quanto mais ela havia lido, mais atraída ficara. Mesmo com seu limitado conhecimento sobre assuntos medievais, pôde perceber que, se a fotocópia que lhe haviam enviado fizesse parte de uma carta genuína — e isto permanecia um grande mistério —, então o original deveria ser extremamente importante, um documento historicamente valioso, provando não apenas que Relincourt fora uma pessoa real, mas também que ele havia encontrado algum tesouro escondido embaixo dos alicerces da Igreja.

O que realmente aguçou seu faro jornalístico, no entanto, e continuava a aguçar, não era tanto a perspectiva de esclarecer alguns novecentos anos de mistério, intrigante como era, mas, sobretudo, a conexão entre aquele mistério e os eventos do tempo presente. Eu possuir em minhas mãos informassões que poderiam provar-se inestimáveis para al-Mulatham em relação a sua luta contra os opressores sionistas... A informassão sobre a qual eu estar falando está intimamente ligada ao documento em anexo.

Como a história de William de Relincourt poderia ajudar um homem como al-Mulatham? Por que deveria uma lenda medieval ter alguma relevância para a Palestina contemporânea? Qual era a conexão entre o passado e o presente? Essas eram as questões que ocupavam a mente dela agora, girando sem parar dentro de sua cabeça como as faíscas de uma girândola. Era algo importante. Ela podia sentir. Algo grandioso. Mas era necessário obter maiores informações. Mais fatos. Mais peças do quebra-cabeça.

— Ele aqui agora.

Ela olhou ao redor. O jovem sacerdote grego estava de pé à sua frente, ainda franzindo a testa.

— Padre Sergius — avisou. — Ele chega.

Indicou sobre o ombro dela em direção ao Katholicon, onde um enorme homem gordo, vestido com batina preta e de cabelos grisalhos amarrados em um rabo-de-cavalo, estava abrindo uma escada no ângulo entre uma parede e um pilar. Layla agradeceu ao sacerdote e, ficando de pé, partiu para o outro lado do coral, na direção do homem, passando embaixo de um lustre de metal do tamanho de uma roda de carro e chegando no momento em que ele subia o primeiro degrau da escada.

— Padre Sergius?

Ele olhou para baixo, em sua direção.

— Meu nome é Layla al-Madani. Sou jornalista. Um amigo meu sugeriu que o senhor poderia me ajudar com relação a uma história que estou pesquisando.

O sacerdote a olhou atentamente por um momento, os olhos brilhantes. Então se afastou da escada. Ele possuía um rosto jovial, mas largo como uma abóbora, com muitas rugas e coberto por uma volumosa barba grisalha. Por baixo da batina, ela percebeu, ele usava meias, sandálias e uma calça larga roxa.

— Suponho que o senhor conheça tudo que se pode saber sobre a história desta igreja — ela acrescentou.

Ele sorriu. — Seu amigo me dá mais crédito do que mereço. Ninguém pode dizer que sabe tudo sobre a Igreja do Santo Sepulcro. Estou aqui há trinta anos e precisaria de mais um século para afirmar que conheço razoavelmente. O lugar pode se mostrar extremamente... desafiador.

A voz dele era grave e ressonante, e ele falava perfeitamente o idioma de Layla. Emanava um cheiro discretamente adocicado, talvez da loção pós-barba ou do incenso entranhado em suas roupas.

— O que você deseja saber? — perguntou.

— Estou tentando descobrir algo sobre um homem chamado William de Relincourt.

Ele deu um sorriso largo e, estendendo a mão, tocou na barba, pensativo, passando os dedos entre os grossos fios acinzentados.

— William de Relincourt, não é? E por que você gostaria de saber sobre ele? Layla deu de ombros. — É apenas uma história que estou pesquisando. Mistérios de Jerusalém.

— Não é o seu tipo habitual de artigo.

Ele observou o olhar confuso no rosto dela e começou a rir.

— Ah, eu sei muito bem quem é você, Srta. al-Madani. Você não está tão distante deste meu mundo. Tenho lido suas reportagens há muitos anos. Muito... francas, digamos assim. Você não deixa os israelenses escaparem de nada. Eu não me lembro de vê-la interessada em história medieval, no entanto.

— É uma matéria exclusiva — disse ela, sem querer explicar, tentando deixar as coisas um pouco vagas. — Darei prosseguimento às críticas contra Israel assim que isso terminar.

O sacerdote gargalhou. Seus olhos radiantes revelavam divertimento, como se estivesse consciente de que ela não estava lhe contando toda a história, mas não ficou muito incomodado com esse fato.

— Nesse caso — disse ele, tirando a mão de sua barba e instalando-a sobre seu ventre protuberante — devo ajudá-la a terminar o seu artigo o quanto antes. Não podemos dar folga aos israelenses, não é? Se não se importa, eu gostaria de solicitar algo em troca.

— E o que seria?

— Que segurasse minha escada enquanto eu tento me livrar destes malditos pássaros.

Ele apontou para cima, onde um par de pombos brancos estava batendo as asas, chocando-se repetidamente contra as janelas no alto das paredes da igreja.

— Eu preciso abrir uma delas — explicou — para deixá-los sair. De outra forma, eles vão fazer porcaria na cabeça dos turistas.

Como para confirmar o que ele estava dizendo, uma enorme mancha branca caiu das alturas, respingando sobre o lustre de bronze. O padre Sergius estalou a língua em desaprovação e subiu na escada.

— Segure-a bem firme — advertiu ele. — Ela às vezes escorrega.

Ela deu um passo à frente e escorou a escada com o pé quando ele começou a subir, movendo-se com surpreendente agilidade para um homem daquele peso e tamanho. Quatro degraus acima, ele se inclinou para a frente e agarrou uma longa vareta de madeira que estava encostada contra a parede, segurando-a com uma das mãos enquanto usava a outra para firmar-se durante a subida; o movimento de sua batina permitia a Layla a nítida visão da calça dele e de seu traseiro. Um grupo de turistas que passava por ali formou um círculo ao redor do omphalos, uma bacia de mármore

esculpido e decorada, situada no centro do pavimento, de acordo com a tradição grega de marcar o ponto central do mundo.

— Ele atrai as pessoas menos prováveis, você sabe — informou o padre Sergius quando alcançou o topo da escada. — William de Relincourt. No ano passado recebemos a visita de um cientista italiano que queria examinar toda a igreja com um... qual é mesmo o nome daquelas coisas para medir a radiação?

— Contador Geiger?

— Exatamente. Ele estava convencido de que William havia escondido aqui o que restara de uma espaçonave alienígena e que ela ainda estaria enterrada em algum lugar. Um homem completamente louco.

Ele começou a erguer a vareta, agarrando uma ponta com a mão esquerda enquanto a forçava para a janela mais próxima, a três metros acima dele.

— E houve também um grupo de americanos que acreditava que ele tinha encontrado uma passagem para outro mundo.

— Os Guardiões Sagrados do Portal Cósmico — disse Layla, com um imenso sorriso.

— Você já ouviu falar sobre eles?

— Eu vi a página deles na internet.

— São uns loucos. Completamente loucos. Nós até conversamos com um velho judeu que vem aqui todos os dias, pois acredita que Relincourt encontrou as tábuas dos Dez Mandamentos ou algo parecido. É o único judeu que já vi por aqui. Fica do lado de fora da Edícula, orando como se estivesse no Muro das Lamentações, o pobre velho tolo. Todos os dias.

Ele estava quase todo esticado agora, oscilando perigosamente sobre o penúltimo degrau, cutucando a trava da janela com a vareta,

tentando abri-la. Por três vezes a vareta escorregou da sua mão, até que ele finalmente conseguiu pressioná-la diretamente embaixo da trava, forçando a janela para fora e abrindo-a. Ao fazer isso, inclinou-se tanto para trás, que Layla teve a sensação desconfortável de que cairia bem em cima dela. Mas de alguma maneira conseguiu se equilibrar e, empurrando a janela, esperou até que os pombos a localizassem e voassem para fora de lá. Assim que as aves partiram, ele ergueu a vareta novamente, usando um gancho de uma de suas extremidades, fechou a janela. Depois desceu com dificuldade, ofegando.

— Precisamos de uma escada maior — ele bufou, encostando a vareta na parede e limpando sua batina. — Estou sempre dizendo isso. Mas vêm os católicos e dizem que não precisamos de outra, os sírios que não podemos pagar por uma, e os armênios e coptas não concordam se deveria ser uma de madeira ou de metal, e assim nada é comprado. Acredite, comparado com algumas das outras pessoas deste lugar, Relincourt pode ser considerado um modelo de bom senso e racionalidade. Você quer chá?

Ela recusou o convite, e, abandonando a vareta e a escada, os dois caminharam de volta para a Rotunda. Duas mulheres, uma mais idosa e a outra mais jovem, ambas vestidas de preto, estavam ajoelhadas no interior abarrotado da Edícula, acendendo os castiçais e orando. O jovem sacerdote grego havia desaparecido.

— Então — disse o padre Sergius, indicando-lhe a banqueta onde ela havia se sentado anteriormente e abaixando-se para se sentar ao lado dela — agora é a sua vez de barganhar. Você quer saber sobre William de Relincourt. Eu não sei se terei muita coisa pra lhe dizer, mas pode perguntar. Eu tentarei ajudá-la da melhor maneira possível.

Layla pegou seu bloco e sua caneta e, abrindo-o numa folha em branco, cruzou as pernas, apoiou o bloco no joelho e aguardou.

— A primeira coisa que gostaria de perguntar é sobre as fontes — disse ela. — Eu tenho pesquisado na internet, e, até onde pude

descobrir, Relincourt só foi mencionado por dois escritores medievais.

— Guilherme de Tiro e...

Ela vasculhou suas anotações, tentando encontrar o nome do viajante judeu.

— Benjamim de Tudela — disse o padre Sergius. — É este o nome. Você conhece o trecho escrito?

— Não de cor, mas sim, eu o li. Um tempo atrás.

Layla se curvou e pegou um punhado de folhas de papel em sua bolsa.

— Imprimi na noite passada.

Ela estendeu as folhas para ele, que, por sua vez, segurou-as sob a luz, para que pudesse ler seu conteúdo. Quando terminou, devolveu o material.

— Até onde pude descobrir — disse ela —, Balduíno, ou Badoiun, como Benjamim o chamava, foi rei de Jerusalém de 1100 a 1118.

O padre Sergius confirmou, acenando com a cabeça.

— O que significa que tanto Benjamim quanto Guilherme de Tiro escreveram seus textos mais ou menos uns sessenta ou setenta anos depois dos acontecimentos que relataram.

Ele pensou por mais um momento e meneou afirmativamente a cabeça. — Correto.

— Então haveria mais alguma coisa? — perguntou ela. — Alguma outra crônica que mencionasse Relincourt, que fornecesse mais informações? Algo que viesse a confirmar toda a história?

O sacerdote colocou as mãos na barriga, onde ficaram como enormes caranguejos rosados tomando sol em uma rocha.

— Não que eu saiba. Certamente nenhum outro cronista das primeiras Cruzadas o mencionou. Ekkehard de Aura, Alberto de Aachen e... ah, qual era o nome do outro?... Fulcher de Chartres. Todos permaneceram em silêncio. Guilherme de Tiro e Benjamim de Tudela parecem ser tudo que temos.

— E somente Benjamim diz algo sobre um tesouro escondido — concluiu Layla. — Guilherme de Tiro apenas menciona que Relincourt e o rei Balduíno entraram em algum tipo de disputa.

— Presumo que ambos tenham provavelmente ouvido diferentes versões da história — retrucou. — Isso sempre ocorre nas crônicas medievais. Especialmente quando escreviam anos mais tarde sobre algum evento específico, descrevendo isso de segunda ou terceira mão. Tiveram fontes diferentes e escolheram detalhes diferentes. É apenas um caso de ênfase.

— Então, qual a versão mais confiável nesse caso?

Ele ergueu as sobrancelhas. — É difícil assegurar, embora, colocando ambos na balança, eu diria que provavelmente Benjamim de Tudela. Seria possível concluir que ele apenas passou pela Terra Santa, diferentemente de Guilherme de Tiro, que, na verdade, morou aqui. Mas um detalhe extra sugere que ele provavelmente tenha ouvido uma versão mais minuciosa da história. O relato de Guilherme dá a impressão de que ele está apenas repetindo um antigo rumor.

Layla fez uma observação em seu bloco. — E o senhor acha que a história é verdadeira?

O padre Sergius deu de ombros. — Quem sabe? Não existem evidências para sustentar isso, mas também não temos motivos para não considerar. Benjamim foi um cronista extremamente escrupuloso. Não corria atrás de lendas ou histórias de pescadores, ou algo desse gênero. Sempre verificava suas fontes. Eu acredito nele.

Houve uma repentina explosão de flashes quando um grupo de turistas japoneses foi em massa para a Rotunda, tirando fotos do domo e da Edícula. Layla enroscou uma perna sob a outra, apoiando o caderno em seu joelho.

— O que nos leva à pergunta óbvia — disse ela. — Se a história de Benjamim for verdadeira, o que Guilherme realmente encontrou? O que seria esse... — Ela olhou para a folha impressa. — Esse "tesouro de grande poder e beleza, distinto de todo tesouro até então conhecido"?

O padre Sergius sorriu e, levando a mão à parte de trás da cabeça, começou a mexer na fita do laço de seu rabo-de-cavalo.

— Como você mesma disse, a pergunta é óbvia. E é a única que não posso responder, infelizmente. Embora eu acredite não se tratar de uma espaçonave.

Ele riu para si mesmo, os dedos brincando com a fita, tentando arrumar o cabelo de forma mais apropriada. Diante deles, as duas mulheres saíram da Edícula, após terminarem suas orações, e os turistas japoneses começaram a ocupar o interior do relicário já abarrotado, capaz de abrigar apenas quatro deles por vez. Os louvores e cânticos ouvidos por Layla quando entrou pela primeira vez na igreja já haviam acabado, deixando apenas um eco de vozes conversando, como se as pedras da igreja murmurassem entre si.

— Não — repetiu o padre Sergius, tendo ajustado o laço, para sua satisfação, e pousando as mãos de novo na barriga. — Eu não faço idéia do que William de Relincourt encontrou, da mesma forma como milhares de outras pessoas que têm especulado sobre o assunto nestes novecentos anos. Talvez uma relíquia antiga, talvez os ossos de algum santo do primeiro século, talvez um tesouro da primeira basílica bizantina... apenas suposições. Simplesmente não sabemos.

Layla estava batendo levemente a caneta na coxa.

— E o senhor diz que não há qualquer evidência física. Há algo na própria igreja?

Ele balançou a cabeça. — Se William de Relincourt esteve alguma vez aqui, não deixou rastros.

Ela levantou a caneta e cocou a sobrancelha.

— O que há embaixo de nós? — perguntou ela. — O que havia aqui quando Relincourt estava trabalhando?

Ele fitou o domo por um momento, os dedos tamborilando em sua barriga; então se ergueu e, indicando para que Layla o seguisse, atravessou a nave a passos lentos, gingando, até a Rotunda, onde tinham uma visão clara tanto da Edícula como da entrada principal da igreja.

— Um passeio rápido — disse ele. — Apenas para lhe dar uma noção geral do lugar. — Ele estendeu os braços, abarcando todo o edifício em volta deles.

— Na época da crucificação, pelo que sabemos, toda esta área ficava fora dos muros da cidade, cerca de cem metros para o sul. — Ele meneou a cabeça, indicando a direção. — De acordo com a Bíblia e os primeiros escritores cristãos, o Gólgota, a colina onde a crucificação foi executada, ficava lá. — Ele apontou na direção de uma capela elevada pela qual Layla havia passado antes. — Enquanto lá — disse apontando para a Edícula — existia uma pedreira abandonada, na qual vários judeus abastados construíam tumbas para si próprios. E foi em uma dessas tumbas, a de José de Arimatéia, que o corpo de Nosso Senhor foi sepultado.

O último dos turistas japoneses saiu da Edícula e correu para o Katholicon, as câmeras ainda emitindo flashes.

— Cem anos depois da crucificação, toda esta área se tornou um lugar de peregrinação e oração para os primeiros cristãos — continuou ele. — No ano de 135, contudo, o imperador Adriano aplainou o local e construiu um templo para os deuses Juno, Júpiter

e Minerva. Permaneceu aqui por mais de duzentos anos, até que Constantino, o Grande, o primeiro imperador cristão, destruiu o templo de Adriano e construiu uma magnífica igreja no seu lugar, incorporando todos os lugares sagrados.

Mais uma vez ele apontou em direção à capela elevada e à Edícula.

— A igreja de Constantino foi, por sua vez, destruída pela invasão persa de 614. Foi reconstruída dois anos depois, derrubada por um terremoto, reconstruída, derrubada pelo califa fatímida Al-Hakim, reconstruída e derrubada por diversas vezes, até que, finalmente, os cruzados chegaram e ergueram a estrutura que vemos hoje, a qual foi terminada em 1149. Mesmo essa sofreu intensas alterações nos anos seguintes. O domo da Rotunda, por exemplo, e a Edícula, datam ambos principalmente do século XIX.

Layla escrevia furiosamente em seu bloco, tentando manter-se atenta ao que ele falava.

— O que quero demonstrar com isso — disse ele, batendo o pé no chão — é que, embaixo de nós, encontram-se vestígios de mais de mil anos de construção e reconstrução, bem no local da primeira fundação. Quem pode saber o que Relincourt encontrou quando começou a cavar? Judeus, romanos, os primeiros cristãos, os bizantinos, os persas, os muçulmanos — qualquer um deles poderia ter enterrado alguma coisa aqui, que William posteriormente desenterrou. E, é claro, antes deles havia os cananeus, os jebuseus, os egípcios, os assírios, os babilônios e os gregos. Todos eles estiveram em Jerusalém em algum momento da história. O fato é que nós simplesmente não sabemos o que havia aqui embaixo ou se alguém deixou algo aqui. E, para ser honesto, duvido que um dia saibamos. O que, naturalmente, torna a história atraente.

Ele ficou em silêncio, mexendo em um botão de sua batina. Dois monges coptas passaram por eles apressados, usando seus característicos solidéus pretos e com suas cruzes de madeira entalhadas. Layla terminou de redigir e começou a verificar suas anotações, intrigada e frustrada na mesma medida.

— É como tentar montar um quebra-cabeça onde metade das peças está faltando e não se sabe nem mesmo a forma que devem ter — murmurou ela.

— E montando de olhos vendados.

O padre Sergius sorriu. — É assim a história. Um gigantesco quebra-cabeça.

De algum lugar nos fundos eles ouviram estalos de uma bengala sobre o piso de pedra, e o som aumentava cada vez mais, até que, por fim, um idoso passou por eles a caminho da Rotunda, cruzando a Edícula. As costas dele estavam curvadas, e a pele do rosto coberta de pequenas manchas senis. Ele parou diante do relicário, pôs um kipá e pegou um pequeno livro preto, e começou a orar, inclinando-se suavemente para a frente e para trás, murmurando para si mesmo, pendendo pesadamente sobre sua bengala.

— É esse o homem sobre o qual mencionei antes — disse o padre Sergius calmamente. — Todos os dias ele vem aqui, regularmente como um relógio. Convencido de que Relincourt encontrou as tábuas dos Dez Mandamentos, ou a Arca da Aliança, ou a espada do Rei Davi ou... ou já até esqueci o quê. Algum objeto judaico antigo. É isso o que esse tipo de história causa no final das contas: cumpre alguma necessidade interior, alguma esperança que não pode ser resolvida no mundo real.

Permaneceram observando o homem por um instante, e depois Layla olhou novamente para suas anotações, percorrendo as folhas do bloco. — Benjamim de Tudela diz que Relincourt não estava "de maneira alguma aprovando o tratamento dos judeus" — disse ela. — O que isso significa?

O padre Sergius sorriu tristemente, olhando para cima, para o domo. — Os cruzados tratavam os judeus de forma apavorante — disse ele com um suspiro.

— Massacraram milhares deles quando fizeram o caminho de volta para a Europa. Milhares e milhares. Assim que conquistaram Jerusalém, agruparam toda a população de judeus da cidade na sinagoga principal e a incendiaram, matando todos. Homens, mulheres, crianças. Todos eles. — Ele balançou a cabeça. — Fizeram o mesmo com os muçulmanos. Comenta-se que as mesquitas ficaram banhadas de sangue. Você poderia imaginar que uma coisa dessas, tanto horror compartilhado, teria unificado as duas religiões. Mas aí você vê o que está acontecendo nos dias de hoje... — Ele ergueu a mão e coçou a testa. — A Terra Santa de Deus e tanto sofrimento. Sempre tanto sofrimento.

Ele continuou a coçar a testa por um momento e então abaixou a mão e voltou-se para Layla.

— Está na minha hora de começar a preparar o culto do meio-dia.

— É claro — disse Layla. — Obrigada pelo tempo disponibilizado.

— Eu só não tenho certeza de tê-la ajudado.

— Ajudou sim — respondeu. — E muito.

Ela guardou o bloco dentro da bolsa e a colocou em seu ombro.

— Continue a escrever — disse ele. — Fará a diferença.

Ela sorriu e, erguendo a mão em despedida, virou-se para partir.

— Um fato interessante para seu artigo — ele disse por fim. — Hitler estava totalmente obcecado por ele, aparentemente. William de Relincourt. Tinha uma equipe de pesquisadores acadêmicos estudando essa história, tentando descobrir o que Relincourt teria encontrado e o que aconteceu. Estava convencido de que se tratava de algum tipo de arma secreta, que poderia ser usada contra os judeus. É o que conta a história. Como eu falei antes, Relincourt atrai as pessoas mais estranhas. Desejo-lhe tudo de bom, Srta. al-Madani...

Ele acenou para ela e, unindo as mãos nas costas, caminhou em direção ao Katholicon.

LUXOR

Alô? Alô? Sim, sou o inspetor Yusuf Khalifa, da Força Policial do Egito. Acho que falei com você... Khalifa. Não, Khalifa. Kha-li-fa. Exatamente. Estou tentando encontrar alguém que possa me ajudar sobre um caso em que estou trabalhando, envolvendo uma mulher de nacionalidade israelense. O quê? Não, um caso em que estou trabalhando... Você fala outro idioma? O quê?... Sim, OK. Eu aguardo, obrigado, obrigado.

Khalifa segurou o fone entre a cabeça e o ombro e, estendendo a mão, apanhou um cigarro do maço à sua frente, estalando a língua em sinal de frustração. Passou mais de uma hora tentando, em vão, rastrear alguém na Força Policial de Israel que pudesse ajudá-lo com os detalhes do passado de Hannah Schlegel, sendo transferido de departamento em departamento e de pessoa para pessoa até que, finalmente, voltou ao lugar de onde começara, na sede da Polícia Nacional, em Jerusalém. Foi atendido por uma mulher com pouca fluência em qualquer idioma, muito menos em árabe. Ele teve o pressentimento de que, por ser egípcio, eles não o estariam levando a sério, como fariam se fosse o caso de um americano ou

europeu. Acendeu um cigarro, tragou e exalou, aborrecidamente, a fumaça, ouvindo o silêncio do outro lado da linha.

— Alô? — chamou, pensando que talvez a linha tivesse caído. — Alô?

Alguém do outro lado da linha resolveu falar:

— Eu pedi que aguardasse — disse uma mulher, de voz severa, como se estivesse falando a uma criança desobediente "Que coisa feia; não faça mais isso".

A linha ficou muda novamente.

— Droga — resmungou Khalifa, mordiscando o filtro de seu cigarro, a mandíbula cerrada em sinal de aborrecimento. — Eu estou tentando ajudar você, ora bolas. Estou tentando ajudar você, mulher!

Ele deu uma nova tragada e deixou-se cair sobre a cadeira, olhando para o pôster acima com a imagem desbotada da Pirâmide de Degraus de Djóser, na parede oposta; depois olhou para sua mesa, onde os objetos que havia trazido da casa de Jansen estavam expostos em uma linha reta diante dele — os negativos das fotografias, o panfleto, o testamento e a pistola. A única coisa que faltava era a barra de ouro, que ele havia deixado aos cuidados de um certo Sr. Mohammed Hasoon, especialista em ouro maciço do Banco Misr, e que tinha prometido tentar descobrir algo sobre a águia e a suástica gravadas na superfície.

Dos objetos remanescentes, o testamento de Jansen se revelou, de imediato, o mais útil. Continha instruções detalhadas para a venda das propriedades do falecido e de outros bens, desde o procedimento disso, à doação da herança para várias pessoas e organizações, incluindo o pessoal do Menna-Ra, a faxineira do falecido, a Sociedade de Horticultura Egípcia, o Museu de Luxor e, algo incongruente, o Hospital Veterinário Brooke, que cuidava, sobretudo de cavalos e macacos.

De longe, a herança maior — incluindo, segundo Khalifa pôde perceber, a maior parte do espólio do falecido — iria para uns tais de Anton e Inga Gratz "pelo apoio a essas causas que nós todos sustentamos com tanto apreço". Carla Shaw, a gerente do Menna-Ra, havia mencionado alguns amigos de Jansen, um deles chamado Anton, e Khalifa presumiu que deveriam ser a mesma pessoa. Mais interessante: o endereço mencionado dos Gratz no testamento, Rua Orabi, nº. 16, ficava no distrito de El-Maadi, no Cairo. O telefone público cujo número aparecia tão freqüentemente na conta telefônica de Jansen também ficava naquele distrito, e, depois de verificar o local preciso junto à companhia telefônica, Khalifa descobriu que estava instalado literalmente do outro lado da rua do apartamento dos Gratz, sugerindo que eles eram as pessoas com quem Jansen vinha falando com bastante regularidade. Outras investigações revelaram que os Gratz não possuíam telefone — o que presumia o motivo de usarem telefones públicos — e, portanto, Khalifa contactou os vizinhos de ambos os lados do mesmo andar, pedindo-lhes que colocassem um bilhete para ele embaixo da porta dos Gratz para que contactassem a Polícia de Luxor imediatamente. Mas até o momento ele não tivera qualquer retorno.

Dos objetos em sua mesa, a pistola foi identificada pelo Sr. Salah, o especialista em balística da delegacia, como uma 9mm Walther P38 semi-automática — uma peça raramente vista nos dias de hoje, aparentemente, embora fosse, segundo Salah, muito procurada entre os colecionadores de armas de fogo, sendo a Walther P38 a arma oficial dos militares da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. A arma havia sido mantida limpa e lubrificada e estava perfeita para uso; a cartucheira, para oito balas, estava cheia. Juntamente com tantos outros aspectos do mundo de Jansen, aquela informação serviu para levantar ainda mais dúvidas do que fornecer respostas.

Não houve tempo para descobrir algo sobre os dois últimos objetos, o panfleto e o negativo, e, curvando-se para a frente agora, Khalifa apanhou esse último e o segurou contra a luz, dando baforadas com seu cigarro, a mão esquerda ainda segurando o telefone. A imagem

da tumba estreita e escura aos pés de um muro de pedra não significava nada para ele, e, depois de observá-la por um momento, perguntando se realmente tinha alguma relevância, recolocou o negativo sobre a mesa e pegou o panfleto. Leu lentamente o texto, perplexo, como havia ficado na primeira vez que o teve nas mãos, considerando o contra-senso de uma pessoa com a evidente formação de Jansen misturar-se com um agitador fundamentalista como o Sheik Omar Abd-el Karim. Ele estava acabando de redigir uma observação para si mesmo, a fim de fazer uma visita rápida à reunião que o panfleto noticiava, quando alguém falou do outro lado da linha:

— Você já contactou a embaixada de Israel no Cairo?

— Foi a embaixada de Israel que me deu o telefone de vocês — replicou Khalifa, jogando a cinza do cigarro no cinzeiro e tentando não perder a paciência.

Ela o colocou na espera novamente, apenas por quinze segundos desta vez; depois retornou e perguntou se ele conhecia o último endereço da vítima, ou o "lugar onde ela morava antes de morrer", o que para ele tinha o mesmo significado. Ele apanhou o arquivo do assassinato de Schlegel do outro lado da mesa e folheou as páginas.

— Rua O-hor Har Chime, nº. 46 — leu para a atendente, lutando com as palavras pouco conhecidas. — Apartamento 4. — Foi preciso repetir duas vezes para que a mulher compreendesse.

— Ohr Ha-Chaim — disse ela. — Fica na Cidade Antiga. Você precisa entrar em contato com a Delegacia de Polícia Davi.

Ela lhe forneceu o número do telefone.

— Você tem o nome de alguém para contato?

— Peça para falar com o Departamento de Investigações. Eles vão te ajudar.

— Se possível, eu gostaria de um nome — pressionou Khalifa, ciente de que sem um ele estaria sujeito a terminar sendo posto de lado por alguma secretária. — Alguém com quem eu pudesse falar diretamente. Qualquer um. Por favor.

A mulher deixou escapar um suspiro de exasperação, sem fazer esforço para disfarçar o fato de pensar nele como um estorvo. Colocou-o na espera pela terceira vez e, finalmente, retornou e disse um nome, que Khalifa escreveu em um bloco diante dele.

— E ele é um detetive? — perguntou.

— É sim — disse ela bruscamente, e desligou.

Ele colocou o fone no gancho e acendeu outro cigarro, murmurando para si mesmo, e todas as suas piores suspeitas sobre os israelenses foram confirmadas. Deu mais algumas baforadas e, em seguida, pegou o telefone novamente e discou o número que a mulher havia informado. O telefone chamou sete vezes antes que alguém atendesse.

— Boa-tarde — disse ele. — Sou o inspetor Yusuf Khalifa, da Força Policial do Egito. Posso falar com... — Ele deu uma olhadela no rascunho diante dele. — Detetive Ar-i-eh Ben-Ro-ie.

Jerusalém

O telefone estava tocando quando Ben-Roi entrou na sua sala de trabalho, o que poderia ter feito sem o torpor que sentia por causa de duas cervejas que tinha bebido no caminho para a delegacia, e sem mencionar o sentimento de melancolia que ele sempre vivenciava depois de visitar o túmulo de Galia. Atendeu, amaldiçoando quem quer que estivesse do outro lado da linha.

— Ken.

— Detetive Ben-Ro-ie?

— Ben-Roi — corrigiu o israelense, abrindo uma carranca. Quem seria aquele debilóide?

— Desculpe. Sou o inspetor Yusuf Khalifa, da Força Policial do Egito. Eu soube de seu nome pela Central de Polícia.

Ben-Roi não disse nada.

— Alô?

— Ken.

— O senhor fala inglês, Sr. Ben-Roi?

— Ata medaber Ivrit?

— Como?

— O senhor fala hebraico?

— Sinto muito, mas não.

— Então parece que terei que falar em inglês. O que você quer?

Khalifa deu uma tragada no cigarro. Estava falando com o homem há menos de quinze segundos e já não estava gostando dele.

— Nesse momento estou investigando um caso que envolve um cidadão israelense — disse ele, esforçando-se para manter um tom civilizado. — Um caso de assassinato.

Ben-Roi transferiu o fone para a mão esquerda e, com a direita, retirou o cantil do bolso.

— E?

— A vítima era uma mulher chamada Hannah Schlegel. Foi assassinada em 1990.

Ben-Roi bufou. — E você está investigando isso agora?

— Não, não, o senhor entendeu mal. Nós investigamos na época. Um homem foi condenado. Mas agora surgiram novas evidências e estamos reexaminando o caso.

Ben-Roi tirou a tampa do cantil e tomou um gole.

— Vocês condenaram a pessoa errada?

Era mais uma acusação do que uma pergunta. Uma imputação de incompetência profissional. Khalifa rangeu os dentes.

— É o que estou tentando descobrir neste momento.

Ben-Roi tomou outro gole.

— E o que você quer de mim?

— Estou tentando conseguir... como posso dizer isso?... algumas informações sobre o passado da vítima. Trabalho, família, amigos, interesses. Qualquer coisa que possa me ajudar a estabelecer o motivo para o assassinato.

— E?

— Como?

— Por que você está telefonando pra mim?

— Ah, entendo. Bem. A vítima vivia na... — Khalifa olhou novamente para o arquivo à sua frente. — Rua Ohr Ha-Chaim. Número 46, apartamento 4. Fui informado de que esse endereço está sob... Como posso dizer isso? Os cuidados de sua delegacia.

Ben-Roi reclinou-se, erguendo a mão livre para coçar a testa. Mas que inferno! Isso era a última coisa de que ele precisava: ser

envolvido numa investigação em parceria com algum árabe. Amadores todos eles. Amadores imbecis. Ele nunca deveria ter atendido àquela ligação.

— Estou ocupado no momento — disse ele rispidamente. — Pode ligar depois?

— Hoje, mais tarde?

— Na próxima semana.

— Receio que o assunto não possa esperar muito tempo — respondeu Khalifa, percebendo estar sendo posto de lado e recusando-se a aceitar. — Talvez um de seus colegas possa me ajudar. — Alguém um pouco mais profissional, ele desejou dizer. E que tenha mais orgulho de seu trabalho. — Ou talvez seja melhor eu falar com o seu superior — acrescentou.

O olhar zangado de Ben-Roi se ampliou com um ranger de dentes. Árabe insolente dos infernos! Afastou o fone e olhou furiosamente para o aparelho, tentando simplesmente colocá-lo de volta no gancho, para desligar na cara do homem. Entretanto, ele pressentiu que não se livraria dele tão fácil assim. Mas por que cargas d'água ele não deixou o telefone ficar tocando?

— Inspetor Ben-Roi? — a voz de Khalifa ecoou pelo aparelho.

— Sim, sim — rosnou Ben-Roi, tomando um último gole do cantil e rosqueando novamente a tampa. — OK, diga o nome e o endereço novamente.

Ele apanhou uma caneta e começou a escrever enquanto Khalifa repetia os detalhes de Schlegel.

— E quando ela foi assassinada?

— Dez de março de 1990. Eu posso enviar para vocês as anotações do caso, se isso for ajudar.

— Esqueça — disse Ben-Roi, ciente de que, quanto mais informação recebesse, mais trabalho seria obrigado a fazer. Algumas ligações, talvez uma rápida visita ao antigo endereço da mulher... isto até onde pretendesse ir. E, se não fosse o suficiente, bem, era problema do árabe. Foi ele que fodeu com tudo, afinal.

— Mais uma coisa que você deve saber — Khalifa continuou. — Nosso principal suspeito no caso é um homem chamado Piet Jansen. Qualquer conexão que você possa encontrar entre ele e Hannah Schlegel seria muito útil. Isto é...

— Ah, tá, tá. Entendi — disse Ben-Roi. — Piet Hansen.

— Jansen — corrigiu-o Khalifa, sem mais se preocupar em mascarar o aborrecimento em sua voz. — J... A... N... S... E... N. O senhor entendeu direito?

Ben-Roi cerrou os punhos. — Entendi — resmungou.

Khalifa deu uma tragada, furioso, em seu cigarro, aspirando bem fundo antes de amassá-lo no cinzeiro diante de si.

— O senhor vai precisar dos meus dados de contato.

— É, eu acho que sim — respondeu Ben-Roi, mostrando-se irritado. Khalifa os forneceu.

— E os seus? — ele pediu.

Ben-Roi informou seu e-mail.

— Celular?

— Não tenho — disse o israelense, olhando para o seu Nokia. Khalifa sabia muito bem que ele estava mentindo, mas não via sentido em arrumar uma confusão por causa disso; então simplesmente disse que apreciaria se Ben-Roi pudesse tratar o assunto com a máxima urgência possível.

— Com certeza — resmungou o israelense.

Houve um silêncio, a linha entre eles parecia romper-se em mútua antipatia, e então Ben-Roi disse que, se tudo havia sido dito, ele tinha muito trabalho a fazer. Khalifa agradeceu, secamente, e ambos fizeram menção de desligar.

— Uma pergunta!

A voz de Khalifa ecoou novamente no fone. Mas que inferno, pensou Ben-Roi.

— O quê?

Khalifa estava remexendo no arquivo diante dele.

— Uma coisa que não compreendi. No braço da vítima. Havia uma... Como posso dizer isso?... Grafitagem?

— Tatuagem?

— Exatamente.

Khalifa encontrou a fotografia em preto-e-branco do braço da mulher morta e a levantou, segurando a imagem diante dele.

— Tem alguns números. Quatro-seis-nove-seis-seis. Com um triângulo na frente. Isto é algum ritual judaico?

Ben-Roi reclinou-se na cadeira, balançando a cabeça. Ignorante estúpido, árabe anti-semita.

— É um número recebido em um campo de concentração. Os nazistas tatuavam os braços dos prisioneiros judeus durante o Holocausto. Entretanto, considerando-se que vocês não acreditam que o Holocausto realmente existiu, isto provavelmente não terá nenhuma utilidade pra você. Alguma outra coisa?

Khalifa estava analisando a fotografia diante dele.

— Alguma outra coisa? — repetiu Ben-Roi, mais alto.

— Não — respondeu Khalifa. — Nada mais.

— Então eu entro em contato.

A linha ficou muda. Khalifa continuou observando a foto por um momento, o olhar se prolongando sobre os cinco dígitos exibidos ao longo da pele da mulher morta, como uma procissão de formigas emergindo de um montículo triangular, e então a colocou de lado e pegou a pistola de Jansen. Ele também ficou examinando a arma por um tempo, com as sobrancelhas erguidas, até que, ao recolocá-la sobre a mesa, pegou a caneta e, sobre o rascunho ao lado do telefone, escreveu "Nazista" e "Holocausto", sublinhando cada palavra com duas linhas grossas.

Jerusalém

A

guerra entre israelenses e palestinos — e não se engane, é uma guerra — está sendo travada em diversos níveis, e com muitas armas diferentes. O que fica mais evidente, é claro, é o confronto físico: pedras contra fuzis Galil, coquetéis Molotov contra blindados Merkava, carros-bomba e ataques suicidas contra helicópteros Apache e caças F-16.

Contudo, existiam outros elementos que promoviam o conflito, os quais, se estivessem menos evidentes, não deixariam de ser relevantes. Diplomacia, religião, propaganda, economia, inteligência, cultura — todas são uma espécie de arena na qual o contínuo enfrentamento entre meu povo e nossos opressores israelenses se realiza diária e regularmente. Neste artigo, eu devo focalizar um dos menos prováveis teatros do conflito, e ainda assim, de muitas

maneiras, o mais crucial de todos, aquele que se situa no centro desta corrosiva controvérsia: a arqueologia.”

Layla fez uma pausa, os dedos suspensos sobre o teclado do laptop, revisando o que ela havia acabado de escrever, lendo as palavras em voz alta para ter certeza de que fluíam tranqüilamente e faziam sentido. Ela acrescentou uma frase: "Para os israelenses, a arqueologia, especificamente a confirmação da evidência que sustenta a existência de um Estado de Israel bíblico nas terras que agora eles ocupam, tem sido desde o princípio o componente chave de sua guerra contra os palestinos"; então, com um suspiro, afastou-se da mesa, levantou-se e foi até a cozinha para preparar um café.

O artigo, para o Palestine-Israel Journal, vinha sendo cuidadosamente elaborado em sua mente durante a última semana, desde o encontro com o rapaz, Yunis Abu Jish, no campo de refugiados em Kalandia. Era um bom material e, considerando sua habitual rapidez para escrever e o fato de que já havia planejado todo o desenvolvimento do conteúdo em sua cabeça, era um trabalho que já deveria ter sido terminado em duas horas ou menos.

Daquela forma, ela estava gastando muito mais tempo na produção do texto do que o usual, desde seu retorno do encontro com o padre Sergius, e, apesar de estar no início da noite, ela havia redigido apenas uma fração das duas mil palavras que pretendia escrever. Se fosse outro assunto, teria uma concentração melhor. As referências à arqueologia e à história, no entanto, eram uma constante recordação de tudo que envolvia William de Relincourt. Ela escreveria algumas palavras somente para impulsionar o raciocínio, afastando-a do trabalho à sua frente e fazendo com que se voltasse para Relincourt e o misterioso tesouro que ele supostamente havia encontrado enterrado debaixo do Santo Sepulcro. O que seria? Continuava a se perguntar. Qual a associação disso com al-Mulatham? E, antes de tudo, quem era o misterioso remetente que a alertou sobre aquela história? O quê? Como? Quem? As questões ecoavam em sua mente como um

retumbante sino que não parava de tocar, obstruindo sua concentração.

Preparou o café, seguindo o costume palestino, fervendo a água em um bule de cobre e adicionando café e açúcar, depois subiu até o telhado e ficou observando o lado leste sob o céu escuro, tentando desanuviar a cabeça. Sobre o Monte Scopus, as luzes da Universidade Hebraica já despontavam, intensas e monótonas, como se o topo da colina estivesse coberto de gelo; à direita, sobre o Monte das Oliveiras, a Igreja da Ascensão estava ainda visível, envolta por uma luz reconfortante, como um halo. Sorriu suavemente para si mesma, recordando a ocasião em que ela e o pai correram pela colina, desde a igreja até a Basílica de Getsêmani, abaixo; seu pai apostara um dólar que ela não conseguiria chegar lá embaixo primeiro. Ela conseguiu, com dificuldade, e, embora soubesse que ele perdera propositalmente, a consciência do fato não diminuiu o sentimento de triunfo enquanto cruzava a linha de chegada, erguendo seus pequenos braços e gritando euforicamente antes de, sem fôlego, exibir seu prêmio.

Como muitas das lembranças que ela tinha do pai, aquela era uma imagem ambivalente, repleta de felicidade e ao mesmo tempo de melancólico simbolismo. De certo modo, afinal, ela ainda estava participando daquela corrida. E sempre esteve, desde que ele morrera; seu pai sempre ombro a ombro com ela, assombrando-a, pressionando, nunca retrocedendo, por mais árdua que fosse a corrida. A diferença, no entanto, era que antes havia uma distância finita para ela percorrer, a linha de chegada claramente visível, com uma recompensa por seu esforço, mas agora havia... o quê? Nada. Nenhuma esperança de triunfo ou alegria, nenhuma diversão. Apenas uma corrida insana, o impetuoso desespero correndo a toda a velocidade, de vazio em vazio. E sempre com a lembrança de seu pai perseguindo-a, seu crânio destroçado, suas mãos amarradas nas costas, sentindo-se como um animal acorrentado rumo ao abate. Sempre perto dela. Sempre presente. Sempre a orientando.

Layla passou o braço nos olhos, enxugando as lágrimas que se juntavam ali, e olhou fixamente para o último e fraco facho de luz do

crepúsculo enquanto ele se dissolvia com a chegada da noite. Uma brisa tocou seu rosto; ela fechou os olhos, desfrutando do calmo frescor do ar noturno. Continuou ali por mais um tempo, desejando ser capaz de levantar-se de um salto no terraço e sair voando, escapar daquele círculo vicioso, deixar tudo para trás; então, com um suspiro, ela bebeu o café e desceu mais uma vez para a sala de trabalho, reclinando o corpo diante de seu laptop para ler o que estava escrito. Acrescentou algumas frases, sem entusiasmo, e então, percebendo que era perda de tempo, que estava preocupada demais, fechou o arquivo no qual estava trabalhando, afastou suas anotações e se conectou na internet, acessando a página do Google e digitando "William de Relincourt", no campo de pesquisa.

Ela passou as cinco horas seguintes visitando, na lista de resultados, as páginas mais relevantes sobre Relincourt, buscando alguma nova direção, algo que tivesse sido ignorado em sua primeira pesquisa através das páginas listadas da noite anterior. William de Relincourt e o Santo Graal, William de Relincourt e a Ordem Rosa-Cruz, William de Relincourt e os pergaminhos perdidos da Atlântida, William de Relincourt e a conspiração do Vaticano para dominar o mundo — ela visitou todos eles, cada assunto aparentemente mais bizarro do que o precedente. Se estivesse pesquisando excentricidades da Nova Era, História ou o Novo Misticismo, ela teria ganhado o dia. Mas nesse caso não encontrou nada que pudesse contribuir com os fatos por ela conhecidos.

Quando todas as informações referentes a William de Relincourt acabaram, ela começou a digitar referências cruzadas, ampliando o campo de busca: Guillelmus de Relincourt; Gillom de Relincar; Esclarmonde de Relincourt; De Relincourt judeus; Relincourt França De; De Relincourt Languedoc; De Relincourt C. E ainda nada. Algumas vezes não obtinha qualquer resultado; em outras, dezenas deles, mas todos irrelevantes; em outras ainda, surgiam resultados já visitados e passados para um caminho diferente.

Apenas uma referência provou ser, caso não fosse necessariamente útil, ao menos interessante. Era a tentativa com a combinação "Guillelmus Relincourt Hitler", digitada segundo a dica mencionada

pelo padre Sergius naquela manhã. Mais uma vez Layla foi confrontada por algumas teorias malucas, incluindo uma sugerindo que Relincourt havia desenterrado um tipo de arma secreta mágica, capaz de pulverizar a população judaica mundial, uma arma na qual, por motivos óbvios, Hitler estivera ansioso para pôr as mãos (e o autor também, a julgar pelo tom anti-semita do texto). Entre as bobagens, no entanto, havia um número de textos que pareciam mais plausíveis, nos quais Relincourt foi denominado como um exemplo da obsessão bem-documentada do Führer pela arqueologia e pelo ocultismo. A maioria das referências era breve e sem detalhes comprovados; mas um artigo, escrito por um francês chamado Jean-Michel Dupont, continha uma intrigante nota de rodapé, citada no diário de Dietrich Eckart, um idealista nazista e o homem para quem Hitler havia, aparentemente, dedicado o Mein Kampf:

13 de novembro de 1938.

Jantar da Sociedade Thule, Wewelsburg. Espíritos triunfantes depois dos eventos de 9-10, com WvS gracejando sobre a "destruição das esperanças dos judeus". DH disse que seriam mais do que destruídas se a coisa de Relincourt aparecesse, depois de longas discussões sobre os cátaros etc. Faisão, champanhe, conhaque. Argumentações de FK e WJ.

Algumas referências cruzadas revelaram que Wewelsburg era um castelo situado no noroeste da Alemanha, o quartel-general das forças do general Himmler; a Sociedade Thule era uma ordem quase esotérica, devotada à promoção da mitologia ariana; o evento de 9 de outubro foi a destruição em massa das propriedades dos judeus, a qual foi posteriormente denominada como "Kristallnacht" ("Noite dos Cristais"); e os cátaros, um nome com o qual já havia se deparado em diversos outros artigos, eram algum tipo de seita cristã herética que surgiu nos séculos XII e XIII (eles foram ativos principalmente na região do Languedoc, na França). As iniciais

WvS, FK e WJ, pelo que pôde descobrir, pertenciam a Wolfram von Sievers, Friedrich Krohn e Walter Jankuhn, acadêmicos nazistas e membros regulares da Sociedade Thule.

Todas essas referências eram extremamente interessantes. Mas, infelizmente, a parte do texto de cuja fonte ela realmente precisava, que nomeava o criador do artigo com as iniciais DH e o significado do "se a coisa de Relincourt aparecesse", era a única a respeito da qual ela não conseguia encontrar algo. Não havia qualquer telefone ou endereço de contato desse Jean-Michel Dupont, e, depois de navegar, em vão, por meia hora pela internet tentando esclarecer a questão, ela finalmente decidiu que tudo aquilo era apenas mais uma pista falsa e desistiu de continuar.

— Puta merda!!! — ela xingou, chutando com força a perna da mesa. — Que porra de coisa é essa que eu devo procurar? Caralho!

Já era quase meia-noite. Ela olhou para a tela, e seus olhos estavam muito cansados; então, ameaçou fechar o laptop, reconhecendo que não faria qualquer progresso naquela noite. Enquanto isso, mais pela exaustiva dificuldade de resolver o mistério do que por acreditar que lhe traria algum benefício, ela lançou uma combinação final de palavras no campo de pesquisa, a primeira que surgiu em sua cabeça, sem mesmo parar para refletir, apenas tocando nas teclas mecanicamente, como se a ponta de seus dedos tivessem vida própria: "Relincourt França tesouro nazistas segredo judeu." Ela aguardou por um momento, olhando para as palavras à sua frente, e então, mais por reflexo do que por uma razão óbvia, substituiu "Relincourt" por "William" e clicou em Pesquisar.

Este foi o primeiro resultado listado:

Sociedade de Estudos de História do St John's College... Professor Magnus Topping, com o atraente título "O Pequeno William e o Segredo de Castelombres: um conto sobre os nazistas, um tesouro... www.joh.cam.ac.uk/historysoc/lent.html

O site, como seu título sugeria, pertencia à Sociedade de Estudos de História do St John's College, em Cambridge, e consistia primeiramente em um longo, ou melhor, um florido relatório de atividades e eventos do semestre anterior, muitos dos quais, a julgar pelo acompanhamento de imagens em jpg de graduandos inebriados vestidos de toga e perucas de cor laranja, tinham pouco ou nada a ver com o estudo da história. Era possível ler no penúltimo parágrafo:

O discurso final nos termos abrangentes do discurso — não, cornucópia de discursos! — foi realizado pelo nosso próprio professor, Magnus Topping, com o atraente título: "O Pequeno William e o Segredo de Castelombres: um conto sobre os nazistas, um tesouro, os cátaros e a Inquisição. Nesta esclarecedora e tipicamente pitoresca descrição, o Professor Topping explicou como sua pesquisa sobre os relatos da Inquisição, no século XIII, revelou uma inesperada associação entre a lenda do tesouro dos cátaros e o conhecido "Segredo de Castelombres", este um castelo na região do Languedoc, na França, onde, de acordo com a lenda, um inestimável, ainda que indefinido, tesouro foi abrigado. Deste ponto de partida fomos conduzidos a uma fascinante excursão ao mundo do culto e dos mistérios judaicos, da arqueologia nazista e dos horrores viscerais da Inquisição católica (o Pequeno William foi particularmente um inquisidor brutal); o efeito geral não foi como os habituais seminários, mas, antes, um romance policial histórico, repleto de momentos dramáticos. Uma noite verdadeiramente memorável duplamente realizada, mediante o impressionante consumo de uma garrafa inteira de Lagavulin por nosso honorável palestrante! Ah, lamentamos por todos vocês que não puderam comparecer!

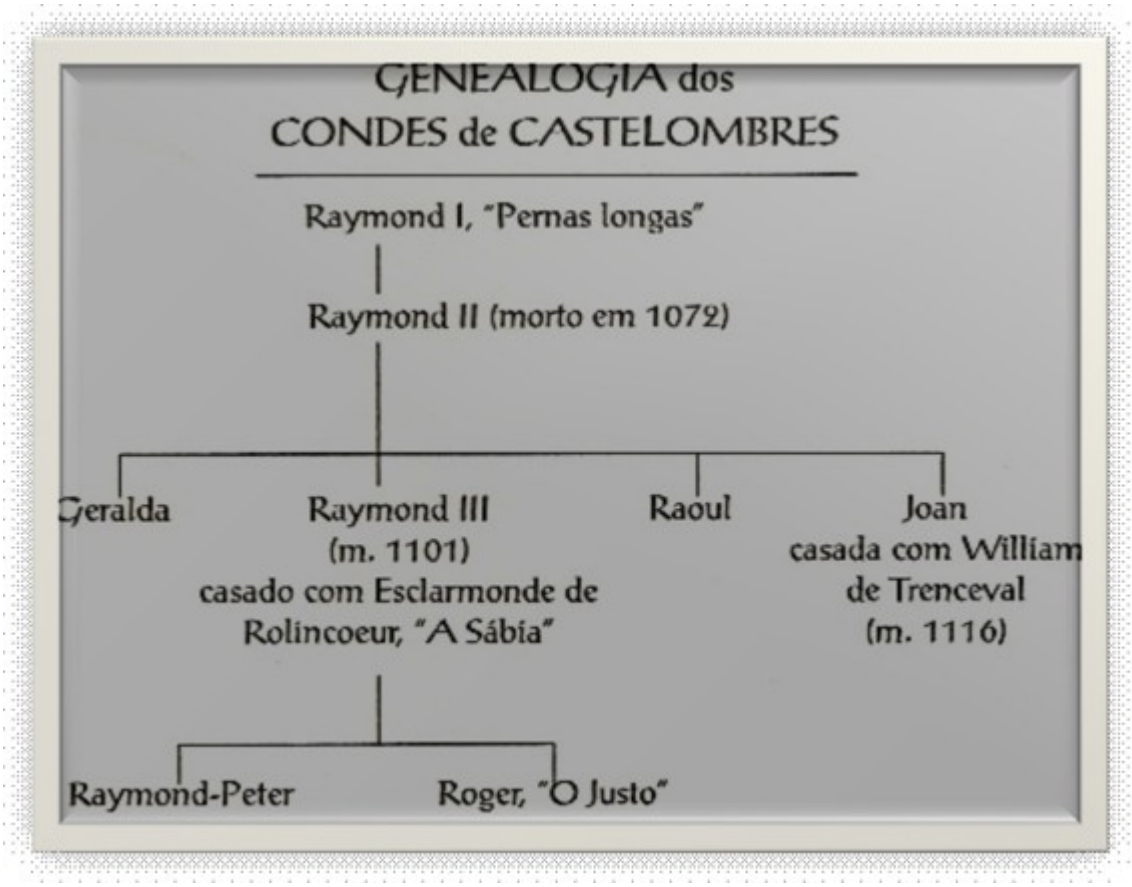
A reação imediata de Layla, ao ler aquilo, foi de diversão pelo afetado estilo infantil, unida à decepção pelo fato de que, ao contrário do inicialmente esperado, o William mencionado não tinha claramente nada a ver com o William de seu interesse. Isto foi um sinal de como estava exausta e lerda, sem mencionar o ceticismo após uma noite debatendo-se no atoleiro de uma história sem sentido. E foi somente na segunda leitura que as conexões entre o relatório e sua própria pesquisa começaram a surgir. E foi quando ela estava passando os olhos pela terceira vez que, como um coelho saindo da toca, o nome "Castelombres" repentinamente saltou da tela aos seus olhos.

Castelombres. Languedoc. C.

Por um momento permaneceu sentada onde estava, olhando fixamente o nome, assimilando, e então, com uma vertiginosa onda de adrenalina, começou a rever loucamente as anotações espalhadas sobre a mesa, arrancando a tradução da carta codificada e colocando-a sob a luz da lâmpada; seus olhos corriam pelo texto. Eu o envio aos seus cuidados por entender que estará a salvo em suas mãos, em C.

— Ai, meu Deus — ela sussurrou.

Voltou a ler o relato mais uma vez, cuidadosamente, fazendo anotações para si mesma; então, salvou aquela página da internet em sua pasta de favoritos e clicou novamente no Google, onde digitou "Castelombres" no campo de pesquisa. Seis resultados apareceram. Ela selecionou o primeiro, "Genealogia dos Condes de Castelombres". Por um longo momento a tela ficou em branco, e depois, como uma névoa se dissipando ante uma rajada de vento, uma árvore genealógica simples lentamente se materializou; na verdade era mais um arbusto de família, pois havia pouco mais de uma dúzia de nomes inseridos em seus ramos como galhos partidos. O que chamou sua atenção estava bem no centro da imagem:



Ela ficou observando atentamente por um momento, examinando e reexaminando, e então, com um estridente "Uau!", tanto de alívio como de prazer, bateu com o punho sobre a mesa.

— Te peguei! — gritou ela.

VILAREJO DE QUEYERAM, ENTRE LUXOR E QUS

O

s palestinos são nossos irmãos em Alá. Lembrem-se sempre disso. O sofrimento deles não é algo remoto ou uma abstração. É nosso sofrimento. Quando suas casas são destruídas, são as nossas

casas que são destruídas. Quando suas mulheres são violentadas, são as nossas mulheres que são violentadas. Quando suas crianças são massacradas, são as nossas crianças que morrem.

A voz do Sheik Omar Abd-el Karim, penetrante e comovente, ecoava pela mesquita do vilarejo, um lugar simples, de um único recinto, com paredes caiadas e o teto em forma de cúpula, no qual um círculo de tijolos de vidro colorido foi instalado, filtrando e suavizando o sol ardente da manhã; por isso o recinto estava envolto por uma luz nos tons azul, verde e cinza sombrio. Dezenas de homens, jovens na maioria, fellaheen, vestidos com djellabas e immam, ajoelhados nos tapetinhos que cobriam o chão, olhavam atentamente para o palestrante no púlpito; mantinham as mãos apertadas no colo, e os olhos radiantes demonstravam ódio e indignação. Khalifa ficou imóvel na porta dos fundos da mesquita, nem dentro nem fora, e seus dedos brincavam com uma caneta no bolso da jaqueta.

— É nosso dever como muçulmanos nos opormos aos yehudi-een com toda a nossa força — continuou o sheik, sua voz vacilando quase num falsete, seu dedo magro golpeando o ar. — Pois eles são uma raça ignorante, uma raça ambiciosa e mentirosa de assassinos, os inimigos do Islã. Não foram os judeus que rejeitaram o Santo Profeta Maomé quando ele veio para Yathrib? O Sagrado Alcorão não os amaldiçoa por causa de sua infidelidade e perversidade? Os Protocolos de Sião não estabelecem o desejo deles de dominar o mundo e tornar a todos nós escravos?

Ele era um homem idoso, corcunda e com uma barba enorme, vestindo um quftan preto e um chapéu redondo simplório, feito de tecido, com óculos baratos de aros de plástico pressionando a parte superior de seu nariz. Estava proibido de promover suas pregações em Luxor havia muito tempo — menos por seu anti-semitismo, suspeitava Khalifa, do que por seu franco ataque à corrupção no governo — e assim restringiu suas pregações às aldeias mais afastadas, viajando de vilarejo em vilarejo e pleiteando sua própria vertente do Islã fundamentalista.

— Não pode haver acordo com os sionistas — gritava ele com seu punho artrítico golpeando o atril. — Vocês falam com a cobra venenosa? Vocês fazem amizade com o touro bravo? É melhor que eles sejam amaldiçoados, sejam expulsos, eliminados da face da Terra como os animais peçonhentos que são. Este é o nosso dever como muçulmanos. Como diz o Sagrado Alcorão, "os incrédulos terão um castigo doloroso", e "eles serão entregues ao fogo e nele viverão eternamente".

Ouviam-se murmúrios de aprovação dos ouvintes sentados à sua frente. Um deles, um garoto com um bigodinho querendo despontar sobre o lábio — com quatorze ou quinze anos, no máximo — ergueu o punho cerrado no ar e gritou: "Al-Maoot li yehudi-een!” — Morte aos judeus! —, sendo seguido pelo restante do povo, e todo o recinto tremeu diante da entoação em uníssono: "Morte! Morte! Morte!" Khalifa permaneceu observando as reações, apertando os lábios; então, meneando a cabeça, saiu em direção ao pórtico coberto da mesquita, deslizou os pés para dentro dos sapatos, onde haviam sido deixados junto com os dos demais da congregação, arrumados em uma seqüência alinhada como carros em um congestionamento. Ele demorou mais um pouco, ouvindo, enquanto atrás dele o sheik convocava o povo para uma Jihad, uma Guerra Santa, contra os israelenses e todos aqueles que os apoiavam; em seguida saiu para o causticante sol da manhã.

Sentia-se enojado com o que acabara de ouvir. Como não poderia se sentir? Usar os ensinamentos do Santo Profeta para incitar violência e ódio, citar o Alcorão para legitimar o fanatismo, o preconceito e a intolerância, aquilo era algo que ele rejeitava com todas as células e com toda a energia de seu corpo.

E ainda... e ainda...

Havia uma parte dele que concordava com aquilo? Uma parte dele que, quando ouvia notícias de algum palestino assassinado pelos israelenses, de uma outra família desabrigada, de uma outra terra desapropriada para o estabelecimento de um novo assentamento, também desejava erguer o punho e gritar por vingança e destruição,

entoando "Morte, morte, morte!" junto com seus irmãos muçulmanos?

Suspirou e acendeu um cigarro, agachando-se em um trecho de sombra discreto que se projetava ao lado da entrada da mesquita. Nunca antes havia vivenciado tanta confusão interior, sobre o lugar a que pertencia, sobre no que acreditava e sobre no que deveria acreditar. Mesmo em seus momentos de maior desespero — a esmagadora pobreza de sua juventude, a morte de seus pais e do irmão mais velho, o abandono forçado de seus estudos na Universidade do Cairo—, sempre existiu um âmago de certeza interior, uma semente de segurança e solidez. Mas agora cada rumo tomado em sua investigação, cada caminho percorrido - judeus, israelenses, fundamentalistas —, parecia abrir fendas ainda mais largas na percepção de si mesmo. Ande sempre na direção do que teme. Foi o que Zenab lhe disse. E busque sempre o que não compreende. Porque é assim que crescemos e nos tornamos uma pessoa melhor. Mas ele não sentia que estivesse crescendo com isso. Pelo contrário, a impressão que tinha era de que tudo em seu interior estava se despedaçando, fragmentando-se, como um espelho quebrado em uma série de pedaços e partes contraditórias, as quais, mesmo quando o caso estivesse finalmente encerrado, ele duvidava que fosse capaz de reunir novamente em um todo reconhecível.

Ainda na frente da mesquita, pegou o cigarro e olhou a rua empoeirada de um lado ao outro. O vilarejo ficava a apenas vinte quilômetros ao norte de Luxor, mas poderia também ser um lugar bem diferente; era um lugar caindo aos pedaços, com muros em ruínas, matagais e cercas para animais; a construção atrás dele era a única estrutura que dava a sensação de solidez e estabilidade. Com suas roupas modernas e aparência do Baixo Egito — pele clara e cabelos lisos —, ele destoava dos demais, de pele escura, tradicionalmente vestidos como os habitantes de Saidee, um fato que só aumentava seu sentimento de alienação e mal-estar.

— Droga — resmungou ele, desanimado. — Mas que droga.

Mais vinte minutos se passaram, até que o sermão finalmente chegou ao fim. A congregação recitou o shahada, cantou "Al-salamu alekum wa rahmat Allah" e começou a mover-se na direção da porta principal, empurrando e se apertando enquanto se esforçava para recuperar seus sapatos. Khalifa ficou de pé e descalçou seus sapatos mais uma vez, colocando-os sob o pórtico para tentar entrar novamente, entre a multidão, na mesquita, ignorando os olhares desconfiados que lançavam sobre ele. O sheik tinha descido do púlpito e encontrava-se afastado, no lado esquerdo do recinto, apoiado em uma bengala, conversando animadamente com um pequeno grupo de seguidores. Khalifa conhecia muito bem o risco de confrontá-lo daquela maneira: alguns anos atrás, seus seguidores espancaram violentamente dois policiais à paisana que tentaram se infiltrar em uma das mesquitas perto de Qift. Havia a alternativa de invadir com uma carreta cheia de policiais uniformizados e arrebatar o velho, levando-o sob custódia. Isto seria um ato provocativo, considerando a popularidade do sheik e a natureza violenta desses tipos de vilarejos afastados, e poderia despertar um intenso motim. Khalifa preferia optar por uma medida menos intempestiva, mesmo que ela contivesse algum elemento de risco pessoal.

Demorou-se na entrada por um instante e depois começou a atravessar o recinto, sem fazer barulho com os pés. Estava quase ao lado do grupo quando um deles percebeu a sua presença. Os homens ficaram em silêncio e se viraram para ele.

— Sheik Omar?

O velho homem o fitou, piscando por trás dos óculos.

— Sou o inspetor Yusuf Khalifa, da polícia de Luxor.

O grupo de seguidores se moveu de forma suave, imperceptivelmente, estreitando-se ao redor de seu líder. A desconfiança irradiava daqueles homens como o calor de um braseiro. O sheik o fitava, inclinado em ângulo discreto como uma árvore centenária.

— Você veio me trazer alguma ordem de prisão? — perguntou ele, mostrando-se mais de bom humor do que preocupado.

— Estou aqui para falar com o senhor — respondeu Khalifa. — Sobre um homem chamado Piet Jansen.

Alguém do grupo deu um assovio estridente, um homem robusto como um touro, com olhos muito próximos um do outro, e sardas espalhadas nas maçãs do rosto.

— Ya kalb! — vociferou ele. — Seu animal! Este é um homem santo! Como ousa insultá-lo desse jeito!

O homem avançou meio passo, os ombros estendidos, aprumando-se. Embora Khalifa soubesse muito bem como encarar um desafio tanto quanto estava ciente de que retroceder seria uma admissão de fraqueza, ele lutava contra o medo para se impor. Manteve-se firme, portanto, enquanto simultaneamente erguia a palma das mãos para demonstrar que não queria problemas. Houve um breve e tenso silêncio; então, lentamente, colocou a mão no bolso, exibiu o envelope que guardava o panfleto e, como se oferecesse um osso para um cão rosnando, estendeu-o em direção ao sheik.

— O senhor enviou isso ao Sr. Jansen — afirmou ele.

Houve mais uma pausa desconcertante, e então, com um aceno discreto, o sheik fez menção de que o homem sardento pegasse o envelope e o entregasse para ele. Virou o envelope em sua mão, piscando enquanto analisava o endereço.

— Não é a minha letra — respondeu, olhando para cima.

Ele estava brincando de gato e rato, desafiando Khalifa a persegui-lo.

— Eu não estou interessado em quem enviou o envelope — disse o detetive. — Estou interessado no motivo do envio.

Um outro indivíduo do grupo, um homem pequeno e robusto, com um schal branco na cabeça, pegou o envelope das mãos do sheik e devolveu-o a Khalifa.

— Você não ouviu? Não é a letra dele! Como ele pode saber por que isso foi enviado?

— Porque um panfleto convidando para uma dessas reuniões não seria enviado a um kufr como Jansen sem permissão — disse Khalifa, pegando o envelope e guardando-o em seu bolso. — Como ele bem sabe.

Seu tom de voz foi mais cortante do que pretendia, mais confrontador, e os seguidores do sheik não gostaram. Novamente resmungaram em sinal de desaprovação, o murmúrio desta vez como o estopim de uma bomba. Explodindo em um berro, o homem aproximou-se de Khalifa gritando e o empurrando; o ódio parecia se alimentar e encorajar a si próprio. O sheik bateu com a bengala firmemente na lateral do atril, o som de madeira contra madeira ecoando pelo recinto como um disparo de arma de fogo.

— Halas! — vociferou ele. — Basta!

Tão repentinamente quanto começou, a comoção se dissipou, e os homens se afastaram para os lados e para trás, deixando Khalifa e o sheik encarando um ao outro. Houve um longo silêncio, interrompido apenas pelo som de um burro zurrando do lado de fora. Então o sheik acenou para seus seguidores.

— Deixem-nos a sós.

O homem com sardas começou a protestar, mas o sheik repetiu sua ordem, e ele saiu protestando da mesquita, resmungando entre os demais. Quando ficaram sozinhos, o velho retirou seu Alcorão do púlpito e saiu mancando em direção a uma parede distante onde se abaixou sobre uma almofada no chão.

— Você é mesmo muito estúpido, e também muito corajoso, de aparecer por aqui desse jeito — disse, posicionando o livro e a

bengala sobre o colchonete ao lado dele, colocando a perna manca cruzada sobre a outra. — Talvez um pouco dos dois. Embora mais estupidez do que bravura, eu acho. E arrogante. Como todos os policiais.

Ele pegou o Alcorão novamente e começou a folhear as páginas do livro. Khalifa se aproximou e agachou-se diante dele, afastando uma mosca que pairava sobre a sua cabeça e estava agora fazendo piruetas pelo ar. O burro continuava zurrando do lado de fora.

— Você desaprova o meu discurso? — perguntou o velho, ainda folheando as páginas do Alcorão.

Khalifa deu de ombros, mostrando-se evasivo.

— Por favor, responda à pergunta.

— Sim — disse o detetive, e sua voz soava menos firme do que gostaria. — Eu pensei que fosse... ghir Islami. Contra o Islã.

O sheik sorriu. — Você gosta dos judeus?

— Eu não vim até aqui para...

O sheik ergueu a mão, interrompendo-o. Khalifa tinha a desagradável sensação de que, embora os olhos do homem estivessem fixos sobre o livro no colo dele, o velho estava ao mesmo tempo, de alguma maneira, olhando diretamente para ele, enxergando não tanto seu físico, mas tudo em seu interior, seus pensamentos, seus sentimentos. Ele trocou de posição discretamente.

— Você é muçulmano?

Khalifa murmurou um sim que demonstrava impaciência.

— E ainda gosta dos judeus.

— Eu não acho que as duas coisas sejam incompatíveis.

— Então você realmente gosta dos judeus?

— Eu não... isto não é...

O detetive ergueu a mão e tentou afastar a mosca, confuso, aborrecido consigo mesmo por ter entrado naquele tipo de conversa, apesar de sua determinação contrária. O sheik continuou virando as páginas; o papel fino e amarelado produzia um sussurro seco sob a ponta dos dedos do velho. Finalmente, ele encontrou a sura que parecia estar procurando. Virando o livro para Khalifa e apontando o texto escolhido, entregou-o para ele.

— Leia para mim, por favor.

— Isto não é o que eu...

— É apenas um aya. Por favor, leia.

Relutantemente, Khalifa pegou o livro, ciente de que, se quisesse obter alguma informação do velho, a única escolha que tinha era seguir as regras ditadas por ele. A passagem situava-se na parte inferior da página e referia-se à quinta sura, Al-Ma'ida, "A Mesa Servida". O detetive olhou o trecho escolhido, mordendo o lábio.

— Oh, fiéis — começou a ler, falando rápido e sem entonação, como se tentasse terminar com a leitura da passagem o mais rápido possível, para distanciá-lo do que estava dizendo —, não tomeis por confidentes os judeus nem os cristãos; que sejam confidentes entre si. Entretanto, quem dentre vós os tomar por confidentes, certamente, será um deles.

O sheik balançou a cabeça em sinal de aprovação. — Você ouviu isso? Estas são as palavras do Santo Profeta Maomé. São claras e sem ambigüidade. Ser amigo dos judeus, daqueles que professam outra fé, simpatizar-se com eles, sentir algo por eles, qualquer coisa que não seja ódio, aversão e repugnância, é proceder contrariamente à vontade do Poderoso Alá, bendito seja Seu nome.

Ele estendeu a mão trêmula e tomou o livro de volta.

O detetive queria argumentar, dizer-lhe que aquilo não era o Islã que ele conhecia e amava, e citar outras passagens que falavam bem sobre ahl el-kitab, louvadas sejam. Mas, de alguma maneira, sua mente ficou em branco, e ele não pôde encontrar as palavras necessárias. Ou talvez não desejasse encontrá-las. O sheik percebeu o olhar transtornado em sua face e sorriu, não inteiramente gentil.

— Ser muçulmano é submeter-se à vontade do Todo-Poderoso — disse ele, fechando o Alcorão e deslizando a mão gentilmente sobre a capa.

— Este é o significado do Islã. Se você não se submete, não pode ser muçulmano. Ou uma coisa ou outra. Branco ou preto, luz ou trevas. Não existe meio-termo.

Ele tocou o livro com os lábios e o colocou sobre o colo.

— Agora você disse que desejava conversar sobre sais Jansen.

Khalifa limpou o suor da testa com a manga da camisa, esforçando-se para reunir seus pensamentos. Depois do que acabara de ser dito, a investigação parecia algo curiosamente distante, parte de uma outra realidade.

— O Sr. Jansen faleceu há duas semanas — murmurou Khalifa. A mosca ainda circulava sobre ele, o zumbido insuportavelmente alto enchendo sua cabeça. — Estamos investigando certas... irregularidades em seu estilo de vida. Encontrei seu panfleto na casa dele. Parecia algo incomum para um homem como aquele receber isto. Um kufr. Não faz o tipo de seus seguidores.

O sheik ficou em silêncio, apenas inclinou a cabeça e começou a massagear o tornozelo, observando a cúpula sobre eles, que possuía um círculo de tijolos de vidro coloridos.

— Então? — pressionou Khalifa. — Por que o senhor lhe enviou isso?

O velho continuou a massagear o tornozelo; os dedos arranhavam a pele áspera e ressecada.

— Cortesia.

— Cortesia?

— Sais Jansen havia sido extremamente... generoso. Parecia educado deixá-lo saber que estávamos pensando nele.

A mente de Khalifa estava começando a desanuviar-se agora; o caso começava a revelar certa perspectiva. Como se incitada pelo olhar penetrante de Khalifa diante do novo foco, a mosca voou para longe e começou a debater-se contra uma pequena janela no local mais afastado do recinto.

— Generoso como?

— Ele fez uma doação. Para um de nossos projetos.

— Qual projeto?

O sheik deixou seu tornozelo de lado e cruzou as mãos sobre o colo; seus olhos giraram até olharem diretamente para Khalifa.

— Para ajudar todos aqueles do nosso povo que estão sofrendo sob a opressão dos sionistas — respondeu ele, um tom discretamente acusador em sua voz, como se, ao não conseguir admitir um ódio incondicional contra os judeus, Khalifa tivesse, de algum modo, se aliado aos inimigos do Islã.

— Ajudando de que maneira?

O sheik continuava olhando fixamente para ele.

— Nós arrecadamos dinheiro. Enviamos para a Palestina. Para comida, roupas, livros escolares. Obras de caridade. Nada ilegal.

— E Jansen foi um dos contribuintes?

— Ele é que nos contactou. Há seis semanas, dois meses. Fez uma doação singular.

— Inesperadamente?

O sheik deu de ombros. — Nós também ficamos surpresos, considerando a presença de um kufr por aqui, desse jeito. Ele se aproximou de um dos meus homens em Luxor e disse que gostaria de ajudar a nossa causa. Perguntou se poderia falar comigo. Normalmente, eu não me misturo com esse tipo de gente. Nesse caso, no entanto, ele estava oferecendo uma quantia muito substancial em dinheiro. Cinqüenta mil libras egípcias.

Khalifa deixou escapar um assovio baixo. O que Jansen estaria fazendo para doar tanto dinheiro para um homem como o sheik?

— E o senhor o conheceu? — perguntou.

O velho aquiesceu, erguendo a mão enrugada e esfregando a barba.

— E?

— E mais nada. Nós apenas conversamos. Ele disse que havia ouvido sobre o nosso trabalho junto aos palestinos, estava admirado por isso e gostaria de ajudar. Entregou sua doação aqui mesmo. Em dinheiro vivo. Quem sou eu para recusar?

As pernas de Khalifa estavam começando a doer depois que estivera agachado por tanto tempo. Levantou-se e esticou o corpo.

— Mas por que procurou o senhor? Existem dezenas de organizações que arrecadam dinheiro para os palestinos. Instituições de caridade oficiais. Instituições legalizadas. Por que se aproximar...

O sheik sorriu. — De um homem com a minha reputação?

— Exatamente. Jansen deveria saber os riscos de se ver envolvido, de ser visto em sua companhia, o que poderia causar muitos problemas para ele. E, apesar disso, ele aparece sem mais nem menos, doa todo esse dinheiro e não pede nada em troca.

Khalifa continuou a se alongar mais um pouco, esfregando os joelhos, e então, chocado por um pensamento repentino, parou.

— Ele queria alguma coisa em troca?

O sheik não disse nada e apenas o fitou atentamente, um sorriso discreto deslizando no canto de sua boca, como um frêmito propiciado por uma notícia inesperada. Khalifa agachou-se diante dele novamente.

— Ele queria alguma coisa? — repetiu.

Novamente sem resposta. O pulso do detetive, imperceptivelmente, começou a acelerar.

— Ele realmente queria alguma coisa, não é? O quê? O que ele pediu? O sheik meneou a cabeça para um lado e depois para outro, as vértebras de seu pescoço estalando como uma chave na fechadura; seus olhos continuaram fixos no rosto de Khalifa.

— Ele queria a minha ajuda para contactar al-Mulatham.

Os olhos de Khalifa se arregalaram em sinal de perplexidade.

— Está falando sério?

— Por que eu deveria mentir? Foi isso que ele me pediu.

Khalifa sentou-se novamente sobre os calcanhares, meneando a cabeça. Cada vez que se sentia mais próximo de Jansen, alguma nova informação parecia surgir a ponto de deixá-lo muito mais longe daquele homem, como um caçador que, depois de caminhar com toda a cautela, percebe-se bem distante de sua presa simplesmente por surgir um novo obstáculo entre eles.

— Por quê? — perguntou Khalifa. — Por que ele queria contactar al-Mulatham?

O sheik deu de ombros. — Ele disse que tinha algo que poderia ajudá-lo. Uma arma que ele poderia utilizar contra os judeus. Alguma coisa que causaria uma grande destruição.

Ouviu-se, do lado de fora, uma batida estridente, enquanto alguém começava a martelar uma peça de metal. Khalifa mal podia reconhecer o som.

— Que tipo de arma?

O sheik ergueu as mãos. — Não falou. Ele me disse que estava morrendo, não lhe restava muito tempo de vida e desejava que a coisa ficasse nas mãos de alguém que fizesse bom uso dela. Que a usasse para destruir os judeus. Foi isso que ele disse. Alguém que a usaria para destruir os judeus.

O tinido foi interrompido por um momento e então recomeçou ainda mais alto, o som ecoando pelo interior da mesquita.

— E o senhor o ajudou?

O sheik bufou. — O quê? Você acha que eu tenho o endereço de al-Mulatham? O número de telefone dele? Que eu posso simplesmente ligar pra ele? Eu admiro esse homem, inspetor, e me regozijo todas as vezes que ele tira a vida de um israelense. Se nos encontrarmos um dia, eu o abraçarei e o chamarei de meu irmão. Mas quem ele é, e onde está, sei tanto quanto você.

Retirou os óculos e começou a limpá-los com a bainha de seu quftan, esfregando o tecido gentilmente nas lentes em movimentos circulares. Do lado de fora, os golpes de martelo pararam novamente, deixando que um lânguido e pacífico silêncio envolvesse a mesquita.

— Eu dei a ele os nomes de algumas pessoas em Gaza — informou o velho, finalmente, terminando de limpar os óculos e os colocando

de novo. — Era o mínimo que eu podia fazer depois da doação.

— E ele as contactou?

— Não faço a mínima idéia. E nem quero saber. Eu não tive mais contato com ele depois do nosso encontro. E, no caso de você perguntar, eu não trairia a confiança de meus amigos palestinos informando a você o nome deles.

Ele fitou Khalifa, e então, descruzando as pernas, pegou sua bengala com uma das mãos, seu Alcorão com a outra e começou a esforçar-se para se levantar. Na metade do caminho parou, sentindo dor. Khalifa, após se levantar, segurou o cotovelo do velho e o ajudou pelo restante do caminho, o respeito pelos mais velhos sobrepujando sua aversão pela opinião daquele ancião. Uma vez de pé, o sheik endireitou seu quftan e começou a mancar pelo recinto. Ao chegar à porta principal, virou-se.

— Lembre-se, inspetor há luz e trevas, o Islã e a desolação. Não há meio-termo. Nenhuma conciliação. É hora de fazer a sua escolha.

Ele manteve o olhar em Khalifa e, em seguida, deixou a mesquita. A entrevista, ao que tudo indicava, havia terminado.

Posto da Fronteira de Kalandia,

Entre Jerusalém e Ramala

Conforme a instrução recebida, Yunis Abu Jish dirigiu-se até o posto da fronteira de Kalandia ao meio-dia, vestindo a sua camiseta estampada com o Domo da Rocha e posicionando-se embaixo do outdoor das Antenas Parabólicas Master.

Durante as últimas vinte e quatro horas, desde que recebera o telefonema do representante de al-Mulatham, seu humor sofreu amplas alterações, entre pavor e vertiginosa euforia. Num momento, todo o seu corpo estava tremendo, como se ele estivesse congelando, chocado pela grandiosidade do que havia sido convidado a fazer; em seguida, sentia-se dominado por uma intoxicante onda de alegria, como acontecia em seus passeios na praia durante a infância, quando se deixava levar pelas ondas quentes e espumantes, falando rápido, rindo e pensando que aquela deveria ser a melhor sensação do mundo.

Agora, enquanto permanecia observando os veículos no engarrafamento em direção à barreira israelense logo adiante, na rodovia, ele não sentia nem medo nem êxtase, nada demais, apenas um vazio, uma convicção sem emoção, uma aceitação pungente de que era isto o que ele deveria fazer, que este era o destino reservado para ele. O que mais haveria, afinal? Uma vida inteira de jugo e rancor, assistindo, impotente, à margem, dia após dia, os israelenses arrancarem mais terras de seu povo, acabarem com o pouco da dignidade que lhes restava? O incessante ciclo de humilhação, vergonha e pesar?

Não, isso ele não poderia mais suportar. E foi incapaz de suportar por um longo tempo. Esse era o caminho. O único caminho. A única vereda que outorgava força e dignidade, que lhe permitia influenciar os eventos antes de ser dominado por eles. E se isso conduzia à morte... bem, o que era a vida senão um tipo de sepultamento da existência?

Permaneceu sob o outdoor por precisamente trinta minutos, segundo a orientação transmitida, verificando a cada instante o seu relógio para garantir que estava cronometradamente na hora. Então, acenando com a cabeça, como se desejasse dizer "Vocês têm a resposta", virou-se e regressou ao campo de refugiados onde vivia, com suas construções consumindo a paisagem ao longo do caminho, como um fungo cinzento.

LUXOR

Quando Khalifa retornou de seu encontro com o sheik Omar, pretendia reunir-se com o Sr. Mohammed Hasoon, o funcionário do Banco Misr a quem tinha confiado a barra de ouro de Jansen. Chegando à sua sala na delegacia, sentou-se e esperou até que ele chegasse. Um homem robusto imaculadamente vestido, mas com cabelos oleosos. Usava óculos de metal e sapatos pretos surpreendentemente lustrosos. Deixou escapar um grito abafado quando o detetive escancarou a porta do escritório, agarrando firmemente uma maleta prateada Samsonite contra o peito, como se esperasse que alguém fosse tentar roubá-la dele. Relaxou assim que percebeu que não se tratava de um assalto, embora uma leve e incômoda contração em seu olho esquerdo sugerisse que ainda não estava inteiramente seguro.

— Você me assustou — advertiu ele, os olhos piscando compulsivamente como o pisca-alerta de um carro. — Eu trouxe o... você sabe...

Ele tamborilou seus dedos sobre a maleta.

Khalifa se desculpou pelo susto que lhe provocara. — Embora eu não acredite que alguém pudesse roubar você dentro de uma delegacia de polícia — acrescentou.

O funcionário do banco o fitou com ar de desaprovação.

— Eu já fui roubado em lugares tão improváveis e por pessoas mais improváveis ainda, inspetor, incluindo uma vez, sinto em dizer, pelo meu próprio sogro. Quando tem ouro envolvido, cautela nunca é demais. Nunca.

Manteve o olhar de Khalifa por um momento, para enfatizar a gravidade de sua mensagem, e então se levantou da cadeira e foi até a mesa do inspetor, onde colocou a maleta.

— Mas vamos ao que interessa. Eu verifiquei o objeto para você. Interessante. Muito interessante. Você tem tempo?

— É claro.

— Então, se você não se importar...

Ele acenou em direção à porta. Khalifa se virou e a fechou.

— E também a... hum... — O homem tossiu nervosamente, piscando para a fechadura. — Apenas para ficarmos em segurança.

Khalifa virou-se novamente, desta vez girando a chave na fechadura da porta.

— Você gostaria que eu fechasse as venezianas também?

A frase era mais um gracejo. Hasoon a tomou como séria e respondeu que sim; naquelas circunstâncias, seria uma ótima idéia. Meneando exasperadamente a cabeça, Khalifa atravessou a sala até a janela e trancou as venezianas de ferro, mergulhando a sala numa semi-escuridão.

— Tá bom assim?

— Bem melhor — respondeu Hasoon. — Cautela nunca é demais.

Ele se inclinou e acendeu a luz do abajur, lançando um olhar desconfiado ao redor do recinto como se, apesar das evidências em seus olhos, ainda não tivesse ficado inteiramente convencido de que estivessem sozinhos. Assim, destravou a maleta, ergueu a tampa e, esticando a mão, removeu a barra de ouro, ainda embrulhada com o tecido preto no qual Khalifa a havia encontrado, colocando-a sob a luz da mesa. Khalifa ficou ao lado dele e acendeu um cigarro, exalando uma densa nuvem de fumaça azul-acinzentada.

— Então, encontrou algo?

— E como! — exclamou, colocando o tecido de lado; as lentes de seus óculos refletiam o brilho da superfície reluzente da barra dourada. — Sim, sim. A pesquisa foi bem instrutiva. Mesmo depois de trinta anos trabalhando com ouro, percebi que ainda posso ser surpreendido. O negócio é extraordinário. Verdadeiramente extraordinário.

Ele estendeu a mão e tocou na barra reverencialmente, em seguida endireitou-se e, alcançando a maleta, procurou pelo relatório dentro de uma das separações da tampa.

— Os detalhes principais são todos óbvios — começou ele. — Lingote padrão trapezoidal, vinte e seis por nove por cinco centímetros, doze quilos e duzentos e cinqüenta gramas, uma pureza de novecentos e noventa e cinco por mil, o que daria vinte e quatro quilates, talvez até um pouco mais.

— Valor?

— Bem, é evidente que isso varia, dependendo do mercado, mas o valor atual, eu diria, atingiria quase quinhentas e vinte mil libras egípcias. Algo em torno de cento e quarenta mil dólares.

Khalifa tossiu, a névoa da fumaça do cigarro pairando diante dele como uma cortina rasgada varrida pelo vento.

— Abadam! Não é possível!

Hasoon deu de ombros. — É ouro. E ouro é valioso. Especialmente quando é de qualidade.

Ele estendeu a mão novamente e deu um tapinha de leve na barra, como se estivesse parabenizando um animal de estimação que efetuou alguma performance de maneira singularmente habilidosa. Khalifa inclinou-se e olhou para a barra, suas mãos segurando a borda da mesa.

— E quanto à gravação? — Ele fez um sinal indicando a águia e a suástica esculpidas na superfície do lingote. — Você descobriu alguma coisa?

— Lógico — disse Hasoon. — E é aqui onde as coisas começam a ficar interessantes. — Ele esticou os braços, cruzou as mãos e estalou os dedos, como um concertista de piano preparando-se para iniciar um recital.

— Eu nunca cruzei com uma gravação particularmente tão refinada como esta — disse ele. — Então, tive que fazer certas pesquisas por aí. Não quero chateá-lo com todos os detalhes.

Ele disse isso intencionalmente, como se incomodar Khalifa com todos os detalhes fosse lhe propiciar uma enorme sensação de prazer. O detetive pressentiu isso e não disse nada em resposta, ansioso para chegarem logo ao ponto.

— Mas vamos lá — continuou o homem depois de uma pausa, percebendo que não aconteceria o que estava esperando com aquele convite para uma exposição mais abrangente. — Parece que a águia e a suástica eram a marca da Casa da Moeda do Estado da Prússia, a qual era, até o final da Segunda Guerra Mundial, a Casa da Moeda da Alemanha. Sediada em Berlim.

Khalifa observou o lingote, lianas de fumaça de cigarro sendo exaladas do canto de sua boca para cima.

— Isso por si só não era tão difícil assim de descobrir. Foi preciso apenas uma olhadela em alguns livros de referência padrão e alguns telefonemas. Onde a história fica mais complexa — ele agarrou o lingote com ambas as mãos e, com um esforço, virou-o — é quando se examina isto aqui.

Ele apontou para uma fileira de números minúsculos, quase imperceptíveis, gravados no metal, no topo do canto esquerdo da barra, na face inferior. Khalifa deixou escapar um grunhido de

surpresa. Ele simplesmente não tinha reparado naqueles números em seu exame inicial, admissivelmente, do lingote.

— É um número de série? — perguntou ele em dúvida.

— Exatamente. Algumas barras possuem isso, outras não. Quando é esse o caso, pode-se então rastrear a história daquela barra propriamente dita — quando foi refinada, onde, esse tipo de coisa.

— E esta aqui?

— Ah, esta aqui tem uma boa história. E como tem. Mas não foi fácil. Os números não fazem parte de um sistema universal ou coisa do gênero. Eles simplesmente se referem ao seu registro, seja lá qual fosse a instituição que cunhou a barra. Eu levei metade do dia de ontem no telefone com a Alemanha, tentando rastrear o passado. Os arquivos da Casa da Moeda do Estado da Prússia foram destruídos ou se perderam depois de 1945. O Bundesbank não possui qualquer registro. Para ser franco, eu estava para desistir, até que uma pessoa no museu do Bundesbank sugeriu que eu tentasse contactar... — Ele fez uma pausa, folheando o relatório. — A Degussa Corporation. Em Düsseldorf. Eles foram uma das principais companhias de fundição da Alemanha. Trabalharam muito para os nazistas, de acordo com diversas informações. E, hoje em dia, tudo às claras, é óbvio. Muita diversidade de interesses...

— Sim, sim — interrompeu-o Khalifa, mostrando impaciência. — Mas o que você descobriu?

— Bem, o arquivista da Degussa, um bom camarada, muito cordial — ele colocou uma discreta ênfase na última palavra, dando implicações de que o arquivista da Degussa jamais sonharia em interromper meia frase de alguém, como Khalifa tinha acabado de fazer —, fez uma triagem em seus registros e, incrivelmente, conseguiu regressar com uma combinação de números em série. Tão eficientes esses alemães.

— E? — O rosto de Khalifa pairava acima do lingote, a brasa cilíndrica brilhava precariamente no final de seu cigarro.

— Bem, parece que este lingote fez parte de uma série de cinqüenta, fundidos pela Degussa em 1944. Em maio de 1944, para ser preciso. Eles foram entregues para a Casa da Moeda do Estado da Prússia no dia 17 de maio e de lá foram enviados para o Reichsbank, o antecessor do Bundesbank.

— E depois?

— Parece que a maioria deles foi fundida e refinada novamente no final da guerra.

— A maioria deles?

— Bem, este aqui, evidentemente, escapou. E, de acordo o homem da Degussa, também outros dois, pelo menos.

Ele fez uma pausa para causar efeito, empertigando-se como um ator pronto para atuar num monólogo.

— Eles foram encontrados em Buenos Aires, na Argentina, em 1966, por agentes secretos israelenses. Na casa de um homem chamado... — disse consultando novamente seu relatório. —Julius Schechtmann. Um ex-oficial militar nazista que fugiu para a Argentina no final da guerra e vivia por lá desde então, sob um nome falso. Os israelenses o rastrearam e o trouxeram juntamente com a barra de volta a Israel. Elas estão neste momento guardadas no Banco Central de Jerusalém.

— E Schechtmann?

Ele fez uma nova pausa, para efeito dramático, agora empertigando os ombros.

— Os israelenses o enforcaram.

Ouviram um som estridente do lado de fora, quando um vendedor de botijões de gás passou bem embaixo da janela, numa carroça puxada por um jumento, batendo no amontoado de cilindros de metal com uma ferramenta para alertar os potenciais consumidores de sua presença. O cigarro de Khalifa queimou por inteiro, as cinzas caindo sobre a papelada. Ele acendeu outro, esfregando os olhos com o polegar e o indicador. Tudo a respeito desse caso, cada nova informação, parecia deixar a coisa cada vez mais enroscada e ele desorientado. Era como se estivesse submerso, lutando freneticamente para chegar à superfície, mas de alguma forma submergindo ainda mais com apenas um desesperado movimento de mão.

Houve um longo silêncio.

— Alguma outra coisa? — perguntou finalmente; sua voz demonstrava cansaço, talvez por se questionar por quanto tempo mais essa investigação continuaria.

Hasoon deu de ombros. — Não muita. Há alguns poucos detalhes técnicos sobre a atual composição do ouro, mas isto não deve ter muita relevância.

Ele deslizou a mão pela barra mais uma vez, limpando algumas cinzas do cigarro que caíram sobre sua brilhante superfície; em seguida, envolveu a peça novamente no tecido preto.

— Você quer mantê-la aqui?

Khalifa deu mais uma tragada no seu cigarro.

— Pode guardá-la no banco pra mim?

— Será um prazer.

Hasoon guardou o lingote dentro da maleta, cruzou a sala até a janela, abriu as venezianas, pestanejando com o causticante sol da tarde. Podia ouvir balbucios dissonantes de vozes e a longínqua batida da carroça do vendedor de gás.

— Na verdade, havia uma coisa... — disse Hasoon, sua voz subitamente baixa, pensativa. — Estranha. Realmente perturbadora. Que estragou o brilho do trabalho. — Ele se encostou na mesa e, em pé, poliu o sapato direito na perna esquerda. — Como eu disse, o número de série permite o rastreamento da data e do lugar da fundição do lingote. Em alguns casos outras informações são registradas: o nome do responsável pela fundição, a pessoa na Casa da Moeda que solicitou, esse tipo de coisa. Pequenos detalhes — disse ele, trocando de perna para polir agora o seu sapato esquerdo contra a panturrilha direita. — Os arquivos da Degussa não contêm nenhuma dessas informações. Mas possuem o registro de onde o ouro havia sido fundido.

Ele terminou de lustrar os sapatos e voltou-se para Khalifa, lentamente, as mãos deslizando nervosamente pelo peitoril da janela. O detetive ergueu as sobrancelhas em tom questionador.

— Aparentemente, ele veio de Auschwitz. Parece, inspetor, que seu lingote foi produzido com ouro extraído dos dentes de judeus mortos.

Depois que o homem do banco deixou a delegacia, Khalifa ficou olhando para o teto de sua sala, com as pernas cruzadas sobre um dos cantos da mesa e névoas de fumaça de cigarro pairando ao redor de sua cabeça como um turbante. Havia coisas a que Khalifa precisava dar continuidade: Hassani o estava pressionando por um relatório sobre seus progressos, o amigo de Jansen no Cairo ainda não tinha entrado em contato e precisava ser encontrado e, provavelmente, não seria nada mal se ele também fizesse uma ligação para o miserável daquele israelense e verificasse se ele levantou seu traseiro e deu início à investigação solicitada sobre o passado de Schlegel. Tinha muita coisa paia fazer. Tanto chão para percorrer. E tudo que podia fazer era sentar-se e ficar olhando para o teto, pensando sobre a fonte daquele ouro, os dentes arrancados e a procissão de números coloridos tatuados no antebraço de Hannah Schlegel.

Khalifa conhecia a história do Holocausto, é claro, e sobre Auschwitz. Generalidades, rumores, nenhum detalhe preciso; ele nunca achara necessário sair pesquisando o assunto. E certamente aceitava que isso aconteceu; o detetive israelense estava errado quando o acusou de não acreditar naquilo. Ao mesmo tempo, parecia algo tão distante, tão abstrato, não sendo um assunto que tivesse alguma relevância para ele ou para seu mundo. Até agora. Mas naquele momento tinha a impressão de que havia se tornado muito relevante.

Inclinou a cabeça para trás, soltando sucessivamente a fumaça em forma de anéis, fumaça em forma de roscas perseguindo umas às outras até o teto, onde se quebravam e se dissipavam em uma névoa turva e vagarosa. Cinco minutos se passaram, dez, o relógio na parede estalando as batidas dos segundos como o batimento de um coração mecânico. Então, como se tivesse chegado a uma decisão, deslizou os pés para o chão, agarrou a jaqueta e deixou a delegacia.

Na rua, virou à direita, depois à esquerda, abrindo caminho através da multidão da tarde, rumo ao centro comercial da cidade: cafés, lojinhas de suvenires e bancas com sacos de pimenta empilhados até o alto com montes de pétalas de hibisco e pó de açafrão vermelho. Caminhou até que, finalmente, entrou num iluminado cibercafé, com seis computadores instalados ao longo da parede dos fundos. Cumprimentou o proprietário, acenando, um garoto com gel nos cabelos que usava um cinto com uma fivela no formato de motocicleta. O garoto lhe indicou um computador mais adiante à esquerda, próximo de uma garota européia com os ombros excessivamente queimados de sol. Ele foi até lá, sentou-se e, depois de um momento de hesitação, entrou no Yahoo! E digitou "Holocausto" no site de pesquisa, estremecendo ligeiramente enquanto aguardava a resposta, como uma criança que coloca sua mão no fogo — temerosa e, ao mesmo tempo, ansiosa para saber qual a sensação de tocar as chamas.

Jerusalém — Cidade Antiga

- O

que fizemos a eles para que venham aqui dizer como deveríamos governar nosso país? Não podemos nem mais defender a nós mesmos? Meshugina! Todos eles! Meshugina!

O idoso agitou seu Yediot Ahronot furiosamente; sua boca de lábios finos e murcha estava contraída num ricto de indignação e fúria, como uma lesma que teve sal jogado sobre si.

Ben-Roi tomou um gole de cerveja e olhou para o objeto da ira daquele homem — uma matéria na capa do jornal sobre um grupo de ativistas europeus lutando pela paz que chegaram a Israel para protestarem contra a construção de um muro de segurança de trezentos quilômetros, que seria erguido pelo governo entre Israel e a Cisjordânia. A foto que ilustrava a matéria mostrava um comediante inglês, do qual Ben-Roi nunca ouvira falar, segurando armas com um grupo de palestinos diante de um buldôzer da FDI, sob o lema CELEBRIDADES CONDENAM BARREIRA DE APARTHEID.

— Nazistas! — gritou o idoso, apertando o jornal como se desejasse estrangulá-lo. — É disso que eles nos chamam. Você vê aqui? Meu irmão morreu em Buchenwald, e eles me chamam de nazista! Isso é uma vergonha! Que morram esses imundos goyim!

Ele largou o jornal de lado e deixou-se cair em sua cadeira, balançando a cabeça. Por um breve instante, Ben-Roi pensou em dizer alguma coisa, contar ao homem o quanto ele também desprezava esses gringos idealistas sociais, que detestava a forma como sempre surgiam, lamentavam e condenavam, para depois correrem para seus países de origem, para a segurança de seus lares, parabenizando-se por serem pessoas tão maravilhosas, zelosas do bem-estar humano, enquanto atrás deles mulheres e

crianças eram despedaçadas em alguma explosão promovida pelos pobres e oprimidos palestinos do inferno.

No entanto, ele não disse nada, consciente de que, se começasse o assunto, a fúria logo o dominaria, cegando-o numa escuridão lodosa. E assim, antes mesmo de saber o que estava acontecendo, ele já estaria gritando, encolerizado, batendo o punho sobre a mesa, fazendo um espetáculo para si mesmo. Não, ele pensou, era melhor guardar para si suas próprias idéias. Era mais seguro.

Ben-Roi agarrou a menorá pendendo em seu pescoço, apertando-a, como se tentasse conter algo em seu interior; em seguida, bebeu o que restava da cerveja, levantou-se, deixou uma nota de vinte shekels sobre a mesa e saiu para a avenida, pretendendo ver o que poderia descobrir sobre a mulher assassinada, conforme solicitado por aquele egípcio dos infernos.

Numa das regiões mais degradadas, mas também mais populosas, Ohr Ha-Chaim era uma rua claustrofóbica e sombria, situada na parte superior do Bairro Judeu, próxima do Bairro Armênio, com o solo pavimentado irregular e desgastado devido aos passos dos transeuntes, e casas altas pressionadas umas contra as outras. O número 46 ficava quase no meio dela, uma construção escura, de pedra, cujos andares superiores eram divididos em apartamentos — varais inclinavam-se frouxos em várias janelas; o térreo era ocupado por uma lotada yeshiva, que possuía uma entrada exclusiva. Chegando à porta, Ben-Roi consultou a folha de papel amassada onde havia anotado os detalhes fornecidos pelo egípcio na tarde do dia anterior; depois foi até a entrada principal e apertou o botão do interfone do apartamento nº. 4.

Ben-Roi poderia ter chegado ali mais cedo — e nem tinha andado muito ocupado nas últimas vinte e quatro horas —, mas não gostara do tom de voz do egípcio e não se sentiu disposto a prestar-lhe qualquer favor. Sua vontade era deixar aquilo para bem depois, principalmente após os acontecimentos do final da noite de ontem,

quando mesmo depois de Ben-Roi ter dito claramente que não os queria, aquela sarna humana ainda lhe enviou diversos fax, o aparelho vomitando papel devido à enorme quantidade de anotações a respeito do caso, o que resultou no emperramento da máquina. O alarme de recebimento permaneceu soando estridentemente como uma criança chorosa, até que, numa fúria, Ben-Roi acabou arrancando as páginas, jogando-as pela sala.

Não, não sentia nem o mais remoto desejo de ser útil. No final, contudo, ele decidiu terminar logo aquilo, antes que Khediva, ou fosse lá que raio de nome era o dele, começasse a telefonar e atormentá-lo, como certamente o faria aquele verme irritante. Então, lá estava ele.

O detetive apertou o interfone mais uma vez, olhando através da janela do porão, na direção de um jovem haredi debruçado sobre um exemplar do Talmude, e cujos pe'ot pendiam como as orelhas de um cocker spaniel. O rapaz tinha aparência de doente, a face pálida escondida pelos óculos (Jerusalém, conforme diziam, possuía a mais alta concentração de oftalmologistas do mundo), e contraiu a boca, demonstrando um leve sinal de aborrecimento — "pingüins" era como Galia costumava apelidá-los. Olhando para cima novamente, pressionou o botão do interfone pela terceira vez, obtendo finalmente uma resposta.

— Shalom?

Uma mulher jovem estava inclinada para fora da janela. Seu rosto rechonchudo era emoldurado pela tradicional peruca sheitel que as esposas de judeus ortodoxos costumam usar. Ele explicou quem era e o motivo que o levara até ali.

— Nós acabamos de mudar pra cá — disse a mulher. — E os antigos moradores ficaram aqui apenas por poucos anos.

— E antes deles?

A mulher deu de ombros, virando-se para gritar algo a alguém atrás de si.

— Você deveria falar com a Sra. Weinberg — disse ela, olhando novamente para baixo. — No número 2. Ela mora aqui há uns trinta anos. Conhece todo mundo. E sabe de tudo também.

Pelo tom de voz da mulher, ficou bem claro que ela achava a Sra. Weinberg uma fofoqueira de marca maior. Ben-Roi agradeceu e, passando os olhos pelo painel do interfone, pressionou o botão do apartamento nº. 2. Ele mal retirou seu dedo do botão e a porta da frente se abriu ruidosamente revelando uma idosa, magra e enrugada, um pouco maior do que uma criança, vestindo um penhoar acetinado e chinelos baratos; suas mãos estavam retorcidas e rígidas por causa da artrite.

— Sra. Weinberg? — Ele mostrou seu distintivo. — Sou o inspetor Ben-Roi, da...

Ela deixou escapar um pequeno suspiro, apertando a garganta. — Ai, meu Deus! O que foi que aconteceu? Foi com o Samuel, não é? Diga o que foi que aconteceu com ele!

Ele garantiu que nada tinha acontecido a Samuel, seja lá quem fosse, e explicou que desejava apenas fazer algumas perguntas sobre uma mulher que havia morado no apartamento de cima. Por um momento ela parecia não ter acreditado nele, sua respiração estava ofegante e seus olhos umedecidos por lágrimas de apreensão. Aos poucos ela foi se acalmando e, com um aceno de mão, convidou-o a entrar em seu apartamento, o qual se situava no térreo do edifício, à direita da portaria.

— Samuel é meu neto — explicou ela enquanto entravam. — O melhor garoto do mundo. Eles o pegaram em Gaza, que Deus nos ajude, pro serviço militar. Toda vez que algum fato é noticiado, ou quando o telefone toca... eu não consigo dormir de preocupação. Ele é apenas um boychik, uma criança. São todos apenas pobres crianças.

Ela o conduziu até uma pequena sala de estar, escura e abarrotada, com uma enorme estante de madeira no fundo e duas poltronas instaladas em frente de uma antiga televisão preto-e-branco, sobre a qual notou uma gaiola com um periquito amarelo. Havia fotografias em toda parte e um cheiro de algo doce e, sobretudo, desagradável — exatamente o quê Ben-Roi não conseguia identificar. Cocô de passarinho, talvez, ou uma comida gordurosa. Ele tentou não se distrair com isso. De algum lugar do apartamento ele podia ouvir o balbuciar do rádio na Estação do Exército de Israel.

A idosa indicou-lhe uma das poltronas e desapareceu por um momento, desligando o rádio para, enfim, voltar com um copo de suco de laranja, oferecendo a bebida a Ben-Roi. Ele não havia pedido, mas aceitou mesmo assim, tomando um gole, por delicadeza, e deixando o copo numa mesinha ao lado de sua poltrona. Ela se sentou na outra poltrona, pegou um novelo de linha azul e branca do chão e começou a tricotar. As agulhas quase tocavam a ponta de seu nariz. Surpreendentemente, suas mãos se moviam com bastante destreza, tendo em vista o fato de serem frágeis e sofrerem de artrite. Parecia que estava fazendo um kipá, e parte das circunferências já estava pronta no fim das duas tramas de lã; Ben-Roi sorriu discretamente para si mesmo, relembrando uma velha história de família, sobre sua avó, a mãe de seu pai, que havia tricotado, durante a guerra de 1967, kippots vermelhos para todos os homens da companhia de artilharia de seu filho, mais de cinqüenta peças. Como resultado, a companhia ganhou o apelido de kipás em Chamas, um título que até onde ele sabia era, ainda hoje, utilizado por eles.

— Então, o que você queria perguntar?

— Hein?

— Você disse que queria me fazer algumas perguntas. Sobre o apartamento nº. 4.

— Ah, sim, é claro. — Ele olhou para baixo, para a folha de anotações que ainda mantinha em suas mãos, tentando reorganizar

seus pensamentos.

— É sobre a senhora Goldstein? Pois, se eu já disse isso uma vez, é porque já repeti uma centena de vezes também: ela vai se dar mal ainda. Ela ficou aqui por três anos, e quando partiu todo o prédio bateu palmas. Eu me lembro de uma vez, era sexta-feira, o dia do Shabbat, pelo amor de Deus...

— É sobre uma pessoa que se chamava Hannah Schlegel — disse Ben-Roi, voltando à conversa.

O movimento das agulhas diminuiu e parou.

- Ah.

— A mulher do andar de cima disse que a senhora provavelmente a conhecia.

Ela ficou olhando para o tricô por um momento, então o colocou no colo e reclinou-se.

— Uma coisa terrível — disse ela, suspirando. — Terrível mesmo. Assassinato, sabe. Pelos árabes. Nas pirâmides. À sangue-frio. Terrível.

Ela juntou as mãos, o inchaço dos protuberantes nós dos dedos dando a impressão de algum tipo de deformidade da casca de uma árvore.

— Uma mulher sossegada. Muito reservada, mas sempre dizia bom-dia. Ela tinha... — disse soltando as mãos e dando um tapinha no antebraço esquerdo. — Você sabe... os números. Auschwitz.

O periquito repentinamente quebrou o silêncio com um canto, depois se calou novamente e começou a bicar os próprios pés, a cabeça sacudindo para a frente e para trás, como a jangada de um pescador numa correnteza. Ben-Roi tomou mais um gole do suco de laranja.

— A polícia egípcia está reinvestigando o caso — explicou ele. — Eles querem saber mais detalhes sobre a Sra. Schlegel. Trabalho, família, esse tipo de coisa. Apenas o trivial.

A idosa ergueu sua fina sobrancelha e retomou o tricô, as agulhas se entrelaçando bem mais lentamente agora do que antes; o círculo de algodão do kipá estava imperceptivelmente tomando forma sob a ponta de seus dedos como um estranho emaranhado de algas.

— Eu não a conhecia muito bem — disse ela. — Não éramos amigas. Apenas dizíamos olá, de vez em quando. Ela gostava de se manter reservada. Na maioria das vezes, mal se podia saber quando ela estava em casa. O que era muito diferente da Sra. Goldstein. A gente sempre sabia que ela estava em casa. Os barulhos que costumávamos ouvir! Oy vey!

Ela franziu o rosto, demonstrando seu aborrecimento. Ben-Roi apalpou os bolsos, procurando por uma caneta, percebendo logo depois que havia esquecido de levar uma. Havia uma caneta esferográfica dentro de um vaso de vidro sobre a estante, mas não queria pedir para usá-la, preocupado em passar uma imagem negativa quanto ao seu profissionalismo. Que se foda, pensou, eu escrevo algumas observações assim que voltar à delegacia.

— Ela já morava aqui quando me mudei — dizia a idosa. — Isso foi em 1969. Viemos de Tel Aviv, eu e Teddy. Agosto de 69. Ele sempre quis viver aqui. Eu, por outro lado, não estava tão certa. Quando ví o lugar pela primeira vez, pensei: klog iz mir! O que eu estou fazendo num cortiço destes? Reduzido a entulhos pelos árabes, metade do edifício estava desmoronando. Agora, é claro, eu não viveria em nenhum outro lugar. Lá está ele, logo ali. — Ela suspendeu as agulhas, indicando uma foto na prateleira do meio da estante — um homem pequeno e robusto vestindo um chapéu e um tallit, em pé diante do Muro Ocidental. — Fomos casados durante quarenta anos. Não é como os jovens de hoje. Quarenta anos. Como ele me faz falta!

Ela ergueu o pulso e roçou os olhos. Ben-Roi ficou olhando para o chão, constrangido.

— Em todo caso, ela já estava aqui naquela época. Quando nós chegamos. Mudou-se logo depois da liberação, aparentemente.

Ben-Roi se moveu em seu assento.

— E antes disso?

Ela deu de ombros, piscando ao olhar para as agulhas. — Parece que me lembro dela mencionar algo sobre morar perto de Mea Sharim, mas não posso garantir. Antes de tudo, ela era francesa. Vivia lá antes da guerra. Costumava usar palavras em francês, sabe, falando para si mesma, quando aparecia aqui embaixo.

— E a senhora disse que ela esteve em Auschwitz.

— Bem, isso foi o que o velho Dr. Tauber me contou. Você sabe, o Dr. Tauber, do número 16.

Ben-Roi não sabia nada sobre ele, mas não fez qualquer comentário.

— Eu vi a tatuagem dela algumas vezes e, por isso, descobri sobre sua prisão nos campos de concentração. Ele nunca mencionou isso voluntariamente. Era um assunto muito pessoal. Até que, certo dia, eu estava falando com o Dr. Tauber — um homem muito gentil, já falecido, o quê? Quatro, cinco anos atrás, Deus guarde sua alma — e ele disse: "Sabe essa mulher que mora no apartamento em cima do seu, a Sra. Schlegel?", e eu disse: "Sim", e ele disse: "Adivinha?" — ele era assim, sabe, bom para contar histórias, preparava o que iria contar — "Advinha?", disse ele. "Nós chegamos no mesmo navio. Em 1946. Da Europa." Os britânicos tentaram levá-los de volta a Haifa, aparentemente, mas eles pularam no mar e nadaram até terra firme. Por cerca de dois mil quilômetros. E à noite. E vinte anos mais tarde eles acabaram morando na mesma rua! Que coincidência!

Ouviu-se o som surdo de passos no andar de cima, como se alguém estivesse correndo em círculos. Ela olhou para o teto.

— E esse Dr. Tauber disse para a senhora que ela esteve em Auschwitz?

— Hein?

— Hannah Schlegel.

Por um momento ela o olhou confusa, percebendo em seguida o que ele estava falando.

— Ah, sim, sim. Ele disse que conversaram na viagem de navio. Eu disse a você que eles estiveram no mesmo navio, não disse? Por duas semanas. Seiscentos deles. Apertados como sardinhas. Pode imaginar uma coisa dessas? Sobreviver aos campos e ainda ter que passar por isso! Ela era bonita, ele contou. Jovenzinha e muito bonita. Firme. Endurecida. O irmão não disse uma palavra sequer durante toda a viagem, aparentemente. Apenas ficava lá, olhando para o mar. Traumatizado.

Ben-Roi não se lembrava de o detetive egípcio ter mencionado a existência de um irmão. Mordiscou o lábio por um momento, e então, deixando o orgulho de lado, levantou-se, atravessou a sala até a estante e pegou a caneta no vaso, erguendo as sobrancelhas para a Sra. Weinberg como se quisesse perguntar: "A senhora se importa?" Ela estava absorta em seus próprios pensamentos e nem mesmo parecia ter percebido que ele havia deixado seu assento.

— Pobrezinhos — estava ela dizendo. — Não deveriam ter mais do que quinze ou dezesseis anos. E passaram por uma coisa dessas. Que mundo é este, eu lhe pergunto? Que mundo é este que permite uma coisa dessas acontecer a uma criança? A qualquer ser humano?

Ben-Roi regressou à poltrona e sentou-se novamente, rabiscando a caneta na palma de sua mão para obter a tinta.

— Ele ainda está vivo? — perguntou. — O irmão?

A mulher deu de ombros. — De acordo com o Dr. Tauber, ele era... você sabe... — Ela ergueu o dedo indicador e o girou ao redor do ouvido para demonstrar que o tal sujeito tinha um distúrbio mental, era maluco. — E o que se poderia esperar? Retalhado daquele jeito, centenas de injeções, como se fosse um animal.

Ben-Roi observou sua palma coberta com linhas riscadas da caneta.

— O que quer dizer com isso?

— Bem, eles eram gêmeos, não eram? Eu não disse isso antes? Eu tenho certeza de que lhe falei. A Sra. Schlegel e o irmão dela eram gêmeos. E você bem sabe o que eles faziam com os gêmeos nos campos. As experiências. Você já deve ter ouvido falar disso.

A garganta de Ben-Roi ficou seca. Ele realmente havia ouvido: os médicos nazistas usavam gêmeos como se fossem porcos, submetendo-os aos experimentos genéticos mais vis e excruciantes, retalhando, esterilizando, dilacerando os membros do corpo. Um verdadeiro açougue.

— Deus do céu — ele se permitiu murmurar.

— Não tinha como o garoto não ficar meio... — Novamente ela girou o indicador ao redor do ouvido. — Mas a garota não, apesar de tudo. Ela era valente. Forte. Foi o que o Dr. Tauber disse. Magra como um palito de fósforo, mas por dentro... forte como aço. Ela tomava conta do irmão. Zelava por ele. Não o deixava longe de sua vista.

Ela olhou para Ben-Roi.

— Você sabe o que ela disse? Quando todos eles ainda estavam no navio? "Eu vou encontrar cada um deles." Foi o que o Dr. Tauber me contou. Ela não chorava e nem se lamentava. Apenas dizia: "Mesmo que leve toda a minha vida, eu vou encontrar cada uma das pessoas que fez isso com a gente. E, quando as encontrar, matarei

todas elas." Dezesseis anos de idade, meu Deus do céu. Nenhuma criança deveria sentir esse tipo de coisa. Isaac. Era esse o nome do irmão dela. Isaac Schlegel.

Ela parou de tricotar e, com um suspiro, colocou as agulhas e a lã de lado; ficou de pé e caminhou mancando até a gaiola do pássaro, batendo nas grades com as unhas. O periquito saltou de seu poleiro na direção da mulher, batendo as asas freneticamente, chilreando.

— Quem é minha belezinha, hein? — falava ela amorosamente. — Quem é o meu menino bonito? — Ben-Roi desdobrou o papel para as anotações, deixando-o esticado sobre seu colo, e rabiscou algumas observações nos espaços em branco que ainda restavam.

— A senhora sabe se esse irmão ainda está vivo? — perguntou ele, repetindo a pergunta de alguns minutos antes.

— Eu não sei dizer — respondeu ela, passando os dedos ao longo das grades da gaiola, e o movimento emitia um som rítmico de tang-tang-tang. — Eu nunca o conheci.

— Ele morava com ela?

— Ah, não. Ele era muito doente. A última coisa que ouvi era que ele ficava em Kfar Shaul. Foi o que o Dr. Tauber me disse.

Kfar Shaul era uma clínica psiquiátrica situada na periferia noroeste da cidade. Bem-Roi anotou uma observação para si mesmo.

— Parece que ela costumava visitá-lo todos os dias. Mesmo assim, nunca falava sobre ele. Não comigo, pelo menos. Então, não faço a menor idéia se ele continua vivo. Nenhum de nós está ficando mais jovem, não é?

O periquito saltou para um canto da gaiola, agitando-se de um lado para outro. A mulher assoviou para ele de forma dissonante.

— E a senhora disse que eles eram franceses, originalmente.

— Bem, isso foi o que ela me contou. Foi a única vez em que tivemos uma conversa de verdade. Em vinte anos. Pode acreditar nisso? A Sra. Schlegel chegou carregada de compras — devia ser a época do Pesah, pois ela tinha uma sacola cheia de caixas de matzah — e nós simplesmente conversamos. Lá do lado de fora, no corredor. Não consigo lembrar como entramos nesse assunto, mas, definitivamente, ela disse que tinha nascido na França. E também algo a respeito de uma fazenda e de um castelo em ruínas. Ou será que estou imaginando coisas? Eu realmente não consigo me lembrar dos detalhes. Mesmo assim, ainda posso ver aquelas caixas de matzah, de forma tão clara como se estivessem aqui, agora, na minha frente. Engraçado o que nos lembramos, não é?

Ela assoviou para o periquito novamente, deslizando uma das mãos para dentro do bolso de seu penhoar.

— A senhora sabe se ela tinha algum outro parente? — perguntou Ben-Roi. — Marido, filhos, pais?

— Não que eu tenha visto. — Ela estava remexendo no bolso, procurando alguma coisa. — Vivia totalmente sozinha a pobre coitada. Sem família, sem amigos. Completamente só. Pelo menos eu tinha o meu Teddy, que descanse em paz. Ficamos juntos por quarenta anos, e nenhuma vez sequer dirigimos uma palavra atravessada um para o outro. Eu ainda acordo pensando que ele está aqui.

Ela virou a cabeça para o lado, examinando o bolso e tateando com a mão.

— E quanto ao trabalho? — perguntou Ben-Roi. — A Sra. Schlegel tinha um emprego?

— Eu acho que ela fazia alguma coisa no Yad Vashem. Arquivista ou algo do gênero. Costumava sair cedo pela manhã e voltar no final da tarde com os braços cheios de papéis, arquivos e sabe Deus o que mais. Ela deixou um deles cair certa vez, na entrada, e eu a ajudei a recolher. Era alguma coisa sobre Dachau, com algum

carimbo do Yad Vashem. Só Deus sabe o motivo de trazer aquele tipo de coisa para casa depois de tudo o que ela passou. Oh!

Ela retirou a mão do bolso com algum tipo de semente ou pequena noz entre o dedo indicador e o polegar. Balançou a semente diante da gaiola como se quisesse dizer "Olha o que eu achei!". Então, segurando seu pulso com a outra mão para firmar o braço, empurrou a semente através das grades. O periquito emitiu um chilrear animado e saltou de seu poleiro.

Ben-Roi olhava suas anotações, perguntando-se se havia alguma outra coisa que fosse necessário abordar. Ele observou o nome fornecido pelo detetive egípcio.

— Por acaso o nome Piet Jansen significa algo para a senhora? — perguntou ele. A idosa pensou por um momento.

— Eu conheci uma Renee Jansen certa vez — respondeu ela. — Vivia próximo à rua de nossa casa em Tel Aviv. Ela tinha uma prótese no quadril e um filho na marinha.

— Piet Jansen?

— Não, esse eu não conheci.

Ben-Roi meneou a cabeça e olhou para o relógio. Ele fez mais algumas perguntas — "A Sra. Schlegel sabia se tinha algum inimigo?" — "Algum interesse incomum?" — "Algum outro vizinho a conhecia melhor?" —, mas a mulher não poderia fornecer mais nenhuma informação e, por fim, sentindo que já havia feito o que sensatamente se esperava dele, dobrou a folha de anotações, devolveu a caneta esferográfica ao vaso sobre a estante e afirmou que não queria incomodá-la por mais tempo. Ela o fez terminar o suco de laranja — "Se não beber vai ficar desidratado!" — e o conduziu para fora do apartamento e da entrada do edifício.

— Sabe, não posso sequer imaginar onde foi que eles a enterraram — disse ela enquanto abria a porta da frente. — Fomos vizinhas por vinte e um anos, e eu não sei nem mesmo onde fica o túmulo da

coitadinha. Se você descobrir, por favor, peço que me avise. Eu gostaria de recitar um kiddush no seu yahrzeit. Pobre mulher.

Ben-Roi murmurou alguma coisa, sem convicção, e, agradecendo à mulher, saiu para a rua. Ele deu alguns passos, depois se voltou novamente.

— Uma última coisa. A senhora sabe o que aconteceu com os pertences da Sra. Schlegel?

A mulher olhou para ele, as sobrancelhas levemente erguidas como se a pergunta a tivesse surpreendido. — Foi tudo queimado, naturalmente.

- Queimado?

— Pelo fogo. Você deve ter ouvido falar sobre o incêndio.

Ben-Roi ficou olhando atentamente para ela.

— No dia seguinte à sua morte. Ou foram dois dias? Algumas crianças árabes subiram pelo encanamento de esgoto lá dos fundos, derramaram gasolina em tudo e atearam fogo. Incendiaram tudo. Se o velho Sr. Stern não tivesse acionado o alarme, todo o prédio teria sido destruído. — Ela balançou a cabeça. — Pobre mulher. Sobreviveu aos campos e depois teve um fim de vida como esse, assassinada, e com a casa destruída. Eu pergunto a você: que mundo é este em que vivemos? Pessoas mortas, crianças enviadas para o exército. Que mundo...

Ela suspirou profundamente e, erguendo a mão em despedida, fechou a porta, deixando Ben-Roi parado na rua, com a testa profundamente franzida, vincos de incerteza, como rachaduras numa ladeira de pedra.

Jerusalém

M

aldito Castelombres. Na noite passada, Layla ficara eufórica com a nova pista, convencida de que era a descoberta da qual precisava para resolver o enigma de William de Relincourt. Depois de um dia inteiro de caça ao tesouro, no entanto, ela agora se sentia quase tão confusa quanto estivera antes mesmo de saber sobre o maldito lugar.

Resolveu telefonar. Primeiro para Cambridge, esperando falar com o professor Magnus Topping, somente para receber a informação de um gentil porteiro da faculdade de que o professor não possuía nem telefone ("A campainha do telefone o perturba, senhora") nem e-mail ("Ele prefere a máquina de escrever, senhora").

— Então como é que eu posso fazer para entrar em contato com ele? — ela havia perguntado, imaginando um acadêmico ríspido, de cachimbo, fechado em algum aposento repleto de enciclopédias, completamente absorto do mundo lá fora.

— Bem — o porteiro replicava; ele parecia insinuar um cordial, mas condescendente, "senhora" em cada frase —, a senhora pode escrever para ele, embora, cá entre nós, ele nunca tenha sido muito bom em responder às cartas. Ou poderia simplesmente aparecer por aqui e bater à porta dele, o que geralmente tem se provado a melhor alternativa para encontrá-lo.

— Eu estou ligando de Jerusalém.

— Ah. Bem, então isso vai ser um problema, não é, senhora?

Com a tentativa fracassada em contactar o professor Topping, ela voltou para a internet. Ao contrário de William de Relincourt, Castelombres aparecia raramente; doze horas de cautelosa pesquisa e referências cruzadas terminou no acréscimo de seis breves combinações que ela havia verificado na noite anterior (das quais a sexta a conduziu para uma empresa fabricante de louças sanitárias Castelombres, na Antuérpia). Das outras cinco, uma

revelava uma truncada genealogia que havia fornecido a conexão sobre Esclarmonde de Rolincoeur; outra se tratava de uma péssima tradução de um artigo acadêmico francês sobre a tradição dos trovadores do Languedoc do século XII; outro era um site devotado à história da cabala e ao misticismo judaico; um outro resultado obtido era uma página com uma nota de observação de um artigo sobre um estudioso medieval judeu conhecido por Rashi; e o último trazia uma referência de uma passagem sobre "Ruínas Assombradas", seção de um site intitulado "França Oculta".

Destas, ela pôde coletar várias informações fragmentadas, um fortuito vislumbre de algum mistério mais abrangente. Nada, no entanto, relacionado ao que estava esperando encontrar. Ao contrário, longe de ajudar a esclarecer o todo sobre William de Relincourt, a nova orientação de Castelombres parecia trazer mais sombras para a imagem do quadro, acrescentando e trazendo novos e confusos ângulos para uma pintura que já parecia uma composição obscura e desordenada de Braque — uma mistura de elementos díspares, cada um aludindo a um determinado significado sem sequer convergir completamente a si mesmo numa forma passível de reconhecimento.

Curvou-se para a frente e observou as anotações diante de si, perguntando-se o que fazer com aquilo tudo e aonde em toda a Terra aquilo pretendia levá-la.

Castelombres

"O Castelo das Sombras." Casa dos condes de Castelombres. Castelo destruído pelos cátaros na Cruzada de 1243 — apenas algumas ruínas permaneceram (fantasmas!) em Arriège, região de Castelombres, vilarejo a 3km de distância. Esclarmonde de Rolincoeur (Relincourt).

"Esclarmonde, a Sábia." "Dama Branca de Castelombres." Esposa de Raymond III de Castelombres, c.1097. Nenhum detalhe de

biografia existente. Reconhecida pela inteligência, beleza, caridade etc. Figura popular na tradição trovadoresca.

Bona domna Esclarmonda,

Contessa Castelombres,

Era bella e entendia

Esclarmonda la blanca

(Bondosa Senhora de Esclarmonde/Condessa de Castelombres/Era bela e sábia/Esclarmonde, a Branca). Jaufre Rudel (1125-48). Língua occitana. C. importante centro de aprendizado. Renomado pela tolerância religiosa. Muitos estudiosos judeus. Cabala.

"Lo Privat de Castelombres" — O Segredo de Castelombres. Referências no trovadorismo. Esclarmonde, a "protetora". Ninguém sabe na realidade que segredo seria esse.

O que tornava isso tão frustrante era saber que havia conseguido avançar significativamente. As conexões eram muito evidentes, e as similaridades por demais acentuadas para ser apenas mera coincidência. Em sua opinião, não havia dúvidas de que esta Esclarmonde, a Branca, era a mesma Esclarmonde para quem William de Relincourt tinha endereçado sua carta codificada, nem de que aquele "C" e o Castelo de Castelombres eram únicos e, portanto, a mesma coisa. E, se aquelas peças se encaixavam, era muito justo imaginar que a coisa antiga de William... "de grande poder e beleza"... estava de alguma forma estreitamente ligada ao misterioso "Segredo de Castelombres".

Além disso, no entanto, ela não parecia capaz de progredir. Layla havia contactado alguns especialistas na Universidade Hebraica, incluindo o professor de Cabala Gershom Scholem, que acrescentou breves pinceladas sobre o quadro geral: "Castelombres não apenas atraiu os estudiosos judeus", ele a havia informado,

"mas, desde a metade do século XII, parece ter se transformado num lugar específico de peregrinação judaica. Por que, no entanto, e o que, se há algo, isto tinha a ver com William de Relincourt ou o conhecido "tesouro dos cátaros" permanecia totalmente oculto. Era como se ela tivesse saltado de um precipício somente para se atirar contra um rochedo.

Ela leu todas as observações repetidas vezes e então tomou o que havia imprimido na noite anterior da página da Sociedade de Estudos de História do St. John's College e releu novamente: "Nesta esclarecedora e tipicamente pitoresca descrição, o Professor Topping explicou como sua pesquisa sobre os relatos da Inquisição, no século XIII, revelou uma inesperada associação entre a lenda do tesouro dos cátaros e o conhecido 'Segredo de Castelombres'." Quanto mais ela pensava sobre o assunto, mais se convencia de que Topping era a chave; de que ela poderia navegar pela internet ad infinitum, contactar todo tipo de especialista, mas, sem falar diretamente com ele, nunca iria avançar sobre tais questões. E, pelo que o porteiro da faculdade havia dito, a única maneira de ela conseguir falar com o professor Topping era pegar um avião e voar para a Inglaterra.

— De jeito nenhum — resmungou ela. — Nem pensar, de jeito nenhum mesmo.

Entretanto, mesmo enquanto dizia isso, ela deixava o texto de lado e começava a folhear sua agenda de endereços, procurando o número de seu amigo Salim, agente de viagens.

Jerusalém

D

e volta à sua sala, Ben-Roi tomou um gole de seu cantil e visualizou seu relatório de quase uma página na tela do computador. Ele havia — dizia a si mesmo — feito tudo que estava ao seu alcance e que pudesse ser sensatamente esperado dele. Entrevistou a idosa na Ohr Ha-Chaim, contactou Kfar Shaul para indagar sobre o irmão gêmeo de Schlegel (ainda vivo, aparentemente, embora em estado débil), chegou até a contactar o Yad Vashem, para confirmar se Schlegel havia sido realmente uma funcionária deles (ela trabalhara, em meio período, no departamento de arquivologia). OK, havia outros caminhos que poderiam ser percorridos; ele não tinha exatamente se aprofundado sobre o caso. Mas por que deveria? "Um pouco de informação" foi o que Khediva tinha pedido. E era o que receberia. Digitou algumas linhas extras, conseguindo um relatório com mais de uma página, e deixou do jeito que estava. Enviou-o por e-mail e lavou as mãos quanto ao que poderia ser toda aquela maldita coisa.

Exceto... exceto...

Aquela porcaria de casa incendiada. Ele não conseguia tirá-la da cabeça.

A última coisa que a Sra. Weinberg lhe informara era sobre todos os pertences de Hannah Schlegel destruídos num incêndio criminoso. Ele simplesmente não conseguia tirar aquilo da cabeça. Por que, continuava pensando — apesar de todo o seu esforço para não ficar martelando isso para si mesmo —, um grupo de crianças árabes arriscaria entrar no Bairro Judeu e escalar pelos canos de esgoto somente para espalhar gasolina no apartamento de uma velha senhora e depois atear fogo? Isso absolutamente não fazia sentido. Ele já havia lidado com árabes antes, arrombadores e vândalos, mas isso não tinha nada a ver com essa categoria.

Ele sentiu uma dor no estômago. O seu mentor, o velho comandante Levi, costumava dizer: "As dores no estômago, Arieh, são o que fazem a diferença entre um bom detetive e um grande detetive. O bom detetive olha para as evidências e usa a lógica para descobrir algo errado. Mas o grande detetive sente que há algo errado antes

mesmo de ver as evidências. Isto é que eu chamo de instinto. Uma dor no estômago."

Ele costumava sentir esse tipo de dor o tempo todo, dor de estômago — uma espécie de cólica na boca do estômago, um sexto sentido que alertava: as aparências enganam. Ele sentiu durante o caso de fraude Rehevot, quando todos lhe diziam que estava andando em círculos, até que um hacker recuperou uns arquivos apagados e provou que suas suspeitas não eram infundadas. E ele também sentiu no caso do assassinato do colono Shapiro, quando todas as evidências, mesmo as mínimas, apontavam para um garoto árabe, e mesmo assim estava convencido de que o garoto era inocente, que havia mais algum outro ângulo na história. Ele havia recebido inúmeras críticas durante o andamento do processo, mas continuou cavando, e, é claro, finalmente encontraram o cutelo no celeiro de um rabino e, assim, a verdade foi revelada. "Estou orgulhoso de você, Arieh", disse-lhe o comandante Levi, enquanto, na apresentação, fez menção ao trabalho policial reconhecidamente notável. "Você é um grande detetive. E você se tornará o melhor de todos, desde que continue a interpretar essas dores no estômago."

Mas, por motivos óbvios, parou de interpretá-las no ano anterior. Mesmo sofrendo de dores no estômago, além de todas as coisas relacionadas a al-Mulatham. Reprimia os impulsos, fazia o que tinha que ser feito, mas aquele fogo, a paixão para se chegar ao âmago das coisas, o desejo de ser como Al Pacino no filme — aquilo veio se enfraquecendo e hoje estava morto. Simplesmente já não se importava mais. Certo, errado, verdade, mentira, justiça, injustiça — isso já não tinha mais importância. Ele estava pouco se fodendo.

Até agora. Pois, nesse momento, ele sentia uma das dores no estômago mais fortes que já havia sentido, e ela simplesmente não dava trégua. Ele não queria senti-la e estava com raiva de ter que passar por aquilo, mas ela continuava ali de todo jeito, corroendo-o por dentro. Os garotos, o incêndio, a mulher assassinada, o Bairro Judeu. Algo estava errado. E muito errado mesmo.

— Foda-se, Khediva — ele resmungou. — Quero que você se foda. — Ele adiou por mais alguns minutos, desesperado para lavar as mãos em relação a tudo aquilo e não ser sugado ainda mais. Então, incapaz de se segurar, ele pegou o telefone e teclou um número.

— Feldman? — disse ele quando foi atendido. — Eu preciso encontrar o arquivo de um caso de incêndio criminoso de quinze anos atrás... você não tem nada a ver com isso. Só me diga onde posso encontrar.

Feldman levou quase duas horas para rastreá-lo, que, por uma inexplicável razão, havia sido guardado em Moriah, uma das outras delegacias regionais da cidade. O material foi enviado por um mensageiro numa bicicleta, e agora ele o lia com os pés cruzados sobre a mesa e, ocasionalmente, tomava alguns goles do seu cantil.

O que mais o instigou e apenas serviu para aguçar ainda mais o seu pressentimento foi a data e a hora do incêndio. A Sra. Weinberg havia lhe dito que o acidente tinha ocorrido um ou dois dias depois da morte de Hannah Schlegel; de acordo com as anotações, ocorrera, na realidade, no mesmo dia da morte dela, apenas uma questão de poucas horas mais tarde; uma extraordinária coincidência, e mesmo o mais obtuso dos investigadores teria visto o fato como algo suspeito.

Infelizmente, e de forma frustrante, não havia nada no resto do arquivo que pudesse explicar essa perturbadora sincronia. Havia declarações dos vizinhos de Schlegel, incluindo a Sra. Weinberg, fotografias do apartamento devastado e a ordem de prisão de três árabes que foram indiciados pelo crime, dois dos quais se declararam culpados e receberam, cada um, dezoito meses de pena numa prisão juvenil, enquanto o terceiro, o mais jovem, identificado na ordem de prisão apenas como "Ani", foi liberado sem qualquer acusação formal por levarem em consideração a sua idade — sete anos naquela época — e a falta de evidências contra ele.

O motivo de terem escolhido especialmente aquele apartamento para atear fogo, naquele dia em especial, naquela hora, e o que, se havia algo, o ataque teria a ver com o assassinato de Hannah Schlegel — todas estas eram questões que permaneciam sem resposta. "Nós fizemos isso por ousadia" foi tudo que os garotos disseram, e o inspetor da polícia, evidentemente satisfeito com a admissão de culpa, parecia não ter feito qualquer esforço para sondar ainda mais sobre o assunto.

Ben-Roi examinou as anotações duas vezes seguidas e então inclinou a cabeça para trás e sorveu o restante da vodca de seu cantil. Estava tudo errado. Ele se lembrou de suas dores no estômago. A questão era: o que ele poderia fazer a esse respeito? O incêndio aconteceu há uma década, as pistas já estavam obsoletas, os invasores provavelmente se mudaram ou mudaram de nome, ou possivelmente as duas coisas. Ele poderia levar meses tentando chegar ao fim do túnel. E para quê? Para algum barbudo dos infernos com aversão a judeus.

— Zoobi! — resmungou ele. — Vá se foder. Qual é o problema? Com ou sem dores no estômago.

O inspetor fechou a pasta, jogou-a debaixo da mesa e pegou o telefone, digitando irritadamente o número do Arquivo de Moriah, pretendendo dizer a eles que terminara de examinar as observações. Enquanto fazia isso, algo saltou aos seus olhos, uma linha rabiscada na parte de trás da pasta, escrita a lápis e desbotada. Ele não tinha percebido antes. Estendendo a mão, virou-a em sua direção. Estava quase ilegível; por isso foi necessário piscar para conseguir ler: "Ani — Hani al-Hajjar Hani-Jamal. Nascido em 11/2/1983. Campo de Al-Amari."

Ben-Roi fitou a anotação, seus olhos se estreitaram; em seguida, inclinando-se para a esquerda — lentamente, como se relutasse em fazê-lo —, remexeu na pilha de papéis, retirando o arquivo do caso sobre um palestino que ele havia perseguido na Cidade Antiga, no episódio da apreensão de drogas. Ele abriu o arquivo e examinou o formulário do acusado.

Nome: Hani al-Hajjar Hani-Jamal

Idade: 22

Data de nascimento: 11 de fevereiro de 1983

Endereço: Ginna Lane, nº. 14, Campo de Al-Amari, Ramala

— Shalom, arquivo.

A voz do atendente ecoava em seu ouvido. Mas seus olhos corriam das notas rabiscadas para o formulário e de volta para as notas.

— Arquivo — repetiu a voz.

— Sim — disse ele. — É Ben-Roi. Da Davi.

— Olá. Já terminou de verificar o material?

Ben-Roi mordeu o lábio.

— Não — respondeu depois de uma pausa. — Eu acho que vou precisar deste material por mais um tempo.

Luxor

J

á estava escuro quando Khalifa finalmente saiu do cibercafé. A visão embaçada, a boca turva por causa da fumaça do cigarro. Caminhou sem rumo através do souk— luzes radiantes, músicas em alto volume, a multidão se esbarrando — e desceu até o Corniche el-Nil, parando para comprar uma lata de Sprite, antes de deslocar

alguns passos escada abaixo em direção às docas do Nilo, onde as águas escuras transbordantes borbulhavam roçando seus pés.

De maneira estranha, depois de tudo que ele havia visto e lido, todas as imagens, estatísticas, testemunhos e descrições, a única coisa em que conseguia pensar era sobre sua família. Zenab, Batah, Ali, o pequeno Yusuf — os quatro pontos cardeais de seu mundo, sua luz, sua vida. "Como eu me sentiria se tivesse acontecido isso com eles?", perguntava-se. Zenab sendo encontrada esquelética e com o olho perfurado, fitando a câmera como algum tipo de zumbi, e quanto a Batah e Ali, sendo jogados numa pilha de milhares de outros cadáveres, anônimos como um monte de carne podre? O que isso provocaria em mim? Como eu poderia ainda viver com o tormento de algo semelhante? Ele já havia perdido muitas pessoas queridas, é claro, seu pai, sua mãe, Ali, seu irmão mais velho, cujo nome foi dado a seu próprio filho em homenagem. Mas perder alguém de forma irracional, numa carnificina odiosa... vê-los famintos, espancados, subjugados, massacrados — isto ele nunca vivenciou. E nem conseguiria imaginar uma experiência dessas. Seria terrível demais, doloroso demais, como o som de unhas arranhando um quadro-negro.

Khalifa suspirou e bebeu o que restava de seu Sprite, recordando os momentos felizes que passaram juntos, aqueles momentos afetuosos e alegres em família. O dia em que velejaram subindo o rio num falucho por causa do aniversário de treze anos de Batah, depois parando para um piquenique numa pequena ilha deserta, e então deslizando de volta pelas águas até Luxor, na companhia do pôr-do-sol; Batah ficara na proa, com os longos cabelos sendo espalhados pelo vento. Lembrou-se ainda do dia em que visitaram o Mercado Bifesh Camel, no Cairo, antes de o bebê Yusuf nascer, quando Batah chorara porque todos os camelos pareciam tristes, e Ali tinha dado um lance de brincadeira por um dos animais em leilão, causando uma enorme discussão e confusão. Recordou ainda seu aniversário de 39 anos, quando sua mulher e as crianças organizaram uma festa surpresa para ele, vestindo-se como os

egípcios da Antigüidade e gritando animadamente logo que ele abriu a porta da frente.

O detetive riu alto com a lembrança do pequeno Yusuf balbuciando com um nemes confeccionado em papel de seda; Zenab como a Rainha Nefertiti. Pelo caminho, ele ouvia o eco dos mastros dos faluchos que se batiam contra as docas quando foi abruptamente apanhado por uma espécie de meio-soluço, os olhos embaçados, como se os tivesse aberto debaixo d'água. Essas pessoas eram tão preciosas, pensava consigo, e mesmo assim eu passo tão pouco tempo com elas, proporciono tão pouco com esse meu salário miserável de policial que não recebe aumento há pelo menos cinco anos e é menos do que Hosni ganha em um único mês. E se fossem repentinamente arrancados de mim, como eu conseguiria lidar com isso? Com o pensamento de que eu poderia ter feito muito mais por minha família ou poderia ter dado muito mais de mim mesmo para eles.

Eu me esforçarei mais, murmurou para mim mesmo. Passarei mais tempo em casa, em vez de trabalhar tão arduamente. Tentarei ser um marido melhor e um pai melhor.

Entretanto, somente quando este caso acabar, ecoava uma voz. Somente quando souber a verdade sobre Piet Jansen e Hannah Schlegel. Somente quando tiver as respostas.

Ficou contemplando o rio, sentindo a água correndo aos seus pés, a luz esverdeada sobre os minaretes de um par de mesquitas vizinhas que o observavam atentamente através da escuridão, como os olhos de uma serpente. Então, amassou a lata vazia até que se tornasse quase uma bola e a chutou para o rio. Voltou-se e começou a subir, retornando para o Corniche.

Jerusalém

H

ani al-Hajjar Hani-Jamal havia sido transferido no dia anterior para uma cela em Zion, a maior delegacia regional de Jerusalém, e era lá aonde Ben-Roi iria interrogá-lo, telefonando antes para conseguir as devidas autorizações.

Um conjunto sombrio e aterrorizante de edifícios situado na extremidade do que antes havia sido o Complexo Russo (Russian Compound), a delegacia apresentava janelas encardidas, gradeadas, e uma hera incrustada irregularmente sobre a frente do prédio; os muros estavam cobertos com um emaranhado de rolos de arame farpado. Assim como para crimes comuns, o local serviu ainda como o principal centro para interrogatório daqueles sob suspeita da militância palestina; ao longo do tempo, obteve uma perniciosa reputação por brutalidade e tratamento imoral contra os prisioneiros. Al-Moscobiyyeh era como os palestinos chamavam o lugar, utilizando a palavra árabe para Moscou, falando o nome com uma mistura de temor e agouro.

Ben-Roi sempre teve um mau pressentimento sobre o lugar — alguns anos antes, ele recusou uma promoção porque seria necessário se transferir para aquele lugar; e, enquanto entrava pela porta dos fundos da delegacia, passando por um bando de mulheres árabes que falavam como gralhas barulhentas, pedindo notícias de algum ente querido que estivesse detido ali, ele sentia seu estômago involuntariamente se comprimir, como um animal aterrorizado que se enrola em si mesmo formando uma bola protetora.

Ele se anunciou para um dos sargentos em serviço, assinou alguns formulários e foi então escoltado através de um labirinto de corredores austeros, esparsamente iluminados, rumo ao porão, onde lhe mostraram uma pequena sala de interrogatórios mobiliada com uma mesa, duas cadeiras e, inadequadamente, um pôster de uma tulipa roxo-viva instalado na parede dos fundos. Na saleta, sons abafados podiam ser ouvidos, vindo de algum lugar da

delegacia — a campainha de um telefone, alguém gritando, o som de um resmungo em staccato, que poderia ser tanto uma risada como um soluço. Isso o deixava com a desconfortável sensação de que não estava ouvindo sons do lado de fora da saleta, mas, sobretudo, ecos fantasmagóricos de todas as pessoas que tiveram o infortúnio de passarem por aquele lugar. Aguardou o sargento sair, sentou-se e retirou o cantil para tomar um longo e reconfortante gole.

Cinco minutos se passaram, e então a porta se abriu novamente, e outro policial apareceu, trazendo o homem que Ben-Roi tinha detido algumas noites atrás. Por alguma razão, ele vestia apenas uma camiseta e um short grande demais, tipo o de um boxeador, em vez de calça. O policial o fez aproximar-se da mesa e sentar-se, depois algemou o punho esquerdo do rapaz em uma das pernas da cadeira, o que se revelava uma posição incomum deixando o prisioneiro curvado para a frente e para a esquerda.

— Chame quando tiver terminado — pediu ele. Estarei logo ali no corredor, terceira sala à direita.

Ele saiu e fechou a porta, deixando Ben-Roi e o palestino sozinhos.

Além do olho roxo que havia conseguido na noite de sua detenção, o rapaz agora ostentava um horroroso hematoma sobre a bochecha esquerda. Ele não tinha se barbeado, exalava um odor acre de fezes misturado com suor que lentamente dominava o recinto. O rapaz olhou para Ben-Roi e, depois, para o chão, movendo-se na cadeira para a frente e para trás, perceptivelmente desconfortável na posição que a algema lhe forçava a ficar. Ben-Roi pegou um tablete de chiclete do bolso e colocou na boca.

— O que aconteceu com sua calça?

O palestino deu de ombros, mas não disse nada.

— Alguém a roubou?

Mais uma vez o palestino não respondeu. Ben-Roi repetiu a pergunta.

— Ninguém roubou a porcaria da calça — vociferou o rapaz, seus olhos avermelhados olhando agitados para cima e para baixo.

— Então, o que aconteceu com ela?

O homem mexeu o punho algemado.

— Eu estou doente — murmurou depois de uma breve pausa, com o rosto enrubescido. — Eu precisei ir ao banheiro. Disse ao guarda, mas ele não me deixou sair, e então caguei nas calças. Os outros homens na cela me deram isso aqui pra vestir, mas ninguém tinha outra calça. OK? Satisfeito?

Ele olhou novamente para cima, os olhos cheios de humilhação e ódio. Ben-Roi o observava atentamente, prolongando-se na bochecha arroxeada, no short, no punho algemado; o barulho pela forma como mascava o chiclete ecoava pela sala como o som de pés passeando por um intenso lamaçal. Trinta segundos se passaram, e então, com um grunhido de aborrecimento, ficou de pé e advertiu o rapaz de que, se tentasse alguma coisa e quisesse bancar o engraçadinho, ganharia um outro olho roxo, só que pior, e saiu da sala. Retornou um momento depois com um molho de chaves; curvou-se e soltou a algema. O palestino se endireitou na cadeira, esfregando o punho. Ben-Roi sentou-se novamente e abriu o arquivo que havia levado sobre o incêndio.

— Eu tenho algumas perguntas para fazer — disse num resmungo, olhando para as anotações. — Mesmas regras de antes: se você mentir pra mim, eu acabo com você. Está claro?

O palestino ainda massageava o punho. Ben-Roi olhou para cima.

— Está claro?

O palestino aquiesceu.

— OK. No dia 10 de março de 1990, você e outros dois caras desceram até o Bairro Judeu e atearam fogo num apartamento. Tá lembrado?

Hani-Jamal murmurou uma afirmação num grunhido. Ben-Roi inclinou-se para a frente.

— Por quê?

No final, ele não havia conseguido extrair muita coisa dele. O palestino estava nervoso e evasivo, convencido de que Ben-Roi tentava fazê-lo cair numa armadilha para algum tipo de confissão de culpa. E não era esse o verdadeiro problema, no entanto, mas o fato de que ele simplesmente não parecia saber muito sobre o assunto. O primo dele, Majdi, um dos dois garotos que foram condenados pelo incêndio criminoso, o havia arrastado para dentro daquele empreendimento, prometendo que lhe daria vinte dólares se fosse junto com eles e ficasse vigiando. Ele mesmo não tinha subido até o apartamento; apenas ficara esperando na calçada, enquanto os outros entravam e ateavam fogo nos pertences da idosa. Por que fizeram isso e o que, se fosse o caso, eles tinham contra a mulher, disso o rapaz não fazia idéia. Ben-Roi pressionou, induziu e sondou, mas sem sucesso, até que finalmente percebeu que não conseguiria descobrir nada mais daquele rapaz, e então deu o interrogatório por encerrado.

— Esse Majdi... — falou remexendo as páginas da pasta diante dele. — Ele ainda mora no Campo Al-Amari? Na Rua Al-Din, nº. 2?

O palestino olhou para os próprios pés, em silêncio.

— Vamos lá, rapaz, não me encha o saco agora!

O rapaz olhou zangado para ele. — Sô informante não.

— Eu não estou pedindo para você me informar, seu idiota estúpido. Eu tenho o endereço aqui, na minha frente. Só preciso de sua

confirmação.

O palestino olhou para cima, seus olhos cheios de desconfiança e incerteza; então, fez um aceno débil de confirmação. Ben-Roi anotou uma observação para si mesmo, fechou a pasta e, levantando-se, foi até a porta e gritou no corredor que já havia terminado. Quando se virou para o interior da sala novamente, o palestino havia girado em sua cadeira e o olhava atentamente.

— Por que tu tirou?

O rapaz indicava as algemas sobre a mesa.

Ben-Roi não respondeu; apenas voltou para a mesa e recolheu a pasta.

— Por que tu fez isso? — Hani-Jamal insistiu.

Do lado de fora, o som de passos se aproximando ecoava pelo corredor.

— Tu tem pena de mim?

— Não, eu não sinto merda nenhuma por você — grunhiu Ben-Roi, incomodado com a pergunta.

— Então, por que tu fez isso?

Ben-Roi olhou atentamente para ele, apertando o arquivo em suas mãos, as unhas fincando o papelão. Por que ele removeu as algemas? Realmente, ele não podia explicar. Uma voz, em algum lugar em sua cabeça, a voz dela, e ainda a dele também, um Arieh de outra época, esquecido. Um Arieh que ele achava ter se perdido para sempre.

— Porque, se você quiser se cagar todo mais uma vez, eu não quero que faça isso na minha frente — respondeu ele, mostrando irritação. — Eu não vim até aqui para sentar e ficar cheirando merda de árabe.

Ele passou pela porta e, com um breve aceno para o policial que tinha acabado de chegar, partiu pelo corredor; as perguntas do palestino aborrecendo-o ainda mais do que o desperdício de tempo com o interrogatório.

Egito, Península do Sinai, Próximo da Fronteira com Israel

O

homem olhou fixamente para o céu estrelado, girando um de seus dedos pela borda de seu keffiyeh.

— Você sabe o que meu pai costumava me dizer? Que a Terra Santa é um espelho do mundo inteiro. Quando esta terra sofre, o mundo inteiro sofre. E, quando esta terra estiver em paz, então, e somente então, haverá esperança para o planeta.

Ao lado dele uma segunda figura, mais velha, estava também observando atentamente as estrelas, um charuto pendia entre os dentes, o brilho da brasa do cigarro alternando entre um vermelho opaco e uma tonalidade alaranjada intensa enquanto ele lentamente soltava baforadas.

— Ele ainda está vivo... o seu pai?

O homem mais jovem meneou a cabeça. — Morreu em 84. Em Ketziot. E o seu?

O do charuto também fez um sinal com a cabeça. — Em 67. Nas Colinas de Golan. Bala nas entranhas.

Eles caíram em silêncio, cada um absorto nos próprios pensamentos; o deserto sombrio e imóvel ao redor; as dobradiças enferrujadas de uma veneziana rangendo atrás deles como o zumbido de um gigante inseto noturno. Uma estrela cadente se manifestou, riscando o céu por uma fração de segundos, antes de desaparecer novamente; uma estranha formação de rochas retorcidas surgia na escuridão, como garras estendendo-se das profundezas negras de um poço. Em algum lugar mais afastado, um pássaro, assustado, levantou vôo repentinamente, grasnando alto.

— Você acha mesmo que isso vai dar certo? — perguntou o mais jovem finalmente, erguendo uma das mãos e esfregando os olhos. — Você acha mesmo que poderemos persuadi-los?

Seu companheiro deu de ombros, mas não disse nada.

— Às vezes, tenho medo de ser tarde demais. Dez anos atrás, até mesmo cinco, talvez tivesse sido possível Mas agora, depois de tudo que aconteceu...

Ele suspirou, a cabeça caindo desanimada sobre seu peito. O homem com o charuto olhou para ele por um momento; então deu um passo para a frente e colocou uma das mãos sobre o ombro do amigo.

— Vender isso era para ser a parte mais difícil. Isso — ele meneou a cabeça em direção ao edifício atrás deles — não foi nada mais do que o primeiro passo. Mas, agora que demos esse passo, precisamos continuar. Devemos continuar. Por seu pai. Por minha filha. Por nossos povos.

O mais jovem olhou para cima. Por um momento sua face pareceu pálida, circunspecta; então, repentina e inesperadamente, ele sorriu.

— Quem poderia pensar uma coisa dessas, hein? Você e eu nos encontrando aqui como dois amantes!

O fumante sorriu também.

— Se podemos fazer isso, qualquer um pode. O que diz de verificarmos Jerusalém mais uma vez, apenas para garantir?

O mais jovem aquiesceu, e, virando-se, os dois voltaram para o interior do edifício, com o braço de um sobre o ombro do outro.

Jerusalém

- C

ê quer que eu te leve pra onde?

O taxista olhava para Ben-Roi com desconfiança.

— Campo Al-Amari. Rua Al-Din.

O taxista balançou a cabeça, os dedos tamborilando nervosamente no volante do Peugeot.

— Vai tê que cruzar a linha. Você é israelense. Isso é perigoso.

— Eu quero um táxi, e não um maldito sermão — resmungou Ben-Roi, sem muita disposição para discutir. — Ou você me leva ou eu acho outra pessoa. A escolha é sua. Rápido.

O taxista mordeu o lábio, dividido entre o dinheiro da corrida e o mal-estar de carregar um israelense em seu táxi. Por fim, era o dinheiro que ditava as regras do dia, e com um aceno, a contragosto, ele se inclinou para o lado e abriu a porta do passageiro.

— Cê quer ir ao Al-Amari, eu te levo ao Al-Amari — resmungou ele. — Vão fazer teu funeral.

Ben-Roi entrou e, então, partiram, dirigindo em silêncio, seguindo pela Derekh Ha-Shalom, até a rodovia principal de Jerusalém a Ramala, e então aceleraram rumo ao norte, para fora da cidade; o novo subúrbio judaico de Pisgat Ze'ev sumindo à direita, e fileiras de casas de pedras amarelas uniformes marcavam a paisagem como a vanguarda de um enorme exército. Ben-Roi olhou para elas através da janela aberta, seu cabelo sendo agitado pela brisa; o rosto branco apresentava uma aparência impassível, mascarando o mal-estar que sentia lá no fundo, na boca do estômago.

O motorista estava certo. Era perigoso para alguém como ele cruzar a linha. Um policial israelense, sozinho, numa área sob o controle da Autoridade Nacional Palestina, no atual clima político... extremamente perigoso. A alternativa seria conseguir o envolvimento das autoridades palestinas ou solicitar uma operação militar com carros blindados e Deus sabe mais o quê; ambas as opções poderiam demorar dias para se concretizar. E as dores no estômago estavam muito fortes para que ele pudesse esperar. Ele queria saber o que havia por trás daquele incêndio criminoso. Precisava saber. Com um pouco de sorte, ele poderia entrar e sair sem que ninguém percebesse. E se não... Ele estendeu a mão e tocou sua jaqueta, sentindo o reconfortante volume de sua pistola Jericó embaixo do tecido.

Chegaram ao posto de fronteira de Kalandia e pararam atrás da lenta fila de carros, movendo-se preguiçosamente por vinte minutos, até que, finalmente, receberam o sinal para irem em frente e acelerarem o carro mais uma vez. A rodovia naquele lado, o lado palestino, era esburacada e irregular, os edifícios mais parecendo escombros, construções baratas e mal-cuidadas, como se eles não tivessem apenas cruzado uma barreira entre duas áreas de um mesmo país, mas, sobretudo um limite entre terras completamente diferentes. Três quilômetros depois, passaram por um segundo posto de fronteira, palestino desta vez; tratava-se apenas de uma barricada com alguns barris de petróleo, colocados aleatoriamente pela rodovia, administrada por um único e entediado policial usando uma boina vermelha; finalmente viraram à esquerda para sair da

rodovia principal e entraram numa estrada paralela inclinada que corria em direção a uma inóspita e acinzentada massa de concreto e blocos cilíndricos de edifícios, todos emparelhados um depois do outro como um monte de ossos alvejados pelo sol.

O motorista reduziu a velocidade e parou.

— Bem-vindo a Al-Amari — ele disse como se rosnasse.

Ben-Roi e o motorista demoraram por um momento, assimilando a paisagem, e então continuaram descendo; pararam brevemente para pedir alguma informação a um garoto com o cabelo sujo, para, em seguida, deslocarem-se até o campo propriamente dito. Os edifícios caindo aos pedaços os circundavam; os habitantes — idosos usando um keffiyeh xadrez e grupos de shebab à toa pelas esquinas da rua — lançavam olhares desconfiados na direção deles enquanto passavam; o carro sacudia e pulava no asfalto esburacado. Um emaranhado de cabos de eletricidade arqueava logo acima de suas cabeças; uma confusão de traços coloridos de pichação em árabe cobria quase todos os espaços disponíveis nos muros com os dizeres Hamas, al-Mulatham, Morte a Israel, Vitória à Intifada. Por todo lado, encontravam-se fileiras de pôsteres com as imagens dos mártires suicidas do local.

Mas o que é que tô fazendo neste raio de buraco? Pensava Ben-Roi, lutando contra o desejo de dizer ao taxista para regressar e tirá-lo logo daquela merda de lugar. — Eu devo estar muito maluco mesmo.

Seguiram adiante, penetrando cada vez mais no bairro. As ruas se tornavam mais estreitas e mais difíceis de transpor; Ben-Roi se sentia cada vez mais desconfortável, até que, por fim, depois do que parecia uma eternidade, mas que tinha levado apenas alguns poucos minutos, eles dobraram uma esquina estreita, parando em frente de um beco, obstruído com lixo e entulho dos edifícios.

— Al-Din — avisou o taxista. — Que número você procura?

— Dois.

O homem colocou a cabeça para fora da janela e olhou para o beco. — É aquela. — Apontou para uma porta pesada de ferro, a primeira do lado esquerdo, sobre a qual havia uma enorme placa caída escrita em árabe. — Espero?

— É lógico — resmungou Ben-Roi, saindo do carro. Ele olhou ao redor, nervoso, imaginando se olhos o observavam, se vozes sussurravam. Então, apalpando mais uma vez sua Jericó para se tranqüilizar e verificando se seu celular estava ligado, entrou no beco, avançando por entre um amontoado de latas de tinta vazias e sacos de lixo. A porta que o motorista havia indicado estava levemente entreaberta; o som de uma televisão ecoava do interior do recinto. Ele chegou até lá e bateu à porta.

— Aiwa, idchol, al-bab maftouh.

Uma mulher respondeu algo lá de dentro, e era idosa pelo tom da voz. Ele hesitou, sem compreender o que estava sendo dito.

- Idchol!

Ele continuou hesitante, desconfiado de que estaria sendo convidado a entrar, mas sem certeza. Houve uma pausa, e então ele ouviu uma outra voz, masculina desta vez, e mais jovem:

— La, la, istanee hinnaak, ya omi. Ana rai'h.

Ouvia-se um ranger agudo, como se alguém andasse de bicicleta no chão de concreto, e a porta se abriu. Um rapaz — com cerca de trinta anos de idade, magro como uma vareta, vestindo jeans e uma camisa vermelha do Manchester United — estava sentado à sua frente, a parte de baixo do corpo presa numa cadeira de rodas. Sobre o ombro do rapaz, Ben-Roi pôde ver um ambiente espaçoso, mas sem mobília, com um piso de cerâmica; alguns quadros estavam pendurados nas paredes — fotografias, citações do Alcorão — e, através de um corredor nos fundos, via-se uma

cozinha abarrotada. A idosa estava fora de sua vista, em algum lugar à direita.

— Mi-in hinaak?— chamou ela.

— Yehudi — respondeu o rapaz, olhando atentamente para Ben-Roi.

— Yehudi! Shoo bidoo?

—Ma-ba'rif— disse ele em resposta. Então, virou-se para Ben-Roi. — O que você quer aqui?

O detetive mostrou seu distintivo.

— Sou da polícia de Jerusalém. Estou procurando por alguém chamado Majdi.

Os olhos do homem se estreitaram em sinal de desconfiança.

— Eu sou Majdi.

— Majdi al-Sufi, primo de Hani Hani-Jamal?

— Shoo bidoo? — Ouviu-se a voz da mulher novamente, preocupada e insistente. O rapaz fez um gesto de impaciência com as mãos, sinalizando para que ficasse quieta.

— Sim, sou eu.

Ben-Roi estava olhando para a cadeira de rodas.

— Há quanto tempo...?

Os olhos do rapaz cintilaram. — Há dois anos. Desde que fui atingido por uma bala de borracha, que fraturou minhas vértebras. Uma bala de borracha israelense. Agora, o que você quer aqui?

Ben-Roi se moveu, sentindo um mal-estar.

— Eu preciso que responda a algumas perguntas.

O rapaz bufou. — Esta é uma área palestina. Você não tem autoridade aqui.

— Então eu trarei o exército aqui e arrastarei você para Jerusalém. É isso que você quer? — Ele baixou os olhos para fitar o rapaz. — Eu só pensei que seria mais fácil dessa maneira. Para nós dois. Tentar levar o assunto de maneira informal. Você me diz o que preciso saber, eu vou embora, e você nunca mais me verá. A escolha é sua.

O rapaz manteve o olhar em Ben-Roi, demonstrando no rosto antipatia e desconfiança; então, com um resmungo resignado, ele moveu a cadeira de rodas de volta à sala. Ben-Roi o seguiu, empurrando a porta para fechá-la atrás de si, aliviado por ter saído da rua.

— Shoo bidoo, Majdi? Shoo aam bi-mil?

A idosa estava sentada num sofá à direita, vestindo um mendil e um thobe intrincadamente bordado; as mãos se apertavam e se soltavam em seu colo. Majdi foi até onde ela estava e tocou em seu braço, falando rapidamente em árabe, explicando o que estava acontecendo e tentando tranqüilizá-la.

— Ela passou por experiências muito ruins com os israelenses — disse ele, girando a cadeira de forma que pudesse encarar Ben-Roi. — Todos nós passamos por experiências ruins com os israelenses.

Os três ficaram se olhando, e o único som que se ouvia eram as vozes de uma conversa na televisão. Então, com má vontade, o jovem acenou em direção a uma pequena cama pressionada contra a parede ao lado da porta, indicando para que Ben-Roi se sentasse. Ele se sentou, observando primeiro a idosa, e depois, julgando desconfortável a intensidade do olhar dela, observou a parede, acima da cabeça dela, onde havia um par de documentos em árabe emoldurados. Documentos de propriedade, ele imaginou. Já havia

visto aquilo antes, em outras casas palestinas — um aviso patético e desafiador sobre as terras que haviam possuído no passado e que esperavam, em vão, recuperar.

— É sobre Hani? — perguntou o rapaz, removendo um maço de Marlboro de uma bolsa pendurada na lateral de sua cadeira e segurando um cigarro com os dentes. — Sobre a acusação de tráfico?

Ben-Roi negou com a cabeça.

— O que é, então?

— Trata-se de algo que você fez em 1990. Um apartamento que você incendiou. Na Cidade Antiga.

O jovem bufou demonstrando surpresa. — Isso foi há quinze anos! E eu já cumpri minha pena.

— Eu sei disso.

— E então?

— Eu quero que você me diga o porquê de ter feito aquilo — disse Ben-Roi. — Por que você incendiou o apartamento?

O rapaz bufou novamente e acendeu o cigarro, impulsionando-se pelo recinto, pegando um cinzeiro no alto da televisão e colocando-o sobre o joelho. Depois se moveu de volta para perto da idosa.

— Perdeu a viagem, cara. Eu contei tudo pra eles naquela época.

— Então conta de novo.

— Eu era um moleque. Foi só de zoação. Nada sério.

— Se você queria colocar fogo na propriedade de um israelense, havia alvos mais fáceis do que bem no meio do Bairro Judeu.

Majdi fez um gesto com a mão, mostrando indiferença. — Era um desafio, sacou? Essa é a questão. Você tá desperdiçando teu tempo, cara.

— Por que aquele apartamento em particular?

Não obteve resposta.

— Por que aquele apartamento em particular? — repetiu Ben-Roi, botando pressão.

— Não sei de nada. Foi o que a galera escolheu. Não tinha nenhum motivo específico. Eu disse isso pra eles na época.

— Você sabe que a mulher que era a proprietária do apartamento foi assassinada no mesmo dia?

O jovem murmurou alguma coisa.

— O quê?

— Nós ficamos sabendo mais tarde. Na delegacia. Não soubemos na hora.

Ele desviou o olhar para a televisão, e então, como se despertado por um pensamento inesperado, virou a cabeça abruptamente em direção a Ben-Roi.

— Qual é cara?!? Se tá tentando me acusar...

— Eu não estou acusando você de nada.

— Conheço bem essa tua raça...

— Eu não estou acusando você de nada! A mulher foi assassinada no Egito. Você não tinha como se envolver.

O jovem grunhiu algo e tragou energicamente o seu cigarro. Depois, com leves batidas, jogou as cinzas no cinzeiro colocado em seu joelho.

— Você está mentindo pra mim sobre o incêndio — acrescentou Ben-Roi depois de uma breve pausa. — Eu sei disso, eu sei que está. Uma mulher é assassinada, e duas horas depois alguém incendeia o apartamento dela! É muita coincidência, Majdi. Há algo mais. Alguma outra razão. Vamos lá, eu quero saber por que você fez aquilo.

A idosa murmurou algo, perguntando o que estava acontecendo. O rapaz murmurou uma resposta e, em seguida, olhou para o detetive.

— É como eu disse pra eles naquela época e é como tô dizendo pra você agora: nós fizemos aquilo por simples zoação. Sacou agora? Por isso, nada mais. Se tu não acredita em mim, então me prende e me acusa.

Ele fitava o detetive desafiadoramente e então mudou o olhar para a tela da televisão, onde dois homens estavam lutando, rolando pelo que parecia uma poça de óleo. Ben-Roi fitou suas anotações e, então, olhou para a idosa, e depois para a escritura de terra com marcas de dobra sobre a cabeça dela. Sabia que estava sendo enganado; podia ver isso na tensão dos ombros do rapaz e na baforada curta e ansiosa que ele dava no cigarro. Ele tinha feito um blefe de detetive, embora soubesse muito bem que aquilo era um tiro no escuro e não poderia provar que o rapaz estava mentindo. Poderia levá-lo sob custódia, interrogá-lo adequadamente, interrogá-lo até que desse com a língua nos dentes, mas isso não seria nada bom. O rapaz manteve aquela história em 1990 e estava mantendo a mesma história agora. Ele não iria conseguir arrancar nada dele ali. A menos que...

Ben-Roi levantou-se lentamente, atravessou o recinto até a televisão e desligou o aparelho; não sentia orgulho do que estava para fazer, mas era incapaz de ver outra alternativa.

— Eu poderia tornar as coisas bem difíceis para seu primo — ameaçou. A respiração do rapaz parecia ter sido contida.

— Ele já está pegando dois anos, só por associação com o tráfico. Se a acusação aumentar para fornecimento, ele pegaria uns cinco ou seis. Talvez mais. Você não acha que pode ajudá-lo?

— Safado desgraçado!

Ben-Roi rangeu os dentes. Ele não se sentia confortável em fazer aquele tipo de jogo de manipulação e nunca se sentiu confortável, mesmo depois da morte de Galia, quando ferir palestinos parecia ter se tornado imperativamente primordial em sua existência. Agora que ele dera início àquilo, no entanto, precisava ir até o fim.

— Seis anos em Ascalão — continuou ele, exagerando. — Seis anos com os estupradores, assassinos e pederastas. E eles são bonzinhos comparados aos carcereiros. Estes são tempos difíceis, Majdi. Eu não tenho certeza se Hani sobreviveria. Então, vai me contar por que você incendiou o apartamento ou não?

A idosa podia ver o olhar atormentado no rosto do filho e o agarrou, ansiosa, desejando saber o que estava sendo dito. O rapaz lhe respondia, mas seus olhos não deixavam de fitar Ben-Roi nem por um instante; seu corpo parecia comprimir-se contra o cinto que o prendia à cadeira de rodas.

— Seu israelense de merda, filho de uma puta! — gritou ele. O detetive não disse nada.

— Seu filho de uma puta — repetiu ele.

O cigarro queimou-se por inteiro, e, com as mãos trêmulas, ele o amassou no cinzeiro, pressionando-o com força, esmagando, os músculos do braço se contorcendo, inchando. Olhou para o filtro esmagado, balançando a cabeça rancorosamente, como se estivesse olhando, de alguma maneira, para o reflexo de si mesmo; então, agarrando abruptamente as rodas da cadeira, moveu-se pelo recinto para, enfim, colocar o cinzeiro sobre a televisão, retornando em seguida para o lado da mãe. Houve um longo silêncio.

— Confidencial? — murmurou finalmente.

Ben-Roi confirmou com um aceno de cabeça.

— E o Hani? Tu vai deixar o cara em paz? Não vai machucar ele, vai?

— Você tem a minha palavra.

O rapaz bufou ironicamente. Ele olhou para Ben-Roi e, depois, para o chão.

— Fui pago — murmurou, com uma voz quase inaudível. Ben-Roi avançou meio passo.

— Por quem?

— Meu tio. Ele tinha uns negócios com um cara no Cairo. Exportação de frutas... laranjas, limões, esse tipo de coisa. Um dia o sujeito ligou e disse que precisava de um favor. Queria que o apartamento fosse incendiado. Disse que pagaria uma boa grana. Quinhentos paus. Mas tinha que ser feito logo. Sem perguntas. Por isso meu tio me chamou.

— Você sabe quem era esse homem?

Majdi balançou a cabeça. — Nunca falei com ele. Meu tio foi quem arranjou tudo. — Ele ergueu as mãos e começou a esfregar os olhos. — Gad, Getz, algo assim. Não era um nome egípcio.

Ben-Roi escreveu em seu bloco de anotações. — E seu tio? Onde ele está agora?

— No cemitério. Há quatro anos.

Do lado de fora, ecoou um som metálico, como se alguém tivesse acabado de chutar uma lata de tinta. Mas Ben-Roi estava por demais concentrado no interrogatório para perceber algo.

— Então esse Gad, Getz, ele telefonou do Cairo, ofereceu quinhentos dólares para botar fogo no apartamento da mulher...

— A gente não sabia de quem era o apartamento. Ele apenas deu o endereço.

— E ele não disse o motivo? Nenhuma explicação?

O jovem balançou a cabeça negativamente.

— E você não achou estranho?

— É claro que achamos. Mas você queria o quê? Que a gente não pegasse o trabalho? Tava todo mundo precisando do dinheiro.

Ben-Roi o olhava fixamente, então voltou para a pequena cama e sentou-se novamente.

— OK, então ele disse para vocês colocarem fogo no apartamento, e o que mais?

O jovem deu de ombros. — Como eu disse pra eles na época, a gente foi até o Bairro Judeu. Tinha uma passagem atrás do edifício; Hani ficou embaixo para vigiar; escalamos o muro até o apê, arrombamos a janela dos fundos, enchemos o lugar de gasolina e metemos fogo. Algumas pessoas sacaram a gente descendo e correram atrás; aí fomos pegos. Foi isso. Bem como eu já havia contado pra eles naquela época.

— O que havia lá dentro?

— Como assim?

— No apartamento. O que tinha dentro do apartamento?

— Como é que eu vou me lembrar de que porra tinha lá? Foi há quinze anos!

— Você deve se lembrar de alguma coisa.

— Sei lá! Móveis, uma mesa, uma televisão... coisas comuns. O que todo mundo tem.

Ele pegou outro Marlboro, colocou-o entre os lábios e o acendeu. Houve outro barulho do lado de fora, parecendo sussurros.

— Tinha muito papel.

— Papel?

— Foi por isso que lambeu tão rápido. Tinha papel por tudo que é canto.

— Jornais?

— Não, não. Pastas e coisas do tipo. Xerox. Por tudo que é canto, montes e mais montes. Como algum tipo de...

Ele fez uma pausa, tentando encontrar a palavra certa. Ben-Roi relembrou o que a Sra. Weinberg havia dito sobre Schlegel voltar para casa com os braços cheios de papéis do Yad Vashem.

— Arquivo? — sugeriu Ben-Roi.

— Pode ser, como alguma espécie de arquivo. Era quase impossível andar por lá por causa da papelada. E numa das paredes, na sala de estar, havia uma enorme fotografia, ampliada, grande desse jeito... — Ele gesticulou com as mãos. — Um homem. Vestindo algum tipo de uniforme. Em preto-e-branco. Sabe? Como se tivesse sido tirada há muito tempo. Era a única fotografia no lugar.

Houve mais vozes do lado de fora e batidas de pés. Parecia uma multidão passando pelo beco.

— E você não reconheceu o homem na fotografia? — perguntou Ben-Roi, desatento aos sons.

— Nunca vi antes. Como te disse, era bem velha. A foto era em preto-e-branco. Não era de família, eu acho.

O detetive piscou repetidas vezes, pensativo. — Como você sabe disso?

— Eu não sei. Eu apenas... não parecia foto de família. Ampliada daquele jeito, pregada na parede. Era tipo uma — ele deu mais uma tragada em seu cigarro — daquelas fotos que vocês tiram na delegacia. Cê sabe, de gente foragida. Era com o que se parecia. Uma fotografia de alguém procurado pela polícia. Esquisitaço.

O rapaz apertou o cigarro com a boca e, movendo-se para perto da televisão, pegou o cinzeiro, colocou-o sobre seu joelho outra vez e continuou a mover-se até a cozinha. Ouviu-se um tinido de canos e, então, o som de água de uma torneira. Ele reapareceu um momento depois, com um copo de água preso entre as coxas.

— É tudo que eu sei — disse ele. — Não sei de mais nada. — Ele retornou para perto da idosa e ficou ao lado dela, movimentando a cadeira. Ben-Roi lhe fez mais algumas perguntas, mas estava claro que o jovem havia falado a verdade, e depois de alguns minutos, aceitando que havia conseguido tudo que era possível, fechou seu bloco de anotações e levantou-se.

— OK — murmurou. — Está acabado.

Não fazia muito sentido dizer adeus — aquilo não foi exatamente uma visita — e então, enfiando o bloco de volta em seu bolso, ele simplesmente fez um leve gesto com a cabeça e partiu em direção à porta. Enquanto caminhava, a idosa grasnou algo atrás dele:

— Ehna mish kilab.

Ele se voltou para eles.

— Disse o que aí?

Majdi olhou para cima, tragando o seu cigarro.

— O que ela disse? — repetiu Ben-Roi.

O jovem exalou um arabesco de fumaça.

— Ela disse que a gente não pode ser tratado como cachorro.

Ela estava olhando fixamente para o detetive; sua expressão não era nem de medo nem de desafio, mas apenas de esgotamento, infinita melancolia. Ele se preparou para abrir a boca, para dar algum tipo de resposta, contar sobre Galia, sobre a maneira como eles a mutilaram, explodindo suas pernas, as mesmas pessoas que naquele momento tinham suas imagens exibidas em pôsteres ao longo de todo o campo como heróis grandiosos. Mas ele não conseguia pensar em nada para dizer, qualquer palavra que pudesse expressar adequadamente a profunda solidão e o rancor que sentia; então ele simplesmente meneou a cabeça, virou-se, caminhou até a porta e a abriu.

— Al-Maoot li yehudi! Al-Maoot liyehudi!

Uma seqüência de gritos o pegou de surpresa. O beco, anteriormente vazio, estava agora repleto de rapazes, os maxilares tensos, punhos cerrados, olhos radiantes com a jubilante e extasiada avidez de caçadores que sabiam ter conseguido cercar sua presa. Houve uma pausa momentânea, apenas uma fração de segundos, como uma onda atingindo seu ápice antes de se quebrar na praia, e então a multidão insurgiu contra ele, gritando:

— Iktelo! Iktelo! Uktul il-yehudi!

Ben-Roi nem mesmo teve tempo para reagir. Num instante, ele estava de pé, na porta de entrada, e, no outro, dezenas de mãos o seguravam pela jaqueta, camisa, cabelo, e começavam a arrastá-lo pelo beco. Foi quando alguém tirou uma pistola do coldre de ombro e atirou para o ar, bem ao lado de seu ouvido, fazendo com que ficasse atordoado pelo estampido; perto dali, logo atrás da multidão, ele conseguiu visualizar o garoto palestino a quem seu taxista havia solicitado informações sobre o caminho, batendo palmas sobre a cabeça e sorrindo. Um laço havia sido jogado ao redor de seu pescoço e apertado; recebia golpes de algum objeto em seu

estômago — um bastão de beisebol ou um simples pedaço de pau, talvez—, fazendo com que se dobrasse, sem ter como se defender.

Vou morrer, pensou ele, chocado com o horror e ainda, ao mesmo tempo, curiosamente, indiferente, como se estivesse assistindo a um vídeo de algum ataque, em vez de, realmente, estar participando dele. Meu Deus do céu, eu vou morrer.

Ele tentou colocar os braços ao redor da cabeça para se proteger dos socos que levava, mas eles foram empurrados novamente e comprimidos em suas costas. Cusparadas caíam sobre ele de todas as direções, quentes, viscosas, escorrendo pela face e pelo queixo como lesmas rastejantes. Ele se sentiu impulsionado beco abaixo como se apanhado por uma avalanche de lama.

E então, tão repentinamente quanto começou, o ataque abruptamente cessou. Num momento, ele estava sendo arrastado e espancado; no outro, inexplicavelmente, a multidão se dispersava e recuava pelos muros do beco, deixando-o prostrado, um som agudo e alto ecoando em seus ouvidos. A princípio, ele pensou ser o resultado dos socos; depois, quando começou, aos poucos, a recobrar os sentidos, percebeu que se tratava da voz de uma mulher, aos berros. Ele permaneceu onde estava, tossindo, aterrorizado, sabendo que, se se movesse apenas um centímetro, isso de alguma maneira provocaria um renovado frenesi de violência. Por isso, vagarosamente, ele se endireitou; a corda continuava pendendo em seu pescoço como uma excêntrica gravata.

Majdi estava sentado na porta da entrada de sua casa, o rosto pálido, as mãos apertadas ao redor das rodas de sua cadeira. A mãe dele, inclinada para a frente e frágil, estava em pé do lado de fora, acenando com as mãos, vociferando para a multidão em advertência. Embora ela fosse de longe a menor pessoa no beco, os homens pareciam intimidados por sua presença, incapazes de encarar o olhar furioso que ela lhes lançava. Ela continuou a gritar por quase um minuto, gesticulando, com a voz ríspida, e então avançou na direção de Ben-Roi.

— Keefak?

Ele olhou abrangendo tudo ao redor, o sangue pulsando em suas têmporas; todo o seu corpo tremendo, sem saber o que ela estava dizendo.

— Você está ferido? — perguntou Majdi.

De forma surpreendente, dada a fúria do ataque, ele não estava. Alguns machucados, um corte no lábio, uma corda imunda ardendo ao redor de seu pescoço — ferimentos superficiais, nada sério. Ele tentou falar, mas as palavras pareciam presas na garganta, e, no final de tudo, ele pôde apenas dar um tipo de meio aceno debilitado, como uma boneca de madeira com o pescoço quebrado. A idosa parou para recuperar a pistola que havia sido abandonada na confusão e, mancando lentamente, entregou-a para ele, erguendo seu braço frágil e passando a manga de seu vestido pelo queixo dele, que estava salpicado de sangue.

— Ehna mish kilab — disse ela calmamente. —Mish kilab.

Ele sustentou o olhar dela por um momento, e então se virou e cambaleou beco abaixo, livrando-se do laço no pescoço e enfiando a pistola de volta em seu coldre. A multidão sussurrante o seguia como uma furiosa rajada de vento.

Na parte de baixo do beco, o taxista estava de pé ao lado do carro, tremendo. — Eu disse, tu é muito perigoso aqui — falou rapidamente. — Eu te disse.

— Tô pouco me fodendo para o que você disse! — falou gravemente Ben-Roi, escancarando a porta do passageiro, jogando-se dentro do carro para então retirar o cantil de seu bolso. — Só me tira logo dessa bosta de buraco. Me tira daqui agora.

Israel — Aeroporto Ben-Gurion

Salim, o agente de viagens amigo de Layla, conseguiu reservar o vôo da British Airways para o aeroporto de Heathrow, em Londres. Havia um vôo mais cedo pela El-Al com o mesmo destino, mas era mais caro e, de qualquer forma, ela já tinha decidido que nunca voaria nos aviões da companhia israelense. Assim, optou pela BA, cujo vôo era mais barato. Kamel, o taxista, chegou ao Ben-Gurion às 8h30 da manhã, deixando-a no estacionamento principal do aeroporto, na frente da gigante escultura da menorá de Salvador Dali. Ele estava ainda mais carrancudo do que nunca e, assegurando-se de que Layla e sua bagagem já se encontravam fora de seu veículo, inclinou-se, bateu a porta do passageiro e acelerou sem nem mesmo dizer adeus.

— Bem, vá se foder você também — resmungou ela enquanto ele desaparecia ao virar a esquina.

Layla verificou seu passaporte e os bilhetes e, como sempre fazia todas as vezes que entrava naquele aeroporto, ficou parada, observando a surrealista menorá, de braços assimétricos, em bronze, feita de modo a dar a impressão de ser de cera e de estar lentamente derretendo. Como o emblema dos Guerreiros de Davi de Har-Zion, ela era exibida todas as vezes que se apoderavam de mais outro bolsão de terra árabe; era ainda o símbolo que carregava conotações distintamente malévolas para ela. Ao mesmo tempo, quase que contra a sua vontade, via algo curiosamente hipnotizante sobre o objeto — sua simetria curvilínea, a forma como os braços se estendiam para o alto, como se se esticassem, na intenção de abraçarem o céu. Apenas no ano anterior ela havia realizado uma pesquisa para um artigo sobre a importância desse ícone para o povo judeu, como nos tempos antigos, antes de ser levada pelos romanos, no ano 70 d.C. A Menorá era o objeto sagrado mais reverenciado entre os que pertenciam ao Templo. Olhando para a escultura de Dali, naquele momento, com a dedicatória: "Para vós,

povo de Israel, povo escolhido", ela sentia tanto aversão quanto um sentimento indefinido de conexão. Como sua atitude em relação ao próprio Har-Zion, ela refletiu. Olhando atentamente para cima por mais um tempo, segurando firme sua bagagem, virou-se e partiu em direção ao embarque.

Partir de Israel sempre foi um assunto complicado. Ela já havia perdido a conta das vezes em que havia se apresentado para o vôo — e em alguns casos, na realidade, acabava perdendo o vôo —, e sempre o pessoal da segurança israelense insistia em vasculhar a sua bagagem com o melhor dos pentes-finos, submetendo-a a uma interminável série de perguntas sobre para onde iria, por que estava indo, quem ela encontraria e quando voltaria. Todo o seu itinerário, basicamente, era esmiuçado com um punhado de perguntas idiotas para perscrutar sobre sua família, amigos, colegas e vida pessoal e profissional. "Vocês já obtiveram mais do que o suficiente para escrever a droga da minha biografia", ela havia vociferado certa vez para seu interrogador, uma explosão que, longe de acelerar as coisas, apenas serviu para intensificar ainda mais o interrogatório.

E isso acontecia com todos os palestinos que utilizavam o aeroporto — as suspeitas, as intimidações, a humilhação. Ela desconfiava de que passava por isso de maneira pior do que a maioria, principalmente por causa de sua reputação como jornalista. "Eles têm um dossiê minucioso sobre você", Nuha havia lhe dito certa vez, somente como brincadeira, "e quando faz o check-in, um sinal luminoso aparece numa tela indicando: Urgente: fodam com a paciência desta pessoa por um longo tempo."

Ela fazia o que podia para tornar as coisas mais fáceis, sempre chegando meia hora mais cedo para o check-in e mantendo suas bagagens abaixo do peso permitido, carregando quase o mínimo — sem agenda de endereços, sem literatura anti-israelense e, definitivamente, sem aparelhos elétricos (a única exceção inevitável era o seu celular). Isso nunca parecia fazer qualquer diferença e, certamente, não faria hoje. Ela era a primeira a chegar para o seu vôo e a última a embarcar; seu telefone, como sempre, era laboriosamente examinado por uma especialista em explosivos, que

acidentalmente conseguia apagar todos os números registrados. "Com que bosta de objetivo?", desejava ela gritar. "As únicas pessoas que colocam bombas em aparelhos celulares são os malditos israelenses!"

Quando ela finalmente se instalou em seu assento — sendo que havia solicitado a janela ou um lugar no corredor, mas inevitavelmente conseguira ficar bem no meio — e folheava o livro que havia comprado no dia anterior sobre a história dos cátaros, sentiu um discreto alívio pelo fato de ter conseguido embarcar. Se sair de Israel era difícil, isso era água-com-açúcar quando comparado com a luta para regressar àquele maldito lugar.

Luxor

Khalifa apagou seu milionésimo cigarro do dia, bebendo uma xícara de chá e recostando-se em sua cadeira, exausto. Estava no escritório desde as cinco da manhã e agora já eram quase duas. Nove horas martelando a cabeça contra um muro de concreto.

Primeiro, ele enviou por fax as fotos de Jansen para a Interpol e para a polícia holandesa, na vã esperança de que seus arquivos pudessem levantar algum tipo de correlação — e eles não tinham levantado. E ainda havia caminhado pela cidade de Luxor por algumas horas, batendo na porta dos mais renomados comerciantes de antigüidades da cidade, tentando, mas fracassando, estabelecer algum elo entre Jansen e o comércio de artefatos roubados. Fosse lá o que estivesse fazendo com todos aqueles objetos guardados em seu porão, o falecido claramente não havia tentado vendê-los. Depois disso, retornou para o seu escritório e passou o resto da manhã sentado à sua mesa, repassando todas as suas descobertas daquelas duas últimas semanas, anotando o que lhe pareciam ser

todos os elementos-chave do caso em cartões em branco do fichário — Thoth, al-Mulatham, nazistas, Farouk al-Hakim, tudo —, e então, como um epigrafista coletando peça por peça e juntando cada fragmento de alguma inscrição danificada, tentou organizá-las em cartões para criar algum tipo de padrão de reconhecimento. Tentava da melhor maneira possível, embora não pudessem fazer sentido se não revelassem aonde pretendiam levá-lo.

Ele acendeu outro cigarro e, com um gemido de exasperação, deixou sua sala de trabalho e foi para o térreo, caminhando pela delegacia, rumo à Rua El-Matouf, para tomar um pouco de ar fresco. Havia uma barraca de bebidas na esquina da Rua Sharia com o Templo de Carnaque. Caminhando até o local, comprou um copo de karkaday e recostou-se contra o muro da delegacia, sorvendo o líquido gelado de cor rubi. Um garoto da padaria passou pedalando, balançando um tabuleiro de aish baladi na cabeça.

A verdade era que ele estava começando a ficar sem opções. Farouk al-Hakim estava morto e, por isso, não poderia falar com ele; mesmo assim, ainda existiam algumas pistas menores para serem examinadas; como ele havia percebido, a investigação estava na dependência de dois fatores-chave: contactar os amigos de Jansen no Cairo e receber uma resposta útil daquele desagradável detetive israelense. Os Gratz ainda se recusavam a entrar em contato. Eles com certeza estavam em casa, todos os seus vizinhos haviam isoladamente relatado terem ouvido vozes no interior do apartamento. Por motivos que somente eles conheciam, no entanto, os dois estavam brincando de bancar os difíceis, e, a menos que pegasse o caminho em direção ao Cairo e batesse na porta deles pessoalmente, Khalifa não via outra alternativa a não ser obrigá-los a aparecer para depor.

Restava assim Ben-Roi. O rude, incompetente e preguiçoso Ben-Roi.

Khalifa já havia até telefonado para o escritório dele quatro vezes naquela manhã, sendo em todas elas atendido pela secretária eletrônica, e em cada ocasião deixando uma mensagem

progressivamente mais curta, perguntando o que, se fosse o caso, o israelense conseguira descobrir sobre Hannah Schlegel. Contudo, ele ainda não havia retornado sua ligação, estimulando Khalifa a desconfiar de que o estava enrolando e não o levando a sério.

Ele deixou escapar um suspiro de frustração e sorveu o restante do karkaday, fechando os olhos e permitindo que o sol da tarde acariciasse seu rosto. Estava quente, mas relaxante, ao contrário daquele calor furiosamente causticante, como é geralmente no verão.

— Que se foda você, Ben-Roi — resmungou ele, tragando a fumaça do cigarro. — Que se foda, seu miserável.

— Então está tudo indo bem!

Seus olhos piscaram e se abriram novamente. Seu auxiliar, Mohammed Sariya, estava de pé à sua frente.

— Sabe, acho que é a primeira vez que ouço você dizer palavrões — disse Sariya, impressionado.

— É a primeira vez que tenho que lidar com esses malditos israelenses — grunhiu Khalifa, jogando o cigarro no chão e o amassando com o pé. Ele entregou o copo de volta ao vendedor e deslizou a mão pelo braço de Sariya. Os dois caminharam juntos de volta à delegacia, de braços dados, como era de costume.

— Soube que você está trabalhando com Ibrahim Fathi agora — disse Khalifa. Fathi era outro detetive da delegacia, popularmente conhecido como El-homaar — o Asno —, devido à sua atitude laboriosa e nada criativa em relação ao trabalho policial. Não era de surpreender o fato de ele ser um dos favoritos do delegado Hassani.

— Alguma coisa interessante por esses dias?

— Uma dupla de comerciantes de bananas que anda trapaceando no peso em el-Bayadiya — respondeu Sariya — e o caso intrigante

de um ladrão de galinhas que atua em Bayarram. As coisas nunca eram tão animadas assim quando eu trabalhava contigo.

Khalifa sorriu. Não era bem assim, mas em parte se preocupava com o fato de que Sariya pudesse realmente apreciar a parceria com El-homaar realizando tarefas através de um manual de instruções só pra variar. O fato de que ele não estava realmente gostando, de certa forma, provocou-lhe um alívio e o fez sentir-se um pouco menos isolado. Ele tinha sentido a falta de seu auxiliar nesses últimos dias.

Passaram pelos guardas colocados em cada lado da entrada da delegacia e começaram a subir a escadaria principal.

— Mas, sério, como andam as coisas? — perguntou Sariya enquanto subiam. — Não muito bem, eu imagino.

Khalifa deu de ombros, mas não disse nada.

— Tem algo que eu possa fazer? Dar uns telefonemas, qualquer coisa.

Khalifa sorriu e bateu levemente no braço do seu auxiliar. — Obrigado, Mohammed, mas acho que é melhor eu tentar resolver isso sozinho. Não estou atolado de trabalho. Apenas confuso. Como sempre.

Eles chegaram até o topo da escadaria. A sala de trabalho de El-homaar, onde Sariya estava trabalhando, ficava no final do corredor à direita; a de Khalifa ficava à esquerda.

— Prometa que vai me informar o que acontecer com aqueles mercadores de bananas — pediu, soltando o braço de Sariya, piscando para ele e virando-se para partir. Ele deu alguns passos e, então, se virou novamente.

— Ei, Mohammed! Tem uma coisa.

Sariya se aproximou dele e, juntos, caminharam pelo hall até a sala de Khalifa. O telefone estava tocando quando passaram pela porta.

— Quer atender a ligação? — perguntou Sariya.

Khalifa acenou com a mão, mostrando indiferença. — Deve ser o chato do Hassani ligando para verificar como estou. Vamos deixar ele esperando um pouquinho.

Atravessou a sala em direção à mesa e, ignorando o telefone, começou a vasculhar as pilhas de papéis amontoados para finalmente retirar uma fotografia que havia trazido da casa de Jansen.

— Provavelmente isso não é nada, mas estive pensando se você poderia descobrir para mim que tumba é esta. Para ser honesto, é mais um interesse pessoal do que profissional; então não se incomode em levar muito tempo com isso... só quando tiver um tempinho livre.

Sariya pegou a fotografia e segurou-a contra a luz. O telefone continuava tocando, agudo, insistente, o som preenchendo o recinto.

— E provavelmente é melhor não mencionar nada disso a Fathi — acrescentou Khalifa, lançando um olhar incomodado para o telefone. — Eu não acho que ele ficará feliz se souber que você está fazendo um extra por aí.

Jerusalém

- V

amos lá, seu arabezinho estúpido. Mas onde é que você anda agora?

Ben-Roi sentou em sua cadeira, olhando zangado e tamborilando seus dedos impacientemente sobre a mesa. O telefone grudado em seu ouvido. Ele chegou à sua sala com um humor medonho depois do que acontecera no campo e ficou ainda pior agora, depois de ter ouvido as quatro mensagens deixadas pelo egípcio na secretária eletrônica do seu trabalho: "Inspetor Ben-Roi, peço que, por gentileza, entre em contato", "Inspetor Ben-Roi, eu esperava já ter recebido um retorno seu até o momento", "Inspetor Ben-Roi, poderia, por favor, me informar como andam suas investigações?", "Inspetor Ben-Roi, o senhor já começou a investigar o assunto que discutimos há alguns dias?".

Ele tinha acabado de arriscar sua porcaria de vida pelo homem e tudo que recebia em agradecimento eram mensagens daquele tipo! Ele não devia nem ter se incomodado em retornar a ligação; deveria deixá-lo de molho por uns dias. Ensiná-lo boas maneiras. Na realidade, ele estava pensando em fazer isso nesse exato momento. Desligar o telefone e fazer aquele incompetente esperar.

Naquele exato momento, atenderam ao telefone.

— Sabah el-khir.

— Khediva?

Uma curta pausa.

— Khalifa. Kha-li-fa. Eu imagino que seja você, inspetor Ben-Roi.

— Sim, sou eu — disse o israelense, resistindo ao desejo de acrescentar: "Sua bichinha muçulmana", e, em vez disso, tomou um gole de seu cantil de bolso.

Do outro lado da linha, Khalifa acendeu um cigarro e tragou fortemente, devido à aversão que sentia pelo homem, ainda mais agora do que na primeira vez que se falaram, principalmente porque havia sido encontrado daquela maneira, desprevenido, fazendo com que parecesse ser um desorganizado e incompetente.

— Eu esperava receber um contato seu mais cedo — reclamou, tentando se reafirmar.

— Bem, eu estou contactando você agora — respondeu Ben-Roi, de forma ríspida. — Foi o mais rápido possível dentro das minhas possibilidades.

Eles ficaram uns segundos em silêncio, cada um à sua maneira, percebendo que dar o próximo passo poderia indicar um sinal de fraqueza. Eu não posso deixar transparecer que preciso dele, pensava Khalifa, soltando baforadas de seu cigarro. Eu não posso parecer tão interessado, pensava Ben-Roi, tomando mais um gole de vodca.

Foi o egípcio quem deu o braço a torcer primeiro:

— Então? — perguntou ele, tentando parecer indiferente, mas sem muito sucesso. — Conseguiu encontrar alguma coisa?

Ben-Roi aquiesceu, sentindo satisfação, percebendo que de alguma maneira estava ganhando a queda-de-braço. — Sim — respondeu —, eu encontrei algo. Na verdade, várias coisas. — Mas preferiu deixar a frase em suspenso por um momento, levantando as pernas e descansando-as no canto da mesa, desfrutando da idéia de que Khalifa estivesse cerrando os punhos impacientemente do outro lado da linha, e então começou a falar.

Iniciou o relato contando sobre todas as questões que envolviam Hannah Schlegel: França, Auschwitz, o trabalho de arquivista no

Yad Vashem, o irmão gêmeo, tudo que a Sra. Weinberg havia relatado no dia anterior. O fone ecoava o som de caneta escrevendo enquanto Khalifa anotava às pressas as observações informadas do outro lado da linha. Ele o interrompia com constantes perguntas: "Onde na França? Arquivando o quê? Você falou com o irmão dela?", as quais recebiam respostas cada vez mais curtas e monossilábicas de Ben-Roi, em parte devido ao fato de que ele não desejava ser interrompido, principalmente porque, lá no fundo, ele sabia que não havia abordado o caso tão bem quanto deveria, e falhar no fornecimento adequado de respostas iria parecer um trabalho malfeito.

— Veja, eu não sei nada disso! — ele vociferou em certo momento, depois de ser forçado a admitir que não havia examinado os fatos mais profundamente. — Eu só tive dois míseros dias.

Do outro lado da linha, Khalifa dava um sorriso malicioso, perversamente feliz de ter alguma coisa para criticar, cada questão sem resposta parecendo pender a balança de poder um pouco mais para o seu lado.

— Eu entendo — disse ele no tom mais simpático e formal com que poderia falar. — Realmente, dois dias não são muito tempo. Especialmente quando se tem outras coisas para fazer.

Que saco, pensou Ben-Roi, afastando o fone e mostrando o dedo médio.

Ele caiu meio que de pára-quedas sobre os assuntos pessoais da mulher, depois deu prosseguimento quanto à casa incendiada, e aqui ele estava em terreno seguro, porque, embora dissesse isso a si mesmo, ele realmente havia feito um bom trabalho. Voltou lentamente, recomeçando com o que a Sra. Weinberg havia lhe dito, e depois retomando a história passo a passo — Hani Hani-Jamal, a viagem até Al-Amari, a confissão de Majdi de que tinha sido pago para incendiar o apartamento, a descrição do interior do local —, construindo a história trecho por trecho. Novamente Khalifa o interrompeu com numerosas questões, mas desta vez Ben-Roi tinha

as respostas, e, contra a própria vontade, o egípcio foi forçado a reconhecer que foi um trabalho de detetive muito bem realizado, com o qual ele próprio ficaria feliz de ter executado.

"Talvez ele não seja tão estúpido como eu pensava", ele admitiu para si mesmo. "Rude, grosseiro, mal-humorado. Mas estúpido não."

O israelense ordenou sua narrativa de tal maneira que a informação de ouro, a revelação de quem havia encomendado o incêndio criminoso, foi revelada apenas no final da história. Até aquele ponto Khalifa ficou tão concentrado no que estava sendo dito, que nem se incomodou em perguntar quaisquer outras questões; estava apenas ouvindo e fazendo anotações. Quando o israelense finalmente mencionou o nome que o jovem palestino havia informado — Gad, Getz —, ele deu um leve assovio.

— Você o conhece? — perguntou Ben-Roi, tentando, sem sucesso, mascarar seu próprio interesse.

— Talvez sim, talvez não — respondeu Khalifa. — Piet Jansen tinha um amigo íntimo chamado Anton Gratz, que também mora no Cairo. Isto é certamente uma estranha coincidência.

Ele ponderou por um momento, perguntando por que motivo esse Gratz iria desejar destruir o apartamento de Hannah Schlegel, e então, balançando a cabeça, recostou-se em sua cadeira e olhou para o rascunho à sua frente, repassando as anotações que acabara de escrever.

— Estou interessado nesse incidente do barco — disse ele depois de uma longa pausa. — Quando a Sra. Schlegel foi, pela primeira vez, a Israel. Quando ela disse... — Ele correu sua caneta pelas anotações, procurando pela relevante citação.

— "Eu vou encontrar cada um deles" — respondeu Ben-Roi, ajudando. — "Mesmo que leve toda a minha vida, eu vou encontrar

cada uma das pessoas que fez isso com a gente. E, quando as encontrar, matarei todas elas."

— Exatamente. De quem ela estava falando?

— Daqueles que fizeram seja lá o que tenha sido em Auschwitz, eu presumo — resmungou o israelense. — Os médicos, os cientistas. Pelo que a Sra. Weinberg disse, ela passou o inferno naquele lugar.

Khalifa deu uma tragada profunda em seu cigarro. Antes de sua pesquisa na internet, na tarde do dia anterior, ele não sabia quase nada sobre Auschwitz, exceto o nome. Mesmo agora, era difícil acreditar que um lugar como aquele realmente tenha existido. Câmaras de gás, fornos, experimentos médicos... Mais uma vez ele tragou seu cigarro vigorosamente, pensando sobre a cicatriz que havia visto no abdômen de Hannah Schlegel, fina, em ziguezague, como um réptil se contorcendo. Seria esse o legado do campo? Ele se perguntava. Será que eles abriram seu ventre, vasculharam seu interior, arrancando algo? Uma imagem passou momentaneamente pela sua cabeça, de uma menina amarrada a uma maca de hospital, nua, com os pêlos pubianos e os cabelos raspados, aos prantos, aterrorizada, chamando por sua mãe. Ele franziu o rosto e balançou a cabeça, tentando dissipar aquela visão.

— Você acha que Jansen poderia, talvez, ser um desses médicos? — perguntou ele. — Ou que ele talvez estivesse de alguma forma envolvido naqueles experimentos?

Ele sabia que isso era algo improvável, que explicava algumas peças das evidências, mas deixava a maioria ainda sem resolução. Ben-Roi ignorou a questão imediatamente.

— Todos os médicos de Auschwitz foram executados, e os que conseguiram fugir foram encarcerados no final da guerra. Mengele escapou para a América do Sul, mas morreu há trinta anos. Seja lá com o que esse Jansen esteve envolvido, eu não acredito que se trate de algum experimento médico nazista.

Khalifa aquiesceu, desapontado, mas não particularmente surpreso. Recostou-se em sua cadeira, exalando uma longa fumaça ondulada e folheando suas anotações mais uma vez. Havia muita coisa boa ali. Nenhuma revelação esclarecedora, reconhecidamente, mas algumas peças novas e importantes para serem acrescentadas ao quebra-cabeça. As experiências de Schlegel na época da guerra, o "arquivo" em seu apartamento, seu irmão gêmeo, o incêndio criminoso — considerados com o que ele mesmo já havia descoberto eram pistas novas e bastante significativas. Pela primeira vez, desde o início da investigação, ele sentia um leve furor de otimismo, a forte sensação de que, apesar do nevoeiro de incerteza no qual tudo parecia estar inserido, ele vinha, ao menos, começando a avançar, a aproximar-se da resolução do caso.

No entanto, ainda havia muito chão para percorrer, e, para cobrir essa distância extra, eram necessários mais fatos, mais biografias, mais informações, mais ângulos. Algo, para garantir, que o ajudasse a sair da toca; ele já havia decidido sobre o próximo passo, que seria viajar para o norte, rumo ao Cairo, para confrontar o misterioso Sr. Anton Gratz. Mas havia ainda outras pistas que ele não conseguiria perseguir sozinho ou ao menos não facilmente. Gostando ou não, ele ainda precisava de Ben-Roi. O que era frustrante, pois, se ele estava ainda contra a sua vontade impressionado com o trabalho realizado pelo israelense, isto não significava que o achava agora mais acessível como pessoa.

Ben-Roi, de sua parte, estava lutando contra o mesmo problema, se bem que na direção oposta: como admitir que gostaria de permanecer envolvido no caso sem apresentar muita ansiedade. OK, talvez o egípcio não fosse tão incompetente quanto ele pensara a princípio; algumas das questões levantadas e comentários emitidos foram na verdade muito astutos. Khalifa era ainda um aborrecimento, um arabezinho medíocre e irritante, e ainda estaria fodido se fosse rastejar até ele para pedir algum favor.

Houve mais um longo e pesado silêncio, nenhum dos policiais querendo dar o primeiro passo, dizer o que se passava em sua

mente, com medo de conceder ao outro alguma vantagem invisível. Desta vez foi Ben-Roi que cedeu primeiro:

— Eu verei o que mais posso trazer à tona — disse ele, rápida e rispidamente, como se engolisse uma bebida muito amarga.

— Certo — disse Khalifa, aliviado e levemente surpreso. Sentou-se atrás de sua mesa novamente e esmagou o cigarro no cinzeiro. — Enviarei por fax uma fotografia de Jansen. E um relatório sobre o que encontrei até aqui.

— Faça isso. E é melhor você anotar o número do meu celular.

Khalifa, de maneira perspicaz, lembrou-se do israelense dizendo que não tinha celular. Considerando como ele se mostrava prestativo, não quis se arriscar a fazer uma provocação; sendo assim, pegou uma caneta e anotou. Uma vez que a informação havia sido passada, caíram em silêncio novamente, nenhum dos homens sabendo como terminar aquela conversa.

— Entrarei em contato, então — disse Ben-Roi finalmente.

— Certo — respondeu Khalifa. — Fico aguardando novas informações suas. — Ele quase abaixou o fone e então o ergueu novamente.

— Ben-Roi?

— O quê?

— Só mais uma coisa... isto pode ser relevante ou não.

— Sim?

Khalifa fez uma pausa.

— Parece que... Piet Jansen estava tentando contactar al-Mulatham. Jansen disse que possuía algo que poderia ser usado por ele em sua luta contra Israel. Eu achei que deveria saber.

Depois de colocar o fone no gancho, Ben-Roi sentou-se e ficou vários minutos praticamente imóvel, apenas olhando para o nada, os dedos brincando com a menorá em seu pescoço. Então se levantou e foi até um arquivo de aço no canto da sala. Pegando um molho de chaves de seu bolso, destrancou a porta e, agachando-se, retirou uma espessa pasta de papelão abarrotada de papéis. Chutou a porta do armário para fechá-la, voltou para sua mesa e abriu a pasta. À direita, no topo, encontrava-se a foto de uma jovem mulher com o cabelo negro bem curto. Um post-it colado na parte inferior de uma fotografia trazia rabiscado o nome Layla al-Madani.

Cambridge, Inglaterra

J

á passavam das cinco horas quando Layla finalmente chegou a Cambridge. Era uma noite sem lua, bastante quente, e dava para perceber uma camada alta de poluição no céu. O perfume das cerejeiras em plena floração flutuava no ar. Ela havia saído de Londres de trem e, em outras ocasiões, provavelmente teria andado cerca de dois quilômetros e meio até a estação no centro da cidade; já fazia anos desde sua última caminhada naquela parte do mundo, e teria sido agradável visitar alguns lugares antigos da época quando ainda morava com os avós, depois que ela e sua mãe haviam se mudado da Palestina. Naquelas circunstâncias, o tempo valia ouro, e ela estava ansiosa para encontrar o esquivo professor Topping.

Saindo da estação, acenou para um táxi e, dez minutos depois, já atravessava o portão arqueado do St John College. Um porteiro na guarita informou que o gabinete do professor Topping tinha acesso pela escadaria I do segundo pátio e, agradecendo pela informação, saiu pela universidade, atravessando um pátio enorme e silencioso — com a grama meticulosamente aparada, prédios no estilo Tudor

de tijolos vermelhos, uma capela ricamente ornamentada e com janelas em arco — para então chegar ao segundo.

A escadaria I ficava adiante, no canto esquerdo, e mantinha um painel com plaquetas indicando presente e ausente, aparafusado na parede de dentro da entrada, contendo os nomes de todos aqueles que possuíam salas no andar superior. A plaqueta ao lado do nome do professor Topping indicava que ele estava ausente, causando-lhe uma sensação de pânico — meu Deus, pensou, será que fiz todo esse trajeto à toa? —, até que um estudante corpulento, vestindo uma camisa vermelha e branca de rúgbi, apareceu pisando forte e, em resposta à sua pergunta sobre o paradeiro do professor, garantiu que ele estava, com certeza, em alguma de suas salas.

— Eu o ouvi gritando — explicou o rapaz. — Não leve em conta os avisos do painel. Eu moro embaixo do gabinete dele há dois anos, e ele nunca deixou o "presente" na plaqueta.

Aliviada, embora não se sentindo exatamente segura — o professor não parecia o tipo de pessoa que daria boas-vindas a visitantes inesperados —, ela começou a subir as escadas, cujos degraus de madeira rangiam e chiavam sob seus pés; seguiu até o topo do edifício, onde encontrou uma porta com as palavras PROFESSOR M. TOPPING pintadas na parede.

Ela hesitou, imaginando, como havia feito na tarde anterior, um rude e velho acadêmico, com óculos meia-lua, paletó de lã e pêlos brotando de seus ouvidos; então avançou e bateu à porta. Não houve resposta. Ela bateu novamente.

— Agora não!

— Professor Topping?

— Agora não!

Seu tom de voz era furioso, irritado. Ela se perguntava se talvez não devesse sair para comprar um café e voltar mais tarde, quando ele estivesse com um humor melhor. Mas ela não tinha percorrido todo

esse caminho para ficar vagueando por aí. Então, rangendo os dentes, ergueu a mão e bateu pela terceira vez, os nós dos dedos golpeando insistentemente a porta de madeira.

— Seria muita gentileza de sua parte conceder-me alguns minutos de seu tempo, professor Topping — gritou ela.

Houve uma breve e ameaçadora pausa — a calmaria antes da tempestade —, e então ela ouviu o som de passos se aproximando rapidamente. Uma porta interna foi escancarada e, depois, a porta em que ela havia batido.

— Céus, você não entende inglês? Eu disse agora não! O que há de errado com você?

Por um momento Layla ficou completamente perplexa para falar; ao contrário do que havia imaginado sobre um estudioso embolorado e velho, ela se encontrou confrontada por um homem bonito, alto, com cabelos pretos, com quarenta e poucos anos, vestindo bermuda e uma camisa de algodão, com um emaranhado de pêlos escuros explodindo de sua camisa aberta no colarinho. Seu espanto durou apenas alguns instantes, e então, irritada, partiu para cima dele:

— Vá se foder, seu pretensioso de merda! Eu vim de Jerusalém até aqui porque você não pode atender a uma porcaria de telefonema como qualquer ser humano normal, e você não me mostra nenhum pingo de respeito.

Ela esperava com certeza que ele batesse a porta na cara dela. Nesse caso, o professor apenas olhou atentamente para Layla, com um olhar discreto de admiração em seus olhos, arqueando as sobrancelhas. Virou-se e caminhou para dentro da sala. Ela permaneceu na entrada da porta, sem saber o que fazer.

— Bem, nesse caso, entre — ele respondeu por sobre o ombro. — Eu até posso ser um pretensioso de merda, mas ao menos reconheço quando é para desistir com elegância. E feche a porta. Ambas. Eu não quero que isso deixe precedentes.

Surpreendida demais para argumentar sobre o assunto, ela fez o que foi solicitado, fechando as portas e seguindo-o para o interior do gabinete.

O lugar era uma bagunça, cada centímetro — o chão, a cornija da lareira, o peitoril das janelas, a mesa de trabalho — ocupado por uma montanha de papéis e livros, como se a sala tivesse sido atingida, particularmente, por um violento tornado. Era tamanho o caos que envolvia o lugar, que demorou um momento para Layla perceber que dois objetos em forma de cadeira, encostados na janela eram na realidade um par de poltronas revestidas por um monte de roupas usadas e pesados volumes encadernados da Cambridge Medieval History. Topping saiu andando cautelosamente pelo lugar e começou a abrir um espaço para que ela se sentasse.

— Eu acho que não lembro o seu nome.

— Layla — respondeu ela. — Layla al-Madani.

— E você é...?

— Jornalista.

— Sabia que você não era aluna — disse ele, voltando e indicando-lhe uma cadeira, livre da camuflagem de livros e de roupa suja. — É bonita demais para ser.

Seu tom de voz era tão ingenuamente trivial, que ele conseguiu mudar de assunto sem parecer uma conversa frívola. Ela foi até ele e sentou-se, enquanto ele arranjava um espaço para sentar-se também.

— Café? — perguntou ele, acenando para uma pequena porta no canto da sala, através da qual Layla teve o vislumbre de uma minúscula cozinha abarrotada de coisas. Ela recusou a gentileza.

— Um drinque?

— Está um pouco cedo pra mim.

Ele parecia levemente surpreso com sua resposta, como se a idéia de uma associação entre álcool e horário nunca tivesse lhe ocorrido. Mas não levou o assunto adiante; apenas terminou de limpar sua própria poltrona e então foi até a cozinha e buscou uma garrafa de Budwar na geladeira, abrindo a tampa da garrafa na extremidade de um aparador.

— E você realmente chegou de Jerusalém? — perguntou ele. — Ou você só estava blefando?

Ela garantiu que estava dizendo a verdade.

— Suponho que você deva se sentir lisonjeada — disse ele, voltando e sentando-se na frente dela. — Metade dos meus alunos nem mesmo consegue falar comigo aqui do outro lado da universidade.

Ele tomou um gole da cerveja e esticou as pernas, olhando fixamente para Layla.

— Então?

Seus olhares se encontraram naquele momento — ele era mesmo muito bonito —, e então ela se curvou e começou a mexer em sua bolsa.

— Eu gostaria de perguntar sobre uma palestra que você proferiu algumas semanas atrás — disse ela. — "O Pequeno William e o Segredo de Castelombres." — Ela se endireitou, segurando seu bloco de anotações, a caneta e as folhas que havia pesquisado na internet sobre a Sociedade de Estudos de História do St. John College. — Eu tenho tentado analisar toda essa coisa envolvendo Castelombres para um artigo no qual estou trabalhando, mas parece que não consigo chegar a lugar nenhum. Consegui achar algumas vagas informações na internet, mas... bem, pela descrição em seu discurso, parecia que talvez você fosse capaz de me fornecer alguma coisa um pouco mais detalhada.

Ele ergueu sua sobrancelha, surpreso. — E você fez todo esse trajeto para isso?

— Bem, é óbvio que seria mais fácil se você atendesse telefonemas ou respondesse e-mails...

Ele deu um meio sorriso, reconhecendo o problema levantado por ela, e inclinando-se, tomou outro gole da cerveja.

— Eu devo esclarecer que aquela palestra foi, sobretudo, mais uma tentativa de divertir os ouvintes do que um assunto acadêmico sério — disse ele. — Identidade cultural no Languedoc medieval, esta é minha área de interesse, com especialidade nos registros da Inquisição no século XIII; assim como todas essas coisas sobre segredos, tesouros enterrados e mistérios com que os arqueólogos nazistas pintaram o sete. Eu vejo isso com uma boa dose de humor. — Ele olhou para a garrafa em sua mão. – Embora fosse interessante. Muito interessante. Importante, talvez.

Houve uma breve pausa; o professor parecia momentaneamente submerso em seus próprios pensamentos. Então, com um aceno de cabeça, ele ergueu levemente a mão.

— O que conseguiu até agora?

Ela pegou a folha com as notas que havia conseguido no dia anterior e passou-a adiante. Ele leu o que estava escrito.

— Para ser honesto, não estou certo de que tenho tanto para acrescentar ao seu trabalho. Como eu disse a você, esse não é meu ramo de especialidade. E mesmo que fosse... — Ele encolheu os ombros, devolvendo-lhe a folha. No entanto, o professor deve ter percebido o desapontamento no rosto de Layla, pois acrescentou quase que imediatamente: — Mesmo assim, ouso dizer que posso contribuir com alguns conhecimentos. Fornecer o contexto e tudo o mais. É o mínimo que posso fazer por alguém que veio de tão longe. Tendo utilidade ou não... bem, isso caberá a você julgar.

Ele se ergueu e dirigiu-se até sua mesa, onde começou a vasculhar uma enorme pilha de papéis.

— Você já esteve lá? — perguntou ele enquanto verificava os papéis. — Em Castelombres?

Ela admitiu que não.

— Vale a pena visitar o lugar. Devo reconhecer que não há muito para se ver. As molduras em pedra das janelas, alguns muros desmoronados. Tudo completamente coberto pela vegetação. Uma bela atmosfera mesmo assim. É possível sentir uma curiosa melancolia no lugar. O Castelo das Sombras. É o significado de seu nome. Bem apropriado. Ah, e como!

Topping puxou um maço de papéis da pilha. — As anotações para a minha palestra — explicou ele.

O professor folheou o material, empoleirando-se sobre a borda da mesa; o movimento fez com que a pilha de papéis atrás dele, já bastante instável por natureza, deslizasse e caísse como uma cascata no chão. Ele ignorou o ocorrido.

— OK — disse ele —, vamos começar pelo começo. Até onde podemos citar as fontes contemporâneas, e essas são tão esparsas ou quase inexistentes, apenas algumas genealogias incompletas, umas pouquíssimas escrituras de propriedade de terra, esse tipo de coisa, não havia nada, ao menos até o final do século XI, remotamente fora do normal sobre Castelombres. Tratava-se apenas de um típico Estado menor no Languedoc. Seus senhores possuíam a terra e a propriedade, casando-se com outros pequenos nobres locais, deixando legados para instituições religiosas, devendo obediência aos condes de Foix. Tudo consumadamente normal. Então, em algum momento, por volta de 1100, as coisas repentinamente parecem ter mudado. De forma bastante dramática.

Layla se posicionou na beirada de seu assento, um furor de animação percorrendo sua mente. Se a sua pesquisa estava

correta, e ela não tinha motivo para pensar que não, algum momento por volta de 1100 foi exatamente a época em que William de Relincourt descobriu seu misterioso tesouro embaixo da Igreja do Santo Sepulcro e o enviou para longe, aos cuidados de sua irmã em Castelombres.

— Mais uma vez as fontes são escassas ao extremo — continuou Topping. — Apenas alguns poemas de trovadores, umas poucas referências fugazes em crônicas contemporâneas e, o mais importante, dois fragmentos de cartas escritas por Rashi, estudioso judeu contemporâneo. Todos eles parecem concordar, portanto, que do início do século XII em diante Castelombres começou a atrair uma crescente atenção sobre si. E a razão disso era a existência de rumores que começaram a surgir, afirmando que o local era o repositório de algum extraordinário tesouro de poder e beleza, incomparáveis.

Uma outra onda de excitação reverberava pelo corpo de Layla. "Poder e beleza" foram exatamente as palavras que Relincourt usara em sua carta.

— Sabemos do que se trata? — perguntou ela, tentando manter a voz estável.

Topping balançou a cabeça. — Nenhuma idéia. Mesmo as fontes não parecem inteiramente certas. Alguns se referem a isto como "Le Tresor" — o tesouro —, e outros simplesmente o chamam de segredo ou mistério, o que implica algum tipo de significado simbólico ou alegórico. Não esclarece muito.

Ele bebeu o restante de sua cerveja e lançou a garrafa dentro de uma lixeira a quase dois metros de distância, onde caiu ressonante.

— Se não conhecemos os detalhes mais precisos, no entanto, duas coisas, ao menos, parecem propiciar alguma certeza. Primeiramente, seja lá qual for esse objeto misterioso ou segredo, ele estava intimamente associado a Esclarmonde de Castelombres, esposa do Conde Raymond III, que desde o início parece ter sido

considerada uma espécie de guardiã ou uma figura protetora. Em segundo lugar, tem-se a impressão de que tal objeto teria algum significado profundo para a fé judaica. Já em 1104, de acordo com Rashi, temos os líderes das principais comunidades judaicas de Languedoc em Toulouse, Beziers, Narbonne e Carcassonne visitando o castelo. Em 1120, temos judeus chegando de tão longe quanto Córdoba e Sicília. E, em 1150, o lugar parecia ter se estabelecido como um centro judaico de peregrinação e estudos da Cabala. Mais uma vez, devo enfatizar quão escassas são as nossas fontes. Contudo, mesmo mantendo isso em mente, ficou claro que algumas coisas muito incomuns estavam acontecendo em Castelombres durante aquele período.

Layla estava sentada bem na borda de sua cadeira. — Continue.

Topping balançou a cabeça. — Infelizmente, a partir da metade do século XII, as fontes permaneceram em completo silêncio. O que soubemos posteriormente sobre Castelombres, a última coisa que soubemos, na verdade, está num livro chamado As Crônicas de Guillaume Pelhisson, que relatou como em 1243, durante a Cruzada dos cátaros, o castelo foi destruído pelo exército da Igreja Católica; além disso, as terras locais foram redistribuídas, e a Casa de Castelombres, saqueada. Quanto ao misterioso tesouro, segredo, ou seja lá o que for, nada foi comentado novamente.

Ele interrompeu o que dizia por um momento e então olhou para Layla sobre o alto de suas anotações.

— Ou ao menos não foi, até que eu encontrei uma curiosa referência, há alguns meses, num registro da Inquisição sobre o qual eu estava estudando na Biblioteca Nacional de Paris. O que trata de como toda esta coisa se desenvolveu desde o princípio.

Ouviram um tinido surdo, do lado de fora, como o repicar de um sino indicando meia hora.

— Você sabe algo sobre os cátaros? — perguntou ele.

Ela tinha lido rapidamente um livro sobre o assunto durante a viagem, que, junto com alguns textos pesquisados na internet, forneciam a informação básica de que tinha conhecimento.

— Um pouco — disse ela. — Só sei que se tratava de uma seita de cristãos que surgiu no Languedoc nos séculos XII e XIII. Que eles acreditavam — ela olhou algumas breves anotações que havia rabiscado no avião — no universo sendo governado por um Deus da Luz e um Deus das Trevas, e que tudo no mundo material era obra do Deus do mal. E que a Igreja Católica estabeleceu uma cruzada contra eles, a Cruzada Albigense. Que eles montaram sua última resistência no Castelo de Montségur e, pouco antes de o castelo desmoronar, eles retiraram clandestinamente de lá um tesouro fabuloso sem que o exército que os cercava percebesse. — Ela olhou para o professor.

— Acho que é tudo que sei.

Ele aquiesceu, impressionado. — É muito mais do que a maioria das pessoas sabe. Posso assegurar.

Houve um silêncio momentâneo, os dois ficaram se olhando e, então, com um aceno de cabeça, Topping foi até a cozinha novamente para pegar outra cerveja. — Tem certeza de que não quer beber uma? — gritou ele.

— Pode ser, então.

Ele abriu duas garrafas e, depois de voltar para a sala, entregou uma para Layla e sentou-se do lado oposto, esticando as pernas — longas, claras e atraentes — a ponto de seus pés ficarem a apenas poucos centímetros da cadeira dela.

— O tesouro dos cátaros há muito tempo tem sido objeto de especulações — disse ele, retomando o rumo da narrativa —, algumas sob o viés acadêmico, mas a maioria extremamente fantasiosa. Surgiram todos os tipos de idéias para afirmar o que poderia ser exatamente, de sacos de ouro a textos religiosos

cátaros, ou até mesmo o Santo Graal. O fato é que, em relação a tudo que envolve o Segredo de Castelombres, as fontes não são claras.

Ele tomou mais um pouco de sua cerveja.

— Podemos saber sobre o tesouro por intermédio da série de depoimentos dados para a Inquisição sobre os sobreviventes do cerco de Montségur. Quando o castelo veio ao chão diante dos cruzados católicos em março de 1244, cerca de duzentos defensores se recusaram a renunciar suas crenças e foram queimados vivos. Aos outros que restaram foi permitido saírem em liberdade, sob a condição de fazerem uma confissão completa aos inquisidores. Vinte e duas dessas confissões testemunhadas foram preservadas — mais de quatrocentas páginas —, das quais quatro mencionam a história do misterioso tesouro retirado do castelo.

Layla ergueu sua garrafa para beber um pouco, mas parou no meio do caminho, abaixando novamente a mão, e rabiscou uma observação sobre o que Topping acabara de dizer.

— Então, em dezembro passado, eu descobri algo que parecia fazer parte do vigésimo terceiro depoimento de algum sobrevivente de Montségur. Um que também mencionava o tesouro dos cátaros, mas com alguns detalhes bastante interessantes.

Aparentemente, ele estava bem tranqüilo enquanto falava, reclinado em sua cadeira e com a garrafa pendendo em sua mão. Apesar disso, Layla poderia dizer, pelo brilho dos olhos dele e pela velocidade com que falava, que ele estava tão animado com a história quanto ela.

— O depoimento foi encadernado, e presume-se que o tenha sido acidentalmente, junto com um registro de documentos posteriores — continuou. — Ele relatava o interrogatório de um sobrevivente de Montségur chamado Berenger d'Ussat, realizado pelo inquisidor Guillaume Lepetit, William, o Pequeno, ou Baixinho Willy, como eu prefiro chamá-lo. No documento, Berenger descreve como, algum

tempo depois, por volta do Natal de 1243, três meses antes de Montségur ruir por causa do cerco do exército católico, quatro líderes cátaros — ele conferia suas anotações —, Amiel Aicart, Petari Laurent, Pierre Sabatier e um homem chamado Hugon, conseguiram escapar do castelo na escuridão da noite, carregando algum tipo de importante tesouro. Isso não tinha em si nada de comprometedor, já que os outros quatro depoimentos diziam exatamente a mesma coisa. Entretanto, o que veio depois é fascinante, pois, quando William, o Inquisidor, pressionou Berenger por mais informações sobre o misterioso tesouro, ele disse — passou novamente os olhos por suas anotações — "Credo id Castelombrium unde venerit relatum esse et ibi sepultum esse ne quis invenire posset". O que, traduzido, significa: "Creio que retornou a Castelombres, de onde havia saído, e foi enterrado lá, onde ninguém poderia encontrá-lo."

Layla ficou boquiaberta. — Eram exatamente a mesma coisa! O tesouro de Montségur e o Segredo de Castelombres!

Topping sentou-se em sua cadeira e tomou um gole da cerveja. — Bem, devo reconhecer que se trata apenas de uma parte do depoimento — disse ele —, totalmente não comprovada. É bastante possível que Berenger estivesse apenas tentando confundir seu inquisidor, fornecendo pistas falsas. Mesmo assim, é uma idéia bem interessante. E não seria tão surpreendente assim. Castelombres, afinal, está a pouco menos de dez quilômetros, em linha reta, de Montségur; por isso, seria justo pensar que existia algum tipo de comunicação entre os dois castelos. Além disso, os cátaros foram recompensados por sua amizade para com os judeus, e então mais uma vez é justo pensar que, diante da violenta força invasora anti-semita da Igreja Católica, os defensores de Montségur teriam oferecido um refúgio para esse determinado segredo ou tesouro, guardando-o em Castelombres. Se os próprios senhores de Castelombres adotaram o credo cátaro... — Ele deu de ombros. — Duvido que venhamos a saber algum dia. Mas, considerando o envolvimento deles com os judeus e o fato de que seu castelo foi destruído pelos cruzados, pode-se apostar que sim. Para ser

honesto, não é uma questão de isso ou aquilo. O importante é compreender que existem motivos razoavelmente sólidos para dar margem à especulação de que aquilo que até agora parecia serem dois mistérios completamente diferentes é, na realidade, a mesma coisa.

Layla ainda não tinha bebido nada de sua cerveja. Ela então ergueu a garrafa e tomou um gole, esforçando-se para assimilar tudo que tinha ouvido e juntar com aquilo que já sabia: William de Relincourt encontrou um objeto embaixo da Igreja do Santo Sepulcro; ele o enviou para sua irmã Esclarmonde em Castelombres; Castelombres se tornou o foco de algum misterioso culto judaico; o objeto foi transferido para Montségur por motivo de segurança durante a revolta contra a Cruzada Albigense; quando Montségur caiu, o objeto retornou para Castelombres e foi enterrado. Tudo aquilo parecia se encaixar. Mesmo assim, fascinante como era, tudo isso não a ajudava a avançar, no final das contas. Precisava aprender tanta coisa ainda, tinha tantas perguntas sem resposta. O que seria essa coisa misteriosa? Por que era tão importante para os judeus? Qual era a sua relevância para al-Mulatham? E o que havia acontecido com essa tal coisa?

— O relatório de sua palestra dizia alguma coisa sobre arqueólogos nazistas — disse ela, tomando mais um pouco da bebida, colocando o pé esquerdo sob o joelho direito. — Onde eles entram nessa história?

Topping sorriu. — Eu fiquei me perguntando quando você tocaria nesse assunto. No final das contas, é a parte mais curiosa de toda a história. — Ele se levantou e caminhou até a janela, olhando para o pátio logo abaixo. Com exceção da música que vinha da sala ao lado, tudo estava no mais completo silêncio.

— Transcrições da Inquisição são um tópico bastante obscuro para se estudar — disse ele após uma breve pausa. — Poucas pessoas se interessam por elas. Alguns dos registros da Biblioteca Nacional de Paris foram examinados durante anos, até mesmo décadas.

Certa vez, eu deparei com um deles que não era aberto desde a metade do século XIX.

Ela batia sua caneta sobre o joelho, perguntando-se aonde ele queria chegar.

— De acordo com os registros da biblioteca — ele continuou, virando-se na direção de Layla —, a última vez que alguém analisou o registro no qual eu encontrei a transcrição de Berenger d'Ussat ocorreu no início de setembro de 1943, durante a ocupação alemã em Paris, quando, então, foi examinado por um pesquisador nazista cujo nome era Dieter Hoth.

O nome parecia acender uma centelha em algum lugar no fundo da mente de Layla. Ela estava tão sobrecarregada de informações, que não poderia pensar sobre aquilo no momento.

— Continue.

— Bem, inicialmente eu pensava que esse Hoth, de quem jamais ouvi a respeito até então, o que era estranho, visto que esse campo de pesquisa é tão restrito, não deve ter percebido a transcrição de Berenger incluída, pois não há qualquer registro de que ele tenha publicado algo a esse respeito. De qualquer maneira, só por capricho, eu descobri sobre ele por intermédio de um contato que tenho em Toulouse, um especialista em nazismo. E adivinhe. Menos de uma semana depois, olhando o registro, esse mesmo Dieter Hoth surgiu das profundezas do Languedoc, permanecendo na moderna cidade de Castelombres, desta vez, acompanhado por uma unidade do batalhão de assalto da SS. E o que você acha que todos eles estavam fazendo ali?

Layla balançou a cabeça. Topping tomou mais um pouco da cerveja e recostou-se no peitoril da janela, sorrindo de maneira estranha.

— Escavando.

Ela o olhou estupefata. — Tá falando sério?

— Foi o que me informaram.

— E eles descobriram alguma coisa?

Mais uma vez ele sorriu de maneira estranha. — Aparentemente, sim, embora exatamente o que descobriram eu não saberia dizer. Como eu falei, a arqueologia nazista não é minha área de EXPERTISE.

Ele fitou o chão e, em seguida, afastou-se da janela, foi até a cozinha e começou a vasculhar o guarda-louça. Layla reclinou-se e bebeu sua cerveja. Sua mente vibrava. Havia tanta coisa para se levar adiante, tantos caminhos a percorrer.

— Quem é esse seu amigo? — perguntou ela depois de um momento. — Esse de Toulouse.

— Eu não o chamaria de amigo — respondeu Topping. — Ele seria mais um conhecido. Eu o conheci há alguns anos, quando estava de licença da Universidade de Toulouse. Ele dirigia um antiquário perto de St. Sernin. Um homem bastante excêntrico. Sabia de tudo que se referia aos nazistas. Seu nome é Jean-Michel Dupont.

Quanto a Dieter Hoth, parecia que um sino começava a tocar, ecoando dentro da mente de Layla. Ela fechou os olhos, tentando fazê-lo se revelar. Dieter Hoth, Jean-Michel Dupont; Dieter Hoth, Jean-Michel Dupont. Como ela conhecia aquelas pessoas?

E então, repentinamente, a identidade deles veio à tona. É claro! Da internet naquela noite. O artigo sobre arqueólogos nazistas, com a nota de rodapé contendo as iniciais DH não identificadas. Seus olhos se arregalaram, e, depois de vasculhar suas anotações, ela retirou o trecho do texto que havia imprimido naquela noite:

13 de novembro de 1938.

Jantar da Sociedade Thule, Wewelsburg. Espíritos triunfantes depois dos eventos de 9-10, com WvS gracejando sobre a

"destruição das esperanças dos judeus". DH disse que seriam mais do que destruídas se a coisa de Relincourt aparecesse, depois de longas discussões sobre os cátaros etc. Faisão, champanhe, conhaque. Argumentações de FK e WJ.

— Meu Deus — Layla sussurrou. — Ele sabia. De Relincourt, Castelombres, Montségur. Ele fez a conexão.

— O que foi? — perguntou Topping. Ela ignorou a pergunta.

— Este Dieter Hoth. O que aconteceu com ele?

Topping voltou para a sala, mastigando uma maçã.

— Morreu no fim da guerra, aparentemente. Teve seus miolos estourados por uma granada da artilharia russa. Nada menos do que o merecido, pensamos todos.

Ele mordeu mais um pedaço da maçã e reclinou-se contra a porta da cozinha.

— Não lhe agradaria sair para comer? Eu conheço uma pequena taverna grega na Rua Trumpington.

Ela o olhou, distraída.

— Está tentando me impressionar, professor Topping?

Ele sorriu.

— De forma alguma.

Jerusalém

H

ar-Zion enrolou as tiras de couro do tefillin no sentido anti-horário em volta do bíceps de seu braço esquerdo e ao redor de seus dedos encobertos por uma luva, assegurando-se de que a caixinha com as passagens sagradas estivesse apontada para o seu coração; na maneira apropriada, o braço e as mãos deveriam estar totalmente despidos; era isto que a Torá ordenava. Contudo, por causa da destruição de sua carne, ele não se sentia confortável de expor a si mesmo; por isso, conseguiu obter uma dispensa rabínica que lhe permitia manter as partes importantes de seu corpo cobertas.

Ele terminou de atar a sétima volta do segundo tefillin em sua fronte, centralizando a caixinha com as escrituras no meio, entre seus olhos; então, com um aceno para Avi como se quisesse dizer "Espere por mim", ergueu o xale de oração sobre os ombros e saltou para a frente da iluminada esplanada, em direção ao HaKotel Ha-Ma'aravi, o Muro Ocidental, o último vestígio do antigo Templo, o lugar mais sagrado do mundo judaico.

Já fazia um tempo desde a última vez que ele tinha descido até lá, havia mais de uma semana. Gostaria de poder voltar ali mais vezes, todos os dias, se fosse possível, mas, com todos aqueles compromissos, simplesmente não havia tempo disponível. Porém, hoje à noite ele havia reservado uma hora para isso. Existem coisas que não se pode delegar com segurança.

Har-Zion se aproximou do muro e se posicionou num canto, à esquerda da construção, observando atentamente o enorme bloco de pedra, de vinte metros de altura, acima de sua cabeça, como um intrincado tabuleiro de jogo, e em cada canto e fissura de sua camada de tijolos eram colocados pedacinhos de papel dobrados, nos quais eram escritas orações e súplicas dos visitantes. Durante o dia, aquela área ficava repleta de turistas com KIPÁS improvisados de papelão, de judeus HAREDI com paletós e chapéus pretos, de garotos realizando a cerimônia de seu Bar Mitzvah. Agora, exceto por ele e um solitário adorador hasídico mais afastado, à direita, curvando-se

para a frente e para trás em oração, como um faminto corvo bicando, o muro estaria completamente deserto. Lançou um olhar ao redor e, em seguida, encostou a palma da mão contra uma pedra irregular, abaixando a cabeça e começando a recitar o SHEMA.

"Como uma história que ganhou vida." Era assim que seu irmão Benjamin descrevia o muro, quando os dois vieram pela primeira vez e depois em todos aqueles anos. "Como algo que salta dos livros e das canções." A imagem havia permanecido com Har-Zion, elaborando-se e se adornando através do tempo, tanto que agora, enquanto ficava sob a altaneira construção de pedra creme-amarelada, ele não se sentia na presença de algo morto, inanimado, uma relíquia fossilizada de um mundo há muito tempo esquecido, mas, sobretudo, de algo relevante, vibrante e vivo. Uma voz. Era assim como o percebia. Uma voz sonora e profunda cantando para ele do outro lado do nada: sobre o que e sobre quem um dia já existiu — reis e profetas, a Arca e a Menorá, Moisés, Davi, Salomão e Esdras —, mas também, ainda mais importante, sobre as coisas que estavam por vir: o povo de Deus reunido mais uma vez, o Templo reconstruído, a Lâmpada Sagrada refundida e repleta de luz. Alguns o chamavam de Muro das Lamentações, aqueles que vinham para prantear, arrancar os cabelos e manterem-se firmes durante séculos de exílio e perda. Mas não Har-Zion. Pois para ele era um muro que cantava, um lugar que não estava associado à dor ou ao saudosismo, mas à esperança, alegria e expectativa; um lembrete tangível e palpável de que Deus era com eles, de que não haviam sido abandonados, de que eram seu Povo Escolhido, precioso sobre todos os outros. E que eles resistiriam, assim como o muro resistiu, não importando o que o homem e a natureza pudessem intentar contra.

Continuou a recitar a oração, suas palavras fluindo com rapidez e se arrastando num torvelinho no sussurro suavemente musical de sua voz, até que, finalmente terminando, caiu em silêncio. Ao mesmo tempo, uma figura masculina, alta e de ombros largos, apareceu do lado dele, posicionando-se na extremidade esquerda do muro em profunda escuridão; dessa maneira seu rosto ficava oculto nas

trevas da noite. O solitário hasid já havia partido; assim os dois estavam completamente sozinhos.

— Você está atrasado — disse Har-Zion, sua voz tão baixa, que mal era ouvida.

O homem então se infiltrou ainda mais nas sombras, murmurando alguma desculpa.

Har-Zion vasculhou seus bolsos e retirou uma pequena folha de papel dobrada que ele colocou facilmente no vão entre dois dos blocos de pedra.

— Todos os detalhes estão aqui. O nome do garoto e o endereço de contato. Apenas siga as instruções. Será...

Ouviram o som de passos se aproximando, e um jovem soldado surgiu, vindo na direção do muro, parando alguns metros à direita de onde eles estavam. Har-Zion fez um gesto com o dedo para seu companheiro, a fim de indicar que a conversa, assim como havia começado, chegara ao fim. Inclinou-se para a frente e beijou o muro, virou-se e, sem olhar para trás, atravessou a esplanada na direção de Avi, seu guarda-costas.

Cinco minutos depois, quando o jovem soldado terminou suas orações e partiu, o homem passou a mão pelo muro, retirou a folha de papel bem dobrada da fenda e colocou-a no bolso de sua calça.

Cambridge

L

ayla se levantou às cinco da manhã, deixando Topping adormecido. Recolheu silenciosamente os seus pertences e caminhou na ponta dos pés para fora do quarto para em seguida partir.

Ela não sabia dizer o motivo que a levou a dormir com ele. O professor foi uma boa companhia — espirituoso, charmoso, atencioso —, e o sexo tinha sido ótimo, entre os melhores que ela já fizera. Apesar disso, em nenhum momento ela havia se sentido totalmente confortável naquela experiência ou permitido a si mesma simplesmente deixar rolar e ser arrastada pelo jeito dele de fazer amor. Mesmo no momento em que montou sobre ele, com seus quadris pressionados contra os dele, gotas de suor ardente escorrendo de seus seios pequenos e firmes, ainda assim uma parte dela, a maior parte, havia permanecido desligada, absorta em seus próprios pensamentos; ficara relembrando tudo que ouvira mais cedo naquele dia e o que estava acontecendo no Oriente Médio, como se o seu corpo fosse simplesmente um veículo inanimado, dirigido pelo piloto automático, enquanto ela, a motorista, ficava recostada no assento, olhando para o nada.

Layla fechou a porta da frente e caminhou para fora, rumo à rua vazia; dezenas de casas vitorianas enfileiravam-se de ambos os lados; o mundo à sua volta era acinzentado e tranqüilo, não estava tão escuro, mas também não dava para enxergar bem; um lusco-fusco, uma obscura terra de ninguém entre a noite e o amanhecer.

Ela havia ligado para Jean-Michel Dupont, o contato de Topping em Toulouse, na noite anterior, explicando seu interesse em Dieter Hoth e as escavações que promoveu em Castelombres. Haviam concordado de se encontrarem na loja de antigüidades dele às 13h30 da tarde, e agora ela estava reservando um vôo pela British para as dez horas da manhã, saindo do aeroporto de Heathrow. Rapidamente, passou pela cabeça dela que, devido ao tempo disponível, poderia visitar Grantchester e dar uma olhada nas casas antigas onde ela tinha morado depois da morte de seu pai. Embora todos os seus avós já tivessem falecido, sua mãe, até onde ela sabia, ainda vivia por lá com o segundo marido. Um advogado. Ou era bancário? Layla não tinha certeza. Ela não falava com a mãe desde que se casara de novo, havia seis anos, incapaz de perdoar o que considerava uma grotesca traição à memória de seu pai.

Sim, ela pensou, seria bom visitar o velho lugar novamente, com os seus telhados cobertos de musgo e jardins cheios de ameixeiras e macieiras, o que estava bem longe da sujeira e horror promovidos na Palestina. Ela até começou a atravessar a rua, ansiando pelas trilhas que, se sua memória não lhe pregasse uma peça, conduziam por campinas que se estendiam ao longo do lado oriental da cidade. Entretanto, depois de percorrer apenas uns poucos metros, ela parou, balançando a cabeça como se quisesse dizer "Pra que eu vou fazer isso?", voltou-se e partiu na direção oposta, rumo à estação; mas lágrimas brotavam em seus olhos ao pensar sobre como estava completa e irrevogavelmente sozinha neste mundo.

Egito — Entre Luxor e o Cairo

Khalifa bebericou o café de avião morno no copinho de plástico, mordiscando um pedaço de biscoito e olhando para fora da janela em direção ao mundo em miniatura lá embaixo. Era uma vista espetacular — o Nilo, as plantações, a areia amarelada do Deserto Ocidental — e, sob outras circunstâncias, teria passado toda a viagem contemplando aquela maravilha. Era, afinal, a segunda vez em toda a sua vida que se encontrava num avião, e certamente não havia uma maneira melhor para apreciar o milagre natural que era o Egito, a extraordinária justaposição de vida e esterilidade — Kemet e Deshret, como os antigos o conheciam, a Terra Negra e a Terra Vermelha — do que a vista propiciada lá de cima, estendendo-se de horizonte a horizonte como um vasto mapa aberto.

Naquela manhã, contudo, sua mente estava preocupada com outras coisas e, depois de olhar pela janela por apenas um momento, voltou-se para outros rumos, sorvendo o que restava de seu café e concentrando-se nos afazeres que teria ao longo do dia.

Pretendia ter viajado para o Cairo na tarde do dia anterior, imediatamente após a conversa com Ben-Roi. Infelizmente, dadas as regras de conduta, ele não poderia simplesmente aparecer do nada numa delegacia de outra jurisdição sem alguma notificação oficial; e, enquanto fazia todos os esforços necessários para tentar resolver aquela burocracia, ele simplesmente perdia o último vôo para a capital. O que, em troca, havia propiciado um pretexto perfeito, pois o atraso se tornou o reverso do infortúnio, já que pôde se informar melhor sobre os misteriosos Sr. e Sra. Anton Gratz, com alguns resultados extremamente interessantes.

Para começar, foi descoberto que Anton Gratz costumava dirigir um negócio de médio porte de importação de frutas e legumes. De acordo com Ben-Roi, o "Gad", ou "Getz", que havia ordenado a destruição do apartamento de Hannah Schlegel em Jerusalém, teve também participação no ramo de frutas. Khalifa já havia aceitado, é claro, que "Getz" e "Gratz" eram a mesma pessoa e, com esta pequena e nova informação, não parecia haver mais dúvida.

As similaridades entre a história dos Gratz e a daquele amigo de Piet Jansen eram muitas e, sobretudo, muito intrigantes. Assim como Jansen, ambos eram estrangeiros. Como Jansen, ambos requisitaram e receberam a cidadania egípcia em outubro de 1945. E, como Jansen, não pareciam possuir qualquer histórico perceptível antes dessa data. De onde vieram originalmente, quando e porquê, se Gratz era realmente o nome verdadeiro deles — para todas estas questões Khalifa era incapaz de encontrar a devida resposta. Quanto mais vasculhava, mais desconfiado ficava de que tanto Jansen quanto os Gratz tinham algo a esconder. E, quanto mais vasculhava, mais desconfiado ficava de que todos três tentavam esconder a mesma coisa.

No entanto, até ali a informação mais significativa que viera à tona — uma verdadeira revelação — referia-se ao requerimento original de cidadania do Sr. e da Sra. Gratz. A papelada foi, certamente, perdida ou destruída. De acordo com um contato de Khalifa no Ministério do Interior, apenas registros administrativos básicos do recebimento e da subseqüente aprovação do requerimento

propriamente dito se salvaram. E quem foi o oficial de segurança responsável por esse requerimento? Ninguém mais do que Farouk al-Hakim, o homem que, quatro décadas e meia depois, barrou uma possível investigação contra Jansen no caso do assassinato de Schlegel. Uma sondagem mais profunda revelou que al-Hakim também havia tratado do requerimento de cidadania de Jansen; por isso, estabeleceu pela primeira vez uma nítida associação entre os dois homens. E ainda mais importante: o fato implicava que seja lá o que Jansen e os Gratz tivessem sido até outubro de 1945, ou o que desesperadamente desejavam esconder, al-Hakim provavelmente sabia do que se tratava. Isto, porém, não explicava o motivo que o levou a intencionalmente proteger Jansen em 1990, mas reforçava a convicção de Khalifa de que a chave para o assassinato de Schlegel e o encobrimento da verdade, o segredo que o perturbava nos últimos quinze dias, encontravam-se naqueles anos cruciais que antecederiam a chegada de Jansen ao Egito.

E as únicas pessoas que, aparentemente, poderiam agora trazer à luz todos aqueles anos eram essas a quem ele estava a caminho de visitar.

Enquanto o avião se inclinava lateralmente, começando a descida para a aterrissagem no aeroporto de vôos domésticos do Cairo, e as ruínas de Sakkara se amontoavam lentamente, como se avistadas através de águas profundas e claras, Khalifa fechava os olhos e orava para que a viagem não fosse uma perda de tempo e que, quando regressasse mais tarde naquela noite para Luxor, finalmente o fizesse com uma clara idéia do que toda aquela história significava.

El-Maadi, o subúrbio do Cairo onde os Gratz moravam, fica no lado sul da cidade. Um distrito calmo e arborizado, habitado por diplomatas, expatriados e empresários abastados. As dispendiosas vilas e longas avenidas ladeadas por eucaliptos e flamboyants estavam bem distantes do mundo de pobreza e desolação que definia o restante da capital egípcia.

Khalifa chegou logo depois do meio-dia, pegando o metrô no centro da cidade. Tomou informações sobre a direção da Rua Orabi com um vendedor de amendoins perto da estação e, dez minutos depois, encontrava-se à frente do prédio onde ficava o apartamento dos Gratz. Era um edifício largo, pintado num tom de rosa, com aparelhos de ar condicionado instalados nas paredes e um estacionamento subterrâneo; e do lado oposto havia um telefone público cujo número figurara tão proeminentemente na conta de telefone de Jansen.

Ele ficou parado por um momento na escada da frente, tomado pelo pensamento depressivo de que, por mais que trabalhasse arduamente e por mais tempo que devotasse à carreira, nunca poderia pagar para morar num lugar como aquele. Então, jogando fora seu cigarro Cleopatra pela metade, atravessou a porta de vidro do hall e tomou o elevador até o terceiro andar. O apartamento dos Gratz ficava no meio de um corredor iluminado, com uma porta de madeira envernizada, no centro da qual, como uma enorme presa de elefante retorcida, sobressaía uma aldrava de bronze. Uma caixa de correio também de bronze, combinando, estava instalada logo abaixo.

O detetive esperou por um momento, percebendo que o desenrolar daquela visita poderia tanto dar continuidade quanto interromper a investigação; em seguida, com um profundo suspiro, estendeu a mão até a aldrava. Antes que seus dedos a tocassem, teve uma segunda idéia: abaixou a mão novamente e, em vez de bater, abaixou-se, curvou-se um pouco para a frente e, gentilmente, pressionou a portinhola da caixinha do correio. Através da abertura retangular ele percebeu um corredor escuro acarpetado estendendo-se diante dele, muito limpo e arrumado, e aposentos que se abriam de ambos os lados. De um desses — a cozinha, a julgar pelo armário de pratos e por uma geladeira num canto, bem visível da porta de entrada — podia-se ouvir um zunido discreto de música, um rádio ou um gravador e, ainda mais fraco, o som de uma pessoa se movimentando pelo lugar. Posicionou o ouvido na abertura da caixa do correio, a fim de garantir que não estava

imaginando coisas, e então, certo de que realmente ouvira uma movimentação, endireitou-se, segurou a aldrava e deu três batidas fortes.

Khalifa contou até dez e, como não houve resposta, repetiu a ação, batendo quatro vezes desta vez. Mais uma vez sem resposta. Agachou-se e abriu a caixa de correio novamente, pensando que talvez a pessoa na cozinha fosse velha ou enferma; portanto, levaria simplesmente mais tempo para chegar até a porta. O corredor estava vazio.

— Olá! — gritou ele. — Tem alguém em casa? Olá!

Nada.

— Sr. Gratz! Sou o inspetor Yusuf Khalifa, da Polícia de Luxor. Tenho tentado contactá-lo nos últimos três dias. Eu sei que está aí dentro. Por favor, abra a porta!

Ele esperou alguns segundos e depois acrescentou: — Se não abrir a porta, não terei outra escolha senão presumir que o senhor está deliberadamente obstruindo uma investigação policial, ficando sujeito a detenção.

Ele estava blefando, mas parece que surtiu o efeito desejado...

Ouviu um soluço discreto e abafado vindo da direção da cozinha, e então, com lentidão e hesitação, uma mulher robusta e idosa, presumivelmente a Sra. Gratz, deu alguns passos pelo corredor, arrastando-se e apoiando-se em uma bengala com castão de metal, olhando aterrorizada a caixa de correio.

— O que você quer conosco? — disse ela, com voz fraca e insegura. — O que fizemos?

Estava claro que essa senhora não estava bem: uma panturrilha estava bem enfaixada, e a pele de seu rosto, enrugada e acinzentada, como argila seca. Khalifa sentiu uma pontada de culpa por tê-la assustado.

— Não há motivo para temer — disse ele, falando de forma tão gentil e tranqüilizadora quanto a situação permitia. — Eu não vou feri-la. Apenas preciso fazer algumas perguntas para a senhora e seu marido. — Ela balançou a cabeça, um cacho de cabelos brancos deslocou-se do coque no qual estava preso e permaneceu oscilando no rosto dela, deixando-a com uma aparência desleixada.

— Meu marido não está aqui. Ele... saiu.

— Então, eu gostaria de falar com a senhora, Sra. Gratz. Sobre seu amigo Piet...

— Não! — Ela se curvou novamente, erguendo um pouco a bengala, como se tentasse repelir um ataque. — Nós não fizemos nada, eu afirmo! Nós obedecemos às leis. Pagamos nossos impostos. O que o senhor quer de nós?

— Como eu disse, Sra. Gratz, eu preciso fazer algumas perguntas. Sobre Piet Jansen, Farouk al-Hakim...

Com a menção desse último nome, o medo da mulher pareceu redobrar, e todo o seu corpo tremia como se um par de mãos invisíveis tivesse agarrado os seus ombros frágeis, sacudindo-os vigorosamente. — Não conhecemos ninguém chamado al-Hakim! — ela gritou. — Nunca tivemos nada com essa pessoa. Por que não nos deixa em paz? Por que está fazendo isso conosco?

— Se a senhora pudesse apenas...

— Não! Eu não o deixarei entrar sem a presença de meu marido. Eu não vou! Não vou!

Ela começou a voltar pelo corredor, uma de suas mãos segurava a bengala, e a outra se apoiava contra a parede.

— Por favor, Sra. Gratz — pediu Khalifa, ajoelhando-se, completamente consciente da condição ridícula em que se encontrava ao tentar conduzir a conversa daquela maneira, mas incapaz de ver outro meio como proceder. — Não tenho qualquer

intenção de amedrontá-los ou prejudicá-los. No entanto, acho que a senhora e seu marido possuem informações importantes com relação ao assassinato de uma mulher israelense cujo nome é Hannah Schlegel.

Se a menção do nome de al-Hakim provocara uma forte reação nela, isso não foi nada quando comparado ao olhar de absoluto terror estampado no rosto da mulher. Ela cambaleou contra a parede, uma das mãos tocando a garganta como se se esforçasse para respirar, a outra apertando e soltando o castão de sua bengala.

— Nós não sabemos nada disso — ela disse, engasgada. — Por favor, nós não sabemos de nada.

— Sra. Gratz...

— Eu não falarei com o senhor! Não sem a presença do meu marido! O senhor não pode me obrigar! Não pode!

Ela começou a soluçar e a sentir fortes espasmos pelo corpo. Lágrimas brotavam abundantemente de seus olhos. Khalifa permaneceu como estava por um momento e então, com um suspiro, abaixou a portinhola da caixa do correio e levantou-se, movimentando as pernas para aliviar a dor.

Não havia como pressioná-la ainda mais. Ela já estava muito perturbada. Qualquer coisa que soubesse sobre Hannah Schlegel — e ela certamente sabia de alguma coisa — não iria contar naquele estado. Alguns dos colegas de Khalifa teriam simplesmente arrombado a porta com um chute e arrancado a mulher dali, levando-a presa, mas não era assim que ele trabalhava. Então, acendeu um cigarro, deu algumas tragadas e, em seguida, curvou-se novamente e empurrou a portinhola. A idosa estava no mesmo lugar onde parara.

— A que horas o seu marido estará em casa, Sra. Gratz?

Ela não respondeu.

— Sra. Gratz?

Ela murmurou alguma coisa inaudível.

— Não entendi...

— Às cinco horas.

Ele olhou para o relógio: eram quatro e meia.

— Ele com certeza estará aqui então?

Ela fez um débil sinal em afirmação.

— OK — disse ele depois de uma breve pausa. — Eu voltarei. Por favor, peça ao seu marido para me aguardar.

Ele pensou em acrescentar "e não banque a esperta", mas não conseguia imaginar que espertezas eles poderiam tentar; portanto, não falou nada. Abaixou a portinhola, levantou-se e partiu pelo corredor em direção ao elevador. Quase na metade do caminho, ele ouviu a voz da mulher gritando por ele, frágil, desesperada.

— Por que o senhor está nos perseguindo desse jeito? Eles são seus inimigos também, sabia disso? Por que os está ajudando? Por quê? Por quê?

Ele reduziu o passo, pensando em voltar para perguntar o que ela queria dizer com aquilo, mas decidiu que não; continuou até o elevador e pressionou o botão para descer. As coisas não tinham andado como ele havia esperado.

Depois que ele partiu, a idosa permaneceu onde estava por um longo tempo; então, lentamente, se arrastou até a sala de estar, do outro lado do apartamento. Lá estava um homem pequeno, ereto, com um bigode estreito e fino; seu rosto estava contraído como uma fruta seca. Encontrava-se aguardando bem atrás da porta, as mãos apoiadas na cintura, como se observasse atentamente uma cena

teatral. Ela mancou até ele e abriu os braços. Ele a envolveu ternamente num abraço.

— Calma, calma, minha querida — disse ele gentilmente, falando em alemão. — Você fez o melhor que podia. Calma, calma.

A mulher pressionou o rosto contra o peito dele, tremendo como uma criança assustada.

— Eles sabem — disse ela aos prantos. — Eles sabem de tudo.

— Sim — disse ele. — Parece que eles sabem.

Ele a abraçou com força, massageando seu pescoço e costas, tentando tranqüilizá-la; então, confortando-a, pegou o cacho que caíra sobre seu rosto e o prendeu de volta no coque.

— Sempre soubemos que um dia isso iria acontecer — disse ele suavemente. — Seria tolice pensar que duraria para sempre. Nós até que fomos bem-sucedidos. Isso é o que importa. Não fomos bem-sucedidos?

Ela aquiesceu debilmente.

— Essa é minha menina! Minha linda Inga.

Ele colocou a mão num bolso, tirou dele um lenço e tocou levemente nos olhos dela e nas maçãs do rosto para enxugar as lágrimas derramadas.

— Agora, por que não vai colocar um vestido, enquanto eu deixo as coisas em ordem por aqui? E não demore. Precisamos estar prontos para quando ele voltar.

Toulouse, França

A

loja de antigüidades de Jean-Michel Dupont situava-se numa rua calma e sinuosa bem no centro de Toulouse, há quase cem metros da espetacular construção de tijolos avermelhados da Basílica de St. Sernin. O cume da torre do sino era visível somente acima dos telhados de telhas de barro, como um farol que se ergue acima de um mar agitado de ondas alaranjadas.

Conforme o combinado, Layla chegou às 13h30. Depois de parar por um momento para observar a frente da loja, com suas vitrines repletas de objetos e uma placa desbotada anunciando LA PÈTITE MAISON DES CURIOSITÉS, ela abriu a porta de vidro e entrou; um sino de aviso soou alto sobre a cabeça dela.

O interior cheirava a fumaça de charuto e graxa e estava abarrotado com uma confusão de quinquilharias, de móveis a livros, de pinturas a artigos em vidro, de porcelanas chinesas a ornamentos em bronze, embora o acervo principal da coleção desse indicações de ser de natureza militar. Havia manequins de alfaiate vestidos com uniformes cobertos de brocados, prateleiras com boinas e capacetes alinhados e, contra uma parede que ladeava o outro lado, perto de um urso empalhado e de um vitral, podia-se ver uma pequena estante exibindo baionetas e pistolas.

— Vous désirez quelque chose?

Um homem grande e obeso apareceu pelos fundos da loja, vestido com calça de veludo e um tradicional avental de camponês bretão; usava os cabelos na altura dos ombros e cavanhaque com nuances de fios grisalhos. Um par de óculos meia-lua pendia de seu pescoço por uma corrente de ouro; uma cigarrilha pela metade estava presa entre os dedos manchados de nicotina de sua mão direita. Com o rosto forte e marcas de expressão, ele observava a visitante como um enorme sabujo.

— Monsieur Dupont?

— Oui.

Layla se apresentou falando francês. Ele a cumprimentou e, colocando a cigarrilha no canto da boca, aproximou-se e apertou a mão dela. Disse para que ela rodeasse o balcão e subisse uma estreita escada em espiral, que rangia aos seus pés, rumo ao primeiro andar. Ele fez uma pausa por um momento, colocou a cabeça através de uma cortina de contas e disse algo baixinho para uma pessoa do outro lado. — Minha mãe — ele explicou. — Ela tomará conta da loja enquanto conversamos. — Então continuaram a subir até o segundo andar, onde ele abriu uma pesada porta de madeira para que ela entrasse em um enorme apartamento-escritório que ocupava todo o andar superior do edifício. Estantes de livros haviam sido instaladas em duas paredes, uma enorme bancada de trabalho ocupava a terceira, e que estava coberta com um amontoado de equipamentos de computador — HDs, monitores, teclados, vários disquetes e CDs. Instalado contra a quarta parede, mais afastada, encontrava-se um enorme armário com a frente de vidro, muito similar a um outro da loja, no andar térreo.

Ele perguntou se ela gostaria de um café e, quando Layla aceitou, atravessou a sala até um dos lados da bancada e começou a se ocupar com uma cafeteira elétrica. Layla ficou parada na porta e então, curiosa, começou a caminhar pelo recinto, perscrutando primeiro uma estante de livros — uma mistura de manuais de negociação de antigüidades e histórias sobre o Terceiro Reich — e depois um armário instalado na parede mais afastada. À primeira vista, parecia conter uma coleção diversificada de assuntos militares, tais como os exibidos no andar de baixo, e somente depois de um tempo é que ela percebeu, com um leve tremor, que o armário na verdade abrigava uma coleção de apetrechos militares especificamente nazistas — medalhas, baionetas, fotografias, itens de uniforme. Uma prateleira exibia uma fileira de medalhas na forma de cruzes de ferro com fitas nas cores vermelho, branco e preto; em outra, uma fileira de adagas, cada qual com a mesma insígnia brilhante da SS incrustada no cabo, e as palavras MEIN EHRE HEISST TREUE inscritas na lâmina.

— Adagas de honra da SS — explicou Dupont, aproximando-se por detrás dela e lhe entregando uma xícara fumegante. — "A minha honra é a minha fidelidade", diz a inscrição.

— Você vende estas peças? — perguntou ela, pegando a xícara.

— Não, não. Fazer isso na França seria ilegal. Trata-se apenas de um hobby particular. Você desaprova?

Ela deu de ombros. — Não é o tipo de coisa que eu gostaria de ter em minha casa. Dada a conotação moral.

Ele sorriu. — Meu interesse, posso assegurar, é puramente estético. Eu não simpatizo com as atividades do Terceiro Reich mais do que um colecionador, vamos dizer, de artefatos romanos simpatiza com a predileção daquela civilização pela escravidão e pela crucificação. É a arte que me atrai, não a ideologia. Além do contexto histórico. Eles são, afinal, artefatos importantes. Se você conhecesse um pouco mais da história envolvida, também seria por ela cativada.

Ela deu de ombros novamente, sem convicção.

— Não acredita em mim? Venha, deixe-me mostrar-lhe uma coisa. — Ele a conduziu para o outro lado, perto do armário onde um cofre estava instalado na parede. Girou o segredo, abriu a porta e retirou uma pequena caixa quadrada atada por uma fita de couro. Ergueu a tampa e segurou o objeto na direção de Layla. Dentro, sob uma base de veludo, encontrava-se uma cruz negra de metal portando um magnífico trabalho em fecho de prata no formato de uma folha de carvalho e espadas cruzadas, sendo esta última incrustada com o que pareciam ser pequenos diamantes.

— A Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro com Folhas de Carvalho Douradas, Espadas e Diamantes — explicou ele. — A mais alta condecoração militar nazista alemã. Uma das únicas vinte e sete premiadas a alguém e a única conferida por uma tarefa sem relação com o combate. Ela vale mais do que todo o restante de minha coleção junta. Mais do que tudo que existe dentro deste edifício

somado. Provavelmente mais do que o próprio edifício. — Ele fez uma pequena pausa e acrescentou: — Seu destinatário, acredito eu, é o motivo que a trouxe hoje aqui, não é?

Ela o olhava com os olhos bem abertos. — Não seria... Dieter Hoth?

Ele aquiesceu.

— Mas como é que você conseguiu isso, meu Deus? — perguntou ela, aproximando-se um pouco e observando a medalha.

— E uma história longa e entediante — respondeu ele, balançando sua cigarrilha. — E sobre a qual eu não desperdiçarei seu tempo contando. Eu só pretendia enfatizar que, agora sabendo do contexto, você também se sente atraída, mesmo contra a sua vontade. E mesmo o fato de que o próprio Hoth era um homem extremamente desagradável não vem ao caso agora. Você está interessada na história dele e inevitavelmente atraída pela história do objeto. Considerações morais não devem ser colocadas na balança.

Ele segurou a caixa por mais um momento, depois a recolocou no cofre e conduziu a visitante até uma poltrona de couro que fez um barulho quando ela se sentou. Dupont foi até uma das estantes e correu os dedos pelas lombadas dos volumes alinhados ao longo da prateleira.

— Então, o que você gostaria de saber exatamente sobre o nosso amigo o Dr. Hoth? — perguntou ele, a cabeça inclinada para um lado, examinando alguns títulos de livros.

— Basicamente, tudo que puder me dizer sobre o que ele estava fazendo em Castelombres — respondeu Layla, colocando seu café de lado e vasculhando a bolsa. — De acordo com Magnus Topping, o senhor fez diversas pesquisas sobre esse assunto.

Ela pegou seu bloco de anotações, uma caneta e reclinou-se.

— Eu também gostaria de perguntar sobre uma nota de rodapé que encontrei num artigo seu que foi escrito para um site associando Hoth com um homem chamado William de Relincourt.

Dupont aquiesceu, continuando a traçar com os dedos uma linha pelas lombadas dos livros, até que finalmente escolheu um volume e retirou a poeira de sua capa. Folheou as páginas e, então, se aproximou, a fim de entregar o livro para Layla, aberto quase no meio.

— Dieter Hoth — disse ele, indicando uma fotografia em preto-e-branco em papel áspero e poroso. — Uma das pouquíssimas imagens que existem dele.

Um homem alto e elegante olhava diretamente para ela, com as maçãs do rosto bem fundas, olhos escuros como carvão e um longo nariz aquilino. Estava vestido com um uniforme de oficial nazista, com duas brilhantes insígnias idênticas de cada lado do colarinho.

— Hoth pertencia à SS? — perguntou ela, surpresa.

— A Ahnenerbe — respondeu Dupont. — O que poderíamos chamar de o braço cerebral da SS. Ele era arqueólogo por formação, um profissional brilhante, pelo que diziam. E dirigia o Departamento Egípcio da Ahnenerbe.

O olhar surpreso de Layla se intensificava. — Ele foi um egiptólogo?

— Um arqueólogo egípcio provavelmente seria a descrição mais acurada. Mas, sim, o Egito era sua especialidade.

— Mas que raios o levaram a promover escavações no sul da França?

Dupont riu, emitindo um profundo som gutural, como a partida do motor de um carro.

— Uma questão interessante. E uma para a qual, até onde eu sei, ninguém jamais forneceu uma resposta satisfatória.

Ele deu uma última tragada em sua cigarrilha e, passando pela bancada de trabalho, apagou a guimba no cinzeiro. E então se sentou numa frágil cadeira giratória. De algum lugar, podiam-se ouvir o arrulho de pombos e o som de garras arranhando o telhado. Houve então uma longa pausa.

— Para compreender a carreira de Hoth é necessário apreciar a dimensão de como os nazistas eram obcecados pela história — disse o francês, enfim. — Para Hitler e seus asseclas, o poderio militar do Terceiro Reich não deveria ser suficiente. Como em todos os outros regimes tirânicos, eles desejavam justificar e validar o poder adquirido pelo envolvimento com a legitimidade histórica.

Ele tirou uma pequena lata quadrada e achatada do bolso de seu avental e pegou outra cigarrilha para em seguida acendê-la.

— Desde o princípio, a arqueologia e os arqueólogos desempenharam um papel crucial nesse processo. Himmler, em particular, percebia a relevância de tudo isso. Em 1935, ele criou a Das Ahnenerbe, a Sociedade da Herança Ancestral, um departamento especial dentro da SS encarregado de descobrir material para sustentar o ideal de uma supremacia histórica alemã. Expedições foram enviadas ao mundo todo — Irã, Grécia, Egito, até mesmo, Tibete.

— Para escavar?

— Em parte, sim. Himmler estava determinado a descobrir a evidência de que a cultura ariana alemã não se restringia apenas ao norte da Europa, mas que de fato era a primeira força motriz por trás de toda a moderna civilização. A Ahnenerbe, no entanto, também roubava objetos. Saqueava numa escala sem precedentes. Embarcava milhares, dezenas de milhares de artefatos rumo a Berlim para a grande glória do Terceiro Reich. Os nazistas já eram naturalmente obcecados pelo passado e ficaram duas vezes mais quando as relíquias começaram a chegar. Pois, é claro, tendo o controle sobre as relíquias, então, em certo sentido, podia-se controlar também a história.

— E quanto a Hoth? — perguntou ela. — Como ele se encaixa em tudo isso?

— Bem, como eu disse a você, ele foi um arqueólogo brilhante. E era também um devotado e entusiasta defensor do Partido Nazista; o pai dele, o industrial Ludwig Hoth, foi amigo íntimo de Goebbels. Assim, era apenas uma questão de tempo até Hoth filho ser solicitado ou oferecer-se — o que não se pode afirmar — a desenvolver suas habilidades em benefício da máquina nazista. Tinha apenas vinte e três anos quando a Ahnenerbe foi formada, mas Himmler pessoalmente o indicou para dirigir o Departamento Egípcio, com a instrução especial de escavar e saquear tantos artefatos egípcios quanto possível.

Dupont tragou mais uma vez a cigarrilha e abanou o ar com as mãos para dissipar a fumaça azul-acinzentada de tabaco que se formou diante do rosto de Layla.

— Pelos três anos seguintes, Hoth viajou por todo o Egito legalmente, conduzindo escavações, de forma bastante ostensiva, sob o estratagema da Gesellschaft alemã do Oriente, mas, na realidade, o que ele fazia era roubar tudo aquilo em que pudesse colocar as mãos e contrabandear para a Alemanha. Estamos falando de milhares de objetos. Existe uma carta de Himmler endereçada a Hans Reinerth, um outro arqueólogo nazista, na qual ele jocosamente reclama que graças a Hoth o Castelo de Wewelsburg — o quartel-general da SS — começava a ganhar a aparência de um cenário de filme de múmias estrelado por Boris Karloff.

— Mas como tudo isso o conduziu até Castelombres? — perguntou Layla, fazendo uma objeção. — Eu não consigo perceber a ligação.

— Este é o ponto principal — disse Dupont. — Não parece haver uma ligação. O que deixa a história ainda mais intrigante. Até 1938, a carreira de Hoth concentrava-se exclusivamente sobre a arqueologia egípcia. Ele não exibia interesse em qualquer outro ramo da história, pelo menos em relação àqueles absurdos,

ingênuos e quase místicos que atraíam pessoas como Himmler: O Santo Graal, a Atlântida, esse tipo de lixo. Ele pode ter sido um ladrão e um saqueador, mas, diferentemente de muitos arqueólogos nazistas, Hoth nunca foi uma pessoa fantasiosa, um devaneador.

— Ainda em novembro de 1938, esse homem para quem a Terra dos Faraós havia sido tudo, que era amplamente considerado em sua geração como um escavador egípcio por excelência, que não havia mostrado nenhum interesse anterior em outro assunto, repentinamente abandonou o Egito e passou a devotar-se à investigação do que poderia ser mais bem descrito como uma série de disparatadas lendas medievais sobre um tesouro escondido. É extraordinário... não somente pela mudança de objetivo, mas pela mudança, aparentemente, de personalidade. Fico surpreso de que isso não tenha atraído mais atenção.

Layla franziu as sobrancelhas, intrigada, batendo a caneta no seu bloco de anotações.

— Mas o que aconteceu em 1938? O que causou essa repentina mudança de interesse?

Dupont deu de ombros. — Ninguém sabe ao certo. Num momento Hoth e sua equipe estavam escavando no Egito, num sítio arqueológico nos arredores de Alexandria; no momento seguinte, ele corria para Berlim, para algum tipo de reunião ultra-secreta com Himmler... uma reunião que parecia tão importante a ponto de o próprio Himmler declinar um jantar marcado com o Führer para atendê-lo. E então, alguns dias depois, esse mesmo Hoth foi a Jerusalém para inspecionar a Igreja do Santo Sepulcro e questionar sobre uma lenda de oitocentos anos a respeito de um tesouro enterrado.

— William de Relincourt — disse Layla.

O francês aquiesceu.

— No entanto, isso foi apenas o começo. Nos cinco anos seguintes, Hoth percorreu a Europa e o Levante, investigando toda e qualquer história maluca sobre tesouros conhecidos pela humanidade. Visitou bibliotecas, pesquisou acervos particulares de manuscritos, fez escavações em toda parte, da Turquia às Ilhas Canárias, antes de, finalmente, chegar a Castelombres, em setembro de 1943, o que, de alguma maneira, parecia ser o auge de todo o estranho episódio.

— E não existe qualquer indicação do motivo que o levou a fazer tudo isso? — pressionou ela. — O que ele estava procurando?

Dupont balançou a cabeça. — Naturalmente, é possível que ele estivesse apenas agindo sob ordens. Cumprindo alguma fantasia extravagante de Himmler. Ele era um nazista extremamente devotado, afinal. E teria feito qualquer coisa que seu superior solicitasse. Ou talvez tivesse simplesmente perdido o rumo. E não seria o primeiro nem o último acadêmico a enlouquecer por causa de seu trabalho.

— Mas você não acredita nisso.

— Não — respondeu Dupont. — Não acredito. Eu acho que ele estava realmente pesquisando alguma coisa. Algo tão importante, de relevância tão grande para a história da máquina nazista, que se mostrara preparado para virar sua vida de cabeça para baixo, a fim de perseguir seu intento.

Dupont contemplou a brasa de sua cigarrilha e depois olhou para Layla.

— E, seja lá o que estivesse procurando, eu acredito que o tenha encontrado em Castelombres.

Ele manteve o olhar nela por um momento e então, com um sorriso estranho, deslizou para fora de seu assento e foi até a cafeteira, enchendo-a novamente e ligando-a na tomada.

— Eu não tenho como provar. Desde o princípio, as escavações em Castelombres foram envoltas num grau de mistério que era intenso

mesmo para os padrões nazistas. Tudo que sabemos é que Hoth chegou lá em meados de setembro de 43, trazendo um pesado equipamento de escavação e uma unidade de demolição do Sonderkommando Jankuhn, uma divisão da SS especializada em escavações e pilhagem. E levou apenas três semanas para sair de lá com algum tipo de caixa ou caixote misterioso.

Layla inclinou-se para a frente; seu peito arfava de animação. — E alguém soube do que se tratava?

Dupont meneou a cabeça. — Infelizmente, não. Entretanto, descobriram para onde foi levada, pois três dias depois Hoth saiu de Castelombres com a caixa em direção ao Castelo de Wewelsburg, no noroeste da Alemanha, onde foram muito bem recepcionados por ninguém menos do que Heinrich Himmler e pelo próprio Führer.

— Sério?!?

— Isso foi certamente algo inusitado — concordou Dupont, dando uma baforada em sua cigarrilha. — Temos um registro de um dos ajudantes de Himmler relatando que, no momento da chegada de Hoth, ele foi agraciado com a medalha da Cruz de Cavaleiro, que você viu agora há pouco, e logo depois Hitler fizera um discurso no qual declarava que o conteúdo da caixa era um sinal bem claro de que o que Tito havia começado, ele, o Führer, estava destinado a concluir.

Os olhos de Layla se estreitaram. — E isto significa quê...?

— Bem, o registro fornece breves detalhes, mas eu diria que isso se refere certamente ao Holocausto. Tito foi o homem que no ano 70 conquistou Jerusalém e expulsou os judeus da Terra Santa; em certo sentido, os campos de concentração e as câmaras de gás foram uma extensão lógica desse ato. O quanto a descoberta de Hoth, precisamente, foi relevante para a Solução Final... — Ele levantou as mãos como se quisesse dizer "Não faço a mínima idéia". — Entretanto, um dos muitos elementos fascinantes dos cinco anos de excursão de Hoth pelo misterioso mundo medieval foi

o repentino interesse que ele começou a demonstrar pelo judaísmo e pela história judaica. Aprendeu sozinho a ler o idioma hebraico. E estamos falando de um homem reconhecido por um anti-semitismo mortal.

Ouviu-se o som de um clique atrás dele quando a água da cafeteira elétrica ferveu.

— Mais café?

Layla balançou a cabeça e o deixou preparando uma xícara com algumas colheradas de Nescafé para si mesmo, enquanto ficava observando suas anotações, refletindo sobre tudo que havia ouvido e tentando encaixar tudo aquilo dentro do quadro do que já havia descoberto nos últimos dias. O discurso de Hitler em Wewelsburg causou um efeito particularmente significativo. Se o objeto central de todo esse mistério estivesse, embora mesmo de maneira obscura, ligado à expulsão dos judeus da Terra Santa e à subseqüente perseguição que sofreram pelos nazistas no século XX, então isso explicaria algo que a deixara perplexa desde o princípio — o motivo pelo qual toda a história seria interessante para alguém como al-Mulatham. Mas mesmo assim ela ainda estava longe de descobrir que raio de objeto seria esse.

— Mas o que aconteceu então? — perguntou ela. — Depois que Hoth chegou a Wewelsburg?

Dupont estava despejando água sobre o pó, a cigarrilha presa entre seus dentes.

— Até onde posso afirmar, nada. A misteriosa caixa desapareceu no interior do castelo; Hoth retornou para Berlim, onde assumiu um serviço burocrático na Ahnenerbe; todo esse estranho acontecimento parece ter chegado a um desfecho bastante abrupto.

Ele mexeu o café com a colher, largou a cigarrilha e sorveu um pouco da bebida.

— Apesar disso, existe um arremate curioso, que pode ou não estar associado. Algo que ocorreu logo um ano depois que Hoth chegara a Wewelsburg, no final de 44. Naquela época, o curso da guerra havia se voltado completamente contra os nazistas. Os americanos e os britânicos estavam pressionando os alemães pelo oeste, os russos pelo leste, e, embora o Führer ainda estivesse insistindo que poderia reverter a situação, lá no fundo o alto comando nazista sabia que os dias do Terceiro Reich estavam contados. Eles começaram a transportar ouro e valiosas obras de arte saqueadas para fora dos caminhos dos exércitos dos Aliados e até mesmo chegaram a esconder as peças bem longe, ocultando-as em lugares secretos dentro da Alemanha, geralmente no interior de minas abandonadas.

Ele bebericou novamente o café e retornou ao seu assento com rodinhas, com a xícara numa das mãos e a cigarrilha na outra.

— No meio de tudo isso, em dezembro de 44, Dieter Hoth repentinamente apareceu no campo de concentração de Dachau, no sul da Alemanha, levando consigo, de acordo com o depoimento fornecido pelo comandante auxiliar do campo, Heinz Detmers, dois caminhões, um contendo uma espécie de caixote grande de madeira.

Os olhos de Layla se arregalaram. — O...

— Talvez sim, talvez não — disse Dupont, antecipando-se à questão. — Deve ter sido algo muito importante para que Hoth percorresse todo aquele caminho pessoalmente; mas se era a mesma caixa trazida de Castelombres.. — Ele deu de ombros. — Tudo que sabemos é que ele solicitou um grupo de trabalho de seis prisioneiros e partiu novamente. É possível que estivesse levando o caixote para escondê-lo em algum lugar próximo dali ou talvez o tivesse embarcado para algum outro lugar no estrangeiro. Ou então, mais uma vez, ele poderia ter outro propósito completamente diferente. Simplesmente não sabemos. No dia seguinte, ele já estava de volta à sua mesa, em Berlim. Nunca mais se ouviu falar daquele caixote novamente.

— E ele foi executado no final da guerra? Está certo isso?

Dupont confirmou: — Ele e um grupo de outros oficiais da SS estavam tentando sair de Berlim antes de a cidade cair nas mãos dos russos. Foram atingidos por um míssil KATUSHA enquanto tentavam rastejar através da Ponte de Weidendammer. Não sobrou muito dele, pelo que dizem... a cabeça e ambas as pernas foram dilaceradas. Eles só conseguiram identificá-lo porque portava sua Cruz de Cavaleiro e carregava uma quantidade de relíquias de um sítio arqueológico que todos sabiam que ele havia saqueado no Egito.

Ele deu uma última baforada na cigarrilha e amassou o que sobrou no cinzeiro.

— Nada mais do que merecido, imagino. Um homem fascinante, brilhante, estudioso, mas um ser humano deplorável. É trágico quando pensamos sobre o fato... uma mente tão grandiosa vinculada a um fim tão terrível.

Ele suspirou e, juntando as mãos atrás do pescoço, olhou fixamente para o céu estrelado acima de sua cabeça. Layla reclinou-se em sua cadeira e esfregou os olhos, repentinamente tomada pela exaustão. Seja lá o que William de Relincourt havia encontrado em Jerusalém, seja lá o que ele tinha enviado aos cuidados da irmã em Castelombres, seja lá o que fora retirado de Montségur para ser resguardado, seja lá o que Dieter Hoth tivesse, conseqüentemente, descoberto e carregado para a Alemanha, tudo agora parecia escondido novamente. Tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe.

— Se você tiver tempo, deveria realmente visitar a St. Sernin — Dupont disse. — Parte dela remonta aos tempos anteriores à Primeira Cruzada, sabia?

Layla murmurou um "sim" distante, mas não estava realmente prestando atenção. Tudo em que poderia pensar era para que raio de lugar ela deveria se dirigir agora.

Cairo

Depois de deixar o edifício dos Gratz, Khalifa caminhou por El-Maadi durante um tempo, observando as casas luxuosas, parando para examinar a barraca de um vendedor ambulante onde, por capricho, adquiriu uma estátua entalhada de madeira do deus-falcão Hórus, pensando que aquele poderia ser um bom presente para sua esposa, Zenab. Então, com ainda boa parte das quatro horas restantes para aproveitar, saiu em direção à estação de metrô e tomou um trem rumo ao centro da cidade.

Sempre que se encontrava no Cairo, com tempo livre, invariavelmente visitava o Museu Egípcio de Antigüidades, em Midan Tahrir, e era para lá que pensava em ir naquele momento, esperando perder-se, ainda que por algumas horas, entre aquela magnífica coleção de artefatos e relíquias. Seu antigo amigo e mentor, o professor Mohammed al-Habibi, que era o curador-chefe do museu, estava fora, na Europa, numa conferência, o que era uma lástima, pois havia poucas coisas no mundo que ele apreciava mais do que caminhar pelo museu na sua companhia. Mesmo sem ele, apesar de tudo, o lugar ainda era mágico, e, enquanto o trem se agitava em direção ao norte através dos subúrbios empoeirados, ele sentia aquele formigamento de animação na expectativa das atrações que encontraria adiante.

Havia oito estações de El-Maadi a Sadat, a mais próxima do museu. Mas o motivo que o levou a descer quatro estações antes de seu destino final ele não sabia dizer. Num minuto, estava se balançando para a frente e para trás dentro do vagão, olhando fixamente para

uma favela que passava pela janela enquanto se sacudia violentamente; no minuto seguinte, sem qualquer consciência de seus atos, saiu do trem e se encontrava numa rua deserta do lado de fora da estação de metrô Mar Girgus, apertando sua estátua de madeira do deus Hórus e observando um impecável muro de pedra que cercava uma mistura de casas assimétricas, monastérios e igrejas — Masr al-Qadimah, a Cidade Velha do Cairo.

Embora conhecesse grande parte da capital como a palma da mão, aquele era um bairro que nunca havia visitado antes — uma curiosa lacuna geográfica, considerando sua fascinação pela história, visto que, como o próprio nome dizia, era a região mais antiga da metrópole, com edifícios, ou parte deles, datando de uma época bem anterior à era romana (não havia nenhuma cidade ali, na época do Egito antigo, quando a capital ficava mais ao sul, em Mênfis).

Por quase um minuto, Khalifa permaneceu onde estava, piscando, desorientado, como se tivesse acabado de acordar de um breve cochilo, para por fim deparar com um local totalmente diferente de onde estava originalmente dormindo. Então, impulsionado por um sentimento de urgência que não poderia explicar e ao qual não poderia resistir, atravessou a rua e desceu alguns lances de degraus de pedra caindo aos pedaços que o conduziram abaixo do perímetro cercado do muro e ao interior de habitações que mais pareciam um favo de mel.

O local estava silencioso, extraordinariamente silencioso; o ar era denso e bolorento, e o tempo parecia eterno, como se as leis da física que regiam todo o restante da cidade estivessem, naquela esquina em particular, de alguma forma, temporariamente inativas, deixando tudo em suspenso, num tipo de vácuo imutável e misterioso. Ele parou, incerto sobre por que cargas d'água fora parar ali, e ainda, ao mesmo tempo, tomado pelo repentino e curioso sentimento de que talvez sua presença naquele lugar não houvesse sido inteiramente ao acaso, mas, antes, poderia existir um propósito oculto. Então continuou a avançar, seguindo por uma rua estreita e pavimentada que se estendia à frente dele como um profundo corte talhado no interior do confuso bairro. Diversos

edifícios de pedras e tijolos se erguiam de ambos os lados, pontuados aqui e ali com espessas portas de madeira, como bocarras rígidas, a maioria delas cerradas, mas algumas discretamente entreabertas, permitindo que olhares furtivos espiassem para dentro de seu mundo secreto — um pátio com um jardim bem-cuidado; um recinto lotado de tábuas empilhadas bem alto; uma sombria capela copta com pilares canelados que sobressaíam na luz suave das velas.

Ocasionalmente, outras ruas surgiam à sua esquerda ou direita, silenciosas, desertas, convidando-o a se entregar a alguma outra parte do bairro. Ele manteve seu percurso, seguindo a avenida pavimentada enquanto caminhava sem destino, até que finalmente, como um córrego desaguando numa enorme piscina, a avenida emergiu num espaço aberto, empoeirado, no centro do qual havia uma praça, um edifício de dois andares em pedra amarela com janelas em forma de arco e um conjunto de cornijas servindo de arremate nas extremidades do telhado plano. Uma placa indicava SINAGOGA BEN EZRA— PROPRIEDADE DA COMUNIDADE JUDAICA DO CAIRO.

Nunca havia visto uma sinagoga antes e muito menos entrado numa, e por um momento hesitou, em parte desejando dar meia-volta e regressar pelo caminho de onde viera. A sensação de que ele de alguma forma deveria estar ali, no entanto, de uma forma inexplicável, sendo chamado, era naquele momento tão forte, que subjugou todas as suas dúvidas. Segurando firme sua estatueta de madeira, caminhou até a construção e passou pela entrada em forma de arco.

O interior estava fresco e levemente iluminado, silencioso, com o piso de mármore nas cores verde e branco; uma fileira de lustres de bronze pendia do teto, e do outro lado uma procissão de pilares sustentava uma galeria baixa de madeira. As paredes estavam pintadas com motivos geométricos em verde, dourado, vermelho e branco, enquanto no final do recinto, depois do púlpito de mármore octogonal, avistavam-se sete lances de escada que davam acesso a um relicário primorosamente decorado, cuja superfície era revestida

de marfim e madrepérola e suas portas gravadas com versos escritos em hebraico.

Mais uma vez ele hesitou, um curioso sentimento de expectativa crescendo na boca de seu estômago; então, lentamente, prosseguiu caminhando pela sinagoga, até se encontrar no pé da escada que conduzia ao relicário. Um par de lamparinas de bronze num formato bastante curioso, quase da mesma altura de Khalifa, estava instalado do outro lado, com uma longa haste vertical da qual se arqueavam graciosamente para cima seis braços, três de um lado e três do outro, coroados, assim como a haste, com uma lâmpada no formato de uma chama. Apesar da magnificência dos outros ornamentos do edifício, aquelas lâmpadas por alguma razão capturaram toda a sua atenção e foram de alguma maneira o foco de toda a sua expectativa. Movendo-se em direção a uma delas, Khalifa ergueu uma das mãos e segurou a haste lustrosa.

— Farás um candelabro de ouro puro; seis braços sairão dos seus lados; seus cálices, seus botões e suas flores formarão uma só peça com ele.

Khalifa virou-se, surpreso. Havia pensado que estava sozinho e estivera certo de que estava. Agora, no entanto, ele podia perceber mais adiante, à sua direita, quase oculto pela escuridão embaixo da galeria, um homem sentado num dos bancos de madeira que se estendiam ao longo das paredes da sinagoga. Ele trajava uma veste azul-escura que parecia misturar-se com as sombras — a razão que provavelmente o levou a não reparar na presença dele antes. Além de uma longa barba branca, quase na altura do tórax, o homem possuía os olhos azuis brilhantes mais extraordinários que Khalifa já havia visto, e que pareciam incandescer na escuridão como estrelas contra o céu noturno.

— Chama-se menorá — disse o estranho. Sua voz era suave e discretamente musical.

— O quê?

— A lâmpada que você está segurando. Chama-se menorá.

Khalifa percebeu que suas mãos estavam segurando a haste em espiral da lâmpada. Ele a soltou, envergonhado, como se tivesse sido pego tocando algo que não deveria.

— Desculpe-me — ele repetiu. — Eu não deveria...

O estranho fez um gesto com a mão, sorrindo.

— Seu interesse é muito bom. A maioria das pessoas passa por ela sem perceber. Se desejar tocá-la, por favor, sinta-se à vontade.

Ele permaneceu onde estava por um tempo, olhando para Khalifa — o detetive nunca havia visto olhos azuis tão brilhantes —, e então se ergueu e caminhou na direção dele; seus movimentos fluíam curiosamente e sem esforço, quase como se estivesse flutuando. Embora o cabelo e a barba fossem brancos como a neve, agora que se encontrava sob a luz, Khalifa podia ver que sua pele era lustrosa e esticada, sem rugas, e seu corpo era ereto; então era impossível adivinhar sua idade. Havia algo vagamente desconcertante sobre ele. Nada ameaçador, apenas... estranho. Frugal, como se, em verdade, não estivesse ali em tempo real, mas, antes, num sonho.

— Você é o... imã aqui? — perguntou o detetive, sua voz soando estranhamente grave e diferente, como se falasse debaixo d'água.

— O rabino? — Mais uma vez o homem sorriu, seus olhos demorando-se por um momento na estátua de Hórus, a mão esquerda de Khalifa a apertando. — Não, não. Não existem rabinos em tempo integral aqui há mais de trinta anos. Sou apenas um... zelador. Assim como meu pai, e o pai de meu pai antes dele, e o pai dele também. Nós... cuidamos das coisas.

Seu tom de voz era normal, sociável. No entanto, havia algo sobre as palavras que escolhia dizer, a forma como olhava e envolvia Khalifa, fluindo dentro dele, que parecia uma alusão a alguma coisa com um significado mais profundo, um nível de compreensão mútua além do que estava sendo expressado abertamente. Embora

sempre menosprezasse aqueles que acreditavam no paranormal — "hunkum-funkum", como o professor al-Habibi chamava isso —, o detetive não poderia escapar à repentina e perturbadora convicção de que não apenas o homem sabia exatamente quem ele era, mas também, de alguma maneira indeterminável, havia sido o responsável por sua presença naquele lugar e naquela hora. Ele balançou a cabeça, aturdido e retrocedeu um passo. Houve então um longo silêncio.

— Tem um significado a palavra "menorá"? — perguntou ele finalmente, tentando manter uma conversa para aliviar a intensidade do ar que parecia ter sufocado todo o recinto ao redor deles.

O estranho olhava para baixo, na direção de Khalifa — ele era quase uma cabeça mais alto —, e então, com um sorriso vago, mas astuto, como se já estivesse esperando por aquela pergunta, virou-se para a lâmpada; seus olhos azul-safira cintilavam com o resplendor das lâmpadas em forma de chama.

— É a palavra hebraica para candelabro — disse ele calmamente. — A Lâmpada de Deus. Um símbolo de grandioso poder para o meu povo. O símbolo. O Sinal dos Sinais.

Longe de amenizar a atmosfera, Khalifa sentia que aquela questão servira apenas para adensar o ar. Apesar disso, e contra a sua vontade, ele não conseguia evitar ser tragado pelas palavras do homem, como se estivesse sob o efeito de algum tipo sutil de encantamento.

— É... linda — murmurou Khalifa; seus olhos deslizavam pela haste da lâmpada e pela forma arqueada e lustrosa de seus braços.

— À sua própria maneira — afirmou o homem. — Embora semelhante às demais reproduções, pode-se dizer que ela é apenas uma sombra quando comparada à original — a primeira lâmpada, a verdadeira lâmpada, a lâmpada que o grande ourives Bezaleel produziu, há muito tempo, na época de Moisés e do Êxodo do Egito. — Ele tocou com a ponta dos dedos nas partes mais afastadas dos

braços arqueados da lâmpada. - Aquela era muito bonita — disse ele e seus olhos cintilavam como se um par de borboletas azuis e brilhantes tivesse pousado sobre o seu nariz. — Sete braços, o capitel em forma de flores, os copos como amêndoas, toda ela de uma só peça batida de ouro puríssimo — a obra mais linda já vista. Ela ficava no Tabernáculo no deserto e no Primeiro Templo que Salomão construiu, e no Segundo Templo também, até a chegada dos romanos, por fim, quando se perdeu para o mundo. Há quase dois mil anos, lá estava ela. Se um dia será vista novamente... — Ele deu de ombros. — Quem sabe? Talvez um dia.

Ele ficou em silêncio por um momento, observando a lâmpada; uma expressão estranha, distante, em seus olhos, como se recordasse dos velhos tempos que se foram. Então deixou a mão cair e virou-se para Khalifa.

— Na Babilônia — disse ele. — Isso é o que a profecia nos diz. Na Babilônia, a verdadeira Menorá será encontrada, na Casa de Abner. No momento certo.

Mais uma vez, sem uma razão qualquer que pudesse explicar, o detetive era tocado pelo inquietante sentimento de que as palavras do homem possuíam um significado oculto, um pressentimento de que, embora não compreendesse totalmente o que estava sendo dito, tratava-se de algo de alguma forma relevante. Manteve o olhar no homem por um momento e então o desviou; seus olhos correram pelo interior da sinagoga, até que focaram sobre um relógio pendurado sobre a entrada.

— Droga!

Ele tinha certeza de que estavam ali por apenas quinze minutos, vinte no máximo. Mesmo assim, de acordo com o relógio, já eram quase cinco, o que indicava que estivera dentro da sinagoga por mais de três horas! Verificou seu próprio relógio, que confirmava a mesma hora, e, com um atordoado aceno com a cabeça, disse que precisava partir.

— Eu perdi completamente a noção do tempo.

O homem sorriu. — A menorá pode causar esse efeito. É uma força muito misteriosa.

Os dois homens se entreolharam, e Khalifa vivenciou uma momentânea sensação vertiginosa de queda, como se mergulhasse de uma grande altura numa piscina de águas claras; então, com um aceno, o detetive passou pela lâmpada e começou a atravessar o recinto da sinagoga.

— Posso perguntar o seu nome? — o homem falou alto quando Khalifa estava quase na porta.

Khalifa voltou-se. — Yusuf — respondeu. Houve uma pausa, e depois, mais por cortesia do que por genuíno interesse, ele perguntou: — E o seu? — O homem sorriu. — Eu me chamo Shomer Ha-Or. Assim como meu pai foi antes de mim, e seu pai antes dele. Espero vê-lo novamente, Yusuf. Na verdade, eu sei que o verei.

Antes mesmo que o detetive pudesse perguntar o que ele queria dizer com aquilo, o homem acenou e, novamente com aquele curioso movimento vacilante, retornou para as sombras num dos lados da sinagoga, desaparecendo de vista como se tivesse simplesmente deixado este mundo.

Jerusalém

O

Hospital Psiquiátrico Kfar Shaul, um indescritível conjunto de edifícios de pedras amarelas e brancas sombreados por árvores e rodeados por cercas baixas em todo o seu perímetro, situava-se numa elevação íngreme na extremidade noroeste de Jerusalém,

onde os limites da cidade começavam a fragmentar-se, seguindo até a construção, com uma ladeira coberta de pinheiros e aninhada nas colinas da Judéia. Ben-Roi chegou no final da tarde e, depois de estacionar do lado de fora do portão principal, dirigiu-se até a guarita de segurança e informou ao guarda dentro da cabine que tinha hora marcada para visitar um dos pacientes. Uma chamada foi realizada para uma outra parte do complexo, e três minutos depois apareceu uma mulher robusta, de meia-idade, vestindo um jaleco branco, e apresentou-se como Dra. Gilda Nissim, para então acompanhá-lo até o hospital.

Ir até lá, se não fosse um ato de desespero de Ben-Roi, ao menos havia sido a última opção deixada pela linha da investigação naquela atual conjuntura. Apesar de ter trabalhado bastante pela noite anterior adentro e durante todo o dia, ele havia excepcionalmente falhado na tentativa de estabelecer uma ligação qualquer entre Piet Jansen e Hannah Schlegel. Certamente, ele até havia desenterrado alguns detalhes extras sobre o passado de Schlegel: as datas precisas de sua prisão em Auschwitz; o fato de que ela e seu irmão foram transportados para o campo de Recebedou, um centro de triagem no sul da França. Mas a informação era muito desconexa para formular algo que propiciasse uma imagem clara da vida da vítima, sem falar de uma explicação sobre por que Piet Jansen, ou qualquer outra pessoa naquele caso, desejaria vê-la morta.

Foi possível conseguir apenas um esboço de pista quando visitou o Memorial do Holocausto, em Yad Vashem, onde Schlegel havia trabalhado em tempo parcial como arquivista. De acordo com um de seus colegas da época, o trabalho dela envolvia basicamente arquivar, indexar e ajudar em pesquisas simples de investigação — coisas gerais, nada fora do comum. Ao mesmo tempo — e foi isso que causou certa hesitação em Ben-Roi —, ela havia se encarregado também, aparentemente, de uma pesquisa pessoal de si mesma. No que tal pesquisa consistia exatamente, seu antigo colega não poderia afirmar. No entanto, ele imaginava tratar-se de algo ligado a Dachau, já que, por numerosas ocasiões, ele havia

visto Schlegel analisar relatórios e testemunhos de sobreviventes daquele campo de concentração em particular. A Sra. Weinberg, a antiga vizinha de Schlegel, também havia mencionado sobre as pastas a respeito de Dachau, enquanto Majdi, o rapaz que ateara fogo na casa dela, descreveu como as pastas estavam cheias de papéis e documentos, "como um tipo de arquivo". Havia, o detetive estava certo disso, algum significado em tais arquivos; algumas pesquisas pessoais de Schlegel estavam associadas ao assassinado dela e a Piet Jansen. Entretanto, ele não conseguia esclarecer qual seria essa conexão e, por fim, foi forçado a admitir que, enquanto isso se mostrava uma linha relevante de investigação, também se mostrava impossível de investigar.

A linha o levava, então, a Isaac Schlegel, o irmão gêmeo da mulher morta. E, por tudo que Ben-Roi já havia escutado, ele vivia no mundo da lua.

— Eu soube que o Sr. Schlegel realmente ficou com os miolos moles — dizia ele enquanto subiam para a área do hospital, seguindo por uma rua íngreme asfaltada e com edifícios esparsos com terraços floridos e ladeados por pinheiros e ciprestes.

Ela lhe lançou um olhar de desaprovação.

— Ele está extremamente transtornado, se foi isso que o senhor quis dizer — respondeu ela. — Ele já sofria de uma severa desordem por estresse pós-traumático, resultado de suas experiências nos tempos de guerra, e então quando a irmã faleceu... bem, a perda o levou à beira da loucura. Eram muito próximos. Eu, como médica, não espero muito dele. Por aqui, por favor.

Fizeram uma curva à esquerda, em volta de uma área cercada onde dois homens obesos em pijamas jogavam tênis de mesa, até que chegaram a uma moderna construção de um andar com uma placa indicando ALA NORTE DO CENTRO DE PSICOGERIATRIA. Ela o acompanhou pela porta de entrada de vidro e pelo corredor deserto e suavemente iluminado; um leve cheiro de desinfetante e legumes cozidos podia ser sentido no ar; tudo estaria em silêncio, não

fossem o zumbido do ar condicionado e os gritos que vinham de algum recinto diante deles, onde um senhor vociferava sobre Saul, Zedequias e o Dia do Julgamento Final. Ben-Roi olhou para a doutora.

— Este não seria...?

— O Sr. Schlegel? — respondeu ela com um resmungo desanimado. — Não se preocupe. Isaac tem muitos problemas, mas fantasiar que é algum profeta do Antigo Testamento não é um deles. Além disso, ele praticamente não emitiu uma única palavra nos últimos quinze anos.

Pararam em frente a uma porta perto do final do corredor. Nissim bateu gentilmente à porta e então a abriu, colocando a cabeça para dentro do quarto.

— Olá, Isaac — disse ela com um tom de voz suave, tranqüilizador. — Eu trouxe uma visita pra você. Não precisa ficar com medo. Ele apenas perguntará algumas coisas. Tudo bem, então?

Se houve alguma resposta, Ben-Roi não ouviu.

— Você tem vinte minutos — disse ela, afastando-se pelo corredor. Eu virei buscá-lo quando o tempo acabar. E lembre-se de que não está numa delegacia; por isso, pegue leve com ele. Combinado?

Ela manteve o olhar no detetive por um momento e então, com um leve aceno, saiu fazendo o caminho de volta; seu suave caminhar podia ser ouvido pelo piso de mármore polido. Ben-Roi hesitou, incerto sobre o que esperar, desconfortável — ele sempre detestara aquele tipo de lugar, o ambiente muito branco, a atmosfera soporífera e indistintamente estéril, como se o próprio ar estivesse medicado — e então passou pela porta, fechando-a atrás de si.

Deparou com um quarto bastante ensolarado, amplo, com uma cama, uma mesa, uma poltrona e uma cadeira; pregados nas paredes, cobrindo todas elas quase até o teto desde o chão, como um horrível papel de parede, havia dezenas de desenhos a lápis de

cor, bem simples, como aqueles que se podem encontrar numa enfermaria pediátrica. Schlegel estava sentado do outro lado, numa poltrona ao lado da janela. Era um homem de aparência frágil, sofrida, usando um pijama verde-claro e chinelos de tecido. Olhava fixamente para a pedreira do lado de fora e apertava um livro com a capa enrugada e puída entre as mãos esqueléticas.

— Sr. Schlegel?

O idoso não respondeu. Ben-Roi hesitou por um momento e então, pegando a cadeira giratória, atravessou o quarto e sentou-se à frente dele.

— Sr. Schlegel? — repetiu, tentando manter a voz suave e amigável. — Meu nome é Arieh Ben-Roi. Trabalho na Polícia de Jerusalém. Eu gostaria de fazer algumas perguntas. Sobre sua irmã, Hannah.

O homem parecia nem ter percebido sua presença e apenas continuou a observar do outro lado da janela, com os olhos fundos e vidrados.

— Eu sei que é um assunto difícil para o senhor — insistiu o detetive —, mas preciso muito de sua ajuda. Estou tentando capturar o homem que assassinou sua irmã, compreende? O senhor pode me ajudar, Sr. Schlegel? Seria possível responder a algumas perguntas? Por favor?

Nada. Nenhum reconhecimento, nenhuma reação, nenhuma resposta, somente o olhar vazio, catatônico, sem expressão e vitrificado, como um peixe numa banca de feira.

— Por favor, Sr. Schlegel?

Ainda nada.

— Pode me ouvir, Sr. Schlegel?

Silêncio.

— Sr. Schlegel?

Silêncio.

— Diabos, mas que inferno!

Ben-Roi levantou as mãos e estalou os dedos atrás de sua cabeça, totalmente perdido. Se estivesse interrogando algum suspeito de crime, ele o teria pressionado, forçado, ameaçado e exigido a informação, mas, como a médica havia dito, ali não era uma delegacia e ele não poderia empregar seus métodos policiais.

Vários minutos se passaram, e os dois permaneceram sentados, em silêncio, como rivais num jogo de xadrez; então, aceitando o fato de que a conversa parecia ser inútil, Ben-Roi levantou-se e caminhou pelo quarto, passando os olhos de um lado para outro pelos desenhos pregados nas paredes. Deveria haver uma centena daquelas coisas, e inicialmente ele não prestou muita atenção no que cada um estava especificamente descrevendo; apenas os olhava ao acaso, sem um interesse específico, assumindo que eram apenas imagens aleatórias de uma mente perturbada. Mas, progressivamente, as imagens começaram a evidenciar que, infantis como eram, rudemente rabiscadas como qualquer criança de cinco anos de idade teria produzido, talvez as imagens não fossem simplesmente tão desconectas como ele havia pensado a princípio. Ao contrário, juntas, na realidade, pareciam formar algum tipo de sinuoso mural — como uma narrativa.

Passou os olhos lentamente, focando num desenho ao lado da porta. A imagem retratava um barco com um tubo de ventilação, navegando sobre linhas azuis que denotavam ondas; em pé sobre a proa do barco, duas pessoas bem magras estavam de mãos dadas. Os dois desenhos seguintes descreviam quase exatamente a mesma cena, mas então havia outro no qual as duas pessoas, ainda de mãos dadas, pareciam estar suspensas no ar, diante da proa, como se pulassem no mar. Ele se lembrou da história que a Sra. Weinberg havia contado sobre como Schlegel e seu irmão precisaram ser forçados a nadar de Haifa até a praia depois que os

ingleses mudaram a direção do barco no qual viajavam; assim, com um choque repentino, ele percebeu que aqueles desenhos narravam exatamente a cena que haviam vivido.

— É a vida dele — sussurrou para si mesmo. Ele deslizou com a cadeira.

— É a sua vida, não é? A história da sua vida.

Ben-Roi movimentou a cadeira novamente e voltou à narrativa, seguindo primeiro através do tempo, depois voltando, refletindo lentamente enquanto seus olhos deslizavam de imagem para imagem, para cima e para baixo, ao redor das paredes, montando a história.

Muitas das imagens correspondiam às coisas que ele já havia descoberto sobre a vida de Hannah Schlegel. Na parede acima da cama, por exemplo, entre as últimas imagens desenhadas, encontravam-se três desenhos que retratavam uma pessoa pequena e magra sendo espancada na cabeça por outra, uma figura bem maior, contra um fundo amarelo, como o deserto — presumivelmente uma referência ao assassinato de sua irmã no Egito. Similarmente, um bloco inteiro de imagens em volta da porta, mais de vinte delas no total, todas em preto e cinza, eram retratos nus e crus dos horrores de Auschwitz — uma chaminé fumegante, arame farpado, seis corpos pendendo de forcas e, terrível em sua simplicidade, duas figuras esqueléticas amarradas em camas, em que ziguezagues de lápis vermelho indicavam o sangue saindo de suas virilhas, e havia rasgos escuros que explodiam de suas bocas, o que Ben-Roi entendeu como uma representação de gritos agonizantes.

Outras imagens eram mais fáceis de interpretar. A primeira imagem na narrativa, por exemplo, era uma imensa casa rosa com um radiante sol logo atrás e quatro rostos aparecendo em janelas diferentes, todos com sorrisos amplos. Seria isto uma lembrança da vida anterior de Schlegel? Perguntava-se ele. O irmão e a irmã em

seu lar com os pais, antes de o mundo deles se partir? Ou teria um outro significado totalmente diferente?

De maneira semelhante, entremeada em intervalos regulares pela coleção, como um motivo recorrente, um refrão dentro de uma música ou poema, encontrava-se uma série de imagens de uma menorá de sete braços desenhada em amarelo-ouro. Uma alusão à fé e herança do artista, talvez? Ou seria simplesmente uma forma que por alguma razão o idoso se viu pintando? Não estava muito claro.

Um grupo de imagens, em particular, capturou a atenção de Ben-Roi, principalmente porque parecia projetar a transição entre o otimismo infantil das primeiras imagens, e que haviam sido pintadas em cores quentes e brilhantes, e outras mais escuras, aparentemente mais melancólicas do que o restante da coleção. Havia quatro delas no total, todas retratando a mesma porta arqueada, ou portão, muito alto e estreito, ladeado por tentáculos em espiral de hera verde. A primeira do grupo exibia duas figuras magras, presumivelmente Schlegel e sua irmã, em pé no centro do portão, de mãos dadas e sorrindo. A seguinte descrevia quase a mesma cena, exceto pela imagem das figuras escondidas atrás de algum tipo de arbusto, observando-os enquanto outras golpeavam o chão em frente ao portão com picaretas. A seqüência foi interrompida pela primeira das menorás que apareciam periodicamente ao longo da coleção antes de concluir com uma imagem de Schlegel e sua irmã aparentemente fugindo do portão, perseguidos pelas figuras com picaretas. O último desenho na seqüência mostrava uma criatura malévola, gigante, com olhos vermelhos, ferozes, agarrando as duas figuras menores, uma em cada mão. Já não sorriam mais; o sorriso fora substituído por uma linha curva negra representando terror e aflição.

Quanto mais Ben-Roi olhava para elas, mais intrigado ficava por alguma coisa dentro dele — um instinto, um incômodo no estômago — dizendo que, de todas aquelas imagens na coleção, aquelas eram, de alguma maneira, as mais significativas, o momento quando tudo começou a dar errado para Isaac e Hannah, e por isso, de uma

maneira indefinida, a chave para a vida e morte subseqüente da irmã. Ele as observou por um tempo, seus olhos percebendo cada tonalidade e rabisco do lápis; em seguida, virando-se, voltou para sua cadeira giratória e sentou-se novamente.

— Sr. Schlegel — disse ele —, poderia me contar acerca dos desenhos sobre a mesa? As imagens com o arco.

Ele perguntou mais para cumprir seu papel do que pela esperança de obter uma resposta. Para sua surpresa, Schlegel lentamente virou seus olhos da janela primeiramente para Ben-Roi, depois para o livro em seu colo, e então novamente para Ben-Roi. O detetive arrastou sua cadeira, e seus joelhos ficaram a apenas alguns centímetros dos joelhos do idoso.

— Eles são importantes, não são? — insistiu ele, tentando manter sua voz calma, suave, como alguém caminhando na ponta dos pés para pegar um pássaro ferido, fazendo o máximo para não perturbá-lo ou assustá-lo. — Retratam a época em que coisas ruins começaram a acontecer para você e sua irmã. E elas são a razão do assassinato de sua irmã.

Era um palpite, a última frase, uma aposta, mas isso obviamente abalou suas emoções, pois o velho piscou, e, como se estivesse em câmera lenta, uma única e cristalina lágrima brotou de seu olho esquerdo, oscilando, como um homem na corda bamba, no limite, antes de cair sobre a maçã do rosto.

— O que aconteceu no arco? — perguntou Ben-Roi suavemente. — Quem eram aquelas pessoas com as picaretas?

Novamente Schlegel deixou seu olhar cair sobre o livro, depois o ergueu, com as pupilas úmidas e acinzentadas, um olhar distante em seus olhos como se estivesse fitando algo fora do quarto, algum lugar remoto tanto no espaço quanto no tempo.

— Por favor, Isaac. O que aconteceu no arco? Quem é o gigante de olhos vermelhos?

O idoso nada respondeu; apenas admirava o vazio, sussurrando suavemente para si mesmo, enquanto uma das mãos acariciava o livro em seu colo. Ben-Roi tentou segurá-lo, mantê-lo no presente, mas não surtiu efeito; depois daquela leve e frágil centelha de conexão, ele mais uma vez desapareceu em seu próprio mundo, levado como um pequeno seixo que lentamente submerge num lago escuro e profundo. O detetive o questionou por mais um tempo e então, admitindo que aquilo era um desperdício de tempo, que o momento havia passado, suspirou. Em seguida, reclinando-se, tentou saber que horas eram. Seus vinte minutos já estavam se esgotando. Como uma confirmação, ouviu passos distantes se aproximando pelo corredor.

— Bosta! — resmungou ele.

Tamborilou os dedos nos joelhos, derrotado; então retirou o cantil do bolso, trazendo acidentalmente uma folha de papel amassada — uma cópia da fotografia de Piet Jansen que Khalifa havia passado por fax na tarde do dia anterior. Ele a havia trazido na esperança de que Schlegel fosse capaz de dizer algo sobre ela, mas agora admitia que se tratava de um pensamento fantasioso. Inclinando-se para a frente, ele a jogou numa lixeira ao lado da cadeira do idoso; antes de reclinar-se novamente, rosqueou a tampa do cantil e tomou um longo gole da bebida.

Na intenção de beber o quanto fosse possível antes da chegada da Dra. Nissim, Ben-Roi não percebeu que Schlegel lentamente se curvou e recolheu o papel da lixeira, observando a imagem em preto-e-branco. Somente depois que sorveu todo o conteúdo do cantil e começava a rosquear a tampa é que reparou no que ele estava fazendo.

— Surgiu alguma lembrança em sua mente? — resmungou ele, enfiando o cantil de volta no bolso e falando mais para si mesmo do que para Schlegel. — Mas acho que o senhor não tem mais mente nenhuma aí dentro, não é?

Se Schlegel percebeu o sarcasmo, o idoso não demonstrou. O que ele fez, repentina e surpreendentemente, foi segurar a foto na direção de Ben-Roi e, abrindo amplamente a boca, liberar o grito mais violento e horripilante que o detetive já presenciara.

Ele pode não ter obtido todas as respostas que desejava, mas uma coisa ao menos havia ficado clara: Isaac Schlegel sabia exatamente quem Piet Jansen era. E ficara aterrorizado.

Cairo

N

o momento em que deixara o confuso labirinto da Cidade Velha, passando rente aos seus muros e saindo para o mundo, o encontro na sinagoga parecia desaparecer da mente de Khalifa como uma névoa evaporando no calor do sol da manhã. Até chegar à estação do metrô, esforçara-se para se lembrar dos detalhes do interior da sinagoga e da aparência real do homem com quem havia conversado; e, ao finalmente voltar a El-Maadi, caminhando rapidamente pelas avenidas arborizadas, em direção ao apartamento dos Gratz, ele havia efetivamente começado a pensar se tudo aquilo não havia sido uma espécie de sonho elaborado. Somente a lembrança daqueles penetrantes olhos azul-safira e da curiosa lâmpada de sete braços ainda permanecia clara, e mesmo estes já haviam sido lançados para bem longe, para o mais distante esconderijo de sua consciência, quando virou a esquina e percebeu o tumulto de carros de polícia e ambulâncias reunidos na frente do edifício dos Gratz. Devia haver dezenas de moradores naquele bloco em particular, mas ele soube imediatamente, por instinto, que se tratava dos amigos de Piet Jansen, que eram eles o foco de toda aquela comoção. Ele irrompeu numa corrida.

— O que está acontecendo? — perguntou, aproximando-se do cordão de isolamento da polícia e apresentando seu distintivo a um dos guardas uniformizados.

— Escutamos um tiro — respondeu o homem. — Dois mortos.

— Meu Deus! Quando?

— Algumas horas atrás, talvez um pouco mais. Não tenho certeza. Eu acabei de chegar aqui.

Amaldiçoando-se por não ter se antecipado a algo dessa natureza, Khalifa passou por debaixo da fita, a estátua de Hórus ainda apertada em sua mão, e correu para o edifício, subindo até o terceiro andar.

O apartamento dos Gratz estava cheio de pessoas — policiais à paisana, fotógrafos, peritos com jalecos brancos e luvas de látex—, e o ar ecoava à discreta e pontual conversa rápida que sempre parecia acompanhar esse tipo de cena, parte por excitação, parte por nervosismo. Ele perguntou sobre quem estava no comando, e indicaram uma porta situada no meio do corredor de onde brilhavam intensamente os flashes de câmeras fotográficas. Abriu caminho por ali e, após um segundo de hesitação — "Foi minha culpa", pensava ele, "eu causei isso"—, entrou no recinto.

Ele se encontrava num quarto, onde uma enorme cama de casal estava instalada no canto e cuja parede ficou salpicada com bastante sangue coagulado. A cama propriamente dita estava coberta com o que Khalifa, à primeira vista, pensou ser algum tipo de lençol ou tecido de seda, mas após um momento pôde perceber que era uma bandeira com uma suástica no centro. O tecido também estava ensopado de sangue e com o que parecia fragmentos de carne e pele; a superfície estava amarrotada e achatada, como se alguém estivesse deitado sobre ela. Havia ainda um leve cheiro de pólvora no ar — ácido, corrosivo — e um outro que ele não conseguia identificar, como amêndoas queimadas. Um

saco plástico preto estendia-se no chão, ao lado da cama, lustroso, brilhante, com alguém dentro.

— Quem é você?

Um homem gordo e barbudo, o detetive encarregado de apurar o caso, olhava para ele do outro lado do quarto. Khalifa se aproximou e, novamente, apresentou seu distintivo, explicando o motivo de estar ali.

— O que aconteceu?

O homem resmungou, removendo uma barra de chocolate Mars do bolso e rasgando a embalagem.

— Um tipo de pacto suicida, pelo que parece. O cara estourou os miolos — disse pressionando o saco preto com a ponta do sapato. — A mulher bebeu metade de uma garrafa de ácido cianídrico. Os vizinhos ouviram um tiro e chamaram a gente. Sem o envolvimento de terceiros, até onde podemos afirmar.

Ele mordeu um pedaço enorme da barra, aparentemente sem se perturbar com o sangue espalhado nas paredes e no lençol.

— Nunca vi nada parecido — falou com a boca cheia de chocolate. — Os dois deitados sobre a cama, de mãos dadas, o lugar como um abatedouro, ele vestido com um tipo de uniforme militar, e ela num vestido de noiva. Pelo amor de Deus, que coisa bizarra.

Ele enfiou na boca o resto do chocolate e, virando-se, gesticulou para o fotógrafo, indicando que desejava mais fotos da bandeira salpicada de sangue. Khalifa pegou seu maço de cigarros, recebendo um olhar de reprovação de um dos peritos que estavam se arrastando pelo chão, e então o guardou novamente no bolso.

Está amaldiçoado, pensava sozinho. Todo esse caso. Tudo que faço, aonde quer que eu vá, só termina em morte e horror. Eu odeio isso. Odeio tudo isso. — Onde está o corpo da mulher? — perguntou depois de um tempo.

— Hein? — O detetive se voltou para ele. — Ah, sim, eles a levaram para o As-Salam International. Para fazer uma lavagem estomacal ou qualquer outro procedimento que fazem nessas circunstâncias.

Levou um segundo para Khalifa reparar no significado daquelas palavras.

— Eu pensei... — Uma corrente elétrica atravessou sua espinha. — Disseram que ambos estavam mortos.

— O quê? Não, não. A velha sobreviveu. Mais vinte minutos e teria tido o mesmo fim do marido. — Ele cutucou novamente o saco preto com o pé. — Teve sorte. Ou azar. Depende da forma como você enxergar tudo isso. Ela até vestia uma porra de um vestido de noiva. Que coisa mais medonha. Eu nunca...

Ele não teve chance de terminar a frase, pois Khalifa já havia se virado e saído do quarto.

Languedoc, França

Layla estacionou o carro alugado, um Renault Clio cor de hematoma, à margem da estrada, deixando o motor ligado. Inclinou-se para a frente e olhou através do pára-brisa para a rampa do Castelo de Montségur, lá no alto. Ali ficou por um momento, observando os muros acinzentados, sem nada escrito, a edificação dos fundos, a cúpula de pedra em forma de caveira na qual o castelo empoleirava-se como um barco sobre a crista de uma onda, e então, endireitando-se em seu assento novamente, e lançando um olhar para o mapa no banco do passageiro, manobrou o veículo de volta à estrada e continuou seu caminho.

Layla levou outros vinte minutos para chegar a Castelombres. Ela havia levado alguns guias de estrada de Toulouse, que se mostraram de grande valor, pois, sem eles, teria sido difícil encontrar o caminho do vilarejo de Castelombres — nada mais do que uma fileira de casas e construções campestres que nem mesmo apareciam no mapa — e não teria a menor chance de localizar as ruínas do castelo, que ficavam a três quilômetros da aldeia e numa trilha em péssimas condições. Mesmo com os guias, as ruínas não foram, de maneira nenhuma, fáceis de encontrar, pois exigiam uma escalada por uma trilha íngreme que se estendia pelo caminho até o alto da colina e então atravessava dois campos pantanosos e depois subia através de um denso matagal espinhoso e uma enorme quantidade de madeira de buxo, seguindo por um caminho elevado que deveria ter sido, alguma vez, bem cuidado, mas agora estava tão coberto pela vegetação, que se tornava indistinguível do que havia ao redor. Assim, mais distante, encontrava-se a área do castelo, tão completamente escondido, que ela estava a ponto de retraçar o caminho, pensando ter tomado a direção errada em algum lugar, quando o matagal de repente terminou dos dois lados e ela se encontrou num gramado, que terminava no declive da colina, propiciando uma vista espetacular ao redor do morro e do rio que cortava o vale lá embaixo. Uma placa de madeira quebrada à sua esquerda indicava ÂTEAU DE CASTELOMBRES.

Quem destruiu o castelo executara um trabalho perfeito, pois não deixou que restasse quase nada dele, mas apenas uns poucos blocos de pedra dispersos, alguns muros demolidos — o maior deles não atingia mais do que a altura do joelho — e um único pilar manchado e tombado ao lado num amontoado de grama como uma tora de madeira apodrecida. Somente uma coisa aludia ao que deveria ter sido, um dia, uma imponente construção: uma arcada magnífica no final do terraço, muito alta, mas bastante estreita, cujo trabalho na pedra estava atado por cordões de hera escura, e seu cume se erguia até formar uma ponta aguda que parecia arranhar o céu como a ponta de uma caneta rabiscando uma folha de pergaminho.

Layla caminhou naquela direção, presumindo que aquilo deveria ser algum tipo de porta ou portão. Quando se aproximou, viu que se tratava na realidade das ruínas de uma janela, com uma delicada estrutura circular de pedra e espirais entalhadas na frente, e, por todo lado, bem visível sobre a pesada camada de hera, surgiam pequenas flores esculpidas na pedra. Havia algo insuportavelmente melancólico no lugar, permanecendo ali sozinho, um olho solitário observando os arredores da colina. Depois que a examinou por um momento, ela se virou novamente, colocou a jaqueta sobre os ombros para proteger-se da brisa gelada que de repente surgiu do sul e caminhou ao redor do que restou das ruínas.

Seja lá o que os alemães estivessem fazendo em Castelombres, eles não deixaram rastros de sua presença. Cerca de vinte minutos depois, ela deixou o lugar e começou a voltar em direção ao caminho que dava acesso pelo matagal. Enquanto andava, ouviu um farfalhar de ramos, logo abaixo, acompanhado por passos vagarosos; o som aumentava constantemente, até que finalmente uma mulher idosa, com o rosto avermelhado, surgiu dentre as folhagens. Vestia galochas e um casaco marrom pesado e carregava uma pequena quantidade de cogumelos dentro de uma cesta de vime, colhidos manualmente.

— Bonjour — disse ela assim que avistou Layla; seu acentuado sotaque do Languedoc prolongava e torcia a palavra, que soava quase como um "bondjuuuur".

Layla correspondeu ao cumprimento, acrescentando, pela política da boa vizinhança, alguns comentários sobre o tamanho dos cogumelos colhidos pela mulher.

— Ah, não foi uma boa colheita — disse ela, sorrindo. — Não é nem mesmo a estação apropriada, mas ainda é possível encontrá-los se soubermos onde procurar. Você é espanhola?

— Palestina.

A mulher ergueu a sobrancelhas, expressando um olhar surpreso.

— Está de férias?

— Sou jornalista.

— Ah.

Ela caminhou até uma pedra próxima, colocou a cesta em cima dela e começou a verificar o conteúdo, observando cuidadosamente cada cogumelo.

— Você, por acaso, está aqui para escrever algo sobre os alemães? — perguntou ela depois de um breve silêncio.

Layla confirmou com um movimento corporal e colocou as mãos nos bolsos.

— Você se lembra deles? — perguntou.

A mulher balançou a cabeça. — Não muito. Eu tinha apenas cinco anos de idade naquela época. Eu me lembro deles residindo numa casa no final do vilarejo e de meu pai nos dizendo para não falarmos com eles, que não devíamos ir a lugar nenhum perto do castelo, mas fora disso...

Ela deu de ombros, segurou um enorme cogumelo amarelado e o cheirou, acenando satisfeita e entregando-o para Layla.

— Girolle — explicou ela.

Layla inclinou-se para a frente e sentiu o cheiro do cogumelo, percebendo o rico odor da terra.

— Lindo — disse ela. E então, como quem não quer nada, perguntou: — O que acha que eles encontraram por lá?

A mulher resmungou, deixando o cogumelo dentro da cesta.

— Eu não acho que eles tenham encontrado alguma coisa. Isso já deu uma boa história, mas a verdade é que há séculos pessoas têm feito buracos por aqui, procurando pelo tesouro enterrado. Se havia

algo para ser descoberto, provavelmente ocorreu antes da chegada dos alemães. Pelo menos é o que eu acho. Mas existem outros que discordariam.

Elas ouviram o estrondo de um trovão ao longe.

— Você nunca ouviu nada a respeito do caixote que levaram com eles? — perguntou Layla.

A mulher acenou com a mão, demonstrando indiferença. — Ah, eu já ouvi sim sobre isso. Mas eu nunca vi nada. E, mesmo que eles tenham levado o caixote, ninguém pode provar que havia alguma coisa dentro. Pode ser que estivesse cheio de pedras, pelo que sabemos. Ou vazio. Não, acho que tudo isso é conversa fiada. Uma completa bobagem.

Ela pegou outro cogumelo, examinando-o, e então, estalando a língua em depreciação, jogou-o na vegetação rasteira.

— Se deseja escrever uma história sobre Castelombres, você deveria escrever sobre as crianças.

Layla franziu a testa. — As crianças?

— Sim, as crianças judias. Os gêmeos. Eu algumas vezes penso que esta é a razão pela qual todos na vila gostam tanto de passar o tempo falando sobre tesouros, caixotes e não sei mais o quê. Para tentar esquecer o que aconteceu com eles. Desvia a atenção.

Mais uma vez Layla franziu a testa, sem compreender. — Que gêmeos?

A mulher ficou em silêncio por um momento e então, colocando a cesta de lado, sentou-se sobre a pedra. Ouviram outro discreto estrondo de trovão; as árvores sussurravam e cochichavam enquanto seus ramos estremeciam ao vento.

— Os pais delas as enviaram para cá, de Paris — disse ela, observando a colina arborizada. — Depois da invasão alemã.

Pagaram um fazendeiro local para tomar conta delas. Acharam que as crianças ficariam seguras aqui, no sul, longe da zona de ocupação, agindo como judeus e tudo o mais. Como eu disse, eu tinha apenas cinco anos naquela época, mas me lembro delas, muito claramente, especialmente da garota. Costumávamos brincar juntas, embora ela fosse mais velha. Tinha dez ou onze anos. Hannah, este era o nome dela. E seu irmão se chamava Isaac. — Ela suspirou e balançou a cabeça. — Uma coisa terrível aconteceu. Uma coisa terrível. — Ela olhou para Layla. — Os alemães os encontraram, entende? Aqui em cima, no castelo. Brincando. Elas não causaram nenhum dano, eram apenas crianças, mas isso não fez diferença. Ninguém podia aproximar-se das ruínas. O encarregado, um homem horrível, perverso, levou as crianças até a aldeia e colocou-as na rua. Eu nunca esquecerei aquilo enquanto viver; as duas ali em pé, lado a lado, aterrorizadas, tão pequenas, o homem gritando que, se alguém desobedecesse às suas ordens mais uma vez, ele faria o mesmo que estava para fazer com aqueles vermes judeus. Foi assim que ele os chamou. Vermes judeus. E então ele as surrou logo ali, na frente de todos nós, com as próprias mãos. Eram crianças pequenas. Foram surradas até perderem a consciência. E ninguém no vilarejo, uma única pessoa sequer, fez nada para ajudá-los. Nem uma única voz se ergueu, nem mesmo quando foram jogadas num caminhão e levadas embora.

Ela balançou a cabeça tristemente.

— Isaac e Hannah era como se chamavam. De vez em quando me pergunto o que deve ter acontecido com eles. Imagino que tenham morrido nas câmaras de gás. Você deveria escrever sobre eles, o verdadeiro segredo de Castelombres, não sobre essa porcaria de tesouro escondido. Mas, talvez, sendo palestina, esse tipo de coisa não desperte interesse em você.

Ela direcionou o olhar para as colinas novamente e, em seguida, com um suspiro, levantou-se, pegou a cesta e, olhando para o céu, que havia se tornado uma sinistra lousa acinzentada, disse que deveria partir.

— Foi um prazer conhecê-la — afirmou. — Espero que aprecie o restante de sua estada.

Ela sorriu e ergueu a mão em sinal de despedida. Virou-se para partir pelo terraço, desaparecendo entre um grupo de pinheiros ladeira abaixo; a cesta balançava em suas mãos. Layla ouviu um terceiro trovão, mais próximo dessa vez, e começou a chover; pesadas gotas caíam do alto como se o céu estivesse chorando.

Cairo

- A

i, meu pobre Anton. Meu querido Anton. Por que não deixou que morrêssemos juntos? Como deveria ser. Por que você está me torturando desse jeito?

A mão de Inga Gratz arrastou-se pelo lençol da cama e agarrou o punho de Khalifa, um aperto frio, pegajoso, mas surpreendentemente firme. O detetive estremeceu, repeliu o toque, como se uma enorme aranha venenosa tivesse envolvido as patas ao redor de seu braço. No entanto, não fez qualquer movimento para afastar sua mão dali. Pois pressentia que de alguma forma toda a investigação havia sido conduzida para aquele encontro e, se a permissão do toque dela em seu braço encorajasse a idosa a sentir-se mais disposta a contar o que Khalifa precisava saber, então ele estava preparado para tolerar aquilo, mesmo sentindo uma discreta náusea.

Já passava das onze da noite. Por cinco horas ele andou para cima e para baixo pelo corredor do quarto de hospital de Inga Gratz, repassando várias vezes a cena de volta ao condomínio de apartamentos, esperando, até que ela recuperasse a consciência. Quando a mulher finalmente se restabeleceu, os médicos relutaram

em permitir sua entrada no quarto, informando que ela ainda estava muito fraca para falar, e por isso ele deveria esperar até a manhã do dia seguinte. Com uma rispidez incomum, insistiu para que deixassem vê-la, ameaçou que levaria o caso aos seus superiores, e, por fim, sua solicitação foi concedida, permitindo apenas quinze minutos com a paciente, sob a condição de que uma enfermeira permanecesse presente o tempo todo.

— Vermes — murmurava ela, os dedos agarrando firmemente o punho de Khalifa e sua voz soando pesada e oscilante, presumivelmente como efeito dos medicamentos que lhe foram administrados. — Você sabe disso. Vermes. Todos eles. Sanguessugas. Nós estávamos fazendo um favor ao mundo. Vocês deveriam nos agradecer.

Ela olhava fixamente para Khalifa, e seu rosto apresentava uma palidez mórbida sob a luz suave do abajur ao lado da cama; um par de tubos plásticos se estendia de suas narinas como larvas delgadas escorregando do esconderijo em seu crânio. Em seguida, ela se virou e começou a chorar. Havia outro tubo intravenoso em seu braço, e com a mão livre começou a arranhá-lo, induzindo a enfermeira, que estava aguardando ao lado da porta, a aproximar-se e afastar a mão da mulher, colocando-a gentilmente embaixo dos lençóis. Houve um longo silêncio; ouviam-se apenas, além da agitada respiração da idosa, os sons do lado de fora da janela, um fut-fut rítmico de um irrigador automático no pátio do hospital.

— Dieter — disse ela finalmente, a face ainda voltada para o outro lado, sua voz quase inaudível, apenas um suave sussurro.

— Como?

— Era o nome verdadeiro de Piet. Dieter. Dieter Hoth. Levou um momento até que o detetive pudesse fazer a conexão. Quando compreendeu, deixou a cabeça pender e suspirou; um sorriso vago surgindo do canto de sua boca, embora não houvesse qualquer humor naquela expressão, apenas uma leve sensação de cansaço e de auto-reprovação. Pelo amor de Deus! Hoth, foi isso que Hannah

Schlegel sussurrou para Gemal há quinze anos, no momento de sua morte, deitada no chão do Templo de Carnaque. Hoth, e não Thoth. Em todo esse tempo ele estivera procurando o nome errado. Quantas outras coisas estão provavelmente erradas, ele se perguntava; quantas outras pistas falsas estivera ele investigando?

— Ele era... nazista? — perguntou.

A Sra. Gratz confirmou debilmente. — Todos nós éramos. E ainda temos orgulho de ser. De servir nosso país, nosso Führer. Ninguém entende isso agora, mas ele era um bom homem. Um grande homem. Ele teria feito do mundo um lugar melhor.

Ela virou o rosto para ele novamente, com aquela mesma expressão de impotência e súplica em seus olhos, embora ele agora percebesse algo mais, lá no fundo, algo em que não havia reparado antes: crueldade, dureza, como se seu corpo febril não fosse nada mais do que um invólucro dentro do qual havia um ser completamente independente, mas integralmente malévolo.

Ele rangeu os dentes, sentindo mais repulsa do que nunca devido ao aperto pegajoso em seu braço.

— E Hannah Schlegel? — perguntou ele. — Ele a matou? Piet Jansen, Dieter Hoth.

Inga confirmou de forma débil novamente, nada mais do que uma leve inclinação de cabeça. — Ela sabia quem ele era, entende? Veio atrás dele. Eles nunca pararam de procurar.

A mulher apertou os lábios e girou os olhos em direção ao teto; pequenos tremores agitavam seu corpo como se estivesse recebendo minúsculos choques elétricos. Houve mais uma pausa prolongada, e o tic-tac de um relógio de parede soava extremamente dissonante no silêncio que os envolvia; então, lentamente, de maneira hesitante, ela recomeçou a falar, colocando para fora pedaço por pedaço, fragmento por fragmento, da história de sua própria vida — Elsa Fauch era seu nome verdadeiro, esposa

de Wolfgang Fauch; ambos foram soldados no campo de concentração de Ravensbruck — e da vida de seu amigo Dieter Hoth: quem ele foi, de onde viera, seu trabalho junto à SS. Khalifa permitiu que ela falasse em seu próprio ritmo, à sua maneira, ocasionalmente interferindo com alguma pergunta ou comentário quando ela parecia perder a linha da narrativa, mas, ao contrário, a ouvia em silêncio, todos os diferentes elementos do caso, todas as coisas que tanto o confundiram naquelas duas últimas semanas, progressivamente sendo resolvidas em sua mente, transformando-se num todo claro e coerente.

— Nós fugimos todos juntos — murmurou ela, fitando o teto, os olhos semicerrados. — No final da guerra. Abril de 1945. Eu, Wolfgang, Dieter, um outro homem chamado Julius Schechtmann. Julius foi para a América do Sul, e nós viemos para o Egito. Dieter tinha contatos, entende? Pessoas que podiam nos ajudar.

Na mente de Khalifa mais outra peça do quebra-cabeça foi colocada no lugar.

— Farouk al-Hakim — disse ele.

Ela confirmou. — Dieter conhecia a família dele. Ele era apenas um jovem rapaz, um auxiliar de escritório. Esperto e ambicioso. Nós trouxemos dinheiro conosco, ouro em barras, qualquer coisa que pudéssemos carregar. Pagamos a Farouk, e ele nos ajudou a desaparecer. Mais tarde, outros apareceram. Farouk organizou as coisas para eles também. Nós costumávamos pagar para ele um adiantamento anual; ele garantia que ninguém questionaria nada. Foi um bom negócio para ele.

O encontro com o delegado Mahfouz voltou à mente de Khalifa. Falei com al-Hakim sobre Jansen, mas ele comentou que o caso estava fora de suas mãos. Disse que, se o arrastássemos para o caso, as coisas só iriam piorar. E irritaria ainda mais os judeus. Não seria de admirar, pensou ele. Investigar Jansen traria à tona todo o negócio nazista, iria expor o Egito como um ninho de assassinos e criminosos de guerra e privaria al-Hakim do que era claramente uma

opção lucrativa. Era bem melhor deixar Jansen em paz e condenar outra pessoa pelo assassinato de Schlegel. Mesmo que tal pessoa fosse totalmente inocente.

— Nós levávamos uma vida boa — disse a idosa. — Começamos um negócio, fizemos novos amigos. Houve quase um pequeno grupo de pessoas como nós certa vez. Todos já partiram. Eu, Wolfgang, Dieter; éramos os últimos. E agora resta apenas eu.

Ela suspirou e moveu seu corpo frágil sob os lençóis; sua mão ainda agarrava o braço de Khalifa.

— Precisávamos ser nossas próprias sentinelas, é claro. Principalmente depois do que aconteceu com Julius. Eles o enforcaram, sabe, aqueles animais imundos. Apesar de tudo, prosperamos em nossas coisas, dirigíamos nosso próprio negócio. Assim, vivemos o resto de nossos dias com paz e tranqüilidade.

— Até a chegada de Hannah Schlegel — disse Khalifa calmamente.

Ela fez careta à menção do nome; seus lábios pálidos e finos se comprimiram, e assim o detetive teve a momentânea e inquietante impressão de que ele estava olhando não para um ser humano, mas para um animal feroz que arreganhava os dentes, um cão ou lobo.

— Só Deus sabe como ela encontrou Dieter — resmungou. — Ele era tão cauteloso; fazia tudo que podia para não deixar rastro. Forjou sua própria morte logo que deixamos Berlim; deixou alguns de seus objetos pessoais em um cadáver, o que levava a pensar que ele havia sido assassinado durante o bombardeio russo. Mas, você sabe tão bem quanto eu, não são assim os judeus, não é mesmo? Vampiros. Sempre caçando, sempre à procura de sangue. Sempre, sempre, sempre.

Inga estava ficando agitada, virando-se de um lado para outro na cama, seu fôlego encurtando, ofegante. Aproximando-se, a enfermeira colocou a mão na testa envelhecida, tentando tranqüilizá-la. Khalifa aproveitou a oportunidade para livrar seu

braço, incapaz de suportar o toque da pele dela, como se o contato de alguma forma pudesse infectá-lo, dispersando veneno em sua corrente sangüínea. Ele moveu sua cadeira para trás, fora de alcance, cruzou as pernas e esperou que ela se restabelecesse.

— Ele nunca nos contou toda a história — ela retomou finalmente; a enfermeira a havia acalmado o suficiente. — Algo sobre a França, uma escavação... nunca ficou totalmente claro. Tudo que ele disse era que havia enviado a mulher para os campos em 43, e então, quarenta e cinco anos depois, ela de repente apareceu do nada, de um hotel em Luxor, e exigiu encontrá-lo. — Ela balançou a cabeça. — A princípio, ele achou que ela queria fazer alguma chantagem. Uma judiazinha tipicamente gananciosa. Mas então, quando eles se encontraram, a estúpida maldita começou a gritar com ele sobre justiça e vingança, disse que tinha uma faca e iria matá-lo. Ele já estava com mais de setenta anos naquela época, mas ainda era forte e estava em forma. Deu-lhe uma boa surra e, depois, acabou com ela com sua bengala. Ou ao menos ele achava que havia despachado a mulher para o inferno. Mais tarde ouvimos dizer que ela ainda estava viva quando ele a deixou. — Ela grunhiu. — Eles são como baratas. Muito difíceis de matar sem deixar vestígios.

Khalifa balançou a cabeça, incapaz de acreditar no que acabara de ouvir, que uma coisa dessas podia ser dita de maneira tão fria, tão casualmente, e por uma idosa tão frágil também. Eu não consigo entender isso, ele pensava. Tudo que envolve esse caso, todos os lugares para onde me levou; é como se eu estivesse num mundo alienígena. Cambaleando em volta de um quarto escuro onde todos os meus instintos e sentimentos, tudo que sei e todos os meus princípios não valessem para nada. Simplesmente não consigo compreender. Não consigo entender nada disso.

— O apartamento de Hannah Schlegel? — ele conseguiu perguntar. — Foi Jansen que mandou incendiá-lo?

A velha aquiesceu. — Ele nos chamou, explicou o que havia acontecido, nos advertiu que ela deveria ter deixado anotações, detalhes de como conseguiu rastreá-lo. Ele havia pegado a carteira

dela e lá estava o endereço onde morava. Wolfgang contactou um comerciante conhecido em Jerusalém. Eles cuidaram de tudo.

Ela fechou os olhos, seus dedos artríticos e mirrados beliscando a borda da coberta.

— Pobre Dieter. Ele nunca foi o mesmo depois daquilo. Nenhum de nós, mas para ele foi pior do que para todos nós. Ele estava aterrorizado. Convencido de que mais deles viriam, que o arrastariam de volta a Israel e o levariam a julgamento. Ele parou de sair e ver as pessoas, colocou trancas em todas as janelas, dormia com uma pistola ao lado da cama. E então, quando Farouk morreu, no ano passado, ficou ainda mais amedrontado, pois com a morte dele não havia mais ninguém para nos proteger. Isto lhe causou um câncer. Eu acredito nisso piamente. A preocupação, a vigia constante ao redor. Ele pode tê-la matado em Carnaque, mas a velha judia vadia o pegou no final. Pegou todos nós. Eles sempre nos pegam. Escória é o que eles são. Vermes.

Ela estava chegando ao limite do que restava de suas forças, e a enfermeira, que ainda permanecia aguardando ao lado da cama, tossiu e tocou em seu relógio, indicando que já era hora de ele acabar com o interrogatório. Khalifa aquiesceu, levantou-se e virou-se na direção da porta, para novamente se voltar.

— Antes de morrer, parece que o Sr. Jansen estava tentando contactar o terrorista palestino al-Mulatham. Dizia possuir algum tipo de arma que ele poderia utilizar contra os judeus. A senhora sabe alguma coisa a respeito disso?

Para sua surpresa, a velha riu, emitindo um som viscoso e sórdido, como lama borbulhando.

— O mistério de Dieter — disse ela, um pequeno vigor parecendo retornar em sua voz. — Era como Wolfgang e eu costumávamos chamar isso. Ele sempre voltava a falar sobre essa vingança, principalmente depois de tomar uma dose ou duas. Como ele havia encontrado alguma coisa que poderia destruir os judeus. "Eu ainda

posso fazê-los sofrer, Inga." Era o que sempre dizia. "Eu ainda posso fazê-los sofrer, aqueles miseráveis."

Inga riu novamente e, abaixando as mãos, afundou no travesseiro como se fosse um monte de neve; seus olhos se abriam e se fechavam, agitados.

— Ele disse o que era essa coisa? — perguntou Khalifa.

— Não — respondeu a mulher —, ele nunca disse.

— E onde pode estar?

A mulher encolheu debilmente os ombros. — Eu acho que ele mencionou um cofre de banco certa vez. Mas então, numa outra ocasião, disse que havia deixado os detalhes com um velho amigo, mas quem pode saber? Dieter era extremamente reservado.

Ela suspirou, fitando o teto.

— Uma nova geração, era por isso que ele esperava. Alguém que desse prosseguimento ao trabalho; alguém que ajudasse a Alemanha a se tornar forte novamente. Mas os anos passaram e ninguém reassumiu; depois ele descobriu que estava com câncer e, por isso, decidiu entregar o seu plano para os palestinos. "Darei ao povo que precisa disso", era o que dizia. E então enviamos uma carta para ele.

— Uma carta? — Os olhos de Khalifa se estreitaram.

— Para uma palestina. Em Jerusalém. Dieter pensava que ela poderia ajudá-lo. Al-Madani era o nome dela. Layla al-Madani. Não faço idéia se ela respondeu à carta. Espero que sim. Nós precisamos continuar lutando. Mostrar aos judeus que eles não podem agir como bem entendem. Vermes, isto é o que eles são. Uma praga. Estávamos fazendo um favor ao mundo. Você deve entender isso. Certamente você entende assim, não é? Nós éramos seus aliados, afinal. Sempre fomos seus aliados.

Os olhos dela gradualmente baixavam, fechando-se, sua voz ficando mais fraca e mais distante. Khalifa a observava atentamente, tentando, mas falhando, em arrancar mesmo a menor expressão de pena e então caminhou até a saída. Quando ele alcançou a porta, de alguma maneira ela conseguiu erguer-se na cama e chamá-lo.

— Eu ficarei bem, não é? Você não vai contar aos israelenses? Você cuidará de mim? Eles são também seus inimigos, afinal.

Ele fez uma pausa por uma fração de segundo; então, sem responder, saiu pelo corredor e fechou a porta atrás de si.

Campo de Refugiados de Kalandia,

Entre Jerusalém e Ramala

Y

unis Abu Jish levantou-se antes do raiar do dia, depois de umas poucas horas de sono apreensivo. Tendo se lavado do lado de fora de sua casa de concreto improvisada, retornou e começou as orações do amanhecer, tentando manter a voz baixa para não acordar seus irmãos mais novos com quem dividia o quarto.

Já haviam passado três dias desde que tinha recebido o telefonema de al-Mulatham, e naqueles dias as pessoas mais íntimas perceberam uma acentuada mudança no jovem rapaz. Seu rosto, já magro e abatido, parecia ter recuado ainda mais dentro da cavidade de ossos de seu crânio, como se afundado para dentro, enquanto as pesadas pálpebras de seus olhos haviam inchado e escurecido. Seu comportamento, também, sofreu mudanças, ficando irreconhecível. Outrora falante e extrovertido, ele fechou-se em si mesmo, evitando

a companhia das outras pessoas, passando todo o tempo sozinho, perdido em suas orações e contemplações solitárias.

— O que há de errado, Yunis? — sua mãe havia indagado mais de uma vez, alarmada pela mudança repentina da aparência e do comportamento de seu filho. — Você está doente? Devemos chamar o médico?

Yunis gostaria de explicar e compartilhar um pouco daquele fardo. No entanto, havia sido expressamente proibido de discutir aquele assunto e, por isso, simplesmente assegurou à sua mãe e a todas as outras pessoas que faziam a mesma pergunta que estava tudo bem, que tinha apenas algumas coisas na cabeça, que não havia nada com o que se preocuparem. Que no devido tempo elas compreenderiam.

O rapaz enfim terminou suas orações, recitando a rek'ah final e a shahada. Ficou de pé por um momento, observando o mais jovem de seus irmãos, Mohammed, de seis anos de idade, adormecido num colchão sobre o chão, dormindo com a respiração suave e impotente, um braço magro esticado para o lado, como se desejasse alcançar alguma coisa. Não era a primeira vez nesses últimos dias que ele sentia uma pontada aguda de horror com relação ao que havia sido solicitado a fazer e com o fato de que a tarefa o arrancaria para sempre daqueles que tanto amava. Este sentimento durava apenas alguns segundos, cedendo quase imediatamente à convicção de que justamente por causa do seu amor e zelo por essas pessoas é que ele deveria assumir a trilha na qual já estava caminhando.

Curvou-se para a frente e mexeu no cabelo do garoto, sussurrando para ele, dizendo-lhe quanto o amava e quanto se sentia mal por ter causado ao menino qualquer tipo de dor; então, endireitou-se e, pegando seu Alcorão da prateleira ao lado de sua cama, saiu para a noite fria e sombria para prosseguir com sua solitária preparação.

Jerusalém

Já passava das onze da manhã quando Layla finalmente chegou ao seu apartamento em Jerusalém Oriental, uma manhã intensamente quente — incomum naquela época do ano —, com o céu baixo, nublado, e uma atmosfera pesada e entediante que envolvia toda a cidade como uma névoa pegajosa. Ela jogou o celular e a mala sobre o sofá. Ouviu mensagens na secretária eletrônica, os insultos de sempre, as ameaças de morte e cobranças de prazo sobre alguma matéria para entregar, depois se despiu e foi tomar um banho.

O que eu faço agora? Ela pensava enquanto a água caía com força sobre sua cabeça. Para onde eu vou agora?

O que Hoth encontrou em Castelombres — e, apesar do ceticismo da velha francesa com sua cesta de cogumelos, Layla estava certa de que ele havia encontrado alguma coisa — dava a impressão de ter desaparecido novamente durante a confusão do término da Segunda Guerra Mundial. Se algum registro foi deixado, assim como o de seu paradeiro, já se encontrava sob domínio público; e, embora houvesse, de acordo com Jean-Michel Dupont, milhares de páginas dos arquivos nazistas e documentos para serem examinadas apropriadamente — dezenas de milhares delas —, ela levaria meses, anos até, para conseguir as informações pelas quais estava procurando. Se, de fato, as informações existissem realmente, pois nada disso era comprovável.

O que mais? Havia um garoto palestino, aquele que tinha entregado a misteriosa carta no início de tudo. Ela poderia, supostamente, fazer algumas investigações sobre a identidade dele, tentar rastreá-lo e refazer a trilha do remetente original. Ou ainda retornar à Igreja do Santo Sepulcro e falar com o padre Sergius novamente para ver

se havia algo que escapara durante o primeiro encontro deles, alguma peça minúscula, assim como sobre o que William de Relincourt havia escavado debaixo do chão de pedra da igreja.

Mais uma vez, ambas as opções pareciam inúteis. O padre havia se mostrado inflexível quanto ao fato de que não existia qualquer evidência sobre o que Relincourt teria encontrado; e tentar achar o garoto seria como procurar uma agulha no palheiro. Uma fazenda repleta de palheiros. Um país cheio dessa porcaria de coisa. Não importava a maneira como resolvesse procurar, tinha a impressão de que havia chegado a um beco sem saída.

Com um suspiro de desânimo, fechou a torneira de água quente e abriu a de água fria, deixando cair um jato forte também, permitindo que a água atingisse suas costas e a cabeça. Enquanto ficava ali, alguma coisa surgiu de forma repentina em sua mente, um pensamento, uma lembrança, algo que se mostrava relevante com relação ao problema em suas mãos. Já estava quase perdido em sua memória, como uma estrela cadente que desaparece tão rápido quanto apareceu, deixando-a com um sentimento de frustração, de que ela, de alguma maneira, havia ignorado algo importante, uma pequena fresta de luz. Desligou o chuveiro e fechou os olhos, tentando seguir a trilha de volta àquele pensamento: o garoto palestino, o padre Sergius, a igreja, o chão de pedra. O chão, era isso aí. O chão de pedra da igreja. Por que isso era tão importante? O que ela estava tentando recordar?

— Yalla — ela murmurou para si mesma. — Vamos lá. O que estou pensando? O que é? O quê?

Por um momento sua mente permaneceu vazia, e então, de repente, ela ouviu um som. Um estalido. Um estranho estalido ecoando, como se alguma coisa batesse numa pedra. Toc, toc, toc. Que raios poderia ser isso? Um martelo? Uma talhadeira? Ela não conseguia fazer cair a ficha. Abriu os olhos, fechou-os novamente, forçou-se a pensar em alguma outra coisa e, então, mudou a linha de pensamento, como se tentasse investigar o som lá de trás, recuperá-lo de seu subconsciente antes que, mais uma vez,

pudesse escapar. Funcionou. É claro. Era o som de passos com uma bengala, os mesmos que pertenciam ao velho judeu que o padre Sergius havia mostrado. Todos os dias ele vem aqui, regularmente como um relógio. Convencido de que Relincourt encontrou as tábuas dos Dez Mandamentos, ou a Arca da Aliança, ou a espada do Rei Davi ou... já até esqueci o quê. Algum objeto judaico antigo.

Até aquele momento ela havia simplesmente ignorado o homem, como mais um outro maluco excêntrico que parecia pairar sobre a história de Relincourt como uma mariposa em volta da chama de uma lamparina. Contudo, depois do que havia descoberto sobre o Segredo de Castelombres, e particularmente a maneira como aquilo de alguma forma estava ligado ao judaísmo e à história judaica, em parte ela não podia evitar o pensamento de que talvez o idoso pudesse saber de alguma coisa que viesse ajudá-la. Era como se agarrar a um tronco numa correnteza. Considerando-se que todas as outras linhas de investigação pareciam ter falhado, entretanto, ainda lhe restava o tronco a que se agarrar. E no mínimo valia a pena seguir aquela pista, mesmo se o resultado fosse nulo, o que certamente seria.

Saindo do chuveiro, pegou uma toalha, secou-se e foi para o quarto. Escolheu uma calça, o sutiã e uma blusa antes de ser interrompida por uma repentina e estrondosa batida na porta da frente.

— Já vou — gritou ela.

Fosse lá quem estivesse do lado de fora, não a ouviu ou não estava disposto a esperar, pois as batidas continuaram tornando-se cada vez mais fortes e insistentes a cada golpe; o apartamento todo parecia reverberar com o som das pancadas. Aborrecida e repentinamente desconfiada — as batidas eram fortes demais para serem de Fathi, o zelador, ou de alguma outra pessoa de seu convívio —, ela colocou uma calça jeans e tênis, pegou uma toalha de mão com a qual secava seu cabelo ainda molhado e foi até a porta, caminhando na ponta dos pés, onde perscrutou através do olho mágico.

Um homem enorme e de ombros largos estava aguardando do lado de fora, na penumbra do alto da escada; um israelense, com o rosto marcado e um grande nariz, portando uma pistola Jericó presa ameaçadoramente no cinto de seu jeans. Por alguma razão ela teve imediatamente um mau pressentimento sobre ele, uma premonição de perigo.

— Sim?

O homem congelou, uma das mãos erguida para bater na porta, e então se inclinou para a frente, de forma que seu olho tampou o olho mágico.

— Polícia de Jerusalém — vociferou ele. — Abra a porta.

Ben-Roi pegou o carro assim que terminou a ligação com Khalifa, cobrindo a distância entre a delegacia e a Avenida Nablus em menos de três minutos, tão irado por ser obrigado a parar no semáforo, que tinha vontade de pegar a pistola e atirar! Por pouco não atropelou um ancião haredi que avançou pela faixa sem mesmo se importar de olhar para os lados.

Hoth, Gratz, Schlegel, a comunidade nazista fugitiva — aquilo tinha sido uma história extraordinária, fascinante. Decepcionante também, de certa forma, pois no final tinha-se a impressão de que o egípcio havia resolvido a coisa, sozinho; que suas próprias informações, mesmo colaborando com alguns detalhes, não haviam, no final, provado serem fundamentais para a resolução do caso.

No entanto, não era fascinação e nem decepção o que o inflamava naquela hora. Não depois do que Khalifa havia contado, bem no fim da conversa, quase um lance de despedida, sobre Layla al-Madani e a carta enviada por Hoth para ela, pedindo ajuda para contactar al-Mulatham. Agora ele estava tomado pela adrenalina, a mais pura e feroz adrenalina de um lutador que, depois de meses se preparando, está finalmente subindo a escada para entrar no ringue e confrontar seu tão esperado oponente.

Sempre soube que um dia haveria um confronto entre eles. Ou ao menos foi o que pensou no último ano, desde que tinha lido aquele artigo que ela escrevera. Ele não poderia fornecer uma razão clara para a obsessão que sentia por ela, uma explicação racional do motivo por que ela lhe causava tanta queimação no estômago. É claro que, se olhássemos com atenção, com muita atenção — e foi o que ele fez, e mais um pouco, nos últimos doze meses —, seria possível pegar as dicas, os vagos percalços do desenvolvimento da vida dela, como a entrevista que fez (quase todos os homens-bomba, pelo amor de Deus! Quase todos os malditos homens-bomba!). Contudo, nada evidente. Nada conclusivo. Nada certamente que pudesse confirmar o grau de desconfiança e ódio que ela havia cultivado dentro dele. Tudo que Ben-Roi sabia era que, com aquele artigo, al-Madani, de alguma maneira, havia se fixado em sua mente como a ligação humana, palpável, com o homem que havia massacrado sua amada Galia, e, por isso, ele nunca duvidou, nem por um único momento, que em algum lugar seus caminhos finalmente se cruzariam. Esse acontecimento como um resultado do caso em questão era algo inesperado. Ou talvez ainda não fosse. Talvez fosse a razão que o arrastou para aquela investigação, antes de tudo — o conhecimento em seu subconsciente de que aquilo iria de alguma maneira disparar o gatilho, aquilo que finalmente os colocaria frente a frente. Ele não poderia afirmar, mas não se incomodava também. Tudo que importava era que, depois de um ano observando e esperando, investigando, seguindo a suspeita, estudando e sofrendo dores de estômago, agora finalmente o momento de encontrá-la cara a cara, olhar nos olhos dela e ver o que havia ali dentro tinha chegado.

— Vamos lá — ele repetiu, dando outra forte pancada na porta com o punho. — Abra a porta.

— Mostre seu distintivo primeiro — ela respondeu do outro lado. Resmungando, Ben-Roi enfiou a mão no bolso e retirou seu distintivo, colocando-o no olho mágico. Houve uma longa pausa, prolongando-se mais do que o necessário para que ela observasse os detalhes da identificação, como se agisse deliberadamente para

fazê-lo esperar, deixando bem claro que não se sentia intimidada por ele, até que, finalmente, ouviu-se o clique de uma lingüeta, e a porta se abriu.

— É sempre um prazer receber a Polícia Nacional de Israel — disse Layla, esfregando seu cabelo com uma toalha.

Ela era mais baixa do que ele esperava, mais frágil, algo quase adolescente, considerando o pequeno e firme volume de seus seios, os quadris estreitos, detalhes não visualizados nas fotografias tiradas de fora do apartamento dela, quando se sentava distante, do outro lado da rua, noite após noite, olhando para a janela e observando quando ela entrava e saía. Havia obstinação ali também, aliás, uma inflexibilidade, especialmente em seus olhos verde-esmeralda; a maneira como ela o olhava sem piscar, indiferente ao seu tamanho, ao fato de que ele poderia suspendê-la e rodopiá-la com uma única mão.

— Então? — perguntou ela.

O detetive estava tão concentrado nas minúcias da aparência dela, que não registrou imediatamente a pergunta. Ela precisou repetir:

— Então?

Ben-Roi balançou a cabeça. — Tenho algumas perguntas — disse ele, dando um passo, como se fosse entrar no apartamento.

Ela estendeu o braço sobre o batente da porta, bloqueando a passagem. — Não sem um mandado. Você tem um mandado?

Ele não tinha.

— Eu posso dar meia-volta e conseguir um — falou de modo ríspido. — E, quando eu voltar, não serei nada amigável.

Ela bufou ironicamente. — Tô tremendo de medo. Agora, ou você me mostra o mandado ou faz as perguntas aí de onde está. E

precisa fazer isso bem rápido. Estou atrasada para um compromisso.

Seu comportamento era calmo, seguro, desdenhoso, e, por um breve instante, ele se pegou lembrando seu primeiro encontro com Galia, quando a deteve na manifestação contra os assentamentos e foi tratado com o mesmo desdém. Ele fez uma careta, como se chocado pela analogia, e deu mais meio passo, o que fez seu corpo preencher todo o batente da porta.

— Você recebeu uma carta recentemente. Uma carta solicitando sua ajuda para contactar al-Mulatham.

Ela não disse nada.

— Você sabe do que eu estou falando?

Houve uma pausa curta, como se ela estivesse ponderando sobre como responder; então, jogando a toalha sobre os ombros, admitiu que sim; ela havia, de fato, recebido tal carta.

— E?

Outra pausa, outras respostas colocadas na balança.

— E nada. Eu a li, rasguei e joguei no lixo. Como eu faço com todas as minhas correspondências descartáveis.

Ben-Roi examinou sua expressão, buscando pelo menor indício de que ela estaria mentindo — um aperto dos lábios, a dilatação das pupilas, o suor de ansiedade. Nada. Ou ela estava dizendo a verdade ou era muito melhor, bem melhor do que ele imaginara.

— Eu não acredito em você — acrescentou ele para testá-la.

Layla gargalhou, sem deixar de olhá-lo. — Eu não estou nem aí se você acredita ou não. Eu recebi a carta, li e joguei fora. E, antes que você pergunte, já não está mais na minha lixeira. Embora eu tenha

certeza de que, se você visitar o lixão municipal, levará apenas algumas semanas para encontrá-la

Ele cerrou os punhos, tentando resistir ao desejo de dar-lhe uma surra.

— O que dizia a carta?

— Parece que você já sabe — replicou ela.

— O que ela dizia exatamente?

Ela cruzou os braços e suspirou, como um professor lidando com um aluno lento.

— Exatamente eu não poderia dizer, pois não me importei em memorizar o que estava escrito. "Estou tentando falar com al-Mulatham; acho que você poderá me ajudar, pagarei o preço necessário", alguma coisa nessa linha. Bobagens, basicamente. Eu apenas dei uma passada de olhos. Se desejar uma versão completa, você deverá entrar em contato com os seus colegas do Shin Bet. Para início de conversa, presumo que tenha sido um deles que me enviou aquilo.

Mais uma vez, ainda que seus olhos sondassem as expressões de Layla e seus ouvidos se esforçassem, ele havia falhado em captar qualquer traço de que ela estava mentindo para ele, o mais vago vislumbre de dissimulação em sua voz ou em seu comportamento. O que era inquietante, pois cada célula do corpo dele dizia que ela estava mentindo, estava fingindo. Por isso, ou o instinto dele estava errado, o radar irreparavelmente danificado, ou ela possuía um nível de autocontrole quase sobre-humano, impenetrável. Somente em seus olhos, baixos, havia uma centelha de alguma outra coisa além do que ela expressava abertamente, um tipo de propósito nebuloso, como o lodo profundamente agitado dentro d'água. No entanto, se isso refletia falsidade ou algum aspecto totalmente diferente de sua psique, ele não podia afirmar. Talvez se tratasse apenas de ilusão

da luz. — Por acaso mencionava uma arma? — ele insistiu. — Alguma coisa que pudesse causar dano ao Estado de Israel?

Não que se lembrasse, foi o que ela respondeu. Se mencionasse, talvez ela tivesse prestado mais atenção.

— Por acaso o nome Dieter Hoth significa algo para você?

— Não.

— E Piet Jansen? A mesma resposta.

— Já ouvi falar de David Beckham, se isso serve de ajuda.

E assim continuaram. Ben-Roi a bombardeava com perguntas, Layla revidava com sarcasmo, desprezo e desdém, até que, finalmente, ele não tinha mais perguntas para fazer e caiu em silêncio.

— É só isso? — perguntou ela, colocando a mão no quadril e olhando para ele. — Pois, por mais que eu esteja apreciando essa conversa, tenho mais o que fazer.

Atrás dela, o telefone começou a tocar.

— É só isso? — ela repetiu.

Ele a olhava atentamente, com os punhos cerrados, ciente de que tudo que estivera esperando conseguir daquele encontro, ou toda possível revelação que desejara arrancar dela, não aconteceu. Ela havia vencido aquele round pelo menos.

— Por enquanto — respondeu.

— Bem, você sabe onde eu moro. Como eu disse, será sempre um prazer receber a Polícia Nacional de Israel.

Acenou para ele, indicando que deveria afastar-se da porta, e começou a fechá-la. Quando já estava quase fechada, inclinou-se e

olhou para ele através da abertura. O telefone continuava tocando atrás dela.

— Apenas para efeito de registro, eu não faço a mínima idéia de quem é al-Mulatham, onde ele está e como encontrá-lo. Tenho certeza de que vocês não vão parar de vir até aqui e me importunar, mas acho que já mencionei isso e repito na esperança de finalmente cair a ficha.

Na sua mesa de trabalho, a secretária eletrônica atendeu, a voz aguda gravada ecoando pelo apartamento: "Não posso atender no momento. Deixe sua mensagem, e eu retornarei a ligação."

— E apenas uma observação pessoal — acrescentou —, eu não faço idéia de qual é essa loção pós-barba que você está usando, mas ela fede. Você deveria tentar outra marca.

Os olhos de Ben-Roi se estreitaram. Atrás dela, um alto bipe podia ser ouvido, e uma outra voz, profunda e gravemente, ecoava por toda a entrada.

"Layla! Magnus Topping. Só pensei em dar um telefonema rápido para ver se você chegou bem, dizer que... hum... bem, foi um prazer conhecê-la. Também tem algo que esqueci de mencionar quando esteve aqui, um fato interessante para o artigo que você está escrevendo. Aparentemente, aquele arqueólogo alemão, aquele que estava fazendo escavações em Castelombres, Dieter Hoth, ele tinha pés palmados. Achei que gostaria de saber, um toque a mais. Em todo caso, liga pra mim se desejar. Um abraço."

Um outro bipe e então o silêncio.

Layla olhava atentamente para Ben-Roi; Ben-Roi olhava atentamente para Layla. Houve uma pausa momentânea, e então, vociferando, o israelense precipitou a mão para empurrar a porta e entrar no apartamento. Ela foi mais rápida do que ele. A porta bateu na cara de Ben-Roi; um clique da tranca pôde ser ouvido e, em

seguida, o som de passos surdos de alguém que começava a correr.

— Sua vadia mentirosa! — ele gritou.

Ben-Roi sacou sua Jericó, deu um passo para trás e atirou. A porta se manteve firme. Ele tentou novamente, tomando uma distância maior. Ouviu-se um som de pancada forte, mas a porta continuava inabalável. — Sua vadia árabe mentirosa!

Tentou uma terceira vez, bufando como um touro ferido. Desta vez a porta cedeu. Ele cambaleou para a frente, recuperando o equilíbrio, olhando amplamente ao redor. A mala e o celular dela estavam no sofá. Nenhum sinal de al-Madani. Ele correu pelo apartamento; o quarto estava vazio. No banheiro, ele viu uma escada de ferro que conduzia ao piso superior e a uma porta aberta no topo. Ben-Roi subiu três degraus por vez, correndo até o terraço; lá ele viu o céu vasto e claro, a cidade se estendendo ao redor. Nada. Olhou para todas as direções, pensando que talvez pudesse tê-la perdido lá embaixo no apartamento; então, ouvindo o barulho do motor de um carro vindo da rua, virou-se para a beirada do telhado, agarrou a grade de ferro enferrujada que se estendia pelo parapeito e olhou atentamente para a Avenida Nablus. Ele a avistou imediatamente, costurando pelo tráfego, longe demais para haver alguma chance de capturá-la.

— Sua vadia miserável! — gritou ele, impotente. — Sua vadia maldita e mentirosa!

Se ela o ouviu, não fez qualquer sinal a esse respeito; apenas acelerou, cruzando a Rua Sultão Suleiman e desaparecendo no tropel de gente se acotovelando ao redor da entrada do Portão de Damasco. Ele a observava, amaldiçoando; então, retirando o celular do bolso, discou um número e aguardou o atendimento da unidade.

— Equipe de serviço? Ben-Roi. Eu preciso de um alerta imediato sobre Layla al-Madani. O nome é Layla al-Madani. Sim, a jornalista.

Prioridade máxima. Ela se encontra em algum lugar na Cidade Antiga. Repito: prioridade máxima.

Luxor

S

ete e meia, no mais tardar oito horas. Assim que eu terminar tudo por aqui. Te amo. Mais do que tudo no mundo.

Khalifa tocou seus lábios no fone, dando beijos como se fosse na boca de Zenab e não no impessoal aparelho de plástico. Ele demorou por um momento e então, com um último "Eu te amo", desligou, reclinando-se em sua cadeira, fitando a estatueta de madeira de Hórus que havia comprado no Cairo. Seus olhos estavam vermelhos e inchados devido à exaustão.

Já estava quase acabado, graças a Deus. Ele já havia informado tudo a Ben-Roi. Agora o que realmente precisava fazer era escrever o relatório para o delegado Hassani, acertar burocraticamente a complicada transferência dos artefatos encontrados no porão de Jansen para o Museu de Luxor, preencher um requerimento de perdão póstumo para Mohammed Gemal e então poderia lavar as mãos de toda aquela maldita história e retornar a sua vida normal.

Férias, era isso que ele mais desejava. Precisava de um tempo sozinho com sua família, longe de pensamentos de morte, assassinato e ódio. Talvez eles pudessem viajar para Assuã, visitar seu amigo Shaaban, que trabalhava no Old Cataract Hotel, ou poderiam ir para Hurghada por alguns dias, algo do que andavam falando há anos, mas nunca conseguiram fazer. Sim, é isso que ele iria concretizar: levar a família para o litoral. Eles não podiam ter uma despesa extra, mas e daí? Arrumaria o dinheiro de alguma forma. Sorriu ao pensar nos rostos de Ali e Batah quando lhes

contasse sobre os planos de viajar; e então, com um suspiro, acendeu um Cleopatra e inclinou-se sobre a mesa.

Entretanto, antes de começar a pensar em tirar férias, em encerrar aquele caso de uma vez por todas e em relegar tudo ao sombrio mundo do arquivo da delegacia, restava uma última parte da investigação a ser resolvida: a identidade da misteriosa arma que Piet Jansen estivera tentando entregar para o terrorista palestino al-Mulatham.

Era uma parte periférica e para a qual, com toda a honestidade, ele poderia simplesmente fazer vista grossa. Havia, afinal, feito tudo ao seu alcance: provou que Jansen era o verdadeiro assassino de Hannah Schlegel, por que ele fizera aquilo e por que al-Hakim tinha tanto interesse em protegê-lo. A arma era um assunto à parte, de importância para os israelenses talvez, mas com nenhuma relevância óbvia para que ele participasse da investigação remanescente. Apesar disso, e apesar da incômoda agitação na boca do estômago, advertindo-o de que, se ele continuasse sondando aquilo, só traria mais problemas, confusão e dor de cabeça, uma parte dele — a meticulosa, cabeça-dura, que não largava o osso, como o delegado Hassani dizia — não conseguia deixar o assunto de lado.

Deu uma tragada e recolheu uma série de observações que havia rabiscado em seu interrogatório com Inga Gratz. Um cofre de banco. Foi o que a idosa havia dito quando perguntou a ela sobre a arma. —Eu acho que ele mencionou um cofre de banco certa vez. Mas então, numa outra ocasião, disse que havia deixado os detalhes com um velho amigo, mas quem pode saber?

Diante do que envolvia cofres de banco, ele já sabia de longa experiência, de suas investigações precedentes, que nenhum banco egípcio tinha algum cofre registrado no nome de Piet Jansen.

Algumas rápidas ligações depois que havia terminado de falar com Ben-Roi foram suficientes para confirmar que no nome Dieter Hoth também não havia nada registrado. Até poderia fazer outras

sondagens, com bancos menores, bancos de investimento, bancos internacionais, e isso deveria ser antes de começar a procurar em bancos no estrangeiro. Mas, mesmo que ele contactasse cada banco no Egito, ou no mundo inteiro, pressentia que isso não lhe faria bem. Tudo que ele sabia sobre Piet Jansen, tudo que tinha encontrado naquelas duas últimas semanas, dizia-lhe que Jansen havia sido extremamente cauteloso e manipulador, muito sagaz e astuto, garantindo que todos os seus rastros estavam cobertos, especialmente quando envolviam algum assunto de evidente importância como aquele. Se ele realmente possuía um cofre em algum lugar, estaria muito bem escondido. Extremamente bem escondido, certamente, para que pudesse rastrear sem a necessidade de uma longa e complicada pesquisa. Restava assim o comentário da idosa sobre deixar os detalhes com um velho amigo. Qual amigo?

Durante todo o caminho de volta do Cairo, ele havia insistido nisso, repassando as palavras da idosa repetidas vezes, inspecionando e reexaminando cada aspecto do caso, tentando descobrir a quem Jansen poderia estar se referindo, em quem ele teria confiança suficiente para confidenciar uma informação como aquela. Os Gratz claramente não sabiam. Al-Hakim era uma possibilidade, mas estava morto, assim como todos os outros membros do círculo de fugitivos ao qual Jansen pertencia. Talvez se tratasse de alguém com quem ele ainda não havia cruzado em suas investigações. Alguém da época de Jansen na SS, talvez, ou de seu trabalho como arqueólogo. Ou talvez de muito tempo atrás. Alguém enterrado bem fundo sob as areias do tempo. Alguém que seria tão difícil de localizar quanto o tal cofre de banco.

Passou os olhos sobre suas anotações uma, duas, três vezes, e então, com um suspiro cansado, afastou-se da mesa, levantou-se e caminhou até a janela do escritório.

— Deixe pra lá — murmurava para si mesmo. — Pelo menos uma vez nesta sua vida, pare de ser um meticuloso cabeça-dura que não larga o osso e deixe pra lá.

Ele terminou o cigarro e, colocando os cotovelos sobre o peitoril da janela, observou o cenário abaixo: um turista pechinchando com o proprietário de uma loja; dois idosos sentados na beira da calçada, jogando siga na sarjeta; um garoto afagando um esquelético cão pastor alemão, o animal agitando as patas e abanando o rabo, evidentemente desfrutando da atenção. Este último quadro momentaneamente o fez recordar de algo, alguma cena que ele presenciou antes, embora não conseguisse relembrar o que era. Depois de pensar por um momento, deu de ombros e virou-se para retornar à sua mesa e começar a organizar suas anotações.

Sob uma pilha de papéis, ele encontrou um saco plástico para evidências contendo a pistola de Jansen; sob uma outra encontrou as chaves da casa e a carteira do morto. Ergueu essa última, observando, deixou de lado e continuou com a organização. Depois de alguns minutos, no entanto, ele parou e novamente pegou a carteira, uma expressão de desagrado repentinamente comprimindo sua testa. Virou o objeto em sua mão, olhou para a janela e, em seguida, abriu a carteira; enfiou os dedos dentro de um dos compartimentos internos e retirou uma fotografia amassada em branco-e-preto de Jansen quando ainda menino, agachado ao lado de um pastor alemão. Enquanto observava, as palavras de Carla Shaw ecoavam em sua mente, da noite em que eles a interrogaram no Menna-Ra:

Arminius. O cão de estimação de sua infância. Piet sempre falava sobre ele. Costumava dizer que era o único e verdadeiro amigo que havia tido. A única pessoa em quem havia confiado. Falava do animal como se fosse humano.

Cofre de banco, velho amigo.

— Droga — sussurrou, uma expressão curiosa e confusa em seu rosto, parte por animação, parte por relutância.

Ele hesitou. Então, curvou-se para a frente e pegou o telefone. Foram necessárias apenas duas ligações. Banco de Alexandria, filial de Luxor, número do cofre no nome do Sr. Arminius.

— Deus do céu!

Jerusalém

- Y

alla,yalla. Vamos, vamos. Mas onde é que você se enfiou?

Layla olhava para seu relógio, ciente de que a qualquer minuto os israelenses se aproximariam; então caminhou rumo à sombra da Igreja do Santo Sepulcro, as batidas de seu coração parecendo vibrar por todo o edifício, como se alguém estivesse golpeando as fundações com uma enorme marreta.

Não fazia a mínima idéia de como o detetive havia descoberto sobre a carta que ela recebera, o pedido de ajuda para ela contactar al-Mulatham, Dieter Hoth, qualquer coisa daquilo. Naquela conjuntura, não era relevante. O que ela sabia — e sabia desde o momento em que colocara os olhos nele — era que aquele homem era perigoso, mais perigoso do que qualquer outro israelense que havia

encontrado, exceto, possivelmente, Har-Zion. Foi por isso que ela mentiu para ele. Foi por isso que ela fugiu (durante a fuga, percebeu o BMW branco amassado estacionado do lado de fora, o mesmo BMW que ela havia visto tantas vezes perto do seu apartamento, tarde da noite). E foi por isso que ela foi até ali, para encontrar o velho judeu, aproveitando essa única e última oportunidade de dar-lhe uma luz sobre o que William de Relincourt encontrara embaixo do piso da igreja. Era um tiro no escuro. O velho deveria estar certamente louco ou esclerosado. Provavelmente ambas as coisas. No entanto, era a única chance que lhe restava. Ela precisava descobrir com o que estava lidando. Conseguir pelo menos alguma coisa para barganhar.

— Apareça — ela murmurava, golpeando com o punho o escuro e úmido pilar ao lado dela. — Por favor! Onde é que você está?

Mais vinte minutos se passaram — lentos, agonizantes, como uma tortura, pela nervosa expectativa — e ela estava quase para desistir de tudo, convencida de que o ancião não iria aparecer, quando, finalmente, do outro lado da igreja, começou a ouvir o som pelo qual havia tão desesperadamente aguardado — o toc-toc rítmico e distante de uma bengala.

O ancião manquejou em direção à Rotunda e, da mesma forma como havia feito quando ela o viu pela primeira vez, abriu caminho rumo à sala da Edícula. Pegou um kipá e uma pequena Torá de dentro do seu traje e começou a orar, seu corpo oscilando para a frente e para trás; o suave e rouco estacato de sua voz flutuava rumo ao domo como o som de folhagens farfalhando com a chegada da brisa. Ela permaneceu onde estava até que ele terminasse, observando-o, esperando; então, quando ele guardou o solidéu e o livro de orações em seu bolso, Layla saiu da penumbra e, lançando um olhar nervoso na direção da entrada da igreja, foi atrás dele e, gentilmente, tocou-lhe o braço.

— Desculpe-me.

Ele se voltou, vacilante, como um relógio de brinquedo cujo mecanismo precisa dar corda em si mesmo.

— Será que eu poderia falar com o senhor sobre um homem chamado William de Relincourt? Um dos padres daqui me disse que talvez o senhor soubesse algo a respeito dele.

Olhando de perto, ele parecia bem mais velho do que a distância; seu corpo era curvado, e o rosto profundamente marcado por linhas de expressão, como se o menor solavanco pudesse despedaçá-lo ou desintegrá-lo. Um cheiro desagradável, quase repugnante, exalava de seu corpo, uma mistura de roupas sujas com algo mais profundo, elementar — um odor de pobreza, definhamento, deterioração. Apenas seus olhos pareciam contar uma história diferente, pois, embora fossem amarelados e inchados, também eram olhos alertas, sugerindo que seu corpo aparentemente cansado ainda possuía uma mente bastante ativa.

— Não tomarei muito do seu tempo — acrescentou ela, olhando novamente para a entrada da igreja, ansiosa. — Apenas alguns minutos, cinco no máximo.

Ele não disse nada; apenas olhava para ela, com a boca semi-aberta, como um corte profundo em um pedaço de couro desgastado. Houve um desconfortável silêncio, e ouvia-se apenas o som de sussurros e da agitação das asas dos pombos quando voavam sob o domo branco e dourado da Rotunda; então, com um grunhido e meneando a cabeça, o ancião se virou e começou a desviar-se furtivamente. Layla presumiu que ele não falaria com ela, e, por isso, seu coração bateu descompassado. Para surpresa dela, e alívio, em vez de dirigir-se rumo à entrada da igreja, ele caminhou mancando até o banco sobre o qual, quatro dias atrás, ela havia se sentado com o padre Sergius e se acomodou sobre o assento, indicando que ela deveria juntar-se a ele. Ela lançou mais um olhar para a entrada e, em seguida, sentou-se perto do idoso.

— Você é aquela mulher árabe, não é? — disse ele logo que Layla se acomodou, inclinando-se para a frente com a bengala; sua voz

era fraca e titubeante, como se ouvida numa péssima ligação telefônica. — A jornalista.

Ela admitiu. Sim, ela era jornalista.

Ele aquiesceu. — Eu conheço o seu trabalho. — Fez uma pausa e continuou: — Destruição, mentira, intolerância, anti-semitismo. Isso me enoja. Você me enoja.

Ele voltou o rosto para ela e, depois, virou-se novamente, olhando para o chão.

— Embora, para ser justo, não tanto quanto sinto nojo de mim mesmo. Meu onesh olam, minha punição eterna: viver em um mundo onde as únicas pessoas que desejam ouvir o que tenho para contar são aquelas a quem eu menos desejaria falar.

Ele deu um leve sorriso; a expressão, de alguma forma, transmitia o oposto exato de deleite e, curvando-se para a frente, cutucou com sua bengala uma fileira de formigas que marchavam na beirada de um vão entre as pedras do piso.

— Há sessenta anos venho tentando contactá-los. Escrevi cartas, marquei encontros. Mas eles não querem escutar. Por que iriam, depois do eu que fiz? Talvez se eu tivesse algo para mostrar... mas não tenho. É apenas a minha palavra. E eles não dão ouvidos a ela. Não depois do que eu fiz. Assim, talvez eu devesse ser grato pelo seu interesse. Embora eu duvide que você venha a acreditar nisso. Não sem provas. E não há provas. Nenhuma fotografia, nenhum vestígio, nada. É inútil. Hoth ficou com a maior parte.

Ela estava a ponto de interromper esse monólogo incoerente, desesperada para trazer a conversa de volta a William de Relincourt, temerosa de que a qualquer momento um esquadrão da polícia israelense irrompesse pela igreja para levá-la presa. Mas esse último comentário a impediu. Ela se moveu em seu assento; o medo recuava para dar lugar à atenção, como um raio, em relação ao que o idoso havia acabado de dizer.

— O senhor conheceu Dieter Hoth?

— Hã? — O velho ainda estava cutucando a fileira de formigas. — Ah, sim. Eu trabalhava para ele. No Egito. Em Alexandria. Eu era seu epigrafista.

Num momento Hoth e sua equipe estavam escavando no Egito, num sítio arqueológico nos arredores de Alexandria; no momento seguinte ele corria para Berlim, para algum tipo de reunião ultra-secreta com Himmler.

Layla sentiu um frio no estômago quando se lembrou das palavras de Jean-Michel Dupont. Ele realmente sabia de alguma coisa, pensava ela. Meu Deus, ele realmente sabe de alguma coisa. Exceto...

— Eu pensava que Hoth fosse anti-semita. Por que ele iria...

— Empregar alguém como eu? — Mais uma vez a boca do ancião transformou aquele sorriso amargo em uma careta; seus dedos apertando e relaxando em volta do castão de sua bengala. — Porque ele não sabia que eu era judeu, é claro. Nenhum deles sabia — Jankuhn, Von Sievers, Reinerth. Nenhum deles. Nunca suspeitaram. E por que deveriam, visto que eu era a pessoa que mais tinha ódio dos judeus entre todos?

Ele suspirou... um som fraco e desesperado que emergia lá do fundo, como o ar escapando de um balão furado, e reclinou-se contra o pilar atrás do banco, observando do domo logo acima.

— Enganei a todos eles. Cada um deles. Fui muito esperto. Ia às reuniões, cantava as canções, participava da queima dos livros. O nazista perfeito. E você sabe por quê? — Ele estremeceu. — Porque eu amava história. Desejava ser arqueólogo. Pode acreditar numa coisa dessas? Retalhei meu próprio coração porque eu desejava fazer um buraco no chão. E como judeu eu não poderia ter as qualificações necessárias, não da forma como as coisas eram naquele tempo. Assim, deixei de ser judeu e me tornei um deles.

Mudei de nome, comprei documentação falsa e me juntei ao Partido Nazista. Uma completa traição. Porque, simplesmente, eu desejava fazer buracos no chão. Há alguma chance de ser ouvido por eles? Um judeu que virou as costas para seu próprio povo. Um moser. Alguma chance?

Ele olhou para ela, com os olhos úmidos, e depois afastou o olhar novamente. Ela podia perceber que ele estava aborrecido e sabia que deveria prosseguir com mais cautela. Mas não tinha tempo; simplesmente não havia tempo pra isso.

— O que aconteceu em Alexandria? — perguntou ela, tentando, mas falhando em ocultar a urgência em sua voz. — O que o senhor queria dizer quando mencionou não ter qualquer fotografia ou vestígios?

Ele não respondeu; apenas olhava para o espesso feixe de luz emitido obliquamente pelo sol através da clarabóia até o cume do domo bem lá no alto, como uma espessa corda dourada.

Layla fez uma pausa de alguns segundos e em seguida, mais por instinto do que por alguma noção de que aquilo poderia ajudar a situação, acrescentou: — Eu sei como é isso. Mentir. A solidão. Eu compreendo. Somos iguais. Por favor, ajude-me. Por favor.

De algum lugar atrás deles, ouviram um berro e o som de passos, o que lhe causou um sobressalto, e ela se virou. Eram apenas alguns sacerdotes jacobitas sírios se apressando para a oração; suas vestes pretas oscilando como asas. E então ela se voltou para o velho quase imediatamente. O homem estava olhando diretamente para ela. E manteve o seu olhar; os olhos dele pareciam capturar os seus, e seu lábio inferior tremia discretamente. Houve mais uma pausa insuportável.

— Quatro de novembro.

Era praticamente impossível ouvi-lo.

— O quê?

— Foi quando o encontramos. Quatro de novembro. A inscrição.

O tom de voz dele era tão baixo, que Layla precisou curvar-se para a frente, a fim de assimilar o que estava dizendo.

— Dezesseis anos depois que Carter descobriu a tumba de Tutancâmon. É irônico quando pensamos atentamente sobre isso: as duas maiores descobertas na história da arqueologia realizadas no mesmo dia. Embora a nossa fosse a mais importante. Muito mais importante. Quase fez valer todas as mentiras e traições só por eu estar presente.

Houve mais uma comoção atrás deles — vozes e passos sobre as pedras — e um grupo de turistas caminhou até a Rotunda, todos vestidos com a mesma camiseta amarela. Ela mal os percebeu.

— Sim — murmurou o idoso —, quase fez valer as mentiras. Quase. Mas não completamente.

Ele resmungou e, erguendo a mão trêmula, enxugou uma bolha de saliva no canto da boca, no ângulo entre o lábio inferior e o superior.

— Era um bloco de arenito. Retangular, bem grande. — Ele ergueu a outra mão para indicar as dimensões. — Bizantino primitivo, esculpido por volta de 336 d.C. no reinado de Constantino I. Texto tripartido em grego, latim e copta. Uma proclamação imperial aos cidadãos de Alexandria. E havia sido utilizado posteriormente nas fundações de uma construção islâmica, o que permitiu que o texto sobrevivesse em tão boas condições.

Layla podia sentir as batidas de seu coração, a respiração cortada, como na época da infância, quando tentava descobrir por quanto tempo suportava prender a respiração. Conte-me, ela desejava ordenar. Vamos, conte-me tudo.

— Ele mencionava a conclusão e a inauguração da Igreja do Santo Sepulcro — continuou ele. — Esta igreja. Descrevia a conversão de Constantino ao cristianismo, sua devoção a um único Deus e sua

rejeição às outras crenças. Coisas padrão. Nada de extraordinário. Exceto pela última parte. A última parte, sim, era importante.

Os turistas com camisetas amarelas se reuniram na frente da Edícula, onde o guia estava explicando a história da igreja. Um deles, um homem jovem, com cabelos lisos na altura dos ombros, tirava fotografias com seu telefone celular, que sibilava a cada nova imagem tirada.

— No começo não conseguíamos acreditar naquilo. — O velho suspirou, sua cabeça movendo-se de um lado para outro. — O lukhnos megas, o candelabrum iudaeorum. Achávamos que tínhamos entendido errado e que se referia a alguma outra coisa. Era incrível demais. Todos achavam que havia ficado em Roma, compreende? Que Genserico e os vândalos o tivessem carregado para longe, em 455, quando saquearam a cidade.

Layla mordeu o lábio, confusa. — Eu não entendi. Carregado o quê? O que quer dizer?

Ele não parecia ouvi-la.

— Estava lá há duzentos e cinqüenta anos, no Templum Pacis, o Templo da Paz. Desde que Tito o levara das ruínas de Jerusalém. Tito tomou-o de Jerusalém, e, dois séculos e meio depois, Constantino o devolveu. Era o que a inscrição dizia. É por isso que era tão extraordinário. Registrava como foi trazido de volta a Roma e enterrado numa câmara secreta, embaixo do piso da nova igreja de Constantino, uma oferta ao verdadeiro Deus, um símbolo da eterna luz do Cristo.

As mãos dele tremiam.

— Estava bem ali. Bem ali à nossa frente. Por oitocentos anos. Escondido. Esquecido. Até ser descoberto por William de Relincourt. Eu tentei dizer isso a eles. Eu lhes disse quando voltei a ser eu mesmo, no final da guerra. Contei durante o interrogatório e venho repetindo desde então. Mas eles não querem acreditar em mim, não

sem alguma evidência. E não existem evidências. Hoth ficou com tudo. Estava bem ali à nossa frente.

Layla mal podia controlar seu desespero. Ele estava falando por enigmas!

— O que era? — ela sussurrou. — O que estava ali bem à nossa frente? O que Constantino enterrou embaixo da igreja?

Ele abriu os olhos e olhou para ela. Ouviu-se um silvo enquanto o turista de cabelos lisos tirava mais uma fotografia com seu telefone celular.

— Eu disse a você. O candelabrum iudaeorum. O lukhnos megas. O lukhnos iudieown.

— Mas eu não compreendo! — A voz dela parecia preencher a Rotunda, fazendo com que vários turistas olhassem para eles. — O que era? Eu não compreendo!

O idoso parecia surpreso com a veemência de Layla. Houve uma pausa, e então, vagarosamente, ele explicou.

— Oh, Deus! — sussurrou ela quando ele terminou. — Oh, Deus Todo-Poderoso.

Ela ficou imóvel por um momento, chocada demais para conseguir se mover. Então, com os olhos fixos no homem com o telefone celular, ela se levantou e caminhou rapidamente até ele.

Luxor

Q

uando Khalifa chegou ao Banco de Alexandria, o cofre estava disposto sobre uma mesa numa sala reservada para esse fim no subsolo. Ele foi atendido pela assistente do gerente, uma mulher de meia-idade, com os lábios pintados e um lenço de seda na cabeça, que lhe entregou uma papelada e abriu a tampa da caixa, saindo em seguida, dizendo que, se precisasse de alguma coisa, ela estaria do lado de fora.

Aguardou até ouvir o clique da porta ao ser trancada, com os dedos tamborilando sobre a mesa. A sala desprovida de janelas parecia se fechar ao redor dele. Então, com um suspiro profundo, como se estivesse para pular numa piscina de água gelada, inclinou-se para a frente, abriu a caixa e olhou o seu interior.

Uma bolsa foi a primeira coisa que avistou. Uma bolsa feminina, de plástico e barata, com uma espessa pasta de cartolina embaixo. Ele retirou a bolsa e a abriu, sabendo instintivamente, antes mesmo de examiná-la, que se tratava da bolsa de Hannah Schlegel. Havia algumas libras egípcias e shekels israelenses, um visto de residência plastificado e, enfiado num dos compartimentos internos, duas fotografias do mesmo tamanho usado para passaporte, em preto-e-branco, com as bordas desgastadas pelo tempo. Ele as removeu e as colocou lado a lado sobre a mesa. Uma era de uma família, um homem, uma mulher e duas crianças pequenas — Hannah e Isaac Schlegel com os pais, ele supunha —, os quatro em pé na entrada de uma casa enorme, sorrindo e acenando para a câmera. A outra mostrava as mesmas crianças, agora mais velhas, sentadas na traseira de uma carroça de madeira, rindo, balançando as pernas sobre a tampa da carroceria e com os braços ao redor dos ombros um do outro.

Khalifa apenas relacionava Schlegel a uma idosa, o cadáver deteriorado, coberto de sangue e esparramado sobre o chão de Carnaque. De alguma maneira, aquelas fotografias de quando ela era criança — tão linda, tão inocente, totalmente ignorante dos horrores que a esperavam — o aborreceram mais do que qualquer outra coisa com que já havia deparado durante a investigação. Ele olhou para as fotos por um longo tempo, chocado pela semelhança

entre a menina e sua filha, com os longos cabelos negros e pernas bem finas. Então, com um suspiro, afastou as fotografias e a bolsa para um lado e voltou sua atenção para a pasta de cartolina.

Fosse lá o que estivesse esperando — e nos últimos dias todo tipo de idéia maluca havia passado por sua cabeça sobre o que poderia ser, na verdade, a arma misteriosa de Hoth —, o conteúdo da pasta provou-se um anticlímax. Interessante, certamente, e até intrigante. No entanto, não se tratava de uma revelação bombástica para a qual ele tanto havia se preparado. Fotografias e documentos foram o que encontrou quando desfez o laço com o qual a pasta estava fechada e a abriu — uma grande e variada quantidade de material que depois de uma inspeção mais acurada revelou-se ter menos associação com alguma arma ou terrorismo do que com arqueologia e história. Havia cópias de manuscritos, mapas, fotocópias de páginas de livros de que ele nunca tinha ouvido falar (Historia Rerum in Partibus Transmarinis Gestarum e Massaoth Schel Rabbi Benjamin), fotografias de diversas coisas, desde sítios de escavação e interiores de igrejas até um arco triunfal com um friso em alto-relevo representando uma multidão de homens vestidos de toga carregando uma gigante lamparina de sete braços (o Arco de Tito em Roma, de acordo com a anotação deixada nas costas da foto). Nada, no entanto, nem uma única coisa que pudesse sugerir qualquer tipo de armamento, algo que pudesse ser usado para, segundo o que a Sra. Gratz havia dito, "ajudar a destruir os judeus".

Examinou todo o material, confuso, apenas passando os olhos por algumas coisas, levando mais tempo com outras: a cópia de uma antiga inscrição em grego, latim e copta, a ampliação de uma fotografia de uma frase manuscrita em latim ("Credo id Castelombrium unde venerit relatum esse et ibi sepultum esse ne quis invenire posset"), um envelope plástico contendo um antigo pergaminho amarelado com seis linhas manuscritas, composto de uma seleção aparentemente ao acaso de cartas e assinado no final com as iniciais GR.

O detetive não tinha idéia do que tudo aquilo poderia significar, embora, quanto mais examinasse o material, maior seria a

impressão de que os elementos ali contidos não haviam sido compilados tão aleatoriamente como ele tinha presumido no princípio. Ao contrário, eles estavam de alguma maneira associados, parte de um único projeto de pesquisa. Que projeto era esse ele não poderia nem mesmo tentar adivinhar, nem, apesar de sua fascinação por coisas históricas, pretendia começar a tentar. O exame mais detalhado do material revelou-se de muita importância, pois, com a análise do conteúdo, Khalifa pôde se convencer de que o alarde de Hoth quanto a possuir algum tipo de arma secreta, alguma força terrível que poderia ser utilizada contra os judeus, era, de fato, um mero alarde. O último momento de vaidade de um homem solitário, amedrontado e paranóico, desesperado para persuadir aqueles ao seu redor, e talvez a si mesmo também, de que ele ainda era alguém a ser temido.

— Você estava blefando, não é? — Khalifa murmurou quando se aproximou do fim da pilha. — Nunca houve uma arma. Você estava blefando, seu velho tolo, seu assassino.

Então sorriu, aliviado de que seus temores pareciam não ter dado em nada e, acendendo um cigarro, pegou o último item da coleção — um envelope de papel pardo, na frente do qual estava rabiscada a palavra "Castelombres". Dentro se encontrava uma série de fotografias, em preto-e-branco; a primeira era do que havia restado de antigas ruínas cobertas de grama — uma janela alta arqueada era a única figura arquitetônica identificável —, um desenho remanescente do buraco de uma vala de escavação bem no centro dos escombros, o trabalho executado por um grupo de homens vestidos da mesma maneira e usando picaretas.

Khalifa começou a folhear o material, rapidamente a princípio, como se estivesse dando cartas numa mesa, depois mais lentamente, como se, contra a sua vontade, começasse a ser cativado pelo progresso das escavações. Em cada foto a vala aparecia um pouco mais larga e um pouco mais profunda. À quase três metros, algum tipo de caixa começou a se revelar — ouro, a julgar pelo brilho metálico em sua superfície — próximo de algo que parecia parte de um ramo curvado ou braço. Um braço similar emergia ao lado, e

outro, e mais outro dentro da caixa, que parecia conter uma menor em cima; somente agora dava a impressão de que não se tratava de caixas, mas, antes, de algum tipo de pedestal elaborado, do centro do qual uma espessa haste se projetava na direção dos braços curvados. Centímetro a centímetro, o curioso objeto era elevado do chão; cada estágio de sua diligente suspensão foi fielmente capturado pelas fotos, até que, finalmente, nas últimas fotografias, o objeto já se encontrava completamente retirado do chão, elevado da vala e depositado numa lona impermeável na frente da janela de pedra; a arcada da janela fotografada parecia rodear e envolver o objeto como a moldura de um quadro.

Khalifa observou essa última imagem por quase um minuto, seu cigarro queimando, despercebido, entre seus dedos; seus olhos se estreitaram. Então, inclinando-se, vasculhou os papéis que já havia examinado e retirou uma fotografia do arco triunfal contendo o friso em relevo que representava uma lamparina de sete braços.

Ele segurou as duas imagens juntas, comparando os objetos, a lâmpada no friso e a da escavação. Eram idênticas.

De repente ele se lembrou do encontro que tivera na sinagoga do Cairo. Chama-se menorá... A lâmpada de Deus. Um símbolo de grandioso poder para o meu povo. O símbolo. O Sinal dos Sinais.

Ele observou as duas imagens, seus olhos passando de uma para outra; então, levantou-se e cruzou a sala até a porta. A assistente da gerência o estava aguardando do lado de fora.

— Está tudo certo? — perguntou ela.

— Tudo bem — disse ele. — Tudo bem. Eu só estava pensando... seria possível enviar um fax para Jerusalém daqui?

Jerusalém

Layla reclinou a cabeça contra a parede da cela de detenção, trazendo seus joelhos para perto do peito e envolvendo suas pernas com os braços. Ela precisava urinar e passou os olhos pela bacia do lavatório de alumínio sem assento, situada no canto. Ela resistiu à tentação de usá-la. Sabia que estava sendo observada e não queria dar a eles a satisfação de vê-la se expor daquela maneira. Teria que ir uma hora ou outra, mas, por enquanto, poderia segurar mais um pouco. Suspirou e apertou suas coxas uma contra a outra, tentando ignorar a insidiosa abertura secreta de vidro instalada na porta de aço do lado oposto.

Eles a pegaram no momento em que pôs os pés fora da Igreja do Santo Sepulcro, quatro horas antes, um pelotão inteiro, incluindo o detetive que a interrogara no seu apartamento — com uma arma na cabeça, o corpo esticado no chão, com as pernas abertas, algemada. Ela nem resistiu à prisão, sabendo que isso só pioraria a sua situação. Já na delegacia, foi deixada cozinhando por um tempo e depois foi interrogada — duas horas, apenas ela e o detetive. Desta vez, ela fez o jogo dele e contou-lhe tudo: William de Relincourt, Castelombres, Dieter Hoth, a Menorá — tudo que havia descoberto naqueles últimos dias. Não porque estava com medo, embora certamente não se sentisse em segurança. Do modo como ele se sentou olhando para ela, seus olhos pareciam atravessar todo o seu crânio e profundamente todo o seu cérebro, arrancando seus pensamentos mais íntimos. Não, ela cooperou porque não havia mais qualquer razão para continuar mentindo. Ele dava a impressão de já saber sobre a Lâmpada; todos os outros detalhes ele poderia juntar examinando suas anotações, contactando pessoas com quem ela havia conversado. Evasivas seriam um desperdício de tempo. Sua única e maior esperança agora era que ele percebesse o significado da descoberta da Menorá, o impacto assustador que isso poderia ter se caísse em mãos erradas, e

aceitasse a proposta que ela lhe fizera bem no final do interrogatório.

— Você precisa de mim — ela havia dito, mantendo o olhar nele e lutando contra isso. — Eu não dou a mínima para a Menorá. Mas eu me importo, sim, sobre o que aconteceria se alguém como al-Mulatham pusesse as mãos nela. Você precisa me deixar ajudá-lo. Pois, se al-Mulatham chegar a ela primeiro...

Layla duvidava que o houvesse convencido, mas foi o melhor que podia fazer naquelas circunstâncias. As cartas haviam sido lançadas à mesa. Se ela participaria de mais alguma etapa naquele jogo, no entanto — como seu pai costumava dizer—, era uma coisa que só Deus e as profundezas do oceano azul poderiam dizer. Tudo que ela poderia fazer agora era ficar sentada e esperar.

A jornalista apertou ainda mais suas coxas e, inclinando a cabeça sobre os joelhos, fechou os olhos; a tela de sua mente se preenchia com a perturbadora e inoportuna imagem de uma menorá de ouro de cujos braços, por alguma razão, emergiam não raios de luz, mas borbulhas viscosas de um pegajoso sangue vermelho vivo.

Do outro lado da porta, Ben-Roi a olhava atentamente através da janela de observação, e um temporal nebuloso de pensamentos rodopiava no interior de sua cabeça. A Menorá, al-Mulatham, o artigo de jornal, Galia, loção pós-barba — tudo isso colidia dentro da concavidade de seu crânio, aparecendo, desaparecendo, sendo absorvido, desintegrando-se. Somente um pensamento permanecia claro e bem estabelecido, mantendo-se firme no centro do redemoinho como uma solitária sequóia no olho do furacão: a Menorá pode me ajudar.

Ele não sabia como. Não ainda. Ele não tinha nenhum plano estabelecido em sua mente. Tudo que sabia era que aquela, de alguma maneira, era a oportunidade pela qual ele estivera por tanto tempo esperando; o recurso, se não para recuperar sua amada Galia, pelo menos para vingá-la. A lâmpada seria a sua arma. E

também sua isca. Sim, era como ele a usaria. Como uma isca. Um engodo para atrair o assassino de sua amada. Para levá-lo a al-Mulatham. Ou para trazê-lo até ele.

Tomou um gole de seu cantil e, virando-se, saiu pelo corredor. Voltou à sua sala de trabalho, trancou a porta, foi até sua mesa e pegou as fotos que o egípcio havia lhe enviado por fax algumas horas antes.

— Deus amado — murmurou ele, da mesma maneira como havia feito quando as viu pela primeira vez. — Deus Todo-Poderoso.

Ele observava as imagens, e suas mãos tremiam com a magnitude de tudo aquilo; então, guardando-as novamente, pegou o telefone e teclou. Cinco toques, e, em seguida, uma voz ecoou do outro lado da linha:

— Shalom — disse ele, mantendo a voz baixa, os dedos brincando com o pingente de prata em miniatura pendendo em seu pescoço. — Podemos nos falar? Aconteceram algumas coisas e achei que você deveria ser informado.

Jerusalém

N

o coração do bairro judeu da Cidade Antiga, na extremidade sul do Cardo, numa vitrine na rua, dentro de uma cabine espessa de resina sintética, era exibida uma menorá de ouro — seis braços sinuosos curvados para cima a partir da haste central; três de um lado e três do outro, o conjunto erguia-se em forma de árvore desde a base hexagonal disposta em degraus. A inscrição que a acompanhava explicava tratar-se de uma réplica precisa da Menorá original, a verdadeira Menorá, a Menorá que o grande ourives Bezaleel havia

produzido; a primeira réplica que foi fundida desde a queda do Templo, há quase dois mil anos.

Como o dia chegara ao fim e a noite lentamente emergia ao seu redor, Baruch Har-Zion ficou na frente da réplica e, jogando a cabeça para trás, riu — uma risada profunda, longa e vibrante de alegria e contentamento, como ele nunca pensou que faria novamente. Ainda na noite anterior, ele se encontrara orando por um sinal, algo que confirmasse que seus atos tinham aprovação, que todo o sangue e horror eram necessários. E agora viera o sinal. Claro, nítido, sem ambigüidades. A verdadeira Menorá. Depois de todos esses séculos. E a ele foi revelada. A ele entre todas as pessoas. Ele não conseguia parar de rir. Atrás dele, Avi, seu guarda-costas, avançou um passo.

— O que faremos?

Har-Zion ergueu a mão enluvada e tocou com um dedo a vitrine, sua risada diminuindo gradualmente.

— Nada — ele respondeu. — Nada ainda. Vamos esperar, vamos observar. Eles não devem saber que temos ciência disso. Não ainda.

Avi meneou a cabeça. — Eu mal posso acreditar. Ainda não consigo acreditar nisso.

— É o que todos dizem, Avi... todos aqueles que são chamados por Deus. Abraão, Moisés, Elias, Jonas... todos eles duvidaram no começo. Mas é a voz Dele. Ele revelou essa maravilha. E Ele não a teria revelado se não pretendesse nos usar como Seus instrumentos. É o sinal. É chegada a hora. Fomos abençoados, pois ainda na nossa geração veremos o Templo erguido novamente.

Mexeu os ombros, a pele apertada pela camisa, e aproximou-se ainda mais da vitrine. Quem teria pensado aquilo? Quem poderia ter imaginado? Porém, de alguma maneira, ele já sabia. Ele era o escolhido. O salvador de seu povo. E agora, tudo que precisava

fazer era aguardar e observar. Deixar que Ben-Roi rastreasse o objeto. E então, quando fosse encontrado...

— Graças Vos dou, Senhor — sussurrou ele. — Eu não falharei contigo. Ani mavtiach. Eu prometo. Eu não falharei contigo.

Luxor

- V

ocê me deve quinze libras. Quer mais um?

Em resposta, Khalifa sorveu o restante de seu chá e, ficando de pé, juntou as peças da caixa de gamão, indicando que não, ele não queria jogar novamente.

— Covarde — disse Ginger, com um sorriso de orelha a orelha, soltando uma baforada de seu cachimbo shisha.

— Sempre fui e sempre serei — respondeu Khalifa, abrindo a carteira e retirando o valor perdido. — Embora, neste exato momento, não parei de jogar porque tenho medo de você, mas sim de me atrasar com Zenab. Ela está preparando o jantar e prometi que chegaria em casa até as oito.

O amigo de Khalifa exalou uma nuvem de fumaça de tabaco aromatizado com maçã e fez um gesto indicando que, na opinião dele, Khalifa estava "encoleirado". Ouviram-se várias gargalhadas dos outros homens que bebiam chá, sentados ao redor. A devoção do detetive à sua esposa já era bem conhecida e uma fonte de diversão geral.

— Tempo para o Inspetor Dominado voltar pra casa! — um deles gritou.

— O controlado Khalifa! — gritou outro.

— De dia o rottweiler da polícia — entoou um terceiro —, de noite...

— O cãozinho da Zenab! — todos os outros fizeram coro, o refrão acompanhado por um fundo de gritos agudos.

Khalifa riu. Isso nunca o incomodou, esse tipo de provocação suave e agradável, e naquela noite, na verdade, até se divertiu com isso, pois sinalizava que havia retornado à vida normal depois de toda aquela mudança drástica que havia sofrido nas duas últimas semanas. Entregou o dinheiro do jogo para Ginger — ele não conseguia se lembrar da última vez que havia jogado gamão com seu amigo, e, na realidade, nem da primeira — e, dizendo para todos ali se afogarem no Nilo, pegou as duas sacolas de plástico que havia posto ao lado de sua cadeira e deixou o bar, o som dos gritos o perseguindo por vinte metros ao longo da rua, antes de se dissiparem no mais generalizado murmúrio do mercado à noite.

Khalifa se sentia bem. Ótimo. Melhor do que como se sentia há anos, como se um peso tivesse sido retirado de seus ombros. Entregou o relatório final para o delegado Hassani, enviou todo o material referente à Menorá para os israelenses, que poderiam fazer o que bem entendessem com aquilo, e agora se dirigia para casa, para Zenab, para seus filhos, com um saco cheio de prospectos do Red Sea Resort de Hurghada. Havia só uma nota dissonante: quando pedira a Hassani que enviasse uma cópia do relatório do caso para o delegado Mahfouz, seu chefe lhe informou que o idoso tinha falecido na madrugada da noite anterior. A notícia havia entristecido Khalifa, embora não totalmente. Pois o próprio Mahfouz tinha dito que morreria sabendo que fizera a coisa certa no final.

Khalifa parou para cumprimentar Mandour, um vendedor de camisetas, homem robusto e parcialmente míope, cujo hábito de perseguir jogadores para cima e para baixo na avenida, exaltando as virtudes de seus artigos, quase se tornou uma atração turística; em seguida, continuou em seu caminho, balançando sua sacola, pensando sobre praias, ondas e, o melhor de tudo, em Zenab

vestida em trajes de banho — céus, que visão! Antes que percebesse, ele já se encontrava do lado de fora do prédio de apartamentos cinza desbotado no qual morava, um dos blocos de uma fileira de prédios iguais alinhados à margem norte da cidade como uma linha de monolitos esburacados.

O detetive parou um momento para terminar o cigarro que estava fumando e, em seguida, subiu a escada de concreto até o quarto andar. Discretamente, como podia, inseriu a chave na porta de seu apartamento.

Mas ele não a abriu de imediato. Ao contrário, deixando a chave na fechadura, tirou os sapatos, agachou-se e, colocando a mão dentro de uma das sacolas, retirou dois pés-de-pato baratos, de borracha, que ele calçou sobre as meias, e depois uma máscara de mergulho e o snorkel. Então entrou no apartamento, quase incapaz de controlar sua animação com a brincadeira que estava para fazer.

— Aguem sa? — gritou ele, suas palavras soando distorcidas pelo bocal de borracha pressionado entre seus lábios. — Che ei!

Nenhuma resposta. Ele se arrastou para a entrada, perguntando-se onde estariam todos.

— Che ei! — repetiu ele, mais alto. — O granji merculhator tos máris emerchiu!

Continuou sem resposta. Colocou a cabeça para dentro da cozinha. Estava vazia. Então, passou pela fonte no centro da sala e caminhou, como um pato, em direção à sala de estar no fundo do apartamento, tomado pelo repentino pensamento de que eles talvez estivessem lhe pregando uma peça. Que piada! A porta da sala de estar estava entreaberta e, hesitando por um momento, para limpar sua máscara, que havia ficado embaçada, empurrou a porta e deu um passo à frente, movimentando os braços como se estivesse dentro d'água.

— Uau, é lido achimbaixo com todos eches heixes e...

Suas palavras terminaram ali. Zenab, Ali e Batah estavam todos sentados no sofá, com os rostos pálidos, assustados. Do lado oposto — um sentado, e outro de pé — encontravam-se dois homens vestindo ternos cinza; o paletó do homem de pé estava levemente aberto, revelando a inconfundível pistola Heckler & Koch. Jihaz Amn al Daoula. Impossível ter alguma dúvida sobre isso. Serviço de Segurança do Estado.

— Papai! — Ali saltou do sofá e correu para o lado dele; seus olhos brilhavam por causa das lágrimas. — Eles querem levar você embora, papai! Eles disseram que tem alguém querendo falar com o senhor. Eles vão mandar o senhor pra prisão. — Khalifa retirou a máscara e o snorkel, lançando um olhar para Zenab, que estava aterrorizada.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — perguntou ele, tentando manter a voz calma e ser forte por sua família.

O homem sentado, o mais velho, presumivelmente, o superior entre os dois, levantou-se.

— É como o garoto disse: alguém quer fazer algumas perguntas para você. Por isso, precisa vir conosco. Agora. Sem questionamentos.

Ele olhou para seu companheiro e os dois sorriram.

— Acredito que você precisará tirar os pés-de-pato. Eu realmente acho que você não vai precisar disso no lugar aonde está indo.

Havia uma limusine esperando por eles no meio-fio do outro lado da rua — preta, lustrosa, janelas filmadas. Ele não conseguia imaginar como não havia reparado no veículo ao chegar e, escoltado pelos dois homens, foi empurrado para o assento traseiro; o mais jovem dos agentes deslizou, sentando-se ao lado dele, e o mais velho acomodou-se no banco do passageiro. Um terceiro homem, vestindo um terno cinza igual e com cabelos bem curtos, já estava

aguardando sentado ao volante. Mesmo antes que as portas estivessem fechadas, ele ligou o motor e se afastou. O carro deslizava pelo asfalto irregular com a graça suave e predadora de uma pantera à espreita.

Khalifa tentou perguntar o que estava acontecendo, para onde estava sendo levado, se tudo aquilo tinha alguma coisa a ver como Piet Jansen e Farouk al-Hakim, como ele sabia que deveria ter. Os homens não diziam nada; olhavam fixamente adiante, com a impassividade vaga e ameaçadora de algozes profissionais. Depois de alguns minutos, desistiu de tentar qualquer comunicação, acendeu um cigarro e olhou para fora pela janela, amaldiçoando-se por sua ingenuidade em imaginar expor alguém tão poderoso quanto al-Hakim e não pagar por isso. A Jihaz sempre protegia os seus. E punia sempre aqueles que cruzavam seus caminhos. Deus, como pôde ser assim tão ingênuo? Ao seu lado, na escuridão, a ponta de seu Cleopatra emitia riscos alaranjados contra a janela devido ao tremor de suas mãos.

Inicialmente, dirigiram para o centro de Luxor, ele presumia, para um dos numerosos escritórios do governo localizados ali. Enquanto passavam pelo Escritório Central de Luxor, porém — e isso só serviu para aumentar sua ansiedade —, fizeram uma curva, saindo numa rodovia, e dirigiram para fora da cidade, no sentido leste desta vez, rumo ao aeroporto. Outra vez ele tentou perguntar aos homens para onde estavam indo e mais uma vez desistiu; o silêncio parecia comprimir seus pulmões, como se seu tórax estivesse sendo lentamente amarrado por uma espessa corda, dificultando sua respiração.

No aeroporto, a cancela estava aberta para eles, sem necessidade de perguntas, e, contornando o estacionamento, passaram através do portão lateral para fora da área da pista de decolagem; o indicador do velocímetro do carro girou em torno de 150km/h, pois, quando o motorista afundou o pé no acelerador, precipitando-se pelo asfalto liso e vazio em direção ao canto mais afastado do complexo, estacionaram ao lado de um Learjet; seus dois motores já estavam funcionando. Enquanto era conduzido para fora do carro,

perguntou pela primeira vez, a voz desesperada agora, do que se tratava tudo aquilo, para onde estavam indo e o que iria acontecer com ele. Mesmo assim, os dois agentes não disseram nada; apenas o fizeram caminhar escada acima para dentro da cabine do jatinho e apontaram-lhe um assento de couro. E indicaram que deveria prender o cinto de segurança.

A porta foi fechada, as instruções gritadas para a cabine do piloto, e então o avião taxiou para fora da pista de decolagem, parando por um breve momento, como se quisesse reunir forças antes de acelerar outra vez e levantar-se graciosamente no ar. Khalifa olhou fixamente para os prédios do aeroporto, iluminados por holofotes, enquanto a pista ia desaparecendo embaixo deles; reclinou-se e fitou o teto. Atrás de si podia ouvir um dos agentes murmurando algo em um celular.

De maneira surpreendente, dadas as circunstâncias, ele deve ter adormecido, pois o que ocorreu a seguir foi ter a sensação de que seus ombros estavam sendo sacudidos e alguém lhe dizia para se levantar. Atordoado, soltou o cinto de segurança e se levantou. Estavam em terra novamente. Por um momento, confuso, ele pensou que talvez houvesse sonhado sobre a decolagem e de fato estivessem ainda em Luxor. No entanto, enquanto era levado para fora e descia os degraus até a pista, percebeu que não poderia ter sido um sonho, pois aquele era um outro aeroporto, menor do que o de Luxor; havia um cheiro estranho no ar que no início ele não pôde identificar, mas então percebeu que se tratava do cheiro penetrante e salobro de água salgada. O mar. Mas onde é que...? Olhou de relance para baixo, para o seu relógio. Não podia ser Hurghada, certamente; eles haviam permanecido no ar por tempo demais, quase cinqüenta minutos. Alexandria? Port Said? Eles não tinham voado por tempo suficiente para chegar a algum destes lugares. Então onde? Sharm el-Sheikh? Sim, podia ser Sharm el-Sheikh. Ou Taba, talvez. Sim, Sharm el-Sheikh ou Taba, embora por que o haviam levado para a Península do Sinai ele não podia sequer imaginar. Onde quer que estivessem, lá não era o destino final deles, pois, no fim da escada, ele foi conduzido até um helicóptero

Chinook CH-47 que os aguardava na pista de decolagem como um louva-a-deus gigante em oração. Mal subiram no longo e estreito aparelho e se afivelaram em seus assentos, os rotores ganharam vida. E então foram transportados por via aérea outra vez, voando para longe do aeroporto, noite adentro.

— Deus me ajude — Khalifa sussurrava, recordando todas as histórias que havia ouvido sobre a Jihaz jogando pessoas para fora dos helicópteros no meio do nada, deixando seus corpos apodrecerem entre as rochas e a areia. — Por favor, Deus, me ajude.

Voaram para o norte, a julgar pela posição da lua vista pela janela; a cabine vibrava com o vub-vub rítmico dos motores; a paisagem de um deserto infecundo com a cor do mercúrio passava abaixo deles, sua superfície dividida pelos cumes afiados e marcas de riscos, com esculturas em pedra cruzadas insinuando-se entre os vales como rastros de serpente deslizando pela paisagem. Vinte minutos se passaram, e então aterrissaram novamente, as grandes rodas do helicóptero se acomodando no deserto, as pás do rotor reduzindo a velocidade progressivamente, inundando o interior do aparelho com um denso e sinistro silêncio. Um dos agentes inclinou-se para a frente e tocou no braço de Khalifa.

— Levante-se.

Ele soltou o cinto de segurança com as mãos trêmulas e seguiu o homem até a frente da cabine, onde eles ergueram a porta para abri-la, revelando um retângulo sombrio da noite no qual ele podia apenas perceber uma paisagem desordenada de espinhaços íngremes sob o céu estrelado.

— Pra fora.

Khalifa hesitou. Por que eles o levaram até ali? O que eles iriam fazer com ele? Então ele pulou. Os sapatos trituravam o chão empedrado do deserto, e a pele dos braços se arrepiava devido ao

frio. Os dois agentes permaneceram atrás dele, na porta do Chinook.

— Para lá — disse um deles. — Vá.

O homem ergueu o cano da sua arma, apontando para a direita, rumo a uma construção de pedra a uns cem metros ao pé de um rochedo íngreme, seu contorno escuro e vago, suas janelas iluminadas por uma suave incandescência amarelada, como olhos monstruosos perscrutando a noite. Um abrigo de beduínos? Um antigo posto de fronteira do exército? Mesmo essas opções não agradavam Khalifa. Voltou-se na direção dos homens, mas eles simplesmente mostraram suas armas e acenaram para que prosseguisse; então, começou a andar.

Depois de percorrer uns cinqüenta metros, ele parou e olhou para trás, reparando pela primeira vez que havia outros dois helicópteros posicionados lado a lado, além daquele no qual ele havia sido transportado até ali; em seguida, continuou acompanhado pela crescente convicção de que a cada passo tudo estava acabado, pois ele seria executado; não havia outra explicação possível para estar naquele lugar no meio da noite e no meio do nada. Talvez devesse tentar fugir para bem longe, ele pensou, correr para o deserto, esconder-se entre as rochas. Ao menos teria alguma possibilidade, se bem que remota. Mas não conseguiria fazer aquilo, não teria adrenalina necessária; por isso, apenas caminhou, penosamente, até chegar à construção e parou na frente dos degraus da enferrujada porta de ferro.

Lançou um último olhar para trás, em direção ao Chinook, e então, murmurando uma oração, certo de que sua vida chegara ao fim, estendeu a mão, empurrou a porta e entrou no recinto, perguntando-se se realmente ouviria o som do tiro que o mataria, se tudo simplesmente ficaria branco e ele repentinamente se encontraria transportado para um mundo completamente diferente.

— Mesa el-khir, inspetor. Minhas desculpas por trazê-lo até aqui dessa maneira, mas, considerando a urgência da situação, nós não

tivemos outra escolha. Por favor, sirva-se de um chá.

Deserto do Sinai, Perto da Fronteira com Israel

Khalifa piscou. Ele se encontrava em uma sala rústica de pé-direito baixo, com paredes de pedra, piso de concreto, telhas de zinco, contendo uma mesa de acampamento decadente de cada lado e, sobre elas, um par de lampiões que a iluminavam com uma pesada luz amarelada, viscosa e trêmula. Diante dele, três homens estavam sentados em poltronas puídas. Um quarto homem encontrava-se de pé em um canto mais afastado, encostado na parede, o rosto quase oculto pela penumbra. O ar era denso, com um odor de querosene e fumaça de charuto.

Alívio — esta foi a sua reação imediata. Ele sentiu um arrepio em suas entranhas numa onda de euforia, indicando que não importava o motivo por que o haviam levado até ali, mas matá-lo não era um deles. Quase instantaneamente, a euforia deu lugar à surpresa, pois a pessoa que havia lhe dirigido a palavra, um dos homens sentados nas poltronas, inconfundivelmente com seus óculos grossos e quadrados, e cabelos grisalhos, era ninguém mais do que Ahmed Gulami, o ministro das Relações Exteriores de seu país. Khalifa abriu a boca para dizer alguma coisa, para perguntar que raios estava acontecendo ali, mas sua perplexidade era tanta, além do temor, que não conseguiu emitir uma só palavra e, depois de um momento, fechou a boca novamente. Houve um longo silêncio, todos os quatro homens olhavam para ele, e o único som que se ouvia era o zunido dos lampiões e do ranger das enferrujadas venezianas de ferro, do lado de fora. Então Gulami indicou, com

uma das mãos, uma garrafa térmica colocada sobre a mesa perto dele.

— Por favor, inspetor, sirva-se de chá — ofereceu ele. — Eu imagino que precise beber algo depois de sua jornada até aqui. E se puder fechar a porta... A noite está fria.

Entorpecido, Khalifa empurrou a porta e caminhou até a mesa, onde encheu um copo de plástico com o líquido da garrafa. Uma vez que havia se servido, Gulami lhe indicou um banco baixo, de lona, ao seu lado. O sujeito de pé permaneceu onde estava; os outros dois arrastaram cadeiras para mais perto, a fim de ficar face a face com Khalifa.

O mais jovem deles — um homem elegante, de uns quarenta anos, com uma mecha de cabelos negros e uma keffiyeh xadrez vermelho e branco pendendo sobre seus ombros — já havia sido reconhecido pelo detetive: Sa'eb Marsoudi, o ativista palestino que se tornara político, um herói não apenas de seu próprio povo, mas, depois de liderar a primeira Intifada, no final dos anos 80, para a maioria do mundo árabe também (Khalifa ainda se lembrava daquelas irônicas imagens de Marsoudi na televisão, enrolado na bandeira palestina, ajoelhando-se e orando diante de uma linha de blindados israelenses). O outro, o mais velho — de altura mediana, com uma bengala fina, um solidéu branco, um charuto preso entre os dentes e, sobre a maçã do rosto do lado direito, uma cicatriz em forma de foice desde os olhos até o queixo —, também Khalifa já havia visto antes, embora à primeira vista não conseguisse distinguir onde. Somente depois de alguns segundos ele se lembrou de que havia sido na vila de Piet Jansen, naquela primeira noite que visitara a residência, numa foto da revista Time. Masan, Maban? Algo assim. Um político. Ou era um soldado? Israelense, com certeza. A quarta pessoa, aquele que ficava de pé, ele não conseguia identificar, embora houvesse algo sobre ele — o rosto marcado, pesado e grande como o de um urso, e a maneira como ele bebia em seu cantil de prata que mantinha entre as mãos — que Khalifa não gostava. Valentão. Essa foi a primeira impressão. E beberrão

também, pela aparência. Lamentável. Ele o observou por um momento e então baixou os olhos e tomou o chá.

— Então — disse Gulami, retirando um terço islâmico de âmbar do bolso do casaco e começando a manipulá-lo, como se orasse —, agora que estamos todos aqui, vamos começar logo com isso.

Ele se virou para Khalifa.

— Para começar, inspetor, devo-lhe enfatizar a necessidade do mais absoluto sigilo em relação ao que você irá ouvir nesta noite. Sigilo absoluto. Você nunca foi trazido a este lugar. Você nunca viu estas pessoas. Este encontro nunca aconteceu. Eu estou sendo bem claro?

O detetive tinha a mente cheia de perguntas para fazer, e alguns comentários, a fim de expor a maneira como estava sendo tratado. Mas não as levantaria diante de um homem tão poderoso como o ministro das Relações Exteriores de seu país, e, por isso, apenas murmurou um simples "Sim, senhor". Gulami manteve o olhar nele, passando as contas do terço pelos dedos e emitindo um som suave durante a contagem. Em seguida, com um aceno, encostou-se em sua cadeira e cruzou as pernas.

— Sa'eb Marsoudi, eu acho que não há necessidade de apresentação. Ele indicou o homem com a keffiyeh jogada sobre os ombros, que inclinou a cabeça para Khalifa. Suas mãos, o detetive observou, estavam tão apertadas uma contra a outra, que os nós dos dedos pareciam romper a pele.

— O general-de-divisão Yehuda Milan — continuou Gulami, acenando para o que fumava charuto — foi um dos soldados mais notáveis de seu país e agora é um dos políticos mais respeitados. E um dos políticos mais esclarecidos e corajosos também, devo acrescentar.

Milan também inclinou a cabeça para Khalifa, soltando uma lenta baforada de seu charuto.

— O detetive-inspetor Arieh Ben-Roi — Gulami agitou seu terço na direção da figura de pé no canto do recinto — acredito que você já conhece.

Longe de ser cordial, Khalifa ergueu levemente a mão em cumprimento aborrecido consigo mesmo por não ter adivinhado a identidade do homem antes. Ben-Roi não fez qualquer esforço para responder ao gesto e apenas olhou para ele fora da penumbra, com uma expressão definitivamente hostil.

— Deixe-me repetir, inspetor — Gulami prosseguiu —, que o que você ouvirá nesta noite deverá permanecer apenas dentro destas quatro paredes e na sua memória. Há muita coisa importante em jogo, mais do que você pode imaginar, e eu não quero que isso seja colocado em perigo por causa de conversa fiada. Estamos entendidos?

Khalifa murmurou outro "Sim, senhor", desesperado para saber do que tudo aquilo se tratava, mas pressentindo que não estava em condições de perguntar, e, seja lá qual fosse a razão de sua presença naquele lugar, isto seria revelado no tempo definido por Gulami, e não no seu. O ministro o perscrutava através de seus pesados óculos de aros pretos e então se voltou para Milan e Marsoudi, que acenaram levemente, inclinando a cabeça, como se quisessem dizer "OK, diga a ele".

— Muito bem. — Gulami reclinou-se mais uma vez na cadeira e olhou para seu terço. Quando voltou a falar novamente, o tom de sua voz era mais baixo, como se mesmo ali, no meio do nada, ele ainda temesse ser ouvido. — Nos últimos quatorze meses, o governo da República Árabe do Egito disponibilizou este prédio para sais Marsoudi e o general-de-divisão Milan como um ambiente seguro e neutro, no qual pudessem se reunir e conversar longe da mídia e das pressões políticas de seus países. Ambos passaram a vida lutando por seu povo, sofreram grandes perdas pessoais em nome dele — Milan se moveu em seu assento, lançando um olhar rápido para Ben-Roi — e chegaram, por conta própria, à conclusão de que seus povos estão fadados ao caos, a menos que encontrem

uma maneira totalmente nova de se comprometer um com o outro, um caminho diferente a trilhar. O que eles propõem aqui é que todos procurem tentar esquecer as diferenças, desenvolver propostas para um viável e, insha-allah, permanente acordo em relação ao conflito que vem arruinando suas terras há tanto tempo.

Seja lá o que Khalifa estivesse esperando, ele não tinha nada a ver com aquilo. Mordeu o lábio; seus olhos iam de Gulami para Marsoudi, para Milan e de volta a Gulami; um sentimento vago de medo percorria sua espinha, como um nadador que, ciente da longa distância a cobrir até a praia, começa a perceber que o lugar onde se encontra é bem mais fundo do que previamente imaginava.

Houve uma pausa, e as palavras de Gulami pareciam se misturar ao ar como um eco, prolongando-se até a extremidade mais longínqua de uma caverna profunda; em seguida, o ministro estendeu a mão para Marsoudi, convidando-o a se pronunciar. O palestino deslizou para a frente em seu assento.

— Eu não vou desperdiçar o seu tempo com detalhes, inspetor — começou ele. Seus olhos castanhos cintilavam na incandescência dos lampiões de querosene. — Tudo que você precisa saber quanto aos objetivos é que em nossos encontros aqui nestes últimos quatorze meses, e não isentos de palavras implacáveis, posso assegurar — ele lançou um olhar para Milan —, elaboramos com muito esforço um conjunto de propostas que vão muito além em nome da paz, assumindo riscos grandiosos e desistindo de coisas como jamais foram consideradas antes por ambos os lados.

Havia um copo de água no chão ao lado dele e, erguendo-o, bebeu um pouco.

— Entenda, somos apenas pessoas comuns. Não representamos o nosso governo, não temos apoio oficial para estas discussões, não possuímos nenhuma autoridade legal para implantar as propostas que desenvolvemos. O que temos, precisamente porque, como sais Gulami já explicou, passamos tanto tempo lutando por nossas respectivas causas — mais uma vez ele olhou rapidamente para o

israelense —, é a fé e a confiança na maioria de nosso povo. Fé e confiança suficientes, creio, de que ele, ao ouvir o que será dito, queira Deus, venha apoiar as idéias que, vindas de qualquer outro compatriota nosso, seriam ignoradas como, na melhor das hipóteses, idealismo barato e, na pior, uma completa traição.

Ao lado dele, Milan exalou uma nuvem de fumaça de seu charuto; a cicatriz sobre a maçã do rosto parecia reluzir à meia-luz como uma fina veia de cristal.

— Nós não nutrimos qualquer ilusão — disse o israelense, retomando o discurso. Sua voz era profunda, lenta e ríspida, como uma série de notas tocadas nos tons mais baixos de um oboé. — As propostas que temos formulado são amplamente controversas e irão exigir imensos sacrifícios de ambas as partes. Sua implantação acarretará sofrimento, conflitos e desconfiança. Será necessária uma, duas e até mesmo três gerações para que as feridas comecem a sarar. Mesmo assim, haverá muitos de ambos os lados que se recusarão a fazer parte disso.

— Entretanto, apesar disso — Marsoudi acrescentou, retomando novamente —, permanece a nossa fé de que, se pudermos persuadir a maioria de nosso povo a aceitá-las, estas propostas oferecerão o melhor e talvez sejam a única chance para uma solução realista e durável para os problemas vividos em nossa terra. E também cremos que, quando todos eles nos virem lado a lado, juntos, inimigos cruéis por tanto tempo, agora unidos em prol da paz, a maioria de nosso povo será persuadida. Precisam ser persuadidos. Pois como as coisas andam agora...

Ele encolheu os ombros e ficou em silêncio. Milan soltou uma baforada de fumaça de seu charuto; Gulami contava seu terço; no canto, Ben-Roi balançava seu cantil, uma ruga profunda marcando sua testa, por desaprovação pelo que acabara de ouvir ou por causa de algum outro pensamento inflamando-se dentro de sua cabeça, Khalifa não podia dizer. Ele bebericou mais uma vez o seu chá, que começava a esfriar; retirou o maço de cigarros e acendeu um. Quinze segundos se passaram, depois vinte...

— Eu não entendo — disse ele. Sua voz soava fraca, intimidada, a voz de uma criança sentada em uma sala cheia de adultos. — O que tudo isso tem a ver com al-Hakim?

Por um momento Gulami pareceu confuso com o comentário e então esboçou um grunhido divertido, percebendo o que se passava na cabeça de Khalifa.

— Você pensou...? — Ele estalou a língua entre os dentes e balançou a cabeça. — Farouk al-Hakim era um merda. Uma desgraça para sua profissão e seu país. Você nos fez um favor ao expor o que ele havia feito. Fique certo de que nós não o trouxemos até aqui como uma punição por revelar seus segredinhos sórdidos.

Khalifa fumou nervosamente o seu cigarro, exalando a fumaça quase antes de ter tempo para ela penetrar em seus pulmões.

— Então, por quê? Por que está me contando tudo isso?

Gulami manteve nele o seu olhar por um momento e então olhou para Milan. O israelense reclinou-se em sua poltrona, observando Khalifa. Houve uma pausa interminável.

— O que você realmente sabe sobre a Menorá, inspetor? — perguntou ele com veemência.

Mais uma vez, Khalifa foi surpreendido. Hesitou, confuso. O olhar de Milan parecia queimar dentro dele.

— Eu não sei o que isso tem...

A mão de Gulami tocou o braço dele de forma gentil, mas firme, e a pressão indicava que ele deveria responder à pergunta. Khalifa deu de ombros, impotente.

— Eu não sei. Isto... sei que ficava no Templo de Jerusalém, mas se perdeu quando a cidade caiu nas mãos dos romanos...

Aos poucos ele foi murmurando tudo que sabia, de suas descobertas nos últimos dias, o que não era muito. Milan o ouviu em silêncio, com os olhos sempre atentos. Quando Khalifa terminou, o israelense levantou-se lentamente e, atravessando a sala, pegou a garrafa térmica, despejou chá em seu copo, fitando a chama trêmula do lampião de querosene. A luz tingia de laranja a fumaça de seu cigarro, dando a impressão de que ele estivesse envolto, pela mais pálida luz do fogo. Houve outra longa pausa, e então Milan começou a falar; sua voz, usualmente como a de um barítono, tornou-se ainda mais profunda e grave, quase inaudível:

— Toda fé, inspetor, tem algo, algum objeto, algum símbolo, que é consagrado acima de todos os outros, e mais do que qualquer outro serve para condensar a essência dessa fé. Para os cristãos, é a Cruz do Calvário; para os muçulmanos, é a Kaaba, em Meca. Para o povo judeu, o meu povo, é a Lâmpada Sagrada. "O Senhor será a tua luz perpétua" foi o que nos disse o profeta Isaías, e isto, para nós, é o que a lâmpada sempre representou: a luz da criação, da fé, da existência. É por isso que, de todos os objetos do Templo antigo, esse foi o mais venerado e o mais amado; é por isso que, em nossos dias, ele foi escolhido como o emblema do Estado de Israel. Porque não há nada mais precioso para nós, nada mais sagrado, nenhum símbolo mais puro do que realmente somos e nos esforçamos para ser como povo. Porque, simplesmente, na luz da Sagrada Menorá está revelada nada menos que a face do próprio Senhor Deus. Eu não conseguiria, absolutamente, enfatizar seu poder e significado.

Ele deu uma longa tragada em seu charuto, permitindo que esta última frase se prolongasse por mais um momento; seu rosto desapareceu atrás da pesada cortina de fumaça.

— E agora, inspetor — ele se virou para Khalifa, lentamente; o contorno de sua sombra aparecia gradualmente oscilando na parede atrás dele —, graças a você, a Menorá original, a primeira Menorá, a Menorá das menorás que Bezaleel produziu no início dos tempos, e que pensávamos estar perdida para sempre, agora, repentinamente, depois de todos estes séculos, retornou. Mais uma

vez eu não poderia expressar com a devida ênfase o significado de tudo isso. Nem, mais importante ainda, o perigo que a acompanha.

O tom de sua voz se intensificou discretamente nesta última parte; as sílabas pareciam ressoar e se expandir, preenchendo toda a sala. O sentimento de medo que atormentara Khalifa pelos últimos dez minutos, que, contra a sua vontade, enredava-se cada vez mais por um assunto que estava muito além de sua compreensão, crescera de repente, ficando muito mais intenso.

— Isso não é meu...

Mais uma vez, a mão de Gulami pressionou o braço de Khalifa, sinalizando para que permanecesse em silêncio e apenas ouvisse. Milan acendeu um charuto; seus olhos não deixavam de fitar o rosto de Khalifa.

— Há uma peculiaridade curiosa sobre a região onde vivemos, inspetor: os símbolos sempre foram mais estimados do que as vidas humanas. A morte de uma pessoa pode ser algo trágico, mas, com o tempo, a tristeza esmorece. Já a profanação de algo sagrado, por outro lado, nunca será esquecida. Imagine a reação de seu povo se, digamos, a Kaaba sagrada fosse destruída por jatos israelenses. É o mesmo que sentimos com relação à Menorá. Se um objeto tão simbólico quanto esse caísse em mãos erradas, nas mãos de alguém como al-Mulatham, para ser espoliado, destruído... a começar por mim, a dor coletiva que tal sacrilégio iria infligir seria mais intensa do que mil ataques suicidas. Dez mil. Perdas humanas podem ser redimidas. A perda de algo sagrado, no entanto... a dor causada jamais será mitigada. Nem em uma geração, duas, três. Nunca. Nem a fúria será mitigada.

Ele bateu as cinzas finais de seu charuto e, erguendo uma das mãos, esfregou os olhos; seu rosto aparentou repentinamente exaustão; seus ombros estavam inclinados como se algo estivesse pressionando-os para baixo.

— Nossos povos estão se equilibrando na beira do caos, inspetor. Sa'eb e eu acreditamos que podemos resgatá-los, mesmo agora, mesmo depois de tanto sangue derramado. Mas, se a verdadeira Menorá for encontrada por al-Mulatham, ou, de outro modo, por algum fundamentalista perturbado do nosso lado, e que existem aos montes por aí, posso assegurar-lhe que todos eles estão apenas esperando por um estandarte como este para reunir forças de fanatismo. — Num canto da sala, Ben-Roi se moveu desconfortável; seus dedos brincavam com o pingente da corrente em seu pescoço. — Se isso realmente acontecer, acredite em mim, nós mergulharemos de cabeça no caos, e nenhum processo de paz na Terra poderá nos reunir novamente.

O cigarro de Khalifa se consumiu em sua mão, ficando apenas as cinzas pendendo do filtro. Havia algo ali; ele podia sentir. Alguma coisa, contudo, que ele não desejava ouvir. — Al-Mulatham não sabe sobre a Menorá — murmurou ele debilmente. — Hoth faleceu antes que pudesse contar.

Marsoudi meneou a cabeça. — Não podemos ter certeza disso. Sabemos que Hoth estava fazendo de tudo para contactar al-Mulatham. Talvez ele tenha falhado, talvez não. Talvez al-Mulatham esteja procurando a Menorá neste exato momento, enquanto conversamos. Talvez outros a estejam procurando. Não podemos correr riscos.

A garganta de Khalifa estava seca, e seu estômago, embrulhado. Ele estava sendo manipulado, podia sentir isso. Estava encurralado, como nos tempos de menino, quando uma turma de garotos mais velhos costumava persegui-lo através dos becos de Giza, sempre lhe alcançando no final para, então, bater nele.

— Por que vocês estão me dizendo tudo isso? — insistiu ele. Ouviu-se um resmungo do outro lado do recinto.

— Por que, cacete, você acha que eles estão te contando tudo isso? — Essa foi a primeira vez que Ben-Roi se pronunciou. — Foi você que começou toda essa bosta. Agora ajude a limpar.

Khalifa olhava ao redor; uma veia pulsava em sua têmpora, como se houvesse alguma coisa viva lá dentro, agitando-se contra a pele.

— O que você quer dizer com "ajude a limpar"? Por que me trouxeram até aqui?

Estava desesperado. Gulami retirou os óculos, examinou-os e colocou-os de volta. Como Milan, seu rosto aparentou repentinamente muito cansaço e aflição.

— A Menorá precisa ser encontrada, inspetor — disse ele calmamente. — Ela tem que ser encontrada o mais rápido possível. E isso deve ser feito sem que outros grupos sejam informados de sua existência.

Houve uma pausa enquanto suas palavras surtiam efeito, e então Khalifa se levantou.

— Não.

Khalifa praticamente gritou a palavra, chocado pela própria veemência e ainda incapaz de parar, mesmo diante de alguém tão poderoso como Gulami. Ele não queria fazer parte daquilo. Não queria saber de nada de Israel, judaísmo, Menorá — nada disso. E nunca quis saber, nem no começo de tudo, e não importava se Zenab teria dito algo sobre ele buscar aquilo que não compreendia para tornar-se uma pessoa melhor. Tudo que ele desejava, e tudo que sempre desejou, era prosseguir com uma vida simples, normal, estar com sua família, continuar com seu trabalho. Mas isso era muito. Era tudo grandioso demais para ele.

— Não — repetiu ele, balançando a cabeça.

— Mas que porra de "não" é esse?

Ben-Roi dera um passo à frente; seus olhos soltavam faíscas. Khalifa o ignorou, dirigindo-se a Gulami:

— Sou um policial. Isso é... isso não é da minha conta!

— Tudo isso é da sua conta sim — vociferou Ben-Roi. — Você não prestou atenção em nada do que falamos?

Khalifa continuava o ignorando. — Isto não é responsabilidade minha. Eu não quero fazer parte disso. Eu não quero me envolver.

— Quem se interessa pelo que você quer? — rebateu Ben-Roi, o rosto ficando vermelho. — Existem coisas muito mais importantes aqui.

— Por favor, Arieh. — Milan tentava colocar a mão sobre o ombro de Ben-Roi, mas ele a repeliu com o próprio ombro.

— Quem merda ele pensa que é?

— Arieh!

— "Eu não quero me envolver." Quem ele pensa que é, esse muçulmano sem-vergonha, vagabundo!

Khalifa girou; seus punhos estavam cerrados. Duas, talvez três vezes em toda a sua vida, ele perdera o equilíbrio, de forma incontrolável; e aquela foi mais uma delas.

— Como ousa?!? — vociferou, não mais se importando sobre onde estava e com quem falava ali. — Como ousa, seu judeu arrogante filho de uma puta!

— Khalifa!

Ambos, Gulami e Marsoudi, encontravam-se agora de pé também.

— Ben-Zohna!— berrou Ben-Roi, irrompendo para a frente, agitando os braços. — Canalha! Eu vou matar você!

De alguma maneira, Milan conseguiu agarrar a jaqueta dele, puxando-o de volta. Marsoudi se postou na frente de Khalifa, que também estava avançando, agarrando os ombros dele para mantê-lo ali.

—Lech tiezdayen, zayin!—cuspiu Ben-Roi, mostrando o dedo médio para o egípcio. —Vá se foder, sua besta!

— Enta ghebee, koos! —retorquiu Khalifa, também lhe mostrando o dedo. — Vá se foder você, seu imbecil!

Houve mais insultos e imprecações. Os dois homens se contorciam para se aproximar um do outro, até que finalmente Gulami vociferou Halas! — Basta! — e eles caíram em silêncio, respirando ofegantes. Gulami, Marsoudi e Milan olhavam um para o outro, taciturnos; então o ministro ordenou que Khalifa saísse dali e se acalmasse. Lançando um olhar de ódio para Ben-Roi, o detetive atravessou a sala em direção à entrada, onde escancarou a porta para sair na escuridão da noite, fechando-a com força. Ele respirou fundo — o ar estava puro, fresco, revigorante — e, então, caminhou pisando firme em direção a uma fileira de rochas negras a trinta metros, onde se sentou e acendeu um cigarro.

Vários minutos se passaram. O mundo permanecia em silêncio, a não ser pelo discreto sussurro da brisa; o céu estava salpicado com uma incontável quantidade de estrelas, como tinta azul e branca borrifada. Então, ouviu-se um rangido, quando a porta foi aberta novamente, e foram ouvidos passos sobre o cascalho. Alguém apareceu atrás dele. Marsoudi.

— Ezayek? — perguntou o palestino, colocando a mão sobre o ombro de Khalifa. — Você está bem?

O detetive confirmou: — Ana asif— murmurou ele. — Desculpe-me, eu não devia ter...

Marsoudi apertou o ombro dele para tranqüilizá-lo. — Acredite, isso foi uma cortesia quando comparado a algumas coisas que essas paredes já ouviram nos últimos quatorze meses. Vivemos tempos difíceis. Palavras duras são inevitáveis.

Ele pressionou novamente a mão e sentou-se ao lado de Khalifa. Houve uma longa pausa. O mundo ao redor deles estava em

completo silêncio — aquela perfeita e imaculada quietude que só se encontra no deserto e lá no cume das montanhas. Então, estendendo a mão, Marsoudi apontou para o céu.

— Você vê lá? — perguntou ele apontando para o céu. — Aquela constelação com as quatro estrelas cintilantes? Não, lá. Sim, isso mesmo. Nós a chamamos de Blindado. Aquela linha de estrelas no fundo são as esteiras, a seguir a torre blindada, e ali, o canhão.

Khalifa seguia os movimentos do dedo do palestino, observando enquanto ele lentamente traçava o formato, que, prestando atenção agora, realmente assemelhava-se com o contorno de um blindado.

— E lá está — disse Marsoudi, o seu dedo apontando na direção de outra constelação — a Kalashnikov. Está vendo? Sua empunhadura, a boca do cano. E logo ali — ele tocou o cotovelo de Khalifa e o girou — a granada: o corpo, a bainha e o pino. Em todos os lugares do mundo as pessoas olham para o céu e vêem a beleza. Mas somente na Palestina tem-se o hábito de olhar para o céu e enxergar equipamentos de guerra.

Em algum lugar do deserto, um chacal começou a uivar. O som desapareceu tão logo foi emitido. Khalifa deu uma tragada no seu cigarro e puxou a jaqueta contra o corpo para proteger-se do frio.

— Não posso fazer isso — sussurrou ele. — Desculpe, mas eu simplesmente não posso trabalhar com eles.

Marsoudi sorriu tristemente e, deixando a cabeça tombar para trás, ficou olhando a noite.

— Você acha que eu não sentia a mesma coisa? Meu pai, ele morreu em uma prisão israelense. Quando eu tinha nove anos de idade, vi meu próprio irmão ser estraçalhado pelo projétil de um blindado, bem na minha frente. Você acha que, depois disso, eu desejava conversar com eles, vir até aqui e negociar? A começar por mim, eu tenho mais razões para odiá-los do que você jamais poderia ter.

Ele continuou a fitar o céu; seu rosto estava morbidamente pálido sob a luz da lua.

— Mas eu vim até aqui — disse ele calmamente. — E eu conversei com eles. E você sabe o que aconteceu? Nestes últimos quatorze meses, Yehuda e eu nos tornamos amigos. Nós, que gastamos toda a nossa vida lutando um contra o outro. Bons amigos.

Khalifa terminou o cigarro e fitou o vazio em direção à escuridão; a ponta continuou acesa por um momento, como o corpo de um vaga-lume antes de gradualmente se apagar na escuridão.

— É esse Ben-Roi — murmurou ele. — Se fosse outra pessoa... mas Ben-Roi... ele é perigoso. Eu posso ver isso em seus olhos. Tudo a seu respeito. Simplesmente não posso trabalhar com ele.

Marsoudi colocou as mãos nos bolsos da calça. — Você tem esposa, inspetor?

Khalifa meneou a cabeça confirmando.

— Parece que Ben-Roi estava para se casar.

— E daí?

— Um mês antes do casamento, sua noiva foi assassinada. Em um ataque suicida. Al-Mulatham.

—Allah-u-akhbar— disse Khalifa, cobrindo o rosto com as mãos, em sinal de desalento. — Eu não sabia.

Marsoudi deu de ombros e, tirando as mãos dos bolsos, ergueu o dedo médio e o indicador, dando toques rápidos sobre os lábios, pedindo com o gesto um cigarro a Khalifa. O egípcio tirou um cigarro do maço e acendeu para ele; o rosto magro e elegante do palestino se iluminou momentaneamente com a chama do isqueiro antes de afundar novamente na escuridão.

— Daqui a seis dias haverá uma reunião no centro de Jerusalém — disse ele calmamente. — Yehuda e eu planejamos esta reunião para declararmos publicamente o que estivemos fazendo neste último ano. Mencionaremos a nossa proposta e anunciaremos a formação de um novo partido político, uma coligação entre palestinos e israelenses em prol da cooperação mútua e da paz. O partido irá trabalhar para implantar nossas propostas. Como Yehuda já disse, isso levará anos, gerações, para que as coisas entrem nos eixos, mas eu acho que podemos fazer isso; eu realmente acredito que somos capazes. Exceto se a Menorá cair em mãos erradas. Se isso acontecer, tudo pelo que trabalhamos, tudo pelo que esperamos, tudo pelo que sonhamos...

Ele deu mais uma tragada profunda e olhou para o chão.

— Ajude-nos, inspetor. De um muçulmano para outro, de homem para homem, de um ser humano para outro; por favor, ajude-nos.

O que Khalifa poderia dizer? Nada. Ele deixou escapar um profundo suspiro, esmagou o cascalho com o sapato e meneou a cabeça, dando o seu consentimento. Marsoudi ergueu a mão e tocou no ombro de Khalifa novamente, para depois conduzi-lo até a construção.

A reunião continuou por mais uma hora; Khalifa e Ben-Roi eram os que mais falavam agora, mas de maneira formal, fria, evitando os olhos um do outro, relembrando todas as informações que possuíam sobre Hoth e a Menorá, tentando restringir a pesquisa e desenvolver uma possível linha de ataque; os outros ocasionalmente intervinham com algum comentário; caso contrário, os ouviam em silêncio, enquanto os dois detetives dividiam as informações entre si. Já passava da meia-noite quando finalmente ficaram em silêncio.

— Tem uma última coisa que precisamos discutir — disse Milan, esmagando a ponta de seu charuto. —A mulher, al-Madani. O que deverá ser feito com ela?

Gulami bebeu o que restava no copo que mantinha em sua mão.

— Ela não pode ser colocada sob custódia até que tudo isso se resolva? — perguntou ele.

Marsoudi balançou a cabeça. — Ela é bem conhecida pelo meu povo. E amada também. Mantê-la na prisão só serviria para atrair ainda mais atenção. Uma coisa da qual não precisamos na atual conjuntura.

— Então? — Gulami perguntou enquanto amassava seu copo até formar uma bola e o lançava através do recinto.

Ninguém respondeu; todos ficaram olhando para o vazio, absortos em seus próprios pensamentos. O lugar agora começava a ficar mais obscuro pelo preenchimento das sombras, visto que o querosene dos lampiões já havia se queimado lentamente. Um minuto inteiro se passou.

— Ela pode trabalhar comigo.

Foi Ben-Roi quem falou. Todos olharam para ele.

— Ela sabe tanto quanto nós — acrescentou ele — sobre Hoth e a descoberta da Menorá, provavelmente até mais. E ela compreende o que poderia acontecer se al-Mulatham colocasse as mãos nisso. Deveríamos utilizá-la.

Parecia uma sugestão razoável, e Gulami, Marsoudi e Milan aquiesceram. Somente Khalifa parecia incerto, sobrancelhas franzidas, olhos sondando o rosto de Ben-Roi — a maneira como sua língua continuava passeando por sobre os lábios, um maneirismo que ele havia visto freqüentemente nos interrogatórios policiais, quando o interrogado estava nervoso, tentando esconder alguma coisa. Havia algo mais ali, ele pensava. Algo que Ben-Roi não estava contando para eles. Não se tratava de uma mentira, apenas... um outro motivo. Ou teria ele tanta aversão pelo homem a ponto de não considerar nenhuma de suas ações como algo valoroso? Antes que pudesse decidir, Gulami ficou de pé e informou que a reunião estava encerrada.

Do lado de fora, enquanto marchavam na direção dos helicópteros, Khalifa se viu caminhando bem atrás de Ben-Roi, que sobressaía ao lado dele, mais alto do que ele por uma cabeça e quase o dobro de largura. Depois de tudo que acontecera naquela noite, Khalifa não se sentia à vontade para puxar conversa, ter algum contato com ele, salvo em casos de necessidade absoluta, para terminar o trabalho sob sua responsabilidade. Mas seu senso de decência falou mais alto, no entanto, e, aproximando-se do israelense, disse-lhe que, apesar do que dissera mais cedo, ele sentia muito pelo que tinha ocorrido com a noiva dele, que tinha esposa e filhos e não conseguiria imaginar o que seria perder um só deles daquela maneira. Ben-Roi olhou para baixo, na direção de Khalifa, e então, murmurando um "Vá se foder", andou a passos largos novamente.

— É uma estranha coincidência, não? — A voz de Gulami elevou-se até eles logo adiante. — Um egípcio, um israelense e um palestino deram início a todo esse processo. E agora a sobrevivência disso tudo depende de um egípcio, de um israelense e de uma palestina. Eu gosto de pensar que talvez isso seja um bom sinal.

— Queira Deus assim — disse Milan.

— Queira Deus — ecoou a voz de Marsoudi.

Campo de Refugiados de Kalandia,

Entre Jerusalém e Ramala

N

uma madrugada, Yunis Abu Jish acordou e, andando pela sala, notou um envelope enfiado por baixo da porta; não viu quem o deixou, como e quando. Dentro havia apenas um bilhete, digitado, informando-lhe que seu martírio seria realizado em seis dias.

Exatamente às cinco horas da tarde daquele dia, ele deveria ir até a cabine telefônica que havia na esquina das ruas Abu Taleb e Ibn Khaldoun, em Jerusalém Oriental, onde receberia as recomendações finais.

Ele leu o bilhete três vezes e então, conforme a orientação, foi até uma viela estreita e suja ao lado de sua casa e o queimou. Enquanto via o papel se enrolar, escurecendo e desintegrando-se em cinzas, sentiu algo repentinamente revolver o seu estômago. Caindo de quatro no chão, ele começou a vomitar incontrolavelmente.

PARTE TRÊS

TRÊS DIAS DEPOIS

Luxor

- O

que é? O que foi que vocês encontraram?

Khalifa inclinou-se para a frente na grade da varanda; sua voz soava urgente e animada.

— O quadro de uma bicicleta, ya inspetor.

— Droga! Você tem certeza?

— Eu acho que meus homens sabem reconhecer uma bicicleta quando vêem uma.

— Mas que droga!

O detetive jogou fora seu cigarro pela metade e o amassou com a sola do sapato, resmungando devido à frustração desse último alarme falso. Diante dele, curvados sobre suas tourias no meio dos escombros do jardim de Dieter Hoth — seu bem-cuidado canteiro de rosas e o gramado imaculadamente aparado, agora cheio de buracos, valas e montes de areia, dando uma aparência desoladora —, encontravam-se dezenas de trabalhadores usando djellabas sujas de terra. Por três dias e três noites estiveram cavando, Gurnawis fellaheen, operários rústicos dos vilarejos da margem ocidental do rio Nilo, os melhores escavadores de todo o Egito. Se houvesse alguma coisa enterrada no jardim, seriam eles quem desenterrariam. Mas ainda não tinham encontrado nada, apenas algumas canaletas de concreto, os restos esburacados de um velho shaduf de madeira e, agora, parte de uma bicicleta. Onde quer que Dieter Hoth tenha escondido a Menorá, certamente não foi ali. Lá no fundo, Khalifa sempre soube que nada encontrariam ali.

Fitou a bagunça diante dele, cansado, exasperado; então, acendendo outro cigarro e sinalizando para o rais dos trabalhadores que seus homens podiam dar o dia por encerrado e recolher suas ferramentas, virou-se e caminhou para os fundos da casa. Ali também a cena era de devastação: metade das tábuas do assoalho havia sido levantada, livros foram retirados das estantes, papéis jogados para todos os lados, buracos nos rebocos das paredes e tetos brancos — os destroços de três dias de buscas freneticamente incessantes. Três dias de busca em vão, pois ali também ele encontrara apenas o vazio: nenhuma Menorá e nada relacionado ao seu paradeiro, nem sequer uma menção da maldita coisa.

De pé no corredor de entrada agora, com o cigarro pendendo entre os lábios, em meio à completa desordem, Khalifa admitiu que havia chegado ao fim do poço. O escritório de Jansen no Hotel Menna-Ra — um jogo com a palavra menorá, ele percebia agora — e sua primeira casa em Alexandria, mesmo sua Mercedes azul, tudo havia sido vasculhado e tinha culminado precisamente em mafeesh haga, ou seja, nada. Como única possibilidade, talvez a amiga de Hoth, Inga Gratz, tivesse ocultado alguma coisa em seu interrogatório

naquela outra noite, mas isso, no momento, seria impossível de verificar, pois a idosa entrara em coma profundo algumas horas depois que ele a havia deixado no leito do hospital, um estado do qual, de acordo com os médicos, seria improvável ela se recuperar logo, se é que se recuperaria. Não havia mais ninguém com quem falar, nenhum lugar para procurar, nenhuma pedra para virar. Fosse lá o que Hoth tivesse feito com a Lâmpada, as respostas não seriam, aparentemente, encontradas no Egito.

Ele permaneceu na casa mais uns vinte minutos, vagando de quarto em quarto, incerto se deveria sentir-se aliviado de que havia feito tudo ao seu alcance e poderia agora abandonar a caçada com sua honra intacta ou desapontado por não ter obtido êxito. Então, trancando a casa, dirigiu-se para a delegacia, de onde ligaria para Ben-Roi, a fim de informar que suas buscas não tiveram sucesso. O israelense não ficaria muito feliz. Das conversas que haviam tido nos últimos dias — breves, cerimoniosas e monossilábicas —, estava claro que o resultado das investigações por lá não tinham progredido mais do que as de Khalifa. Tempo e opções estavam chegando ao fim, e assim a Lâmpada permanecia escondida.

Jerusalém

E

nquanto os dois caminhavam pela área do Centro Psiquiátrico Kfar Shaul e passavam por seus belos terraços floridos e a junção de edifícios de pedra meticulosamente espaçados, Layla sentiu-se tentada a fazer um comentário sobre a história do lugar, perguntar a Ben-Roi se ele sabia que o edifício mais antigo havia sido, primeiramente, parte do vilarejo palestino de Deir Yassin, o cenário, em 1948, de um massacre infame realizado por para-militares judeus: dezenas de homens, mulheres e crianças foram assassinadas a sangue-frio. Olhou para o seu companheiro — os

olhos dele estavam inchados por noites sem dormir, a boca mostrava uma abertura permanente por causa do estresse e do seu descontentamento —, o que foi suficiente para saber que o comentário não seria bem-vindo, e por isso ela não disse nada e apenas continuou a subir a colina em absoluto silêncio.

Uma investigação conjunta entre israelenses e palestinos — foi o que ele propôs assim que caminhou para dentro de sua cela, sem mais nem menos, havia três manhãs. Os dois trabalhando juntos, como uma equipe, para tentar rastrear a Menorá, além de um outro cara chamado Khalifa seguindo as pistas no Egito; tudo estava oficialmente sancionado, tudo era segredo de Estado, tudo por uma causa maior. Ela estaria preparada para isso? Seria de alguma utilidade?

Naturalmente, ela havia ficado chocada. Desconfiada também. Mesmo assim, a idéia de uma investigação conjunta havia partido dela, em primeiro lugar (nunca, nem por um minuto sequer, acreditando que ele aceitaria). Aquele brilho maníaco nos olhos dele, a tentativa não inteiramente bem-sucedida de aparentar estar calmo e seguro; tudo nele tinha demonstrado que havia mais coisas em sua proposta do que estava revelando, alguma razão oculta. Contudo, havia coisas demais em jogo para ela se recusar a cooperar, e assim concordou imediatamente, sem qualquer pergunta, em fazer o que lhe fosse solicitado.

Igualmente inesperada havia sido a insistência para que durante as buscas ela morasse no apartamento dele, em Jerusalém Ocidental. Mais uma vez um alarme tocou em sua mente, dizendo-lhe que aquele acordo tinha menos a ver com o fato de que, trabalhando juntos em um determinado lugar, não levantariam suspeitas, como declarou ele, do que ficar de olho nela, seguindo-lhe cada movimento. Novamente, ela guardou suas preocupações para si mesma, disse sim e que, naquelas circunstâncias, seria uma ótima idéia, aceitando que, se desejasse continuar na caçada à Menorá, ela deveria jogar segundo as regras dele. E, de qualquer modo, com os riscos assim tão altos, ela também desejava ficar de olho nele.

Portanto, Layla assinou uns documentos para poder sair da delegacia e foi até o seu apartamento para pegar o laptop e algumas peças de roupa — ela viu imediatamente que o lugar havia sido completamente vasculhado na sua ausência —, e então partiu para o apartamento dele em Romema, cuja sala de estar tinha sido transformada em um escritório provisório. E foi ali que ficaram desde então — três dias inteiros, tensos, incômodos, claustrofóbicos. Toda manhã eles faziam ligações telefônicas, enviavam e-mails, faziam pesquisas na internet, perseguindo toda pista que podiam imaginar. Continuavam assim durante todo o dia e noite adentro, vivendo de café, sanduíches e, no caso de Ben-Roi, dos repetidos goles de vodca de seu cantil. Nas primeiras horas do dia, ela afundava no sofá para algumas horas de sono agitado, e ele desapareceria em seu quarto, embora não desse a impressão de dormir o suficiente, pois em diversas ocasiões ela havia sido arrancada de seu sono, na calada da noite, ouvindo-o andar para cima e para baixo, sussurrando em seu telefone celular e deparando-se com ele no corredor, olhando fixamente para ela, com o rosto morbidamente pálido e com os lábios trêmulos. Diversas vezes, no começo, ela tentou quebrar o gelo, dando início a alguma espécie de diálogo, perguntando sobre o passado dele, sobre a fotografia da jovem mulher em sua estante, qualquer coisa; mas ele havia simplesmente resmungado e declarado que ela estava ali para ajudá-lo a encontrar a Menorá, e não para escrever a porcaria da sua biografia. Assim, ela continuou com o que estava fazendo, telefonando, enviando e-mails, pesquisando, tentando manter-se concentrada. E, durante todo o tempo, houve aquela insidiosa e chocante atmosfera de antipatia e desconfiança mútuas.

A visita de Hoth a Dachau foi desde o começo o ponto principal da investigação que estavam promovendo. Duvidava-se muito de que o caixote transportado por ordem dele realmente contivesse a Menorá. Mas para onde a havia levado afinal? Por que ele solicitou seis prisioneiros? Estas eram as perguntas que precisavam de respostas. E as respostas simplesmente não existiam. Eles haviam contactado, questionado e sondado (mas em vão) diversos especialistas sobre Dachau, o Terceiro Reich, Ahnenerbe,

rastreamento dos tesouros saqueados pelos nazistas e até mesmo especialistas em infra-estrutura alemã de transporte durante a Segunda Guerra Mundial. A maioria não tinha sequer ouvido falar de Hoth; aqueles que ouviram não poderiam fornecer qualquer indício a respeito do motivo que o levou a visitar aquele campo ou para onde havia ido posteriormente. Ela também entrou em contato com Magnus Topping — sim, ela adoraria jantar com ele na próxima vez que visitasse a Inglaterra —, ligou ainda para Jean-Michel Dupont, a grande maioria dos amigos e colaboradores dele, mas tudo em vão. Ninguém sabia nada, e ninguém era capaz de ajudá-los.

Em três longos e árduos dias de busca, somente duas informações novas vieram à tona: o tipo de caminhão utilizado por Hoth — um Opel Blitzes, de três toneladas, transporte-padrão do exército alemão — e, do arquivo em Yad Vashem, os nomes dos seis ocupantes que Hoth havia solicitado de Dachau: Janek Liebermann, Avram Brichter, Yitzhak Edelstein, Yitzhak Weiss, Eric Blum e Marc Wesser. Os quatro primeiros eram judeus, e os dois últimos, um comunista e um homossexual, respectivamente. Nenhum deles havia retornado ao campo; cada empreendimento para tentar rastreá-los, descobrir se algum deles sobrevivera à guerra, tinha falhado. Resumindo, eles se encontravam num beco sem saída.

E por isso, três dias depois, finalmente saíram do apartamento de Ben-Roi e dirigiram-se para Kfar Shaul. Pois a única possibilidade naquele momento era de que talvez em sua tentativa de descobrir o paradeiro de Hoth, Hannah Schlegel tivesse conseguido, de alguma maneira, também rastrear a Menorá. E, por sua vez, tivesse comunicado tal informação ao seu irmão, Isaac.

— Maldito desperdício de tempo — Ben-Roi havia resmungado durante o trajeto. — O cara não fala há quinze anos. É um repolho.

Mas era a única possibilidade que lhes restava.

Como combinado pelo telefone, dirigiram-se diretamente para a ala norte do centro de psicogeriatria, onde foram recebidos pela Dra. Gilda Nissim, a mulher que havia acompanhado Ben-Roi na visita

anterior. Ela os cumprimentou com um aceno indiferente e, lançando um olhar desconfiado para Layla, levou-os até a porta de vidro do setor e pelo interior do corredor levemente iluminado; os calçados deles chiavam sobre o piso de mármore polido; o ar condicionado central preenchia o edifício com um som sussurrante e fantasmagórico. Quando alcançaram o quarto de Schlegel, a doutora fez um breve sermão, informando que o paciente havia sido extremamente perturbado por Ben-Roi em sua última visita, que ela não toleraria que ele fosse incomodado novamente daquela maneira e que eles teriam apenas quinze minutos — nada mais. Em seguida, abriu a porta e deu um passo para o lado. Ben-Roi transpôs a porta a passos largos; Layla hesitou e, então, os seguiu; a doutora entreabriu os lábios como se estivesse para fornecer outras orientações, mas Ben-Roi se virou e, com um breve "Obrigado", fechou a porta no rosto da mulher.

— Que porra de mulher intrometida — esbravejou ele.

O quarto permanecia igual desde a última visita: cama, mesa, desenhos espalhados pelas paredes e, em uma poltrona perto da janela, vestindo pijamas, magro como um espantalho, encontrava-se Isaac Schlegel; o olhar direcionado para o mesmo livro surrado sobre o colo. Ben-Roi pegou uma cadeira e sentou-se na frente dele. Layla permaneceu onde estava, com os olhos passeando pelas paredes, examinando os numerosos desenhos das menorás de sete braços.

— Sinto muito por incomodá-lo novamente, Sr. Schlegel — começou o detetive, indo direto ao ponto —, mas preciso fazer mais algumas perguntas. Sobre sua irmã Hannah.

Ele tentou manter o tom de voz calmo e tranqüilo para não amedrontar o idoso. Não funcionou, pois, no momento em que ouviu a voz do detetive, os olhos de Schlegel se abriram em sinal de aflição, e ele começou a se balançar para a frente e para trás em sua poltrona; as mãos apertavam e soltavam a lombada do livro, e um vago som de choro era emitido de sua boca. Ben-Roi mordiscou

a ponta dos dedos, claramente aborrecido com aquele tipo de reação.

— Não há motivo para ter medo — disse ele, forçando um sorriso não totalmente simpático. — Nós não vamos fazer mal ao senhor. Só queremos conversar. E não irá demorar muito, prometo. — Novamente, sua tentativa de tranqüilizá-lo surtiu o efeito contrário. O choro parecia aumentar, e a agitação ficou mais intensa.

— Eu sei que essa é uma situação difícil, Sr. Schlegel, e sinto muito por tê-lo aborrecido antes, mas é extremamente...

As mãos de Schlegel se cerraram e se posicionaram de cada lado de sua cabeça, como um boxeador tentando se proteger de socos; seu choro se intensificava num imenso lamento, preenchendo todo o quarto. A boca de Ben-Roi se comprimiu em uma careta irritada, e seus próprios punhos estavam cerrados em sinal de frustração.

— Olhe, Sr. Schlegel, eu sei que o senhor...

— Pelo amor de Deus! — Layla deu um passo à frente, lançando um olhar cortante para o detetive, como se quisesse dizer "Mas o que há de errado com você?" antes de agachar-se ao lado do idoso e cobrir um dos punhos cerrados dele com a palma da mão. — Shhh — disse ela gentilmente, acariciando a pele pálida e translúcida. — Está tudo bem, está tudo bem. Fique calmo.

Quase imediatamente, o surto começou a recuar, a agitação do idoso gradualmente diminuiu, e seu lamento se dissipou, dando lugar a um ronronar suave, como o barulho de um refrigerador ou de um computador.

— Isso mesmo — disse ela suavemente, continuando a acariciar a mão do idoso. — Não precisa ficar com medo. Tudo vai ficar bem. Não há motivos para ficar apavorado.

Ben-Roi a observava, uma momentânea centelha de incerteza cintilando em seus olhos, como se estivesse incomodado pela expressão de ternura demonstrada, confuso; então, pegou seu

cantil, reclinou-se no assento e tomou um gole da bebida. Layla continuou falando com o idoso, acalmando-o, tranqüilizando-o, murmurando uma curiosa canção de ninar que seu pai costumava cantar quando ela era criança, até que finalmente ele se acalmou por completo; seus olhos acinzentados fitando seu colo, suas mãos apertadas contra as dela. Ela esperou mais algum tempo e então, imaginando que havia ganhado a sua confiança, como desejara, arrastou-se para trás, ficando ajoelhada diante dele e de costas para Ben-Roi.

— Isaac — disse ela gentilmente; sua voz era nada mais que um sussurro —, nós precisamos de sua ajuda. Você vai nos ajudar?

Atrás dela, Ben-Roi emitiu um resmungo de descrédito. Ela o ignorou, concentrando toda a atenção sobre a figura cadavérica à sua frente.

— Você vai nos contar sobre a Menorá? Você a viu, não foi? Você e Hannah. Nas ruínas do castelo. Como em seus desenhos. Você se lembra? Em Castelombres. Quando ainda eram crianças.

Schlegel apenas fitava o livro, um feixe de sol matutino entrando pela janela em direção a seu rosto esquelético; ouvia-se um barulho intenso vindo de suas narinas.

— Por favor, Isaac. — Apertou as mãos dele, desejando silenciosamente que ele falasse com ela. — Estamos tentando encontrar a Menorá. Para protegê-la. Você sabe onde está? Você sabe o que aconteceu com ela? — Nada.

Ela perguntou outra vez, várias vezes, sempre tentando controlar sua frustração e manter o tom de voz. Então, como as respostas não vinham, nem mesmo uma faísca de compreensão ou associação, ela suspirou e soltou a mão de Schlegel, deixando a cabeça tombar para trás, admitindo que Ben-Roi estava certo. Foi uma perda de tempo.

— Amarelo.

Era quase um sussurro; tratava-se mais de uma discreta sublevação de ar nos lábios de Schlegel que poderia ou não ter constituído, de fato, uma palavra. Layla olhou para cima, pensando que havia imaginado coisas. O velho continuava olhando para o livro.

— Amarelo.

A palavra soou mais forte dessa vez, embora tão baixa, que mal podia ser ouvida. Atrás dela, era possível sentir a tensão de Ben-Roi, que se inclinava para a frente.

Ela estendeu a mão novamente, tocando a de Schlegel. — O que é amarelo, Isaac? O que você quer me dizer?

Lentamente, o homem olhou para cima. Ele manteve o olhar em Layla por um momento. Seus próprios olhos agora pareciam cintilar discretamente, como uma luz brilhante percebida através de um vidro coberto por uma geada. Então, soltando a mãos de Layla, ele ergueu o braço e apontou um dedo trêmulo na sua direita, para quatro desenhos representando o arco de Castelombres; no meio deles havia um quinto desenho de uma Menorá de sete braços.

— Amarelo — sussurrou ele pela terceira vez. Seu corpo inteiro tremia, como se devido ao esforço para arrancar a palavra de suas entranhas.

— O que você quer dizer com amarelo? — Ben-Roi havia se aproximado tanto, que seus joelhos pressionavam as costas de Layla. — Que a Menorá é amarela?

O velho continuou apontando por um momento e depois deixou o braço cair novamente, juntando as mãos bem apertadas em volta de seu livro.

— Olhe para o desenho amarelo.

Layla se virou parcialmente, lançando um olhar confuso para Ben-Roi; então inclinou a cabeça e olhou para o rosto do velho, colocando suas mãos sobre a dele novamente.

— Foi isso o que Hannah contou para você, Isaac? Foi isso o que Hannah disse?

Schlegel estava apertando o livro, mexendo-se e curvando a coluna.

— Olhe para o amarelo — repetiu ele.

— Mas o que isso significa? — A voz de Ben-Roi soava severa, alta. — Qual amarelo?

Schlegel não disse nada, apenas continuou a girar o livro.

— O desenho amarelo? — insistiu o detetive. — Era o que ela quis dizer? Olhar para o desenho amarelo? O desenho da Menorá?

Houve uma pausa e, então, o estalo de madeira no linóleo quando Ben-Roi empurrou sua cadeira para trás e se levantou, caminhando a passos largos até o desenho da Menorá, observando, procurando algum significado oculto na imagem de lápis de cor amarelo. Nada. Ele arrancou a folha da parede e olhou o verso. Em branco. Ben-Roi lançou um olhar para Layla e então deu voltas no quarto, examinando os outros desenhos da Menorá, arrancando-os violentamente, seus movimentos crescentemente agitados. Ainda nada. Schlegel apenas olhava para o seu colo.

— Por favor, Isaac! — sussurrou Layla, juntando suas mãos à dele. — O que Hannah queria dizer? O que ela queria que nos contasse? Por favor, ajude-nos, Isaac. Por favor!

Ele estava recuando, ela podia sentir isso, voltando para seu próprio mundo.

Ela continuou a insistir com ele, apertando suas mãos, massageando gentilmente as palmas de suas mãos, como se ao fazer isso pudesse de alguma maneira forçar uma última informação brotar de dentro dele. Passou um momento, no entanto, e, com um grunhido exasperado, Layla inclinou-se sobre suas coxas e olhou para o teto, balançando a cabeça.

Ben-Roi esmurrou a parede.

— Puta merda — murmurou ele.

Posteriormente, quando os dois caminhavam se arrastando em desesperado silêncio de volta a área externa do hospital, os únicos sons ouvidos eram os produzidos pelo trinado dissonante dos pássaros nos pinheiros e ciprestes, e, de algum lugar mais distante à direita deles, o vago ruído de uma bolinha de pingue-pongue tocando a mesa de um lado para outro; Ben-Roi lutava para concentrar-se, raciocinar sobre o que deveria ser seu próximo passo, como é que ele ainda poderia fazer toda aquela insanidade dar certo.

Com exceção de alguns poucos minutos, esporádicos, Ben-Roi não dormia há setenta e duas horas. Sentia-se esgotado, mais esgotado do que pensava ser possível; tudo dentro de sua cabeça estava enevoado, confuso, de modo que já não tinha mais certeza da bosta que estava fazendo ou por que estava fazendo. Há três dias tudo parecia tão claro: o artigo, as entrevistas, a loção pós-barba — tudo se encaixava, tudo fazia sentido. Ele a manteve por perto, ficou de olho, esperou as brechas surgirem. Mas as brechas não surgiram — ela era inteligente demais, controlada demais. Assim, contra a sua vontade, começou a duvidar, começou a perguntar se talvez não tivesse compreendido tudo errado (a maneira como ela havia acabado de lidar com Schlegel... podia alguém assim...?). Certo, ele ainda sentia as dores no estômago — Deus, ele ainda sentia aquelas dores! —, mas poderia confiar nisso? Poderia confiar em si mesmo? Ele não sabia, ele simplesmente não sabia de mais nada. E nunca saberia, a menos que pudesse encontrar a Menorá. E isso foi quando ela perguntou...

— O que faremos agora?

— Hein? — Ele ainda estava absorto em devaneios.

— O que faremos agora? — repetiu Layla.

Ele balançou a cabeça, tentando voltar ao presente. — Orar para que o imbecil do Khalifa tenha encontrado algo.

— E se ele não encontrou?

— Então voltaremos às ligações. E ficaremos ali até descobrirmos o que devemos procurar.

Ele reduziu o passo e olhou para ela; as pupilas estavam dilatadas devido à desconfiança e antipatia, antes de, mais uma vez, voltar-se para longe, avançando rapidamente colina abaixo. Layla se arrastava ao seu encalço. Lá embaixo, entraram no BMW dele e rumaram para fora do hospital, atravessando o portão branco de metal, fazendo a curva para pegar a rodovia principal de volta ao centro de Jerusalém. Enquanto prosseguiam, por um breve instante, Layla avistou um Saab azul estacionado no pátio externo de uma garagem abandonada, na esquina oposta à entrada do hospital. O motorista estava inclinado sobre o volante e parecia olhar fixamente para eles. Durou apenas uma fração de segundo, e então passaram pelo veículo e aceleraram de volta à cidade. Atrás deles, Avi Steiner ligou o motor do Saab.

— OK, eles saíram novamente — murmurou em seu rádio transmissor. -— Kanfei Nesharim, rumo ao leste. Estou na cola deles.

Engatou a primeira e enfiou-se no tráfego, costurando entre os carros até que estivesse bem na traseira deles.

Luxor

D

e volta à sua sala, Khalifa tirou um pote de rabanetes em conserva da sacola cheia de torshi que havia comprado no caminho de volta

da casa de campo de Hoth e, com um suspiro relutante, pegou o telefone e discou para o celular de Ben-Roi. Tocou quatro vezes e, em seguida, foi atendido. Como sempre, o israelense não se incomodou com formalidades:

— E então?

— Nada — respondeu o egípcio.

— Caralho!

— Quem?

— Porra... que caralho pode ser, meu Deus?

Khalifa balançou a cabeça, perguntando-se se aquele homem era capaz de formar uma frase que não dependesse de um palavrão. Nunca em sua vida...

— Você viu o irmão dela novamente? — perguntou ele, tentando manter um tom de voz civilizado, sem demorar nas divagações a respeito de quanto achava o israelense totalmente repreensível.

— Acabei de sair de lá.

— E?

— Uma boa de uma merda. O homem é um zumbi. Só fica sentado com um livro, fazendo uns barulhos estranhos.

Ele ouviu o eco de uma voz feminina — Layla al-Madani, presumivelmente — perguntando a Ben-Roi o que estava sendo dito e o israelense respondendo com um agressivo "Dá pra esperar?!?"

— E não havia definitivamente nada na casa de Hoth? — A voz de Ben-Roi berrava na linha novamente. — Tem certeza?

— Certeza absoluta — respondeu Khalifa. — Eu vasculhei cada centímetro do imóvel.

— E o jardim?

— Também.

— E quanto ao...

— E o carro. E o hotel. E a polícia de Alexandria examinou sua residência anterior. Não há nenhum outro lugar para verificar, Ben-Roi. Não aqui. Não no Egito. Não há mais nada.

— Bem, você deve ter deixado escapar alguma coisa.

— Eu não deixei escapar nada. — Khalifa cerrou o punho. — Não há nada aqui, eu estou lhe dizendo.

— Então continue procurando.

— Não está ouvindo o que eu estou falando. Não restou mais nenhum lugar para procurar. O que quer que eu faça? Que escave toda Luxor?

— Se for necessário, sim! Nós precisamos encontrar. Eu preciso... — O israelense interrompeu a conversa abruptamente, como se desejasse refrear algum comentário que havia feito sem querer. Fez uma pausa rápida e então, esforçando-se para manter o tom de voz, continuou:

— Você sabe o que está em jogo aqui. Portanto, continue procurando.

O egípcio deixou a mão cair, impotente. Era como conversar com uma parede! Ele murmurou com os lábios apertados um "Tudo bem, tudo bem. Verei o que posso fazer" e, inclinando-se para a frente, pronto para colocar o fone no gancho, voltou a falar:

— Do que se trata o livro, por acaso? — perguntou ele.

— O quê?!?

— Você disse que o irmão de Schlegel segurava um livro.

Houve mais uma pausa rápida. O israelense estava claramente desconcertado pela pergunta; em seguida, ouviu rápidos murmúrios trocados enquanto ele perguntava algo para Layla. O que se seguiu, tão alto, fez com que Khalifa afastasse o aparelho do ouvido; podia-se perceber o som estridente de pneus derrapando no asfalto como o de um carro mudando abruptamente a direção, acompanhado de um coro excessivo de buzinas.

— Ben-Roi?

— Retorno pra você daqui a pouco! — gritou o israelense. E então, para Layla: — Mas, porra, por que você não...

A linha ficou muda.

Jerusalém

O

rapaz continuou seu caminho pela área do prédio, segurando firmemente uma sacola pesada com a mão direita e parando freqüentemente para verificar se não estava sendo seguido ou observado; uma precaução desnecessária, visto que a área encontrava-se abandonada havia cinco meses e, de qualquer forma, ficava fora do perímetro da cidade, longe das áreas habitadas. Ele passou por uma pilha de tijolos, rodeou um conjunto de valas de fundação reduzidas a pó, de onde fileiras de hastes enferrujadas projetavam-se salientes como troncos deteriorados pelo vento, até chegar finalmente a um enorme contêiner situado bem no centro da área; a porta do compartimento estava protegida com um enorme cadeado. Depois de tomar algumas medidas de precaução, olhando ao redor, retirou um alicate especial da sacola, quebrou a tranca e, movendo vagarosamente a porta, entrou no ambiente quente e úmido, com forte cheiro de poeira e alcatrão. No fundo, encontrava-

se um amontoado de lona impermeável — o único material deixado no lugar — para onde se dirigiu e, sob suas camadas, escondeu cuidadosamente a sacola, alisando o material para deixá-lo no antigo formato antes de partir novamente e recolocar um novo cadeado na porta. Ele lançou um último e demorado olhar ao redor e então removeu uma única chave de seu bolso, abaixou-se e a enterrou na areia situada no canto esquerdo da frente do contêiner antes de endireitar-se e correr para fora do local; as franjas de seu tallit katan balançavam por debaixo de sua camisa como tentáculos de anêmonas girando sob o turbilhão de uma forte corrente.

Jerusalém

— P

orra, mas por que você não disse antes?

— Porque vocês não perguntaram — rebateu a Dra. Gilda Nissim, andando a passos largos na frente deles pelo corredor, em direção ao quarto de Isaac Schlegel. — Ser psiquiatra não me confere o poder de ler a mente das pessoas! E, por gentileza, controle seu linguajar!

Ben-Roi abriu a boca, aparentemente, para gritar com ela. De alguma maneira, ele conseguiu se controlar e, em vez disso, deixou escapar um resmungo irritado. Layla apressou o passo, avançando pelo corredor junto com a médica.

— E você afirma que a irmã dele lhe deu o livro antes de partir para o Egito?

Nissim confirmou com um breve aceno de cabeça, claramente se esforçando para dominar seu próprio humor. — A Sra. Schlegel parou no caminho para o aeroporto. Passou quinze minutos com

ele, entregou-lhe o livro e partiu novamente. Foi a última vez que ele a viu. E nunca perdeu o livro de vista desde então.

— Cacete! — resmungou Ben-Roi, controlando a respiração e olhando furiosamente para a nuca da médica.

Eles chegaram ao quarto de Schlegel, mas, em vez de parar, Nissim os conduziu pelo corredor para o lado externo através de um conjunto de portas de vidro no final da unidade, explicando que, naquela hora do dia, seu paciente gostava de sentar-se do lado de fora para tomar o sol da manhã. Subiram alguns lances de escada por um jardim de pedras com canteiros de gerânios pendentes e lavandas roxas; então prosseguiram por um estreito caminho de pedra branca rumo ao topo do complexo do hospital, onde havia um outeiro todo gramado rodeado por pinheiros; um lugar muito calmo, muito tranqüilizante, com uma fragrância agridoce do cheiro forte das agulhas dos pinheiros, uma floresta densa de pinheiros-da-Judéia estendendo-se ao redor. Nissim meneou a cabeça em direção a uma figura solitária sentada sozinha em um banco de concreto no lado mais afastado do outeiro e, lançando um olhar severo sobre o topo de seus óculos para Ben-Roi, retirou-se. Os dois continuaram a andar até que alcançaram o banco; Ben-Roi tomou o assento do lado posterior; Layla sentou-se ao lado do idoso. O livro, como sempre, estava apertado no colo dele. Layla colocou gentilmente a mão no braço dele.

— Olá novamente, Isaac — disse ela. Houve um breve silêncio; em seguida: — Podemos ver seu livro? Aquele que Hannah deu para você? Posso vê-lo? Você se incomoda?

Ela havia temido que ele pudesse não querer mostrar o livro para eles, que entrasse em pânico com o seu pedido. Mas longe disso. Com um discreto suspiro, como se estivesse aliviado por alguém ter finalmente feito aquela pergunta, Schlegel lentamente afastou as mãos, permitindo que ela pegasse o livro do colo dele. Ben-Roi curvou-se para a frente, levantando a cabeça para dar uma olhada.

Era um volume pequeno, uma brochura, muito enrugado, com uma capa verde na qual estava impresso um desenho simples em linhas pretas de um pinheiro. Logo abaixo, em inglês, estava escrito o título da obra: Summer Walks in the Berchtesgaden National Park. Layla olhou atentamente para Ben-Roi, erguendo suas sobrancelhas, e então folheou o livro até a página do sumário.

Havia dez itinerários listados, cada um nomeado — A Trilha de Konigsee, a Trilha de Watzmann, a Trilha de Weiss-Tanne —, e também uma legenda colorida que aparentava corresponder a marcas coloridas no chão. A última divisão no livro, a Trilha de Hoher Goll, estava identificada em amarelo.

— Olhe para o amarelo — sussurrou Layla, e seu coração começou a bater forte.

Ben-Roi nada comentou, apenas se aproximou e sentou-se ao lado dela. Ela começou a folhear o livro, buscando algum capítulo relevante.

— A Trilha de Hoher Goll — anunciou ela por um momento, alisando o livro em seu colo.

Assim como os outros nove capítulos, esse começava com uma simples linha desenhada em tinta preta; no caso, uma montanha. Seu topo era plano e íngreme, um longo espinhaço inclinando-se dali para a direita antes de terminar abruptamente em um despenhadeiro, na extremidade do qual se empoleirava uma pequena casa. Então, seguia-se uma seqüência básica de coordenadas sobre o itinerário — Extensão: 19km; Tempo: 5-6 horas; Nível de Dificuldade 3 (numa escala de 1 a 5) —, uma escala mapeada na qual o percurso estava marcado por um ziguezague de linhas pontilhadas e depois seis páginas de texto descrevendo o percurso em detalhes, com notas fornecendo informações extras sobre a flora e a fauna locais, pontos de interesse histórico etc. Tendo lido dois terços do texto, um parágrafo no final da página havia sido destacado em caneta hidrográfica vermelha:

Cruze a estrada e tome a trilha logo defronte, atrás da estação de tratamento de água abandonada. Depois de trinta minutos de escalada — extremamente íngreme em alguns lugares —, você chegará a um espaço aberto, de frente à entrada da mina de sal deserta da Berg-Ulmewerk (para maiores informações sobre a tradição de minas de sal da região, veja a introdução na página 4). Logo acima de você, se o clima permitir, será possível avistar o topo do imenso Hoher Goll (2.522m) e, à direita, o teto e a antena de rádio do Kelsteinhaus, ou "Ninho da Águia", a antiga casa de chá de Hitler (ver nota). Abaixo há uma vista maravilhosa de Obersalzburg, Berchtesgaden e do rio Berchtesgadener Ache. A trilha continuará à esquerda, ao lado de um pequeno marco de pedra (ver nota no verso).

Layla e Ben-Roi trocaram um olhar, confusos, incertos do que tudo aquilo teria a ver com Dieter Hoth ou com a Menorá. Ela virou a página. A nota mencionada também havia sido destacada. E estava intitulada "Os Esqueletos de Hoher Goll". Eles se olharam novamente e então continuaram com a leitura:

Em maio de 1961, no local indicado por esse marco, seis esqueletos foram descobertos por trilheiros que passavam por lá, depois de uma noite inteira de uma incomum chuva torrencial ter retirado a camada superior do solo das covas rasas nas quais eles foram enterrados. Todos eram do sexo masculino e morreram por ferimentos de arma de fogo. Restos de tecido sugerem que eram vítimas de campos de concentração, embora suas identidades nunca tenham sido confirmadas, nem a razão de sua presença lá em cima, no sopé de Hoher Goll. Eles estão agora enterrados no cemitério de Berchtesgaden. Quando se passa pelo local, é costume acrescentar uma pedra pequena à pilha em sinal de respeito.

Houve um momentâneo silêncio, enquanto assimilavam aquela informação; então ambos falaram ao mesmo tempo: "Os prisioneiros de Dachau."

Suas vozes estavam animadas, eufóricas. Layla empurrou o livro para Ben-Roi e começou a mexer em sua bolsa, retirando um bloco de anotações e folheando-o; as folhas roçavam umas nas outras, demonstrando, com seu barulho, a pressa com que Layla o consultava.

— Jean-Michel Dupont — murmurou ela. — Ele disse algo sobre os nazistas, a maneira como eles... — Ela encontrou a página que procurava, correu os dedos pelas linhas e começou a ler:

— "No final da guerra, os nazistas também enviaram tesouros saqueados para o exterior ou os esconderam em lugares secretos na Alemanha, geralmente no interior de minas abandonadas"

Ela olhou para cima novamente. Por um instante, ficaram se olhando e, em seguida, ambos se agitaram. Layla agarrou o livro de novo e começou a anotar os detalhes da mina e sua localização; sua escrita vibrava de tanta empolgação e, depois de rabiscar freneticamente, foi forçada a rasgar a folha e jogá-la fora, começando tudo de novo. Ben-Roi estava de pé, falando rapidamente em seu celular; a voz enfraquecia e voltava conforme ele caminhava através do outeiro; a mão esquerda agitava-se no ar como se tentasse acelerar alguma coisa.

Cinco minutos depois, já estava tudo arranjado: dois lugares no vôo das 11h15 do Ben-Gurion para Viena e, depois, uma conexão para Salzburgo, o aeroporto mais perto de Berchtesgaden, onde um carro alugado estaria aguardando. Sem contar com qualquer imprevisto, chegariam à Alemanha no final da tarde.

— Vamos andando — disse Ben-Roi, caminhando rapidamente pelo outeiro. — Se perdermos esse vôo, só haverá outro amanhã.

— E Khalifa?

— Que se foda! Nós agora sabemos onde se encontra a Menorá. Ele não importa.

Ben-Roi desapareceu sob a extremidade do outeiro. Layla voltou-se para Schlegel, que, no meio de tudo aquilo, se manteve sentado, em silêncio e imóvel, observando através das colinas arborizadas. Tomando as mãos dele nas suas, ela pressionou o livro contra elas, devolvendo-o.

— Obrigada, Isaac — sussurrou ela. — Nós não decepcionaremos Hannah. Eu prometo.

Ela hesitou e, então, se inclinou e beijou a face do idoso. Ele deu um discreto aceno e pareceu murmurar alguma coisa, embora tivesse sido tão baixo, que Layla deduziu que fosse "Minha irmã", possivelmente, mas não tinha certeza. Ela pressionou o braço dele, levantou-se e foi atrás de Ben-Roi. Os dois correram até a parte de baixo do complexo do hospital, em direção à rua. Ela ainda apertava a bola de papel amassada que havia rasgado de seu bloco de anotações e, quando chegaram ao veículo, jogou-a em uma lata de lixo na calçada ao lado antes de acomodar-se no banco do passageiro e bater a porta.

À postos, do outro lado, Avi Steiner os observava enquanto manobravam o carro e desapareciam no tráfego. Então, murmurando algo em seu rádio, ligou o motor do Saab, saiu vagarosamente da garagem, virando a esquina, parou ao lado da lata de lixo e depois saiu.

Jerusalém

H

ar-Zion estava ao lado do telefone quando este começou a tocar, olhando para fora da janela de seu apartamento enquanto massageava os braços e o torso com cânfora. Ele se curvou e ergueu o fone, estremecendo levemente ao atender à ligação — mesmo com a pomada, sua pele parecia ter se esticado ainda mais nesses últimos meses —, dizendo um breve "Ken" e então ouvindo, em silêncio, a voz do outro lado da linha. Gradualmente, a expressão de dor que havia contorcido sua boca logo que se curvou foi substituída, primeiro por uma ruga de concentração e depois por um sorriso.

— Deixe o Cessna pronto — disse ele finalmente. — E fale com quem for necessário no aeroporto. Precisamos plantar um rastreador para termos certeza. Encontre-me lá embaixo em vinte minutos. Ah, sim, Avi, eu vou. Eu vou sim, com certeza.

Ele recolocou o fone no gancho, botou mais pomada em sua mão e, passando-a lentamente em círculos em seu abdômen, continuou olhando a Cidade Antiga logo abaixo, com seus domos, torres e, bem visível, o extenso retângulo retalhado do Muro Ocidental. Por um momento, apenas um breve momento, ele se permitiu sonhar acordado: um exército, um grandioso exército, todos os filhos de Deus, Israel unido marchando pelo muro com a Menorá encabeçando-os antes de passarem pelo Monte do Templo e dilacerarem o santuário árabe. Então, rosqueando a tampa de volta no tubo de ungüento, foi até o quarto para se preparar.

Luxor

— B

em, peça para ele ligar, entendido? Khalifa. Khalifa! Ka-li-fa. Sim, é claro que ele sabe... O quê? Sim, é urgente! Muito urgente. O quê? Tudo bem, tudo bem. Obrigado, obrigado!

Khalifa bateu o telefone. Por um momento, ele permaneceu sentado onde estava, esfregando a testa; depois, levantou-se e saiu intempestivamente da sala, seguindo na direção do corredor, rumo a uma outra sala, onde arrancou um atlas de uma estante na parede. De volta à sua mesa, passou os olhos rapidamente pelo sumário e então abriu o livro na página relevante, começando a traçar as linhas de latitude e longitude com os dedos, até que localizou o nome do lugar que procurava: Salzburgo. Acendeu um cigarro e observou o mapa mais uma vez.

Já fazia uma hora desde que falara com Ben-Roi. Como combinado, esperou que o israelense ligasse de volta: então, sem qualquer contato dele e impaciente para saber o que, se fosse o caso, ele havia descoberto sobre a irmã de Schlegel, Khalifa ligou para o celular dele. Ocupado. Aguardou mais cinco minutos e chamou novamente. Ainda ocupado. Ligou pela terceira vez, dez minutos depois, e dessa vez o celular estava desligado. Por uma inexplicável razão, começou a sentir um frio desconfortável na barriga, uma vaga premonição de problemas que se intensificavam enquanto os minutos passavam, e o celular ainda continuava mudo; então, finalmente convencido de que havia alguma coisa errada, entrou em contato com a Delegacia de Polícia Davi.

Assim como em seu primeiro encontro com a burocracia da polícia israelense, foi necessário tolerar uma quantidade de evasivas e condutas obstrutivas antes de finalmente ser atendido por uma secretária que, com um inglês precário, informou a Khalifa que o detetive-inspetor Ben-Roi e uma colega estavam a caminho da Áustria. De Salzburgo. Por que ele estava indo para lá e quando deveria voltar ela não tinha idéia e nem lhe daria aquela informação espontaneamente, nem se soubesse. Ele desejava insistir, pedir para falar com algum superior, mas seria necessário dar explicações sobre sua ansiedade para contactar o detetive; e, visto que essa maldita coisa da Menorá deveria manter-se confidencial, ele não tinha outra escolha, exceto recuar. Assim, pediu a ela que solicitasse a Ben-Roi, caso ele entrasse em contato, para telefonar e não tocasse mais no assunto.

— Que diabos ele anda fazendo? — murmurou para si mesmo, fitando o atlas aberto. — Mas o que...?

A porta da sala se abriu, e Mohammed Sariya colocou a cabeça para dentro do recinto.

— Agora não, Mohammed.

— Eu tenho...

— Eu disse agora não! Estou ocupado!

O tom de voz foi mais ríspido do que ele pretendia, mas a novidade a respeito de Ben-Roi o havia atordoado, e ele não estava com humor para trocar gracejos. Sariya parecia levemente desconcertado pela maneira abrupta como foi recebido, mas não disse nada, apenas deu de ombros, ergueu as mãos como se desejasse pedir desculpas e afastou-se novamente, fechando a porta atrás de si. Khalifa pensou em ir atrás dele — ele nunca havia sido ríspido com seu assistente, nunca—, mas estava muito aborrecido mesmo e, em vez disso, fumou o que restava de seu cigarro, jogando a guimba para fora da janela, e enterrou a cabeça entre as mãos.

Eles encontraram alguma coisa, pelo menos isso estava bastante claro. Algo importante. Algo que tornava necessário fazer toda uma viagem até a Áustria. Por um breve momento, ele se perguntou se iria apenas reagir emocionalmente, se havia alguma explicação inocente para o silêncio de Ben-Roi, como o seu esquecimento de retornar a ligação pela empolgação de haver desenterrado uma nova pista, ou talvez ele estivesse fora da área de cobertura para falar ao celular, ou com tanta pressa por causa do avião, que não teve tempo de parar e usar um telefone público.

Mas não. Quanto mais ele pensava sobre o assunto e analisava tudo que havia ocorrido nos últimos dias, tudo que viu e ouviu sobre Ben-Roi, mais certo ficava de que não se tratava simplesmente de um caso inocente de omissão da parte do israelense, mas uma

atitude deliberada para arrancá-lo, Khalifa, da fotografia, nesse momento crucial. Por quê? Por motivos pessoais? Por que Ben-Roi não gostava dele? Desejava reivindicar todo o crédito da descoberta da Menorá para si mesmo? Ou havia algo maior, um jogo insidioso sendo praticado ali, algum motivo mais abrangente? Khalifa não fazia idéia. Tudo que ele sabia era que o israelense era alguém em quem, de maneira alguma, não se podia confiar.

Khalifa acendeu outro cigarro, tamborilou os dedos sobre a mesa e, então, tomou uma decisão. Pegou o telefone e discou para um número particular de celular que Gulami havia fornecido a ele, naquela noite, em caso de emergências. Cinco toques e então caiu em uma caixa de mensagens. Desligou e tentou novamente. O mesmo resultado. Ligou para o escritório de Gulami. O ministro encontrava-se em uma reunião com o presidente Mubarak, não estaria disponível até o fim do dia e não poderia ser interrompido em nenhuma circunstância. Droga.

O detetive se levantou, atravessou a sala até a janela, bateu com os nós dos dedos sobre o peitoril, voltando-se em seguida para sua mesa, para telefonar para um conhecido do al-Ahram e perguntar como seria possível entrar em contato com Sa'eb Marsoudi. O seu conhecido forneceu o número de outro conhecido em Ramala, que forneceu o número de outro conhecido em Jerusalém, que forneceu um contato em Ramala, que forneceu o número de um escritório em Gaza, que informou não ter a mínima idéia do paradeiro de Marsoudi. Mas que inferno!

Depois continuou a telefonar e então, não tendo mais para onde recorrer, saiu pelo corredor para jogar um pouco de água no rosto e tentar clarear as idéias. Enquanto passava pela última sala do corredor, antes de chegar ao toalete, ele avistou Mohammed Sariya sentado sozinho a uma mesa, almoçando. Sentindo uma pontada de culpa pelo seu comportamento anterior, reduziu o passo e colocou a cabeça para dentro da sala.

— Mohammed?

Sariya o olhou.

— Desculpe-me. Eu não queria tratar você daquele jeito. Eu fui um pouco...

Seu auxiliar acenou com uma rodela de cebola para ele, ignorando o pedido de desculpas. —Já está desculpado.

— Não era nada importante, era?

Sariya mordiscou a cebola.

— Era sobre aquele portal.

Khalifa balançou a cabeça, sem compreender.

— Lembra da imagem de uma entrada que você me deu, o negativo? Aquele que encontrou na casa de campo de Jansen?

Com tantas outras coisas na cabeça, Khalifa tinha esquecido completamente disso.

— Escute, podemos falar disso outra hora, Mohammed? Neste momento, as tumbas estão longe da minha lista de prioridades.

— Com certeza — respondeu Sariya. — Embora fosse o tipo de coisa em que pensei que você poderia estar interessado.

Mais uma vez Khalifa balançou a cabeça. — O que quer dizer?

— Bem, não era um tumba.

— Não era?... o que era, então?

— Uma mina — informou Sariya. — Na Alemanha. Uma mina de sal, para ser mais preciso.

Por um momento Khalifa ficou parado na porta, mas, intrigado e contra a sua vontade, entrou na sala.

— Continue.

Seu assistente enfiou o que restava das cebolas na boca e, curvando-se, pegou uma enorme pasta de cartolina debaixo de sua mesa, tirando uma folha de papel A4 com notas rabiscadas, três fotografias grandes e depois o negativo que Khalifa havia encontrado na casa de Hoth.

— Eu tirei uma cópia impressa de tamanho dez por quinze — começou ele indicando o negativo —, mas não mostrava nada que já não tivesse sido visto. Somente quando eu pedi aos rapazes uma ampliação apropriada é que encontrei algo interessante.

Ele ergueu a primeira das imagens ampliadas. Era a mesma entrada da qual Khalifa se lembrava: escura, ameaçadora, aberta na base de uma parede alta de rocha plana e acinzentada. Agora, no entanto, logo acima do lintel do portal, ele podia perceber algumas letras arranhadas em uma pedra lisa, tão desbotadas, que se tornaram invisíveis no negativo original. Curvou-se para frente, olhando de soslaio para as palavras.

— Glück Auf — leu ele, lutando com a pronúncia.

— Significa boa sorte — explicou Sariya. — É alemão. Eu falei com a embaixada deles.

— E eles puderam identificar a tumba só a partir disso?

— Mina — corrigiu Sariya. — Não, eles não puderam. Trata-se de um tipo de cumprimento tradicional colocado em minas, aparentemente. Usado em toda a Alemanha.

— Então, como...?

— Bem, só por curiosidade, eu pedi aos rapazes da gráfica para darem um close na parte superior da porta e ampliarem a imagem novamente, bem grande, e... — Ele ergueu a impressão seguinte. — Percebe alguma coisa?

Khalifa passou os olhos na imagem. Aparentemente era a mesma coisa da última impressão, exceto pelo que parecia ser um fino ponto branco no topo do canto direito da entrada, logo abaixo do "f' de GLÜCK AUF.

— O que é isso?

— Muito bem! — disse Sariya, com um enorme sorriso. — Ainda faremos de você um detetive.

Ele ergueu a terceira e última fotografia, bem áspera, apenas um pequeno segmento do lintel, a palavra AUF e, abaixo dela, borrada, mas visível, pintada sobre a rocha em uma área menor do que o tamanho de uma moeda, a inscrição SW16.

— A princípio, pensei que fosse uma pichação qualquer — disse ele. — Eu a enviei novamente para a embaixada, simplesmente numa tentativa de que talvez isso fizesse que eles se lembrassem de algo. Eles entraram em contato com algum especialista em minas na Alemanha, e ele finalmente retornou hoje pela manhã. Verificou que se trata, na verdade, de...

— Parte de um sistema de numeração?

— Exatamente. Usado numa cidade chamada... — ele consultou a folha de papel A4 cheia de anotações —... Berchtesgaden. Para identificar as antigas minas de sal. Esta aqui particularmente era uma mina chamada... — mais uma vez ele consultou sua folha —... Berg-Ulmewerk. Abandonada desde o final do século XIX. Eles até me enviaram por fax um mapa e algumas coisas sobre a história do lugar. Muito eficientes esses alemães.

Ele mexeu na pasta de cartolina novamente e tirou um maço de papéis, entregando-o para Khalifa, que se sentou na beira da mesa. Havia algumas páginas escritas em alemão — inúteis, visto que ele não falava aquela língua —, um mapa e também uma foto de uma montanha. Ele não poderia assegurar, mas aquele cume plano e íngreme parecia distintamente com o da pintura a óleo pendurada

no quarto de frente de Hoth. Sentiu um aperto no peito, uma forte descarga de adrenalina.

— Essa cidade, Berder alguma coisa. Onde fica exatamente?

— Berchtesgaden — corrigiu seu auxiliar. — No Sul da Alemanha. Perto da fronteira com a Áustria.

Houve uma pausa muito breve, e então Khalifa se levantou e correu para sua sala. O atlas ainda estava aberto sobre a mesa, e, agarrando-o, começou a correr os olhos de um lado para o outro da página. Levou apenas cinco segundos para encontrar o que queria. Berchtesgaden. A pouco menos de vinte quilômetros de Salzburgo, que possuía o aeroporto mais perto. Pegou o telefone e digitou um número no teclado. Três toques e, então, a voz do delegado Hassani ecoou do outro lado da linha.

— Senhor? Khalifa. Eu preciso de autorização para algumas despesas de viagem.

Ouviu-se um palavrório irritante.

— Creio que um pouco mais longe do que isso, senhor. — Ele mordeu o lábio. — Áustria.

O palavrório de repente ficou ainda mais alto.

Aeroporto Ben-Gurion

A

o pegarem seus passaportes, percorreram os sessenta quilômetros até o aeroporto e dirigiram-se ao terminal de embarque. Os passageiros do vôo para Viena já estavam embarcando. Ben-Roi apresentou seu distintivo policial para passarem pela primeira

revista de segurança no corredor de embarque — a primeira e única vez que Layla conseguiu transpor essa etapa sem submeter-se a intermináveis questionamentos — e foram direto para o balcão de check-in. O segundo controle de segurança, na entrada no saguão de embarque, provou-se mais difícil, e um dos agentes da alfândega insistiu em levar Layla sozinha para um cubículo, a fim de revistá-la, apesar da insistência de Ben-Roi de que ela estava sob a custódia dele e não apresentava riscos. Quando ela foi liberada, o vôo já estava sendo chamado pela última vez.

— Ghabee! — Layla resmungou impacientemente quando sua mochila lhe foi devolvida com o conteúdo todo remexido. — Idiotas!

Colocou a mochila no ombro e virou-se para ir atrás de Ben-Roi, que já estava a caminho do portão de embarque. Enquanto se apressava, avistou uma figura alta, musculosa, logo atrás da cabine de controle de passaporte, meio oculta atrás de uma pilastra, e que parecia olhar diretamente para ela. Seus olhos se encontraram por um brevíssimo instante, e, em seguida, ele se afastou, desaparecendo de sua vista.

Do lado de fora, Avi Steiner atravessou o estacionamento, entrou em um Volvo e sentou-se no banco de trás.

— Eles estão embarcando.

Har-Zion meneou a cabeça. Inclinou-se para a frente e tocou no ombro do motorista. O carro ligou, e eles partiram, passando pelo portão de segurança no final do terminal, atravessando a pista, ultrapassando uma fileira de caminhões de carga até estacionarem ao lado de um hangar em cuja entrada aberta encontrava-se um jato Cessna Citation preto. Quatro outros homens — altos, bem-vestidos, inexpressivos — estavam aguardando por eles ao lado da escada para subir a bordo; cada um deles usava um kipá preto e segurava uma bolsa de canhamaço. Har-Zion e Steiner saíram do carro e, com um silencioso sinal de reconhecimento da presença dos outros homens, desapareceram os seis no interior do jato. A

porta da aeronave se fechou atrás deles, e os motores começaram a trabalhar.

Egito

Khalifa já havia perdido o único vôo que partia do Egito direto para a Áustria; portanto, foi necessário pensar em uma alternativa de itinerário para Salzburgo via alguma outra capital européia. Depois de quase uma hora ao telefone, o melhor que ele conseguiu foi uma rota tortuosa, via Roma e Insbruck, a qual não o faria chegar ao seu destino antes da meia-noite. Até lá Ben-Roi já teria certamente alcançado a mina, feito qualquer coisa que tivesse para fazer ali e partido novamente; por isso ele começava a achar que estaria perdendo seu tempo, que jamais conseguiria alcançar o israelense, quando, por intermédio de uma última ligação, finalmente encontrou do que precisava: um vôo fretado de excursão, de Luxor direto para Munique, partindo às 13hl5. Munique estava a apenas 130 quilômetros via rodovia de Berchtesgaden e, mesmo que isso não fosse a solução ideal, era o melhor que podia fazer naquelas circunstâncias.

Ele apenas teve tempo de ligar para Zenab e avisar que faria uma rápida viagem de negócios — "Nada com o que se preocupar; eu estarei de volta amanhã em torno dessa mesma hora" —, antes de partir para o aeroporto. Foi tão repentina toda aquela situação, que somente quando já se encontrava, de fato, a bordo do avião e as turbinas roncavam pela pista de decolagem é que ocorreu-lhe ser a primeira vez em toda a sua vida que estaria fora de seu Egito natal.

Salzburgo

A terrissaram em Viena às 3h30 e em Salzburgo uma hora depois; tomaram um carro alugado e aceleraram para o sul ao longo da rodovia. Ben-Roi dirigia e Layla lia o mapa. Os Alpes Bávaros se fechavam ao redor deles como um anel de muralhas, precipícios, declives arborizados ascendendo de ambos os lados. Embora as partes mais baixas estivessem livres da neve, mais acima, no nível das florestas de vidoeiros, olmos, freixos e juníperos cediam lugar para fileiras de abestos vermelhos rijamente comprimidos e montanhas de pinheiros; tudo repentinamente se tornou uma faixa nebulosa e branca, e mesmo assim nenhuma palavra foi na realidade emitida. Eles apenas olhavam para cima, em crescente preocupação, receosos de que houvessem percorrido todo aquele trajeto para simplesmente depararem com seu ponto de destino inacessível. No entanto, não havia nada que pudessem fazer sobre isso naquele estágio e seguiram velozmente e em completo silêncio. Logo se afastaram para o lado da rodovia e tomaram a pista auxiliar que dava acesso direto a Berchtesgaden; um rio agitado se estendia à direita; o asfalto úmido parecia uma fita de carretel.

Ben-Roi, Layla observou, continuava olhando furtivamente para o espelho retrovisor, ainda que a rodovia atrás deles estivesse completamente livre de tráfego.

Munique

E

mbora seu vôo tenha aterrissado vinte minutos antes do previsto, Khalifa perdeu todo aquele tempo e mais outro no controle de passaportes, onde mesmo com o seu distintivo de policial egípcio foi necessário esforçar-se para persuadir o funcionário encarregado — uma mulher enorme e carrancuda, com cabelos curtos e os maiores peitos que Khalifa já vira — de que ele não era um imigrante ilegal tentando entrar furtivamente no país para aproveitar seu sistema de seguridade social (o fato de possuir uma passagem em aberto e não falar nada de alemão não ajudava a esclarecer o assunto). Quando ele conseguiu persuadi-la, comprou um mapa, alugou um Polo e tomou o caminho para fora do aeroporto, rumo ao leste pela rodovia. Já estava no começo da noite, os últimos suspiros do dia já se dissipavam rapidamente em um denso crepúsculo sombrio.

Sob outras circunstâncias, ele teria conduzido todo o processo com mais tranqüilidade, concedido tempo a si mesmo para absorver seu novo ambiente. Os pastos suntuosos, as colinas onduladas cobertas por bosques, os belos vilarejos com suas igrejas e domos em forma de cebola e casas limpíssimas com telhados vermelhos — tudo era também tão estranho para ele, tão completamente diferente da vida do deserto causticante que constituía seu mundinho particular. Com Ben-Roi já bem à frente dele, no entanto, não havia tempo para indulgências dessa natureza e nem ele estava com humor para isso. Então, com um rápido olhar ao redor, desviou o carro para o lado mais afastado da rodovia de três pistas, afundou o pé no acelerador tanto quanto possível e rumou em direção ao crepúsculo que se intensificava, ignorando as placas adiante que indicavam que a velocidade permitida era até 130km/h.

Somente uma vez durante o curso de sua jornada ele permitiu que sua determinação brevemente vacilasse. Desviou repentinamente o veículo na direção de um posto Dea para completar o tanque e comprar alguns cigarros. Estava para entrar no carro novamente quando reparou um canteiro de grama do outro lado das bombas, um pequeno amontoado de neve, quase do tamanho de um cobertor de criança, o resíduo prolongado do que deve ter sido originalmente uma camada muito mais extensa. Ele nunca havia visto neve antes,

não neve de verdade, e muito menos tocara nela. Embora ele pudesse ouvir o tique-taque dos segundos dentro de sua cabeça, não podia resistir ao impulso de caminhar até lá e colocar a mão na superfície de gelo sobre o canteiro, tocando-a por um momento como se mimasse um animal estranho antes de correr de volta para o carro e sair cantando pneus ao retomar seu caminho.

"Espere até eu contar para Zenab", ele pensou, a palma da mão ainda formigando. "Ela não vai acreditar. Neve! Allah-u-akhbarr

Berchtesgaden

Eles interromperam a viagem parando em uma pequena loja de ferragens na rodovia a aproximadamente cinco quilômetros de Berchtesgaden para comprar lanternas e roupas de inverno; em seguida, viraram numa saída à esquerda da estrada principal e começaram a subir as colinas. Embora estivesse escuro naquele momento, o céu ainda se mostrava limpo, salpicado aqui e ali pelas primeiras estrelas da noite e com a lua cheia, cor de gelo, que banhava tudo ao redor deles com uma tênue luminescência prateada, como se a paisagem tivesse sido moldada em estanho. Esparsamente, uma confusão de luzes cintilantes marcava vilas isoladas e fazendas, enquanto nas planícies atrás os faróis de outros veículos avançavam pelo caminho através da escuridão ao longo da estrada Berchtesgaden-Salzburgo. No entanto, na estrada em que estavam não encontraram nenhum outro carro, e, uma vez que tinham passado pela vila de Oberau, repleta de casas alpinas de telhados nas cores vermelho e verde, como um pano de retalhos, as luzes das casas também já haviam desaparecido, deixando o mundo silencioso, vazio e calmo, destituído de traços da humanidade, exceto pela rodovia propriamente dita, e, a cada quilômetro ou mais, pelas enormes placas sinalizadoras indicando

que estavam prosseguindo por um lugar chamado Rossfeld-Hohen-Ringstrasse.

— Você tem certeza de que este é o caminho certo? — perguntou Ben-Roi, acionando o farol alto.

Layla assentiu, mantendo um dedo no mapa. — Ele dá voltas debaixo do Hoher Goll e então continua a descer outra vez para Berchtesgaden. De acordo com o livro de Schlegel, o trajeto até a mina começa passando justamente pelo seu ponto mais elevado. Nós precisamos procurar algum tipo de construção em ruínas.

O israelense grunhiu, lançando mais um olhar no espelho retrovisor; ele pisou levemente no freio, virou repentinamente em uma curva fechada e acelerou outra vez; ouvia-se o ruído da fricção dos pneus e da carroceria do carro; os faróis descobriam os buracos na penumbra envolvente.

Naquele ponto eles já se encontravam bem acima da linha da neve. Tudo em torno deles afundava sob um cobertor imaculadamente branco: neve sobre a terra, neve sobre as árvores, neve depositada sobre os altos rochedos, por todos os lados. Entretanto, a estrada propriamente dita estava limpa, e eles puderam continuar subindo sem obstáculos, seguindo para a frente e para trás através de uma sucessão de curvas fechadas, subindo cada vez mais alto. A elevação e a face em forma de penhasco do Hoher Goll surgiam indistintamente cada vez mais ameaçadoras na frente deles, até que finalmente começaram a tomar um caminho nivelado e a rodovia ficou mais plana por cerca de um quilômetro, passando por densas florestas de pinheiros antes de reiniciar a descida novamente. Enquanto isso, logo adiante, no topo de uma curva longa e ampla, os faróis do carro distinguiram as ruínas de uma pequena construção situada numa clareira à esquerda da estrada; paredes de pedra em ruínas abraçavam o cobertor espesso de neve. Enquanto subiam até lá e reduziam a velocidade, Layla indicou uma pequena placa de madeira na estrada com uma seta amarela que apontava para as árvores acima. — É esta a Trilha do Hoher Goll — disse ela.

Encostaram o veículo e saíram. Por um breve momento ficaram ali, parados, observando os arredores; o silêncio os envolvia, e uma fumaça gelada saía de suas bocas; então, sem mais nada a acrescentar, colocaram botas e luvas, acenderam as lanternas e entraram na floresta, seguindo o que seria presumivelmente, em tempos de calor, algum tipo de caminho ou trilha, mas agora era apenas um trecho escorregadio de neve curvando-se gentilmente através da densa fileira de pinheiros.

Durante as primeiras centenas de metros, a caminhada não foi muito difícil, pois a trilha se inclinava sutilmente; seus pés afundavam na neve numa profundidade que atingia a altura de seus tornozelos. Gradualmente, entretanto, o declive começou a tornar-se mais intenso, e a neve mais profunda, alcançando primeiro as panturrilhas, e então os joelhos, e depois, em alguns lugares, as coxas, acarretando a lentidão do progresso do percurso além do incômodo e da exaustão. Estava intensamente frio e, com a quantidade de troncos de árvores que se aglomeravam ao redor, o caminho ficava ainda mais confuso, fazendo com que parassem com muito mais freqüência para se certificarem de que ainda estavam na trilha certa, a qual se recusava a manter uma linha reta e, sobretudo, se retorcia precisamente para a frente e para trás, como se tentasse deliberadamente livrar-se deles. Não fosse pelos sinais amarelos das placas instaladas em intervalos regulares nos troncos das árvores ao longo do trajeto e pelo fato de saberem que, fosse lá o que ainda estivessem para fazer, precisavam continuar subindo, já teriam perdido a noção de para onde deveriam prosseguir.

No livro de Isaac Schlegel estava escrito que eles levariam cerca de trinta minutos para escalar até a mina. Nas condições em que se encontravam foi necessária quase uma hora e meia para finalmente sentirem o chão começar a se aplanar, como se estivessem emergindo de um túnel; então, cambalearam em direção a uma ampla clareira aos pés de uma parede de rochas negras. Seus corpos da cintura para baixo estavam cobertos por uma crosta de neve.

— Graças a Deus — disse Layla, ofegante, buscando ar.

Ao lado dela, Ben-Roi retirou o cantil do bolso e entre tossidas tomou uma série de longos e profundos goles.

Eles se permitiram descansar alguns minutos e então, ainda lutando para recuperar o fôlego, prosseguiram mais alguns passos, erguendo suas lanternas, lançando os fachos de luz de um lado para o outro ao longo da face da rocha à frente deles, até que avistaram a entrada da mina — um retângulo sombrio em cuja boca haviam sido cravadas ripas de madeira, a fim de impedir a entrada de estranhos. Trocaram um breve olhar, incapazes de descobrir algo mais sobre a expressão revelada em suas faces por trás do véu de fumaça que saía de suas bocas; então começaram a caminhar pela clareira, dando voltas através de montes de rochas e resíduos de minérios cobertos por neve até alcançarem a mina.

Três chutes não muito fortes e um pouco de esforço foram suficientes para desmantelar a frágil barricada colocada na porta de entrada, revelando um corredor úmido e ameaçador que se estendia para os fundos do declive; o teto era sustentado em intervalos regulares por pilares de madeira, suas margens estreitas, obstruídas por uma escuridão tão intensa, que Layla sentiu que poderia estender o braço e cavar um grande pedaço de madeira com sua própria mão. Por um breve e angustiante momento, ela se deparou recordando seus pesadelos recorrentes — a cela subterrânea, o animal pegajoso, a mesma escuridão medonha envolvente —, até que voltou ao presente pelo som dos passos de Ben-Roi seguindo adiante, rumo ao interior da mina. Ela o seguiu, as paredes pareciam pressioná-la, e o coração batia forte, continuando por quase dez metros até que o israelense de malares protuberantes bloqueou toda a visão do corredor.

— Merda!

— O quê?

— Puta merda!

Ela surgiu ao lado dele, o facho de luz de sua lanterna misturado com o dele formava um único facho de luz na escuridão adiante. Quarenta metros depois da entrada, o corredor chegou a um abrupto fim, bloqueado pela parede maciça de rochas tombadas onde o teto da mina havia desmoronado.

— Merda! — xingou Ben-Roi.

Berchtesgaden

Khalifa chegou a Berchtesgaden pelo norte, através da rodovia que vinha de Bad Reichenhall; o interior do Polo, naquele momento, cheirava a fumaça de cigarro, e o cinzeiro do compartimento do carro transbordava com a quantidade de pontas esmagadas. Estacionou na frente da estação de trem da cidade para consultar seu mapa, partindo logo em seguida, sem deixar de lançar um breve olhar zombeteiro para um grupo de homens caminhando do lado oposto da rua vestidos com short de couro — "Meu Deus, nesse frio!" — antes de rumar para a pista novamente, passando pelo rio Berchtesgadener Ache e subindo para fora do perímetro urbano em direção às montanhas.

De acordo com o mapa que os alemães haviam transmitido por fax para Sariya, o acesso à mina Berg-Ulmewerk se dava por um caminho ou trilha que conduzia para cima a partir de Rossfeld-Hohen-Ringstrasse, a rodovia que ele percorria naquele momento. No entanto, onde esse caminho precisamente começava, ou se estava indicado em algum local, não ficou muito claro tanto no mapa enviado por fax como naquele que ele havia comprado no aeroporto. E, quanto mais Khalifa subia e quanto mais profunda a neve se tornava e mais densa a floresta, mais preocupado ficava, pensando que, se não aparecesse alguma placa enorme sinalizando

A MINA É POR AQUI, ele nunca seria capaz de localizar o maldito lugar.

Ele estava, na realidade, começando a se perguntar se talvez não fosse melhor dar meia-volta e dirigir-se para a cidade mais próxima, a fim de perguntar por indicações mais detalhadas, quando, ao sair de uma curva, no que parecia ser quase o ponto mais alto da rodovia, seus faróis iluminaram a face de uma construção de pedras em ruínas situada numa clareira à direita. Afastado dali, um carro estava estacionado no acostamento da rodovia, com uma trilha de passos deixando rastros desordenados rumo à floresta acima. Ben-Roi. Só podia ser. Ele parou, desligou o motor e saiu.

Se Khalifa achava que estava frio lá embaixo, no sopé, aquilo não era nada comparado com a penosa atmosfera gélida que agora o envolvia; o vento frio da imponente montanha parecia rasgar suas roupas, e isso o fazia sentir-se como se estivesse despido dentro de um freezer gigante. Por um momento, aquela sensação literalmente roubou seu fôlego, como se recebesse um soco no estômago, e, mesmo quando se restabeleceu suficientemente para colocar um cigarro na boca e acendê-lo, seus dentes batiam tanto, que precisou se esforçar para tragar a fumaça.

Bateu os pés por um tempo, forçando qualquer sensação de calor em seu corpo e então, inclinando-se no banco traseiro do Polo e recolhendo alguns papéis e colocando-os no bolso de sua jaqueta — mapas, formulário do aluguel do carro e até mesmo o manual do veículo —, bateu a porta, trancou o carro e saiu para a floresta. Seus sapatos chiavam sobre a neve; os pinheiros se fechavam ao seu redor como as barras de uma enorme cela.

Ben-Roi e Layla conseguiram remover algumas pedras menores do teto desmoronado, na vã esperança de que aquilo pudesse ser um desabamento à-toa e que de alguma forma eles poderiam prosseguir além da entrada da mina. Sem chance. Atrás das pedras menores havia pedras maiores, bem maiores, pedras enormes.

Seria necessário um imenso esforço para tentar removê-las com a ajuda de dez pessoas e com o equipamento apropriado, e somente os dois e sem nada mais para utilizar, além das próprias mãos, aquilo seria uma causa perdida. Analisaram o local por trinta minutos; suas lanternas oscilavam precariamente sobre um antigo balde caído no chão, e então desistiram.

— Desperdício de tempo — disse Layla, ofegante; sua face revelava gotas de suor, apesar do frio. — Não dá pra atravessarmos. Não tem jeito.

Ben-Roi ficou calado c apenas se encostou na parede, respirando com dificuldade. Em seguida, resmungando "Merda", apanhou sua lanterna e retomou bruscamente o caminho ao longo do corredor, rumo ao retângulo sombrio e acinzentado da entrada da mina. Layla permaneceu ali por um momento e depois avançou e apanhou a outra lanterna. Enquanto isso, os feixes de luz giraram momentaneamente pelo chão, revelando o que parecia um discreto encaixe na pedra sob seus pés, nada mais do que alguns poucos centímetros, e dificilmente visível sob a poeira com a qual o piso estava coberto. Ela apontou o feixe de luz para baixo, franzindo a testa, e então se abaixou, segurando a lanterna com uma das mãos, e esfregou o chão com a outra. O encaixe ficou mais visível, e outros apareceram também. Ela o esfregou com mais avidez. Parecia que se estendiam em linhas paralelas; uma seguia a direção do corredor desde a entrada até o desmoronamento de pedras, e a outra se curvava no ponto onde eles estavam agachados e se estendia para dentro da parede entre dois pilares de madeira do teto.

— Olhe isso — gritou ela, ainda raspando o chão. Ben-Roi já estava quase na entrada da mina. Ele parou e se virou.

— Havia um trilho aqui — gritou ela. — No chão. Ele corria para dentro da mina. Então, bem aqui, tem outra ramificação.

O israelense hesitou e depois se aproximou do corredor onde ela se encontrava agachada; os feixes de luz de ambas as lanternas se

encontraram e iluminaram os encaixes paralelos, curvando-se a partir do eixo principal do túnel. Ele olhou para eles e retrocedeu um passo, correndo o feixe de luz pela área da parede na qual os encaixes desapareciam. Layla fez o mesmo. Embora estivesse muito suja e irregular, agora que olhavam mais de perto podiam ver que aquela seção de rocha em particular tinha uma tonalidade mais clara do que as restantes situadas no corredor e possuía uma textura vagamente diferente também. Ben-Roi foi até lá, passou a mão pela superfície e bateu com o punho na pedra.

— É concreto! — ele murmurou. — Havia uma abertura aqui. Alguém bloqueou a passagem, tentando camuflar o restante do túnel.

— Você acha que...?

Ele não respondeu e apenas golpeou novamente, mais forte. Layla não tinha certeza, mas achava que havia percebido um som oco. Havia uma velha picareta no chão, próximo dali, e, fazendo uso dela, ela golpeou a parede. Mais uma vez, ouviu-se o som oco, mais alto agora. Eles se olharam, e então Ben-Roi pegou a picareta, entregou para ela sua lanterna e começou a bater. Uma, duas, três pancadas, e uma pequena rachadura se abriu. Ele acomodou-se melhor, tomou mais espaço para movimentar-se e partiu para o ataque. A rachadura aumentou e se estendeu, fendas ramificadas irrompiam dali como os raios de uma roda, o som oco se intensificava cada vez mais a cada golpe, até que finalmente uma pesada placa de concreto se desprendeu e caiu no chão, revelando um trecho de parede de tijolos logo atrás. Sobre ela, em tinta branca, estavam pintadas as palavras MKIN EHRE...

— Heisst Treue — sussurrou Layla, completando a inscrição; a última parte da qual ainda permanecia sob a primeira parte do reboco do concreto. Então ela olhou para Ben-Roi. — O lema da SS.

— Hoth, seu filho-da-puta traiçoeiro — murmurou ele. — Seu nazista maldito e traiçoeiro!

Ben-Roi bateu a mão contra os blocos para verificar a solidez e, então, usando a ponta da picareta, começou a golpear ao redor deles, soltando a quantidade de massa espessa de cimento que os mantinha de pé. Eles se soltaram facilmente, desintegrando-se, quase no momento em que a picareta moveu-se contra eles. Em um minuto, Ben-Roi já havia liberado a rocha dos blocos adjacentes. Largou a picareta e chutou a parede. O bloco tremeu, mas permaneceu no lugar. Ele a chutou novamente, colocando toda a sua força no chute, e finalmente ele se fragmentou, despencando para trás e desaparecendo com uma pancada surda como uma rolha estourando de uma garrafa, deixando visível uma cavidade escura e retangular. Pegou sua lanterna de volta das mãos de Layla e, inclinando-se para a frente, iluminou o buraco.

— Oy vey!

— O que você está vendo?

— Oy vey!

— O que é?

Ben-Roi se afastou, permitindo que Layla tomasse seu lugar. Ela ergueu a lanterna e colocou o rosto na cavidade para perscrutar a escuridão adiante; o vapor de sua respiração girava e se curvava sob o feixe de luz. Um outro túnel se estendia diante dela, mais estreito do que o corredor principal e em ângulo reto. Alinhado ao longo das paredes, aparecendo de forma indistinta sob o feixe de luz, antes de novamente recuar para dentro da escuridão enquanto ela inclinava de um lado para outro, havia dezenas e dezenas de caixas e caixotes, alguns de madeira e outros de metal, uns grandes, outros pequenos, a maioria, pelo que ela podia ver, com a insígnia da SS e a suástica.

— Deus Todo-Poderoso — sussurrou ela.

Ela observou aquele cenário por trinta segundos, paralisada, e então, repentinamente desconfortável por estar de costas para Ben-

Roi, virou-se novamente. O israelense estava de pé bem atrás dela, as mãos segurando uma rústica talhadeira de ferro que ele deve ter achado enquanto ela observava a cavidade. Por um instante ficou tensa, pensando que ele estava pronto para atacá-la. Mas ele simplesmente lhe entregou a talhadeira e, curvando-se para a frente, pegou a picareta onde ele a havia deixado cair.

— Vamos acabar logo com isso — vociferou ele.

Levou menos de cinco minutos para conseguir ampliar a abertura. Assim que fizeram um buraco grande o suficiente, deixaram as ferramentas de lado e, Ben-Roi entrando primeiro, atravessaram para o outro lado do túnel; a respiração irregular de ambos parecia preencher todo o corredor como se estivessem no interior de um enorme pulmão.

Moveram as lanternas de um lado para outro, tentando perceber a extensão do corredor, e então caminharam até as caixas mais próximas e se agacharam diante de uma delas. Era uma caixa quadrada de metal, com uma tampa com dobradiça, na qual um crânio e ossos cruzados haviam sidos desenhados em preto. Ben-Roi mexeu nos ferrolhos e a abriu.

— Chara! — gritou ele. — Merda!

Dentro, embalados com papel parafinado como o dos queijos, havia dezenas de explosivos plásticos. Eles se olharam receosos e, em seguida, passaram para a caixa seguinte, de madeira e retangular. Havia um pé-de-cabra em cima dela, que Ben-Roi pegou para abrir a tampa. Afastando uma camada de palha, vislumbrou um jogo de lustrosos rifles Mauser estocados. Um compartimento no fundo do caixote estava cheio de munição.

— É um arsenal — murmurou Layla. — É um arsenal e tanto. — Ele ergueu um dos rifles e o examinou — parecia em perfeitas condições de uso, sem qualquer dano depois de sessenta anos guardado na escuridão da mina — e em seguida o devolveu à caixa, e começaram a caminhar para dentro do túnel, parando a cada

poucos metros para abrir outros caixotes. A maioria continha armas e equipamentos de demolição. Havia outras coisas também. Uma caixa estava abarrotada com centenas de cruzes de ferro, outra com pacotes adequadamente embalados contendo cédulas, uma outra com garrafas de vinho empoeiradas. Uma pequena caixa plana inclinada contra a parede a quase vinte metros dentro do túnel continha uma etiqueta de identificação na qual estava rabiscado "1 Vermeer, 1 Breughel, o Velho, 2 Rembrandt".

— Deus do céu! — Layla continuou murmurando para si mesma. — Deus do céu!

Apesar de toda a coleção ser espetacular, eles não encontraram nem sinal da Menorá. Por isso, simplesmente continuaram a avançar pelo corredor, percorrendo uma distância cada vez maior para dentro da montanha, até que por fim, depois de cerca de cinqüenta metros, perceberam que bem adiante deles o túnel parecia se ampliar; a cavidade era de uma escuridão ainda mais impenetrável do que aquela com a qual se depararam quando haviam chegado. Moveram suas lanternas de um lado para outro, tentando ver o que havia no local, e então prosseguiram, percorrendo mais vinte metros até que as paredes do túnel repentinamente desapareceram, e eles então se encontraram na beira extensa e plana de um rochedo, olhando para o completo vazio.

— É uma caverna — disse Layla, sussurrando.

Avançaram até a beira, onde havia um tipo rudimentar de elevador que dava acesso ao subsolo da caverna — uma plataforma retangular de madeira com um corrimão em cada extremidade, suspenso em dois trilhos verticais fixados na rocha. Eles o testaram com os pés, cautelosamente, assegurando-se de que a madeira não estava podre; depois entraram nele e iluminaram o vazio com suas Maglites.

Com tudo mergulhado na escuridão, era impossível perceber apropriadamente as dimensões da caverna. No entanto, mesmo

considerando que a iluminação das lanternas já vinha diminuindo desde o momento em que golpearam o teto, que praticamente se extinguiu antes mesmo de eles serem capazes de distinguir a parede do outro lado, puderam perceber que era grande. Muito grande. Abaixo — dez, quinze metros — eles ainda eram capazes de identificar mais caixas. Muitas outras caixas.

— Quantas dessas bostas ainda existem por aqui? — murmurou Ben-Roi. Eles giraram as Maglites ao redor por quase um minuto, tentando visualizar o que havia em volta deles, e depois começaram a procurar uma maneira de fazer o elevador funcionar. Havia um painel de controle aparafusado em um dos corrimãos com um enorme circuito de cabos elétricos pendendo do lado inferior e uma alavanca na parte frontal. Ben-Roi acionou a alavanca. Nada.

— Sem energia elétrica — disse ele.

Ben-Roi colocou o pé-de-cabra que ainda estava segurando no chão e inclinou-se sobre o trilho, iluminando a duras penas a escuridão abaixo, tentando localizar o painel de força. Havia mais cabos enrolados no chão da caverna, alguns serpenteando entre as caixas, e um deles — o mais espesso — estendia-se para cima da face da rocha, ao lado do elevador. Ele o seguiu com o feixe de luz, rastreando-o pela beira da caverna, através da galeria de pedra e por uma entrada baixa a poucos metros à esquerda da abertura do túnel. Eles se aproximaram e se abaixaram em uma pequena reentrância na rocha onde o cabo era alimentado por um enorme gerador; uma manivela rústica estava pendurada na lateral como um braço atrofiado.

— Você acha que ainda funciona? — perguntou Layla. — Depois de todo esse tempo?

Ele agarrou a manivela com ambas as mãos e a puxou, girando-a pela metade. Nada. Ele tentou novamente. Nada ainda. Então, balançando os ombros, agachou para propiciar mais força em seu impulso e se ergueu. O gerador deixou escapar um pequeno ruído, a estrutura começando a tremer levemente.

— Vamos lá — sussurrou Layla.

Ben-Roi empurrou a manivela novamente, e outra vez, e mais uma vez, e cada tentativa produzia um barulho mais alto e prolongado, até que finalmente, na nona tentativa, a máquina repentinamente voltou a funcionar: uma explosão brilhante de luzes inundou a caverna atrás deles. Correram de volta para a saliência do rochedo.

— Minha nossa! — disse Layla, ofegante.

Como já haviam observado, eles se encontravam sob uma galeria natural no final de uma vasta caverna, como um hangar, com trinta metros de altura, quarenta de largura e setenta de comprimento; o teto e as paredes estavam desgastados,= com faixas onduladas de rocha alaranjada e acinzentada. Entretanto, não foi a caverna em si que os deixou de boca aberta, mas o seu conteúdo, pois, se no túnel havia dezenas de caixas e caixotes, ali — iluminadas pelo clarão gélido de oito arcos de lâmpadas gigantes — havia centenas delas, série após série, fileira após fileira, pilha após pilha, divididas em blocos arrumados por estreitas passagens gradeadas que estavam obstruídas com um emaranhado de objetos misturados e em plena desordem — estatuetas, armas, quadros, barris de óleo e até mesmo um par de motocicletas velhas. Suspensa no teto, no fundo da caverna, cobrindo quase toda a parede, encontrava-se uma enorme bandeira — em vermelho, branco e preto, com os braços recurvados da suástica no centro.

— Minha nossa! — repetiu Layla.

Avançaram até a plataforma do elevador novamente; o gerador sacudia e roncava atrás deles; as Maglites estavam precariamente acesas em suas mãos.

— Nós nunca a iremos encontrar — murmurou ela. — É impossível. Vai levar dias, semanas.

Ben-Roi não disse nada e apenas correu os olhos de um lado para o outro da caverna. Dez segundos se passaram, e então ele entregou

sua lanterna a Layla, afirmando:

— Não, não vai.

Embaixo deles, estendendo-se pelo comprimento da caverna, do elevador até a parede dos fundos, encontrava-se uma nave central, a única parte do chão que estava razoavelmente desobstruída de objetos entulhados. Na parte mais afastada, depositado solitariamente bem abaixo da bandeira nazista, como se tivesse sido deliberadamente isolado dos outros, estava um único caixote, grande, quadrado, com quase a altura de um homem.

— É aquele — disse ele.

— Sim — sussurrou Layla. — É aquele.

Olhavam atentamente para a peça; pegando o pé-de-cabra novamente, Ben-Roi acionou a alavanca de controle do elevador. Ouviu-se um clique alto, e, com um tremor e uma forte vibração, a plataforma de madeira lentamente começou a descer, movendo-se ruidosamente para baixo, até parar com um solavanco, a poucos centímetros do piso da caverna. Saíram e começaram a andar; seus pés se arrastaram silenciosos pela pedra plana; as pilhas de caixotes se erguiam como paredes de ambos os lados; a caverna de alguma maneira parecia ainda mais extensa e imponente agora que a observavam pelo nível do chão. Quase na metade do caminho, o ronco do gerador parou momentaneamente, mergulhando-os na mais completa escuridão por poucos segundos, até que o motor voltou a funcionar, e a caverna foi mais uma vez invadida pela gélida luz. Interromperam o passo, esperando ver se aquilo aconteceria novamente, e então continuaram a caminhada; a bandeira nazista surgia ainda maior diante deles, e o caixote aproximava-se cada vez mais, até que por fim fizeram uma pausa a alguns metros do objeto; a respiração de ambos estava ofegante e irregular; em suas frontes reluziam as gotas de suor. Ben-Roi entregou o pé-de-cabra para Layla.

— Concederei o privilégio à dama.

Ela hesitou, reparando como as pupilas dele haviam subitamente se dilatado, percebendo que, fosse lá o que ele estivesse tramando naqueles últimos dias, o desenlace já estava rapidamente se aproximando. Em seguida, pegando o pé-de-cabra e colocando sua lanterna de lado, ela caminhou até o caixote.

— A hora da verdade — disse ela, forçando um sorriso nervoso em seu rosto.

— Com certeza — sussurrou Ben-Roi.

O lado esquerdo do caixote estava avariado, a madeira rachara e estava lascada. Rodeando o caixote, Layla colocou a ponta do pé-de-cabra dentro do vão e começou a fazer força para retirar a tampa. Estava firmemente fixada por pregos, e ela precisou se esforçar para conseguir removê-la. Ben-Roi permaneceu observando.

— Galia — disse ele depois de um tempo.

— O quê?

— O nome dela era Galia.

Ela retirou o pé-de-cabra e o reinseriu um pouco mais para dentro do caixote, puxando a tampa para baixo com toda a sua força.

— Nome de quem?

— Na minha sala de estar. A fotografia. Da mulher. Você perguntou quem era. O nome dela era Galia.

Ela olhou para ele. Mas de que raios ele estava falando?

— Certo — disse ela.

— Minha noiva.

— Certo — repetiu ela.

A tampa estava começando a se abrir; os pregos chiavam e rangiam enquanto um a um eram arrancados. Ela foi para um dos lados do caixote e depois para a frente, ficando assim de costas para Ben-Roi, puxando-o e erguendo-o. Atrás dela, o israelense começou a lançar a lanterna de uma mão para a outra; os olhos continuavam fixos na nuca de Layla.

— Nós íamos nos casar.

Só restavam apenas alguns pregos agora. Embaixo da tampa, ela podia ver um amontoado de palha amarela.

— No litoral do Mar da Galiléia — continuou ele. — Ao nascer do sol. É lindo nessa hora do dia.

Layla lançou um olhar por cima do ombro — mas pra que ele estava contando aquilo para ela? — e, em seguida, voltou-se para o caixote.

— O que aconteceu? — perguntou ela. — Ela lhe deu um pé na bunda?

Ben-Roi parou de brincar com a lanterna.

— Ela morreu numa explosão.

Layla ficou com os ombros tensos.

— Uma semana antes do casamento. Em Jerusalém. Na Praça Hagar. Al-Mulatham.

Ouviram mais um chiado, e o último dos pregos cedeu; a tampa foi erguida para trás e caiu no chão com um estalo. Ela quase não percebeu. Meu Deus, pensou ela, tudo se trata disso então. Eles mataram a infeliz da noiva dele. E agora...

Atrás de si, ela podia sentir Ben-Roi avançando, erguendo a mão. Com uma furiosa e desesperada descarga de energia ela se moveu, batendo o pé-de-cabra contra ele, tentando afastá-lo, tentando se

proteger. Ele estava preparado para isso, esquivou-se do golpe e, socando a lateral do rosto dela com o cilindro da Maglite, derrubou-a, deixando Layla estatelada no chão.

— Você precisa acreditar em mim — disse ela com a voz entrecortada, atordoada, confusa, sentindo os joelhos dele empurrando suas costas quando ele subiu em cima dela. — Eu não sou...

Ela sentiu sua mochila sendo aberta; a mão dele vasculhava seu interior, e então ele segurou-a abruptamente pelo pescoço, puxando sua cabeça para trás. Ele rosnava como um animal.

— Eu uso Manio, sua árabe vadia assassina! — rebateu ele. — Está entendendo? Eu uso Manio! Agora, onde é que ele está? Anda, fala! Fala ou eu vou quebrar esse seu maldito pescoço!

Por fim, a escalada até a mina não havia sido tão ruim quanto Khalifa havia esperado, embora tivesse sido dura o suficiente, principalmente na última parte, quando o frio realmente começou a enrijecer suas mãos e pés. Entretanto, como Ben-Roi e Layla já haviam forçado o caminho através do monte de neve, a caminhada foi mais fácil do que teria sido em outras circunstâncias, e, parando a cada cem metros ou mais para atear fogo em algum dos papéis que ele havia levado e esfregando freneticamente suas mãos sobre a efêmera fogueira de mapas, folhas de fax e páginas de seu livro de anotações, ele conseguia — já que ficava apropriadamente aquecido — pelo menos evitar morrer congelado

No topo, na extremidade da floresta, ele parou por um momento para se localizar, o mundo silenciosamente alheio ao esforço de sua respiração e do suave estalido de gravetos congelados; então prosseguiu em direção à mina. Enquanto subia, tomando o caminho através da clareira, conseguiu reconhecer um outro som, vago, um tipo de som mecânico, tão suave, que era quase inaudível, mas que se intensificava conforme o progresso de sua escalada. Até alcançar

a entrada da mina, ficou claro o que era: o distante, mas inconfundível, ronco do motor de um gerador.

Khalifa entrou no corredor e parou, ouvindo. O barulho vinha definitivamente lá de dentro, embora o local exato ele não soubesse dizer. Estendeu o pescoço para a frente, perscrutando na escuridão, mas, exceto pela pequena seção de paredes bem à frente dele, que estavam vagamente visíveis pelo brilho da lua, ele não conseguia enxergar mais nada, apenas a escuridão aveludada e impenetrável. Acendeu seu isqueiro, segurando-o no alto, e começou a se arrastar pelo caminho ao longo do corredor. O ruído surdo do gerador ficava mais intenso a cada passo, e as batidas de seu coração, mais violentas.

Ele andou uns vinte metros e depois parou. Havia algo adiante, vagamente visível, um tipo de penumbra, uma neblina fantasmagórica erguendo-se no ar contra a parede do lado direito do túnel, como uma luz espectral. Esfregou os olhos, pensando que talvez estivesse imaginando coisas, e prosseguiu novamente; a neblina parecia expandir-se e turvar-se quanto mais ele se aproximava, até perceber que não se tratava de uma aparição sobrenatural, mas um halo débil de luz que emergia de uma abertura na parede do lado direito do corredor. Ele foi até lá e, curvando-se, olhou o que havia do outro lado do túnel.

— Allah-u-akhbar! — espantou-se, percebendo as sombras de fileiras de caixas e caixotes e a caverna totalmente iluminada no final do túnel. Khalifa continuou a subir. Enquanto prosseguia, ouviu uma mulher gritando. Endireitou-se, ouvindo — sim, tratava-se definitivamente de um grito —, e então apressou o passo. Dois metros adiante, encontrou um caixote aberto com rifles Mauser, os mesmos que ele havia utilizado na escola de treinamento da polícia. Pegou um deles e o examinou; depois recarregou a arma com o pente de munição, enfiou alguns pentes de reserva em seu bolso e continuou caminhando; a penumbra no fim do túnel ficava cada vez mais clara, o ronco do gerador mais alto e, finalmente, piscando, ele emergiu na ampla base de pedra na qual Layla e Ben-Roi se encontravam havia quinze minutos.

Naquele mesmo instante o gerador parou pela segunda vez; a luz da caverna piscava e falhava de modo que seus olhos mal tiveram tempo de perceber o teto arqueado, a quantidade de caixas e caixotes e a gigantesca bandeira nazista pendendo da parede dos fundos, antes de mergulhar em uma vertiginosa escuridão. Congelou, paralisado de medo, desorientado, permanecendo daquele jeito pelo que parecia uma eternidade, mas que durou apenas alguns segundos, antes de o motor, de alguma maneira, voltar à vida novamente. Tão rápido quanto invadiu a caverna, a escuridão desapareceu e deu lugar a uma brilhante explosão de luz. Ele atravessou o lugar até a borda da galeria, ajoelhou-se e, erguendo o rifle, mirou-o de um lado para outro em direção a um amontoado de caixotes no piso abaixo.

— Ben-Roi!

Sem resposta.

— Ben-Roi! Você está aí?

Ainda sem resposta. E ele estava para gritar pela terceira vez quando, como o rosnado de um lobo irrompendo de uma moita, a voz do israelense repentinamente trovejou do piso abaixo:

— Khalifa, seu estúpido idiota! O que é que você está fazendo aqui?

Houve um movimento num trecho do caminho abaixo da galeria, e Ben-Roi surgiu dentre dois caixotes, segurando uma submetralhadora Schmeisser com uma das mãos, a outra agarrando o colarinho da jaqueta de Layla. Ele a arrastou até o meio da nave central, empurrou-a até ela ficar de joelhos. Havia manchas de sangue ao redor de seu nariz e um leve hematoma roxo na maçã da face esquerda, como uma marca de nascença.

"Seu animal", pensou alto Khalifa. "Seu judeu imundo, animal."

Ele destravou o rifle e mirou ao longo do cano da arma.

— Solte a arma, Ben-Roi!

A boca do israelense estava torcida, olhos arregalados, salientes, vermelhos. Ele parecia enlouquecido, demente.

— Me ouça, Khalifa!

— Eu era o melhor atirador do meu grupo e estou mirando bem no meio dos seus olhos — gritou o egípcio, com o dedo firme no gatilho. — Solte a arma agora!

— Me ouça, seu completo imbecil!

— Solte a arma!

— Ele está vindo! Tá entendendo? Al-Mulatham. Ele está vindo para cá. Por causa da Menorá! Layla trabalha para ele. Ela trabalha para ele.

Na frente dele, Layla olhava para Khalifa; seus olhos estavam frenéticos, suplicantes. Ela balançou debilmente a cabeça e moveu os lábios, emitindo a palavra la — não. Khalifa mudou rapidamente de posição, tentando manter o rifle equilibrado apesar das mãos trêmulas.

— Eu não vou falar mais uma vez, Ben-Roi. Solte a arma e afaste-se!

— Pelo amor de Deus, Khalifa — vociferou o israelense. — Ela já admitiu. Ela trabalha para ele. Ele está vindo. Ele matou minha Galia e agora está vindo pra cá!

O volume da voz dele se intensificou de tal maneira que de onde estava parecia um grito estridente. Ele está bastante estressado, percebeu Khalifa. Está tendo alguma espécie de ataque.

— Solte a arma e poderemos conversar — gritou ele.

— Não há tempo, seu estúpido! Ele está chegando! Al-Mulatham está chegando.

Ben-Roi agarrou um punhado do cabelo de Layla, forçando a arma contra a parte de trás da cabeça dela.

— Conte a ele! — gritou Ben-Roi. — Diga a ele o que você me contou!

— Solte a moça, Ben-Roi!

— Conte a ele, sua vagabunda!

— Ben-Roi!

— Como você recrutava os homens-bomba! Como todo aquele seu artigo era uma mentira! Conte a ele, sua árabe vagabunda, assassina!

O israelense a sacudia como uma boneca de pano, puxando a cabeça dela para frente e para trás.

— Por favor! — ela gritou.

Khalifa firmou o dedo no gatilho, ficando quase a ponto de atirar. Gritou mais uma advertência e então, quando o israelense não mostrou sinal de que recuaria, atirou, mirando no chão logo à esquerda dele. A bala ricocheteou em uma pedra, depois na parede no fundo e para dentro dos caixotes. Ben-Roi ficou paralisado, sua respiração mais curta, tomando fôlego desesperadamente, seus olhos insanamente vermelhos. Por um breve momento, ele permaneceu onde estava e então, com um rosnado de fúria impotente, soltou o cabelo de Layla e recuou um passo, segurando com insana firmeza a metralhadora. Khalifa recarregou sua arma. Layla caiu bruscamente no chão.

— Graças a Deus — disse ela, tossindo e colocando as mãos na cabeça, tremendo. Tomou fôlego e, depois, olhou para Khalifa. — Ele está trabalhando para Har-Zion — falou com a voz entrecortada. — Os Guerreiros de Davi. Eles sabem sobre a Menorá. Eles estão nos seguindo.

O israelense deixou escapar uma gargalhada, seus olhos movendo-se frenéticos de Khalifa para Layla e de volta para Khalifa.

— É mentira! — ele rebateu. — Ela está blefando pra você!

— É verdade! Eu os vi. Em Jerusalém, no aeroporto. Ele tem fornecido informações para eles todo esse tempo.

— Ela está mentindo, Khalifa! É pura mentira dela!

— Ele está enganando a gente — disse ela, cambaleando até ficar de pé, protegendo-se ao lado de um caixote. — Você, eu, todo

mundo. Ele é Chayalei David. Eles estão vindo por causa da Lâmpada. E eles vão começar uma maldita guerra.

— Não acredite nela!

— Nós temos que tirar isso daqui. Antes que seja tarde demais.

— Sua árabe mentirosa...

Ele deu um passo na direção dela, erguendo a Schmeisser. Khalifa atirou novamente, a bala ricocheteou mais uma vez na caverna, até desaparecer entre as pilhas de caixotes.

— É o último aviso, Ben-Roi! — ele gritou, recarregando a arma. — Solte a arma agora!

— Você não sabe o que está fazendo! — vociferou o israelense, com saliva entre os lábios. — Por favor, Khalifa, você precisa acreditar em mim. Eu a estive observando, seguindo. Ela trabalha para al-Mulatham!

Ele estava começando a falar rápido demais. Com um esforço sobre-humano controlou a si mesmo, tornando mais lento o seu discurso.

— Ouça — disse ele, recuperando o fôlego e tragando o ar; sua voz vacilava por causa do esforço para manter-se equilibrado —, ela escreveu um artigo. Há um ano. Logo depois da morte de Galia. Uma entrevista com al-Mulatham. Ela disse que ele estava usando loção pós-barba Manio. Ela disse que havia reconhecido o cheiro. Mas eu uso Manio, Khalifa, e ela não reconheceu. Eu uso Manio, e ela precisou me perguntar qual tipo de loção pós-barba eu estava usando. Ela não sabia. Ela não sabia mesmo!

Khalifa lançou um olhar confuso para Layla, que ergueu suas sobrancelhas como se quisesse dizer "Eu também não estou entendendo". Ben-Roi percebeu a troca de olhares e sacudiu a cabeça em sinal de frustração.

— Pelo amor de Deus, você precisa perceber! — gritou ele. — Era ficção. Ela criou tudo. A loção pós-barba, o encontro, toda a porcaria do artigo. Ela inventou tudo. Para despistar as pessoas. Para proteger o verdadeiro al-Mulatham. Para proteger o mestre dela.

A voz dele começou a acelerar novamente. Ele lutava para se controlar, erguendo uma das mãos e segurando a Menorá em seu pescoço.

— Eu investiguei essa mulher. Desde a época do artigo. Um ano inteiro. Cada homem-bomba, Khalifa. Cada miserável homem-bomba de al-Mulatham. Ela entrevistou todos eles. Cada um deles. É como ele os recrutava. Através dela. Ela os entrevistava, assegurava-se de que preenchiam os requisitos depois passava o nome deles para frente. E como a coisa toda funciona. Assim é o sistema. Ela está nisso até o pescoço!

— Ele é louco!

— Explique essa porra toda, então! — gritou ele, fitando Layla; seus olhos estavam tão abertos, que parecia que iam explodir. — Explique como é que todos os homens-bomba de al-Mulatham foram entrevistados por você!

— Eu não posso explicar isso! — gritou ela, balançando a cabeça, impotente, sua própria voz agora começando a elevar-se. — Coincidência, eu fui pega numa armadilha... eu não sei! Já passei por tudo isso com o Shin Bet depois que escrevi o artigo.

— Ela está com um rastreador, cacete! — Ben-Roi vasculhou seus bolsos e retirou um objeto pequeno de metal quase do tamanho de uma cigarreira, brandindo-o triunfantemente no ar. — Estava na mochila dela, Khalifa! Ele está nos seguindo. Al-Mulatham. Ele está nos seguindo, cacete!

— Eles colocaram na minha mochila no aeroporto — gritou ela. — Não tem outro jeito de isso ter parado aí.

— Então, como? Como?

— Eu não sei! — ela berrou, erguendo a mão na testa, sentindo-se repentinamente confusa, desorientada. — Alguém deve ter plantado isso em mim. Eu não sei!

— Sua vadia mentirosa, imunda! — vociferou o israelense, sem fazer qualquer outra tentativa para parecer calmo ou racional. — Não acredite numa palavra que ela diz, Khalifa. Tudo isso é uma encenação. Ela trabalha para al-Mulatham. E sempre trabalhou para al-Mulatham. Ela é uma assassina! Ela explodiu a minha Galia!

— Nós todos somos assassinos na visão dele! — ela berrou. — Cada palestino, cada árabe. Al-Mulatham matou sua noiva, e somos todos culpados. E por isso que ele se vendeu para Har-Zion.

— Mentira, sua vadia de merda!

— Eles estão nos seguindo!

— Não acredite nela, Khalifa! Ela é uma imunda, isso sim.

Houve um terceiro tiro, silenciando a todos; a bala desapareceu inofensivamente em um amontoado de lona impermeável; a caverna ecoou a cortante retaliação do rifle. Layla afundou atrás do caixote; Ben-Roi ficou com os braços estendidos, imóvel; ambos olhavam para cima, rumo à plataforma de pedra, atônitos, como réus aguardando o veredicto no tribunal. Khalifa mordeu o lábio, piscou sob o suor que escorria de seus cílios, tentando colocar os pensamentos no lugar. Que Layla tinha razão sobre Ben-Roi ele não tinha dúvidas. Mas, mesmo assim, havia alguma coisa nos olhos do israelense, a maneira como ele advogava o seu caso...

Mohammed Gemal era de quem ele o fazia se recordar, durante o interrogatório de Schlegel todos aqueles anos atrás — a mesma fúria desesperada, os mesmos olhos arregalados protestando inocência. Gemal provou estar dizendo a verdade. Mas Ben-Roi... as palavras de seu pai ecoavam em sua mente: Cuidado com eles, Yusuf, sempre tenha cuidado com os judeus.

Ele piscou mais uma vez; uma nova gota de suor escorreu por suas pálpebras; olhou de Layla para Ben-Roi e de volta para Layla; em seguida preparou o rifle de forma brusca novamente.

— Solte a arma, Ben-Roi.

— Não!

— Solte e fique de joelhos!

— Você não sabe o que está fazendo! Você não sabe o que está fazendo, seu árabe idiota...

Houve um quarto tiro; a bala raspou o chão a menos de um centímetro do pé direito de Ben-Roi. O israelense olhou para baixo e para cima, para os lados, olhos arregalados como grandes bolas de gude, a boca tão contorcida pela fúria, que se tinha a impressão de que toda a parte inferior de sua face iria se romper; então, com um rugido desesperado e impotente de um animal, ele largou a Schmeisser e se ajoelhou. Layla correu até lá para apanhar a arma e recuou, indicando para que ele deitasse de barriga para baixo.

— Essas pessoas, os Guerreiros de Davi — gritou Khalifa. — A quanto tempo eles...

Ele parou, silenciado pelo cano frio de uma arma atrás de seu pescoço.

— Acredito que isso responde à sua pergunta. Agora coloque seu rifle no chão e as mãos para cima.

Por uma fração de segundo, Khalifa pensou em tentar gritar um aviso para Layla. Mas seria uma idéia suicida, que ele ignorou antes mesmo de abrir a boca, colocando o Mauser no chão e cruzando os dedos na nuca. O cano da arma foi retirado, e uma mão áspera puxou seu braço para trás das costas, colocando-o de pé e fazendo com que se voltasse.

Havia seis deles, incluindo aquele que segurava brutalmente seu braço, austeros, inexpressivos, todos eles vestindo casacos de esquiador e, de maneira incongruente, solidéus pretos. Cinco deles estavam armados com Uzis. O sexto, o mais velho, que parecia ser aquele que acabara de falar — um homem troncudo, de feições fortes, com mãos revestidas de luvas e o rosto pálido e barbado —, estava segurando uma pistola Heckler & Koch. Com o pensamento puramente claro que o medo propicia, Khalifa o reconheceu instantaneamente da imagem exibida na revista Time encontrada na sala de estar de Piet Jansen: Baruch Har-Zion.

"Ben-Roi, seu desgraçado", pensou ele. "Seu judeu mentiroso, desgraçado." As palavras eram trocadas numa língua que ele não conseguia compreender, hebraico provavelmente, e enquanto um membro do grupo se moveu para perto da borda da galeria, o homem segurando o braço de Khalifa o puxou ao redor, de modo que ele agora se encontrava olhando para a imensidão de caixotes. Até aquele momento Layla já havia registrado que tinha alguma coisa de errado lá em cima e se encolhera contra um dos caixotes; seu rosto estava pálido, a sua Schmeisser ainda tinha Ben-Roi sob a mira, e ele se encontrava deitado com o rosto no chão. Por um momento, Khalifa preocupou-se com o fato de que os israelenses pudessem começar a atirar, mas então eles simplesmente ficaram olhando para ele, com o rosto imóvel, suas Uzis prontas e posicionadas, enquanto um dos membros — um homem alto, de cabelo em estilo militar, raspado, que parecia o segundo homem no comando depois de Har-Zion — caminhou até a extremidade da galeria de pedra e inclinou-se, observando o elevador abaixo.

Houve mais uma troca de murmúrios, e então, suspendendo a Uzi sobre o ombro, o homem com a cabeça raspada virou-se, agachou-se e, arrastando-se para trás, moveu-se vagarosamente pela beirada da pedra e começou a descer usando um dos trilhos verticais do elevador como escada. Trinta segundos se passaram, e então se ouviu um ruído de maquinado, como se o elevador começasse a subir; o homem era erguido como se estivesse levitando. Quando já estava nivelado com a borda da galeria, ele o

desligou para que, com o assentimento de Har-Zion, todos subissem na plataforma; o braço de Khalifa ainda estava comprimido atrás de suas costas, o cano de uma Uzi pressionada em seu ouvido. Um outro consentimento e eles começaram a descer; o elevador deslizou pelos trilhos com um guizo e um chiado até sacudir no momento da parada lá embaixo.

Sobre a pedra, Ben-Roi tentava erguer a cabeça, olhando ao redor para ver o que estava acontecendo; Layla havia caminhado para o centro da nave e erguia parcialmente a Schmeisser como que para bloquear o caminho. Como eles foram até ela, Khalifa tentou atrair sua atenção, transmitir que ela deveria se manter calma e não agir de maneira estúpida, mas ela só visualizava Har-Zion. Por um momento, os dois ficaram olhando um para o outro, os olhares grudados; os olhos dele, acinzentados como granito e severos; os dela, verde-esmeralda e ferozes, uma leve centelha de desafio em sua expressão. Então, com um aceno, ela entregou a arma para um dos homens de Har-Zion, passou o punho da manga pelo nariz ensangüentado e deu um passo para o lado.

— Você demorou demais, hein!

Foi tão inesperado, que levou um tempo para que Khalifa assimilasse de fato o que ela tinha acabado de dizer. Quando enfim compreendeu, sua boca se abriu devido ao choque. Sobre o chão, com a cabeça curvada em um ângulo incômodo, como se se esforçasse para perscrutá-los sobre o ombro, Ben-Roi, da mesma maneira, não parecia ter registrado imediatamente o que acabara de acontecer; os olhos dele esquivavam-se de um lado para outro; seu semblante girava em um torvelinho de expressões até que, finalmente, se firmaram em uma careta de revoltante incredulidade.

— Oh, Deus — suspirou ele, virando-se e pressionando sua fronte na pedra fria do chão. — Oh, por favor, meu Deus, não.

Por um momento, todos permaneceram imóveis, a cena congelada; então, lentamente, Ben-Roi se ergueu e colocou-se de pé, atordoado, como um boxeador se levantando da lona após um

golpe. Layla recuou, de modo que agora ela se encontrava entre os israelenses; os olhos passavam momentaneamente na direção de Khalifa, um leve rubor surgindo em sua face — ou por vergonha ou por alguma emoção totalmente diferente que o egípcio não conseguia identificar. Ben-Roi não parecia dar mais atenção a ela; o olhar dele estava concentrado agora somente em Har-Zion.

— Os palestinos simplesmente não são tão bonzinhos assim — murmurou ele, a voz entrecortada, devido à enorme fúria. — A forma como a irmandade opera é muito sofisticada para uma célula de renegados palestinos. O ímpeto deve ser externo.

Khalifa ainda tentava ordenar seus pensamentos e descobrir o que estava havendo.

— Eu não compreendo — gaguejou ele, olhando de Ben-Roi para Layla, para Har-Zion e de volta para Ben-Roi. A face deste último estava completamente sem cor; a pele era uma mancha translúcida, branca como alabastro.

— Eu não lhe disse, Khalifa? Ela trabalha para al-Mulatham. Recruta os homens-bomba, escreve aqueles artigos mentirosos sobre ele, simplesmente como eu já havia dito. Só deixei passar uma coisa. — Os punhos de Ben-Roi estavam cerrados, e seus olhos nunca se afastavam de Har-Zion. — Parece que al-Mulatham anda matando seu próprio povo.

Mais uma vez levou um momento para o egípcio assimilar o que fora dito, para organizar seus pensamentos.

— Você quer dizer...?

Todo o corpo de Ben-Roi começou a tremer.

— Ele é al-Mulatham — disse, grunhindo. — É ele quem está comandando tudo isso. Homens-bomba árabes, cérebro israelense. Massacrando seu próprio povo. A porra do seu próprio povo!

Khalifa olhava consternado; a caverna inteira parecia se fechar ao redor deles. Houve um momentâneo silêncio. Então, com a fúria e aversão apavorante do rugido de um animal, Ben-Roi irrompeu à frente. Era um homem muito forte, mas estava acima do peso, cansado e lutando contra profissionais. Antes mesmo de chegar perto de seu alvo, dois homens de Har-Zion se adiantaram e com uma precisão fria e coreografada barraram-lhe o caminho, um deles golpeando com a Uzi o seu estômago, forçando-o a se dobrar; o outro se aproximou por detrás dele e o prendeu numa chave de braço, levantando-o novamente. Khalifa, tenso, cerrou os punhos, mas com uma arma pressionada contra seu ouvido não havia nada que pudesse fazer. Layla olhava para o chão; o rubor de suas faces se intensificava e se estendia.

— Por quê?!? — disse Ben-Roi, respirando ofegante, esforçando-se contra a chave de braço. — Em nome de Deus, por quê?

Har-Zion girou os ombros, tentando atenuar a contração de sua pele queimada, que já começava a enrijecer gradualmente embaixo de seu casaco.

— Para salvar o nosso povo — ele respondeu; sua voz, em contraste com a de Ben-Roi, era fria, estável e sem modulação.

— Massacrando seres humanos?

— Provando de uma vez por todas que nunca poderá haver paz entre judeus e árabes. Que o propósito deles sempre foi o de nos destruir e, para sobrevivermos, não temos outra escolha, exceto fazermos a mesma coisa.

Ben-Roi tentou avançar, contorcendo-se e se debatendo.

— Você a matou! — vociferou ele. — Você a matou, seu animal imundo! Novamente Har-Zion girou os ombros. Seu rosto mantinha uma expressão vazia.

— Se houvesse algum outro caminho a tomar, eu o faria com grande contentamento. Mas não há outro caminho. Nosso povo

precisa ver a verdade sobre os árabes, quem realmente são.

— O Hamas já não está fazendo um bom trabalho? — gritou Ben-Roi. — A Jihad islâmica?

— Infelizmente não.

— Infelizmente?

— Sim, infelizmente não — confirmou Har-Zion. Seu tom de voz se endurecia lentamente; seus olhos traíram a primeira vaga centelha de emoção. — Infelizmente, porque, apesar de muitos de nós estarem sendo assassinados por eles, ainda tentamos nos convencer de que, se apenas negociarmos, cedermos um pouco, então tudo ficará bem, tudo ficará muito bem; eles nos deixarão em paz para criarmos nossos filhos de maneira pacífica e em segurança.

— Você é completamente louco!

— Não — rebateu Har-Zion; o aborrecimento em seus olhos era indiscutível. — Aqueles que discursam sobre acordos e concessões é que são loucos! Foram os acordos que atearam fogo nos fornos de Auschwitz, foram as concessões que cavaram as valas da morte em Babi Yar. E agora nós pretendemos cometer o mesmo erro novamente, o erro que sempre cometemos, ano após ano, século após século, o erro crucial do povo judeu: acreditar por um único momento que podemos confiar nos goyim, que eles podem ser nossos amigos, que eles desejam tudo, menos nos trancar em câmaras de gás e nos tirar da face da Terra!

Sua voz começava a erguer-se, as palavras sendo lançadas de sua boca como projéteis do cano de uma arma.

— Nós não precisamos de um acordo de paz — ele vociferava. — Tratados, acordos, reordenamentos, conferências, nada disso. Se desejamos sobreviver, então precisamos de uma coisa, e somente de uma coisa, a fúria. A mesma fúria que foi direcionada a nós durante todos estes anos da longa e escura noite de nossa história.

É somente isso que nos protegerá, que nos concederá força para sobreviver. E é justamente isso que al-Mulatham tem proporcionado. É por esse motivo que o criamos. É por isso que ele existe.

Ele interrompeu o discurso; sua fronte pálida e arrogante formava gotas de suor, e pequenos tremores agitavam seu corpo devido à pele irritada que começava a ficar insuportavelmente estranha, como sempre acontecia quando ele falhava com a aplicação da pomada na hora marcada. Ben-Roi olhou atentamente para ele, sem mais se incomodar em lutar contra a chave de braço; seus olhos eram sombrios e frios; sua boca se abria e fechava como se fosse incapaz de encontrar qualquer palavra apropriada para transmitir a profundidade de sua repugnância a tudo aquilo.

— Moser— sussurrou ele finalmente. — Rodef.

Os lábios de Har-Zion se estreitaram. Ele sustentou o olhar no detetive e, então, ergueu a mão enluvada e fez um sinal para o homem de cabeça raspada, que se adiantou e, sem parecer, na realidade, que recuara o braço, golpeou com o punho o abdômen de Ben-Roi, a apenas alguns centímetros acima de sua virilha.

—Allah-u-akhbar— murmurou Khalifa, estremecendo, seus punhos cerrados impotentemente estendidos de lado.

Ben-Roi deixou escapar um som gutural profundo, estrangulado, caindo abruptamente, suas pernas cedendo sob o peso do corpo. Foi arrastado para cima novamente, golpeado mais uma vez, desta vez no alto do peito, logo abaixo da garganta; então deixaram que caísse de joelhos, e em seguida ficou de quatro, uma estreita corrente de vômito escorrendo de sua boca até o chão.

— Há somente um traidor aqui, e é você — disse Har-Zion, do lado dele; sua voz voltara a ser como antes, fria, estável e sem modulação. — Você e, do que ouvi sobre ela, sua noiva também. Existem mortes das quais tenho muito pesar, mas a dela não é um desses casos.

Ben-Roi murmurou alguma coisa e tentou mover o braço, mas ele ainda estava sem fôlego por causa dos socos e não havia energia para gastar no movimento. Har-Zion acenou novamente, e o homem de cabelos curtos chutou a lateral da cabeça de Ben-Roi com o calcanhar, ferindo sua orelha e o arremessando contra um dos caixotes.

— Pare com isso! — gritou Khalifa, incapaz de se conter, a Uzi pressionando a sua nuca, absorto na perturbadora repugnância que sentia diante do que estava testemunhando. — Em nome de Deus, pare com isso!

Har-Zion virou-se lentamente, rígido. E olhou para o egípcio, um olhar duro, descontente; então disse alguma coisa em hebraico. A Uzi foi abaixada, e Khalifa repentinamente se viu imobilizado por um sufocante mata-leão. No chão, Ben-Roi se esforçava para conseguir se erguer e posicionar-se sentado; de sua orelha ferida escorria sangue.

— Deixa ele fora disso, Har-Zion — ele pediu. — Ele não faz parte disso.

Har-Zion deixou escapar um bufo zombeteiro. — Vocês ouviram isso?

Ele nos condena por defendermos nosso próprio povo, enquanto advoga a causa de seu amigo árabe; esse monte de merda certamente não é judeu.

Acenou para o homem de cabeça raspada, que ergueu o pé novamente e chutou entre as pernas de Ben-Roi; o detetive sofria convulsões pela agonia. Então ele foi até Khalifa e, sem pausa, dirigiu um soco no plexo solar do egípcio; o golpe foi desferido de maneira controlada, com a precisão de um cirurgião dissecando um cadáver. Khalifa já havia sido golpeado antes, inúmeras vezes — metade de sua juventude parecia ter sido passada recebendo golpes nos becos de Giza, onde ele havia crescido —, mas nunca daquele jeito. O punho parecia afundar na metade da cavidade de

seu estômago, esmagando seus órgãos vitais, retirando o ar de seus pulmões. Um caleidoscópio confuso de pensamentos e imagens girava em sua mente — Zenab, o caminho de neve no posto de gasolina, o homem estranho de olhos azuis na sinagoga no Cairo —, até que, de repente e inesperadamente, apenas por um momento, o nevoeiro de dor se dissipou, e ele se encontrou olhando nos olhos de Layla al-Madani.

— Ley? — sussurrou ele. — Por quê?

Se ela respondeu, ele não ouviu, pois, quase tão logo surgiu o momento de clareza, rapidamente desapareceu. Sua mente ficou pesada, a cabeça caiu para trás, e então tudo ficou escuro.

Por quanto tempo permaneceu inconsciente ele não tinha certeza, mas deve ter demorado muito, pois, quando voltou a si, estava sendo levado à força para o centro da nave por dois israelenses, seus pés sendo arrastados, impotentes, no chão ("Eles estão estragando meus sapatos de grife!", foi o seu primeiro e incoerente pensamento). Ben-Roi encontrava-se diante dele, mancando, com uma Uzi pressionada na nuca; sua jaqueta estava manchada com uma crosta de sangue coagulado saindo de sua orelha rasgada; Har-Zion e Layla estavam no fundo da caverna, observando, enquanto o homem de cabeça raspada se ocupava da estrutura frontal do caixote da Menorá com um pé-de-cabra. Quando tiveram êxito, a estrutura se soltou com um rangido de madeira lacerada, revelando um bloco denso de palha dentro do qual brotava um tentador resplendor dourado.

Percebendo que seus prisioneiros haviam recuperado a consciência, o israelense ergueu Khalifa e o empurrou brutalmente contra uma das pilhas de caixote; uma onda de náusea fazia tudo girar ao seu redor, até que gradualmente ele foi se restabelecendo. Ben-Roi estava ao lado dele, e, por um momento, os olhares se encontraram e permaneceram se fitando, cada um reconhecendo com um aceno a presença do outro e indicando que estavam bem, antes de virarem-se novamente e atentarem para a cena diante deles.

Houve uma pausa, e a atmosfera ficou eletrizante de repente, apreensiva; então, se adiantando, Har-Zion e seu segundo homem no comando começaram a retirar a palha protetora. Seus corpos bloqueavam a visão de Khalifa, de modo que só conseguia perceber de relance o objeto que estavam desvelando — um braço curvado, o canto de um pedestal, lampejos furtivos de ouro —, e somente depois que o material foi plenamente revelado em sua totalidade os dois homens recuaram para o lado, possibilitando uma visão apropriada.

Ele já havia visto antes, é claro, na fotografia depositada no cofre de banco de Dieter Hoth. Mas era em preto-e-branco e não conseguia, absolutamente, transmitir a completa magnificência de tirar o fôlego da obra de arte para a qual ele se encontrava olhando fixamente. Era quase da altura de um homem, sua base formada por duas peças hexagonais a partir do centro, do qual, como se surgisse de um cântaro ornamentado, uma haste vertical se projetava, e seis braços arqueavam-se dos lados, três à esquerda e três à direita, um sobre o outro, cada um coroado, assim como a haste, com um copo de lamparina fundido na forma de um pequeno címbalo. Assim era a forma básica da Menorá. Havia mais do que isso, no entanto, muito mais. Seus braços eram decorados da maneira mais singular ainda, com formas de botões, bulbos e cálices como amêndoas florescendo; ao redor de sua base havia imagens maravilhosamente trabalhadas em alto-relevo de frutos, folhas, vinhas e flores, tudo tão vivo, que se tinha a impressão de se poder sentir a fragrância. O ouro era tão escuro, que quase atingia a tonalidade vermelha; a simetria propiciava o mais perfeito equilíbrio; tamanho era o seu fluente e sinuoso porte, que ela não parecia ser algo fabricado em metal, mas algo com vida própria, que cresceu, respirou e se desenvolveu de forma vigorosa. Atordoado, com dor e provavelmente com pouco tempo de vida, Khalifa não conseguia evitar ficar deslumbrado com a Menorá; a cabeça dele girava de um lado para o outro diante do esplendor, do brilho e da pureza do objeto. A reação dos israelenses era ainda mais intensa: Ben-Roi murmurava "Oy vey" o tempo todo; a face de granito de Har-Zion havia sido suavizada em uma expressão quase infantil de êxtase.

— E disse Deus: Faça-te luz — sussurrou ele — e se fez luz. E Deus viu que a luz era boa.

Somente uma pessoa parecia impassível diante de tudo aquilo, e era Layla. Ela permaneceu discretamente separada de todos, presa a seus pensamentos, sem revelar qualquer emoção, salvo pela leve mancha avermelhada que ainda marcava a parte superior da maçã de seu rosto e pela maneira como suas mãos pareciam involuntariamente se apertar e se soltar. Pelo mais breve instante, seus olhos se prenderam aos de Khalifa, antes de serem imediatamente desviados em outra direção, incapaz de manter o olhar nele.

Vários minutos se passaram, e todos apenas observavam a Lâmpada: a beleza, longe de diminuir com a familiaridade, de fato crescia enquanto a plenitude da opulência e a sutileza de seu ornamento se tornavam patentes, até que o encanto foi rompido pelo homem de cabeça raspada.

— Precisamos tirá-la daqui — disse ele; a voz soava ríspida e cruel, como uma rocha sendo lançada em um lago de águas calmas.

Por um momento, Har-Zion não respondeu e apenas continuou observando, os olhos umedecidos pela emoção. Então, com um aceno, gesticulou para três dos seus homens. Eles se aproximaram, colocando suas Uzis presas por uma tira ao ombro e agarraram a Lâmpada, contando echat, shtayim, shalosh — um, dois, três — antes de começarem a erguê-la. Em forma e musculosos como eram, o peso do objeto não foi demais; entretanto, somente quando se reuniu a eles um quarto homem é que foram capazes de levantá-la sobre seus ombros, com as faces contorcidas pelo esforço, as pernas curvadas.

Steiner apontou sua arma para Khalifa e Ben-Roi, e em perfeita sincronia o grupo começou a mover-se pela nave, parando a cada vinte metros de modo que os carregadores da Lâmpada pudessem recuperar o fôlego. Finalmente, eles alcançaram o final da caverna, e a Lâmpada foi depositada sobre a plataforma do elevador, cujas

pranchas de madeira rangeram sob seu peso. Os israelenses subiram ao lado do objeto, Layla indo junto com eles, e a alavanca de controle foi acionada; os detetives permaneceram no chão da caverna enquanto a plataforma se erguia vagarosamente diante deles. A três metros acima, eles pararam, e uma fileira de canos de Uzis foi apontada para baixo.

— É aqui que nos despedimos, senhores — gritou Har-Zion, sua boca curvada em um sorriso triunfante. — Nós, pela providência de Deus, começaremos a reconstrução do Templo e a inauguração de uma nova idade do ouro para o nosso povo. Já vocês...

Ele olhou fixamente para os dois lá embaixo, girando mais uma vez seus ombros para tentar atenuar a sufocante luva de pele queimada na qual seu corpo estava comprimido. Então ele indicou que seus homens podiam atirar.

— Não!!!

A voz de Layla ecoou estridente em volta da caverna.

— Não! — ela repetiu. E outra vez: — Não!

Os homens de Har-Zion olhavam para seu líder, mas ele não fez qualquer sinal, fosse para atirar ou para baixar as armas; então permaneceram como estavam, atentos, com o dedo no gatilho. Embaixo, na caverna, Ben-Roi e Khalifa trocavam olhares.

— Não! — Layla gritou pela quarta vez; seu tom de voz soava desesperado, quase histérico, suas mãos se apertavam e afrouxavam. Ela desejava ter gritado anteriormente, quando eles estavam batendo nos dois homens, mas ela não fora capaz, atordoada como estava pela vergonha e auto-aversão. Agora, contudo, ela não conseguia parar, quase sem consciência do que estava dizendo, apenas percebendo que toda a sua existência havia de, alguma forma, convergido para aquele momento e que, apesar de tudo, apesar dos anos de mentiras e traição, não podia continuar muda, enquanto duas pessoas seriam mortas a tiro, a sangue-frio,

diante dela. Algo fora de propósito, é claro, considerando quantas pessoas foram massacradas por anos e anos por causa de suas ações e que ela estava indelevelmente mergulhada em sangue. Nunca poderia haver redenção para o que ela havia feito. Nem ela procuraria por isso. Tudo que ela sabia era que, enquanto ficara observando os dois detetives — os rostos pálidos, resignados —, a voz de seu pai repentinamente ressoou claramente no interior de sua cabeça, como um sino, tão forte quanto havia ressoado anteriormente. As palavras que ele havia proferido na noite de sua morte:

Não posso deixar alguém morrer largado como um cachorro. Seja lá quem for.

E, assim que ela ouviu essas palavras, experimentou um incontrolável e impetuoso desejo de descobrir que ainda existia alguma coisa de seu pai remanescente lá no fundo, algum vestígio minúsculo que não desaparecera de sua bela luz. E que ela era ainda a filha dele, apesar do mundo sombrio que havia construído para si mesma.

Ela irrompeu para a frente do elevador, seus olhos capturados pelos de Khalifa em uma fração de segundo, antes de virar-se para os israelenses; seu corpo delgado bloqueava a linha de fogo.

— Você venceu — gritou ela para Har-Zion. — Você não consegue enxergar? Você venceu, meu Deus do céu! Deixe-os em paz então. Pelo menos por uma única vez, pare de matar e deixe-os.

Houve uma pausa, e a caverna pulsava com o ronco do gerador; a Menorá refletia sob o brilho das lâmpadas arqueadas. Então, lentamente, Har-Zion assentiu.

— Ela está certa. É tempo de parar de matar.

O corpo de Layla parecia relaxar lentamente. Quase que de imediato ela ficou tensa novamente, quando percebeu o sorriso gélido estendido pelo rosto de Har-Zion.

— Ou pelo menos de matar alguns outros. Esses aí... — ele acenou sutilmente na direção de Khalifa e Ben-Roi —... a vida deles não significa nada. Al-Mulatham, no entanto, já cumpriu seu propósito. Como a Srta. al-Madani diz, nós vencemos. De posse da Menorá, nossa causa é incontrolável. Mais um último ajuste, e então já poderemos dispensar toda a Irmandade Palestina. E todo o aparato que faz parte disso. Todo o aparato.

Enquanto falava esta última frase, ele olhou para o seu camarada de cabeça raspada, ao mesmo tempo, que meneava a cabeça na direção de Layla. O homem acenou, demonstrando que havia compreendido, e, com uma calma surpreendente, esmurrou o seio direito de Layla, arremessando-a para trás da plataforma do elevador, no espaço vazio, suas pernas e braços caindo. Por um momento, ela parecia ter se segurado, erguida no ar, como se estivesse suspensa em um cabo invisível do teto da caverna; depois, ela rodopiou silenciosamente e bateu contra o chão com um estrondo assustador.

— Obrigado, Srta. al-Madani — gritou Har-Zion. — O Estado de Israel será eternamente grato à senhorita por seus esforços. Árabe ou não, você de fato se provou merecedora do título de Eshet Hayil. Uma mulher virtuosa.

Layla soube imediatamente que havia quebrado a coluna, provavelmente uma grande quantidade de outras partes também, embora tivesse a impressão de não sentir nada abaixo de seu pescoço; ela não podia ter certeza. Mas isso realmente não importava. Ela estaria morta em pouco tempo, de qualquer maneira. O que para ela estava tudo bem.

Estranhamente, como se para se consolar com o fato de que não poderia sentir mais nada, seus outros sentidos repentinamente pareciam ter se intensificado e se aperfeiçoado. Suas narinas tremiam sob o cheiro penetrante, resinoso e intenso das tábuas de pinho com as quais os caixotes foram feitos; seus ouvidos pareciam

quase inumanos sintonizando os sons que em circunstâncias normais ela jamais teria percebido. Ainda mais curioso de tudo, ela parecia ter desenvolvido uma misteriosa habilidade de ver quatro ou cinco coisas ao mesmo tempo, sem mover a cabeça. Havia Har-Zion, de pé sobre o elevador, rindo com seus seguidores; Ben-Roi um pouco à esquerda, olhando para tudo chocado, considerando-se quanto ele havia desejado que uma coisa daquelas acontecesse com ela; e, ajoelhado à direita, ao lado dela, segurando sua mão — como é que ele conseguira chegar ali tão rápido? —, Khalifa. Ela conseguia enxergar até mesmo o próprio rosto, olhando para baixo, o mais sutil dos sorrisos curvando-se nos cantos da boca, embora não houvesse humor ou satisfação nele, mas, antes, um tipo de solidão infinita e desesperadora que não pôde encontrar nenhuma outra forma de expressão para manifestar a si mesma.

A jornalista sempre soube que tudo terminaria daquele jeito. Desde quando havia voltado da Inglaterra há muitos anos e começado a trabalhar como informante para Har-Zion e a Inteligência Militar Israelense. As circunstâncias precisamente foram uma surpresa — uma gigantesca caverna repleta de tesouros saqueados por nazistas, meu Deus do céu! —, mas não a violência. Aquilo sempre foi conhecido. Francamente, ela estava surpresa de ter sobrevivido por tanto tempo.

Ao seu lado, Khalifa dizia alguma coisa; entretanto ela não conseguia ouvir realmente a voz dele, o que era estranho, visto quantos outros sons conseguia identificar. Mesmo assim, ela não precisava ouvir, pois poderia descobrir o que ele dizia pelos movimentos de seus lábios. Era apenas uma palavra, repetida várias e várias vezes, uma pergunta, a mesma pergunta que ele havia feito mais cedo:

Ley? Por quê?

O que ela podia dizer? Nada, realmente. Layla até que gostaria de explicar. Realmente gostaria. Deixar que pelo menos uma pessoa soubesse. Uma confissão em seus últimos momentos de vida e tudo o mais. Mas, então, como ela poderia? Como ela conseguiria fazê-lo

entender? Fazer qualquer um entender? Que ela havia feito o que fez não pelas razões por que as outras pessoas geralmente colaboravam — dinheiro, coerção, ideologia. Não, ela havia feito tudo aquilo por causa da noite de seu aniversário de quinze anos, em um trecho sujo de grama rala na extremidade do campo de refugiados de Jabaliya, sob o céu cheio de estrelas e com cães selvagens uivando a distância onde ela presenciou a pessoa que mais amava dentre todas as outras no mundo inteiro, seu pai, tão corajoso, lindo e gentil, o melhor homem que já existiu, ser surrado até a morte com um bastão de beisebol. Por seu próprio povo. Velado por seu próprio povo. Este é o motivo que a levou a contactar Har-Zion e oferecer-se para trabalhar com ele. Era por isso que ela deu prosseguimento a toda aquela coisa de al-Mulatham e foi por isso que, ao descobrir sobre a Menorá, ela havia ligado para Har-Zion da Igreja do Santo Sepulcro, feito tudo que estava ao seu alcance para proteger a Lâmpada para ele. Porque eles mataram a única pessoa que ela tanto havia amado e porque daquele momento em diante ela passou a odiá-los, a todos eles, e feito a promessa de que qualquer coisa que viesse a realizar em sua vida seria executada na intenção de fazê-los pagar, de fazê-los sofrer por isso, até o último palestino. Esse era o motivo. Era a resposta. Mas como poderia explicar? Fazê-lo entender? Como lhe informar pelo menos uma fração da miséria, da dor, do ódio e do tormento que a consumiram por todos aqueles anos? Ela não conseguiria. Era impossível. Estava além de seu alcance esse esclarecimento. Sempre esteve e sempre estaria. Ela simplesmente se sentia desesperadamente sozinha.

Olhou para o rosto de Khalifa — gentil, corajoso, bonito; como o pai dela de muitas maneiras — e tentou apertar a mão dele. Ao mesmo tempo, com aquele curioso dom de múltiplos sentidos que ela parecia ter adquirido como resultado da queda, pôde ver acima que Har-Zion havia estendido o braço e estava mirando a pistola diretamente para a cabeça dela. Vamos lá, pensou, faça logo. Já era hora. Ao menos eu tentei fazer uma coisa boa no final. Uma única coisa da qual meu pai poderia se orgulhar.

Layla fechou os olhos e lá estava ela novamente, deitada no fundo do buraco, segurando a cabeça de seu pai entre as mãos, os cabelos dela ensopados com o sangue dele.

— Ai, Deus, meu papai! Ai, Deus, meu pobre papaizinho!

E então soou o tiro.

Sua cabeça estremeceu com o disparo. Em seguida, um perfeito furo negro surgiu logo acima de sua sobrancelha esquerda; uma linha de sangue escorria através da maçã de seu rosto e queixo, caindo ao chão onde formava uma poça viscosa do tamanho de um prato. Por um momento, Khalifa ficara chocado demais para se mover; a mão dela ainda segurava a sua, sem energia, o eco do tiro repercutindo violentamente ao redor da caverna; então, meneando a cabeça, ele largou a mão dela gentilmente sobre o chão, levantou-se e recuou de modo que agora se encontrava ao lado de Ben-Roi; os dois observavam atentamente a fileira de Uzis acima.

Khalifa devia ter sentido medo. Mais medo do que sentia considerando-se o que estava para acontecer com ele. Ou ele ainda estava esgotado por causa da surra que havia levado ou simplesmente devido à inevitável aproximação da morte, de modo que seu corpo não via motivos para reagir, mas sentia uma curiosa sensação de tranqüilidade. Zenab e as crianças, eles sim eram sua única preocupação. Sua família e o fato de que provavelmente não teria um enterro apropriadamente muçulmano. Mas ele então estava certo de que Alá compreenderia. Alá compreendia todas as coisas. Era por isso que ele era... bem, Alá.

Khalifa olhou para Ben-Roi, e seus olhares se encontraram. Havia pessoas com quem ele teria preferido morrer. Mas ali, novamente, talvez estivesse sendo duro demais com o rapaz. Rude até. Arrogante, beligerante. Não o tipo de pessoa que ele escolheria para fazer amizade. Entretanto, ele era um bom tira e parecia ter conduzido as coisas muito bem. E se talvez sua própria esposa tivesse sido assassinada daquele jeito, massacrada

desnecessariamente, talvez ele, Khalifa, tivesse terminado exatamente daquele jeito. Mas quem poderá dizer? Tentou murmurar algo, pedir desculpas, admitir que sua decisão anterior de confiar na palavra de Layla contra a de Ben-Roi foi tomada não pela avaliação objetiva da situação, mas, sobretudo, por puro preconceito, pelo fato de que ele simplesmente não conseguia influenciar a si mesmo a acreditar nos judeus contra um de seus companheiros árabes. Ele parecia não conseguir encontrar as palavras e permaneceu em silêncio novamente. Eles se olharam fixamente por mais um momento, e então, com um aceno, viraram-se e olharam para o elevador, os punhos cerrados, esperando pelas balas.

Tudo ficou escuro.

Por um breve e confuso instante, Khalifa pensou que estava morto. Quase imediatamente, depois dos tiros dos homens de Har-Zion, ele percebeu que o gerador havia mais uma vez falhado, desligando as luzes. Foi tão inesperado e tão desorientador, que ele não reagiu e apenas permaneceu imóvel. Os instintos de Ben-Roi foram mais rápidos e impetuosos; o israelense ergueu Khalifa rudemente pelo colarinho e impulsionou a ambos para fora da mira dos tiros. Um segundo depois, as metralhadoras abriram fogo, a escuridão rasgada pela explosão crepitante de vermelho e branco de balas ricochetando no chão e golpeando surdamente as pilhas de caixotes com um rá-tá-tá de madeira perfurada. Os detetives tropeçaram, caindo abruptamente no chão e, de alguma maneira, conseguiram se levantar novamente e saíram cambaleando, batendo contra a parede de pedra bem abaixo da plataforma do elevador. Ouviram mais tiros e, da mesma forma abrupta como começou, cessaram. Eles permaneceram imóveis, seus olhos perscrutando forçosamente a escuridão.

Quando o gerador parou na vez anterior, voltou a funcionar quase que imediatamente; desta vez, no entanto, se mantinha em completo silêncio. Eles podiam ouvir sussurros; uma lanterna foi

acesa, e mais outras, e então se ouviu um ligeiro rangido e um solavanco, como se alguém tentasse escalar os trilhos verticais do elevador em direção à beira da galeria lá em cima, presumivelmente para tentar ligar o gerador novamente. Um dos feixes de luz iluminou as paredes superiores para dar claridade ao caminho do escalador; o outro começou a se mover de um lado para outro pelas pilhas de caixotes diante deles, tentando em vão localizá-los no breu. A possibilidade de que ambos pudessem estar justamente embaixo da plataforma parecia não ter ocorrido aos capangas de Har-Zion. Parecia...

— Precisamos sair — sussurrou Ben-Roi, colocando a mão em concha ao redor do ouvido de Khalifa; sua voz era baixa a ponto de ficar quase inaudível. — Precisamos ficar entre os caixotes.

Khalifa apertou o braço dele, demonstrando que havia compreendido. Um grito vindo do lado de cima indicava que o escalador havia chegado à galeria e se movia em direção ao compartimento do gerador.

— Precisamos sair daqui — murmurou Ben-Roi novamente. — Não temos tempo a perder.

Vinte segundos se passaram, e ambos tentavam freneticamente tomar uma ação cabível, cientes de que, no momento em que emergissem de debaixo da plataforma, eles seriam quase certamente ouvidos ou descobertos pela luz da lanterna. Finalmente, em sinal de desespero, Khalifa colocou a mão dentro do bolso da jaqueta e retirou cinco pentes de munição que ele havia reservado anteriormente e os pressionou contra o braço de Ben-Roi. O israelense compreendeu imediatamente o que ele estava pensando.

— Jogue para a esquerda — sussurrou ele. — Nós seguimos adiante. De mãos dadas.

— O quê?

— Assim, nós não nos perdemos um do outro, imbecil!

Da parte de cima ouviu-se um estalido alto, mecânico, quando um dos homens de Har-Zion tentava erguer a alavanca do gerador. Ao mesmo tempo, o facho de luz da lanterna, de repente, afastou-se dos caixotes e começou a circular pelo chão abaixo do elevador. Por um momento, prolongou-se pelo corpo de Layla e então começou a mover-se para trás, em direção ao lugar onde estavam escondidos. Seria uma questão de segundos eles serem descobertos. Agarrando a mão de Ben-Roi e liberando um de seus braços, arremessou o pente de balas tão forte quanto podia na direção do fundo da caverna. O pente pareceu permanecer suspenso no ar por um impossível período de tempo, e o feixe de luz já estava roçando a ponta de seus sapatos quando, com um alto estalido, o pente caiu.

O efeito foi instantâneo. O feixe de luz se afastou, e ouviram, então, passos quando os israelenses se moveram para o lado esquerdo do elevador, e em seguida houve uma ensurdecedora rajada de fogo. Nesse momento, Khalifa e Ben-Roi deram início à corrida, movendo-se a toda a velocidade, de mãos dadas, em direção à escuridão, seguindo o que eles imaginavam — e esperavam — ser a linha do centro da nave, estremecendo a cada passo com o receio de bater com a cara em algum caixote ou barreira. De alguma maneira mantiveram o percurso; medo e adrenalina os instigavam, cobrindo quase metade da extensão da caverna antes de reduzirem o passo, soltarem as mãos e caírem dentro de uma das estreitas passagens entre as pilhas de caixotes, cambaleando sobre a miscelânea de objetos amontoados com os quais a passagem estava obstruída. Atrás deles os tiros gradualmente eram reduzidos, e então houve um cessar-fogo.

Eles ficaram onde estavam, tentando recuperar o fôlego, a escuridão os envolvendo como um cobertor de veludo negro; a caverna silenciosa, exceto pelos repetitivos ruídos abafados da manivela do gerador e das vozes devido à conversa dos israelenses, em volume baixo a princípio, mas tornando-se gradualmente mais urgente. Ben-Roi esticou seu pescoço, ouvindo.

— Merda — sussurrou ele.

— O quê?

— Fogo.

— O quê?!?

— Os tiros. Acabaram ateando fogo nos caixotes.

Mesmo enquanto falavam, suas narinas sentiram o cheiro penetrante de madeira queimando.

— Este lugar é um maldito barril de pólvora — resmungou Ben-Roi. — E vai logo explodir!

Khalifa não precisava ser informado disso. Ele mesmo havia visto a caverna com seus próprios olhos: barris de combustível, caixas de munição, explosivos, pilhas de madeira seca inflamável.

— Maldição! — ele sussurrou. — Maldição!

O egípcio acendeu seu isqueiro e, protegendo a chama com a palma da outra mão, começou freneticamente a olhar para os lados, procurando por alguma coisa, qualquer coisa que eles pudessem usar para abrir caminho para fora da caverna. Os homens de Har-Zion estavam gritando agora, o volume das vozes aumentava, tomados pelo pânico enquanto o fogo aparentemente se fortalecia e se espalhava. O som da manivela do gerador se intensificava.

— Vamos lá! — rosnou Ben-Roi. — Nós precisamos de armas!

— Sim, mas não temos.

Khalifa avançou pela passagem entre os caixotes, sem mais se importar com o barulho que fazia, virando seu isqueiro de um lado para outro. Ele encontrou quadros, esculturas, o que parecia o coletor de óleo de um enorme candelabro. No entanto, nada de armas; e ele começava a se desesperar quando finalmente, ao

suspender um saco enorme repleto de cédulas, descobriu uma ampla caixa de metal, a qual, quando foi aberta, revelou em seu conteúdo dezenas de metralhadoras Schmeisser. Uma caixa idêntica ao lado estava abarrotada com pentes de munição.

— Hamdu-lillah — murmurou ele.

Khalifa apanhou uma das armas e a entregou com alguns pentes para Ben-Roi. Pegou mais uma para si mesmo e estava começando a verificar o funcionamento, tentando familiarizar-se com o mecanismo, quando ouviram um repentino e prolongado som de tiros. Eles se abaixaram, entendendo que haviam sido na direção deles, e, somente depois dos gritos alarmados dos homens de Har-Zion, perceberam que uma das caixas com munição tinha explodido.

— Isso tudo vai explodir como um maldito vulcão — sussurrou Ben-Roi. Eles se ergueram e forçaram o caminho ao longo da passagem; uma densa auréola alaranjada preenchia o lado direito da caverna. Quando alcançaram a entrada da passagem, ouviram o estrondo surdo de uma explosão — um barril de combustível, Khalifa imaginou, ou talvez vários barris — seguido quase imediatamente pelo ronco do gerador como se o equipamento finalmente voltasse à vida, inundando a caverna com uma luz branca e gélida, lançando tudo ao redor sob o foco da iluminação acentuada. Os homens de Har-Zion deixaram escapar um grito de contentamento e, com um chiado e solavanco, o elevador retomou vagarosamente a subida. Ben-Roi espreitou ao redor da nave e, em seguida, recuou a cabeça.

— Eles estão na metade do caminho — sussurrou ele. — Um acima, na beirada da galeria. Eu acerto esse. Conte até três, tudo bem?

Eles engatilharam as armas.

— Um... dois...

Mais uma estrondosa explosão; a caverna inteira parecia se despedaçar e tremer.

— Três!

Eles atiraram no interior da nave.

O incêndio estava pior do que Khalifa havia presumido. Já, em poucos minutos, parecia ter atingido uma fileira de caixotes inteira à direita deles, uma enorme boca de fogo que emboscava e abocanhava tudo que estivesse à vista, consumindo o caminho através das pilhas de caixotes. Faíscas das labaredas se agarravam às paredes da caverna, e fragmentos de escombros em chamas flutuavam pelo ar como vaga-lumes. Acima de suas cabeças, uma densa e negra fumaça ondulava-se lentamente rumo ao teto.

Tudo isso foi percebido por ele em frações de segundos, antes de cair sobre um dos joelhos e abrir fogo, a Schmeisser sacudindo e vibrando violentamente em suas mãos. Ao lado dele, Ben-Roi fazia a mesma coisa, atacando o fundo da caverna com uma ininterrupta saraivada de balas.

O ataque parecia ter pegado Har-Zion e seu bando de surpresa. Ben-Roi foi capaz de atingir um deles na beirada lá em cima, e Khalifa acertou outros dois no elevador; o segundo deles caiu bruscamente sobre a manivela de controle do elevador, acionando o mecanismo ao inverso. A plataforma parou com um ruído estridente do maquinário e começou a descer novamente; a Menorá permanecia inabalável no centro da plataforma; seus braços de ouro cintilavam com a intensidade dos tiros.

A vantagem deles teve vida curta, no entanto. Depois de uma confusão momentânea, os três israelenses remanescentes — Har-Zion, Steiner e um outro — abaixaram-se totalmente no piso do elevador e iniciaram sua própria salva de tiros, dessa vez certeiros. Khalifa recuou para a passagem entre as pilhas de caixotes; Ben-Roi se manteve em sua posição por um momento; depois mergulhou em outra passarela do lado oposto da nave.

— Não deixe eles chegarem até a alavanca! — gritou ele.

Um dos israelenses já estava tentando fazer isso, Har-Zion e Steiner dando-lhe cobertura enquanto ele rolava pela plataforma. Arrastando o corpo, inclinou-se sobre a alavanca. Khalifa posicionou-se rapidamente e abriu fogo contra ele, mas foi forçado a recuar quase imediatamente. Ben-Roi teve mais sucesso, deslizou para fora e despachou uma saraivada de balas na caverna, acertando diretamente o flanco do israelense, suspendendo-o no ar antes de atirá-lo com força ao pé da Menorá.

O elevador encontrava-se agora quase no piso da caverna. Num último esforço desesperado para fazê-lo se mover para cima, Steiner descarregou sua Uzi na nave, gritando algo para Har-Zion, e, enquanto este se protegia com sua pistola Heckler & Koch, arrastando-se pela plataforma, pegou o cadáver caído e, com os músculos do pescoço arqueando-se, removeu-o dali, golpeando com sua mão a alavanca de controle para reverter a direção. O elevador parou, fez uma pausa por um momento como se desejasse tomar fôlego e, em seguida, começou a subir.

Har-Zion deixou escapar um grito de triunfo, apenas pelo tempo suficiente para o som morrer em seus lábios, pois logo sua pistola já não tinha mais munição. Um homem com liberdade de movimentos teria levado apenas alguns segundos para sacar um novo pente e enfiar as balas na agulha. Contudo, por causa da rigidez de sua pele queimada, ele era incapaz de recarregar qualquer coisa com tamanha rapidez. Gritou algo, Steiner gritou de volta, indicando que ele também estava sem munição, e, naquele breve momento de confusão, Ben-Roi percebeu a chance que tinha nas mãos.

Gritando para Khalifa segui-lo, ele saltou de seu esconderijo e começou a correr a toda a velocidade até o elevador, tropeçando momentaneamente quando uma enorme explosão em algum lugar atrás dele abalou toda a caverna até que ele conseguisse retomar os passos e investir novamente, com o dedo puxando o gatilho de sua arma. Suas primeiras balas desviaram-se do alvo, desaparecendo no inferno à sua direita. E também as seguintes,

que bateram sem causar dano contra a parede de pedra, assim como sobre o elevador. Sua terceira rajada encontrou o alvo, perfurando o pescoço e o peito de Steiner, jogando-o para trás sobre os trilhos verticais que serviam para içar o elevador. Por um momento, ele apenas ficou ali, com o sangue borbulhando de sua boca, um olhar debilmente surpreso no rosto; então, vagarosamente, já que a plataforma se erguia embaixo dele, seu corpo escorregou pelos trilhos e enganchou-se sob as engrenagens de metal que corriam ao longo dos trilhos, causando um entrelaçamento. Ouviu-se o som do motor guinchando enquanto tentava eliminar a obstrução; as rodas chiavam e rangiam sobre o cadáver, até que finalmente, incapaz de forçar a retomada por mais tempo, o motor explodiu com uma imensidão de faíscas, e o elevador parou definitivamente, a um metro e meio do chão.

Har-Zion ainda estava procurando desesperadamente por mais munição, gritando em agonia enquanto a pressão de seus movimentos provocava o rompimento e a dilaceração de sua pele ressecada. Percebendo que ele estava impotente, Ben-Roi reduziu a corrida e então apenas andou. Aproximou-se de Har-Zion, ergueu a Schmeisser e pressionou o cano pesado contra a cabeça dele, aparentemente tranqüilo em relação às chamas que agora se alastravam por todo o lugar.

— Isto é por Galia — sussurrou ele.

Colocou o dedo no gatilho, pronto para atirar, e então desistiu. Ele havia sonhado com aquele momento por muito tempo, dia após dia naquele último ano — apontar uma arma contra a cabeça do homem que assassinou sua noiva, massacrá-lo, da mesma maneira como Galia havia sido cruelmente destroçada. Contudo, agora que o momento havia chegado, agora que a arma estava posicionada e ele precisava apenas mover seu dedo, de alguma maneira não conseguiu dar prosseguimento àquilo. Não daquele jeito, não a sangue-frio. Mordeu o lábio, desejando atirar, ceder ao ódio, mas não aconteceu nada; entretanto, uma voz suave e solitária no fundo do seu coração — a voz dela — lhe dizia que não seria bom, não

seria certo, e causaria mais dor a ele do que propriamente a cura de seu sofrimento. Har-Zion parecia sentir sua relutância.

— Ajude-me — implorou ele, girando a cabeça para olhar Ben-Roi. — Faça o que quiser comigo lá fora, mas, pelo amor de Deus, salve a Menorá.

Ben-Roi olhou para baixo, na direção do homem; as mãos trêmulas, o rosto brilhando com o suor provocado pelo intenso calor do fogo. Então, com um grunhido desanimado, ele afastou a arma. Har-Zion imediatamente se levantou, atordoado pela dor.

— Nós precisaremos içá-la — disse ele e tossiu. — Precisaremos de cabos ou cordas. Onde está o árabe?

Ben-Roi olhou ao redor. Ele presumia que Khalifa estivesse logo atrás dele, que o havia seguido quando ele atingiu o elevador. O egípcio havia de fato tentado fazer isso. Enquanto ele emergia de seu esconderijo, no entanto, uma explosão ensurdecedora — a mesma que havia tirado Ben-Roi do chão — havia derrubado dezenas de caixotes sobre ele, deixando-o inconsciente. Encontrava-se agora deitado no meio da nave, com o rosto para baixo, um enorme caixote prendendo suas pernas. Ben-Roi correu a toda a velocidade até ele e afastou o caixote, caindo de joelhos.

A princípio pensou que Khalifa estivesse morto, mas conseguiu sentir a pulsação dele; contudo, sem tempo para verificar se havia ossos quebrados, ergueu o egípcio bruscamente em seus ombros e correu de volta para o elevador, tossindo por causa da fumaça. Har-Zion havia encontrado uma corda e estava enrolando-a ao redor da haste da Menorá.

— Nós levaremos a Lâmpada para fora e voltaremos para buscá-lo — disse ele. — Ajude-me.

Ben-Roi balançou a cabeça. — Primeiro levarei ele para cima.

— Não! Nós precisamos salvar a Menorá!

— Primeiro levarei ele para cima — repetiu Ben-Roi, erguendo Khalifa para dentro da plataforma, subindo e suspendendo o egípcio de volta em seus ombros. Enquanto ele fazia isso, o cano frio de uma pistola era pressionado na parte de trás de sua cabeça.

— Está recarregada — grunhiu Har-Zion. — Agora o coloque no chão.

Houve uma pequena pausa, outro barril de combustível explodiu no fundo da caverna, e uma gêiser de chamas se estendeu para cima, quase na altura do teto, engolfando e destruindo a gigantesca bandeira nazista; então, pouco se importando com a arma, Ben-Roi deu um passo para cima, aproximando-se dos trilhos do elevador. Har-Zion ergueu a pistola para o alto e atirou.

— Solte-o — ele gritou. — Você não entende? Nós temos que salvar a Lâmpada. Solte-o e ajude-me!

— Se você me matar, nunca conseguirá tirá-la daqui — gritou Ben-Roi, seus olhos examinando os trilhos de cima a baixo. — Levarei ele para cima e voltarei.

— Não! — berrou Har-Zion, atirando mais uma vez. — Nós precisamos salvá-la agora! Agora! Você não entende?

O detetive o ignorou, passou pelo cadáver ensangüentado de Steiner, agarrou uma das barras de metal horizontais que se estendiam entre os trilhos como o degrau de uma escada e começou a subir; o corpo de Khalifa pendia de seu ombro como um gigante boneco de pano. Atrás dele, Har-Zion estava gritando e acenando com a arma.

— Nós precisamos salvá-la! Você não entende?!? É a sua fé! A sua fé!

Ben-Roi simplesmente continuou a subida, toda a atenção voltada à tarefa em suas mãos, subindo um degrau por vez. Ele arfava com o esforço, e lufadas das brasas das labaredas rodopiavam ao redor dele, queimando seus braços e rosto. Na primeira parte da escalada

quase tudo correu bem, mas, na metade do caminho, ele já se encontrava por demais exausto; pontadas intensas de dor se espalhavam pelos músculos das pernas e braços, progredindo cada vez mais lentamente enquanto seu fardo exigia mais e mais de suas forças. Ele tentava pensar em Galia, em sua família, em Al Pacino — qualquer coisa que desviasse sua mente da agonia da dor em seus membros, que enganasse seu corpo, fazendo-o pensar que não estava tão esgotado quanto realmente estava. Ele havia conseguido se arrastar por três quartos da distância, três metros abaixo da borda da galeria, mas ali ele parou para descansar e pensou que não seria capaz de continuar, que não havia mais energia para gastar, nem mesmo para descê-lo novamente.

Vou precisar soltá-lo, ele pensou; as mãos trêmulas devido ao esforço de segurar-se nos trilhos, as pernas se curvando. Terei que soltá-lo ou vou cair.

Por que, naquele momento de contínuo desespero, ele de repente começou a recitar o shema, não fazia idéia. Ele nem sequer estava ciente de que o recitava e só percebeu depois de já ter proferido algumas palavras. Apenas parecia jorrar de algum lugar no fundo de seu ser, como a água que brota de uma fonte ressequida. Antes da morte de Galia, ele costumava recitá-lo todos os dias. Naquele último ano, nem sequer passou pelos seus lábios. Entretanto, agora, ele estava murmurando as palavras para si mesmo novamente, a grandiosa oração do povo judeu, seu povo, a proclamação de sua fé em Deus:

Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.

Sua voz se intensificou, o murmúrio cedendo lugar ao canto, e o canto cedendo lugar ao louvor, assim como o rabino Gishman o havia ensinado nas aulas de hebraico tantos anos atrás.

Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças.

E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração.

E, enquanto as entoava, sentia suas forças retornarem para os membros, levemente no início, mas então com mais vigor, a energia irradiando e circulando através de todo o seu corpo, de modo que, sem sequer perceber, aquilo o fazia continuar, subir outro degrau, e mais um, e ainda outro, e então de repente ele alcançou a borda da galeria e correu — literalmente disparou — pelo primeiro dos túneis, na direção do mundo lá fora. Alcançou a fenda na parede, passou por ela e começou a correr pelo corredor principal; Khalifa se sacudia e se debatia sobre seus ombros; podia-se ouvir o eco distante de explosões se prolongando atrás dele, até que finalmente ele se deparou com a entrada da mina e com a noite lá fora, seus pés esmagando a neve imaculada, o céu repleto de estrelas.

Ele ficou ali tragando o ar — deliciosamente frio e puro comparado à fumaça que preenchia o interior da caverna —, e então carregou Khalifa até um pequeno monte de pedras do lado da clareira e o colocou no chão, próximo às rochas. Ele grunhiu e murmurou alguma coisa, mas Ben-Roi não tinha tempo a perder ali, apenas esfregou uma das mãos cheia de neve sobre o rosto do egípcio, tentando reanimá-lo, e virou-se, correndo a toda a velocidade para dentro da mina.

Quando ele alcançou a borda de pedra da galeria novamente, a caverna inteira dava a impressão de estar em chamas; enormes labaredas erguiam-se e se contorciam em todos os lugares para onde olhava, devorando as pilhas de caixotes, lambendo as paredes e o teto. Durante sua ausência, Har-Zion parecia de alguma maneira ter subido todo o percurso até a galeria e deixado a ponta livre da corda lá, antes de, sabe-se lá porquê, descer novamente. Ele agora

se encontrava embaixo da plataforma do elevador, como se estivesse em uma minúscula ilha num mar de fogo, olhando amplamente ao redor para a parede de chamas que se aproximava. Ben-Roi o chamou.

— Eu tentei içá-la sozinho, mas é muito pesada! — gritou Har-Zion assim que ouviu a voz do detetive. — Comece a puxar! Eu terei que sustentá-la por baixo.

Protegendo seu rosto contra o calor, que estava agora quase insuportável, Ben-Roi agarrou a corda e, recuando alguns metros, começou a içar, pouco a pouco, a Menorá da plataforma, enquanto Har-Zion agarrava a sua base e a empurrava. Quando já havia sido erguida o suficiente para que ele se colocasse sob ela, e apoiando a base em seus ombros, começou a subir pelos trilhos do elevador, degrau por degrau, gemendo em sinal de agonia, enquanto debaixo do casaco sua pele se rompia e dilacerava-se como uma camisa de papel, gotas de sangue escorrendo por seus braços e pernas e dentro de suas luvas e sapatos.

— Oh, Deus — ele gritava. — Oh, Deus, por favor!

Conseguiram erguer a Lâmpada cerca de três metros do chão da caverna, antes que uma enorme explosão emitisse uma onda de calor, atingindo o rosto de Ben-Roi e jogando-o bem longe, a corda escorregando das suas mãos, enquanto a Menorá despencava sobre a plataforma novamente. Ele permaneceu deitado por um momento e, em seguida, levantou-se abruptamente e cambaleou para a extremidade da galeria.

— Ou vey — sussurrou ele.

Embaixo dele, Har-Zion estava deitado, inclinado debaixo da haste da Lâmpada, olhando para cima através dos braços dourados como se estivesse atrás das barras de uma jaula, gotas de sangue pingando do canto de sua boca, embora ele estivesse vivo, pois seus lábios estavam se movendo, suas mãos enluvadas se fechavam e se abriam ao redor dos braços curvados mais externos

da Menorá. As labaredas agora investiam contra a plataforma e, enquanto Ben-Roi observava horrorizado, elas se estenderam lentamente e engolfaram a Menorá, que, por sua vez, se curvava e se retorcia devido ao calor; os braços se dobravam de um lado para outro; ouro parecia escorrer para longe dali como uma camada de pele para revelar algo impreciso e escuro logo abaixo dela, até que finalmente todo o objeto derreteu, dissolveu-se e se liquefez sobre o corpo contorcido de Har-Zion.

Ele observou até tudo desaparecer; então, incapaz de suportar o calor por mais tempo, virou-se e saiu pelo túnel. Enquanto se afastava, outra enorme explosão abalou a caverna atrás dele, e outra, e mais outra, a rajada forte convergindo gradualmente para um único estrondo ensurdecedor, uma densa camada de chamas forçando o corredor atrás dele. Ele irrompeu numa corrida a toda a velocidade, mergulhando num buraco na parede, cambaleando ao longo do corredor principal da mina rumo à escuridão da noite. Ele só teve tempo para ir atrás de Khalifa e arrastá-lo para o lado mais afastado do monte de pedras antes de haver um poderoso estrondo, e, como um trem expresso cortando um túnel, uma enorme onda de fogo irrompeu pela entrada da mina e incendiou todo o caminho através da clareira, atirando-se contra as árvores na extremidade da floresta de pinheiros e deixando-as em chamas. Tinha-se a impressão de que a cena durara uma eternidade; o chão debaixo deles sacudia e tremia, escombros caíam por todo o local, até que por fim tudo se acalmou de novo, e as chamas recuaram vagarosamente, de modo que não passavam de uma hesitante centelha ao redor da entrada da mina em ruínas.

Atrás do monte de pedras, Khalifa, de novo consciente, estendeu a mão desajeitadamente e agarrou o braço de Ben-Roi.

— Obrigado — disse, engasgado. — Obrigado.

O israelense estava balançando a cabeça, os braços estendidos de cada lado de seu corpo como se estivesse boiando em um lago.

— Era chumbo — sussurrou ele. — Era feita de chumbo. Revestida com ouro, mas por dentro era chumbo.

Ele bufou e, enchendo a mão com neve, a pressionou contra sua orelha cortada.

— Coisa bem típica de judeu, hein? Vocês nunca perdem uma chance de economizar dinheiro.

Ben-Roi e Khalifa acharam que a melhor coisa a fazer era sair da Alemanha o mais rápido possível. Ben-Roi fez algumas ligações com seu celular, mas não conseguiu nenhum vôo para Israel. Conseguiu, sim, encontrar um vôo direto para o Cairo — um vôo fretado de Salzburgo, saindo às seis da manhã. Ele reservou as passagens.

— Eu pegarei uma conexão para o Ben-Gurion de lá — disse ele. — Melhor do que esperar por aqui.

Os detetives dirigiram em comboio até o aeroporto, deixaram os carros, tomaram banho, dormiram por algumas horas e partiram no horário marcado. Uma vez que se encontravam a bordo do avião, Ben-Roi dormiu mais uma vez, imediatamente. Khalifa tentou fazer o mesmo, mas, exausto como se sentia, não conseguiu; então ele ficou ali sentado, bebericando o seu café e olhando para fora da janela, observando como longe, ao leste, uma discreta linha avermelhada se estendia até o céu gradualmente, se intensificando e se espalhando até que todo o horizonte estivesse inflamado com sua luz.

Alguma coisa o estava aborrecendo. E não deveria estar. Os eventos da noite anterior haviam levado o caso Schlegel a uma conclusão tão definitiva quanto era possível para uma investigação. Apesar disso, ele não conseguia se livrar de um sentimento incômodo — não era sequer um sentimento, antes a formação de uma vaga centelha bem atrás de sua cabeça — que ainda havia alguma coisa perdida para ser resgatada, algum minúsculo detalhe

final para preencher antes que o caso pudesse ser finalmente declarado como encerrado.

Bebeu o café todinho; lutou contra o impulso de escapulir até o toalete para fumar um cigarro e observou o imenso crepúsculo, sua mente flutuando separadamente sobre tudo que havia ocorrido naquelas últimas semanas, passando pra lá e pra cá através da confusão de pessoas, lugares e eventos até, finalmente, terminar no Vale dos Reis, onde todo aquele negócio havia começado. Ginger, Amenhotep II, o pequeno Ali conversando sobre faraós, tesouros e armadilhas para tolos. Como era mesmo o nome que ele dissera? O terrível Arranca-mão. Ele sorriu. Terrível Arranca-mão mesmo! Engraçadíssimo.

— Café?

A aeromoça estava inclinada sobre ele com uma garrafa térmica. Ele ergueu o copo, reclinou-se e retomou o rumo de seus pensamentos.

O terrível Arranca-mão. Hor-ankh-amun. Vizir do Faraó Tutmósis II. Sua tumba tinha sido descoberta há apenas alguns meses, em Sakkara, e sua câmara funerária fora encontrada intacta, abarrotada até o teto com uma fabulosa coleção de tesouros sepultados, incluindo um magnífico sarcófago de arenito. Isso por si só já o fazia a maior descoberta dos últimos anos. O que tornava a descoberta tão especial era o fato de que embaixo da câmara principal a equipe de escavação havia se deparado com um recinto anexo cuidadosamente concebido, contendo uma coleção ainda mais extraordinária de artefatos e um sarcófago ainda mais espetacular. Este último continha o corpo do devido proprietário da tumba. Verificou-se que o recinto superior era apenas uma simulação, uma réplica perfeita para enganar os ladrões, fazendo-os pensar que encontraram o tesouro, quando, de fato, o tesouro se encontrava bem abaixo de seus pés. Extraordinário!

Ben-Roi assoprou o café e olhou para fora da janela — todo o céu era agora uma camada brilhante avermelhada e dourada —, e seus

pensamentos faziam um ziguezague mais uma vez, antes de finalmente se estabelecer em seu curioso encontro no Velho Cairo, na Sinagoga Ben Ezra. Qual era mesmo o nome do sujeito? Shobu Ha-Or. Shobu? Não, Shomu. Shomer. Era isso. Shomer Ha-Or. Homem estranho, misterioso. A maneira como ele parecia estar esperando por Khalifa, e havia contado tudo sobre a Menorá da sinagoga.

Embora semelhante às demais reproduções, pode-se dizer que ela é apenas uma sombra quando comparada à original... Aquela era muito bonita. Sete braços, o capitel em forma de flores, os copos como amêndoas, toda ela de uma só peça batida de ouro puríssimo — a obra mais linda já vista.

Ele certamente poderia atestar isso. Era mesmo linda. Uma fabulosa obra de arte, mesmo que por dentro fosse apenas chumbo.

Na Babilônia... isso é o que a profecia nos diz. Na Babilônia, a verdadeira Menorá será encontrada, na Casa de Abner.

Atrás dele, começavam a servir o café-da-manhã; as vozes das aeromoças flutuavam pelo corredor enquanto perguntavam aos passageiros se desejavam chá ou suco.

Na Babilônia. Toda ela de uma só peça batida de ouro puríssimo.

Alguma coisa o incomodava. Arranca-mão. Câmara falsa. Enganando ladrões. Realmente o incomodava.

O carrinho de refeições alinhou-se à fileira onde estavam acomodados, e uma mulher começou a servir. Ben-Roi acordou de mau humor e pediu o café-da-manhã com suco. Khalifa optou pelo chá.

— Shomer Ha-Or.

— O quê?

— O nome Shomer Ha-Or? — perguntou Khalifa. — Significa alguma coisa? Em hebraico.

Ben-Roi estava retirando a tampa de seu prato de plástico, removendo seus talheres da embalagem.

— Guardião da luz — repetiu ele. — Guardião, protetor, alguma coisa assim. Por quê?

O egípcio não respondeu e apenas ficou olhando para a sua bandeja. Há algum tempo que ele se sentia faminto. Agora, repentinamente, perdera todo o apetite.

Cairo

A

terrissaram depois das onze; uma manhã quente e clara, com o céu azul e um grande sol amarelo flutuando bem no centro como um globo disforme.

Ben-Roi desejava pegar uma conexão naquele exato momento, mas não haveria nenhuma até o início da noite; assim ele concordou em dividir com Khalifa um táxi para a cidade, onde poderia procurar pela Embaixada de Israel, tomar um banho e trocar de roupa, além de ter os ouvidos examinados por um médico. Khalifa deu instruções em árabe para o motorista e partiram.

Não conversaram durante o trajeto e apenas ficaram olhando para fora da janela, enquanto a metrópole rapidamente os envolvia. Quando alcançaram o Nilo, viraram ao sul, ao longo do Corniche, seguindo-o por alguns quilômetros antes de retornarem de volta à densa cidade, costurando no tráfego caótico, até que, finalmente, dobraram a esquina de uma rua ampla e vazia com uma estação de

metrô do lado oposto, algum tipo de encosta murada cheia de árvores e igrejas. Pararam.

Ben-Roi nunca estivera no Cairo antes, mas tinha quase certeza de que ali não ficava a Embaixada. Aborrecido, perguntou a Khalifa o que estava acontecendo.

— Eu só preciso verificar uma coisinha — respondeu o egípcio, saindo do carro. — Dois minutinhos. Eu acho que você deveria vir também.

Ben-Roi grunhiu e resmungou, mas Khalifa foi insistente e, por fim, o israelense saltou, murmurando algo para si mesmo. Pagaram ao motorista, atravessaram a avenida, desceram alguns lances de escada de pedra, passaram pelo interior de uma encosta e chegaram a uma estreita rua pavimentada entre altos muros de tijolos amarelos e vermelhos. Estava muito calmo ali e muito quieto, a atmosfera densa e úmida.

— Que droga de lugar é esse? — perguntou Ben-Roi, olhando ao redor.

— Chama-se Masr al-Qadima — respondeu Khalifa, pegando o maço e acendendo um cigarro. — O Velho Cairo. A área mais antiga da cidade. Parte dela remonta ao período da conquista romana. — Ele deu uma tragada. — Embora, pelo que me lembro, tinha um nome diferente. — Ele lançou um olhar para Ben-Roi. — Chamava-se Babilônia. Babilônia do Egito.

O israelense ergueu as sobrancelhas, como se quisesse dizer "E o que é que eu tenho com isso?". Khalifa não respondeu e apenas colocou nos lábios um Cleopatra. Com um aceno de mão, indicou o caminho ao longo da rua. Uma vez ou outra passavam por um portal ou janela com venezianas, mas não viam nenhuma pessoa, nem ouviam qualquer som além dos seus passos e, em determinado momento, o som distante de uma música, suave e etérea. A rua tinha uma curva fechada à direita, depois à esquerda e novamente à

direita, antes de dar em um espaço aberto margeado por árvores diante da Sinagoga Ben Ezra.

Mais uma vez, o israelense perguntou o que estava acontecendo, e Khalifa novamente não respondeu, apenas jogou o cigarro no chão e conduziu Ben-Roi para dentro da sinagoga. Eles pararam por um momento na entrada, observando o púlpito de mármore, as galerias de madeira, a minuciosa decoração nas paredes e no teto, e em seguida avançaram, até que permaneceram na frente de um relicário alto de madeira no fundo da sinagoga, flanqueado pelas menorás de bronze.

— Bem-vindo, Yusuf. Eu sabia que você voltaria.

Como na sua visita anterior, Khalifa tinha certeza de que a sinagoga estaria vazia. Mesmo assim, lá estava aquele homem alto, cabelos brancos, sentado como da primeira vez, na penumbra, debaixo da galeria. Ele ergueu a mão em sinal de cumprimento, olhando para ambos por um instante, antes de levantar-se e aproximar-se. Khalifa apresentou seu companheiro.

— Arieh Ben-Roi — disse ele. — Da Força Policial de Israel.

O homem meneou a cabeça, como se estivesse esperando por aquela resposta, seus olhos se prolongando sobre o pingente da menorá no pescoço de Ben-Roi. Khalifa se mexeu, desconfortável, mudando o peso de um pé para outro. Agora que ele havia chegado ao local, não tinha certeza de como colocar em palavras o que passava por sua cabeça. Não tinha sequer plena certeza do que realmente passava por sua cabeça. O homem parecia compreender o dilema, pois deu um passo à frente e colocou a mão sobre seu ombro.

— Foi trazida para cá há muitos anos — disse ele gentilmente. — Há setenta gerações. Matias, o sumo sacerdote, ordenara. Quando soube que a Cidade Sagrada cairia nas mãos dos romanos.

Khalifa piscou.

— O...

— O outro? — Novamente o homem parecia compreender o que Khalifa estava pensando antes mesmo dele próprio. — Eleazar, o ourives, foi quem a forjou. Para enganar nossos inimigos. A original foi enviada para o Egito com um de meus antepassados, ficando aqui até que dias melhores surgissem. Nossa família a tem protegido desde então.

Ben-Roi abriu a boca, mas logo a fechou, confuso.

Houve um longo silêncio.

— Você nunca contou a ninguém? — perguntou Khalifa finalmente.

O ancião deu de ombros. — Não havia chegado o momento ainda.

— E agora?

— Ah, sim. Agora o momento chegou. Os sinais foram cumpridos.

Dos olhos dele, para surpresa de Khalifa, pareciam brotar lágrimas em sinal de orgulho e satisfação, não de sofrimento. Ele olhou para o detetive; em seguida, lentamente, voltou-se em direção à mais próxima das menorás, estendendo a mão e tocando com as pontas dos dedos um dos braços dela.

— Três sinais irão guiá-lo — recitou docemente; a voz ficou repentinamente distante, como se ecoasse por uma vasta extensão de tempo e espaço. — Primeiro: o mais jovem dos doze virá e em sua mão haverá um falcão; segundo: um filho de Ismael e um filho de Isaac permanecerão juntos, como amigos, na Casa de Deus; terceiro: o leão e o pastor serão um, e ao redor do pescoço deles haverá uma lâmpada. Quando estas três coisas se realizarem, será chegada a hora.

Houve outro momento de silêncio; as palavras do homem pareciam prolongar-se no ar fresco e sereno do interior da sinagoga, e então ele se voltou novamente; seus olhos cor de safira cintilavam.

— Você chegou para cumprir o primeiro dos sinais — disse ele, sorrindo para Khalifa. — Pois o mais jovem dos doze filhos de Jacó era José, Yusuf na língua árabe. E você trouxe consigo um falcão. O segundo sinal — ele estendeu suas mãos para tocar ambos os detetives — vocês dois cumpriram. Pois é de Ismael que os ancestrais do povo muçulmano descendem, e de seu irmão Isaac descende o povo judeu. Um muçulmano e um judeu lado a lado na Casa de Deus. E quanto ao terceiro sinal...

Ele inclinou sua cabeça, indicando o pingente de Ben-Roi.

— E o leão? — perguntou Khalifa, sua voz soava estranhamente grave e diferente aos seus ouvidos. — E o pastor?

O homem nada disse e apenas olhou para Ben-Roi.

— Meu nome — murmurou o israelense. — Arieh é o nome hebraico para leão. Roi significa pastor. Ouça, mas que diabos de história é essa?

O homem deu um sorriso largo e deixou escapar uma leve risada. — Deixe-me mostrar para vocês, meus amigos. Deixe-me mostrar para vocês dois. Setenta gerações, e agora, finalmente, é chegada a hora de ela ser revelada.

Então, tomou ambos pelo braço e os conduziu para um canto na parte de trás da sinagoga, onde pegou uma chave e abriu uma porta baixa escondida em um de vários painéis de madeira revestindo as paredes.

— Nossa sinagoga foi construída no final do século IX, sobre as ruínas de uma velha igreja copta — explicou ele, levando-os por uma escada que descia rumo a um amplo porão com pavimentação de pedra, vazio, exceto pelas cadeiras de madeira empilhadas no centro e uma enorme esteira de junco. — Isto, por sua vez, no entanto, restou das ruínas de uma edificação ainda mais antiga, remontando exatamente à época dos romanos. Quando meus ancestrais chegaram aqui pela primeira vez, esta edificação era o lar

de um líder da comunidade judaica na Babilônia, um homem santo e muito sábio. Abner era o seu nome.

O ancião foi até a esteira e, inclinando-se, segurou uma das bordas. — Nada agora resta da casa original, salvo esta pequena parte... uma caverna muito profunda, que anos atrás fora usada para estocar vinho. E que sobreviveu intacta, enquanto sobre ela séculos lentamente se passaram, e construções foram erguidas e tombadas.

Depois arrastou a esteira para o lado, revelando uma placa de pedra com uma cavidade no centro, maior do que as lajes ao redor, mais polida, mais antiga, bem mais antiga. Com a ajuda dos detetives, a placa foi erguida e colocada ao lado, revelando um buraco dentro do qual uma escada estreita e precária dava acesso ao piso inferior. Khalifa não tinha certeza, mas ele achava que havia visto uma luz tênue surgindo lá embaixo.

— Venham — disse o homem. — Algo espera por vocês.

Ele os conduziu para baixo pela escada, através de uma passagem estreita e arqueada, com o teto guarnecido de modilhões e paredes de tijolos empoeiradas. O ambiente estava bastante claro, uma incandescência rica e aconchegante emanava de um canto abaulado no fundo da passagem. Prosseguiram, o brilho se tornando mais forte a cada passo, mais intenso; as narinas capturavam uma vaga sensação de um perfume no ar, pouco perceptível e mesmo assim estranhamente intoxicante, de modo que começaram a sentir uma vertigem. Chegaram ao final da passagem, fizeram uma curva e pararam para descansar.

— Oh, Deus — extasiou-se Ben-Roi.

Diante deles, encontrava-se um nicho entalhado na pedra, suas paredes e teto eram rústicos e irregulares, e do seu interior emanava a luz mais aconchegante, mais agradável e mais delicada que Khalifa já havia visto. Acomodada no fundo, encontrava-se a fonte da luz, a Menorá de sete braços, sete chamas tremulantes em suas lâmpadas, idêntica àquela que encontraram na mina;

entretanto, ao mesmo tempo, totalmente diferente: o ouro era infinitamente mais puro e mais atraente, a forma infinitamente mais suave e graciosa, os ornamentos tão sutis e cheios de vida, que ao seu lado flores, folhas e frutos naturais iriam parecer nada mais do que imitações espalhafatosas.

Os olhares dos detetives se cruzaram, olhares que se encontraram e se prolongaram por um momento, antes de afastarem-se novamente. Seguindo o homem de cabelos brancos, caminharam adiante, até estarem de frente para o Candelabro; sua luz resplandecia sobre eles como uma onda dourada, infiltrando-se em seus olhos, fluindo para o recôndito de seus corpos, preenchendo-os.

— Você manteve as lamparinas acesas? — perguntou Ben-Roi, e sua voz era quase inaudível.

— As lamparinas nunca foram tocadas desde que a Menorá foi trazida para cá — respondeu o homem. — Elas foram acesas na época e permaneceram assim desde então. O pavio nunca se queimou, e o azeite nunca acabou.

Eles balançavam a cabeça, maravilhados, e se aproximaram mais alguns centímetros, observando as chamas. Diferenciavam-se de tudo que Khalifa já havia visto antes, exibia todas as cores do arco-íris e muito mais, cores que Khalifa nem mesmo sabia que existiam, tão puras, tão hipnóticas, que, depois de tudo aquilo, qualquer cor que ele viesse a ver seria insuportavelmente insignificante e monocromática pelo contraste. As chamas pareciam atraí-lo para dentro delas, envolvendo-o, rodeando-o, acariciando sua face como se Khalifa estivesse atravessando um véu diáfano, para então, repentina e parcialmente, revelar espaços vastos e abertos, espaços que de alguma maneira — e ele nunca seria capaz de explicar apropriadamente — continham cada pessoa que conhecera, cada lugar onde estivera, tudo que já havia feito: toda a sua vida estava passando diante dele, tudo perfeitamente claro, perfeitamente real. Lá estavam seu pai e sua mãe, seu irmão Ali, sua formatura na Academia de Polícia, o dia quando, aos cinco anos de idade, fugira

de casa e atravessara todo o caminho até chegar ao topo da Grande Pirâmide de Queops. E no meio de tudo isso, e superiormente mais claro e definido, rindo e acenando como se estivessem olhando para ele através de uma janela, estavam Zenab e as crianças.

— Estou vendo Galia!

Khalifa virou-se. Para seu horror, ele percebeu que Ben-Roi havia estendido as mãos e tocava a Lâmpada bem no meio de uma de suas chamas. Ele ergueu sua própria mão, pretendendo afastar o israelense, mas o homem de cabelos brancos o impediu.

— A luz de Deus não causa nenhum mal para aqueles que possuem um coração verdadeiramente justo — disse ele calmamente. — Deixe-o.

Ben-Roi estava sorrindo, a chama parecia se estender e se intensificar, de modo que tomou toda a mão do homem, envolvendo-a em um brilhante resplendor de luzes douradas.

— Posso sentir os cabelos dela — sussurrou ele — e o rosto também. Ela está aqui. Galia está aqui.

Ele começou a sorrir; seus dedos se moviam para a frente e para trás através das chamas, como se estivesse acariciando a pele de sua amada, continuando por um longo tempo, até que, repentinamente, o rosto dele se franziu, e ele deixou escapar um soluço profundo e entrecortado. Mais um soluço pôde ser ouvido, e mais outro, e outros ainda mais violentos que os últimos; todo o corpo dele tremia, como numa convulsão, devido à intensidade de seu pranto. Ele retirou a mão, dobrou-se para a frente, abraçando a si mesmo, mas as convulsões ficaram ainda mais fortes, e ele finalmente caiu de joelhos, soluçando incontrolavelmente; as lágrimas escorriam de seus olhos como uma represa cuja barragem fora rompida, esvaziando-se.

— Eu a amava tanto — ele continuou dizendo. — Ai, Deus, eu a amava tanto.

Khalifa tentou murmurar palavras de consolo, mas todas elas pareciam inadequadas e, dando um passo à frente, colocou a mão sobre o ombro de Ben-Roi. Os soluços continuaram, as lágrimas deslizavam pelo rosto marcado do israelense, e sua respiração estava cada vez mais ofegante por causa do lamento agonizante. Por fim, sem nem mesmo saber o que estava fazendo, Khalifa adiantou-se e agachou-se para, em seguida, envolver Ben-Roi em um abraço.

— Eu a amava tanto — falou Ben-Roi com a voz entrecortada. — Sinto tanto a falta dela. Ai, Deus, sinto tanto a falta dela.

O egípcio ficou em silêncio absoluto; apenas o abraçava apertado, a luz da Menorá envolvendo-os como um grande manto resplandecente, unindo-os, criando um poderoso laço. O ancião sorriu, virou-se e deixou a caverna.

Quando finalmente voltaram para a sinagoga, o homem não foi encontrado em lugar algum. Eles gritaram o nome dele, mas não houve resposta e, depois de andarem pelo local por alguns minutos, partiram.

Era meio-dia quando chegaram ali. Mas agora, inexplicavelmente, já estava amanhecendo de novo, como se os ponteiros do relógio tivessem de alguma forma se adiantado e se movido rapidamente, rompendo com o ritmo normal do ciclo do dia. Olharam para o leste, rumo à coloração rosa e esverdeada do céu, acima do topo granuloso das Colinas de Muqattam; então caminharam adiante e sentaram-se em um banco debaixo do tronco de uma enorme figueira-da-Índia. Enquanto isso, um garotinho vestindo uma djellaba branca apareceu carregando uma bandeja com dois copos de chá; seus olhos eram azuis e brilhantes como safiras.

— Vovô pediu para que eu desse isso a vocês assim que saíssem — disse ele, estendendo a bandeja. — Ele estará aguardando vocês na sinagoga, quando estiverem preparados.

Eles pegaram os copos e saíram correndo novamente. Khalifa acendeu um cigarro e olhou para as lânguidas estrelas que ainda cintilavam no céu. Houve um longo silêncio.

— Então, o que fazemos a respeito de tudo isso? — perguntou ele finalmente.

Ao seu lado, Ben-Roi havia se inclinado para a frente, soprando o chá quente.

— Faça coisas boas — ele murmurou. — E tente fazer a diferença e dê sempre o melhor de si.

— Hein?

— Foi a última coisa que Galia me disse. Antes de morrer. Faça coisas boas e tente fazer a diferença. Era uma frase que tínhamos. — Ele olhou para Khalifa e depois novamente para baixo. — Eu nunca contei a ninguém sobre isso.

O egípcio sorriu e bebericou o chá. Era muito doce e muito forte; um líquido límpido e marrom-avermelhado, quase da cor de um rubi — do jeito que ele gostava.

— Vai haver muito problema — disse Ben-Roi depois de um breve silêncio, sorvendo sua bebida — se as pessoas souberem que foi encontrada. Por causa do jeito que as coisas estão no momento. Existem outros Har-Zions por aí. Outros al-Mulathams também.

Khalifa soltou uma baforada. O sol começava a despontar sobre as colinas, uma mancha fina brilhante e avermelhada.

— Simplesmente é muito... muito poderosa — continuou Ben-Roi. — Muitíssimo... especial. Se fosse para levá-la de volta... Eu só não

acredito que estejamos preparados para isso. As coisas já estão complicadas demais como estão.

Ele terminou de beber seu chá e cruzou os braços. Um par de abelheiros voou dos galhos acima e pousou sobre o chão com seus longos esporões, assim como um espinho, voando de um lado para outro. Os dois homens olharam um para o outro e então menearam a cabeça, sabendo que ambos pensavam a mesma coisa.

— Concorda? — perguntou Ben-Roi.

— Concordo — confirmou Khalifa, terminando seu cigarro e esmagando-o com o sapato.

— Eu ligarei para Milan. Direi a ele que está a salvo. Ele não desejará saber mais do que isso.

— Podemos confiar nele?

— Yehuda? — Ben-Roi sorriu. — Sim, ele é confiável. Foi por isso que o chamei para falar sobre a Menorá, primeiramente. Ele é uma boa pessoa. Como a filha dele.

— A filha dele?

— Eu pensei que havia contado para você — disse Ben-Roi. — Tenho certeza de que lhe contei.

— Contou o quê?

O israelense passou a mão nos cabelos.

— Yehuda Milan era o pai de Galia.

Eles estavam preocupados que a decisão tomada pudesse aborrecer o ancião. Quando o encontraram e lhe disseram, ele simplesmente assentiu e deu aquele seu típico sorriso enigmático.

— Nossa tarefa era guardar a Lâmpada e, na plenitude dos tempos, seria o momento de revelar seu paradeiro — disse ele calmamente. — Nós fizemos isso. Nada mais era esperado, seja de nós ou por nós.

Ouviram o ruído de passos abafados, e um garotinho apareceu correndo para dentro da sinagoga e sentou-se ao lado de seu avô. O homem colocou o braço ao redor dos ombros dele.

— O que o senhor fará agora? — perguntou Khalifa.

— Agora? — O homem deu de ombros. — Somos os guardiões... esta é a nossa casa. Isso não mudará. Nada vai mudar.

— E a Lâmpada?

— A Lâmpada permanecerá onde está. Até ser da vontade de Deus que ela seja removida daqui. Enquanto suas lamparinas continuarem acesas, sempre haverá luz no mundo, ainda que a escuridão possa surgir.

O garotinho puxou as vestes do avô e, ficando na ponta dos pés, sussurrou algo em seu ouvido. O homem riu e beijou a testa do garoto.

— Ele pediu que eu dissesse a vocês que, quando eu vier a falecer, será ele o guardião, e vocês serão bem-vindos aqui para verem a Lâmpada sempre que desejarem.

Os detetives sorriram.

— Seja Deus convosco, meus amigos. A luz da Menorá está em vocês agora. Não a deixem perder o esplendor.

Ele manteve o olhar neles por um momento; os dois homens experimentavam um estranho sentimento repentino de alívio, como se estivessem flutuando. Em seguida, com um aceno, ele tomou o garotinho pela mão, virou-se e caminhou pela penumbra da galeria

de madeira da sinagoga. Os dois estranhamente desapareceram da vista dos inspetores como se nunca tivessem existido.

Enquanto saíam da sinagoga, Ben-Roi repentinamente passou a mão na lateral da cabeça.

— Minha orelha foi curada! — disse ele.

Cairo

"Ú

ltima chamada para o vôo 431 da Egypt Air para Assuã, com escala em Luxor."

Eram seis da tarde, e, finalmente, Khalifa estava a caminho de casa. Ele teria escolhido um vôo mais cedo, mas, quando falou com Zenab, ela insistiu para que ele aproveitasse sua estada e fizesse alguns contatos. Assim, ele tomou café-da-manhã com seus amigos Tawfik e Narwal no Groppi, em Midan Talaat Harb, depois passou o dia no Museu de Antigüidades com seu prezado mentor e velho professor, Al-Habibi — que acabara de voltar de um tour de palestras pela Europa —, antes de retornar novamente ao Groppi com seu amigo de infância Fat Abdul Wassami, que, fazendo jus ao nome, conseguiu comer seis bombas, três pedaços de basbousa e uma enorme fatia de katif no mel. ("Chamarei isso de um dia daqueles", ele havia declarado virtuosamente. "Sairemos para jantar hoje à noite e não quero estragar meu apetite.")

No entanto, agora Khalifa estava pronto para retornar à sua casa.

"Última chamada para o vôo 431 da Egypt Air..."

Do outro lado da barreira de segurança, ele podia ver alguns passageiros enfileirando-se diante das portas de vidro e entrando

em um ônibus que os transportaria até o avião. Ele se virou, observando o saguão de embarque, procurando por Ben-Roi, que havia reservado um vôo para as oito da noite, saindo do terminal internacional, e tinham combinado de se encontrarem ali para dizerem um último adeus. O lugar estava cheio de turistas, incluindo um grupo grande de inglesas que, todas elas, por alguma razão, usavam chapéus combinando. Contudo, nem sinal do israelense. Ele esperou mais outro minuto, e então, como o seu vôo foi novamente chamado, começou a avançar para o portão de embarque.

— Khalifa!

O israelense vinha abrindo caminho através do bando de turistas inglesas; duas malas enormes seguradas com firmeza. O egípcio foi ao encontro dele.

— Pensei que você não viria mais.

— Eu não conseguia achar o maldito terminal.

Ben-Roi soltou suas malas, passou a mão pela testa suada e, pegando seu cantil, abriu a tampa e tomou um gole da bebida. Quando ele abaixou a mão, percebeu o discreto olhar reprovador de Khalifa.

— Fica frio — ele resmungou. — É feito de hibisco. Como você chama isso?

— Karkaday.

— É isso aí. Muito refrescante. Achei que era hora de, você sabe... Me livrar de velhos padrões aos poucos.

Embora ele não estivesse familiarizado com a frase, Khalifa captou o que o israelense queria dizer. Eles se olharam e, outra vez, desviaram o olhar. Agora que chegara a hora de partir, nenhum deles sabia exatamente o que dizer. Khalifa olhou para baixo, para as sacolas plásticas, observando o conteúdo.

— Livros de colorir? — perguntou ele, surpreso.

— O quê...? Ah, sim. Eu estava andando pela cidade e vi esse material à venda. Tem uma professora que eu conheci, que trabalha numa escola onde eles ensinam garotos palestinos e israelenses juntos, e que não podem pagar... — O israelense interrompeu a frase, constrangido de repente. — De qualquer forma, eu pensei que ela poderia usar estes aqui — murmurou ele.

Khalifa assentiu. — Ela é bonita, eu presumo. Essa professora.

— Ela é sim, na verdade... Ela tem um cabelo longo que... — Mais uma vez Ben-Roi parou de falar, fazendo uma careta, como se de alguma maneira tivesse sido pego dizendo algo que não queria ter dito. —Vá se foder, Khalifa.

Não havia maldade em seu tom de voz e, por trás da careta, na verdade, percebia-se um tom zombeteiro. O alto-falante chamou novamente:

"Ultima chamada para o vôo 431 da Egypt Air. Passageiros seguindo para Luxor queiram se dirigir para o portão de embarque imediatamente."

— Esse é o meu — disse Khalifa.

Houve uma pausa. Ambos se esforçavam para encontrar as palavras certas, trocando o peso do corpo nervosamente, de um pé para outro; então Ben-Roi estendeu-lhe a mão.

— Ma-salaam, saheb. Adeus, meu amigo.

Khalifa riu. — Eu pensei que você havia dito que não falava árabe.

— Perguntei a uma pessoa na embaixada — contou Ben-Roi com um dar de ombros. — Pensei que isso, você sabe, poderia ser cordial ou qualquer outra coisa.

Khalifa assentiu e, estendendo a mão, apertou a do israelense.

— Shalom, chaver. Adeus, meu amigo.

Desta vez foi Ben-Roi quem gargalhou.

— Eu pensei que você havia dito que não falava hebraico.

— Procurei em um livro de expressões para turistas — disse Khalifa. — Pensei que isso poderia ser... cordial ou qualquer outra coisa.

Eles apertaram as mãos por um momento, seus olhos atentos, e então, liberando-se do cumprimento, repetiram as palavras de despedida, viraram-se e começaram a afastar-se. Khalifa tinha acabado de passar pela segurança, o último passageiro a fazê-lo, quando ouviu um grito atrás de si:

— Espere aí! Espere aí!

Ele retrocedeu para trás da barreira.

— Eu ainda vou esquecer essa minha cabeça por aí um dia desses — resmungou Ben-Roi, vasculhando uma das sacolas e tirando um pequeno pacote, que entregou para Khalifa.

— Para sua mulher e seus filhos. Halva. Nosso doce nacional. Consegui na embaixada.

O egípcio protestou, mas Ben-Roi gesticulou com uma das mãos e, mexendo em um outro bolso, tirou outro pacote, menor, do tamanho de uma caixa de fósforos, embrulhado em um papel marrom.

— E isso é para você. Uma pequena lembrança.

Novamente Khalifa protestou, e mais uma vez o israelense o ignorou, erguendo a mão e colocando o presente no bolso do egípcio. Eles ficaram se olhando; havia um tipo de hesitação forçada na postura de cada um, como se eles estivessem se impedindo de fazer algo que gostariam de fazer, mas sem ter certeza de que aquilo seria apropriado. Em seguida, simultaneamente, deram um

passo à frente, para então se abraçarem; os braços de Ben-Roi envolveram Khalifa, que era bem menor, completamente.

— Vejo você por aí, seu muçulmanozinho insolente duma figa.

Khalifa sorriu; o rosto pressionado contra o tórax imenso do israelense.

— Eu também, seu judeuzão arrogante miserável.

Permaneceram assim por um tempo, abraçados, então se separaram e tomaram cada um o seu caminho. Nenhum deles olhou para trás.

Mais tarde, uma vez que o avião já estava no ar e levando-o para o sul, de volta para seu lar e sua família, o único lugar onde sempre desejou estar, Khalifa colocou a mão no bolso e tirou o pacote que Ben-Roi havia lhe dado. Ele o observou, pensando que já sabia o que continha ali dentro; então, cuidadosamente, rasgou o embrulho para revelar uma pequena caixa de plástico. Dentro, sobre um tecido aveludado, encontrava-se a menorá de prata que Ben-Roi costumava usar na corrente ao redor do pescoço. Ele a colocou sobre a palma da mão, sorrindo, e a fechou. Encostou a cabeça na janela e observou a pequena linha do Nilo abaixo, uma veia azul em miniatura que, contra todas as previsões, trouxe vida e esperança para o seu oposto, o deserto infértil.

Jerusalém

H

avia uma grande multidão, milhares de pessoas, quinze metros de extensão ao longo da calçada da Rua Sultão Suleiman, demasiadamente próximos, ombro a ombro sobre o semicírculo da escadaria de pedra que dava acesso ao Portão de Damasco —

homens e mulheres, idosos e jovens, israelenses e palestinos; alguns segurando velas flamejantes, outros, faixas e cartazes, outros, fotografias emolduradas de pessoas queridas que haviam morrido sob a violência causada pelos dois povos. Todos estavam olhando para baixo, em direção ao palco improvisado instalado na frente do portão, onde duas figuras — uma usando um kipá branco, outra uma keffiyeh xadrez — estavam sentadas lado a lado diante de um único microfone. De vez em quando se ouviam aplausos, mas em geral a multidão ficava quieta, analisando o que estava sendo dito.

Passando através desse aglomerado de pessoas, Yunis Abu Jish agora lentamente abria seu caminho, a veste de explosivos apertada ao redor de seu diafragma; seu rosto estava cianótico e ensopado de suor. Conforme as instruções recebidas, ele foi até o telefone público na esquina da Abu Taleb com a Ibn Khaldoun, onde o pessoal de al-Mulatham lhe transmitiu sua ordem final: recolher as vestes na área de prédios abandonados, tomar seu caminho até o Portão de Damasco, ficar o mais perto possível do palco e, então, acionar o cordão do detonador.

— Allah-u-akhbar—murmurou ele, movendo-se lentamente adiante, com muita cautela, a fim de não balançar os explosivos. —Allah-u-akhbar, Allah-u-akhbar, Allah-u-akhbar.

Na frente dele, os homens estavam se alternando para discursar, aproximando-se e novamente se afastando do microfone.

"... fim da violência... sacrifícios em nome da paz... ódio ou esperança... nossa última chance..."

Ele tinha a vaga consciência do que as vozes diziam, absorto como estava no torvelinho de seus próprios pensamentos. Ele chegou ao final da escadaria, circundada pela esplanada em frente ao portão; alcançou o palco e posicionou-se bem no centro do palanque, diretamente logo abaixo dos oradores.

"... inequívoca retirada da Cisjordânia e da Faixa de Gaza... reconhecimento dos direitos de existência de Israel... abandono dos direitos de retorno... compensação para os refugiados... Jerusalém como nossa capital compartilhada... respeito e compreensão."

— Allah-u-akhbar, Mlah-u-akhbar, Mlah-u-akhbar.

Doente, enjoado, aterrorizado, ele colocou a mão dentro de sua jaqueta, puxou o primeiro dos cordões para armar os explosivos, moveu-o para baixo e pegou o segundo cordão.

"... um mundo novo... juntos como amigos... esperança no lugar de desespero... luz em vez da escuridão..."

— Allah-u-akhbar, Allah-u-akhbar, Allah-u-akhbar.

Yunis puxou um pouco. Parou. Puxou novamente. Ficou paralisado. E ele ficou ali, segurando o detonador, enquanto acima os dois homens se abraçavam e toda a multidão começava a cantar...

GLOSSÁRIO

Abba: Pai em hebraico.

Abraão: Patriarca judeu, considerado o pai do povo judeu.

Abu Simbel: Sítio arqueológico no sul do Egito. Local de um dos mais grandiosos monumentos egípcios, o Templo do Sol de Ramsés II.

Abu Za'abal: Prisão egípcia perto do Cairo.

Abydos: Centro do culto ao deus Osíris e local das sepulturas de alguns dos primeiros faraós do Egito. Localizado a 90km ao norte de Luxor.

Acordos de Paz de Oslo: Conjunto de propostas de paz entre israelenses e palestinos, negociadas em segredo em Oslo e assinadas em Washington em 1993.

Ahl el-Kitab: Literalmente, "Povo do Livro". Termo muçulmano para judeus e cristãos, cujas Escrituras foram incorporadas ao Islã.

Ahmed Qurei: Primeiro-ministro palestino desde 2003. Conhecido também como Abu Ala. Nascido em 1937.

Aish Baladi: Pão feito com farinha de trigo, semelhante ao pitta.

Akhenaten: Faraó da XVIII dinastia. Reinou de c. 1353 a 1335 a.C. Pai de Tutancâmon.

Al-Ahram: Literalmente, As Pirâmides. O jornal egípcio de maior circulação. Al-Akhbar: Jornal egípcio.

Alim al-Simsim: Versão egípcia do programa norte-americano que foi transmitido no Brasil como Vila Sésamo.

Aliyah: Literalmente, "subir". Imigração para a terra de Israel.

Al-Quds: Nome árabe de Jerusalém.

Al-Wadi al-Gadid: Prisão egípcia no Oásis de Kharga.

Amarna (Tell el): Nome moderno da antiga Akhetaten, uma cidade construída pelo Faraó Akhenaten na margem oriental do Nilo. Entre o Cairo e Luxor.

Amenhotep I: Faraó da XVIII dinastia. Reinou de c. 1525 a 1504 a.C. Seu túmulo nunca foi identificado.

Amenhotep II: Faraó da XVIII dinastia. Reinou de c. 1427 a 1401 a.C.

Amenhotep III: Faraó da XVIII dinastia. Reinou de c. 1391 a 1353 a.C. Pai de Akhenaten e avô de Tutancâmon.

Ami Ayalon: Dirigiu o Shin Bet de 1996 a 2000.

Ankh: Símbolo cruciforme. No Egito antigo era o símbolo da vida.

Ariel Sharon: Soldado e político israelense controverso. Nascido em 1928. Foi reeleito primeiro-ministro de Israel em 2001. Em janeiro de 2006, Sharon sofreu um segundo derrame, sendo afastado do cargo, e suas obrigações governamentais foram assumidas pelo vice-primeiro-ministro, Ehud Olmert.

Arminius: Antigo guerreiro e herói alemão. Viveu de c. 18 a.C. a 21 d.C. Famoso por derrotar o exército romano na Batalha de Teutoburgo (9 d.C).

Ascalão: Uma prisão israelense.

Attaia Gaddis: Famoso fotógrafo egípcio. Viveu de 1887 a 1972.

Autoridade Nacional Palestina (ANP): Corpo semi-autônomo de governo palestino com autoridade sobre a Cisjordânia e a Faixa de Gaza. Criada pelos Acordos de Paz de Oslo em 1993.

Aya: Um verso do Alcorão.

Babaghanoush: Prato egípcio feito de tahine e berinjela amassada.

Babi Yar: Uma ravina perto de Kiev, local de um massacre hediondo na Segunda Guerra Mundial em que mais cem mil pessoas, principalmente judeus, foram mortas por esquadrões de fuzilamento nazistas.

Banana Island: Um local de grande beleza em Luxor. Conhecido como um lugar freqüentado por homossexuais.

Bar Mitzvah: Cerimônia que reconhece a maioridade religiosa do jovem judeu.

Baruch Goldstein: Extremista judeu. Assassinou a tiros 29 fiéis muçulmanos numa mesquita em Hebron, em 1994, e, em

conseqüência de seu ato, foi espancado até a morte. Considerado como um herói pela ala direita dos colonos judeus.

Basbousa: Pastel doce egípcio, feito com sêmola, nozes picadas e mel.

Batya Gur: Autor israelense popular.

Beni Hassan: Importante necrópole do Reino Médio, na margem oriental do Nilo, a meio caminho entre al-Minya e Mallawi.

Benjamin Netanyahu: Foi primeiro-ministro de Israel entre 1996 e 1998. Atualmente é o líder do partido conservador Likud. Nasceu em 1949.

Bezaleel: Artesão judeu muito reverenciado da época do Êxodo. Construiu a Arca da Aliança e a primeira Menorá.

Borscht: Sopa de beterraba.

Buchenwald: Campo de concentração nazista na Alemanha.

Butneya: Uma área do Cairo conhecida por seus assaltantes e negociantes de drogas.

Cabala: Ensino místico do judaísmo.

Cachimbo shisha: Cachimbo de água. Fumado em todo o Oriente Médio.

Caixa Zedakah: Caixa de caridade. Um acessório adotado em muitos lares judaicos.

Caleche: Uma carruagem puxada por cavalos.

Camp David: Casa de campo do presidente dos Estados Unidos, em Maryland. Foi o cenário das infrutíferas negociações de paz em julho de 2000 entre o primeiro-ministro israelense Ehud Barak e Yasser Arafat.

Cardo: Rua coberta do bairro judeu, na Cidade Antiga de Jerusalém. Na Antigüidade, a principal via da Jerusalém romana.

Chicago Mouse: A casa ocupada pela Missão Arqueológica da Universidade de Chicago em Luxor, Egito.

Chifres de Hattin: Local da grande batalha em que, em 1187, Saladino derrotou os cruzados.

Constantino I: Conhecido como "o Grande". Primeiro imperador romano a converter-se ao cristianismo. Viveu de c. 274 a 337 d.C.

Davi: Herói e rei dos judeus. Viveu por volta de 1050 a.C. Pai de Salomão.

Debir (Santo dos Santos): O lugar mais sagrado do antigo Templo.

Décima Oitava Dinastia: A história egípcia antiga é dividida entre reinados (Antigo, Médio e Novo), que, por sua vez, são subdivididos em dinastias. A XVIII dinastia compreendeu o reinado de quatorze governantes e cobriu o período que vai de c. 1550 a 1307 a.C. A primeira da três dinastias do Novo Reino, que durou de c. 1550 a 1070 a.C.

Deir el-Bahri: Sítio do templo mortuário da rainha Hatshepsut (reinou de c. 1473 a 1458 a.C). Localizado na margem ocidental do Nilo, em Luxor.

Deir el-Bersha: Necrópole do Reino Médio, na margem oriental do Nilo, do lado oposto à moderna cidade de Mallawi.

Deir Yassin: Antigo vilarejo palestino nos arredores de Jerusalém. Palco de um terrível massacre efetuado por paramilitares judeus em 1948.

Deutsche Orient-Gesellsehaft: A Sociedade Oriental alemã. Uma instituição devotada a estudar a história e a arqueologia do Oriente Próximo.

Djellaba: Veste tradicional usada por homens e mulheres egípcios.

Djellaba suda: Veste preta usada pelas camponesas egípcias.

Djóser: Faraó da III dinastia. Reinou de c. 2630 a 2611 a.C. Sua famosa pirâmide de degraus, em Saqqara, foi a primeira construção monumental de pedra do mundo.

Dunum: Medida equivalente a um quarto de um acre.

École Biblique: Instituto fundado em 1890 para estudos da Bíblia e da arqueologia da Terra Santa.

Ehud Barak: Antigo primeiro-ministro israelense (1999-2001). Atual (2009) ministro da Defesa de Israel.

Eid el-Adha: A Festa do Sacrifício, uma das festas mais importantes no calendário muçulmano.

Elias: Profeta hebreu.

El-Kab: Sítio arqueológico na margem oriental do Nilo, situado a 70km ao sul de Luxor. Possui uma cidade murada espetacular, que data do início do período dinástico (2975 a 2920 a.C).

Eretz Israel Ha-Shlema: Literalmente, "o Todo do Grande Israel", isto é, toda a terra concedida por Deus a Abraão, como descrito na Bíblia.

Esdras: Antigo escriba judeu que ensinava as leis de Deus ao povo.

Estrela de Davi: Estrela de seis pontas, um dos principais símbolos do judaísmo. Conhecida como Magen David — o Escudo de Davi.

Even Shetiyah: Literalmente, "Pedra da Fundação". A rocha proeminente no Monte Moriá na qual o Templo antigo foi construído.

Faiança: Um material feito de quartzo que, ateando-se fogo, forma uma camada exterior vitrificada. Usada intensamente no Egito antigo para a fabricação de jóias, amuletos, pequenos vasos etc.

Farid: Uma marca de cigarros do Oriente Médio.

Fatah: Facção palestina, fundada por Yasser Arafat no final dos anos 1950. Palavra árabe que significa "vitória" e um acrônimo para o "Movimento de Libertação Nacional da Palestina".

FDI: Força de Defesa de Israel. O exército israelense.

Fellaha (pl.fellaheeri): Camponês.

Fortaleza Antônia: Fortaleza adjacente ao complexo do Templo na antiga Jerusalém. Foi construída por Herodes, o Grande.

Frumm: Palavra em iídiche cujo significado é "rigor na observância religiosa". Gebel Dosha: Sítio arqueológico no norte do Sudão.

Gefilte fish: Prato judeu tradicional; trata-se de um bolinho feito de carne moída de peixe.

Genserico: Rei vândalo que viveu de 428 a 477 d.C. Saqueou Roma em 455 d.C.

Goldstar: Uma marca de cerveja israelense.

Goy (pl.goyim): Termo pejorativo em iídiche para "não-judeu".

Groppi: Famosa rede de cafeterias do Cairo.

Gross-Rosen: Campo de concentração nazista na Polônia.

Guerra do Ramadã: Nome árabe para a guerra do Yom Kippur, em 1973.

Gush Shalom: Literalmente, "o Bloco da Paz". Grupo pacifista israelense.

Ha'aretz: Jornal diário israelense.

Halakhah: Toda a essência da lei judaica escrita e oral.

Hallah: Pão utilizado pelos judeus no Shabbat.

Hamas: Movimento militante islâmico palestino nacionalista, fundado em 1987. Hamas é a palavra árabe para "zelo" e um acrônimo reverso para "o Movimento de Resistência Islâmico". Seu dirigente, o Sheik Ahmed Yassin, foi assassinado pelos israelenses em 2004.

Hanukah: Festa judaica que comemora a vitória de Judas Macabeu sobre os gregos selêucidas e a purificação do Templo.

Haram al-Sharif: Literalmente, "o Santuário Nobre". O local na Cidade Antiga de Jerusalém onde ficam a Mesquita al-Aqsa e o Domo da Rocha; é o terceiro local mais sagrado no mundo islâmico. Localiza-se no mesmo lugar onde ficava o antigo Templo judeu.

Haredi: Judeu ultra-ortodoxo.

Hassídico: Uma ramificação do judaísmo ultra-ortodoxo. Hawagaya: Termo egípcio para "estrangeiro". Hazzan: Cantor. Conduz os cânticos na sinagoga.

Hezbollah: Literalmente, "Partido de Deus". Grupo militante islâmico xiita sediado no Líbano.

Horemheb: Último faraó da XVIII dinastia. Reinou dcc. 1319 a 1307 a.C.

Hórus: Antigo deus egípcio, filho de Ísis e Osíris. Retratado com o corpo de um homem e a cabeça de um falcão.

Hosni Mubarak: Presidente do Egito desde 1981.

Houris (pi.): Virgens que atenderão às necessidades dos muçulmanos após a morte.

Howard Carter: Arqueólogo inglês que descobriu em 1922 a tumba de Tutancâmon. Viveu de 1874 a 1939.

Humvee: Carro parecido com um tanque de guerra. Acrônimo para a expressão inglesa High Mobility Multi-Purpose Wheeled Vehicle, que significa veículo provido de rodas com múltiplas funções e de alta mobilidade.

Imã: Líder da oração congregacional na mesquita.

Imma (pl. immam): Lenço ou turbante. Usado pelos homens em todo o Egito.

Insha-allah: Literalmente, "Se Alá quiser". Expressão comumente usada pelos egípcios.

Intifada: Literalmente, "insurreição". Levante popular instaurado pelos palestinos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. A primeira Intifada durou de 1987 a 1993. A segunda, também conhecida como Intifada de al-Aqsa, teve início em setembro de 2000 e continua em andamento.

Isaque: Patriarca judeu. Filho de Abraão e meio-irmão de Ismael. É de Isaque que os judeus são descendentes.

Ismael: O filho mais velho de Abraão com a serva de sua esposa Sarah, Hagar. É de Ismael que os árabes descendem.

Ismael Haniya: Um dos principais articuladores do Hamas. Tornou-se o primeiro-ministro da Palestina a partir de fevereiro de 2006. Nasceu em 1962, no campo de refugiados de Shati, em Gaza.

Ísis: Antiga deusa egípcia. Esposa de Osíris e mãe de Hórus. Protetora dos mortos.

Jacó: Patriarca judeu. Filho de Isaque e neto de Abraão.

Jean-François Champollion: Estudioso francês que decifrou os hieróglifos egípcios. Viveu de 1790 a 1832.

Jeremias: Profeta judeu do século VI a.C. Profetizou a destruição do Templo de Salomão pelos babilônios. Considera-se que tenha

morrido no Egito.

Jibril Rajoub: Ativista político palestino. Nascido em 1953.

Jihad Islâmica: Grupo militante islâmico palestino, fundado no final dos anos 1970.

João de Giscala: Um dos líderes da revolta judaica contra Roma nos anos 66-70 d.C. Condenado à prisão perpétua após a queda de Jerusalém no ano 70 d.C.

Jonas: Profeta hebreu.

Josef Mengele: Médico nazista que atuou em Auschwitz e cujo apelido era "O Anjo da Morte". Fugiu para a América do Sul após a Segunda Guerra Mundial. Morreu no Brasil em 1979.

Josué: Irmão de Moisés. Líder dos israelitas após a morte de Moisés. Liderou a conquista de Canaã.

Judas Macabeu: Líder militar judeu do século II a.C. Reconquistou Jerusalém dos gregos selêucidas.

Ka'ba: Construção em forma de cubo, situada no centro do pátio da Grande Mesquita em Meca. O santuário mais sagrado do Islã.

Karkaday: Uma infusão feita de pétalas de hibisco. Bebida popular no Egito.

Katif. Sobremesa à base de cereais, embebida em mel e popular no Egito. Keffiyeh: Lenço usado pelos homens árabes. Ken: palavra hebraica similar ao "sim".

Kerovah: Uma oração judaica que pode ser entoada ou cantada.

Ketziot: Prisão israelense notoriamente severa, situada no Deserto do Neguev.

Khaghoghi derev: Prato armênio tradicional com folhas de videira recheadas e enroladas.

Kiddush: Oração judaica recitada no Shabbat e em outras festas religiosas.

Kipá: Solidéu usado pelos homens judeus durante a oração. Yarmulke. Os judeus ortodoxos o utilizam o tempo todo.

Klog iz mir: Expressão em iídiche que significa "Ai de mim!".

Kneidl: Bolinho de massa.

Kneidlach de galinha: Sopa de galinha com bolinhos de massa. Prato judeu popular.

Knesset: Literalmente, "Assembléia". O Parlamento israelense. Kohenim (pl.): Sacerdotes hereditários do Templo. Kor: Sítio arqueológico localizado no norte do Sudão. Kufr: Nome dado àqueles que não seguem o Islã. Infiéis.

Língua d'oc: Dialeto francês da região do Languedoc, no sul da França. A língua utilizada pelos trovadores medievais daquela região.

Maciço de Tebas: Sucessão de colinas situadas na margem ocidental do rio Nilo, em Luxor.

Mahmoud Abbas: Sucessor de Yasser Arafat como o presidente da Autoridade Nacional Palestina. Nascido em 1935. Conhecido também como Abu Mazen. Foi um dos fundadores do Fatah.

Mangonel: Maquinado de guerra. Um tipo de catapulta.

Maniak: Palavra em hebraico para "ânus", utilizada para ofender.

Marwan Barghouti: Ativista e político palestino popular. Nascido cm 1958. Preso pelos israelenses desde 2002.

Mashrabiya: Objeto egípcio tradicional feito em madeira.

Matmidim (pl.): Judeus eruditos devotados ao estudo do Talmude.

Matzah: Pão sem fermento comido pelos judeus durante a Páscoa.

Mauristan: Uma área do bairro cristão na Cidade Antiga de Jerusalém.

Mea Sharim: Um subúrbio de Jerusalém, exatamente ao norte da Cidade Antiga.

Meir Kahane: Extremista judeu nascido no Brooklin. Advogou a remoção forçada de todos os árabes do território bíblico de Israel. Nasceu em 1932. Assassinado em 1990.

Mendil: Lenço usado pelas mulheres palestinas.

Menorá: O candelabro sagrado com sete braços, um dos símbolos mais antigos do judaísmo e o símbolo do Estado de Israel.

Merenptah: Faraó da XIX dinastia. Reinou de c. 1224 a 1214 a.C.

Mesa dos Pães Ázimos (ou Pães da Proposição): Um dos objetos sagrados no antigo Templo de Jerusalém. Guardava os pães sagrados usados nos serviços do Templo.

Meshugina: Palavra em iídiche para "pessoa louca".

Mezuzah: Uma caixa pequena contendo versos do Livro do Deuteronômio, presa à porta da casa dos judeus ortodoxos.

Midan Tahrir: Literalmente, "Praça da Libertação". Uma praça situada no centro do moderno Cairo.

Mishnah: O corpus da Lei oral judaica, compilado no século II d.C.

Mohammed Dahlan: Político e ativista palestino. Nascido em 1961.

Molochia: Planta de folhas verdes similar ao espinafre.

Monte Moriá: Local do antigo Templo de Jerusalém, onde Abraão quase sacrificou seu filho Isaque.

Moser: Palavra em iídiche para "traidor".

Muezzin: Funcionário da mesquita que chama o fiel à oração cinco vezes diariamente.

Muro Ocidental: O que restou do muro do antigo Templo de Jerusalém; constitui sua única parte remanescente depois que os romanos o destruíram no ano de 70 d.C. Conhecido também como o "Muro das Lamentações" e, em hebraico, Kotel. O local mais sagrado no mundo judaico

Nebbish: Palavra em iídiche para alguém que é "indeciso" ou "tímido"

Nemes: Toucado usado pelos antigos faraós.

ONG: Organização Não-Governamental.

Osíris: Antigo deus egípcio do mundo dos mortos.

Ostracon (pl.: ostraca): Peça de cerâmica ou de pedra calcária que carrega uma imagem ou um texto. Efetivamente, o equivalente antigo dos modernos blocos de rascunho.

Paz Agora: Principal movimento israelense pela paz. Fundado em 1978.

Pe'ot (pl.): Cachos de cabelo laterais usados pelos judeus ultra-ortodoxos.

Pesah: Páscoa. Festa judaica que comemora o êxodo dos judeus do Egito.

Pilone: Entrada ou passagem maciça que fica na frente de um templo.

Pilum: Lança ou dardo usado pelos soldados romanos.

Posto de Fronteira de Erez: Principal via de acesso de Israel à Faixa de Gaza.

Protocolos de Sião: Documentos adulterados publicados na Rússia em 1905 que revelam um suposto plano para os judeus dominarem o mundo. Embora, subseqüentemente, tenha sido provado se tratar de uma falsificação, os documentos alimentaram o anti-semitismo desde então.

Qasr Dush: Local de um templo romano antigo perto do Oásis de Kharga.

Qubbat al-Sakhra: Termo em árabe para o Domo da Rocha, o principal santuário islâmico em Jerusalém.

Quftan: Caftan. Túnica de mangas longas.

Rafah: Cidade Palestina na Faixa de Gaza, perto da fronteira com o Egito. Foi o cenário, em 2004, de uma opressiva operação militar israelense que causou a morte de muitos civis palestinos.

Rais: Título dado a uma pessoa ilustre. Senhor.

Ramesseum: Templo mortuário de Ramsés II, na margem ocidental do Nilo, perto de Luxor.

Ramsés II: Terceiro faraó da XIX dinastia. Reinou de c. 1290 a 1224 a.C. Um dos maiores faraós do Egito antigo.

Ramsés III: Faraó da XX dinastia. Reinou de c. 1194 a 1163 a.C. Seu templo mortuário, em Medinet Habu, no Alto Egito, é um dos mais belos monumentos do país.

Ramsés VI: Faraó da XX dinastia. Reinou de c. 1151 a 1143 a.C.

Ramsés IX: Faraó da XX dinastia. Reinou de c. 1112 a 1100 a.C.

Rashi: Estudioso e comentador judeu. Viveu no período de 1040 a 1105 d.C. Seu nome verdadeiro era Solomon ben Isaac.

Rek'ah: Ciclo de oração.

Rodef: Palavra em hebraico para "traidor".

Romema: Subúrbio de Jerusalém, no noroeste da cidade.

Rosa-Cruz: Fraternidade religiosa esotérica. Seus emblemas são a rosa e a cruz.

Sabra: Apelido para o israelense nativo. O sabra é um cacto, e, como ele, os israelenses são supostamente "espinhemos" por fora, mas "macios" por dentro.

Sabra e Chatila: Campos de refugiados palestinos em Beirute Ocidental, cenários de um massacre hediondo ocorrido em 1982. Embora a atrocidade tenha sido realizada por militares cristãos libaneses, Israel foi considerado cúmplice, visto que seu exército controlava Beirute Ocidental naquela época.

Saeb Erekat: Político e acadêmico palestino. Nascido em 1955.

Saladino: Nome traduzido para o português de Salah al-Din. Grande líder militar muçulmano. Viveu de 1138 a 1193 d.C.

Sala hipóstila: Sala cujo teto é sustentado por muitas colunas.

Salomão: Rei de Israel no século X a.C. Filho de Davi.

Saqqara: Necrópole da antiga capital egípcia Mênfis. Um vasto deserto de tumbas, cobrindo um solo de quase sete quilômetros quadrados; inclui a famosa Pirâmide de Degraus de Djóser; situada a 20km ao sul do Cairo.

Schal: Xale ou lenço usado pelos egípcios.

Schlomo Artzi: Músico israelense.

Sefardita: Judeu de origem espanhola.

Seti I: Faraó da XIX dinastia, pai de Ramsés II. Reinou de c. 1306 a 1290 a.C.

Shaaban Abdel-Rehim: Músico egípcio. Shabbat: Palavra para o sábado judaico.

Shabti: Figura pequena, em forma de múmia, geralmente de madeira ou de faiança, colocada no túmulo, a fim de executar tarefas para os falecidos no além.

Shaduf: Baldes de madeira regulados por peso para retirar água do Nilo. Shahada: Profissão de fé muçulmana. Shaheed: Um mártir islâmico.

Shebab: Literalmente, "juventude". Jovens palestinos.

Shema: A oração central da fé judaica, composta de três passagens bíblicas. Deuteronômio 6,4-9 e 11,13-21, e Números 15,37-41.

Shin Bet: Serviço de Segurança Interna de Israel. O equivalente ao MI5 ou FBI.

Shtetl: Palavra em iídiche para "cidade pequena". Termo usado em assentamentos na Europa Oriental com uma população principalmente judia.

Shtreimel: Chapéu grande, forrado com pele de animal e usado por judeus ultra-ortodoxos.

Shul: Palavra em iídiche para "sinagoga". Shuma: Tipo de bengala.

Siga: Um jogo egípcio de tabuleiro, conhecido também como tab-es-siga. Similar ao jogo de damas.

Simão Bar-Giora: Um dos líderes da revolta judaica contra Roma de 66 a 70 d.C. Foi executado após a queda de Jerusalém em 70 d.C.

Soujuk: Prato armênio tradicional de salsichas temperadas.

Sura: Um capítulo do Alcorão, o livro sagrado do Islã. Cada uma das 114 suras é dividida em um número de ayat ou seções.

Tallit: Um xale de oração usado por homens judeus no momento do louvor.

Tallit katan: Tipo de túnica guarnecida com franjas em cada um de seus lados, usada por judeus ultra-ortodoxos embaixo da roupa diária.

Talmid Hakhamim (pi.): Literalmente, "Discípulos do Sábio". Aqueles devotados ao estudo da lei judaica.

Talmude: Coleção de opiniões de estudiosos e debates sobre a lei judaica. Tamar hindi: Bebida refrescante feita de tamarindo. Tarboosh: Barrete turco.

Tarha: Lenço usado sobre a cabeça por mulheres egípcias tradicionais. Taybeh: Uma cerveja palestina.

Teffilah (pl. teffilin): Caixa pequena que contém passagens bíblicas. Os judeus ortodoxos unem as teffilin à sua testa e braços durante determinados tipos de oração.

Tel el-Fara'in: Literalmente, "Monte dos Faraós". Sítio arqueológico no norte do Egito.

Termous: Tipo de feijão.

Thobe: Veste bordada ou caftan usado por mulheres palestinas.

Tish B'Av: Literalmente, "o nono dia de Av", a data no calendário judaico quando o primeiro e o segundo Templos foram destruídos (pelos babilônios e romanos, respectivamente). Um momento de grande pranto para os judeus.

Tito: Filho do Imperador Vespasiano. Comandante do exército romano que conquistou Jerusalém no ano 70 d.C. Reinou como imperador de 79 a 81 d.C.

Torá: O texto central da fé judaica, que compreende os primeiros cinco Livros da Bíblia. Também chamado de Pentateuco.

Torly: Um ensopado ou cozido tradicional egípcio.

Torshi: Uma mistura de legumes em conserva. Petisco popular egípcio.

Touria: Enxada.

Tríade de Tebas: Amon, Mut e Khonsu, os três grandes deuses egípcios para os quais Carnaque foi consagrada.

Túmulo do Jardim: Lugar considerado por alguns, como o do túmulo de Cristo.

Tuna el-Gebel: Sítio arqueológico na margem ocidental do Nilo, perto da cidade de Mallawi.

Tutmósis II: Faraó da XVIII dinastia. Reinou de c. 1492 a 1479 a.C.

Umm ali: Bolo embebido em leite, açúcar, uvas e canela. Sobremesa popular egípcia.

Umm Kulthoum: Cantora egípcia. Um ícone da música. Viveu de 1904 a 1975.

Ummah: A comunidade muçulmana.

'umra: Peregrinação a Meca. Ao contrário da peregrinação mais importante, o Hajj, a 'umra pode ser realizada em qualquer época do ano.

Universidade Beir Zeit: Universidade palestina, em Ramala.

Vândalos: Tribo germânica que saqueou Roma em 455 d.C.

Vespasiano: Imperador romano que reinou de 69 a 79 d.C.

Via Dolorosa: Literalmente, "Caminho da Dor". É o caminho que foi percorrido por Jesus Cristo ao longo da Cidade Antiga de Jerusalém, em direção à crucificação.

Wadi Biban el-Muluk: Literalmente, "Vale das Portas dos Reis". Nome árabe para o Vale dos Reis, no Egito.

Wadi Halfa: Cidade no norte do Sudão. Sítio que contém muitas ruínas arqueológicas importantes dos períodos faraônicos.

Ward-i-Nil: Literalmente, "flor do Nilo". Planta egípcia comum da água. Yad Vashem: Memorial e Museu do Holocausto em Jerusalém. Mihrseit: O aniversário da morte de um parente ou de uma pessoa amada. Yansoon: Popular bebida de anis egípcia.

Yasser Arafat: Representante e líder de fato do povo palestino desde o final da década de 1960 até sua morte, em novembro de 2004. Presidente da Autoridade Nacional Palestina a partir de 1996. Nascido em 1929. Também era conhecido como Abu Ammar.

Yathrib: Nome original da cidade árabe de Medina.

Yediot Ahronot: Jornal diário israelense de grande circulação.

Yehudi (pl. Yehudi-eeri): Judeu.

Yeshiva: Escola religiosa judaica direcionada ao estudo do Talmude.

Yigal Amir: Extremista judeu. Assassinou o primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin em 1995.

Yutzim (pl.): Palavra em iídiche para "tolos", "simplórios".

Yuya e Tjuyu: Um casal nobre. Viveram no século XIV a.C. Bisavós de Tutancâmon.

ZaSatar: Planta médio-oriental aromática da família da menta.

Zemirot (pl.): Literalmente, "Canções". Salmos e hinos cantados pelos judeus durante o culto.

Zonah: "Vadia" em hebraico.

AGRADECIMENTO

D

evo demonstrar minha gratidão a um numeroso grupo de pessoas pela ajuda recebida com pesquisas e na redação deste livro; o que se segue é certamente necessário, mas um insignificante reconhecimento diante do apoio que me foi dedicado.

Um imenso agradecimento à minha agente, Laura Susijn, pela presença constante nos momentos difíceis, e a Simon Taylor, da Transworld, cuja competência como editor pode ser comparada apenas a seu nível hercúleo de paciência em aguardar por um manuscrito para, enfim, editar.

Rudi Eliott Lockhart, Emma Woolerton e Tessa Webber colaboraram de forma inestimável com as traduções do latim medieval e, da mesma maneira, James Freeman com o latim e grego antigos.

Pelos conselhos sobre as nuances do árabe palestino, um vigoroso obrigado a Ghassan Kharian e Henrietta McMicking; do mesmo modo, ao meu caro amigo Mohsen Kamel, por corrigir meu árabe egípcio (lamentável). Pelas transliterações do hebraico, devo agradecer ao rabino Warren Elf, professor das grandes tradições do judaísmo.

Em nenhuma ordem particular ou qualquer diferença, desejo expressar minha gratidão ao professor Dieter Lindenlaub, Rolf Herget, Gilad Atzmon, Dr. Nick Reeves, Bromley Roberts, Nigel Topping, Xan Brooks, Andrew Rogerson, John Bannon, Charlie Smith, Marie-Louise Weighall e Sue e Stanley Sussman.

Finalmente, três agradecimentos especiais. Primeiramente, à equipe de funcionários e aos policiais da Delegacia de Polícia Davi, em Jerusalém, que foram infalivelmente generosos, prestativos e instrutivos durante o tempo que consagrei pesquisando em Israel.

Em segundo lugar, a muitos palestinos que destinaram seu tempo para se reunirem comigo, fornecendo-me, assim, um panorama de seu próprio mundo. Por causa da situação política atual, havia certo nervosismo, o que é compreensível, quanto a eu permitir que seus nomes aparecessem na publicação. Eles sabem quem são, e eu lhes serei sempre grato.

Por último, e a mais importante de todos, agradeço à minha linda esposa, pois sem seu amor, apoio e força este livro jamais teria sido concluído.